UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

JOARI APARECIDO SOARES DE CARVALHO

Psicologia Social e Educomunicação: questões sobre o processo grupal.

São Paulo

2009

JOARI APARECIDO SOARES DE CARVALHO

Psicologia Social e Educomunicação: questões sobre o processo grupal.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia Social.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Professora Titular Maria Inês
Assumpção Fernandes

São Paulo

2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Carvalho, Joari Aparecido Soares de.

Psicologia social e educomunicação: questões sobre o processo
grupal / Joari Aparecido Soares de Carvalho; orientadora Maria Inês
Assumpção Fernandes. -- São Paulo, 2009.

393 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia social 2. Educação 3. Comunicação 4. Grupos 5.
Intersubjetividade 6. Grupos operativos I. Título.

HM251

Folha de Aprovação

Joari Aparecido Soares de Carvalho

Psicologia Social e Educomunicação: questões sobre o processo grupal.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia Social.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Professora Titular Maria Inês
Assumpção Fernandes

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof (a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof (a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof (a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

A grupos dos quais fiz parte durante o mestrado e que fazem parte desta pesquisa e de mim também: Educom.rádio, Educom.Geração Cidadã, Educom.São Luis, Mídias na Educação, Lapso, CPAT, Lapsi, RDs de Pós no IP, Núcleo de Mídia e Psicologia do CRP-SP, Caica-Creas e outros.

Aos alunos e às professoras do Centro de Multimeios de Francisco Morato, SP, o pouco que posso retribuir pelo muito que significaram para eu fazer esta pesquisa.

A pessoas que, nessa trajetória, acreditaram mais em mim do que eu mesmo, Luzia (mãe), Maria Inês (orientadora), Jacqueline (companheira), Fabinho (supervisor).

Principalmente, aos admiráveis educadores da Fundação com os quais convivi para realizar esta pesquisa.

Agradecimentos

Aida	Prof ^ª . Leny
Allan	Prof ^ª . Vera
Antonieta	Prof ^º . Ismar
Cecília	Robson
Clarice	Tânia
Daniela	Teresa
Domeque	
Grácia	<i>Meus familiares, pela grande paciência</i>
Marcelinho	Joarquim
Nalva	Luzia
Patrícia	Joelmir
Prof ^º . Geraldo	
Prof ^ª Eda	
Prof ^ª . Belinda	<i>Especialmente para</i>
Prof ^ª . Ianni	Luciana, grande parceira de pesquisa!

Ao CNPq, pelo oferecimento da bolsa de pesquisa.

À *Fundação*, por receber a pesquisa.

Ao NCE, pelo apoio.

“[...] a rede de comunicações é constantemente reajustada, e só assim é possível elaborar um pensamento capaz de um diálogo com o outro e de um confronto com a mudança.”

Enrique Pichon-Rivière

Resumo

CARVALHO, Joari Aparecido Soares de. Psicologia Social e Educomunicação: questões sobre o processo grupal. 2009. 393p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

O objetivo da pesquisa foi compreender a construção do vínculo no processo grupal de uma equipe que realiza um projeto de educomunicação. A fundamentação teórica e metodológica foi inspirada na teoria dos grupos operativos da psicologia social pichoniana, que considera aspectos afetivos e cognitivos no processo de construção do vínculo intersubjetivo. A educomunicação é uma área de intervenção em ambientes educativos (redes escolares e políticas públicas de outras áreas, ONGs etc.) e de comunicação tecnológica (televisão, rádio, jornal, internet etc.), cuja intenção é formar sujeitos e grupos expressivos, críticos e ativos em suas comunidades, capazes de discutir, produzir, gerir, difundir e avaliar produções de comunicação e sua função social, por meio de processos grupais participativos de produção. A pesquisa de campo foi realizada com um grupo de profissionais de educação que compõem a equipe de educomunicação de uma instituição municipal que realiza serviços de educação e assistência social para crianças e adolescentes e que estava então implantando a proposta em seus programas pedagógicos. O método de pesquisa foi concebido como um estudo de caso em pesquisa qualitativa e combinou as técnicas de grupo operativo, de registros etnográficos de observação e de entrevistas individuais abertas. A análise da pesquisa enfocou as dimensões individual, grupal e institucional como forma de compreender o processo grupal. Foram destacadas conclusões e discussões a respeito da referência ao grupo de educomunicação como espaço de intercâmbio, desenvolvimento pessoal e coletivo, proteção e elaboração de conflitos; da incidência de organizadores psicosociais como experiência,

hierarquia, formação e gênero para a estruturação ou obstrução do vínculo grupal; e do efeito adoecedor da relação contraditória da instituição com a equipe.

Palavras-chaves: Psicologia Social; Educomunicação; Grupos; Intersubjetividade; Grupos Operativos.

Abstract

CARVALHO, Joari Aparecido Soares de. Social Psychology and Educommunication: questions about the group process. 2009. 393p. Dissertation (Master in Social Psychology) - Institute of Psychology of the University of São Paulo, São Paulo, 2009.

The objective of this research was to understand the building of the bond at the group process of a team from an educommunicational project. The theoretical and methodological grounding was inspired in the theory of the operative groups of the Pichon-Rivière's social psychology, which considers affective and cognitive aspects in the process of construction of the intersubjectivity bond. The educommunication is an intervention area in educative (schools and public politics of other areas, NGOs etc.) and of technological communication (television, radio, periodical, internet etc.) environments. Its intention is to form expressives, criticals and actives citizens and groups in its communities, capable to argue, to produce, to manage, to spread out and to evaluate productions of communication and its social function, by means of participative group processes of production. The field research was carried out with a group of education professionals who compose the team of educommunication of a municipal institution that offer services of education and social assistance for children and adolescents, and that was then implanting the proposal in its pedagogical programs. The research method was conceived as a study of case in qualitative research, and combined the techniques of operative group, ethnographic approach, and opened individual interviews. The analysis of this research focused the individual, group, and institutional dimensions as form to understand the group process. Conclusions and discussions had been detached about the reference to the group of educommunication as a space of interchange, personal and collective development, protection, and elaboration of conflicts; the incidence of psycho-social organizers as experience, hierarchy, formation and gender for the building or obstruct the group bond; and

the make them sick effect of the contradictory relation of the institution with the team.

Keywords: Social Psychology; Educommunication; Groups; Intersubjectivity; Operative Groups.

Lista de Ilustrações

ILUSTRAÇÃO 1: EVOLUÇÃO ETIMOLÓGICA DA PALAVRA GRUPO E DO SEU SENTIDO	49
ILUSTRAÇÃO 2: GRUPO DE LAOCOONTE.....	50
ILUSTRAÇÃO 3 - INFLUÊNCIAS TEÓRICAS E REFERENCIAIS IDEOLÓGICOS DAS PRINCIPAIS ESCOLAS DE PSICOLOGIA DE GRUPO.....	52
ILUSTRAÇÃO 4: CONE INVERTIDO E ESPIRAL QUE REPRESENTAM O MOVIMENTO DIALÉTICO DO PROCESSO GRUPAL.	68
ILUSTRAÇÃO 5 - QUADRO DE INFORMAÇÕES SOBRE OS PARTICIPANTE DO GRUPO OPERATIVO.....	90

Sumário

1. APRESENTAÇÃO.....	21
2. INTRODUÇÃO.....	23
2.1. Problematização.....	23
2.2. Objetivos e hipóteses.....	24
2.3. Justificativa.....	26
3. EDUCOMUNICAÇÃO E (PSICOLOGIA DE) GRUPO.....	29
4. EDUCOMUNICAÇÃO E OS MARCOS DE UM CAMPO EM CRIAÇÃO NA INTER-RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	33
4.1. A Educomunicação como campo.....	33
4.2. Princípios e finalidades, marcos referenciais e áreas de intervenção da educomunicação.....	40
5. PSICOLOGIA SOCIAL, GRUPO E COMUNICAÇÃO.....	47
5.1. Psicologia de grupo: referências históricas, teóricas e epistemológicas.....	47
5.1.1. <i>Práticas psicoterapêuticas de grupo e suas escolas</i>	51
5.1.2. <i>Psicanálise do grupo e em grupo</i>	57
5.1.3. <i>Campo grupal em problematização</i>	64
5.2. Grupo operativo, vínculo e comunicação.....	66
5.2.1. <i>Quadro de referência de uma psicologia social centrada no grupo</i>	66
5.2.2. <i>O Grupo operativo e sua dimensão comunicacional</i>	71
5.2.3. <i>A Teoria da comunicação presente no grupo operativo</i>	72
6. METODOLOGIA, PROCEDIMENTOS E PARTICIPANTES.....	75
6.1. Método e procedimentos.....	75
6.1.1. <i>Grupo operativo</i>	76
6.1.2. <i>Entrevistas individuais</i>	79
6.1.3. <i>Registros de observações e coleta de outros materiais</i>	80
6.2. Processamento, análise e interpretação da pesquisa.....	80
6.2.1. <i>A Fundação, o projeto educ comunicativo e os participantes da pesquisa</i>	82
6.2.2. <i>A Fundação</i>	83
6.2.3. <i>O Projeto</i>	85
6.2.4. <i>A Equipe do projeto educ comunicativo</i>	88

7. RELATOS DAS REUNIÕES DE GRUPO OPERATIVO.....	91
7.1. Relato da 1ª reunião.....	91
7.2. Relato da 2ª reunião.....	111
7.3. Relato da 3ª reunião.....	133
7.4. Relato da 4ª reunião.....	164
8. ANÁLISE E CONCLUSÃO.....	199
8.1. Indivíduo, grupo e instituição.....	199
8.2. O Grupo na educomunicação.....	206
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	209
REFERÊNCIAS.....	211
ANEXOS.....	217
Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa do IPUSP.....	219
Anexo B – Termo de Esclarecimento e Consentimento para participar do grupo operativo.....	221
Anexo C – Transcrições das reuniões de grupos operativos.....	223
Anexo D – Termo de Esclarecimento e Consentimento para participar da entrevista.....	357
Anexo E – Transcrições das entrevistas individuais.....	359
Anexo F – Termo de Compromisso da Instituição.....	391
Anexo G – Carta de apresentação da proposta da pesquisa à instituição.....	393

1. Apresentação

A intenção desta pesquisa foi compreender o processo e os vínculos grupais entre profissionais de uma equipe de educomunicação de uma instituição educativa¹. O estudo foi realizado em uma autarquia municipal do interior paulista, que estava inserindo então a educomunicação nos seus programas educativos para crianças e adolescentes e que era assessorada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE)².

Esta dissertação reúne uma discussão sobre a questão do grupo na educomunicação e de possíveis contribuições da psicologia social a esse respeito; o estudo de caso de uma equipe de educadores, que será analisado, em termos psicossociais, sociodinâmicos e institucionais; e um conjunto de conclusões sobre as hipóteses levantadas para a pesquisa.

O interesse do pesquisador pela temática decorreu de questões suscitadas e reunidas em suas experiências precedentes, desde 2002, como membro de equipes de formação em diversos projetos educacionais coordenados também pelo NCE³.

¹ Entende-se aqui como educativa a instituição que promove formação, como as escolas, mas também como os movimentos sociais e as organizações não-governamentais (ONGs), cada vez mais presentes na educação.

² O NCE, desde 1996, realiza projetos de extensão universitária, pesquisas e outras atividades acadêmicas, empregando e desenvolvendo o conceito de educomunicação como política pública da gestão de processos de comunicacionais em vários âmbitos sociais. O NCE, em 2007, passou por uma mudança de vínculo institucional dentro da Universidade de São Paulo, quando ele foi transferido da Escola de Comunicações e Artes (ECA) para a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), passando então a ser denominado Núcleo de Educação e Comunicação da Universidade de São Paulo (NCE-USP). Cf.: *NCE passa para a esfera da Pró-Reitoria de Cultura* (NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, 2007).

³ O pesquisador atuou nos seguintes projetos: *Educom.rádio*, 2002 a 2004, como monitor, capacitador, assistente de coordenação e articulador de equipe; *Encontro internacional África-Brasil: igualdade racial, um desafio para a mídia*, 2005, como mediador; *Educom.csl*, 2006, como mediador; *Educom.geração*, como mediador; e *Mídias na Educação*, 2006 a 2007, como tutor em educação a distância. Ver mais informações em: www.usp.br/nce.

2. Introdução

2.1. Problematização

Soares (2002) aponta que emerge um campo de intervenção social e pesquisa interdisciplinar chamado educomunicação. Ele nasce sob influência dos estudos de recepção e das mediações, sobretudo os trabalhos de Martin-Barbero (1995, 2003) e da Escola Latinoamericana de Comunicação. Segundo Peruzzo (s.d.) e Trajber (2005), esse campo emergente está em construção e incorpora princípios da pedagogia crítica e libertária, como a de Paulo Freire; herda práticas comunicativas e emancipatórias de movimentos sociais, como o ambiental; e a difunde o uso social e democrático da tecnologia de informação e comunicação contemporâneas, como as chamadas TICs, e da gestão de comunicação.

No entanto, há discursos de senso-comum ou de razão instrumental sobre os projetos de educomunicação que os reduzem a uma “solução” rápida para transformar estudantes considerados agressivos, delinquentes ou inibidos em supostos cidadãos cordatos, bem comportados e comunicativos. Aconteceria uma ocultação de procedimentos, recursos e valores fundamentais à construção e à organização processual de relações interpessoais. Essa visão sublevaria a proposta de transformação social ampla e emancipatória contida na educomunicação.

Essa ocultação da reflexão sobre o processo de construção da relação entre as pessoas pode indicar a incidência de mecanismos sociais de negação dos pactos grupais nas

instituições e na sociedade (FERNANDES, 2005, 2004; KAËS, 2005, 1997) com vistas à resistência à mudança e à autoconservação. Estariam implicados o apaziguamento ou a neutralização exatamente da intencionalidade transformadora e emancipadora das relações em questão nos projetos. Evidenciaria-se apenas o caráter instrumental que satisfaz a certas necessidades dos promotores e dos demais membros de tais pactos, principalmente em relação à manutenção do poder.

Ao contrário dessa ocultação, a ação da educomunicação se propõe a buscar o reconhecimento do caráter político da gestão do processo de comunicação nos grupos e na sociedade para interferir nele com produções, criatividade, críticas e propostas. Numa acepção da psicologia social pichoniana (PICHON-RIVIÈRE, 2005, 2007), produziria-se mais do que peças de comunicação, produziria-se operativamente uma intersubjetividade virtuosa nas relações de comunicação que podem promover e sustentar a autonomia e a ação criadora. O instrumental e conservador dessa prática, pelo contrário, levaria ao adoecimento psíquico de indivíduos, grupos e instituições, por tornar as condutas sociais estereotipadas.

2.2. Objetivos e hipóteses

Esta pesquisa pretende aproveitar fundamentos da psicologia social para contribuir com a compreensão do vínculo intersubjetivo e de suas conseqüências entre as pessoas no processo grupal da educomunicação. Espera-se compreender o que a experiência de trabalho em grupo e a potencial construção de tais vínculos proporcionam para formar a intersubjetividade do grupo e, interativa e inseparavelmente, como cada participante pode receber contribuições para formar a própria subjetividade, considerando analiticamente as

dimensões psicossocial, sociodinâmica e institucional.

Com base nas contribuições teóricas da psicologia social, algumas questões nortearam o encaminhamento da pesquisa sobre o processo grupal e os vínculos psicossociais nas práticas de educomunicação:

- Como são os vínculos grupais construídos em práticas de educomunicação?
- Quais efeitos esses vínculos promovem na vida das pessoas e dos grupos?
- As pessoas se sentem motivadas a interagir e integradas ao lugar em que convivem?
- A reflexão grupal sobre o processo de comunicação facilita a integração do grupo?
- Que conflitos são elaborados, ou não, nessas práticas educ comunicativas?

A abstração dessas questões levou a constituir alguns objetivos a serem alcançados nesta pesquisa. O objetivo principal é compreender a modalidade do vínculo grupal construído entre os educ comunicadores na instituição que acolhe a pesquisa. Os objetivos específicos relacionados são identificar e discutir:

1. transformações pessoais e grupais proporcionadas pela educomunicação;
2. o emprego da comunicação na construção e na transformação dos vínculos;
3. representações em relação à construção dos vínculos dos educ comunicadores;
4. e diferenciações ou aproximações apontadas entre os vínculos produzidos no grupo educ comunicativo em relação a outros.

Com base em inferências e na experiência profissional precedente, supunha-se algumas hipóteses para poderem ser confirmadas dedutivamente. Em relação ao objetivo geral, supõe-se que o vínculo seja uma estrutura indispensável e necessária, mesmo que seja insuficiente para constituir e manter o grupo trabalhando como o proposto pela educomunicação. Em relação aos objetivos específicos, supõe-se concluir que:

- a relação de vínculo entre os educ comunicadores promova a expressão individual e grupal;
- a reflexão sobre a comunicação leva a pensar sobre o próprio processo grupal ;

- os praticantes da educomunicação consideram atribuir mais valor à manutenção dos vínculos grupais do que quem não atua diretamente no processo educ comunicativo;
- os educ comunicadores diferenciam a sua relação no grupo educ comunicativo com as relações que existem em outros grupos, porque refletem sobre suas próprias relações de comunicação.

2.3. Justificativa

Nos últimos vinte anos, os estudos sobre a inter-relação entre a educação e a comunicação foram dirigidos cumumente para a compreensão e a explicação de condições ou efeitos de seus aspectos sociológicos e tecnológicos; embora, ao final da década de 1990, tenham aumentado numericamente e adquirido uma maior diversificação (VERMELHO; AREU, 2005). Esta pesquisa, diferentemente, direciona essa discussão para o âmbito psicossocial, que focaliza a atenção na interação e na indissociabilidade entre as dimensões individual, de suas relações e do coletivo.

Trata-se, assim, de enfocar o grupo como uma estrutura transformadora, o que já se pôde notar pela prática dos educ comunicadores, mas que tem sido rara como objeto das pesquisas realizadas sobre a inter-relação entre comunicação e educação. Daí, a oportuna possibilidade de transformar inquietações de caráter psicossocial sobre as práticas grupais da educomunicação em questões de análise para uma investigação acadêmica.

A psicologia social, desde os seus pensadores precursores, como Lewin (1975), tem reconhecido a educação como prática humana fundamental para a construção de vínculos sociais e intersubjetivos, os quais estruturam simbólica e valorativamente a percepção da

realidade.⁴ Pela educação, podem ser promovidos processos de aprendizagem e com possíveis efeitos de comunicativos e de ressignificação, que são fundamentais para a vida social, tal como o já desenvolvido em pesquisas de Fernandes (1989), desde os anos de 1980, e Castanho (2005), mais recentemente, entre outros pesquisadores.

Além disso, à luz de uma teoria e técnica de grupos em psicologia social, Fernandes (1994b) discute a problemática das constantes interações entre diversas dimensões de práticas humanas, como a política, a econômica e dos *mass-mediatic*. Ela se propõe a compreender mais claramente a temática da subjetividade na década de 1990, época marcada pela amplificação de certas crises mundiais e pelo abandono do trabalho da memória. Essa espécie de renovação das teorias reconheceria os meios de comunicação e seus processos como intrínsecos da produção e do agenciamento da subjetividade contemporânea das instituições, dos grupos e dos indivíduos.

Assim, além de proporcionar uma reflexão da psicologia social sobre a relação dos sujeitos com os meios de comunicação, que é um dos mais relevantes fenômenos sociais contemporâneos, também se quer oferecer um delineamento da construção dos vínculos interpessoais no processo de trabalho grupal que é proposto pela educomunicação. Espera-se que essa discussão possa servir, por exemplo, para o planejamento do espaço dedicado ao processo de construção e preservação das relações grupais (intersubjetivas), nos atuais projetos educacionais e na formulação de novos. Essas reflexões podem alcançar efeitos públicos, se se considerar que a educomunicação está sendo consolidada como uma referência de políticas públicas ou como ação de programas sociais em vários setores da sociedade, como na própria educação, na saúde e na ambiental.

⁴ A esse respeito, há um interessante artigo de Sant'Ana (2005) reunindo contribuições de outro histórico pensador da psicologia social, George Herbert Mead, que concebe a função da escola na formação do *self*, como instância cognitiva e social relacionada com a autonomia e as decisões pessoais e políticas do indivíduo.

3. Educomunicação e (psicologia de) grupo

Considerando a relevância para desenvolvimento desta pesquisa, cabe pontuar algumas considerações sobre a questão do grupo na educomunicação. Apesar de ser considerada com um princípio no manejo do processo de produção coletivo e participativo, raramente a questão do grupo objeto próprio e contínuo de reflexões dos principais pensadores desse campo emergente. Uma dessas considerações aparece relacionada à inserção de temas transversais em oficinas de produção de meios de comunicação em escolas públicas de Buenos Aires, Argentina, em texto de Soares (2003), como segue:

Estes conteúdos referem-se a problemas que fazem parte da realidade atual (desemprego, subdesenvolvimento, violência, etc.). Perante estes problemas o projeto previa uma tomada de posição pessoal e coletiva. Para tanto, previa uma formação integral do aluno com valores como a solidariedade, a cooperação e a tolerância. Para que se conseguir esta formação, o projeto orientava os monitores a desenvolver trabalhos que propiciassem a participação e a tomada de decisões consensuais (o que supõe um processo de reflexão, diálogo, definição, acordo e compromisso). **O projeto entendia que o trabalho com o grupo dá a oportunidade de construir respostas legítimas pela experiência das crianças.** (SOARES, 2003, p. 276, grifo meu)

A questão do grupo vem aparecendo produções fundamentais da educomunicação, em geral, como um dado da realização dos projetos. Soares (2000) mesmo, aponta que trabalhar em grupo era considerado como parte da meta de desenvolvimento de habilidades de comunicação dos estudantes estadunidenses, segundo o *Model Academic Standards*, que é uma espécie de parâmetro curricular para os Estados Unidos e que incorporara a integração da mídia na escola, desde 1996.

O trabalho de Alves (2002) sobre a experiência do NCE no contexto da emergência da educomunicação relata que no Seminário Latino-americano de Educação para

a Televisão, , em 1986, foram estabelecidas metas para reforçar a consciência de grupo em educação para os meios. Além disso, ela aponta que havia uma preocupação dos educadores com a relação educador-educando, tendo em vista valorizar a aprendizagem do trabalho em equipe e com as diferenças.

Em uma pesquisa sobre diversas ONGs que praticavam a educação no Brasil, Silva Filho (2004) aponta que as ações eram caracterizadas pela busca do protagonismo juvenil, o ação por projetos e a gestão participativa em todas as etapas da produção. Ele se refere à convivência em grupo como competência interpessoal e valor moral desenvolvidos nas atividades, como para discutir o que foi feito e o que fazer para se aprender tomar decisões autonomamente. Diz ele:

Atividades como o trabalho em grupo, assembleias, discussões plenárias, leituras e outras experimentadas nas práticas das instituições de educação possibilitam o confronto de idéias, de opiniões, de gostos e anseios diferentes, fazendo com que os adolescentes reelaborem suas convicções e desejos, possibilitando-lhes competências e habilidades para defender e expressar os próprios pontos de vista e interesse. (SILVA FILHO, 2004, p. 2003)

Funari (2007) direcionou um estudo sobre o sentido da mediação em projetos de educação para a equipe de um dos projetos do NCE. Uma questão levantada foi a relevância da formação da equipe em grupo para fortalecer o conhecimento recíproco dos membros e para preparar os profissionais para a atuação nos grupos de formação que mediavam. Ainda nessa pesquisa, ela levantou a questão da diversidade de formação na equipe incidindo na forma como lidavam com o processo, tendo em vista que formados em educação preservavam um cuidado maior com o uso da mídia na escola, comunicadores radicalizavam a crítica contra os métodos educativos e, em geral, profissionais de outras áreas ofereciam grande abertura para experimentar propostas novas.

Outros dois trabalhos, no entanto, ensejam a discussão mais detalhada sobre o que seria esse trabalho participativo e coletivo da educação, embora não fossem também o

foco de suas pesquisas. Gottlieb (1998, 2001) discute na educomunicação o seu potencial psicodramático, uma vez que pode contribuir para a expressividade e a libertação do sujeito. Ela recapitula, assim, o conceito de psicodrama de Moreno aplicado em práticas com audiovisual, teatro e outras formas de expressão, que ele já realizava desde, pelo menos, a década de 1930.⁵

Outro trabalho que desenvolve essa questão do grupo na educomunicação é o de Lima (2002). Ela pressupõe que se estabelece uma nova forma de relação grupal quando as atividades são realizadas participativamente. Essa pesquisa combinou reflexões da psicopedagogia (Alicia Fernadez) e do grupo operativo (Pichon-Rivière) para analisar a experiência desenvolvida com crianças de uma ONG voltada então para a orientação educacional de crianças com queixa escolar e passou a trabalhar o desenvolvimento comunicativo.

Lima (2002) aponta que o grupo do projeto pôde ser considerado operativo porque tornou-se um território para “germinar” autorias dos sujeitos. A convivência prolongada teria facilitado o conhecimento sobre cada um e sobre os outros, posto que pela comunicação se expressaria o que cada um é e o que se quer para que os outros percebam, aceitem ou modifiquem uns nos outros.

Ela ainda destaca o papel do coordenador do grupo do projeto, posto que sua conduta seria análoga ao do coordenador do grupo operativo cuja tarefa seria co-pensar a tarefa grupal. Esse educador que coordena o grupo enfocaria politicamente a mediação das relações, como um co-laborador que trabalha pelo grupo, pois que explicita ações coletivas e especifica procedimentos para que as ações reflitam o grupo e no grupo (LIMA, 2002).

Ainda é possível comentar sobre o grupo na educomunicação a preocupação de

⁵ Cabe comentar aqui que Moreno (1987) colocava-se então reticente com o resultado negativo do rádio e se colocava otimista com o uso da nascente televisão para superar o que chamava de *conservas culturais* que impediam a criatividade e a libertação do sujeito.

Kaplún (1999) com o efeito do paradigma informacional de educação para a formação social e grupal dos estudantes. Sua tese geral é de que a comunicação educativa tendeu a se limitar ao uso de aparelhos de mídia. Segundo ele, essa limitação proporcionou uma equivalência funcional e instrumental de comunicação com meios e tecnologias de comunicação, que restringe a dimensão da comunicação a uma função instrumental de transmissão de informação.

Kaplún (1999) argumenta que, à medida que o ensino foi sendo massificado e reduzindo espaços para comunicação e interação dos educandos, o paradigma educativo baseado numa matriz social e comunitária como valor vem perdendo peso e importância. Além da razão pragmática de atender a uma quantidade de educandos em um mesmo lugar, essa matriz tinha uma razão pedagógica cuja função era criar um espaço de socialização e de interação grupal.

A perspectiva de Kaplún (1999) para o cenário futuro da educação é de saudar o emprego de meios de comunicação na educação, desde que aplicados crítica e criativamente e superando a tendência hegemônica tecnologizante e unidirecional, esta que praticamente não atribui valor à expressão dos educandos e aos intercâmbios entre eles. Kaplún espera que sejam oferecidos meios para falar e não meios que falem no lugar das pessoas.

4. Educomunicação e os marcos de um campo em criação na inter-relação entre educação e comunicação

Esta seção será iniciada pela discussão corrente da emergência da educomunicação como campo acadêmico e profissional em ciências sociais. Serão debatidos, em seguida, alguns aspectos da inter-relação entre a educação e a comunicação para se compreender a razão dessa emergência do campo da educomunicação e seus objetivos.

Será apresentada uma visão geral sobre a educomunicação, que reúne as finalidades, os princípios teórico-conceituais e as áreas de intervenção, localizando as suas influências e alguns pontos de conflito. E, ao final, será introduzida uma discussão sobre a noção de grupo em algumas reflexões do campo da educomunicação.

4.1. A Educomunicação como campo

A educação e a comunicação constituíram-se como objetos específicos de saber e de ação. Em torno desses objetos e saberes reúnem-se corpos próprios de profissionais e pesquisadores que as conservam, reproduzem e desenvolvem. A educomunicação vem à tona no encontro dessas duas tradicionais práticas sociais. Essa prática incipiente constitui-se por saberes e ações reconhecíveis tanto em uma quanto em outra origem, mas não se reconhece mais circunscrita dentro de nenhuma delas, senão, em sua intersecção. A educomunicação está

reunindo um corpo próprio de pesquisa e atividade profissional, sob uma perspectiva interdisciplinar, do ponto de vista de sua produção epistemológica.

É preciso, aqui, esclarecer a noção de que a educomunicação surge como um novo campo, haja vista que essa tem sido a perspectiva hegemônica de debate de seus principais interlocutores para realizar a reflexão a respeito dessa prática. Cabe discorrer, assim, sobre as condições de produção sociais e epistemológicas da relação entre as disciplinas de educação, comunicação e educomunicação, o que deve contribuir para aprofundar a compreensão desse panorama instituinte e efervescente.

A referida relação pode começar a ser esclarecida pela própria reflexão sobre a noção de campo acadêmico e profissional, a qual leva Lopes (2001) a recapitular uma crítica contemporânea da compartimentalização histórica das disciplinas das ciências sociais. Segundo ela, essa desintegração seria motivada por circunstâncias, às vezes, mais políticas do que científicas, por um lado; mas também, há uma superação desse quadro pela institucionalização temática e transdisciplinar de novos campos, como no caso da comunicação, por outro lado.

A autora busca, na sociologia da ciência de Pierre Bourdieu, a fundamentação para a discussão sobre a noção de campo acadêmico e profissional. Esse campo seria constituído por, práticas institucionalizadas de produção, reprodução e circulação de capital e poder científicos que agem no sentido da sua continuidade (conservação) ou da sua mudança (subversão), constituindo-se em, segundo Bourdieu (1983, citado por LOPES, 2001, p. 48)⁶: “[...] espaço de jogo de uma luta concorrencial pelo monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder político.”

Amplificando o alcance da reflexão de Lopes, cada campo acadêmico é constituído formalmente por um corpo social de instituições destinadas ao estudo e ao ensino de uma dada disciplina, que produz e difunde a formação, os procedimentos de pesquisa e os

⁶ BOURDIEU, Pierre. O Campo científico. In: _____. **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

conceitos concernentes aos seus determinados objetos disciplinares. Há certas regras de aceitação, consagração, circulação e conservação dos membros e de suas obras. Há também até certos rituais simbólicos de exaltação ou rejeição do reconhecimento desses membros e de suas obras, que podem ser materializados por prêmios de concursos, menções de reconhecimento etc., os quais servem como uma forma de controle oficial do campo, principalmente no âmbito acadêmico.

Lopes ainda aponta que, depois de um longo percurso de experiências em um campo, as práticas e as ações podem constituir disciplinas que reúnem e organizam esses saberes e procedimentos de forma a poderem ser aprendidos. Além disso, esses saberes disciplinados podem constituir doutrinas, como referências ideológicas a serem difundidas e conservadas pelas autoridades legitimadas para proferir os preceitos do campo.

É compreensível, assim, que se observem estruturas próprias de cada uma das disciplinas dos campos de educação e de comunicação, tanto em suas produções sociais quanto em suas referidas histórias ou genealogias. Por isso, antes de debater a educomunicação em si mesma, cabe dar conta das bases sobre as quais se funda na educação e na comunicação, em um exercício digressivo. Isso posto, em seguida, pode-se constituir melhor uma reflexão sobre a educomunicação, que simultaneamente se apresenta como campo emergente e como beneficiária e contribuinte de seus campos de origem, mas dos quais já se distinguiria.

A educação é uma prática social antiga na história social, que, no caso do mundo ocidental, remonta a práticas gregas da Idade Antiga. A transmissão do conhecimento e da cultura de uma geração para outra, bem como entre povos, requeria um exercício de aproximação com um determinado objeto de saber ou fazer a ser aprendido e incorporado nos acervos individual e coletivo.

Na Modernidade, ao se adotar um modelo civilizatório como paradigma de

desenvolvimento e controle dos povos e a constituição dos estados nacionais laicos, a educação foi tornada em uma prática social praticamente generalizada. Tinha-se em vista preparar o indivíduo para o acesso saber decodificar o saber registrado em letras e números, bem como que ele registrasse o seu saber nesses códigos, o que poderia ser aplicado na produção de mercadorias e na reprodução da sociedade. Até se pode falar em educação como instrumento de generalização do exercício do estado de direito e, sobretudo, de inserção social, empregando-se uma visão racional e disciplinar de formação.⁷

O legado reunido pela educação é objeto de um campo de saber extenso, que tem várias ramificações e especializações. Há até um caloroso debate intelectual e profissional sobre a perspectiva de sua perpetuação; ou, como ciência da educação, a pedagogia; ou, como ciências da educação, que reúnem aqueles saberes especializados e que compreendem ou explicam objetos também abordados pela educação (PIMENTA, 1997)⁸.

A comunicação, como campo científico específico, é mais recente que a educação, na história social. A dedicação ao estudo e à busca de um objeto próprio, com a orientação de um método de ação específico, remonta ao século XIX, o que coincide com a busca de formas de transmissão e circulação de informações em larga escala. Embora venha prevalecendo uma visão instrumental e tecnológica no saber da comunicação, o próprio campo oferece outros saberes voltados para o conhecimento dos sujeitos da comunicação, paradoxalmente, seja numa vertente comercial-publicitária, de caráter mais mercadológico, seja numa vertente de resistência identitária, de caráter mais político ou cultural.

O desenvolvimento do campo da comunicação está imbricado com a crescente evolução de tecnologias de comunicação, como a imprensa, o telégrafo, o rádio, a televisão e, mais recentemente, o computador e a rede mundial de computadores (internet). Essa relação é

⁷ Postman (1999) atribui a constituição de um período de infância tutelado pela escola à centralidade que a alfabetização adquiriu na sociedade moderna, cujo principal meio de registro e comunicação passou a ser o texto impresso.

⁸ Pimenta (1997) não citou a comunicação como parte das ciências da educação, o que pode ser apenas uma lapso ou o indicador do não reconhecimento dessa disciplina, mesmo nessa perspectiva multi e interdisciplinar da educação.

tão estreita que, em uma discussão de Lima (2001) sobre o estudo da história da comunicação social, devido ao advento da convergência das tecnologias ao meio digital, fica cada vez mais diluída a separação entre os conceitos de comunicação de massa, telecomunicações e informática. Segundo Lima (2001), o conceito de comunicações, em vez de comunicação, compreenderia essa multiplicidade de possibilidades de abordagem, mantendo uma necessária unidade de reflexão.

A relação entre educação e comunicação revela uma história marcada por rivalidades, que atualmente reproduz um enfraquecimento social crescente da educação, o que é materializado por inúmeras interferências gerenciais e comerciais em sua atividade, por exemplo. Apesar desse histórico de conflito acirrado entre os campos de origem, as experiências na interface da educação com a comunicação continuam em franca construção e experimentação.

Por um lado, há várias décadas, a educação e vários setores sociais já questionam os conteúdos, as formas e as finalidades de como são veiculadas as mensagens pelos meios de comunicação de massa. Isso se deu, sobretudo, por causa do que se reconhece como influência dos meios de comunicação na formação do comportamento individual e social. As pesquisas e os debates promovidos pela Escola de Frankfurt, desde a década de 1920, já canalizavam essa preocupação para uma postura crítica do fenômeno social que chamaram de *indústria cultural*, que capturaria ideológica e comercialmente as conquistas sociais promovidas pelo avanço da ciência e pela luta por direitos das classes trabalhadores. A discussão sobre a educação para a comunicação, num recorte temporal, desde a década de 1970 em diante, grosso modo, foi dada sob hegemonia de uma vertente moralista, passou por uma vertente e culturalista, nos anos de 1980, e culmina em uma vertente dialética e dialógica, nas décadas de 1990 e 2000 (SOARES, 2002; GUARESCHI, 2005).

Por outro lado, a educação escolar é objeto de questionamentos também. A sua

centralidade na formação dos cidadãos e da sociedade estaria sendo dissolvida, por causa de um suposto arcaísmo em seus métodos e um anacronismo em sua razão de ser. Ela já não conseguiria despertar e manter o interesse dos aprendizes (crianças, jovens, adultos e idosos) pelo conhecimento socialmente referendado, do qual é encarregada de transmitir ou compor. A aprendizagem passa a ser considerada uma atividade contínua ao longo da vida, pois os saberes vão sendo rapidamente superados, o que leva a se dar mais importância ao aprender-a-aprender do que a aprender algo especificamente. Vários outros circuitos sociais vão sendo incumbidos, e reivindicam essa incumbência, de mediar processos formativos, como é o próprio caso dos meios de comunicação, mas também as corporações, os movimentos sociais e as organizações não-governamentais (ONGs). A educação como prática estritamente escolar perde uma espécie de monopólio da transmissão do saber.

Na interface da educação com a comunicação, ou seja, numa zona intermediária de indiscriminação (ou discriminação) e de contato entre esses campos, para além dos conflitos e das recusas recíprocas, são concebidas e desenvolvidas estratégias de intervenção social, algumas com vasta literatura científica a respeito. Atualmente, há uma forte incidência da tecnologia educativa que trata da aplicação instrumental do conhecimento e do aparato de comunicação na ação educativa e que exerce uma hegemonia de poder, muito em função de interesses econômicos que os sustentam no contexto da *sociedade da informação* pós-Moderna, segundo Martín-Barbero (1988).⁹

Há também inter-relações no sentido inverso, como a educação para a mídia, assemelhada da *media education*, bastante difundida na Europa, que trata da formação de

⁹ A concepção instrumental da *sociedade da informação* é objeto de reflexões críticas de vários especialistas e pensadores da relação entre sociedade e comunicação, como, entre outros, Kaplún (1993), pela tecnologia a serviço da educação; Levy (1993), pelas redes coletivas de conhecimento; Soares (2000), pela educomunicação; Dowbor (2002), pela economia solidária da comunicação; Martín Barbero (2003), pelas mediações sociais. Eles apontam para uma necessária possibilidade de se constituir uma *sociedade do conhecimento*, aproveitando os recursos tecnológicos em prol de maiores interação, convivência e compartilhamento em busca da construção de saberes que contribuiriam para a emancipação social. Nesse processo de interação e convivência, a ação educativa da escola seria estratégica para sociedade, como aponta Martín-Barbero, citado na epígrafe de um artigo de Soares (2000, p. 61): “A simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica.”

sujeitos que possam ser capazes de receber e julgar criticamente as mensagens de comunicação. Ainda nesse sentido, há a *media literacy*, mais difundida nos EUA, que também trata da formação desses receptores de informações, só que a partir de um princípio funcional e cognitivo de sua recepção. Além dessas vertentes expoentes dessa inter-relação entre comunicação e educação, ainda que incipientes, outras concepções e propostas despontam, como os casos da comunicação comunitária, da leitura crítica dos meios e da mídia independente.

Embora já tenha sido objeto de experimentação em vários espaços sociais diferentes, principalmente nos educativos, a educomunicação ainda desponta como uma das propostas incipientes na inter-relação entre comunicação e educação. Ela tenta-se exatamente produzir certa articulação de concepções e ações comuns de e para quem atua na interface de educação e comunicação, a qual se mostra em grande dispersão, ou pela fragmentação das iniciativas ou mesmo pelo conflito entre os campos.

É nas últimas três décadas que a educomunicação vem sendo adensada. Mário Kaplún é considerado como um de seus pioneiros, pois já atribuía esse termo às propostas que desenvolvia na área de comunicação educativa. Mas, é principalmente por Ismar Soares e pesquisadores do Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE-USP) que são reunidas e sistematizadas as bases de experiências para a difusão da educomunicação já como um campo específico de intervenção na interface da educação com a comunicação, com fundamentação conceitual e procedimentos específicos (SOARES, 2003).

Para Huergo (2000, citado por TAVARES JÚNIOR, 2007, p. 60)¹⁰, no entanto, essa inter-relação entre educação e comunicação não constituiria um campo novo de intervenção, mas sim uma possibilidade de interação e transformação dos campos existentes. Esse debate rompe as fronteiras dos círculos acadêmicos e já está presente dentro das

¹⁰ HUERGO, Jorge. Comunicación/Educación: itinerarios transversales, In: VALDERRAMA, Carlos. **Comunicación-Educación, Coordinadas, abordajes y travesías**. Bogotá, Universidad Central/DIUC, 2000.

instituições escolares, a exemplo do professor Garcia (s.d.), que, analogamente a Huergo, considera haver só a possibilidade de contribuições recíprocas e necessárias entre a comunicação e a educação. Ainda segundo Garcia, com a emergência de um campo intermediário, como o da educomunicação proporcionaria, correria-se sério risco de causar danos para cada uma das disciplinas tradicionais, especialmente para a educação.

É possível perceber que a inter-relação entre comunicação e educação não é monótona, nem é habitada por só uma perspectiva. Como nos outros campos sociais atuais, para além da busca pela construção da razão, há também disputas ideológicas e econômicas. Essas disputas colocam as propostas em um cenário de competição, às vezes, estritamente mercadológica, para serem referência de planos públicos ou particulares e de seus respectivos programas e projetos, o que significa recursos para se estabelecer. Assim, o objetivo aparente da educomunicação apresenta-se como até pretensioso, pois visa a promover o diálogo entre essas tantas expressões da inter-relação entre educação e comunicação, às vezes, tão díspares ou concorrentes. A educomunicação buscaria a constituição não só de uma unidade de ação nessa interface de campos, mas também uma convergência possível de princípios e concepções fundamentais. Em relação a esses princípios, discorre-se a seguir.

4.2. Princípios e finalidades, marcos referenciais e áreas de intervenção da educomunicação

A construção do campo da educomunicação mantém uma atitude de buscar a convergência entre fundamentos tradicionais e inovadores da educação, da comunicação e de outras ciências sociais, com vistas a romper certas barreiras epistemológicas edificadas pela

fragmentação disciplinar do conhecimento e da ação profissional. Ao comentar essa construção, Soares (2002, p. 25) refere-se da seguinte forma:

[...] aproximamo-nos do conceito de topografia, defendida pelo argentino Jorge Huergo, para reafirmar o caráter sempre provisório dos conceitos com que trabalhamos, ressaltando, contudo, a conveniência de possuímos um mapa para percorrer um caminho nem sempre linear, quase sempre disperso, mas pleno de utopias de mudanças.

Conforme Soares (2002) mesmo aponta, compreendidas por um característico conceito de gestão comunicativa, as finalidades da educomunicação são a pesquisa, o planejamento e a implementação de projetos, programas e produtos que promovam a criação de ecossistemas comunicativos abertos em espaços educativos e a melhoria do *coeficiente comunicativo*¹¹ das ações educativas. A concepção do campo emergente reúne contribuições de conceitos das áreas de mediações tecnológicas nos espaços educativos e de educação para a comunicação, sob uma perspectiva de criar e desenvolver os ecossistemas comunicativos abertos e dialógicos, mediados por processos de comunicação e suas tecnologias.

Essas finalidades da educomunicação são sustentadas por um conjunto de conceitos referenciais acerca dos processos comunicacionais, que podem ser entendidos num prisma de uma ação comunicativa transformadora da realidade nos espaços educativos (SOARES, 2002). Essa espécie de pano-de-fundo teórico-conceitual é objeto de aperfeiçoamentos e aprimoramentos, de certa forma, com vistas à sua construção permanente, considerando as vicissitudes dos espaços e do tempo em que as ações ou as reflexões são implementadas, além de evitar a estratificação potencial proporcionada pela dogmatização disciplinar do campo. Os principais conceitos evocados são:

- a mediação simbólica na recepção ativa da comunicação, que desloca a discussão sobre a comunicação de seus meios tecnológicos e seus efeitos para a disputa pela hegemonia das mediações simbolizadas nas relações de comunicação, como propõe

¹¹ Trata-se de alcance do quantidade de recebedores da expressão e do entendimento realizado.

Martín-Barbero (1995, 2003);

- o *ecossistema comunicativo* como estrutura de relações interpessoais e institucionais que circunscrevem a singularidade de seus componentes e as formas de simbolizar e produzir a comunicação em sistemas abertos mais ou menos para a participação, o que teria implicações efetivas na qualidade dos vínculos, e para o acesso aos recursos tecnológicos de comunicação no espaço educativo, como sugere Soares (s/d), apoiado em Martín-Barbero;
- e a gestão participativa da comunicação como modelo de produção e avaliação afeito aos próprios grupos, o que se relaciona com a concepção da educação como prática e exercício político do diálogo e com a própria comunicação como contraposição à extensão colonizadora e dominadora do saber e da técnica, como propõe Paulo Freire (2007)¹².

A tese sobre a constituição do campo da educomunicação consolida-se no âmbito de pesquisas e projetos de intervenção do NCE, desde a década de 1990. A pesquisa que culmina na confirmação da tese é realizada entre 1997 e 1999, com especialistas latinoamericanos que então desenvolviam projetos e pesquisas na interface da educação com a comunicação. A pesquisa apontou as seguintes características desses protagonistas do campo emergente (SOARES, 1999, citado por ALVES, 2002):

1. Atuação:

- a) programas de "educação para a comunicação" para promover relações adequadas com o sistema de meios de comunicação;

¹² Há uma ampla literatura em que Paulo Freire discute a educação em termos comunicativos, dialógicos e políticos. Em *Extensão ou Comunicação* (FREIRE, 2007), ele comenta: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (p. 69) Na mesma obra, ele ainda afirma:

[...] educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (p. 25)

- b) assessoramento a educadores no uso das tecnologias na educação como instrumentos de expressão e cidadania.

2. Procedimentos e valores:

- a) aprender a trabalhar em equipe e respeitar as diferenças;
- b) erro como parte do processo de aprendizagem;
- c) a alimentação de projetos voltados para a transformação social;

3. Em geral: expectativa de formação para a cidadania e para ética profissional numa perspectiva de educação do "cidadão global".

Em 1999 mesmo, no Fórum de Mídia e Educação, o Ministério da Educação do Governo Brasileiro recomenda a abertura da universidade para a formação do especialista em educomunicação, que atuaria tanto em educação quanto em comunicação, atendendo competentemente a uma demanda social emergente (SOARES, 2002, 2003).

Esse movimento de convergência está presente também na discussão do relatório da pesquisa *Projetos de Educação, Comunicação & Participação*, sob coordenação de Rossetti (2005), encomendada pela Unesco para debater a possibilidade de tornar em políticas públicas as experiências dessa interface que intitula a pesquisa. Segundo o documento, a presença de um ator social como o educomunicador nas escolas materializaria o desenvolvimento dessas políticas, haja vista as dificuldades de formar, supervisionar e fomentar tais propostas, somadas ao fato de a educação tradicional ter dificuldades para se familiarizar com essas novas linguagens de formação.

Além disso, o relatório dessa pesquisa aponta que a educomunicação já é considerada referência em vários projetos e a sua concepção tem os fundamentos conceituais e metodológicos mais desenvolvidos até então, entre as experiências analisadas na pesquisa. O resultado desse estudo orienta o decorrente movimento em torno da criação da Rede de Experiências em Comunicação, Educação e Participação, conhecida como Rede CEP (JOSÉ,

2007).

Os projetos coordenados pelo NCE já foram realizados em estruturas de educação de várias esferas governamentais, como o Educom.rádio, na Prefeitura de São Paulo; o Tv Escola e o Educom.tv, no Estado de São Paulo; e o Educom.centro-oeste e o Mídias na Educação, no Governo Federal. Além disso, a prática e a formação em educomunicação têm sido incorporadas em outras áreas de atuação do poder público, em várias esferas governamentais, entre outras:

- na cidade de São Paulo, sob a coordenação de um Conselho Gestor, a Lei Municipal nº 13.941/2004, regulamentada por Decreto Municipal nº 46.211/2005, rege a inserção da educomunicação em várias áreas de ação da administração municipal;
- o Consórcio Social da Juventude da Região Sudoeste da Grande São Paulo, o Geração Cidadã, projeto ligado ao Programa do Primeiro Emprego do Ministério do Trabalho e Emprego, incorporou a educomunicação no seu Módulo Básico de formação dos jovens atendidos;
- o Ministério do Meio Ambiente incorporou a educomunicação no projeto pedagógico de suas políticas públicas de formação e de ação em educação ambiental, constituindo um eixo de educomunicação socioambiental (TRAJBER, 2005).¹³

Sob essa perspectiva de educomunicação defendida pelo NCE, projetos na interface da educação com a comunicação foram sendo experimentados e implementados também em instituições de iniciativa privada, nos anos 2000, tanto de educação quanto de comunicação (Revista Viração, Colégio São Luís, SESC-SP, Jornal da Tarde, Canal Futura etc.). Isso tem contribuído para o campo ser mais adensado e ampliado paulatinamente. Segundo Soares (2007, informação verbal)¹⁴, o contexto estratégico da educomunicação é de

¹³ O V Simpósio Brasileiro de Educomunicação (SBE), realizado em outubro de 2008, em São Paulo, teve o tema “Meio, Ambiente, Jornalismo e Educomunicação” e recebeu o apoio do Ministério do Meio Ambiente, entre outras organizações, para reunir experiências e propostas brasileiras e do exterior em torno do assunto.

¹⁴ Informação fornecida pelo Professor Ismar de Oliveira Soares, em aula da disciplina “Educomunicação: fundamentos, metodologias e áreas de intervenção”, em 3 junho de 2007.

promoção de diálogos e alianças necessários para implementar e implantar projetos, programas e planos de educação e comunicação.

Para concluir essa exposição geral sobre o campo da educomunicação, segundo Soares (2000, 2002), as principais áreas de atuação da educomunicação são cinco¹⁵, as quais podem ser ocupadas complementar ou separadamente:

1. *educação para a comunicação*: dirigida para a relação entre emissores e receptores de mensagens, considerando a intencionalidade e a incidência cada vez mais evidente dos meios de comunicação de massa na mediação da formação da subjetividade e na simbolização da cultura social;
2. *mediação tecnológica no espaço educacional*: dirigida para desenvolver e aprimorar o uso da tecnologia no processo educativo por educadores e educandos, considerando tanto as chamadas antigas quanto as novas tecnologias na ampliação e melhoria da comunicação e dos ecossistemas comunicativos.
3. *gestão dos processos de comunicação*: dirigida para planejar, implementar e avaliar políticas de comunicação educativa, visando a construção dos ecossistemas comunicativos democráticos e abertos, bem como compreender seus processos comunicativos internos e externos;
4. *desenvolvimento comunicativo pelas artes*: dirigida para a inserção, o empoderamento e a participação sociais pelo uso das linguagens da tecnologia de comunicação e das artes em espaços educativos;
5. *reflexão epistemológica sobre a inter-relação entre educação e comunicação e a emergência da educomunicação*: dirigida para a sistematização conceitual das experiências do campo, inspirada principalmente na metodologia da pesquisa-ação, tem as intenções de rever fundamentos e fomentar as referências para o debate a

¹⁵ As definições dessas áreas de inserção da educomunicação aparecem com pequenas nuances ou ênfases distintas em outros trabalhos acadêmicos, como em dissertações de Funari (2007) e Tavares Júnior (2007), o artigo de Salvatierra (2006) e no livro de Schaun (2002).

respeito do campo e de legitimar a presença da educomunicação nessa inter-relação.

A educação para a comunicação e a mediação tecnológica na educação são áreas constituídas sob a nítida influência do acúmulo de reflexões e experiências desenvolvidas nos EUA e na Europa, enquanto que as outras três seriam particularmente desenvolvidas na América Latina (SOARES, 2000, 2002), sob forte influência das propostas de Martín-Barbero, da Escola Latinoamericana de Comunicação (MELO, 1999), dos Estudos de Recepção (OROZCO GOMES, 2003) e, sobretudo, das experiências de mídia independente (SOARES, 2000). Essa diferenciação genealógica dos conceitos faz-se necessária, na medida em que as tradições da inter-relação entre comunicação e educação constituíram-se estruturalmente, e por motivos às vezes distintos, de acordo com particularidades regionais e culturais. Martín-Barbero (1988) sugere que, por exemplo, na América Latina, haveria uma superposição de épocas e concepções sócio-culturais, o que caracterizaria a mediação da comunicação e a reflexão a respeito na região.

Em comum, essas áreas de intervenção apresentam-se como estratégias de ação eficientes em um movimento cujo horizonte inspirador é uma comunicação cidadã. Essas estratégias perpassam a educação, escolar ou não, não em uma perspectiva de recusa da incidência da comunicação e de suas tecnologias na formação humana, mas sim com vistas a provocar habilidades e criatividades comunicativas para fortalecer a expressividade de cada um, dos grupos, das comunidades e de outros diferentes olhares, vozes e mensagens.

5. Psicologia social, grupo e comunicação

5.1. Psicologia de grupo: referências históricas, teóricas e epistemológicas

A história da psicologia social dedicada ao estudo dos agrupamentos humanos coincide com a da própria psicologia como um todo. Wundt, por exemplo, além de inaugurar a psicofísica, também inaugura, mesmo sem a mesma repercussão, a psicologia social, com a sua obra *A Psicologia dos povos (Völkerpsychologie)*, no princípio do século XX. Ele tenta compreender a incidência de diversos aspectos sociais e culturais da produção humana na própria construção do indivíduo (FARR, 1999).

Essa herança foi ainda mais desenvolvida pelas pesquisas e contribuições teóricas de Mead, que, pela via de uma pesquisa social experimentalmente orientada, distinta exatamente daquela que veio a se tornar a conhecida psicologia experimental de Watson, sugeriu a linguagem como objeto privilegiado do estudo evolutivo da humanidade (FARR, 1999). A contribuição de Mead foi incorporada não só no campo da psicologia, como também na psicossociologia, na escola do interacionismo simbólico e, mais adiante, na própria psicologia social pichoniana, esta última que será adiante mais bem explicitada para fundamentar esta pesquisa.

A configuração de um campo próprio da psicologia social atribui-se comumente às contribuições de Asch e de Lewin. Orientado pelo princípio teórico da *gestalt*, Asch contribui com a chamada psicologia da forma, em cujas propostas destaca-se, aqui, a de

compreender os sentidos e os significados de um signo como constituídos pelas relações estabelecidas com seu espaço como um ambiente imagético e simbólico em que se dá percepção. Por isso, decorre a conhecida afirmação de que o sentido de certa “figura” está intrinsecamente relacionado com o seu “fundo”, o ambiente da sua representação. Essa compreensão de que um todo constitui uma unidade própria, diferente da simples soma ou justaposição de suas partes, será extremamente importante para o desenvolvimento da psicologia do grupo, nas suas várias vertentes.

Por seu turno, Lewin (1975) encaminha grandes contribuições à psicologia social pelo estudo das conseqüências da liderança e dos comportamentos de líderes e liderados nos grupos sociais. Ele se orienta pelo estudo da incidência dos campos de força sociais na dinâmica de relações do grupo, a qual delimita a manifestação do comportamento individual. A contribuição lewiniana para a psicologia social foi marcada pelo compromisso com uma pesquisa experimental e ativa na formação de uma sociedade democrática.

É possível e necessário reconhecer também as contribuições originárias de Freud que foram incorporadas à psicologia social e à psicoterapia de grupo. Ele concebeu inovadoras reflexões da psicanálise sobre o caráter social da psicologia individual, mesmo que sua marca histórica maior tenha sido a teoria e a técnica da psicanálise na psicoterapia individual.

Kaës (2003), que embasa nos fundamentos freudianos a sua própria teoria sobre as alianças inconscientes grupais, sugere a organização dessas contribuições freudianas a respeito dos grupos em três modelos básicos de reflexão da realidade psíquica grupal: em relação à passagem da série ao grupo, como vista em *Totem e tabu* (1912); a identificação como estruturador dos laços sociais, como vista em *Psicologia de massa e análise do ego* (1921); e a renúncia da satisfação imediata às pulsões como base da civilização e às formações psíquicas intermediárias entre sujeitos e grupos, como visto em *O Mal-estar na*

civilização (1929).

O enfoque nos grupos, como objetos da psicologia social, da psicanálise e de outras concepções teórico-metodológicas no campo da psicologia, diversifica-se e se complexifica, no decorrer do século XX, e continua em expansão e desenvolvimento. Pode-se comentar, por exemplo, no campo da psicologia da epistemologia cognitiva, a reflexão provocativa e tardia de Piaget (1973) sobre a estruturação da linguagem e do pensamento lógico ser um pré-requisito para a socialização, ou vice-versa.

Cabe um destaque para considerações de Anzieu e Martin (1971) e Fernández (2006) sobre a etimologia do termo grupo (ver Ilustração 1). Ela seria oriunda do termo germânico *kruppa*, que era usado para se referir a algo com aspecto de massa arredondada. O termo teria evoluído para o provençal *grup*, que era usado para se referir a algo circular e coeso. Mais recentemente, essa linhagem do termo foi herdada por várias línguas ocidentais modernas, como o *gruppo*, italiano; o *group*, francês; o *group*, inglês; o *grupp*, alemão; e mesmo o *grupo*, português e espanhol, que são usados correntemente como reunião de

Ilustração 1: Evolução etimológica da palavra grupo e do seu sentido (ANZIEU; MARTIN, 1971; FÉRNANDEZ, 2006).

pessoas, entre outros sentidos.

Consta que nas línguas antigas não havia um termo para se referir a um grupo reduzido de pessoas reunidas por algum motivo, segundo Anzieu e Martin (1971). Essa construção subjetiva da idéia de grupo aplicada aos seres humanos é atravessada, sobretudo, pelas artes, como a introdução no francês, por poemas de Molière, e a introdução do *gruppo scultorico* (www.wikipedia.com) no próprio ocidente, em cujo sentido de cada elemento da obra daria-se pela relação com os outros elementos, o que foi proposto pela Escola Renascentista, no começo da Idade Moderna, quando teria retomado certa forma de expressão grega, depois do reencontro e da restauração de uma obra chamada *Grupo de Laocoonte* (ver Ilustração2).¹⁶

Ilustração 2: Grupo de Laocoonte, possivelmente feita por Agesandro, Atenodoro e Polidoro, três escultores da ilha de Rodes, 42 a 20 a. C., exposto no Museu do Vaticano. (www.wikipedia.com)

Esse panorama multifacetado e imbricado do grupo no campo “psi” será aqui apresentado e compreendido, a seguir, com base em contribuições de Saidon (1983), que

¹⁶ Uma relevante obra inspirada no *gruppo scultorico* e combinada com o Modernismo Brasileiro é o *Monumento às Bandeiras*, de Vitor Brecheret, que está em exposição pública permanente em frente ao Parque do Ibirapuera, em São Paulo, SP.

estabeleceu uma relação entre as práticas de grupo predominantes e suas escolas de formação; de Kaës (2003), que reuniu e sistematizou o trajeto percorrido pela formação e pelo desenvolvimento da psicanálise de grupo; e de Fernández (2006), que problematiza epistemologicamente a constituição do campo grupal. Cabe destacar que localizar a fundamentação e as proposições de Pichon-Rivière, em perspectivas distintas, foi a principal razão para se concentrar a discussão, aqui, em contribuições de Saidon, Kaës e Fernández.¹⁷

5.1.1. Práticas psicoterapêuticas de grupo e suas escolas

Saidon (1983) identifica características das cinco principais tendências em psicoterapia de grupo no Brasil, a saber, a psicanálise, o psicodrama, a gestalt-terapia, a análise transacional e os grupos de encontro. Ele discute as teorias psicológicas de origem dessas tendências e considera a cronologia e também as referências filosóficas predominantes. A seguir, reproduz-se um quadro em que Saidon (1983) sintetiza e ilustra as relações entre teorias e escolas (ver Ilustração 3).

Segundo ele, o histórico das escolas de formação das práticas grupais remonta à psicanálise e à microsociologia, que permitiram o surgimento do pensamento original em teoria dos grupos e a difusão da grupoterapia, além do psicodrama, o qual articulou pensamentos sociológicos e psicológicos. As práticas grupoterapêuticas podem entrelaçar as três tendências, às vezes, até sem reconhecimento.

¹⁷ Há outros trabalhos a respeito da concepção de grupo no campo psicológico que apresentam perspectivas relevantes, mas diferentes do foco pretendido para esta pesquisa, como obras de Gregório BAREMBLITT, *Grupos: teoria e técnica*, 1986; Luiz Carlos OSÓRIO, *Grupoterapia hoje*, 1986; e David Epelbaum ZIMMERMAN, *Fundamentos básicos da grupoterapias*, 1993.

Ilustração 3 - Influências teóricas e referenciais ideológicos das principais escolas de psicologia de grupo. (SAIDON, 1983, p. 16)

É no século XX que o trabalho com o grupo vai sendo consolidado. Em 1906, Pratts inaugura a psicoterapia de grupo, em trabalho com grupos de pessoas com tuberculose. O método dele consistia em utilizar as emoções para finalidades terapêuticas. Eram atendimentos de classes coletivas com mais de oitenta pacientes submetidos mutuamente a um regime de cooperação e emulação para acelerar a recuperação.

Em 1931, Moreno cunha a expressão “psicoterapia de grupo” para nomear a prática que já vinha desenvolvendo desde 1920. Ele reúne técnicas sociométricas de investigação com a catarse e a dramatização de conflitos psíquicos como fatores terapêuticos.

Em 1936, Wender e Schillder começam a usar técnicas psicanalíticas com grupos terapêuticos e aparecem as primeiras publicações a respeito. Na mesma época, tendo Lewin como expoente, o campo que reúne psicologia e microsociologia assenta a psicoterapia de grupos em bases experimentais e, na década de 1940, confere-lhe status de científica.

Após a 2ª Guerra Mundial (1945), são difundidas em vários países ocidentais as psicoterapias grupais na saúde mental. Elas são condicionadas socialmente por determinantes

econômicas e políticas de então, como a extensão do atendimento a amplos setores da população e a necessidade de recuperação rápida da mão-de-obra.

Na década de 1960, há uma reformulação do trabalho terapêutico com grupos. Acontece o auge das técnicas de potencial humano, baseadas no trabalho não-verbal e de liberação do corpo. Esse movimento originou-se na Califórnia, EUA, e tem como expoentes os grupos de encontro (Rogers), a gestalterapia (Perls) e a bioenergética.

Na mesma década de 1960, há também uma retomada de trabalhos primordiais da psicanálise de Reich, que articulava o conhecimento sobre o inconsciente dos grupos e uma concepção materialista-histórica da sociedade, os pensamentos de Freud e Marx, respectivamente. Esse movimento desenvolve-se principalmente na América Latina e na França. Ele enfoca a questão da ideologia na saúde mental e tem como expoentes, *grosso modo*, desde a prática dos grupos operativos (Pichon-Rivière), na América Latina, até as tendências de análise institucional da psicossocioanálise, na França.

Saidon (1983) reúne em quatro as principais influências teóricas e filosóficas sobre as práticas de psicoterapia de grupo. A primeira é a da sociologia, pois os estudos dos pequenos grupos (família, turma, amigos etc.) são inaugurados pela sociologia moderna. Seriam nesses grupos que se dariam as experiências sociais imediatas, o que ensejava a esperança de descobrir leis profundas que regem tanto o indivíduo quanto a sociedade.

A psicologia social chegou, ainda na primeira metade do século XX, a ser considerada um paradigma de ciência que contornaria os problemas da sociedade moderna, pois que o psicossociólogo poderia instalar um clima de colaboração não só em escolas e empresas, mas também por fim à luta de classes, à guerra e ao racismo, por exemplo. Esse otimismo foi rapidamente considerado como ingênuo e foi superado pelo questionamento que o acusava de criar um “ópio psicológico” para conservar as instituições, o que resvalou até em Moreno e Lewin.

Segundo Saidon (1983), esse legado ingênuo e otimista já estava presente no pensamento sociológico de Fourier, no século XIX, com a proposta das comunidades dos falanstérios. Lapassade (1977, citado por SAIDON, 1983)¹⁸ indica que Fourier antecipou aquilo que a psicologia dos grupos e a psicossociologia proporia: a criação de grupos artificiais com tarefas comuns, a indissociação entre investigação e aplicação e a solidariedade entre mudanças pedagógicas, psicológicas e políticas.

Ainda sobre a influência sociológica, Saidon (1983) faz referência a Durkeim, Freud, Lewin e Pichon-Rivière. A Durkheim e Freud como iniciadores das ciências humanas, que assentaram bases para a psicossociologia dos grupos restritos. Durkheim interessa-se por grupos específicos (família, escola, sindicato etc.), cria a expressão “dinâmica social” e formula conceitos sobre solidariedade, anomia e símbolos sociais para compreender o processo social. Freud esclarece relações entre líder e grupo, fundamentado em concepções de ideal de ego e de enlaces libidinais que regulam qualquer agrupamento.

A referência à influência de Lewin remonta aos seus trabalhos de 1944, quando aproveita o terreno preparado pelos modelos da sociologia e da psicanálise, e cunha a expressão “dinâmica de grupo”, ao discutir a relação entre teoria e prática em psicologia social. Ele concebe a metodologia de pesquisa como “investigação ativa” (*action-research*), em que, ao mesmo tempo, conhece-se o campo e se age sobre ele. Duas concepções dele são aceitas por diversas correntes de práticas com grupos: o estreito relacionamento entre investigação e intervenção e a mudança e resistência à mudança como aspectos essenciais da vida nos grupos.

Quanto a Pichon-Rivière, Saidon (1983) indica que ele articula concepções lewinianas, psicanálise e materialismo-histórico em uma epistemologia convergente. Sobre essa fundamentação, produz conceitos originais para a prática psicológica, como a teoria dos grupos operativos.

¹⁸ LAPASSADE, Georges. **Grupos, organizações e instituições**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977

Saidon (1983) também indica a forte influência da psicanálise sobre as práticas grupais. O prestígio da psicanálise na psicoterapia latinoamericana levou ao desenvolvimento da psicanálise dos grupos, que se consolida em 1957, com a publicação de *Psicoterapia de grupo*, por Grinberg, Langer e Rodrigué.

As concepções lewinianas influenciam psicanalistas, principalmente ingleses, que tentavam articular o legado freudiano com o trabalho com grupos, como as investigações da Escola de Tavistok. Esses autores ainda hoje são considerados pioneiros da psicanálise de grupo: Ezriel, Foulkes, Anthony, Bion e Slavson.

Essa corrente inglesa manteve um intenso intercâmbio com a corrente argentina para o desenvolvimento da psicanálise de grupo. Esse intercâmbio se dá sob uma influência comum da concepção psicanalítica kleiniana, segundo a forma sistematizada por Bion, numa perspectiva que visava fundamentar cientificamente a teoria dos pressupostos básicos dos grupos.¹⁹

Na década de 1960, surge a Escola Francesa de Psicoterapia de Grupos, constituída por Anzieu, Kaës e Missenard. Essa escola aprofunda o conceito de inconsciente grupal e propõe articulações originais entre concepções kleinianas e lacanianas; por exemplo, o grupo como sonho (Anzieu), o aparelho psíquico grupal (Kaës) e o líder como resistência (Missenard).

A partir dessa década de 1960, Saidon (1983) identifica que também houve uma influência das escolas de potencial humano sobre o trabalho com grupos. São introduzidas novas técnicas no trabalho com o grupo. Segundo Lapassade (1977, citado por SAIDON, 1983)²⁰, essa influência histórica está relacionada diretamente com o desenvolvimento de novas técnicas de gestão e da automatização no sistema de produção moderno.

A principal bandeira dessa Escola do Potencial Humano é a não-diretividade, que

¹⁹ Esse conceito de Bion sobre os pressupostos básicos será mais bem desenvolvido a seguir, na seção “Psicanálise do grupo e em grupo”.

²⁰ Idem, *ibid.*

desloca o centro da análise, passando da compreensão da dinâmica grupal para o questionamento da relação terapêutica, e tem Rogers como seu expoente. A sua capacidade de impugnação da tradição terapêutica coloca-a no centro do movimento de contestação psiquiátrica surgido na mesma época. Entretanto, segundo Saidon (1983), o psicologismo e o apoliticismo das afiliadas da Escola do Potencial Humano (bioenergética, gestaltterapia, grupos de encontro etc.) reduziram-na a reformulações técnicas no interior dos trabalhos com grupos.

Para concluir o quadro geral das principais influências sobre a prática com grupos no campo da psicologia, Saidon (1983) faz referência à influência da análise institucional, que surge em 1962, na França. Ela aborda o grupo numa relação instituinte-instituído e estuda a instituição como reprodução das contradições sociais.

Sua matriz intervencionista encontra-se na socioanálise (Lourau) e na esquizoanálise (Deleuze e Guattari), pelo dispositivo analisador que revela o oculto, o que provoca crises existenciais nos agrupamentos. Ela assume seu conteúdo como político, em que a luta de classes e o papel do Estado são determinantes fundamentais do sujeito e da elaboração do complexo de Édipo. A proposta terapêutica da análise institucional é tornar grupos sujeitados em grupos-sujeitos, que repensem sua submissão e criem suas leis, basendo-se em, por exemplo, grupos de base para evitar relações hierárquicas, e que sejam múltiplos para substituir as instituições das classes dominantes.

Saidon (1983) sugere que as concepções de Fourier reaparecem a cada nova proposta no campo da psicologia dos grupos. Mas, no entanto, ele não deixa claro se se refere aos grupos como instrumento de mudança social ou como proteção contra mudanças sociais que causam maior exploração das pessoas.²¹

²¹ Essa discussão sobre o papel da comunidade e do grupo continua extremamente presente nas reflexões contemporâneas em face dos efeitos da chamada globalização, como nas considerações Castells (1999) sobre a constituição de certas modalidades da identidade de legitimação, de resistência ou de projeto.

5.1.2. *Psicanálise do grupo e em grupo*

Kaës (2003) aborda a questão do grupo na psicanálise não só como objeto de estudo, mas também como sua condição de desenvolvimento. A invenção psicanalítica do grupo dá-se no contexto das rupturas da pós-modernidade e da psicanálise. Ele distingue a questão por locais e momentos e por fundamentos teóricos e metodológicos. Para Kaës (2003), a psicanálise desenvolve à sua margem a questão do grupo, que lhe mobiliza resistências por interrogar hipóteses psicanalíticas fundadoras.

A questão do grupo está presente na psicanálise desde sua origem, afirma Kaës (2003). Os conflitos originados das lutas dentro da psicanálise formam uma matriz fecunda e traumática de sua própria invenção. A exploração da intimidade e do mais singular contra os quais se mobilizavam censuras intrapsíquica e social, considera Kaës (2003), só poderia ser realizada sob a relação intensa de pequeno grupo, e ainda contra alguns efeitos dessa relação.

Kaës (2003) aponta as seguintes situações que ilustram esse papel do grupo na formação da psicanálise:

- após a ruptura com Fliess, a reunião de um grupo ao redor de Freud, situação que foi palco de experiências intensas sobre o e em relação ao estudo inconsciente (amor, ódio, identificação, projeção, cenas, transferências etc.);
- o grupo como espaço de manifestação das transferências de transferências (excedentes)²² não analisadas ou insuficientemente analisadas;
- e a própria descoberta e análise do complexo de Édipo intrapsíquico não altera seus efeitos sobre a intersubjetividade grupal, o que parecia irreconhecível, mas Freud

²² Segundo Kaës (2003, p. 21): “Serão estes excedentes a serem investidos, alimentados e ligados entre si nas configurações intersíquicas do grupo dos primeiros psicanalistas. Aí se encontram a matéria e a energia necessárias para fundar a Instituição da psicanálise.”

tentou assinalá-los em *Totem e tabu*, quanto à passagem da horda ao grupo.

As principais especulações de Freud sobre o grupo são três, para Kaës (2003): o grupo psíquico, a psique de grupo e os modelos de agrupamento. O grupo psíquico é um modelo de funcionamento intrapsíquico, presente já em obras de 1985 (*Estudos sobre a histeria* e *Projeto da psicologia científica*). Trata-se de, segundo Kaës (2003, p. 22):

[...] um conjunto de elementos (neurônios, representações, afectos, pulsões, ...), ligados entre si por investimentos mútuos, formando uma certa massa e funcionando como atractores de ligação. [...] O primeiro esboço de uma definição do Ego é a de um grupo psíquico; a primeira representação do Inconsciente é a de um grupo psíquico clivado.

A psique de grupo, nessa perspectiva, supõe que formações e processos psíquicos são inerentes aos conjuntos intersubjetivos e que a realidade psíquica não está totalmente localizada na singularidade do sujeito. Esse pensamento freudiano não é uma simples aplicação da psicanálise à gênese da vida social. Ele foi sendo reformulado em vários pontos e momentos sucessivos, desde por razões pessoais (relação com seu pai, guerra, perseguições sociais, tensões no grupo da psicanálise e outras), que o levaram a compreender a transmissão psíquica e as formações transindividuais, a exemplo de *Totem e tabu*, até passar também pela abertura dos aparelhos psíquicos entre sujeitos e os respectivos vínculo libidinal, identificação e ideais e formas de ego, presentes primeiramente em *Psicologia de massas e análise do ego* e, mais tarde, em *O Futuro de uma ilusão*, *Mal-estar na civilização* e *Moisés e o monoteísmo*.

Entre 1912 e 1938, Freud formula três modelos para processos e formações da realidade psíquica ligados à passagem qualitativa do indivíduo à série e da série ao conjunto intersubjetivo, segundo Kaës (2003). Os modelos são a relação de aliança entre líderes e liderados (*Totem e tabu*, 1912), a identificação como ordenador libidinal dos vínculos intersubjetivos (*Psicologia de massas e análise do ego*, 1921) e a renúncia mútua da satisfação imediata dos objetivos pulsionais como pacto que torna possível o amor e o desenvolvimento da civilização (*Mal-estar na civilização*, 1929).

Segundo Kaës (2003), esses modelos embasam as teorias psicanalíticas de grupo e reúnem três hipóteses; a organização grupal da psique individual, a realidade específica do grupo, e que a realidade grupal precede à individual. Ele afirma que enquanto não inexistirem dispositivos metodológicos para submeter os modelos de grupo à prova clínica, continuarão sendo suscitadas atitudes contraditórias e de resistências na psicanálise. A articulação entre esses três modelos, segundo ele:

[...] descreve formações psíquicas intermediárias e comuns à psique do sujeito singular e aos conjuntos (famílias, grupos secundários, classes, nações), dos quais é parte constituinte e parte constituída – assim o Ideal de Ego, as diferentes figuras do Mediador, as correspondências míticas dos fantasmas, a comunidade dos fantasmas e das identificações. (KAËS, 2003, p. 26)

Kaës (2003) faz também uma pormenorizada sistematização dos marcos da invenção psicanalítica do grupo depois de Freud. Remonta inicialmente ao período entre as duas Guerras Mundiais, quando alguns psicanalistas criam propostas de aplicação baseados nas formações teóricas freudianas sobre o grupo. Nos EUA, Burrow leva a psicanálise a sujeitos em grupo para superar o demasiado enfoque individual, que excluía determinações sociais responsáveis pela patologia.

Essa corrente estadunidense (Burrow, Slavson, Kibel, Kernberg e outros) dá continuidade à proposta, como em tratamento de crianças (Slavson), pacientes em estado-limite (Wender e Schilder) e tem a psicologia do ego como modelo. Só na década de 1940, o grupo passou a ser pensado como entidade específica pelos psicanalistas, que passaram a atribuir papel terapêutico essencial à instituição e a experimentar formas de tratamento (Pichon-Rivière e Bleger, Argentina; Foulks e Bion, Inglaterra; e Daumezon, Oury, Paumelle, Recamier e Tosquelles, França).

Kaës (2003) reúne os fundadores da psicanálise de grupo em quatro locais e momentos distintos, após a esse primeiro período. Em Londres, na década de 1940, forma-se um dos primeiros centros de psicanálise de grupo, sob a perspectiva do modelo de cura e

tendo como expoentes principais Bion e Foulkes.

Bion desenvolve um modelo teórico da vida psíquica nos grupos, os pressupostos básicos, que qualificam conteúdos possíveis da mentalidade do grupo, cujas modalidades de funcionamento são o grupo de trabalho, em que prevalece processos secundários (representação) e a organização da tarefa e da comunicação para sua realização, e os *grupos de base*²³, nos quais predominam processos primários e a tensão do grupo com o trabalho. Os pressupostos básicos são inconscientes e funcionam como técnicas defensivas contra dificuldades para enfrentar emoções intensas proporcionadas pela experiência. É evidenciada a influência de Klein sobre os objetos parciais, as angústias psicóticas e as defesas primárias.

Foulkes e outros psicanalistas (Rickman, Ezriel, por exemplo), segundo Kaës (2003), constituíram outras bases teóricas e metodológicas na corrente do *group-analysis* ou *grupo-análise*, que tem influências da teoria da *gestalt* e cujas idéias principais são:

1. grupo como totalidade de escuta, compreensão e interpretação no *aqui e agora*;
2. considerada em análise somente a transferência do grupo sobre o analista;
3. a noção de ressonância inconsciente (ou fantasmática, para Ezriel) entre membros do grupo;
4. tensão e denominador comuns dos fantasmas inconscientes do grupo;
5. a noção de grupo como matriz psíquica e quadro de referência das interações.

Sob influência de Freud e Lewin, essas teorias da escola inglesa evidenciam que o grupo não é a soma dos processos individuais, mas sim possui organização específica. Além disso, Kaës (2003) faz o interessante registro de que a recepção às teorias foulkesianas foram ambivalentes em terras francesas. Com eco em Lacan, quanto ao efeito do grupo e da massa

²³ Pressupostos básicos e grupos de base são aqui entendidos como equivalentes, reconhecendo as variações semânticas das traduções do conceito de Bion para o Português do Brasil e de Portugal, que é o caso do referido texto de Kaës (2003).

como alienadores ou avassaladores do sujeito, recrudesceram as resistências à psicanálise do grupo. Foi necessário, segundo Kaës (2003), restituir o valor do grupo como objeto psíquico para os sujeitos, articulando o sujeito singular como sujeito do grupo.²⁴

Outro marco da psicanálise do grupo, para Kaës (2003), encontra-se na Buenos Aires da década de 1950. As contribuições de Pichon-Rivière e Bleger inauguram a psicanálise de grupo argentina, que busca articulação entre espaços psíquicos individual, grupal e institucional.

Pichon-Rivière, desde 1936, atuando na psiquiatria social, reúne hipóteses da psicanálise, das psicologias genética e social, bem como de outras correntes filosóficas, para compreender o grupo. O objeto de sua psicologia social é o desenvolvimento e a transformação entre estrutura social e o mundo interno do sujeito, relação dialética abordada por meio da teoria do vínculo. O sujeito não existe só em relação, também é produzido em uma *práxis*, inexistindo o que não seja resultado da interação entre indivíduo, grupo e classe. Seus instrumentos conceituais são primeiramente retirados da psicossociologia da comunicação e da teoria dos papéis²⁵. Ele concebe um sujeito incluído num grupo, que inicialmente é a família, a qual está inserida no campo social cuja significação e conceptualização são psicossocial, sociodinâmica e institucional.

A experiência de trabalho de Pichon-Rivière em hospitais foi estendida a outros campos (família, aprendizagem, teorias do vínculo, dos grupos internos e da comunicação), e leva à criação da concepção dos grupos operativos, pela qual propõe a noção de ECRO (Esquema Conceitual, Referencial e Operativo) como instrumento intersubjetivo de pensamento e ação²⁶. A noção de psicopatologia para Pichon-Rivière, segundo Kaës (2003), é

²⁴ Kaës (2003) reconhece em Balint a contribuição para a aplicação do grupo como meio de aprendizagem de condutas, sob influência de Bion e Ferenczi (amor primário), tipicamente de aproximação (ocnofílica) e de afastamento (filobática), mesmo que tenha sido pouco desenvolvida como teoria de grupo. Balint influencia Gosling e Turquet, na Inglaterra, e Guyotat, Sapir e Missenard, na França, estes que levam novos conhecimentos sobre identificações e filiações que funcionam nos grupos.

²⁵ Essa teoria dos papéis será mais bem desenvolvido a seguir, na seção “Grupo operativo e vínculo”.

²⁶ Kaës (2003, p. 35), define da seguinte forma o ECRO:

um emergente que exprime e se encarrega da doença mental da família, por exemplo, como tentativa de resolução do conflito determinado e como reconstrução do mundo individual, do grupo familiar e do grupo social.

Segundo Kaës (2003), Bleger contribui com a distinção entre dois níveis ou modalidades de sociabilidade inter-relacionadas, uma por interação e outra sincrética. Esta sociabilidade sincrética é original porque aponta um estado de indiscriminação que compõe a realidade psíquica do indivíduo, do grupo e da instituição, sobre a qual se desenvolve a própria sociabilidade por interação. A sociabilidade por interação pressupõe uma relação com objetivos internos, diferenciados nos espaços psíquico e intersubjetivo.

A psicanálise de grupo argentina mais recente enfatiza as configurações vinculares como problemática transversal à diversidade de vínculos (casal, família, grupo, instituição, entre outros). Ela tem seus desenvolvimentos com Puget, Berenstein, Bernard e outros psicanalistas e terapeutas, na Associação Argentina de Psicologia e Psicoterapia de Grupo; com Quiroga, nas pesquisas sobre grupos de aprendizagem; e na sua difusão com a diáspora durante a ditadura argentina, com Grinberg, Caparros e Kasselmann, para a Espanha, com Eiger, para a França, e com Bauleo e Onderza Linares, para a Itália.

Outro marco que Kaës (2003) aponta é a Paris da década de 1960. Ele identifica três movimentos na psicanálise francesa sobre o grupo. No pós-Guerra, motivados por demandas de cuidados de muitas pessoas a custos reduzidos, socialização, coesão social e reforço de ideais de ego, houve certa promoção das práticas e teorias de grupos, que se assemelhavam com a psicologia do ego estadunidense e, relativamente, realizavam a utopia do grupo como alavanca psicológica para a resolução dos problemas sociais, como pelo

[...] conjunto organizado de conceitos gerais acerca das condições nas quais os fenômenos empíricos aparecem e são ligados entre si: é *referencial* na medida em que se reporta ao campo (ou facto concreto) sobre o qual refletimos e operamos, e aos conhecimentos a que nos referimos para refletir e operar; o esquema é *operativo* na medida em que manifesta a adequação do pensamento e do enunciado ao seu objeto, sendo esta operatividade fonte de descoberta.

sociodrama de Moreno.

Na década de 1960, em meio a conflitos e rupturas devidos a divergências no campo da psicanálise quanto à formação e à cura, efeitos de grupo são cultivados e denunciados, como um segundo movimento que é identificado por Kaës (2003). Retorna a cisão entre o grupo como suporte de fundação da psicanálise e como objeto antipsicanalítico, o que retoma a violência ao mundo das instituições.

E como um terceiro movimento, mais recente, psicanalistas ligados a Lacan criticam a abordagem dos grupos como superficial e irrefletida para o campo psicanalítico. E, pelos mesmos motivos de assujeitamento do sujeito, também criticam a dinâmica de grupo lewiniana e o psicodrama de Moreno, cujas propostas haviam incidido no campo da terapêutica francesa.

As hipóteses dos psicanalistas franceses sobre o grupo, em meados da década de 1960, podem ser reunidas em três propostas principais²⁷, segundo Kaës (2003):

1. O pequeno grupo como objeto: Pontalis (1963) restitui o grupo como objeto psíquico para seus sujeitos; o grupo é inicialmente objeto de investimentos pulsionais e de representações inconscientes, para o campo psicanalítico.
2. O grupo como realização de desejos inconscientes: Anzieu (1966) propõe um modelo de inteligibilidade do grupo como o do sonho, meio e lugar de realização imaginária dos desejos inconscientes e infantis.
3. O aparelho psíquico grupal: o próprio Kaës, no final dessa década, reformula a hipótese do grupo como o lugar de uma realidade psíquica própria, que é produzida, gerida, contida, transformada e gerada pelo aparelho psíquico grupal, em que atuam grupos internos como organizadores inconscientes. Articulam-se sujeito e grupo pelos efeitos de grupo com os do inconsciente.

²⁷ Segundo Kaës (2003), essas contribuições foram progressivamente incorporadas nas teorias e nas práticas em outros países, como Inglaterra e Argentina, e em outras áreas, como em terapia familiar, terapia infantil e a mediação.

O quarto e último marco da psicanálise de grupo, segundo Kaës (2003), encontra-se na Itália da década de 1960. As investigações italianas começam com atividades psicoterapêuticas de grupo feitas por psiquiatras e psicanalistas referenciados na psicossociologia e com experiência empresarial, o que direciona seu enfoque para o atendimento em instituições de cuidados. Napolini cria a primeira comunidade terapêutica, em Roma, sob a perspectiva foulkesiana, e vários outros profissionais vão nessa mesma linha. A corrente bioniana também tem inserção nos trabalhos interessados nos problemas de pensamento e de transformação, como por Corrao e outros.

Kaës (2003) avalia que essas correntes psicanalíticas do grupo sustentam teorias que exercem influência distinta sobre os seus países de origem e fora deles. Elas introduzem a intersubjetividade numa perspectiva do sujeito singular como sujeito do grupo e do inconsciente. As principais tendências dessas teorias são três: o grupo como realidade psíquica própria; a análise do vínculo no grupo, centrada nos efeitos da realidade psíquica do grupo sobre o sujeito; e a compreensão de condições e formas de o grupo contribuir para a vida psíquica.

5.1.3. Campo grupal em problematização

Fernández (2006) propõe-se a apresentar linhas de problematização do que vem a chamar de campo grupal, em vez de realizar o percurso cronológico das teorias ou de constituir uma teoria dos grupos, como verdade. Ela busca, enquanto mostra aspectos invisíveis, e não erros ou negações, uma elucidação crítica do campo grupal.

Essa elucidação passa mais por discutir certas indagações do que tentar

sistematizar completamente o que chama de Torre de Babel das teorias de grupos. Ela busca dar ênfase à reflexão sobre a diferença entre o grupo e o grupal, este como o campo de teorias sobre o grupo (epistemologia) e aquele como o fato em si (ontologia). Ela enfatiza também que essas teorias são resultados de fatores articulados, e não só uma formação discursiva. E, ainda, destaca que essas articulações demarcam áreas de visibilidade e de invisibilidade das teorias, as quais devem ser objeto de reflexão da crítica, e não os acordos e desacordos entre seus formuladores.

Com base nesses pressupostos, ela apresenta seu trabalho como uma genealogia do campo grupal. Concebe, então, o que chama de três momentos epistêmicos, como forma de ordenamento da indagação sobre a Torre de Babel do campo grupal.

O primeiro momento epistêmico é marcado pela concepção de que o grupo é irreduzível à soma de seus integrantes. Os primeiros recortes desse momento epistêmico são influenciados pela *gestalttheorie* (teoria da *gestalt*) e constituiram a noção de dinâmica de grupo, que foram difundidos já entre as décadas de 1930 e 1940. Nesse momento, também se demanda um dispositivo grupal como tecnologia adequada para os conflitos próprios dos grupos.

O segundo momento é marcado pela busca das organizações grupais que determinam e tornam possíveis os movimentos grupais. Há uma grande contribuição da psicanálise de grupos, nesse momento, tanto em teoria quanto em dispositivos grupais, como os de psicoterapia grupal e os grupos operativos, estes que foram inseridos em áreas ainda mais vastas. As interrogações desse momento levam à instituição como espaço das lutas pela sua hegemonia no campo intelectual.

E o terceiro momento epistêmico é marcado exatamente pela limitação entre as disciplinas de *objeto discreto*²⁸ para abordar a realidade sem reducionismo. Essa lógica tinha sido necessária para demarcar as disciplinas de conhecimento das ciências humanas, mas que

²⁸ Objeto de conhecimento descritível, cujos limites são definidos.

passaram a demandar outros instrumentos metodológicos para compreender situações que resistem à abordagem unidisciplinar.

5.2. Grupo operativo, vínculo e comunicação

Os panoramas e as perspectivas da psicologia do grupo apresentados até aqui perpassaram, além de outras, a contribuição do trabalho e do pensamento de Pichon-Rivière para a psicologia social e o grupo na psicanálise. O seu legado é comumente sintetizado no conceito de grupo operativo e sustentado pela sua teoria do vínculo.

Considerando suficientemente comentado em seus contextos histórico, filosófico e epistemológico, pelo momento, será então dada ênfase às relações que o próprio Pichon-Rivière estabeleceu entre psicologia de grupo, teoria do vínculo e comunicação. Essa ênfase será oportuna para fundamentar o que se pretende como tema central da discussão subsequente da pesquisa, tanto como objeto de interesse (o vínculo e o processo grupal nas práticas de educomunicação) quanto como instrumental do método desta pesquisa (realização das reuniões e análise do grupo operativo).

5.2.1. Quadro de referência de uma psicologia social centrada no grupo

Como objeto teórico de sua psicologia social, Pichon- Rivère constrói o conceito

de vínculo, que é, em suas palavras: “[...] estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto, e sua mútua inter-relação com processos de comunicação e aprendizagem” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 5). Essa concepção de vínculo fundamenta a sua definição de grupo como “[...] conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua *mútua representação interna*, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade”. (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 242-243, grifo do autor).

Segundo ele, é na interação que o sujeito se constrói e pode realizar uma adaptação ativa à realidade, transformando-a e se transformando, em um processo que o autor considera contínuo, dialético e que compõe a aprendizagem. Nas palavras dele, trata-se da “[...] aprendizagem do real, a relação dialética mutuamente modificante e enriquecedora entre sujeito e meio” (PICHON-RIVIÈRE, 2005p. 242).

Essa noção de aprendizagem pichoniana combina o processo de transmissão da informação com a investigação do sujeito em sua situação grupal. Ele estende essa noção a uma adaptação como interação, manipulação ou apropriação do real com vistas a uma resposta coerente e significativa a demandas da realidade. Segundo ele:

Toda situação de aprendizagem [...] gera nos sujeitos dois medos básicos, duas ansiedades básicas que caracterizamos como medo de perda e medo de ataque: a) medo de perda do equilíbrio já obtido na situação anterior, e b) medo do ataque na nova situação, na qual o sujeito não se sente adequadamente instrumentado. Os dois medos, que coexistem e cooperam, configuram – quando aumenta seu montante – a ansiedade frente à mudança, geradora da resistência à mudança. (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 243)

Busca-se, assim, a resolução desses medos básicos no grupo por meio de um trabalho compartilhado de esclarecimento do “aqui e agora” da situação. Esse trabalho é voltado para redução da ambigüidade grupal e das contradições internas do grupo, as quais são conformadas como dilema que paralisa a realização da tarefa por causa da confrontação entre indivíduos ou subgrupos.

A análise dialética dessas contradições constitui a tarefa do grupo operativo. Investiga-se a infraestrutura inconsciente das ideologias em jogo na interação grupal, enquanto “sistemas de representação com grande carga emocional” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 244), que podem formar núcleos incoerentes em cada sujeito e no grupo e estancar a produção grupal, estereotipando-o.

Pichon-Rivière (2005) ilustra esse processo do grupo na forma de um cone invertido (ver Ilustração 4), que tem na sua base os conteúdos implícitos e em seu topo a explicitação dos conflitos, sendo o movimento de passagem e elaboração do implícito ao explícito representado por uma espiral progressiva.

Ilustração 4: Cone invertido e espiral que representam o movimento dialético do processo grupal. (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 69)

Para Pichon-Rivière (2005, 2007), o processo grupal se desenvolve em torno da tarefa para a qual o grupo foi constituído, que pode ser o propósito de produzir algo ou alguma aprendizagem ou terapêutica, mas tem o próprio vínculo grupal como tarefa sempre presente. Ele chega a formular uma equação ideal para o grupo, que seria compreender uma

maior heterogeneidade no grupo e uma maior homogeneidade na realização da tarefa. A postura do grupo em relação à sua tarefa pode ser sintetizada em três momentos distintos e não necessariamente lineares:

- a *pré-tarefa*, em que o grupo se acomoda na estereotipia do pensamento e da ação ou resiste à perspectiva de mudança;
- a *tarefa*, em que o grupo consegue estabelecer interações, comunicações e aprendizagens com vista a realizar sua tarefa;
- e o *projeto*, em que o grupo amplia horizontes de ação e pode incidir mais decisivamente em transformações em suas relações e em outras esferas da estrutura de que faz parte, numa perspectiva de futuro.

A operacionalização da análise dessa construção intrapsíquica (psicossocial) e intersubjetiva (grupal) pode ser realizada com o recurso às noções de depositado (conteúdo psíquico), depositante (sujeito) e depositário (objeto) das relações e aos papéis²⁹ ocupados ou atribuídos na interação. Essa noção também é conhecida como a “teoria dos 3 dêrs”. Ela será, a seguir, relacionada operacionalmente por Pichon com os conceitos de papel e vínculo:

A teoria dos papéis baseia-se na teoria das relações de objeto. As relações de objeto são estruturas nas quais estão incluídos um sujeito e um objeto estabelecendo uma relação particular entre eles. Denominamos de vínculo a esse conjunto, a essa estrutura especial. O conceito de vínculo é operacional, configura uma estrutura de relação interpessoal que inclui, como já dissemos, um sujeito, um objeto, a reação do sujeito frente ao objeto e a reação do objeto frente ao sujeito, cumprindo os dois uma determinada função. Por isso, à idéia de um papel individual temos que agregar o conceito de papel do vínculo configurando uma estrutura social mais integrada. Por exemplo, um grupo de expressão, como se diz em sociologia, é um grupo encarregado de mover uma determinada ideologia; agrupa indivíduos que estabelecem identificações mútuas entrecruzadas, constituindo um vínculo estreito em função de uma determinada ideologia. Este vínculo é ideológico e condiciona neles a existência de uma estrutura como totalidade, que começa a funcionar como um grupo, com uma dada ideologia e uma operatividade determinada, estabelecendo vínculos com outros grupos sociais. Portanto podemos falar de vínculos individuais e de vínculos grupais. (PICHON-RIVIÉRE, 2007, p. 113-114)

²⁹ Referência a Mead sobre os conceitos de mim e de outro generalizado, este representando o grupo interno como resultado da internalização dos outros. Pichon-Rivière (2005) adiciona a noção de uma internalização ecológica, que inclui objetos inanimados e o habitat em sua totalidade, alimentado a construção do próprio esquema corporal, o que ele define como representação tetradimensional, em uma *gestalt-gestaltung* que compreende os aspectos da estrutura espaço-temporal da personalidade.

Esses vínculos, para Pichon-Rivière (1998), são constituídos por relações sociais que se remetem de aquelas estabelecidas na vida intra-uterina até aquelas de situações cotidianas. Esses vínculos estão na base da construção do indivíduo e do grupo, pois delinearão condutas atuais e ulteriores de aprendizagem e de comunicação, embora o autor reconheça a propriedade dialética nesse contínuo processo relacional

A estruturação psíquica constrói a identidade própria do sujeito (PICHON-RIVIÈRE, 1998). Essa estruturação psíquica dos vínculos dá-se à base da combinação de características constitucionais (genéticas), disposicionais (desenvolvimento) e atuais (situação), o que ele considera como os fatores da policausalidade da estrutura psicopatológica (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

Ele concebe a realidade intrapsíquica em intensa interação tanto com a estrutura social quanto com a realidade psíquica grupal. A investigação dessa interação dirige-se em direções da realidade grupal, a vertical, que se trata da dimensão da história individual; e a horizontal, que se trata da dimensão da história do grupo. As relações vinculares no grupo são eminentemente intersubjetivas e estão intrinsecamente ligadas ao conceito de necessidade, em vez de relações de objeto, como o próprio autor declara: :

Essas relações intersubjetivas são dirigidas e estabelecem-se com base de necessidades, fundamento motivacional do *vínculo*. Tais necessidades têm um matiz e intensidade particulares, nos quais já intervém a fantasia inconsciente. Todo vínculo, assim entendido, implica a existência de um emissor, um receptor, uma codificação e decodificação da mensagem. Através deste processo comunicacional, torna-se manifesto o sentido da inclusão do objeto no vínculo, o compromisso do objeto em uma relação não linear, mas dialética, com o sujeito. Por isso insistimos que em toda estrutura vincular (e com o termo estrutura já indicamos a interdependência dos elementos) o sujeito e o objeto interagem, realimentando-se mutuamente. **Nessa interação ocorre a internalização dessa estrutura relacional, que adquire uma dimensão intra-subjetiva. A passagem ou internalização terá características determinadas pelo sentimento de gratificação ou frustração que acompanha a reconfiguração inicial do vínculo, que será então um vínculo “bom” ou um vínculo “mau”.** (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 5, itálico do autor, grifo meu)

5.2.2. *O Grupo operativo e sua dimensão comunicacional*

A dimensão da comunicação no vínculo e no grupo operativo é reiteradamente retomada por Pichon-Rivière. Em *O Processo Grupal* (PICHON-RIVIÈRE, 2005), ele faz referência a uma teoria da comunicação em que o outro é representado pelo ruído que interfere na mensagem entre receptor e emissor. Haveria, segundo ele, por certa analogia com uma situação triangular como estrutura básica e universal da representação internalizada. As múltiplas combinações de vínculos representados afetam as atribuições (adjudicações) e ocupações (assunções) de papéis de cada membro do agrupamento, em função de uma “forma em formação” (*gestalt-gestaltung*) cuja alteração de um de seus parâmetros implica alterações no todo representado.

A comunicação³⁰ é uma dimensão-chave para se compreender a modalidade de vinculação intersubjetiva no processo grupal. A reflexão sobre esse processo permite transitar, por exemplo, do endogrupo endogâmico, orientado pelo tabu do incesto como delineador de papéis e funções, próprio da psicologia individual, para inter-relações no endogrupo intragrupal, próprio da psicologia social, ou até do exogrupo ou extragrupo exogâmico, próprio das relações inter-grupais, mais ligado aos estudos da sociologia (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

Em *A Teoria do vínculo*, Pichon-Rivière (2007) considera a comunicação como fenômeno fundamental da situação analítica, que consiste na vivência dos papéis adjudicados (atribuídos) e assumidos (ocupados) por analisando e analista, por exemplo. Toda atividade mental estabelece uma comunicação, sejam quaisquer psicopatologias com suas respectivas modalidades de comunicação. Mesmo uma pequena conduta, estereotipada, representa a

³⁰ Outros vetores de compreensão da modalidade de ligação e funcionamento da interação grupal são a pertença, a afiliação, a cooperação, a pertinência, aprendizagem e a telê, segundo Pichon-Rivière (2005).

totalidade da vida mental de um sujeito em uma situação. Cabe a quem analisa, assim, tentar interpretar essas mensagens transmitidas, considerando as particularidades dos códigos empregados.

Seguindo a orientação dessa teoria da comunicação em que se fundamenta, Pichon-Rivière considera que não se julga uma conduta como boa ou má. A loucura é considerada como a distorção da comunicação com o propósito de se comunicar, apesar de todas as dificuldades que o doente experimenta, já que a comunicação direta é vivida como o perigo iminente de sua interrupção ou aniquilação.

A intenção de Pichon-Rivière seria compreender a articulação entre a personalidade constituída dos sujeitos e as condutas socialmente determinadas, para o que ele considera central a dimensão da comunicação. Segundo ele próprio declara:

O campo da infra-estrutura, depósito de motivos, necessidades e aspirações, constitui o inconsciente com suas fantasias (motivação), que são o produto das relações dos membros do grupo interno entre si (grupo interno como grupo mediato e imediato internalizado). [...] A ação e a decisão alicerçam-se nessa constelação de motivos e o ganho está mais relacionado com a apreensão do objeto do que com a descarga de tensões, como foi descrito por Freud. **A aprendizagem e a comunicação, aspectos instrumentais da conquista do objeto, possuem uma subestrutura motivacional. (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 12-13, grifo meu)**

5.2.3. A Teoria da comunicação presente no grupo operativo

A título de encerramento desta seção, cabe ainda comentar especificamente a origem da teoria da comunicação em que se fundamenta Pichon-Rivière. Em sua epistemologia convergente, como visto, ele dá grande ênfase a certa teoria da comunicação,

que transcendia o enfoque restrito no pólo emissor das mensagens e enunciava a necessidade da compreensão do sistema de relações. Segundo ele:

A teoria da comunicação nos oferece a vantagem de não nos obrigar a julgar se a conduta é boa ou má: sempre observamos simplesmente qual é a finalidade da comunicação, conscientes de que aquilo que o paciente está fazendo é única coisa que ele pode fazer nesse momento e nessa situação particular. Sempre temos a hipótese de que o paciente tenta se comunicar de algum modo. (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p. 118)

A perspectiva de Pichon-Rivière (2005, 2007) mantém estreita familiaridade com os trabalhos da Escola de Palo Alto, cuja contribuição para o campo da psicologia pode ser sintetizada no conceito de duplo-vínculo. O duplo-vínculo, segundo Watzlawick, Beavin e Jackson (1981), dá-se essencialmente quando se transmite uma mensagem estruturada que afirma algo, afirma algo sobre a própria afirmação e essas duas afirmações se excluem mutuamente. O receptor da mensagem ambígua não pode sair desse quadro de referência, seja comentando-o ou se desligando dele, e está num contexto em que duas ou mais pessoas estão envolvidas numa relação intensa que possui alto valor de sobrevivência física e psicológica para uma, várias ou todas elas. Esse receptor teria de reagir para desfazer a contradição, mas não pode, pois está impedido de manifestar seu conhecimento sobre a contradição ou problema real envolvido. A pessoa pode ser punida por suas percepções corretas ou discriminadas, se insinuar a discrepância entre o que percebe e o que deveria perceber.

Esse conceito do duplo-vínculo, ainda segundo Watzlawick, Beavin e Jackson (1981), representaria certas contradições de comunicação que estariam na base da equação etiológica da esquizofrenia, porque o sujeito em formação não poderia deslindar as contradições imanentes na relação, a ponto de se desligar totalmente da realidade intersubjetiva e se refugiar numa realidade intrapsíquica. Por isso, o trabalho da Escola de Palo Alto avançou sob a hipótese de que o sujeito esquizofrênico vive num universo em que seus hábitos não-convencionais resultarão adequados, o que foi sistematicamente estabelecido

em relações básicas, na família, por exemplo.

Segundo Watzlawick, Beavin e Jackson (1981), a comunicação se dá por meio da estruturação da linguagem (gramática, sintaxe e semântica), cuja pragmática analítica prevê interações simétricas, quando se reflete o comportamento, ou complementares, quando um comportamento completa um outro e constitui uma totalidade. Enfoca-se analiticamente a compreensão da função e da ambigüidade do entendimento da comunicação, considerando as infinitas posições dos indivíduos na relação. O duplo vínculo pode se dar, assim, justamente na colisão entre comunicação e metacomunicação compartilhada em dada relação.

Os trabalhos dessa Escola foram amplamente empregados em vários campos distintos, como no desenvolvimento de modelos de atendimento psicoterapêutico que focalizavam a intervenção em relações nos grupos, nas comunidades e outros circuitos de comunicação, como forma de compreender a modalidade de comunicação predominante e a correspondente estrutura psicológica nela engendrada. Esse conceito está presente não só nos grupos operativos, como também fundamentam, por exemplo, o legado da abordagem sistêmica no atendimento de grupos e famílias (FÉRES-CARNEIRO, 1996).

6. Metodologia, procedimentos e participantes

6.1. Método e procedimentos

A pesquisa de campo foi baseada em instrumentos de pesquisa qualitativa. O levantamento de informações foi realizado por meio de discussões em grupo, relatos de experiências, observações das atividades cotidianas e participação do pesquisador na prática cotidiana dos educadores. A intenção foi configurar a pesquisa como estudo de caso sobre o processo grupal na prática da educação (MINAYO, 1994; PERES; SANTOS, 2005). Os procedimentos de levantamento de informações empregados na pesquisa foram o grupo operativo, a entrevista individual aberta e o registro etnográfico de observação. A seguir, serão mais bem descritos e discutidos esses procedimentos.

Esses procedimentos não são categorizáveis como testes, experimentações, levantamentos epidemiológicos ou atendimentos clínicos com pessoas, cujos usos são regulamentados e devem ser submetidos à revisão ética da instituição em que se desenvolve a respectiva pesquisa, conforme a Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996), que também compreende pesquisas em psicologia. Além disso, o Artigo 16 do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005), orienta e instrui o profissional da categoria quanto ao encaminhamento de pesquisas e produção de conhecimento e tecnologia. Assim, mesmo opcionalmente, por compromisso com os participantes e por rigor acadêmico, este projeto de pesquisa e seus instrumentos

foram submetidos à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, do Instituto de Psicologia da USP. A solicitação foi encaminhada em setembro de 2006 e o parecer de aprovação foi emitido em dezembro do mesmo ano (ver Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP).

6.1.1. *Grupo operativo*

A fim de compreender mais estreitamente o processo dinâmico dos vínculos grupais, promoveram-se discussões em grupo com os educadores. Foram realizadas quatro sessões. Esses encontros foram orientados pela concepção de **grupo operativo** de Pichon-Rivière (2005), tendo como perspectiva a possibilidade de empregá-lo como dispositivo para explicitação e elaboração de conteúdos implícitos, emergentes nas relações entre os constituintes do grupo e entre eles e a instituição (FERNANDES, 1994a).

Para Pichon-Rivière (2005), essa técnica operativa de estudo do grupo como totalidade parte da análise das situações cotidianas para alcançar um conhecimento produzido socialmente, em momentos sucessivos de compreensão. Assim, ele mesmo define o grupo operativo:

O grupo operativo é a primeira instância de ancoragem do cotidiano. As relações cotidianas, os vínculos que põem em jogo modelos internos tendem a reproduzir-se nele. O enquadramento ou a técnica operativa do grupo (conjunto de constantes metodológicas que permitem a compreensão de um processo), através da *confrontação desses modelos internos* numa nova situação de interação, e na *análise de suas condições de produção*, facilitam a compreensão dos modelos sociais internalizados que geram e organizam as formas observáveis de interação. (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 245, grifos do autor)

No grupo operativo, foi realizada uma análise conjunta entre pesquisador e membros da equipe da Fundação sobre o processo grupal no respectivo projeto educ comunicativo que constituem. Isso permitiu tornar os participantes do grupo também agentes da pesquisa. Esperava-se estabelecer uma relação *eu-tu*, e não *eu-coisa*, com os participantes da pesquisa, na medida em que o objeto de conhecimento diz e esclarece ao pesquisador, tornando-se sua companhia de contemplação e de transformação (SANTOS, 1989, p. 13).

A realização do grupo operativo como instrumento de pesquisa grupal previu a presença de um Coordenador e de um Observador. As funções do Coordenador foram orientar os procedimentos e colaborar para o grupo pensar o seu processo e refletir sobre isso. As funções do Observador foram registrar detalhadamente os acontecimentos do processo grupal e oferecer subsídios para uma avaliação geral do processo do grupo para a análise. Esse Observador permaneceu silente nos encontros, como opção procedimental. As reuniões do grupo operativo foram analisadas em reuniões de supervisão com a própria orientadora deste projeto de pesquisa.

O convite para participar das reuniões de grupo operativo foi estendido a toda a então equipe de educadores do projeto de educomunicação. A participação foi voluntária. Na proposta original da pesquisa, conforme orientações técnicas para a realização dos grupos operativos, a previsão era realizar os grupos com até dez participantes. Mas, considerando a oportunidade de realizar a pesquisa com a equipe de educadores formadores e as suas particularidades (quantidade, disponibilidade e interesse), optou-se por estender o limite de pessoas para vinte, o que contemplaria a totalidade de educadores da equipe.

Foi reunido um grupo que chegou a vinte e dois membros participantes. Eles eram instrutores e supervisores de atividades dos vários programas da instituição e compunham a equipe do projeto de educomunicação. A participação foi formalizada por meio do Termo de

Esclarecimento e Consentimento (TEC) (ver Anexo B – Termo de Esclarecimento e Consentimento para participar do grupo operativo), conferido e assinado pelos participantes, antes de iniciar a discussão do grupo. Foram inseridos educadores até o segundo encontro do grupo operativo, conforme o estabelecido entre pesquisador e participantes do grupo.

De acordo com a disponibilidade da agenda de atividades da equipe de educadores, foram realizadas quatro reuniões dos grupos operativos, em 16/08, 05/09, 20/09 e 25/10 de 2007, todos em quintas-feiras, cujas durações foram de aproximadamente duas horas e início agendado para às 10h, exceto a terceira, que foi às 14h. Essas ocasiões foram inseridas na programação de atividades da equipe.

Na proposta original, seriam realizadas cinco sessões, preferencialmente em semanas subseqüentes. Mas, também por causa das circunstâncias da realização da pesquisa nessa instituição, que estava repleta de atividades em sua programação, optou-se por reduzir o número de sessões e as distribuir com um intervalo diferente de tempo. Mesmo com esses ajustes, foi possível encaminhar o procedimento de pesquisa e perpassar certos momentos do processo grupal, como a abertura do grupo (uma sessão), o desenvolvimento do processo (duas sessões) e o encerramento da atividade (uma sessão).

As sessões do grupo operativo foram gravadas em áudio e transcritas. Essas transcrições foram apresentadas aos participantes do grupo, em 26/06 de 2008, ocasião que foi previamente agendada com a coordenação do projeto, inserida na programação de atividades da equipe e comunicada pelo pesquisador a cada participante do grupo operativo. As transcrições foram submetidas a uma avaliação conjunta com os participantes, quando puderam comentar o resultado e assinalar possíveis revisões no texto a ser concluído (ver Anexo C – Transcrições das reuniões de grupo operativo). Essa participação da equipe na avaliação da transcrição também pôde subsidiar a análise final da pesquisa (QUEIROZ, 1983; BOSI, 2003; SCHMIDT, 2003).

6.1.2. Entrevistas individuais

A fim de ampliar as informações sobre o funcionamento do projeto de educomunicação na Fundação, com base em perspectivas diferentes do papel exercido pelos educadores no referido processo, foram realizadas duas entrevistas individuais e abertas. Essa técnica de pesquisa permitiu uma flexibilidade necessária e suficiente para o entrevistado configurar o campo da entrevista com base em sua estrutura psicológica particular e que atravessa a questão abordada (BLEGER, 1980), de modo a permitir certo aprofundamento o campo de pesquisa, com base na variação de expressões das pessoas que exercem diferentes funções em relação ao grupo estudado. Os resultados das entrevistas constituíram elementos estratégicos para parametrizar o conhecimento proporcionado pelos grupos operativos.

A escolha das pessoas a serem entrevistadas levou em consideração a relação direta delas com a realização do projeto educutivo. Foram entrevistadas a Coordenadora do Projeto de Educomunicação na Fundação e a Assessora do NCE para o Projeto. Elas foram convidadas a conceder a entrevista e se dispuserem voluntariamente a participar, devidamente de acordo com o Termo de Esclarecimento e Consentimento (TEC), previamente apresentado (ver Anexo D – Termo de Esclarecimento e Consentimento para participar da entrevista).

As entrevistas foram realizadas em 11/07 de 2008. Cada uma durou aproximadamente pouco mais de uma hora. Elas foram gravadas em áudio, transcritas e apresentadas para as respectivas entrevistadas, em 14/08 de 2008, via correio eletrônico³¹, a fim de realizarem uma avaliação e poderem emitir seus comentários sobre o resultado e sugerirem alguma revisão no texto (ver Anexo E – Transcrições das entrevistas individuais)

³¹ Esse procedimento de revisão a distância do texto foi adotado porque uma das entrevistadas mudou-se do país entre a realização da entrevista e a apresentação da transcrição. Ambas confirmaram o recebimento das transcrições.

(QUEIROZ, 1983; BOSI, 2003; SCHMIDT, 2003).

6.1.3. Registros de observações e coleta de outros materiais

Os **registros de campo** foram sendo constituídos pela confecção de um caderno de registros diários sobre fatos, observações e reflexões proporcionados pelo contato direto com a atividade de organização das pessoas constituintes do respectivo projeto de educomunicação. Visou-se compor um panorama do lugar e das relações que o grupo de educadores estabelecia.

Além disso, outros elementos considerados relevantes para um aprofundamento da pesquisa sobre o vínculo no grupo, como imagens, produções de mídia e mensagens. Esse método está apoiado em reflexões de Lüdke (1986), acerca de abordagens qualitativas na pesquisa em educação; de Zaluar (1986) e Minayo (1994), acerca do método da pesquisa qualitativa; e de Sato e Souza (2001), acerca da etnografia em pesquisa de psicologia.

6.2. Processamento, análise e interpretação da pesquisa

Os procedimentos de sistematização e de análise dos dados seguiram orientações da pesquisa social e de estudos de caso (GOMES, 1994; PERES; SANTOS, 2005). A configuração do contexto do campo de trabalho foi construída principalmente pelo instrumento de registros de observações.

A organização dos materiais coletados (observações e registros) na realização dos

grupos operativos, as transcrições das reuniões e das entrevistas individuais, a supervisão dos grupos operativos e outros recursos subsidiaram a análise e a reflexão sobre o processo grupal na equipe de educadores e no projeto. Trata-se de colocar em questão a organização grupal explícita da equipe que está presente nas atividades como educadores na instituição, mas também se trata de identificar outros fenômenos relevantes para o funcionamento grupal que possam estar implícitos ou ocultos.

Foi formulado um roteiro para orientar relatos analíticos e comentados das reuniões, adaptado de Saidon (1986) e Gayotto (2003), que consistiu em apresentar as reuniões em relação àquilo que a antecedeu, à abertura, ao desenvolvimento e encerramento e a observações gerais sobre o processo. Esses tópicos do roteiro dizem respeito ao processo de andamento do grupo e a suas dinâmicas e temáticas ao longo das discussões. Foram produzidos relatos de cada reunião do grupo operativo, de modo a apresentar e discutir cada uma delas, em particular, e proporcionar nelas o enfoque como fonte principal para a análise. Assim, espera-se não só constituir algumas considerações sobre como a noção e a prática de grupo está presente na vida da equipe do projeto educativo, mas também poder acompanhar o processo por que o grupo passou nas reuniões.

Em relação às conclusões decorrentes da análise, fazem-se necessárias algumas considerações. As dimensões de investigação sobre o vínculo grupal propostas por Pichon-Rivière (2007), e que continuam a orientar pesquisas no campo da psicologia de grupos, como para Fernandes (1989, 1994a, 2004) e para Broide (2006), são a individual, a grupal e a institucional. Pichon-Rivière ainda sugere que os tipos de análise decorrentes devem considerar o caráter integrado dessas dimensões. Um primeiro tipo de análise é a psicossocial, que se direciona para a compreensão da estrutura e o funcionamento do mundo interno do indivíduo, dimensão em que incide a estrutura social e grupal da qual ele faz parte e que faz parte dele. Um segundo tipo de análise é a sociodinâmica, que se direciona para a

intersubjetividade, as modalidades de ligação entre os sujeitos no grupo, na comunidade. E um terceiro tipo de análise é a institucional, em que se busca compreender as condições sociais ou comunitárias que circunscrevem ou determinam as relações grupais e individuais.

As entrevistas individuais foram empregadas como subsídios para incrementar a reflexão sobre a construção dos vínculos entre as pessoas na prática educ comunicativa da Fundação. Em si mesmas, são objetos fecundos de estudo, mas a opção desta pesquisa foi priorizar a reflexão em torno da realização dos grupos operativos.

Os materiais coletados e os registros de observação constituíram subsídios para compor o panorama de funcionamento da instituição e da equipe de educ comunicadores. Eles puderam indicar também dimensões não previstas do lugar da pesquisa, que foram relevantes para compreender com mais profundidade as dimensões institucional e grupal.

6.2.1. A Fundação, o projeto educ comunicativo e os participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada com uma equipe de educ comunicadores de uma instituição educativa assessorada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE). Este assumiu o compromisso de oferecer o apoio necessário, formalizado no Termo de Compromisso (ver Anexo F – Termo de Compromisso da Instituição). O apoio do NCE contribuiu como precaução necessária e estratégica para evitar precipitações ou interrupções previsíveis no decorrer do período de pesquisa de campo, pois os projetos educ comunicativos têm sido marcados por uma sazonalidade devida a decisões institucionais e a mudanças políticas nos governos.

Em conjunto com o NCE, foram levantados os projetos educ comunicativos em andamento no primeiro semestre de 2007, e que continuariam nos semestres seguintes.

Verificou-se qual deles ofereceria as condições necessárias para a pesquisa ser desenvolvida, optando então pela instituição que, nesta pesquisa, será denominada Fundação.

O pesquisador responsável, por intermédio do supervisor geral do NCE, em maio de 2007, encaminhou uma carta de apresentação da proposta de pesquisa para a coordenação do projeto educ comunicativo da Fundação (Anexo G – Carta de apresentação da proposta da pesquisa à instituição). A carta foi recebida e avaliada pelos coordenadores e pela equipe do projeto. O pesquisador foi convidado para apresentar e esclarecer pessoalmente a pesquisa à equipe dessa instituição indicada pelo NCE. Em julho seguinte, a pesquisa foi apresentada como parte da proposta de atividade do NCE na instituição para o segundo semestre do ano. A proposta foi aceita pela equipe e pela instituição. Foi estabelecida uma agenda para as atividades de pesquisa, que se enquadrou dentro da programação de atividades previstas para o segundo semestre de 2007.

6.2.2. *A Fundação*

A instituição que acolheu esta pesquisa em seu projeto de educação é uma autarquia municipal de uma cidade de porte populacional grande, que soma quase 600 mil habitantes, e está localizada no interior de São Paulo. A atividade econômica da cidade é diversificada, entre agrícola, serviços e indústria, esta última atividade em que a cidade se destaca pela presença de empresas de alta tecnologia de vários segmentos (petróleo, aeronáutica, automóveis, metalurgia, química etc.). A cidade, por outro lado, vive problemas de cidade marcada pela desigualdade social, com violência, trânsito, ausência de infraestrutura pública para garantir direitos sociais (educação, saúde, assistências social etc.).

A Fundação completou vinte anos em 2007. Segundo ela, sua origem remonta a

iniciativas da década de 1970 para enfrentar os crescentes problemas assistenciais da cidade e promover a inserção social. A cidade crescera muito e desorganizadamente na década anterior, como fruto de sua industrialização acelerada, o que mudou o perfil populacional e deixou uma série de consequências para serem resolvidas, daí por diante, segundo a Fundação.

Essa instituição que acolhe a pesquisa é atualmente responsável por uma grande parte dos programas de atendimento socioeducativo a crianças e adolescentes da cidade. Ela faz parte de uma intenção de a Cidade se manter como vanguarda e referência em atendimento a crianças e adolescentes. Seu serviço se diversifica, entre outros, em três programas principais:

- o *Criança*, baseado em atividades de lazer e lúdicas, para crianças e adolescentes, de sete a treze anos;
- o *Arte-educação*, baseado em atividades pedagógicas de educação social e arte para adolescentes, de treze a quinze anos;
- e o *Aprendiz*, que é focalizado no ensino profissionalizante de adolescentes, de dezesseis a dezoito anos.

Esses programas e outras atividades da Fundação são financiados principalmente por recursos públicos municipais, mas há também parcerias específicas com empresas privadas, por projeto ou programa, em financiamento ou mesmo na sua execução, como é o caso do *Aprendiz*, que tem parcerias com empresas da própria cidade para formar os adolescentes. A Fundação tem unidades de atendimento espalhadas por toda a cidade, onde as crianças e adolescentes têm acesso aos programas oferecidos. Durante a realização da pesquisa, somava-se 22 unidades, incluindo sua sede. A seguir, será apresentado um trecho do texto de apresentação da instituição que se encontra em sua página virtual, na internet:

Formando hoje os cidadãos de amanhã

Instituição sem fins lucrativos criada pela Prefeitura Municipal de [...], a Fundação tem como principal objetivo, com respaldo no ECA (Estatuto da

Criança e do Adolescente) atender crianças e adolescentes de 7 a 18 anos provenientes de classes menos privilegiadas ou de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social. É o maior projeto social da Cidade, atendendo hoje mais de 8 mil alunos. A Fundação garante a estas crianças e adolescentes os serviços sociais básicos, como apoio educacional, alimentação, saúde, além de orientação pedagógica e encaminhamento profissional.

- Para permanecer na Fundação, os assistidos devem estar matriculados e freqüentando os cursos regulares das escolas públicas. Assim, a instituição colabora também no combate à evasão escolar.

- Com cursos, projetos e ações de apoio a crianças e adolescentes dos 7 aos 18 anos, que são promovidos tanto em sua sede como nas 21 unidades regionalizadas e instaladas estrategicamente em bairros da cidade, a Fundação cumpre uma importante atividade social. Este trabalho foi de fundamental importância para a Cidade ter recebido o título de Cidade Amiga da Criança do Unicef, órgão ligado à ONU. Em 2000 foi certificada pela ISO 9001.2000 pela Fundação Carlos Alberto Vanzolini, sendo a primeira instituição em sua área a possuir o selo de qualidade.

- Todo o atendimento realizado pela Fundação é gratuito e, para garantir estes serviços, ela conta hoje com um percentual do orçamento do município, recursos provenientes de contribuições, parcerias e convênios com instituições públicas e privadas, empresas, comunidade, além de recursos próprios, garantindo assim a abertura de novos horizontes para crianças e adolescentes

6.2.3. *O Projeto*

O projeto de educomunicação na Fundação nasceu de uma parceria com uma ONG, em 2005. Alguns instrutores do Programa de Arte-educação foram convidados a fazer um curso de extensão universitária sobre educomunicação, oferecido pelo NCE. Eles precisaram realizar um trabalho de conclusão de curso que se baseava na inserção da educomunicação nas suas atividades educativas.

No ano seguinte, em 2006, a Fundação incorporou os projetos de educomunicação em suas atividades do Programa de Arte-educação. Foi constituído um grupo para realizar um projeto mais amplo com os adolescentes, que reunia rádio, jornal, fotografia e internet, em várias unidades da Fundação, com assessoria do NCE. Essa ampliação envolveu não só a inserção de novos instrutores e especialistas na equipe, como também adolescentes, o que foi

inicialmente motivo de estranhamento da equipe, segundo relata a Coordenadora do Projeto:

Então, quando esse grupo, é... ele iniciou os trabalhos de educom, em 2005, o grupo tinha uma preocupação, que o grupo permanecesse o mesmo, que não entrasse novos membros, que preservasse a identidade desse grupo, é... que eles tinham que conhecer muito de educomunicação para, depois, convidar adolescentes para participar. E foi interessante que, nesse primeiro momento, assim, quando a gente foi fazer o contato com o professor Hermeto [Coordenador do NCE], é... a condição, para ter a formação em educomunicação é que tivesse adolescentes. Mas esse grupo não... A gente não conseguia entender, é... por que nesse momento tinha que ter adolescentes. Porque na nossa... na nossa lógica, assim, é, primeiro o professor tinha que aprender, né, para depois os meninos... enfim, ensinar para os meninos. Então, esse era um conceito de ensino-aprendizagem que a gente tinha até então. E a partir do momento que a gente foi conhecendo, foi estudando um pouco mais, que a gente falou: “Não, realmente, não dá para ser, se não tiver adolescentes nesse grupo.”, né? Então, em 2006, a gente, é... ampliou, né, o grupo. A gente convidou alguns adolescentes para participar. E esse grupo, ele se estranhou um pouco, né? No início, por conta de que é difícil o professor sair do seu lugar de professor, né, e... e entrar no lugar de quem estava ali para aprender, né? E aprender e ensinar ao mesmo tempo. E os adolescentes também. Então, houve um estranhamento muito grande no início desse trabalho, né? Então, o professor se colocava muito, os adolescentes se... é... falavam muito pouco, né? E aí o próprio grupo começou a se policiar: “Espera aí, mas vamos deixar os meninos falarem, né? Os adolescentes têm coisas a dizer.” E a gente começou a ter a... a ter esse... essa preocupação, né, de que os meninos participassem mais.

A dedicação dos educadores ao projeto foi inicialmente relacionada com a tarefa de conclusão do curso de extensão universitária. A incorporação dos projetos nas atividades do Programa de Arte-educação permitiu que continuassem os projetos propostos e desenvolvessem outros. Desde então, esses educadores realizam a atividade de educomunicação em unidades diferentes e paralelamente com as outras tarefas de que são incumbidos na instituição ou mesmo fora do expediente de trabalho. Durante a semana, a quinta-feira passou a ser reservada para a equipe, o que passou a ser realizado adiante no Centro de Referência em Educomunicação, quando este foi criado, para realizar tarefas do projeto e planejar as ações. A condição da rotina de trabalho dos educadores com o projeto foi extensamente refletida pelos educadores, o que poderá ser mais bem avaliado nos relatos sobre os grupos operativos, mas também foi objeto de reflexão da Coordenadora e da Assessora do projeto, como seguem:

É uma miscelânea de coisas acontecendo! (risos) Eu estava dizendo para... para a Raquel que, é... às quintas-feiras é o dia, a gente fala que é o dia do Educom na Fundação. Porque, assim, eles se reúnem no Centro de Referência e a gente se organiza nesse dia, porque nos outros dias a gente tem outras coisas, outras funções a desenvolver na Fundação. Mas nesse dia, em especial, a gente está lá... E esse grupo tenta se organizar assim, a gente tem o cronograma semestral, né, e cada um sabe o que tem que fazer. A gente deixa isso tudo muito amarrado no início do semestre. Então, eu sei que meu grupo vai ter que dar uma... um *workshop*, ham... no mês tal; então, eu me organizo com o meu grupo, é... Então, assim, eles têm uma caminhada individual e, ao mesmo tempo, é, respeitando as ações que o grupo tem que cumprir, né? (Elisabete, Coordenadora do Projeto, grifos meus)

Há conflitos, por exemplo, dos profissionais que estão, desde o início, né, é, se desdobrando para cumprir com as suas atividades. Prestaram um concurso para desempenhar um papel de educador, né? E, desde quando eles começaram a fazer parte da capacitação em educomunicação, *eles acumularam coisas, porque eles tinham... têm, né, um compromisso de... de tocar um projeto na unidade nessa área, e não são... não ganham mais nada por isso.* Mas, ao mesmo tempo, a instituição está cedendo porque a gente ganhou inicialmente um... [...] Inicialmente a gente... Ganharam, né, conquistaram, sei lá, é, um... um dia exclusivo na semana só para isso. É... depois, ham, um espaço físico, que é o Centro de Referência, para isso. A capacitação, que antes era bancada pela ONG A, quando perdemos a parceria com a ONG, a própria Fundação, né... Claro, isso também foi muito da boa vontade da gente, né? Eu, ahm... Nós trabalhamos com um número muito restrito de pessoas do NCE. E eu e o professor Hermeto continuamos tocando essa parceria porque a gente aposta muito no trabalho, mas a gente reconhece que... a gente sabe que a gente também não vai agüentar muito tempo, se a gente não conseguir recursos, porque... Você, para vir para cá, você tem custos, né, quando você vem para cá. E a gente quer se dedicar, quer doar o nosso tempo e a gente precisa, é, ser remunerado para isso. Os educadores passam pela mesma situação. (Bethânia, Assessora do NCE)

No ano de 2007, em parceria com o NCE, a Fundação criou um Centro de Referência em Educomunicação. O objetivo seria criar um pólo organizador da equipe e das produções educomunicativas e multiplicar a proposta na região. Esperava-se continuar e ampliar o assessoramento a escolas públicas e a ONGs locais a realizarem projetos de educação e comunicação. Esperava-se também ampliar a cobertura do projeto dentro da própria Fundação, estendendo-o a mais unidades e programas. Além disso, durante a realização da pesquisa, em 2007 e 2008, havia a perspectiva de a Fundação criar uma emissora de televisão comunitária, que poderia ficar sob a coordenação da equipe do projeto de educomunicação, ainda com o assessoramento do NCE.

O acompanhamento do projeto pelo pesquisador avançou com os grupos operativos, as entrevistas e o acompanhamento de algumas atividades do projeto, até julho de 2008. Nesse momento, a coordenação do projeto solicitou-lhe que aguardasse enquanto fossem resolvidos alguns assuntos particulares do projeto na Fundação. Nessa época, a coordenação e a organização do projeto passariam por mudanças, tanto em relação à substituição da Coordenadora, que estava desligando-se da instituição, quanto à própria busca de fontes extras de recursos para viabilizar certos avanços no projeto.

Em agosto de 2008, quando o pesquisador retornaria a atividade de pesquisa, a instituição passou por um período de greve, o que fez adiar novamente a retomada da pesquisa. Após essa greve, em meados de setembro, solitado pelo pesquisador para saber se poderia reiniciar o levantamento de dados na instituição, a coordenação do projeto informou que o Educom na Fundação passava por uma reformulação, e, por isso, pediu-lhe para que se aguardasse um contato posterior deles indicando quando poderia completar a pesquisa.

Até o final de 2008, a coordenação do projeto não se comunicou com o pesquisador, conforme havia sido proposto por ela. Portanto, considerando o já relevante material reunido (registros de grupos operativos, entrevistas e observações de atividades e eventos) e o avançar do prazo de conclusão da pesquisa, o pesquisador deu por encerrada essa etapa de pesquisa de campo.

6.2.4. A Equipe do projeto educomunicativo

A equipe do projeto educomunicativo, no segundo semestre de 2007, período de realização desta pesquisa, reunia profissionais de distintas formações (pedagogia, direito,

publicidade, artes, comunicação social, informática, matemática, entre outras). Eles eram oriundos de vários programas e setores da Fundação, às vezes de mais de um. Os cargos ocupados na hierarquia da instituição eram em posições mais subordinadas, como o dos instrutores, ou intermediários, como os especialistas da equipe multidisciplinar.

A Coordenadora do projeto, psicopedagoga, coordenava também a equipe do Programa Arte-Educação. A maioria dos membros da equipe do projeto de educomunicação é de profissionais que ocupavam a função de instrutores de educação, de áreas diferentes de ensino, como informática, arte e meio ambiente. Alguns outros membros da equipe de educomunicação provinham de uma equipe multidisciplinar de assessoramento aos programas da Fundação, que realizavam orientação e supervisão das atividades. Havia a demanda de inserção de novos membros na equipe para ampliar a quantidade de formadores capacitados a implementar o plano de extensão da educomunicação na Fundação.

A seguir, será apresentado um quadro que reúne informações de todos os participantes das reuniões do grupo operativo (ver Ilustração 5). Trata-se de dados sobre formação, cargo e tempo no projeto e na Fundação. O quadro foi baseado em informações compartilhadas espontaneamente pelos participantes, quando se apresentaram no grupo operativo, por isso ele consta com algumas omissões.

Pseudônimo (22 participantes)	Formação	Cargo/Função	Tempo no projeto	Tempo na Fundação
Adriana	história e psicopedagogia	instrutora de informática		
Antônio	gestão empresarial, propaganda e artes gráficas	equipe de artes		
Caetano	comunicação - publicidade e educação	instrutor	2 anos e meio (1ª turma)	
Daniela	publicidade e propaganda	instrutora		
Elis	pedagogia	equipe multidisciplinar	2 meses	
Fernanda		professora de turismo e hotelaria	ingressante	
Fred	direito e artes cênicas	instrutor	2 anos e meio (1ª turma)	
Gilberto	publicidade	instrutor	2 anos e meio (1ª turma)	
Guilherme	estudando ciências biológicas	educador ambiental	2 anos e meio (1ª turma)	11 anos
Daniel	educação artística - música	instrutor	2 anos e meio (1ª turma)	
Maria	estudante de pedagogia	instrutora	1 ano	3 anos
Mariane	pedagogia e matemática	professora de informática		
Marisa	psicopedagogia	equipe multidisciplinar (psicopedagoga)	1 ano e meio (2ª turma)	
Nara		equipe multidisciplinar (orientadora pedagógica)		
Paula		instrutora		3 anos
Plácido		professor de português		
Priscilla		instrutora de informática	ingressante	
Roberto	estudante de jornalismo	estagiário	2 meses	idem
Rosana	pedagogia	instrutora		5 anos
Teresa		equipe multidisciplinar		
Vanessa	estudante de serviço social	educadora ambiental		
Zélia	psicologia	equipe multidisciplinar	1 ano e meio (2ª turma)	

Ilustração 5 - Quadro de informações sobre os participante do grupo operativo.

7. Relatos das reuniões de grupo operativo

7.1. Relato da 1ª reunião

Essa reunião foi realizada no dia 16 de agosto de 2007, na sala de exposição de educação ambiental do CRE. Ela foi iniciada às 10h e contou com a presença de dezesseis membros da equipe do projeto de educomunicação da Fundação.

O que precedeu

A equipe de educadores realizava atividades programadas do projeto de educomunicação. Eles estavam reunidos em subgrupos com estudantes das respectivas unidades em que atuam para planejar os seus projetos.

Enquanto isso, as coordenadoras da equipe e do CRE combinaram com o pesquisador o local para a realização da reunião do grupo operativo. Escolheram a sala de exposição ambiental, já que o salão de formação da equipe estava ocupado para a preparação de uma exposição especial da Semana de Meio Ambiente da Fundação.

O pesquisador e a coordenação avisaram aos membros da equipe sobre o local da reunião. Estes começaram a chegar aos poucos e atrasados. O Coordenador apresentou o Termo de Esclarecimento e Consentimento (TEC) para os participantes e aguardou os

membros da equipe decidirem participar para poder iniciar a reunião do grupo operativo.

Uma participante pediu esclarecimento sobre poder permanecer na reunião para, depois, decidir se participaria do grupo operativo. O Coordenador esclareceu que ela precisava mesmo concordar com o TEC para permanecer, pois isso já era participar da pesquisa. Em seguida, ele esclareceu também que poderia desistir em qualquer momento.

Após alguns instantes, como os membros da equipe não entregavam as suas fichas do TEC concordando com a pesquisa nem informavam que não participariam, a equipe de pesquisa (Coordenador e observadora do grupo operativo) solicita que quem já tivesse lido e concordasse com as condições, entregasse os documentos para poder iniciar a reunião depois que todos entregassem. Quem não concordasse, como estava informado no TEC, não poderia participar da reunião. Alguns participantes recolheram os TECs de seus pares e entregaram para a observadora e o Coordenador.

Após a conclusão da entrega dos TECs pelos membros que participariam da pesquisa, todos os presentes, o Coordenador informou que iniciaria a reunião e o grupo operativo. Nesse momento, alguns participantes comentaram que se sentiam preocupados com a gravação. O início do grupo operativo aconteceu após a formalização do TEC. Havia uma preocupação manifesta com a gravação, “Dá uma desconfiança, né, no gravador...”, explicitada pelo participante Guilherme. Quando, aparentemente, todos os membros da equipe chegaram e seria iniciada a reunião, o mesmo participante comenta como se não teriam mais volta para algo que não indesejado ou perigoso, “Fechou já. Já era!”, ao fechar a porta da sala.

Alguns participantes chegaram depois de a reunião ter sido iniciada. O Coordenador pediu que eles lessem o TEC e que só continuassem na reunião se concordassem com as condições informadas. Eles leram e concordaram em participar. Um desses participantes não entregou a Ficha de participação do TEC, o que só foi notado posteriormente.

O atraso da maioria dos participantes e o estranhamento de alguns aspectos do enquadre

de organização da reunião, tanto o formato regado por horário quanto a formalização da participação na pesquisa por meio do TEC, já manifesta um estado elevado de ansiedade do grupo em relação à realização da reunião.

Abertura

O Coordenador apresenta o enquadre da reunião e recapitula os dias e horários combinados. Depois, pergunta se havia algum esclarecimento ou sugestão sobre isso.

A questão do horário da reunião chamou a atenção de vários participantes. Guilherme levanta a possibilidade de as reuniões serem atrasadas por causa das atividades que as precedessem, como segue: “Depende do que começa antes dessa reunião, né? Porque não é a primeira atividade do dia. Então, quer dizer, a primeira pode atrasar e pode atrasar a segunda. Mas, caso não aconteça isso, não tem”. No entanto, ele e outros participantes não sabiam exatamente o que teriam para fazer. O próprio Guilherme também pergunta ao Coordenador se seriam necessárias as duas horas previstas para realizar a atividade, “O que você tem que fazer tem que ser duas horas?”.

A questão do possível atraso fica sendo discutida, ainda sem solução, por alguns momentos, até que Elis comenta que consultou a agenda e conferiu que seriam sempre atividades de planejamento dos projetos, antes da reunião do grupo operativo. Outros participantes manifestam concordância com ela. Ela ainda sugere que seria possível aos membros da equipe organizarem o tempo da atividade anterior para a encerrar a vinte minutos da reunião do grupo operativo, o que lhes proporcionaria um intervalo para descansar e tomar um café.

A ansiedade no grupo em relação à reunião continua sendo manifestada, agora por

meio dessas falas relacionadas com a gravação da discussão e aos questionamentos sobre o horário de início das reuniões, como se previssem ou programassem o atraso. Nota-se, possivelmente, a antecipação de mecanismos de defesa do grupo em relação ao que poderia acontecer na reunião e que os aflige. Isso que tende ser reproduzido no grupo, como previsto na técnica do grupo operativo, faz parte do cotidiano da equipe do projeto e ainda não é de conhecimento do Coordenador.

O Coordenador considera que a dúvida sobre a atividade precedente estava encerrada, pois o debate a respeito cessou. Ele confirma que as reuniões seriam iniciadas no horário previsto e, incorporando a preocupação de Guilherme, propõe dez minutos de tolerância para iniciar a atividade do grupo. Os participantes concordam com a proposta e o Coordenador inicia uma rodada de apresentações dos membros do grupo. Ele sugere que cada um fale nome, formação, cargo ou função na Fundação e expectativas em relação ao grupo, como segue:

[...] queria saber um pouquinho, o nome, saber algumas coisas, né? Saber o nome, a formação de vocês, qual é a tarefa e qual cargo que está exercendo na Fundação e, um pouco, qual a expectativa particular em relação a discutir a questão do grupo na educomunicação, que é o tema geral que vai nortear os próximos encontros, né, como é um pouco o que a gente está fazendo aqui.

O Coordenador apresenta-se primeiro. Ele destaca a sua experiência anterior com a educomunicação como origem da idéia da pesquisa e a expectativa de contribuir com os conhecimentos de grupo na educomunicação. Em seguida, a observadora se apresenta e também destaca a experiência anterior dela com a educomunicação. Além disso, ela informa que permaneceria silente durante as reuniões, restringindo sua atividade a registrar os fatos e as discussões na reunião para auxiliar a análise do grupo para a pesquisa.

Há uma hesitação inicial para os membros da equipe de educadores apresentarem-se. Passaram alguns instantes de silêncio, até que uma participante começasse a se apresentar. Segue uma síntese da apresentação de cada participante, de acordo com a sequência em que se

manifestaram:

- Zélia, psicóloga que está há um ano e alguns meses no Projeto Educom. Comenta estar contente com pesquisa porque fala sobre sentimento, emoção e afetividade, que atravessa vários trabalhos e o Educom.
- Gilberto, instrutor da Fundação, que é formado em publicidade e destaca não o ser, em educação. Ele comenta que espera da discussão uma reflexão sobre educomunicação na Fundação, esta que ainda não estaria adaptada para essa prática, pois considera haver choque entre educação tradicional e educomunicação.
- Adriana, formada em história e pós-graduada em psicopedagogia, que trabalha com informática educativa. Informa que está no Educom desde o ano anterior, começando com rádio comunitária. Ela comenta que não tinha noção da educomunicação e aprendeu junto com alunos, o que considera enriquecedor.
- Mariane, formada em pedagogia e matemática, que trabalha com informática na educação. Ela diz esperar educação melhor para todos, pois tem três filhos e trabalha com crianças. Comenta que a educomunicação muda muito para a criança, pela observação daquelas com as quais trabalha.
- Elis, que está há dois meses no Educom, informa não saber se deveria estar na reunião. Informa que é pedagoga e membro da equipe “multi”. Afirma que considera participar do Educom como importante para entender o processo educ comunicativo e auxiliar os instrutores. Esclarece que só leu a respeito da educomunicação, até então. Comenta que espera entender o que a educomunicação propicia na relação entre educador e adolescente, em trabalho conjunto.
- Daniela, que é formada em publicidade e propaganda. Ela considera que o Educom é o futuro e que mudar a escola tradicional é o caminho a seguir. Comenta ter um interesse grande pela educomunicação, mas acredita que tem ainda de avançar a aprendizagem na

área.

- Paula, que está há três anos na Fundação, comenta que trabalha com informação, mas principalmente com relacionamento. Comenta também que as crianças levam ansiedade para resolver no grupo de discussão. Ela espera “esclarecer”, mas não informa exatamente o quê. Informa ter mais expectativa com arte-educação do que com educomunicação.
- Maria Rita, que prefere ser chamada de Maria, informa que está há três anos na Fundação, está cursando pedagogia na *universidade A* e está há um ano no Educom. Ela comenta que os momentos de troca com educadores e com crianças chamam a atenção e que é bom fazer coisas diferentes a cada dia. Ela deseja envolver novas crianças com as quais trabalha na unidade. Por fim, ela informa que espera contribuir para a pesquisa.
- Fred, que informa ser formado em direito, mas sem o exercer profissionalmente, só como estagiário. Informa que também trabalha com teatro, há dezesseis anos, e que tem formação como ator, com matérias de pós-graduação na *universidade B*, em artes cênicas. Ele explica que parou de fazer o curso de artes para começar o curso do Educom. Ele comenta que gostava do Educom porque já praticava, só que não sabia o conceito. Espera diálogo no grupo e considera que, muitas vezes, a Fundação pensa uma coisa e faz outra, como capacitar em educomunicação, que supõe intervir em relações de poder, e a instituição não entende isso. Comenta que acha bom a Fundação colocar em discussão a intervenção, apesar de não acreditar que essas coisas dêem certo; mas, cogita que isso pode dar certo. Ele informa que trabalha na rádio e que saiu do teatro, em que deixou de oferecer oficinas de teatro.
- Caetano, que é formado em comunicação com habilitação em publicidade e atua como instrutor, informa ser especializado em educação. Relata que participou do curso da primeira fase do Educom na Fundação. Comenta que espera discutir pelo prazer da discussão e entender a implantação do plano político pedagógico institucional, pois vê

ações acontecendo e uma outra “força” na “política da instituição”.

- Daniel, que é formado em educação artística e habilitado em música, informa que está no Educom desde sua primeira fase. Informa também que trabalha com rádio na Fundação. Ele diz concordar com Caetano sobre um movimento de mudança e um contrário, que barra e pára as coisas, como uma briga.
- Teresa, que trabalha na equipe multidisciplinar, coordenando os professores, esclarece que não tem um grupo de crianças e adolescentes e participa do acompanhamento em unidades. Ela diz ser curiosa em relação à interface de arte e educação.
- Vanessa, que trabalha na *unidade A*, informa que é educadora ambiental e cursa serviço social. Esclarece que está trabalhando questão ambiental voltada para o consumo consciente e, em educomunicação, está trabalhando primeiro o respeito a cada um expor as idéias. Considera que está engatinhando na educomunicação e que há gente há mais tempo no projeto, e que sabe mais. Ela afirma estar aprendendo a trabalhar a questão da educação.
- Rosana, que é formada em pedagogia, informa estar na Fundação desde 2002, em atividades com artes. Comenta estar em projeto bem distante da Fundação, o Adolescer, que trabalha com adolescentes em cumprimento de “medidas [socioeducativas]”. Ela esclarece que esse trabalho exige um prazo curto, de dois meses, com os meninos, o que o torna muito difícil. Ela comenta que quer trabalhar artes e a Fundação cobra trabalho com comunicação. Informa que sempre gostou de comunicação, e que o pai e o irmão trabalham na área. Ela comenta também que fez pedagogia para trabalhar melhor com os meninos, mas não sabe se era isso que gostaria de fazer na vida, pois gosta de trabalhar com artes e imagem. Relata que vive dois lados de uma cobrança por artes e comunicação, tem dificuldade de tempo com os meninos e não consegue criar um vínculo com eles. Assinala, por final, que não está querendo refletir muito sobre essas questões, por isso, quis saber como era o grupo antes de participar.

- Roberto, que atua como estagiário de jornalismo, informa que estuda jornalismo na *universidade C* e está há dois meses no projeto Educom. Ele considera muito novo poder aliar comunicação com educação e que isso é interessante porque está fazendo da comunicação uma ferramenta de ensino. Ele comenta que vê a comunicação como um atrativo para adolescentes, os quais participam da rádio, fazem o jornal, tiram foto, vídeos. Comenta também que a roda do grupo é interessante para trocar experiências, acertar os próximos passos e corrigir erros.
- Guilherme, que é educador ambiental e está terminando o curso de ciências biológicas, informa que está há onze anos na Fundação. Comenta que percebeu várias atividades educacionais na Fundação, nas áreas ambiental e de artes, mas só foi entender o conceito depois dos dois anos e meio no Educom. Informa que esteve no primeiro grupo que o professor Hermeto levou para a Fundação. Ele comete um lapso ao se referir à educação ambiental como educomunicação: “[...] fazia educação ambiental e nem sabia... educomunicação e nem sabia”. Ele considera que equipe de artes também fazia e não sabia. Informa também que está atuando na *unidade B*. Comenta que nem acha que tem expectativa e considera que o desafio da educomunicação na Fundação é como fazer que todas as crianças se apropriem mesmo dos recursos midiáticos. Ele conclui que a educomunicação é uma ferramenta ótima dentro da demanda da Fundação e que quer saber como envolver a todos no processo, se nem sempre são necessários.

O clima de hesitação do grupo persistiu para iniciar a apresentação de seus membros, até que Zélia dispõe-se enfatizando sua marca de identificação com a equipe de pesquisa, que era o fato de “também” ser psicóloga. Essa forma de se apresentar pode ser emergente do grupo como uma aproximação da tarefa a serviço de mecanismos defensivos e protetores em relação a um possível ataque.

As demais apresentações foram sendo entremeadas por outros momentos de

silêncio. Eles apresentaram, em geral, o cargo que ocupavam e algo que esperavam, mas sobre aspectos diferentes, como a educomunicação, a implantação do projeto e problemas na condução das atividades particulares; o grupo operativo; e como trabalhar com todas as crianças, se não precisaria de todas para realizar a atividade. Embora solicitados pelo Coordenador, poucos relataram espontaneamente a formação e o tempo em que atuavam no projeto ou na Fundação.

Ressalta-se a apresentação de Rosana, a antepenúltima, pela possível emergência do incômodo com o papel na instituição, cujas ação está cindida em relação às necessidades e expectativas e a motivação está bloqueada para investimento afetivo. Isso implica o esfacelamento da disposição para uma ação reflexiva no cotidiano. Pelo contrário, por meio de sua fala, manifesta-se possivelmente o potencial adoecedor da vida psicossocial pela forma de funcionamento da instituição, que atinge a todos igualmente, os quais reagem de acordo com suas condições particulares e relacionais desenvolvidas.

Nota-se que a instrução do Coordenador para a apresentação, “qual a expectativa particular em relação a discutir a questão do grupo na educomunicação”, pareceu ser um pretexto suficiente para virem à tona distintas questões originadas de e dirigidas a várias dimensões diferentes da relação entre os participantes, o grupo, a instituição e a educomunicação.

Desenvolvimento e encerramento

Após essas apresentações, o Coordenador pergunta se ainda faltava alguém para falar. Como não havia, em seguida, sugere que falassem sobre as expectativas apresentadas e que a palavra estaria aberta para os participantes se manifestarem e discutirem livremente.

Gilberto foi o primeiro a falar e inseriu o tema do conflito entre a educação tradicional e as novas propostas educativas. Ele considera a rigidez do currículo em contraposição com educação mais livre, mas para a qual nem o público atendido na Fundação já estaria preparado.

Depois de instantes de silêncio, considerando os questionamentos da forma de administrar que a educomunicação proporcionaria, Elis comenta sobre o papel da equipe multidisciplinar como uma “ponte” entre instrutores e direção da Fundação. A instituição foi então alvo de vários questionamentos, por Gilberto, quanto à sua forma rigidamente hierarquizada, e por Fred, quanto ao distanciamento entre as instâncias de direção e os profissionais que estão na base da Fundação, “Lá em baixo!”, o que comenta ironicamente, referindo-se ao patamar dos instrutores. Rosana contesta-o e considera que consegue trabalhar segundo o interesse dos alunos na unidade em que atua.

Gilberto e, depois, Paula direcionam suas considerações e a atenção do grupo para o estranhamento com a forma de organizarem as atividades de educomunicação, que pareceria bagunça e desorganização para alguns outros profissionais da Fundação. Eles discordam dessa visão e chamam a atenção para o processo de organização mais livre que realizam e a criatividade que conseguem alcançar. Gilberto afirma que as interpretações do público atendido podem ser mesmo mais explosivas, pois não estariam acostumados ainda a dirigir e a tomar decisões.

O silêncio também compareceu neste momento em que a palavra foi aberta para o debate. Embora tenham já manifestado aspectos bastante pessoais na apresentação, é sobre temáticas mais gerais que se detêm inicialmente. Ensejam um debate sobre o conflito entre educação tradicional e novas formas de educar, mas é a crítica à instituição que mobiliza a discussão. Trata-se da hierarquia e do distanciamento entre as instâncias da instituição e a contradição disso com a proposta considerada libertária e criativa da educomunicação. Essas

contradições da instituição e as características transformadoras da educomunicação vão sendo alternadas como objetos do debate do grupo.

Além disso, então, eles refletem paulatinamente sobre as próprias condições contraditórias em que inserem a educomunicação na Fundação. Debatem a inserção como um movimento da sociedade que chega à Fundação ou como uma ação inovadora na Fundação que precisaria avançar para outros espaços como a escola. Não se estabelecem consensos, marcam-se posições.

Depois de outro momento de silêncio, o Coordenador intervém e assinala a importância que o grupo está dando a possíveis contradições que os participantes relataram da atuação do projeto na Fundação. Ele comenta a questão do poder, a incongruência entre o modelo tradicional de educação e as demandas de novas formas de educação, como a da educomunicação. Além disso, sugere que tudo isso está marcado por posições polarizadas dos membros do grupo, entre o encantamento e o desencantamento com a educomunicação, e como não estão conseguindo solucionar essas questões, resta-lhes a dificuldade e a indisposição até para poder pensá-las.

Elis desenvolve mais a discussão sobre a Fundação e pondera que, em sua experiência, não tinha ainda conhecido instituição que não tivesse problemas difíceis para gerir. Fred vai mais além e afirma que essa dificuldade é decorrente do sistema ideológico e da cultura capitalista.

O próprio Fred retoma a direção da discussão para a Fundação e, então, comenta sobre a origem do projeto de educomunicação. Ele comenta que o projeto nasceu da indicação de uma ONG (Organização Não-Governamental) para uma formação dos instrutores. Além disso, diz que a Fundação continuou com a idéia, mas que não sabe direito o que é. Apesar disso, Fred considera que a Fundação está mais avançada do que a rede de educação estadual, que seria ainda mais complicada para realizar mudanças na sua organização e no seu

currículo. Ele completa suas críticas ponderando que o problema na instituição nem sempre seria a decisão de quem tem poder, mas sim a falta de apoio e certo oportunismo de alguns colegas:

Na verdade, a gente acha que é o gestor que poda, né, a chefia. Muitas vezes não é o gestor. É o próprio colega que está do lado, e que vê e fala: “Olha, já viu sala do Gilberto como é que está? Já viu como é que o Fred dá aula de teatro? Imagina, ele não tem formação pedagoga, ele não é didático, não é não sei o quê”. Faz uma roda para falar sobre isso. Isso aqui, há cinco anos atrás. Hoje em dia, todo mundo coloca conversa em roda, virou *cult* no planejamento: “Nossa, como esse professor é inteligente!” Não! É uma coisa que a gente sempre fez.

Fred continua falando, mas muda o foco para contextualizar a crítica aos colegas. Ele comenta sobre suas concepções de ensino e aprendizagem, cujo ideal seria o aprender a pensar. Para isso, o trabalho em roda seria interessante, embora seja mais difícil para ser realizado e alvo de desconfianças.

Fred retoma a idéia que colocou sobre essa dificuldade de trabalhar em grupo e, participativamente, ser decorrente do próprio pensamento capitalista, que supõe uma formação subserviente das pessoas, para ser “peão” e obedecer a ordens. Essa dificuldade seria decorrente da centralização do poder, o que teria acontecido também no socialismo real. Ele conclui que seria melhor o anarquismo, em que as pessoas precisariam e poderiam saber resolver os problemas e falar de igual para igual umas com as outras.

Fred conclui essa longa participação no grupo explicitando os motivos que o levaram a se interessar pela educomunicação. Esses motivos seriam o caráter político, a questão social e as relações de poder.

Guilherme retoma a discussão direta da vivência da equipe na Fundação. Ele comenta sobre uma censura aos programas ou a peças de internet que produzem, dependendo dos conteúdos. Isso parece retomar o emergente portador da ansiedade e dos medos no grupo. Recoloca-se em questão, neste momento, explicitando dúvidas sobre o sigilo da discussão ser garantido, posto que alguns membros não manifestavam suas opiniões no debate. Ninguém se

manifesta a respeito e a questão possivelmente fica latente entre os membros do grupo.

Fred emenda esse questionamento com um comentário sobre uma situação protagonizada por um estudante que foi elogiado pela direção da Fundação por causa da capacidade de expressão dele, mas foi advertido pela mesma direção quando quis se queixar de problemas na unidade que freqüentava. Novamente, retomam a tese de que a Fundação adotou uma proposta educativa que pressupõe discutir as relações de poder, mas não saberia disso, como em palavras de Fred: “Eu acho que, nesse sentido, é legal, é positivo que a Fundação esteja trazendo a educomunicação, mesmo sem saber o que estava fazendo. Agora ela está começando a entender e a gente vai ver se ela vai querer ou não vai”.

Essas críticas à Fundação são relatividades por Daniela. Ela comenta que isso faria parte de um momento de mudanças pelo qual as instituições passam atualmente. Como exemplo, Daniela se refere à discussão nas empresas sobre a relação de e com chefes e líderes.

Fred entra em um debate polarizado com Daniela. Sua idéia central é que essa mudança seria uma dissimulação, como ele diz: “Muda só o nome, né? É hipocrisia”. Ele comenta observações que fez a respeito em uma grande empresa da cidade, em que realiza oficinas. Segundo ele, as pessoas demonstram alegria e satisfação, mas também, se alguém for reclamar com o chefe, este ainda pode simplesmente pegar o crachá de quem reclamou e dizer para ele passar no departamento de recursos humanos para sair da empresa.

Um novo assunto sobre a temática da educação é inserido na discussão. Elis comenta que gostaria de “limpar” idéias sobre a noção de gestão participativa presente na educomunicação e que estão tentando implantar no projeto. Ela diz entender que não há participação sem diretividade e que não há organização espontânea. Ao buscar exemplo do que falava, “[...] se nesse grupo não tivesse alguém organizando e dirigindo ele, nós não estaríamos aqui por livre e espontânea escolha, sentados, discutindo sobre esse tema.”, ela é a

primeira a usar a situação do grupo como objeto de reflexão diretamente, ao comentar que, sem o propósito e a presença do Coordenador, a equipe não estaria reunida para realizar o grupo operativo.

Fred protagoniza novamente uma contestação. Agora considera que a participação depende da confiança dos colegas de equipe, o que acontecia no início do projeto, quando os outros instrutores apoiavam o que o outro fazia, mesmo que não entendessem completamente. Aqui ele também retoma a idéia de liberdade para tomar as decisões, como segue:

A gente podia fazer um espaço, como o Gilberto falou, que eu sabia quem a gente era, tinha Caetano, quem era o Guilherme [...]. Os quatro sabiam o que estavam fazendo. Então, os quatro conheciam arte-educação; os quatro não conheciam conceitos de educomunicação, mas faziam educomunicação, entende? Então, se eu estava com a minha turma lá no teatro de arena ou se eu fui fazer uma outra coisa, eu não ia ter uma equipe que iria me criticar para o Coordenador, não. Eu iria ter uma equipe que vai entender o que eu estou fazendo. Era uma equipe que tinha liberdade de vir... ir para onde quiser com os adolescentes.

Daniela, em seguida, aproveita essa discussão entre Fred e Elis para retomar a discussão que sugerira sobre as mudanças nas instituições. Estas estariam acontecendo lentamente, como o avanço da educomunicação, que deveria se estender da Fundação não só para as escolas, já que a tecnologia tem de estar dentro da educação, mas para as famílias também, que precisariam educar seus filhos para o futuro. As noções de igualdade e participação, para ela, seriam novidades nas empresas e no Brasil.

Guilherme comenta que, no entanto, a instituição continua controlando os alunos. Ele aproveita uma situação que acontecia paralelamente à reunião do grupo para exemplificar esse controle, quando o fotógrafo da Fundação informou que só poderia fazer a foto de um garoto se ele tirasse o boné. Fred reforça o comentário de Guilherme e relata que pode ser ameaçado se quiser falar em pé de igualdade com os chefes, como ele diz: “Às vezes, até falar de igual para a igual com a chefia, com a instituição. Porém, você, com certeza vai ser... (risos e comentários dos participantes a respeito) Acho que alguma coisa vai acontecer”.

Gilberto volta a falar e pondera sobre a dificuldade da Fundação para lidar com o novo, com o que não conhece, como o Projeto Educom. Ele comenta que também é inédita para a educomunicação uma experiência como essa da Fundação, que é uma grande instituição e que está tentando implantar a educomunicação em seu currículo. Mas, o próprio Gilberto alerta para o uso autopromocional e publicitário da educomunicação pela Fundação, que teria aumentados a sua visibilidade, com a repercussão do projeto na sociedade, e o seu prestígio, com a valorização das produções dos seus estudantes e a referência ao pioneirismo da instituição.

Guilherme não fala diretamente desse uso. Ele retoma a sua preocupação com o controle sobre os conteúdos que são apresentados. Ele questiona se há realmente liberdade de expressão. Além disso, comenta novamente, e preocupado, se a equipe pode manter o sigilo da discussão que realiza. Aqui ele realiza uma segunda ponderação do grupo sobre o próprio grupo. Surgem, simultaneamente, alguns comentários irônicos. O que ele diz, vem a seguir:

Gostaria que mais pessoas se manifestassem também, né? Porque a gente, assim, né... Acho esse grupo, assim, até interessante. Quando a gente está num grupo só, só com as pessoas que estão lidando com os adolescentes diretamente, a gente pode ficar mais tranquilo de falar esses problemas em comuns, né? Agora, caso... No caso, as pessoas fiquem quietas, a gente fica... Até que ponto isso aí... esse sigilo é mantido? Ou, então, até que ponto as pessoas vão ter liberdade para se expressar e falar à vontade?

Depois de alguns instantes de conversas paralelas, Caetano pede a palavra ao Coordenador e ao grupo. Ele comenta que essa atitude de controle faz parte da história de origem da Fundação, que nascera de um projeto criado para resolver um problema de crianças que chutavam lixo pela cidade. Segundo ele, essa era uma necessidade da classe média para controlar a expressão dos pobres. Assim, a administração atual seguiria pelos interesses dela e da instituição.

Além desse relato da origem da Fundação, o mesmo Caetano aproveita para manifestar a sua “desilusão” com a educomunicação na instituição. Ele considera estranho o

modo como ela se apresenta e está se inserindo, mesmo tendo feito parte dos pioneiros da educomunicação na Fundação. Ele retoma a idéia de que a Fundação não sabe bem o que está fazendo, mas, como “comprou um produto”, tem deusá-lo de algum modo. A implantação do projeto estaria atendendo mais às necessidades da Fundação e do NCE do que às dos estudantes, estes que só participariam da realização dos projetos, e não de sua discussão. A necessidade dos meninos pode ser “pegar o microfone e gritar”, simplesmente, e não se preocupar com produtividade e compromissos, segundo ele.

O grupo manteve a discussão alternada sobre a instituição e a educomunicação. Apontou-se, agora, a origem da instituição como controladora de um conflito de classe social, como explicação da contradição para praticar uma educação livre. Questionou-se também a educomunicação tal como vem sendo implantada na Fundação, mais compromissada com as necessidades institucionais do que com as dos “meninos”. Têm-se aqui, provavelmente, aspectos das fantasias e representações com as quais elaboram a atividade de educomunicação na Fundação.

Fred leva a discussão para o âmbito da educação em geral. Ele a associa com uma discussão sobre os fundamentos da ênfase da Fundação no processo ou no produto da educação. Desde projetos anteriores, como o Arte-educação, essa discussão já era realizada. Ele aponta que o foco deveria ser o processo, que é pelo que se pode observar as transformações e os ritmos personalizados, já que o ritmo da “molecada” pode não ser o mesmo que a Fundação quer para entregar ou mostrar os resultados. Essa mesma discussão estaria presente na implantação do projeto de educomunicação. Além disso, o produto seria a parte mais fácil da educação para se preparar.

Há uma interrupção da reunião pela administradora do espaço do Centro de Referência para conferir de quem era a chave de um automóvel que fora encontrada. Fred e Guilherme cogitam que pode ser de um deles, e a procuram em seus pertences. Eles concluem

que deve ser a chave da moto de Fred. A Assessora do NCE também entra na sala para avisar ao Coordenador que já estava saindo, antes do final da reunião do grupo, mas que retornaria no início da tarde. Nesse momento, vários participantes conversaram paralelamente.

Fred consegue a atenção do grupo e retoma a temática que inseriu sobre a ênfase no processo ou no produto. Ele completa o seu comentário anterior sobre como se pode fazer o produto aparecer, no caso, quando um processo não consumou um produto, podese usar um “jeitinho” de apresentá-lo, o que seria análogo ao que considera como “estratégia brasileira”.

Mudando um pouco o enfoque da discussão, Gilberto retoma uma consideração sobre a contradição das demandas da instituição. Agora, ele problematiza que a instituição quer algo criativo do projeto, com a identidade dos adolescentes da Fundação, mas não quer ser chocada, não quer surpresas.

A temática de processo e produto é retomada por Daniela. Ela comenta que, mesmo demandando o produto, o evento de mostra das produções não teve apoio da Fundação para ser realizado. Fred até ironiza dizendo que “Tem de ter...”, mas, ele mesmo concorda que há resistência contra a referida Mostra na instituição.

A discussão estava agitada no grupo. Além disso, passou a atrapalhar muito o ruído proveniente da sala ao lado, onde estava sendo preparada uma exposição da Semana de Meio Ambiente. O Coordenador cogita interromper a atividade e pedir mais silêncio na sala ou que essa preparação fosse interrompida até o encerramento da reunião. Antes de tomar a iniciativa, outro participante pede a palavra e o barulho foi diminuído ao longo dos debates.

Desta vez, é Maria que comenta a relação ambígua da Fundação com a educomunicação. Segundo ela, aprofundando a metáfora de Caetano, a instituição comprou o produto, mas não lera o manual de instruções, como o que as pessoas costumam fazer quando vão ao supermercado e compram algo em promoção. Por isso, a Fundação cobra atividades como a de rádio e produtos, mas não dá as condições de sua produção.

Os participantes do grupo voltam a falar simultaneamente por alguns instantes. Elis consegue reunir a atenção do grupo e faz um questionamento sobre o sentido da educomunicação que estão realizando. Segundo ela, virou moda fazer roda de discussão e que, mesmo nos projetos político-pedagógicos das escolas, há uma fundamentação filosófica bonita e se pensa na escola dos sonhos. No entanto, as relações educativas continuam as mesmas. Após outro momento de falas sobrepostas e comentários paralelos, Fred consegue de novo a atenção e comenta que o pensamento de Elis é dialético, o que constitui uma terceira referência ao processo grupal da reunião.

Alguns participantes, então, fazem mais algumas colocações sobre a experiência da educomunicação na Fundação. Gilberto comenta de novo algumas contradições, como se demandar a criação de emissoras rádios, mas não oferecer as condições; e esperar o resultado rápido, mas a educomunicação ser uma proposta cujos resultados demoram. Ele comenta que o projeto educutivo da Fundação poderia ser baseado no projeto educutivo de São Paulo, que parecia ter sido bem sucedido. Ainda comenta que não é possível fazer o projeto funcionar com turmas tão grandes, e mesmo a solução parcial de fazer grupos pequenos não funciona porque faltam equipamentos. Adriana adiciona que vê como um problema ter de trabalhar com equipamentos particulares para evitar ter de ressarcir a Fundação, que cobra reembolso se seus equipamentos quebrarem.

A questão sobre o foco no processo ou no produto fez convergir as discussões sobre a instituição e a educomunicação. Trazem à tona a dimensão da história do grupo, em que já se elabora a questão e que parece receber como um ataque da instituição atribuir à educomunicação o mérito por abrir a temática. A Fundação é representada como estrutura social cobradora de resultados e produtos, mas a equipe trabalha pelo processo, até criando formas de satisfazer a vontade institucional sem abrir mão da vivência do processo educativo. O grupo explicita agora sua fantasia sobre a instituição por meio de uma metáfora como

portadora de sua idéia, a saber, a Fundação ter comprado um produto sem ler o manual.

Essa série de levantamentos e retomadas de temas é interrompida por um questionamento contundente de Vanessa ao grupo. Ela questiona essa discussão em torno de temas políticos e afetivos, e que o grupo teria de definir uma prioridade. Ela considera que a maior parte dos problemas é histórica na Fundação, e que não vi ser resolvida. Além disso, cada participante é que deveria resolver essas questões no âmbito pessoal, pois não seriam resolvidas no grupo. Vanessa comenta que o grupo pode se perder, se continuar assim com a discussão. Essa intervenção de Vanessa é sucedida por vários comentários paralelos e risos dos participantes, embora ela tenha se mostrado um tanto incomodada seriamente com o rumo do debate no grupo.

A retomada das questões políticas e afetivas como contraditórias coloca-se como algo a ser decifrado. Isso parece ser uma forma também para manifestar implicitamente o conflito entre homens e mulheres no grupo, uma vez que os discursos continuam polarizados, *grosso modo*, entre homens, que criticam o poder na instituição, e mulheres, que apontam a importância da afetividade no método de trabalho.

A temática de processo e produto é retomada, agora discutida no âmbito da Fundação. Rosana comenta que o sentido de processo e produto varia para cada instituição, que o produto é uma coisa concreta que se tem, enquanto que o processo é abstrato. Ela considera que se sente angustiada para saber até aonde pode atingir com o processo educativo.

Paula introduz uma outra visão sobre a atitude da Fundação em relação a processo e produto. Ela disse que não se sente pressionada para mostrar os resultados, e ironicamente, diz que se sentia um “ET” naquela discussão. Mesmo na mostra das produções, diz que optou por apresentar o próprio processo. Ela se dirige a Teresa, da equipe multidisciplinar, para confirmar a sua idéia.

A própria Paula reorienta o foco de suas colocações e passa a questionar a atitude

relatada por Fred diante das advertências da instituição e dos outros profissionais. Segundo ela, ele não deveria aceitar imediatamente os questionamentos, como quando uma autoridade adverte o instrutor por causa de crianças e adolescentes que estão trabalhando fora da sala. Ele deveria enfrentar a instituição.

Fred faz um relato carregado de emoção a respeito das pressões na instituição. Segundo ele, depois que Paula ficasse marcada ou fosse considerada como ele, um “bem-visto”, e fosse perseguida, é que ela iria saber como se comportar na Fundação. Várias pessoas comentam em conversas paralelas essa temática.

O Coordenador toma a iniciativa de encerrar a reunião, já que faltavam poucos minutos para acabar o tempo previsto. Maria pergunta a ele se a discussão correspondeu ao o objetivo da pesquisa. Vários membros reagem e falam simultaneamente. Elis comenta que não tinha correspondido ao objetivo. Daniela, imediatamente, diz que tinha sido uma reunião de “desabafo”.

O Coordenador assinala a ênfase que deram em discutir o que se passava na instituição e com os estudantes, mas que isso parecia ser a própria forma como eles se sentiam tratados. Outros assinalamentos do Coordenador foram relacionados com as contradições da instituição e, principalmente, com a dificuldade de se trabalhar com os colegas que não apoiavam o projeto. Assim, a tarefa da pesquisa, segundo o Coordenador, deixou de ser só encontrar as respostas para as perguntas de pesquisa, e passou a ser, sobretudo, procurar as perguntas certas para as várias respostas que o grupo estava oferecendo.

O Coordenador recapitulou, com o grupo, o dia e o horário da reunião seguinte. Alguns participantes comentaram que seria véspera do feriado. Elis diz que o intervalo até a reunião seguinte será grande. O Coordenador assinala que a agenda foi constituída em conjunto com os membros da equipe.

Observações gerais sobre o processo

Essa primeira reunião do grupo foi marcada por uma modalidade de comunicação provavelmente atravessada por conflitos latentes na equipe. A ansiedade existente no grupo em relação à reunião pode ter exigido que os assuntos fossem sendo evocados revezadamente, sem que se concentrasse por bastantes intervenções seguidas em um mesmo. Nota-se, mesmo assim, no entanto, a pronta disposição do grupo para manifestar explícita e implicitamente alguns de seus conflitos vivenciados. Pode ter sido manifestado o conflito atravessado pela hierarquia na instituição, mas o grupo não conseguiu elaborar essa questão ao se explicitar que poderia existir entre os membros presentes que eram de níveis diferentes da instituição.

Outros conflitos permaneceram latentes, embora evidenciados pela considerável regularidade com que podem ser notados. Primeiro, um conflito entre os membros mais velhos e os mais novos sobre o desenvolvimento do projeto. Segundo, um discurso atravessado por uma cisão de gêneros, que se confunde um tanto com a própria divisão hierárquica, uma vez que um discurso direcionado preponderantemente para a crítica do poder na instituição foi protagonizado por homens e membros mais antigos da equipe e instrutores, enquanto que um discurso mais direcionado para a sensibilidade e afetividade como referências de um processo em curso foram principalmente protagonizados por mulheres, mais novas na equipe e que são da equipe multidisciplinar, da qual não havia representantes masculinos no projeto.

7.2. Relato da 2ª reunião

Essa reunião foi realizada no dia 6 de setembro de 2007, na sala de formação do

CRE. Ela foi iniciada às 10h e contou com a presença de 21 membros da equipe do projeto de educomunicação da Fundação.

O que precedeu

O Coordenador recebe a informação de que a reunião será realizada na sala maior do CRE, onde as outras atividades do projeto de educomunicação costumam ser realizadas, pois a sala menor, anteriormente utilizada, estava ocupada para uma exposição de educação ambiental.

Antes da segunda reunião, o Coordenador nota que há membros da equipe que não tinham comparecido à primeira reunião. O Coordenador precisa chamar os participantes para iniciar a reunião, pois eles estavam espalhados em vários pontos do CRE realizando atividades diversas, como conversando entre os pares, preparando seus projetos, fazendo contatos com outros setores ou resolvendo detalhes com alunos de suas unidades.

O grupo que se dirige para a reunião é maior do que o da reunião anterior, mesmo alguns dos presentes anteriores não tendo ainda comparecido. A roda de discussão fica bastante grande, com aproximadamente vinte pessoas.

Abertura

O Coordenador apresenta para os novos participantes o Termo de Esclarecimento e Consentimento (TEC) e pede que o leiam e, se concordassem em participar, preenchessem as fichas de participação e as entregassem. O Coordenador informa também sobre a gravação,

o cronograma e a tarefa do grupo. Nesse ínterim, uma educadora, após a leitura do TEC, confirma com o Coordenador se era obrigatória a participação e, como ele confirma que não era, ela informa que não participará do grupo operativo.

Em seguida, o Coordenador pede que esses novos participantes realizem uma autoapresentação. Antes de abrir a palavra para a autoapresentação, o próprio Coordenador adia a apresentação e faz uma recapitulação do enquadre da pesquisa, como sigilo, agenda e a gravação do áudio, e de pontos da discussão que considerou principais na reunião anterior, como a diferença entre o que se propõe e o que se realizava da educomunicação, o poder e a hierarquia na instituição, os questionamentos sobre o rumo da discussão e contextualização da questão na cultura e na ideologia. Quando ele abriu a palavra para colocações dos participantes a respeito do encontro anterior, Gilberto, por se discutir o relacionamento no grupo, adiciona a idéia de que a prática de educomunicação que realizam não incentiva a rivalidade.

Os novos participantes começam hesitantes a autoapresentação. Há alguns instantes de silêncio, até que um deles começa a falar. Antônio é esse que toma a iniciativa. Ele informa que é de São Francisco Xavier, que só estaria fazendo o projeto de educomunicação e não tem expectativa sobre o grupo. O Coordenador pede a ele e aos outros que falem mais alto para que pudesse ouvir e gravar as falas. Antônio comenta que capricharia na voz.

Em seguida, apresenta-se Plácido. Ele informa ser da Unidade Profissionalizante, onde é professor de Português. Lamenta que não consegue fazer educomunicação por falta de tempo, o que contrapõe ironicamente ao comentário de Antônio, que dissera só fazer educomunicação. Isso leva os participantes aos risos. Plácido manifesta que espera encontrar o caminho para colocar o conceito em prática, acredita que pode demorar anos para o pôr em prática e que o projeto não funciona como se espera, mas que não perde a esperança.

Apresenta-se Marisa como psicopedagoga do Programa Aprendiz. Ela informa ter entrado na segunda turma do projeto e manifesta que espera ver “andando” os projetos “deles”, os educadores, para o que diz estar fazendo o que pode para ajudar.

Durante a apresentação de Marisa, o Coordenador lembra-se da relevância da informação sobre a formação. Depois da apresentação dela, ele pede que os participantes também se apresentassem a esse respeito, e os que já tinham se apresentado, reapresentassem-se.

Antônio, por isso, retoma a palavra e informa que vai falar “de trás para frente” sobre sua formação profissional. Comenta que foi gestor empresarial, trabalhou com propaganda, artes gráficas e sempre com comunicação. Além disso, comenta que apresentou cursos de administração na Fundação, depois entrou no projeto de educomunicação. Plácido, que também já tinha se apresentado, reitera que é professor e, a pedido do Coordenador, esclarece que é de Português.

Priscilla apresenta-se como “professora Priscilla” da Unidade F, da “divisão” Criança. Ela comenta que trabalha com informática. Disse acreditar que já se está comunicando quando se está na frente do computador. Afirma que isso é a educomunicação, o que “internalizou mais” quando entrou no projeto.

Na sequência, Nara se apresenta como orientadora pedagógica do Programa Arte-Educação. Ela manifesta que sua perspectiva é a de que o Centro de Referência em Educomunicação dê suporte para os profissionais do grupo e de que possam aprender para dividir no grupo.

Por último, depois de alguns instantes de silêncio e de os participantes dirigirem o olhar para esta que faltava, a participante apresenta-se. Naquele momento, ela pareceu representar uma espécie de depositário das ansiedades mobilizadas pelo desconforto com a apresentação dos novos participantes do grupo.

Como se se desse conta de que era ela mesma quem deveria se apresentar, subitamente, Fernanda manifesta-se dizendo que trabalha na UPG (a Unidade Profissionalizante G), onde dá aula de turismo e hotelaria. Ela informa que acabara de entrar no Projeto Educom, mas já conversava a respeito e tinha participado por seu próprio interesse de eventos relacionados, e não por participar do grupo. Comentou esperar que “isso” (presumidamente, o projeto educ comunicativo) sirva para transmitir conhecimentos de uma forma compatível com “eles” (presumidamente, os alunos), de forma que chamou de “não mais rápida” e “de acordo”.

O Coordenador pede para Fernanda esclarecer o que é a “UPG”. Marisa adianta-se a responder e informa que a sigla significa: Unidade Profissionalizante G. Fernanda comenta que existem várias unidades na Fundação e indica que estranha o nome da unidade em que trabalha, e diz não gostar mesmo do nome UPG, comparando-o com outros, ela diz: “Nós ficamos com essa sigla aí”.

O Coordenador, então, confirma se todos se apresentaram e encerra este momento do grupo.

Desenvolvimento e encerramento

Ao abrir a palavra para os participantes se manifestarem, há alguns instantes de silêncio. Em seguida, Adriana interrompe a hesitação do grupo e diz ao Coordenador que quer saber qual é a questão daquele trabalho do grupo. A indagação parece canalizar agora um incômodo existente no grupo para o Coordenador e para o enquadre do grupo.

O Coordenador recapitula que é a discussão sobre o trabalho em grupo na educ comunicação: “[...] a questão, assim, que atravessará esses quatro encontros é discutir a

relação de grupo, a atividade em grupo, a organização em grupo para o trabalho que vocês realizam de educomunicação. Os temas específicos, eles estão aparecendo na discussão”. Depois, ele também retoma o final do primeiro encontro, quando ponderara para responder uma questão sobre o grupo estar respondendo a questão da pesquisa, para o que comentou que estava percebendo necessário não só encontrar as respostas para as perguntas da pesquisa, mas também as perguntas para as quais o grupo estava dando respostas.

Vanessa questiona as condições para se participar da pesquisa e explicita incômodo existente com a inserção de mais pessoas no grupo:

É, não querendo, por exemplo, ter preconceito com quem chegou agora ou não, mas acho que, assim, acho que isso vai dar diferença no pensamento de uma coisa que está se falando de alguém que chegou e nem está entendendo nada o que é a educomunicação, por exemplo.

Ela ainda afirma querer saber se vai entrar mais gente no grupo, pois seria um grupo que nunca se conhece. Vanessa avança a consideração sobre esse incômodo, o qual ela revela já perceber na forma de inserção dos novos educadores no projeto. Além disso, quer saber também do Coordenador como a discussão do grupo vai sair no projeto.

O Coordenador comenta o processo de combinação com a coordenação do projeto e com os membros da equipe sobre as pessoas que participariam da pesquisa e a quantidade. Ele ressalta que não lhe havia sido informado que entrariam pessoas na equipe ao longo dos encontros, apenas fora informado que o grupo de educadores chegaria a vinte pessoas para participar. Nesse momento, ele tenta avançar dessa explicação para a abertura de possibilidade de acertarem uma nova regra sobre o assunto.

Vanessa diz que é preciso esclarecer novamente a temática do que será discutido, pois disso decorreria definir se poderia ou não entrar gente nova nos próximos encontros. Considera que, se for para discutir relacionamento do grupo, não poderia entrar; se for o que acontece no trabalho, poderia:

Por exemplo, se for um relacionamento em grupo, se eu cheguei aqui hoje, eu... Entendeu? Eu não consigo. Agora, se for uma coisa que já acontece no trabalho, que não precisa ser chamado educomunicação, mas essa pessoa já faz todo dia, essa relação, se é questão afetiva entre, é, por exemplo, o adolescente e o educador, aí já dá para você discutir, quando chegar. Então, na verdade, acho que não ficou muito claro para mim, é, qual linha você [Coordenador] vai pegar.

O Coordenador coloca que a questão apresentada é bem abrangente e pergunta se quer que se feche mais a questão da discussão para o grupo. Vanessa retoma a palavra e afirma querer que fique claro se é um grupo fechado ou aberto, para que as pessoas se definissem sobre continuar. O Coordenador abre a questão para o grupo perguntado se havia algum outro entendimento sobre a proposta colocada para a discussão.

Gilberto afirma que o tema da discussão é o relacionamento do grupo de educadores, como isso acontece. Esclarece que é o grupo “presente” na reunião, e que não inclui os adolescentes dos grupos das unidades, mesmo eles tendo uma “presença legal” no projeto.

Adriana questiona então outra coisa, se é para discutir o trabalho feito no grupo de que faz parte na unidade ou só o grupo que está reunido para a pesquisa. O Coordenador diz que poderiam ser as duas discussões. Adriana responde que discutir os dois seria confuso. O Coordenador comenta que só propôs o tema e não determinou o que deveriam discutir. Adriana diz que isso fica vago.

Vanessa volta a questionar a proposta dizendo também que esta era vaga porque não dirigia a discussão, só propunha a temática. Afirma ela que uma pessoa fora do convívio não pode discutir o assunto: “Quando vai nessa linha, não dá para ficar entrando gente. Agora, se não, se for de relacionamento que a gente já faz nas unidades, aí dá para sempre chegar gente. A gente precisa saber que linha que você [Coordenador] vai levar para saber o que a gente vai falar”.

Elis se insere na corrente discussão. Ela afirma concordar com Vanessa e aponta

que o grupo está mais disposto a discutir do que esteve no encontro anterior: “No primeiro dia, a gente teve super dificuldade de se organizar para sentar, né? E hoje, eu acho que a gente conseguiu, o grupo conseguiu fazer isso de uma forma mais, é... Não sei usar uma palavra, mas eu acho que a gente se dispôs melhor a estar aqui”. Ela ainda considera que o próprio grupo reunido deveria definir a abrangência da discussão.

Nara também se insere na discussão. Ela aponta que a proposta do projeto na Fundação é que mais pessoas entrem na equipe. Marisa comenta que Nara está confundindo a discussão. Nara diz saber que são dimensões diferentes de discussão e explica que as pessoas deveriam entrar para poderem ser inseridas nas discussões.

Fernanda comenta sobre a vontade que ela e outras pessoas tinham de entrar no projeto. Ela retoma o questionamento ao Coordenador sobre a falta de clareza da proposta de discussão do grupo, o que ocuparia tempo em que o grupo poderia estar discutindo o que o Coordenador, ou até o grupo, realmente queria ouvir. Ela, além disso, afirma que se sentiu ameaçada quando começaram a discutir a entrada de novos membros no grupo.

Nara diz que, por “isso” (o presumido constrangimento dos novos) fez suas colocações. Fernanda diz que ficou claro que o problema não era com ela e os outros novos, mas sim com a falta de clareza da proposta. Ela solicita que o Coordenador deixe clara a proposta, “A discussão que ele [Coordenador] quer para a gente chegar ao objetivo, à visão, à missão...”. Questionada por outros participantes, afirma que essa idéia é a área de “qualidade no trabalho”, e que se precisa fechar o grupo porque restaria apenas dois encontros para se discutir.

Vários participantes tentam falar ao mesmo tempo. Fred consegue a atenção e afirma entender que a proposta era a discussão aberta, e não fechada no trabalho e no grupo. Além disso, entende também que a tarefa de analisar a discussão era do pesquisador: “Mas, para mim, fica claro, no sentindo assim, de que é um momento, assim, de a gente expor. E,

partir da exposição que a gente fizer, ele vai estar levando o trabalho dele para o lado dele, entendeu?”.

Fernanda afirma que Fred não entendeu o questionamento de Vanessa. Esta também se manifesta criticando que se abra o encontro seguinte com uma apresentação de novos participantes. Nara afirma que isso tem de ser determinado, e que isso também seria tarefa do pesquisador. Há várias manifestações dos participantes tentando desfazer um aparente mal-entendido.

O Coordenador intervém e assinala haver dois níveis de discussão diferentes e indiretamente relacionados, a definição do grupo reunido para o grupo operativo da pesquisa e a inserção de novos membros no projeto de educomunicação. Ele pondera novamente sobre as razões pelas quais não tinha sido definido se entraria ou não novos participantes no decorrer dos encontros.

Alguém afirma que o exposto pelo Coordenador foi como a fala de Vanessa. O Coordenador assinala que a questão da inserção das pessoas na equipe do projeto parece ser algo importante para o trabalho deles em grupo, e, por isso, seria oportuno também ser discutido no grupo operativo da pesquisa. Assim, ele manifesta a possibilidade de encaminhar uma solução para a questão, fechando o conjunto dos participantes com aqueles que tinham participado até então. O Coordenador pergunta se ficou clara para Fernanda a proposta.

Vanessa comenta, contrapondo parcialmente o proposto pelo Coordenador, que se pode direcionar para o grupo não ter uma identidade e que, dessa forma, os participantes entrariam no grupo a qualquer hora. Assim, ela entende que a discussão seria um “bate-papo” para o pesquisador aproveitar alguma coisa.

Caetano, que ainda não tinha verbalizado nessa reunião, muda um pouco a direção da discussão e seus termos, ainda tentando abarcar a questão da definição do grupo. Ele pede a atenção do grupo e, em especial do Coordenador, para afirmar que o problema dos

participantes reunidos com o objetivo do grupo decorreria do próprio estado de trabalho da equipe, por isso é que querem definir o grupo:

Mas, acho que está aparecendo aqui, a gente vai discutir relação de grupo. É você discutir relação de trabalho, grupo com a instituição, as relações de trabalho. E está aparecendo que, na verdade, é um cansaço, é uma pressão, uma necessidade de tempo, né, de agilizar as coisas por conta de que a gente tem pouco tempo. E, pressionado, tem muita coisa na cabeça e qualquer coisa parece que é perda de tempo, né, para uma discussão mais demorada, mais lenta, outro, um processo mais lento mesmo de tempo. E, a gente está assim, está meio esgotado. [...] A gente está assim, querendo que defina logo: “Vai ser assim. Vai funcionar assim.”; por conta dessa situação de trabalho nossa, né?

O Coordenador reitera a quantidade de participantes que propôs, vinte. Vários participantes, como Marisa, Paula, Nara, Elis, Zélia, comentam por alguns instantes quantos já tinham participado e concluem que tinham sido 22. Maria Rita coloca que fechar o grupo para a entrada de novos participantes é forma de economizar tempo para a discussão.

Nota-se que este longo momento de conflito no grupo parece significativo para poder vir à tona da discussão a problemática da ampliação do projeto e da equipe de educadores. A aparente intolerância do grupo com os novos participantes da reunião converte-se em queixas insolúveis sobre a definição da questão do grupo operativo e sobre a entrada de novos membros no grupo operativo. Estabelece-se uma modalidade de comunicação cujo objeto fica incógnito. O enquadre do grupo operativo e o próprio Coordenador são tornados depositários das ansiedades do grupo, talvez, por isso, o recurso insistente do Coordenador a recapitular o enquadre de um ponto de vista racional não teve função suficientemente capaz de acolher a demanda.

O grupo demonstra uma cisão difusa dupla entre os que pensam em limitar a entrada e aqueles que defendem a participação de novos membros para ampliar o projeto; e entre aqueles que esperaram a direção da discussão sendo dada pelo Coordenador e aqueles que consideravam poder discutir sobre seu trabalho e que o Coordenador analisaria o que aparecesse.

A revelação do estado de trabalho da equipe, que seria muito cobrada, estaria cansada e, por isso, considera perda de tempo uma discussão mais longa, parece ter a função de explicitar algo existente no grupo e que estava obstruindo a realização da sua tarefa. Até então, o grupo precisou buscar uma forma de expulsar o enfrentamento das próprias contradições vividas, posto que parecia estar além do que acreditavam alcançar.

Após o grupo demonstrar-se acolhido, ou esgotado, e menos ansioso com o enquadre definido para a participação nas reuniões, o Coordenador assinala que a discussão suscitada revelaria um pouco das questões da equipe sobre a relação dos que já estavam formados com aqueles em formação. Elis imediatamente complementa o manifestado pelo Coordenador dizendo que seriam “incômodos”:

Porque, primeiro, que o grupo tem um pessoal que está aqui, eu acho que, não faz três anos; um ano e meio, sei lá. O pessoal chegou depois e, agora, o pessoal que está chegando. Então, o pessoal que tem mais tempo de educomunicação, é... Eu não sei se essa seria a palavra... É, falta um espaço para que os novos possam se integrar, né? Por que como é que os novos estão sendo integrados no educomunicação? [...] É, e eu sinto também, né, o pessoal vai me matar, mas os educadores mais antigos, né, às vezes, eu acho que há uma resistência do grupo de receber pessoas novas, né? É, de como é que é isso? Ou, talvez, essa recepção tenha de ser melhor organizada? Não sei. É uma coisa que estou pensando.

Vários outros participantes concordam com ela e adicionam argumentos. Gilberto destaca que, em vez de contato com antigos membros multiplicadores, os novos são inseridos em palestras e práticas. Antônio diz ter a sensação de que o trabalho está sempre começando. Caetano admite que há uma resistência dos mais antigos sobre os novos participantes, e justifica dizendo que isso seria natural nos grupos. Vários outros participantes tentam falar ao mesmo tempo a respeito.

Elis discorda de Caetano sobre a resistência aos novos ser natural em grupos. Caetano defende sua posição afirmando que a sociedade é hierarquizada e que o discurso democrático na Fundação é para os funcionários da base, pois quem está nos patamares

superiores dá ordem para serem cumpridas.

Vanessa declara que aprendeu a não ter o preconceito de se precisar já saber educomunicação para entrar no grupo. Ela destaca a importância de poder conversar com os colegas sobre o que estão fazendo. Paula comenta que os diálogos importantes acabam acontecendo nos horários de almoço.

O grupo discutiu os incômodos vividos nessa relação entre seus membros. Explicitaram a dificuldade para integrarem os novos membros e uma resistência dos antigos com os novos. Essa questão praticamente dividiu o grupo entre os mais antigos, que justificam sua resistência às mudanças realizadas no projeto, e os novos membros, que questionaram essa postura.

Antônio destaca, como causa da falta de integração na equipe, a criação do projeto dentro de uma instituição fragmentada. Ele reitera também que não conseguem reunir e organizar as informações para apresentar nas próprias unidades, quanto mais para os novos participantes. Ele, assim, reinsere a discussão sobre as ações dos educadores no contexto das relações afetivas na instituição, fazendo referência ao discutido na reunião anterior (da qual ele não participara).

Essa dimensão institucional, considerada contraditória, por Antônio mesmo, foi usada por ele mesmo para explicar os motivos dos problemas para receber os novos participantes do projeto. Em seguida, Caetano afirma que o projeto ampliou muito rápido na Fundação, mas só seus números interessam. Antônio destaca que o projeto ganhou visibilidade na instituição.

Maria coloca um outro lado da ampliação, que seria o da demanda das próprias equipes das unidades da Fundação para expandir o projeto. Imediatamente, Antônio tenta explicar, como causa dessa demanda, uma incapacidade de a equipe de educomunicação comunicar o que faz para as outras equipes.

Maria lembra o grupo de que eles estão tentando reunir o material produzido no Centro de Referência. Antônio coloca que há uma suspeita dos outros profissionais da Fundação quanto à reunião desse material, a qual pareceria que se produz para o próprio grupo de educadores.

A instituição voltou a ser alvo das críticas, principalmente dos mais antigos no projeto. Não se tinha chegado a um consenso da entrada dos novos na equipe. Isso pareceu um movimento do grupo em busca de um elemento externo para depositar os aspectos com os quais não estavam conseguindo lidar, o que permitiria não ter de repartir o grupo, se a discussão continuasse, devido à polarização das opiniões.

Várias pessoas tentam falar. Caetano consegue a atenção para dizer que o que deveria interessar não é quantidade de material reunido, mas sim o movimento para o reunir. Várias pessoas tentam novamente falar. Antônio consegue a atenção e se manifesta de acordo com a afirmação de Caetano.

Priscilla adiciona nova questão sobre o projeto na discussão, mas ainda mantém o foco na contradição que vive em seu fazer na instituição. Ela aponta que se sente fazendo uma produção em massa e questiona se os alunos estão realmente aprendendo o objetivo de gravar, filmar etc., considerando que na educação não interessa só gravar, mas sim saber por que gravar. Caetano concorda e diz que isso é a função social da comunicação.

Vanessa muda o conteúdo da discussão, ainda sem mudar o foco na contradição do projeto. Ela comenta que Gilberto tinha destacado o resultado do “Educom.rádio”. Ela comenta que percebeu o quanto as dificuldades ficam ocultas na divulgação das propostas, o que foi proporcionado quando um educador de uma unidade do Sesc de outra cidade fez uma série de elogios ao projeto de educação da Fundação, baseado no que ele recebera de informações.

Gilberto coloca em xeque o enfoque na produção industrial dentro do projeto, que

prioriza a prática e não dá tempo para a reflexão. Fred relata que tenta fazer a reflexão durante a produção com os alunos. Ele comenta, por isso, o exemplo de uma demanda da Fundação que ele abriu para os alunos discutirem, e estes resolveram satisfazer a instituição e fazer outro projeto em conjunto, na mesma produção.

Gilberto critica o estado do projeto de educomunicação como sendo prestador de serviços, quando enfoca somente a participação dos alunos como repórteres-mirins. Fred reitera que tenta fazer a reflexão no tempo que está disponível. Comenta que, às vezes, não consegue realizar essa reflexão na Fundação porque, às vezes, nem os educadores comparecem, e ele tem de os substituir.

Antônio relata que colegas de fora do projeto manifestaram-lhe o desejo de terem os mesmos equipamentos e mesmas condições para realizar tarefas. Ele diz, no entanto, que não tem equipamento disponível, apenas recebiam o apoio da rádio comunitária. Além disso, considera que a educomunicação estaria presente como na ação de colocar os “garotos” em uma audiência pública para discutir com o vereador e o subprefeito.

Gilberto comenta o texto que leu sobre a imposição de padrões de formas de produção pelos meios de comunicação, como a necessidade de roteiro pré-definido, em vez de se realizar uma ação mais artística. O assunto não mobiliza discussão.

Priscilla dá outro exemplo sobre as contradições do projeto. Ela questiona se os alunos vão poder falar e participar no evento dos professores da rede estadual. Nara diz imediatamente que os participantes seriam preparados antes de irem ao evento. Marisa comenta que a participação dos alunos foi um espaço conquistado, pois os professores das escolas diziam que era um evento para os profissionais. Por isso, a equipe teve de usar convencimento, como lembrar que os adolescentes participantes do projeto são alunos dos próprios professores do encontro que estariam fazendo a cobertura. Nara reforça o ponto-de-vista de Marisa.

Elis diz que o resultado do trabalho é obtido, apesar das dificuldades relatadas, enfocando o processo de fazer e não o resultado da técnica. Antônio ironiza dizendo que a Fundação deveria cobrar o saber sobre fotografar, e explica que isso não é cobrado porque não é um curso técnico. Elis reitera sua posição e questiona o que seria mais importante para os “meninos”, se é ter um produto ou saber o que produzem, com quem ou por quê. Ela relata a contradição em relação ao ato de “pagação” que os estudantes têm de passar na escola, em contraposição com a que têm na Fundação, onde acabam produzindo “coisas legais”, e pondera:

Quer dizer, eu acho que todo mundo já ouviu isso: “Por que o João dá tanto trabalho na escola e não dá tanto trabalho na Fundação, né?” [vários participantes reagem concordando] O que é que tem de diferente? O que proporciona para o João essa outra... esse outro tipo de relacionamento? Acho que a instituição tem a ver com isso, a educomunicação tem a ver com isso, para ele...

Priscilla, em seguida, comenta que seria mais importante ter um vídeo de apresentação do projeto com a cara dos meninos do que um institucional, como o que foi produzido. Fred critica o vídeo feito por terceiros. Antônio concorda e diz que seria um vídeo do Projeto Educom, mas com a cara dos meninos.

Fred reforça que o foco no processo também já acontecia no projeto de Arte-Educação, em que ele trabalhava mais as decisões do que os resultados. Seria uma forma de contribuir para aparecer *a identidade* dos alunos. Ele dá outros exemplos que realiza no próprio Educom. Fred relata a realização de programas com imprevistos, como agressões a colegas e com assuntos que perturbam a outros. Isso teria acontecido com um grupo de alunos que tentou invadir a rádio e, dificilmente, foram dissuadidos.

Os participantes ficaram curiosos para saber o que aconteceu com Fred, e ele relatou que um deles entrou em conflito com o educador e cuspiu nele. O educador teve dificuldade para lidar com isso. Fred afirma que não foi agressivo com o garoto, mas foi

advertido pelos seus superiores por isso.

Gilberto propõe que se faça uma “leitura crítica” do vídeo que apresenta o projeto e que enfoca as logomarcas de grandes emissoras comerciais de televisão. Sobre essa “valorização”, caberia uma reflexão, segundo ele. Várias pessoas se manifestam ao mesmo tempo. Guilherme compara isso com a visita que tinha feito com seus alunos a uma emissora de TV, antes de criarem o Educom, e o quanto os estudantes ficaram encantados com a estrutura. Gilberto comenta que é a esse tipo de reflexão que se refere. Maria Rita comenta que essas emissoras não olham para a intenção do que produzem. Gilberto questiona o valor que se dá a essas emissoras e por que acabam reproduzindo-as.

Caetano pede a atenção. Inicialmente, esquece o que queria falar. Depois, lembra-se e propõe a reflexão sobre o caráter pessoal da forma como se lida com a afetividade no trabalho, e que isso atravessa a educomunicação e outras áreas e lugares, como a arte-educação e a culinária. Não é por ser “edu-comunicador” que se tem essa sensibilidade, segundo ele, enfatizando a separação entre as partes da palavra, ao pronunciá-la.

Gilberto aponta, ao contrário, que a formação de educomunicação levaria a lidar, sim, diferentemente com as situações. Paula concorda com Gilberto e adiciona que a atividade é também proposta diferentemente na educomunicação.

Caetano defende sua idéia esclarecendo que se trata da atividade, e não da relação com o menino. Paula reafirma sua discordância com Caetano e comenta que existe um “equivoco”, pois o professor pode deixar todos em silêncio para dar a aula, mas, como educadores, eles convidam os alunos a participar, propõem relações horizontais. Ela comenta que poderiam deixar a “porta fechada” e, em vez disso, estimulam uma relação diferente na sala de aula.

Fred se insere nesse debate sobre horizontalidade. Ele relata longamente como tenta realizar a atividade de forma participativa e horizontal com seus alunos. Ele destaca:

Primeiro, eu sento, sento em roda, explico o porquê da roda, para a gente estar todo mundo igual, o equilíbrio de relação de poder, o espaço democrático, pá-pá-pá, pá-pá-pá. E explico para eles que é assim: “Não me chama de professor. Eu não vou te chamar de aluno. A gente está aqui, eu vou aprender com vocês e vocês vão aprender comigo. Tem coisa que a gente vai construir junto no aprendizado”.

Além disso, ele comenta que é difícil mudar a forma como os próprios alunos se colocam. Comenta também sobre situações em que poderia ter entrado em disputa com aluno pela razão sobre o uso de uma câmara fotográfica, mas conseguiu dialogar, como nova proposta. Assinala que há um processo histórico que explica a relação assimétrica que herdam:

É difícil para a gente, como educador, e é difícil para eles, como educandos, entender isso. Porque é uma coisa, é um processo de, sei lá, quinhentos, seiscentos anos atrás, desde que inventaram escola, que, assim, que o educador, ele é o centro, o dono do conhecimento, o ser da luz, né, e o aluno, que é o “a”, sem, “luno”, luz, que é o cara que é sem luz, vai receber a luz nossa.

Fred ainda conclui que a proposta é nova para os alunos, para a equipe e para a própria sociedade, e que, por isso, não é fácil realizá-la.

Gilberto comenta que essa proposta daria a sensação de barco sem rumo para o professor, que teria tendência a direcionar tudo, para não “virar bagunça”. Paula coloca que o aluno fica em dúvida para confiar no professor que não o direciona. Gilberto critica que se dê mais valor a não haver bagunça do que ao aluno aprender.

Antônio comenta que esse direcionamento é o verdadeiro currículo da escola. Ele elenca outras formas de a educação exercer o controle, como uniforme, sala de aula e horário.

Gilberto diz que isso é um embate de forças. Guilherme alerta para que estejam reproduzindo essa característica disciplinar da escola. Gilberto adiciona a crítica sobre o resultado disso na cultura: “Aí se forma essa cultura que se diz, que se acredita uma cultura superior, né, para ler...”.

Antônio comenta que essa atitude se dá entre os educadores porque as pessoas aprendem essa cultura na escola ou a aprendem na formação de professores. Ele aponta como

libertadoras as oportunidades de diálogo oferecidas aos alunos, como fez Fred, para começar a questionar seu próprio ambiente escolar.

Paula tenta falar sobre a chegada de novos alunos em sua unidade e é interrompida por Antônio, que comenta que é cobrado em sua unidade por ser considerado bagunceiro com os alunos. Os membros do grupo se manifestam simultânea e sarcasticamente para saber se é Adriana que o cobra. Fred diz ironicamente que há unidade em que não se pode deixar alunos para fora da sala porque pode chegar a “diretoria” ao local, e conclui: “Então, você tem que esconder!”. Os participantes riem com o comentário.

Paula volta a falar da chegada de novos alunos à unidade em que trabalha. Agora consegue a atenção. Ela relata que eles queriam saber onde era a “segunda-série” e foi difícil explicar que eles poderiam escolher o que fazer na unidade. Eles não conseguiam entender que poderiam escolher: “Não tem na cabeça das crianças você escolher uma atividade.”, ela conclui.

Fred confirma o que Paula disse sobre a escolha das crianças. Antônio diz que se tira a capacidade de escolha das crianças no processo escolar e relata que viu isso numa visita a uma escola onde a professora valorizava a pintura de desenhos prontos e com cores predeterminadas. Isso deixava a professora satisfeita. Os demais membros do grupo manifestam reprovação contra essa professora. Antônio reitera que isso tira o poder de escolha. Fred adiciona que tira também a criatividade. Antônio reitera que as crianças são formatadas, “condicionadas”.

Gilberto retoma os relatos de Fred sobre o “episódio” de diálogo com os alunos. Ele comenta que seria isso educamunicativo. Ele aponta, ainda, que teriam acontecido situações parecidas no Educom.rádio, segundo o que lera a respeito, e que foi dolorido, mas rendeu frutos bons ao final. Ele conclui que só quem não conhece fica com a idéia “diferente” sobre essa proposta adotada na educomunicação.

Antônio comenta que é difícil também “vender” a idéia para todos os alunos. Gilberto concorda. Antônio explica que só uma pequena parte elabora o que foi proposto, e a outra parte quer que se diga o que deve fazer.

Elis afirma que isso é a lei do mínimo esforço. Antônio concorda. Elis adiciona que a escola faz isso desde a pré-escola. Ela introduz uma auto-reflexão e comenta que os adultos também querem evitar o esforço. Ela aproveita também para dizer que no próprio grupo de discussão acontece isso, pois nem todos se manifestaram e apenas uma parte está pensando, o que ela ilustra com a atitude de Vanessa, que estaria “borbulhando”. Fred complementa a analogia afirmando que isso seria é um “caldeirão”.

Elis aproveita a idéia e comenta: “O caldeirão começa a ferver...”. Ela diz que o Educom coloca as crianças no caminho de pensar, mesmo que nem sejam todas. Antônio, em uma espécie de jogral com Elis, comenta que, de sessenta, quinze topam e cinco elaboram a proposta. Elis conclui que se vive a cultura da falta do exercício da elaboração na escola e que cabe realizar esse exercício com os alunos da Fundação.

Antônio critica a Fundação afirmando que ela “rouba” a infância das crianças porque as impede de brincar simplesmente para, em vez disso, ficar organizando o dia delas. Ele apresenta a suposição de que a rebeldia dos alunos adolescentes pode dever-se a isso. Nara comenta jocosamente o exemplo de brincar no cemitério, dando a entender que já teria acontecido.

Antônio continua sua contestação comentando que a organização precoce da vida dos alunos pode explicar por que alguns adolescentes têm comportamentos mais infantilizados. Fred diz que isso está piorando. Antônio completa que os garotos não querem ouvir porque estão condicionados desde os sete anos pela Fundação.

Várias pessoas tentam falar a respeito. Fred consegue a atenção e pondera que os alunos da Fundação têm uma situação mais “sossegada” do que os que vão para a educação

em tempo integral, o que chama de “grande medo” dele na educação do Brasil, porque seria só com professor, como o que está acontecendo no local onde atua, em que o setor da educação não vai mais trabalhar a complementação escolar com a Fundação.

Antônio comenta brincando que Fred estraga os garotos. Fred comenta que a rede estadual também tem um projeto para escola em tempo integral, em que os alunos vão ficar com professores no horário escolar e fora do horário escolar. Além disso, como é na escola, vão usar a estrutura que não é apropriada. Comenta que a história dessa proposta é linda, como nos EUA, enquanto na Cidade vai ser professor de matemática apresentando aula de teatro.

Antônio contesta ironicamente o sucesso da referida proposta nos EUA. Ele afirma que os alunos “brincam” de video-game como em Columbine.

Fred retoma a palavra e desloca a discussão para uma dimensão ideológica. Ele lamenta estar acabando-se com a liberdade da “molecada” porque se incute valores capitalistas, idolatrando os EUA e os inserindo numa linha de produção onde se define o que é certo ou errado, como pintar um desenho de uma cor ou de outra. Gilberto comenta que os alunos são muito condicionados.

Vários participantes falam ao mesmo tempo. Fred diz que é considerado violência, se usar vermelho. Elis questiona ironicamente o que será considerado, então, se usar preto. Fred conclui que, desde os sete anos, trabalha-se o indivíduo para ser um “peãozinho do capitalismo”. Gilberto comenta que eles são condicionados a fazer margem, pois fazem o mesmo quando não precisam.

Vários participantes novamente falam ao mesmo tempo. Fred consegue a atenção e relata que, ao se errar em um roteiro de rádio, diz para os alunos que podem continuar. Relata ainda que, no entanto, sempre teve problemas pessoais com rasuras em provas. Exemplifica isso com uma situação na graduação, em que deveria tirar oito e ficou com zero

por causa de uma rasura. Retoma o cerceamento da criança com a imposição dos modelos. Ele questiona por que não se pode usar outras opções. Considera, com isso, que haverá menos “Picasso” e “Van Gogh” na sociedade, e só um modelo de produção em que se quer “peões”.

Antônio afirma que essa é uma escola “atrasada” porque não há mais a necessidade de preparar pessoas mecanizadas para a produção. Coloca em questão o próprio curso profissionalizante da Fundação. Outros participantes concordam que não se pode esquecer dos próprios cursos da Fundação.

Elis comenta que a discussão em curso tem a ver com a educomunicação, pois o homem precisa ser diferente e a escola forma o homem de ontem. Antônio concorda. Elis adiciona que, assim como com os membros do grupo, acontece também com os alunos o que Caetano falou sobre a sensação de ter muita coisa para fazer e, por isso, pensar ser considerado uma perda de tempo. Ela afirma que os alunos ficam agitados quando estão confinados na sala.

Antônio ironiza que pensar “dói”. Elis concorda com a ironia. Antônio ilustra que dói o estômago.

O Coordenador interrompe as considerações e lembra que o tempo do grupo está encerrando. Ele comenta que Elis “tirou as palavras de sua boca”. Antônio ironiza dizendo que isso foi um beijo. Os participantes riem da brincadeira. O Coordenador comenta que a afirmação seria algo para pensar e objeto de outra discussão. Aqui se pode interpretar a metáfora do beijo como o emergente possível da necessidade de uma outra forma de relação entre homens e mulheres do grupo, mas que só então pôde ser estabelecida com um personagem externo, o Coordenador, uma vez que há um conflito latente de gênero, atravessado pela hierarquia e pela experiência no projeto.

O Coordenador continua sua intervenção enfocando a atenção para relação entre o que os participantes comentaram sobre o grupo, como lidam com os alunos, como exercem

seus papéis e enfrentam as pressões dos superiores e dos pares, mas que também buscam brechas e caminhos para realizar o que esperam. Ele comenta que não está claro ainda se essas buscas e as ações no projeto são mais individualizadas ou coletivas.

Com essa discussão, o Coordenador diz que formulou uma nova pergunta para a pesquisa: “Qual a contribuição da educomunicação para o grupo?”, além da contribuição do grupo para a educomunicação. Ele comenta que poderiam ser contribuições compartilhadas com outras áreas e que permitem formar e fazer funcionar o grupo, e, no caso deles, esse grupo fazer funcionar um projeto educ comunicativo na Fundação.

O Coordenador relembra a data e o horário do próximo encontro. Ele lembra também que o grupo continuará com aqueles que já participaram. Para concluir, ele assinala que, como aconteceu com os alunos a que se referiram, no grupo tinha havido uma crise quando se abriu a possibilidade de eles escolherem o rumo da discussão. Afirmou ele que, por isso, sua leitura sobre o grupo é parecida com a de Elis, que são questionamentos sobre o que se precisa para um grupo funcionar, como definições, tarefas, e objetivos.

Vários participantes agradecem. Fred se despede repetindo em tom de brincadeira o nome e, em seguida, o nome trocado do Coordenador.

Observações gerais sobre o processo

A presença dos participantes no grupo foi bastante agitada. Vários atrasaram-se, outros que saíram mais cedo. Houve muita circulação pela sala para buscar água e café, pequenas rodas de conversas paralelas, entre outras ações. Em alguns momentos, quase a metade das cadeiras chegou a ficar desocupada. Algumas pessoas manifestavam-se e, logo depois, saíam da roda de discussão.

Essa segunda reunião foi marcada inicialmente pelo montante de ansiedade do grupo que pareceu ser depositado nos novos participantes, no Coordenador e em elementos externos, como a instituição e a escola. A revelação do cansaço e da desmotivação do grupo para pensar teve um papel funcional importante para o grupo sair do movimento de pré-tarefa em que se encontrava. Nota-se que esse emergente compareceu também na primeira reunião, assumido apenas como uma questão particular de uma participante, Rosana, mas que já ensejava a explicitação de um estado comum de sobrecarga e de estereotipia das relações.

Os ataques ao enquadre da reunião, além disso, podem representar também, o que ficou explícito mas não foi elaborado amplamente, uma necessidade de continência a ser oferecida pelo próprio enquadre do projeto da instituição. Aqui cabe destacar que o estado revelado dos membros da equipe e a relação com o projeto da instituição têm uma relação indissociável, sobretudo se considerar própria hipótese de que os sujeitos se fazem nas relações que estabelecem.

7.3. Relato da 3ª reunião

Essa reunião foi realizada no dia 20 de setembro de 2007, na sala de formação do CRE. Ela foi iniciada às 14h e contou com a presença de onze membros da equipe do projeto de educomunicação da Fundação.

O que precedeu

A Assessora do NCE para o projeto encontra a equipe de pesquisa fora do CRE e

pergunta sobre o andamento do grupo. Ela pergunta como serão encaminhados os conflitos no grupo. Ela demonstra preocupação com a autodestrutividade que as atitudes críticas do grupo pode provocar.

A Coordenadora do projeto recebe o Coordenador do grupo e pergunta se ela deveria participar da reunião do grupo, já que não tinha comparecido aos outros dois. O Coordenador do grupo informa a ela que não precisaria, e que só participaria quem já tinha participado de, pelo menos, um dos outros dois, conforme tinha sido combinado com o grupo, no encontro passado.

A Coordenadora também aproveita para encaminhar outros assuntos. Ela confirma o local da reunião na sala de atividades de formação dos educadores, a mesma da semana anterior; informa que os novos membros da equipe não participariam mais das reuniões e teriam sido informados que houve um equívoco das informações sobre as atividades deles, os quais realizariam outras tarefas de formação no mesmo período; e transmite o recado de que alguns outros membros da equipe não compareceriam à reunião porque precisavam ocupar-se em outras tarefas do projeto que precisam ser encaminhadas para a realização um evento na semana seguinte.

Como nos encontros anteriores, o Coordenador organiza as cadeiras em círculo no espaço da sala. Ele e a observadora aguardam os participantes, os quais estavam na mesma sala, mas não se mobilizaram para se reunir dentro do horário previsto, até que, passados os dez minutos de tolerância, o Coordenador sinaliza aos presentes que estava aguardando-os para começar a discussão. Há um pequeno constrangimento dos presentes com o número de participantes reduzido a quase a metade da quantidade do encontro passado. Parecia haver uma preocupação latente com a realização da reunião.

A preocupação com a realização desta reunião do grupo operativo parece ter antecipado-a e migrado para outros espaços. As procuras da Assessora do NCE e da

Coordenadora do projeto para se comunicarem, respectivamente, preocupações e questões sobre o encaminhamento da reunião do grupo operativo da pesquisa explicitam e indicam que, desde o encontro anterior, haviam sido provocados preocupações e encaminhamentos da instituição decorrentes, provavelmente, de efeitos que as reuniões tiveram sobre a condução do projeto.

A redução de participantes também já indicava um movimento dos participantes em relação à realização dos grupos operativos. Alguns participantes ausentaram-se e encaminharam recados justificando que estariam ocupados com outra atividade do projeto. Uma aparente manifestação simbólica e concreta daquilo que relataram e discutiram sobre a prioridade dada às práticas da equipe.

Abertura

A reunião é iniciada pelo Coordenador lembrando ao grupo o critério de dez minutos de espera para iniciar, o que tinha sido combinado na primeira reunião e era o que estava seguindo na ocasião. Comentou também que alguns participantes já tinham informado que não compareceriam, por intermédio de Elisabete (Coordenadora do Projeto).

Em seguida, o Coordenador recapitula questões que ficaram mais fortes da reunião anterior. Ele comenta primeiro a reflexão sobre a composição dos participantes do próprio grupo para continuar a discussão. Havia questões aparentemente misturadas, a entrada de pessoas no grupo operativo e a entrada de novos participantes na equipe para a ampliação do projeto na Fundação, e que isso foi difícil para se entender e levar a definir uma posição a respeito. Isso foi sendo comentado por ele, enquanto chegava mais participantes, como Zélia.

O Coordenador ainda comenta sobre o encontro anterior o caráter pessoal de

vários relatos comunicados sobre as experiências com democracia, participação e trabalho em grupo no projeto de educomunicação ou com outros projetos, como o de arte-educação, dentro ou fora da Fundação. Ele afirma que os participantes tentaram se relacionar mais uns com os outros nesses relatos.

Fechando essa parte inicial, ele assinala que se repetiu na segunda reunião a questão da contradição entre o projeto ideal e o projeto real da educomunicação. Afirmou ainda que a reflexão sobre isso perpassasse os relatos das experiências pessoais na educomunicação.

O Coordenador propõe, como “ponta-pé de partida” da terceira reunião, a discussão sobre o grupo de educadores que conseguem realizar, se existe um grupo e se ele é uma referência para o que realizam nas unidades e nos projetos. Ele assinala que, nos encontros anteriores, já tinham sido explicitados e discutidos os envolvimento particulares nos grupos das unidades.

Desenvolvimento e encerramento

Após a colocação inicial do Coordenador, Gilberto manifesta-se imediatamente sobre o que foi proposto para refletir. Ele comenta que a equipe é um grupo porque está fazendo atividades e coisas juntos, como as coberturas. Além disso, destaca que estão tendo o Centro de Referência como um ponto de convergência e troca de experiências para o trabalho que realizam nas unidades. Ele ainda reitera a existência do grupo, apesar da existência de problemas.

Alguns participantes da equipe entram na sala e chamam a atenção dos presentes no grupo. Eles se dirigem ao Coordenador, em particular, para informar que não participariam

da discussão porque preparariam oficinas a serem realizadas na semana seguinte, e não teriam outro tempo para isso. Quando saíram, o Coordenador informou aos participantes da reunião o motivo da interrupção.

Gilberto retoma suas considerações sobre a existência do grupo. Ele comenta que o grupo passou de uma atividade mais teórica, no início, para uma mais prática, recentemente. Ele ressaltou o estabelecimento de estratégias conjuntas e a interação que tiveram entre si para poderem participar do evento Virtual Educa. Gilberto também afirma que o grupo de educadores funciona melhor do que os das unidades em que atuam, devido a receberem a formação e terem conhecimento em comum. Isso tornaria diferenciado o espaço que têm e proporcionaria a tendência de se sentirem mais “certas” no que fazem. Além disso, ele destaca, sem pormenorizar, que a estrutura é menor e que as pessoas estão envolvidas com a mesma “coisa”.

Relativizando as considerações de Gilberto, Caetano afirma não diferenciar a formação do grupo por causa da educação em relação a outros, como comparado ao de um para jogar futebol sozinhos às sextas-feiras, que tem organização e lugares para os participantes. Assim, Caetano frisa que não é a educação que forma o grupo, pois poderia ser arte-educação ou qualquer outro tema.

Gilberto manifesta ter refletido sobre o que Caetano falou. Considera que não existe o grupo por ser a educação, mas sim por ser o mesmo foco. Concorde que poderia ser até um grupo de jogadores de futebol que se reúne para ganhar ou todos num projeto de educação profissional. Ele demonstra certa hesitação para continuar falando sobre isso.

Caetano volta a falar e afirma que é natural formar grupo. Gilberto concorda. Caetano volta a enfatizar que não foi a educação que formou o grupo. Gilberto concorda novamente. Daniel entra no diálogo e retoma a ideia de que o que facilitou a

existência do grupo foi o fato de as pessoas estarem envolvidas na mesma formação.

O Coordenador coloca-se na discussão. Ele assinala que se está discutindo a relação entre grupo e educomunicação, e que se pode pensar nas recíprocas contribuições. Ele aponta que o grupo questionou bastante o quanto a educomunicação contribui para o grupo. Interpretou que falavam de uma educomunicação ideal e de uma possível na instituição, na hierarquia, na relação de poder, na realidade de cada unidade e na de cada um do grupo.

Ele continua sua intervenção destacando que tentou provocar no encontro passado a discussão sobre essa contribuição recíproca, mas no sentido do grupo para a educomunicação, como, por exemplo, se o grupo é uma referência para a realização dos projetos nas unidades. O Coordenador retoma a reflexão sobre os questionamentos a respeito da ampliação da quantidade de participantes no grupo operativo e na própria equipe do projeto, que aconteceram no encontro anterior. Ele aponta a existência de um grupo que existe e aquele que os participantes querem que exista. O Coordenador aponta ainda a divergência dos membros do grupo sobre existir ou não especificidades da educomunicação para se trabalhar o grupo.

Como o grupo teria aberto um leque grande de possibilidades de reflexão e questionado bastante o tema de discussão, no encontro passado, o Coordenador sugere que o debate enfoque o papel do trabalho em grupo para a educomunicação, problematizando a existência de outros grupos nas unidades e a existência de um grupo de referência para a atuação. Ele destaca que é difícil formular a pergunta a respeito porque isso dependeria da experiência que vivem, que seria diferente a cada ponto-de-vista de onde se percebe cada situação, como da unidade, da equipe multiprofissional, dos novos ou antigos, e que isso seria a riqueza da discussão levada para o grupo.

Elis se insere na discussão. Ela afirma concordar com Caetano quanto a serem um grupo na medida em que compartilham de um espaço e têm uma rotina. Mas afirma também

que esse grupo tem certa cultura organizacional, e que os mais antigos conseguem constituir com mais facilidade esse grupo porque têm mais claros os princípios da educomunicação, o que considera uma particularidade. Ela comenta ainda que reconhece a caminhada desse grupo para “espalhar” a educomunicação para os outros profissionais, ainda não sabendo se da forma ideal, com parcerias e trabalhos conjuntos. Isso, para ela, constituiria não só o grupo, mas um grupo de educomunicação.

Volta a falar Caetano. Ele enuncia que vai tratar da afetividade, segundo ele, porque seria a questão da pesquisa do Coordenador. Ele a relaciona com a discussão sobre o grupo, concordando agora que haveria especificidades metodológicas e teóricas para serem trabalhadas na educomunicação. Tendo realizado a discussão a respeito, segundo ele, voltam para a unidade com conhecimentos que os outros não têm. Ele ainda afirma que o grupo colabora com essa discussão para a educomunicação, pois que a equipe da Fundação tem um percurso para chegar até a educomunicação:

Ela [a Fundação] tem um percurso grande aí. Passou pelas artes e ofícios, trabalho manual voltado para a geração de renda; depois, caiu na arte e cultura, que foi transformado em arte-educação; depois, veio a educomunicação. Então, tem um conhecimento adquirido nesse percurso que o trabalho só com educomunicação não tem, né?

Ele ainda atesta sua opinião relatando que Bethânia (Assessora do NCE para o Projeto) comentou que o professor Hermeto (Coordenador do NCE), escrevera algo sobre o caso da educomunicação na Fundação, que seria outra pedagogia.

O Coordenador do grupo, imediatamente, pergunta para o grupo sobre qual seria essa pedagogia. Caetano reitera que seria o percurso em que as pessoas foram adquirindo conhecimentos ao longo do tempo, com as práticas e os contatos com outras teorias, conferindo o que dá certo ou não. Isso levaria a uma educomunicação com outra linha de pensamento e organização. Ele aproveita para dizer que há choques na Fundação porque se está dando essa especificidade nas experiências com a arte-educação. Ele conclui que, por

causa dessa experiência com arte-educação, a educomunicação na Fundação é diferente daquela realizada nas escolas públicas do Estado de São Paulo. Diz ele que sai uma outra “coisa”. O grupo fica em silêncio por alguns instantes. Ele volta a falar apontando para o grupo e dizendo “A gente faz assim, olha!”.

Fred manifesta concordância com Caetano. Este retoma a palavra e propõe esclarecer melhor o que disse, exemplificando que Fred é ator, Daniel é músico, ele é publicitário e há um ambiente diferenciado da escola. Então ele conclui que não é “à toa” que se produz outro tipo de comunicação no encontro com a educomunicação.

Daniel avança nessa linha de pensamento de Caetano. Ele propõe pensar que o mediador da Fundação, além de ser embasado em educomunicação, também é em arte-educação, e cada um ainda é em artes, música, teatro ou comunicação. Isso tudo seria mesclado para ser trabalhado na aula. Isso levaria a outro tipo de mediador de educomunicação. Caetano comenta concordando a existência de um diferencial dessa mediação. Daniel acentua que esse fora o caminho percorrido. Caetano concorda com Daniel. Este levanta a idéia de que havia entre quatro e seis anos que essa busca se dava diferentemente na Fundação, e seria a isso que o professor Hermeto teria se referido no texto.

Caetano adiciona crítica e constrangidamente que, por ser do “terceiro setor”, há na Fundação um tipo de “assistencialismo” em que todos querem “ajudar”, o que dá um “tom” ao projeto diferente daquele da escola. Na escola, o professor serve para ensinar e o aluno para aprender. A Fundação tinha a preocupação de “ajudar os pobres”. Isso diferencia o trato no relacionamento.

Elis avança mais nessa comparação. Ela afirma que a educomunicação realizada fora da Fundação busca ser uma estratégia de aprendizagem, como na escola, enquanto que na Fundação busca-se o desenvolvimento, embora ela mesma afirme que aprendizagem e desenvolvimento sejam muito ligados. Elis exemplifica que o menino expressar-se em público

é uma grande conquista. Ela conclui que a educomunicação e a arte-educação ampliam o repertório cultural para possibilitar o desenvolvimento, não considerando algumas coisas que são importantes para a escola, como ler e escrever, não o impedem de fazer a educomunicação.

Daniel também comenta a diferença com a escola. Ele afirma que a educomunicação é usada na escola como ferramenta contra o absenteísmo, para aumentar a participação na aula e para acabar com a bagunça. Na Fundação, ela teria outros foco, olhar e questões.

Gilberto generaliza a questão afirmando que a educomunicação na escola pública é para resolver conflitos, como lera a respeito do Educom.rádio:

No Educom-rádio [sic], eu li, que foi realizado assim em escolas que a situação era bem tensa mesmo, de professor de um lado... Professor, diretor, aluno como três elementos totalmente separados um do outro, um choque, um conflito, né? Parece, assim, que a experiência foi para aproximar, para procurar resolver esse conflito.

Ele ainda afirma que há bem menos conflito na Fundação e que costuma haver a situação de as crianças relatarem que gostam mais da Fundação do que da escola.

O Coordenador assinala que a escola tem sido um parâmetro para participantes do grupo do que não se quer ser, desde os primeiros dois encontros. A escola, no caso, mais uma vez, é colocada pelo grupo no papel de bode-expiatório dos aspectos negativos que identificam no processo educativo. Assim, o Coordenador indaga-lhes então sobre o que se quer ser e em que o grupo serve para isso, como forma de tentar elaborar com o grupo esses aspectos que estão sendo projetados para fora do grupo. Ele mesmo se adianta e responde que parece haver uma formação diversa, com a especificidade de origem comum na experiência com arte-educação, sem a finalidade de transmitir, mas sim desenvolver a pessoa, o adolescente, a criança.

O Coordenador propõe voltar com a discussão “um passo atrás” para tratar dos

conflitos dentro da Fundação. Ele recorda que os participantes relataram que propõem atividades educacionais e têm de sustentá-las, mas não se sentem à vontade na instituição porque ela não pensa com os mesmos princípios e tem uma estrutura diferente de funcionamento. Assim, o Coordenador questiona se há alguma ação do grupo nessa situação em relação à instituição. Ele recorda que alguns participantes até já tinham se questionado sobre isso, polarizadamente, posto que, para alguns, não deveriam entrar em conflito, a que o Coordenador afirma fazer a leitura de que não se precisa nem deve entrar em conflito, pois se aproveita as brechas; para outros, dever-se-ia colocar em questão a educação perante a instituição para conseguir legitimidade para o que se faz.

O Coordenador continua refletindo sobre a relação com a instituição e afirma que o conflito parece ser bastante dolorido para os membros do grupo. Afirma que o grupo deu voltas em torno da questão e ainda não a elaborou, pensando o que está oculto no conflito. Ele provoca alguns questionamentos sobre o grupo ser uma referência para os participantes ou ser repartido entre antigos e novos, sobre a ampliação do grupo. Ele reforça a questão de quanto o grupo contribui como referência para a ação, mesmo separados nas unidades. Considera que as questões estão muito doloridas porque têm a ver com experiências pessoais e profissionais e com o papel que exercem na instituição. Ele pergunta se o grupo de educadores está conseguindo mudar alguma coisa na estrutura da instituição ou se estão dando soluções individuais para isso. Como isso seria uma questão “dolorida”, por isso não se teria conseguido até então passar da marcação de posições, afirma o Coordenador.

O Coordenador questiona-se sobre a clareza do que está falando e, para provocar reações nos participantes, pergunta para um membro se um outro tinha entendido. O Coordenador recapitula que questionaram a ausência de posicionamento de alguns membros nos dois primeiros encontros do grupo. Ele os indaga sobre em que se posicionar e sobre o sentido do silêncio no grupo.

O Coordenador volta a se questionar e diz que não tem respostas sobre as questões e afirma acreditar que essas questões ajudam a entender para o que o grupo serve na instituição, até pensando que ele serve de referência para outros grupos de outras instituições que pretendem fazer a educomunicação. Autocritica-se afirmando que seria mais fácil para ele fazer uma pergunta de cada vez, mas fez perguntas no atacado. Elis aproveita a deixa do Coordenador e diz que seria mais fácil para “nós”, em referência a série de perguntas colocadas.

O Coordenador volta a se colocar. Ele analisa a relação que se estabelecia nesta reunião entre os participantes e ele, pois considera que eles estariam até então respondendo a perguntas para ele e não manifestando para o grupo lhe dar sentido. O Coordenador diz esperar que, com o isso, o grupo deixaria de ser uma “entrevista coletiva” e se tornaria um grupo para elaborar o pensamento sobre o que fazem.

Caetano diz entender que o Coordenador fala de dificuldade de expressão na Fundação. Afirma também que há uma opressão para realizar as coisas em grupo, este que é algo natural, mas estaria sendo usado como meio para nivelar a reação das pessoas. Considera que o grupo é formado pela reunião das opiniões pessoais, mas estas não estão sendo aceitas e respeitadas. Ele afirma que isso seria um cerceamento das opiniões contrárias e que o debate e a discordância dariam mais equilíbrio à discussão, às vezes, até uma “provocação positiva”, segundo o que ele coloca, só que isso seria interpretado como “do contra” ou displicência. Por isso, afirma que as pessoas estão “ressabiadas” para falar, pois justifica que “Tem um pouco de censura aí, embutida”. Assim, falar em grupo fica mais fácil porque se fica mais protegido, esconde-se atrás do grupo, expressando não a opinião pessoal e sim a de grupo. Conclui criticando que não se assume responsabilidade por decisões, que são então do grupo, e afirma: “O que é de todos não é de ninguém”.

Os participantes da reunião ficam em silêncio por alguns instantes. Aumenta o

ruído por causa de visitantes a uma exposição na sala ao lado.

Caetano volta a falar, e rindo, diz que falara de questões pessoais. Além disso, relata que já tinha sido vítima dessa represália: “Eu já me ferrei duas vezes com isso”. O Coordenador não o ouve bem e confere o que ele falou. Caetano repete que falava de questões pessoais e explica que, ao manifestar opinião contrária, foi interpretado como “do contra” e acabou transferido na Fundação. Ele relata que Guilherme também foi. Caetano afirma que são iniciativas positivas e que não querem prejudicar a Fundação, apenas discutir, ter pontos de vista e até ser incomodado. Guilherme confirma que o objetivo deles é mesmo provocar e, se incomodar, não dá para continuar.

O Coordenador pergunta ao grupo se isso é uma questão só de Caetano. O ruído na sala ao lado não cessa, os participantes demonstram incômodo e alguém pede silêncio. O Coordenador brinca com o grupo dizendo que há um efeito de “depois do almoço”, por causa da aparência de cansaço dos participantes, mas que o cansaço pode estar associado com o que relataram no encontro passado em relação à dificuldade de ação nas instituições. Ele encerra perguntando se o grupo de educadores consegue ser diferente dos outros nessa situação.

Fred responde imediatamente que tenta mas não consegue. Guilherme comenta que consegue um pouco, mas poderia conseguir mais.

Nara começa a falar como se fosse responder a questão, mas parece mudar o rumo de sua colocação. Ela relata que o grupo reclamou nos outros encontros, no sentido de relatar dificuldades, mas que consegue trabalhar. Por isso, afirma sentir que deveriam parar para fazer um exercício como o que o Coordenador estava fazendo, que seria importante. Elis concorda enfaticamente.

A própria Nara continua seu raciocínio comentando também o trabalho que tiveram com Bethânia, que pediu para se avaliarem no processo como educadores em

relação ao “eu”, ao “outro”, a “nós” e a “todos”. Ela reitera que precisam sempre disso, parar para rever o que é feito, para se apropriar do que lhes for possível: “[...] se a gente não tem o todo, né, não pode ter o todo, hoje, mas, pelo menos, que faça com o que você tenha o que você consegue fazer, né?”.

Nara justifica que a finalidade do que fazem é em prol dos adolescentes. Ela ainda retoma a colocação de Caetano, questiona-se sobre o quanto conseguem ser diferentes da escola e conclui que fazem a diferença, apesar da falta de material e estrutura:

[...] para os adolescentes é assim, né, você joga uma sementinha ali e o negócio floresce. Por quê? Ele... E através desse trabalho que eles vão ter mais oportunidades, no sentido de falar, de se expor, de sua autonomia, né? E isso faz com todos os segmentos da vida, né?

Nara ainda retoma uma colocação anterior de Elis, concordando que, mesmo não sabendo escrever, o aluno vai se expressar, comentar ou reivindicar, o que o leva a procurar o crescimento pessoal. Ela reitera que as paradas e reflexões são importantes para pensar sobre isso.

Elis manifesta-se dizendo que tem pensado sobre qual é realmente o limite dessa questão. Relata que, quando entrou na instituição, disseram-lhe que as coisas eram complicadas, o que foi confirmado, mas ficou surpresa com o grupo do Educom. Ela observa que, mesmo que tenha privilégios concedidos pelos superiores, esse grupo consegue realizar propostas, apesar da descrença de muitos colegas, e que esse espaço foi conquistado porque o grupo conseguiu mostrar a sua relevância e os resultados do trabalho, apesar de todas as limitações possíveis.

Mariane manifesta-se apresentando sua experiência no Programa Criança como diferente da dos arte-educadores. Ela destaca o respaldo grande que recebem do gestor da unidade e que os problemas são resolvidos em grupo, o que, apesar das frustrações, é rápido e fácil.

Vários participantes reagem e se manifestam ao mesmo tempo. Fred relativiza a colocação de Mariane, dizendo que isso não é a realidade deles (Programa Arte-educação). Guilherme concorda com Fred e se coloca reticente. Mariane pondera que a realidade que vive é “um pouquinho diferente”. Fred insiste em relativizar a diferença, agora dizendo que para toda regra há exceção. Guilherme ironiza a situação dizendo que esse grupo que funciona bem seria “do contra”. Mariane concorda que outros participantes ficaram surpresos já no encontro anterior, quando relatou terem conseguido certos resultados. Guilherme também relativiza a avaliação de Mariane, insinuando que só às vezes podem ter esse respaldo. Mariane destaca a atuação da gestora para resolver os problemas e o tratamento dela dispensado à equipe. Guilherme e outros participantes manifestam grande espanto. Mariane admite que a situação seja “super diferente”, e que outras pessoas garantem a tranquilidade do trabalho da equipe.

O Coordenador pede para Mariane esclarecer se é um funcionamento da unidade ou se tem a ver com o grupo de educomunicação. Ela informa que o grupo todo “comprou” a idéia da educomunicação na unidade. Ela relata também a experiência confusa de implantação da Arte-educação na unidade, que dividiu o grupo, mas ela ficou em ambos porque trabalhava a informática. Informa que Gilberto também acompanhou o processo e pede para ele confirmar. Ele confirma. Ela afirma que tinha sido difícil a implantação do novo programa porque as crianças estavam acostumadas a serem servidas em quase tudo e se sentiam perdidas com a mudança: “era muito babá mesmo com a molecada!”. Isso levou a equipe a mudar a abordagem do programa da unidade para promover maior autonomia das crianças. Todos na unidade mudaram para serem educomunicadores, sem exceção, até o guarda. Mudou tanto que, segundo Mariane, quem observa a unidade pensa que é o Programa Arte-educação e não o Criança. Ela resume que a mudança não tinha sido bem sucedida inicialmente, mas o grupo foi dividido em dois espaços e resolveram atuar como se fossem o Arte-educação.

Agora a mudança está dando certo na unidade.

Guilherme comenta que todo mundo tem que pensar a educomunicação, mas há variáveis como a postura da pessoa que vai direcionar, gerenciar tudo, “[...] se ela também está ali vestindo a camisa”. Mariane aponta que o gestor de sua unidade assume responsabilidades com os profissionais, e briga por eles também. Então, Guilherme aponta resignado que observa discrepâncias entre unidades em que materiais estão “travados” e outras em que se “corre atrás”. Salienta que estão compartilhando esse problema e ressalta que há pessoas “malhando na linha de frente”, “matando um leão por dia”, os professores, os instrutores e os técnicos, muitas vezes tendo de se adequar a condições inesperadas, como ausências de pessoa e falta de material, e tendo de resolver sozinhos os problemas, “[...] ali, na hora, é nós ali, né, olha!”. Ele demonstra preocupação com o aumento desse tipo de “carga” no programa, mas relata saudoso que trabalhou no Programa Criança e gostou muito.

Daniel retoma a discussão sobre o espaço do projeto na Fundação. Afirma ilustrativamente: “Eu acho, assim, no caso da Fundação, você tem que vender o peixe, primeiro, para, depois, ela comprar, né?”. Ele reforça sua opinião dizendo que o espaço só foi liberado pelo “D. A.” porque o grupo conquistou o espaço provando com o seu caminho a seguir, como pela experiência no Virtual Educa. Afirma que estão sempre lutando contra dificuldades nas unidades e conclui: “E, aí, a gente acaba, né, ter de se virar nos trinta, aí, e provar por que é importante, por que tem de ter esse dia, por que tem a capacitação”.

Guilherme pergunta se isso convence. Daniel responde que, às vezes, não. Guilherme, então, argumenta que não convence porque a posição sobre a arte-educação não está clara na discussão do padrão tradicional, assim, a “bagunça controlada” ou um “ócio produtivo” não estão no vocabulário. Gilberto aproveita o assunto para lembrar que o professor Hermeto falara sobre a obsessão por controle. Ele afirma que é uma atitude bastante forte na Fundação. Guilherme comenta que é típico da identidade certos comportamentos, e

ilustra sua crítica com a impossibilidade de a criança usar boné, o que considera como castrar a individualidade.

Mariane relata que falaram pela manhã sobre a bagunça que aconteceu na unidade quando implantaram a arte-educação. Ela pede, e Gilberto confirma que aconteceu. Mariane comenta as diferenças entre crianças, “bonitinho” e “certinho”, mas que, com os adolescentes, “rolavam altos papos”. Relata que sentiu falta disso quando o programa da unidade foi reformulado, “Estão acabando com a nossa unidade.”, diz ela; mas, então, considera melhor o Arte-educação, inclusive para as crianças, por causa do incentivo à autonomia.

Zélia desabafa que, diante dos relatos de Mariane, olha para Marisa e tem uma sensação de alegria pela colega mas misturada com inveja, pois que só um professor participa do projeto de educomunicação em sua unidade. Ela comenta que chegaram adolescentes oriundos da unidade em que Gilberto trabalha, onde estavam envolvidos com o projeto. Marisa interrompe e pergunta se eles saíram. Zélia responde que não saíram, mas diz ironicamente que “estão num outro mundo”, por causa de outras responsabilidades. Ela relata que discutiram, na atividade da manhã, que isso causa incômodo nela e em Marisa, e se perguntaram o que fazer. Zélia destaca o esforço solitário de Plácido e lamenta pela saída da professora Aline, que acabara de entrar no projeto. Ela é alertada pelos outros que Aline permanece.

Zélia manifesta sua insatisfação por se restringir a participar só de reuniões do projeto. Ela relata que aponta a situação para a chefia, fala a respeito com o gestor e com os profissionais, mas não se avança à ação, por isso pensa em outras estratégias. Comenta jocosamente que consegue participar com os adolescentes dos outros, pelo que não lamentaria, mas afirma que acaba participando das coisas dos outros programas, e não do dela.

Marisa se coloca ponderando que o programa em que estão é diferente dos outros

porque tem de seguir uma lei. Zélia concorda, mas considera que o ritmo está moroso. Marisa volta a ponderar dizendo que isso é só até “engrenar” para olhar a educomunicação como parte do todo do processo da unidade profissionalizante, o que requer “conciliação”. A angústia, segundo ela, é porque demoram para por em prática. Zélia comenta que as ações são isoladas. Marisa sugere que precisam de interação. Zélia relata a impressão de que isso está muito distante.

Elis comenta que o Arte-educação já validou muito o espaço da educomunicação. Relata também sobre o seu empenho com a equipe multidisciplinar para os gestores acompanharem o processo do projeto de educomunicação, pois eles administram inclusive os conflitos na unidade, como saber ou não a organização dos alunos de educomunicação:

[...] vem como uma forma de dizer o quanto, um pouco, o quanto isso é um grupo, que tem um trabalho, que tem alguns diferenciais e uma forma, acho que, de colher produtos desse trabalho aqui que o Daniel está falando, né, que tem história, que eles foram conquistando dentro da instituição.

Guilherme ressalta sua concordância com Elis. Ele alerta o grupo sobre sua preocupação com o aumento da ausência dos gestores por causa da eleição. Marisa afirma ver isso como demanda deles. Guilherme diz que a demanda é grande, só que os educadores precisam da presença física dos gestores porque há situações em que não podem se posicionar. Marisa sublinha o posicionamento como “sozinho”. Daniel também comenta o caráter solitário e sem apoio em algumas situações da unidade, que fica sob “comando dos professores”. Guilherme questiona como fazer nessa situação e as consequências, no caso de o resultado não dar certo. Ele faz analogia à situação do Presidente Lula, segundo ele, que disse não saber de nada que acontecia e não teria dado suporte para seus subordinados. Ele ainda comenta que, se pensassem como equipe, parariam, enquanto o problema não fosse resolvido.

Mariane volta a relatar sobre sua equipe, a qual afirma não ter divisões entre os cargos, como uma nova pedagogia. Ilustra isso com as situações da didática admirável do

professor de educação ambiental, que só então estava fazendo faculdade, e da oficina de crochê realizada pela cozinheira, que agradou os alunos, mas foi questionada por outros funcionários porque aquela não era a tarefa dela. Neste segundo caso, ela conta que, provocado por diversas cartas, o presidente da Fundação conversou a respeito com o gestor da unidade e se posicionou a favor da oficina porque era realizada fora do horário de serviço da cozinheira.

Caetano contesta sarcasticamente a situação. Ele comenta que não se precisa de requisito para a educação, e que isso tem um lado bom e um ruim.

Guilherme ressalta que o dito por Mariane é que move o trabalho com a “molecada”, o contato direto. Lembra das turmas que cativam e depositam carinho no educador, o que reforça o poder do exemplo dado para os alunos. Ele destaca, por isso, a existência de um programa da Fundação nas escolas.

Mariane procura esclarecer-se, depois do questionamento de Caetano. Explica que precisaram mesmo de alguém para ajudar em um dia em que havia poucos educadores, e a cozinheira cuidou de alguns alunos, monitorada pelo respaldo do “profissional”. Mariane aproveita para relatar uma situação que ressalta a diferença entre as abordagens da Fundação e da escola. Cita a história de um menino que tinha desempenho escolar excelente, mas que, expressando-se pelas gravações de vídeo e rádio, na unidade, notaram que ele tinha vontade de se suicidar por causa de sérios problemas familiares. A escola não tinha percebido isso e, solicitada, a mãe confirmou as informações que o menino relatara.

Daniel afirma que isso acontece na escola por causa da hierarquia. Mariane comenta que o menino estava então feliz com o resultado de suas produções. Ela chama a atenção para o que despertam quando começam a “cutucar” as crianças para se expressarem, e que só assim perceberam o outro lado deles, que a escola não percebe. Ela aproveita para reclamar que os profissionais não têm autonomia para procurar um psicólogo para isso, mas,

mesmo assim, procuram ajudar, como com o trabalho específico feito por uma profissional da Fundação.

Caetano, sarcasticamente de novo, insinua que eles têm de ser psicólogos também. Mariane, imediatamente, comenta em forma de reação que têm de ser “mãe” e “tudo”. O comentário leva os outros participantes aos risos. Ela ainda explica que é difícil encontrar atendimento de psicólogo para as crianças no bairro da unidade, e enaltece o trabalho feito por algumas profissionais da Fundação na unidade. Ela questiona o sentido de uma criança querer se suicidar. Em seguida, ela aponta uma nova questão, considerando que eles têm de cuidar das crianças, mas não recebem cuidado e estão mal, transferindo os problemas para a família. Ela conclui que precisam de um “colinho”, o que também leva os outros participantes aos risos.

O Coordenador pergunta imediatamente se o grupo dá esse colo. Mariane e outros participantes não entendem a pergunta. Ele a repete enfatizando se o grupo de educadores dá colo. Mariane relata que se sentiu bem compartilhando problemas sérios com pessoas do grupo de educação e que as pessoas da unidade são unidas.

Guilherme refere-se a outro assunto. Ele relata a experiência com meninos que não eram seus alunos, pediram “um toque” a ele para participarem de um concurso na escola, sendo que um deles alcançou o primeiro ou segundo lugar, o que ele não sabia definir exatamente, sendo premiado com um MP4. Daniel recomenda brincando a Guilherme que este tome cuidado. Os participantes riem com isso. Guilherme comenta que discutiu com Gilberto como não olhava “assim” para o garoto, e que iriam tentar integrá-lo ao grupo de educadores. Gilberto confirma o nome do menino com Guilherme. Gilberto cita o nome do outro garoto que chamariam porque tem facilidade com tecnologia e é comunicativo, mas teriam dificuldade com o transporte porque ele é criança. Guilherme comenta que esse menino fez um poema ambiental. Gilberto comenta que vão entrevistá-los para deixar no

arquivo do Centro de Referência.

Guilherme propõe-se a retomar um assunto anterior. Ele comenta que a ferramenta da educomunicação já era usada na educação ambiental pela Fundação, mas não era sistematizada, com diagnóstico e entrevista para ajudar a pensar o meio em que se vive e o seu respectivo papel nele.

Gilberto aponta o assunto das crianças que chegam com dificuldade de leitura e falta de motivação. Ele destaca que, com atividades de rádio, ela pode ser motivada a se expressar e melhorar sua comunicação.

Zélia começa seu comentário referindo-se a alguém ter falado sobre grupo aberto ou fechado, de educadores que reclamam tanto da saída deles para as atividades do grupo de educomunicação quanto por quererem entrar e não haver vaga. Ela comenta que se perdeu sobre o que queria falar. Ela e os outros participantes riem. Zélia, então, passa a comentar sua identificação com os comentários sobre receber os adolescentes com alguma dificuldade. Ela contesta a atitude de reunir adolescentes e crianças que se destacam porque acabam sendo os mesmos nos programas diferentes, e que acabam sobrecarregados e viram a “elite da unidade”. Os participantes reagem à afirmação. Ela sugere que deveriam ter cuidado com isso em relação aos adolescentes e também, aos profissionais.

Elis afirma que o grupo se comporta como “elite”. Guilherme faz comentários em voz baixa. Zélia comenta que há uma idéia de que os antigos sabem mais no grupo de educadores, e que essa separação acontece também com os adolescentes. Para ela, isso requer mais cuidado porque o Educom trabalha a horizontalidade, que ficaria de lado, algumas vezes.

Gilberto comenta que o excesso de demanda acontece também porque o adolescente se destaca no Educom, chama a atenção de outros profissionais e acaba sendo levado para participar de outras atividades. Ele ainda afirma que esses adolescentes acabam

sendo vistos pelos outros como privilegiados. Guilherme comenta que eles pegam os adolescentes para serem multiplicadores porque eles têm o perfil, mas o ideal seria fazer diferente. Ele concorda que são como os adolescentes, considera que ninguém nasce sabendo e que se precisa de oportunidade para saber se tem o “dom”. Ele justifica que isso não acontece, às vezes, porque o grupo é grande.

Caetano afirma que vê de outra forma a questão do grupo privilegiado. Daniel ironiza a idéia de privilégio. Caetano desenvolve seu ponto-de-vista afirmando que a instituição tem a cultura de convidar, privilegiar partido, amigo, vereador etc., que percorre toda a sua hierarquia, e que as pessoas buscam naturalmente um lugar confortável nela. Ele afirma que o discurso de horizontalidade só vale para os níveis mais baixos da hierarquia. Ele também comenta que observa o comportamento dos adolescentes que chegam ao CIJ³² e agem como os grupos políticos municipais ou da Fundação. Fred pergunta o que têm as elites. Caetano conclui que essa cultura não é só do grupo do Educom, mas sim da instituição.

Fred discorda que ter capacitação para os funcionários é privilégio, pois que faz parte da política da própria Fundação. Ele completa seu raciocínio dizendo que o que fazem no Educom fortalece a própria instituição, mas as pessoas de fora enxergam como privilégio. Elis tenta falar, mas Fred se impõe para dizer que enxerga a situação como aprimoramento.

Elis concorda quanto ao Educom ser um espaço de formação, mas questiona como sendo transferência incluir no projeto os alunos que se destacam. Ela afirma que isso cria de forma inconsciente um espaço de privilégio, em vez de atender quem precisa de um estímulo. Elis critica então, considerando que é nova mas o sentimento não era só dela, a reação de incômodo com as pessoas novas no grupo operativo da pesquisa, como se atrapalhassem o início da atividade da reunião. Ela retoma a pergunta sobre o grupo dar colo e afirma que comentara, já no encontro passado, que não dava, mas precisava dar, pois a reunião seria o espaço de o grupo falar sobre suas coisas, e seria isso: “[...] que vai fazer o grupo se tornar

³² Conselho Infante-Juvenil.

mais grupo”, mas que isso não está contemplado na rotina deles.

Fred pede esclarecimento sobre quando isso aconteceria, nas reuniões da equipe do projeto ou nas unidades. Elis esclarece dizendo que “[...] talvez, a gente precise limpar algumas coisas aqui para que, na unidade, você entendeu, mesmo diante das limitações da instituição, a gente possa fazer um trabalho sem carregar muito isso, que eu sei que é difícil, você entendeu?” Ela relata serviços que faz a contra gosto, mas faz porque a instituição pede. Fred ironiza que se pede com carinho, “Faz!”, o que leva os participantes aos risos. Elis confirma que é desse jeito. Fred compara com o discurso do traficante: “Vai lá, meu rei!”. Elis destaca que o grupo precisa buscar o pólo como espaço de diálogo. Guilherme manifesta sua concordância.

Os participantes do grupo desviam a atenção para Zélia, que faz barulho ao abrir um pacote grande de biscoito de polvilho. Ela oferece ao grupo. Fred aceita de pronto. Vários participantes comentam sobre o biscoito. Zélia deixa o pacote circular no grupo para os participantes se servirem. Isso parece aliviar um pouco o clima de confronto que se ensejou no grupo.

O Coordenador comenta as várias ausências de participantes no encontro e relaciona com a rotina da instituição a que se referiam os membros presentes do grupo, mas aponta que também com as escolhas de cada um. Elis completa que são escolhas pessoais. O Coordenador aponta que é um sentimento em relação ao grupo. Ele aproveita para assinalar que as críticas em relação ao poder na instituição diminuíram, comparando com os encontros anteriores. Ele aponta que, no entanto, apesar de falas contra a instituição, que atrapalha a ação mais libertária, outras falas apontavam a necessidade de fechar o grupo e marcar posição sobre as coisas.

O pacote de biscoito chega ao Coordenador, que o passa adiante para ele poder continuar a sua colocação. Ele diz que iria deixar para comer depois. Guilherme,

imediatamente, adverte-o ironicamente dizendo que comer fazia parte do “ritual”. Outros participantes brincam com a situação. Guilherme reitera a necessidade de comer. O Coordenador reafirma que poderia passar o biscoito adiante, e ele continua a avaliação sobre o grupo. Ele destaca a lembrança de Nara sobre a importância de momentos para reflexão sobre o que se fez e vai fazer. Recapitula suas questões sobre o grupo dar colo ou conseguir mudar a estrutura, colocadas como forma de discutir a instituição do grupo, o poder separado entre novos e velhos, homens e mulheres. Há reações a essa segunda forma de conflito.

O Coordenador insiste na questão sobre o grupo conseguir as transformações. Ele assinala o movimento do discurso do grupo sobre o Educom satisfazer mais a instituição, mas neste encontro também relatar demandas deles que foram aceitas pelos superiores. O Coordenador ressalta que são um grupo para pensar o grupo. Ele coloca novas questões sobre a necessidade de essa reflexão ser espontânea ou predefinida pelo grupo, e se ele consegue elaborar o conflito sobre se definir ou fechar. O Coordenador encerra falando sobre como então apareceu forte a questão da ingerência política geral.

Fred afirma que a hierarquia existe por causa da política. O Coordenador questiona se é assim também dentro do grupo. Fred afirma que isso acontece às vezes no grupo. Ele relata que havia mais reflexão, no começo do projeto, e que tiveram de acomodar mais pessoas, na segunda e na terceira fase, o que levou a criar a hierarquia a que se referiu Zélia, entre o mais antigo, que teve de buscar a teoria no curso de extensão para criar projeto de conclusão de curso aplicado e sua atividade, e o mais novo, em que nem todos buscaram isso. Ele analisa que o grupo está com discursos diferentes e afirma:

Então, tem essa diferença porque, tem três anos, você falando de um assunto, você é mais orgânico, certo, você já conseguiu entender mais, você já sabe mais sobre o assunto, você já trabalhou com ele bastante tempo. Agora, você entra faz um ano, seis meses, quantos encontros, você vai estar meio flutuando, vai ter que se empenhar para correr atrás das coisas.

Ele ainda considera que quem entrou no começo do projeto acaba então sabendo mais e teve

mais sorte.

Daniel afirma que a diferença não é só em relação à teoria. Fred explica que a sorte foi terem mais tempo. Marisa assinala que menos pessoas participavam. Elis aponta que o curso teve mais qualidade. Vários participantes tentam falar ao mesmo tempo. Guilherme consegue atenção do grupo, questiona Fred sobre a importância da teoria e destaca a prática do dia-a-dia. Os participantes continuam agitados e falando ao mesmo tempo sobre o assunto. Daniel lembra que a teoria aprendida teve de ser aplicada no dia-a-dia para comporem o trabalho de conclusão do curso.

Zélia pede a atenção de Fred para esclarecer, aproveitando o relato de Mariane sobre o menino que precisava de apoio e a observação comentada sobre adolescentes que chegam prontos ao Programa Aprendiz e se destacam, que precisam tomar cuidado com adolescentes e profissionais em relação aos privilégios. Fred tenta se colocar, mas Zélia continua sua explanação dizendo que eles têm de trabalhar com as diferenças, que, no caso dos profissionais, podem ser grandes e mínimas, e que os novos receberam material para consultar, e, se quisessem, poderiam se nivelar com os demais. Fred e Zélia falam ao mesmo tempo. Fred concorda que, se buscassem, os novos acompanhariam o processo. Zélia sugere que poderiam ter montado um grupo de estudos. Fred concorda. Zélia reitera que existem diferenças e que é difícil lidar com elas no grupo adulto de profissionais. Ela comenta que foi “legal” falar no grupo sobre esse cuidado que precisam ter.

Fred concorda com Zélia e relata ter comentado na atividade anterior que precisavam caminhar com um discurso mais parecido e único. Guilherme questiona Fred sobre como lidarão com as diferenças. Fred tenta falar, mas não conclui o raciocínio. Guilherme comenta que não pode haver discriminação por causa da formação teórica: “Tem gente que tem, é, toda essa parte teórica, assim. É importante, tudo, mas não pode dizer assim: 'Olha, você teve mais teoria; você tem pedagogia. Não tem...', né?”. Fred tenta falar

novamente, mas Guilherme continua sua consideração afirmando que a questão é saber quem está trabalhando a educomunicação no dia-a-dia, distinguindo de quem vai dar suporte, diferenciando-as como esferas diferentes da experiência “prática”. Caetano adiciona que isso seria desde o início do projeto. Vários participantes questionam essa posição sobre a prática. Caetano reitera sua opinião e afirma que, com hierarquia e disputa, é difícil criar uma lei para que o grupo seja democrático.

Gilberto aponta outra perspectiva sobre o assunto. Ele considera difícil tirar as pessoas que são diferentes, pois são visões de mundo. Ele relata que as pessoas foram crescendo junto com o grupo. Fred fala ao mesmo tempo que Gilberto. Este retoma a palavra e aponta:

O grupo tem de ser maduro e entender que essas divergências são para construir e para o grupo ficar mais forte, né? E, quando, algumas vezes, as pessoas cobram posicionamentos, coisas assim, é para isso mesmo, para as pessoas se inserirem, né? Porque, eu acho, a idéia é essa do negócio, cresça, né?

Fred afirma que eles têm de se adaptar a cada “grupo” e “gente” e que o projeto é um espaço importante de reflexão. Guilherme, Zélia e Fred falam ao mesmo tempo. Guilherme consegue a atenção e afirma que precisam “lincar”, o que explica ser todos falarem a mesma linguagem.

A discussão apresenta-se tensa. Zélia consegue a atenção e retoma o que considera provocações de Guilherme e Caetano a respeito, segundo ela, “[...] das perguntas que não são para reclamar ou para incomodar, mas sim para gerar discussão, né?”. Ela retoma também o questionamento de Elis sobre o grupo dar colo e acolher. Zélia, então, afirma: “É só a gente enxergar, né, essa forma de se relacionar. Algumas pessoas se sentem mais acolhidas e têm vontade de se expressar e trocar coisas com outras que são mais acolhedoras, e não com outras que são mais provocativas, né?” Em seguida, Zélia critica a forma como se referiram, no encontro anterior, a quem não falou no primeiro encontro.

Guilherme tenta esclarecer o que falou, mas Zélia continua a crítica, contextualizando que essa percepção era também de outras pessoas, mas que falaria só por ela. Ela afirma que tais questionamentos foram agressivos, não integram e levam à discórdia. Daniel diz que discorda de Zélia.

Guilherme lamenta, enquanto vários participantes homens falam ao mesmo tempo sobre isso. Guilherme afirma que sua provocação não era para uma pessoa determinada, mas àquelas que não se manifestavam. Ele pondera que é “legal” quando a pessoa se manifesta, mas que dá errado às vezes e se precisaria de outra estratégia para ele usar no grupo. Ele afirma que as pessoas não podem achar que as provocações são pessoais.

Zélia comenta que compreende não ser pessoal a atitude de Guilherme. Este diz que o questionamento é para se conhecerem melhor. Vários participantes falam ao mesmo tempo. Zélia afirma novamente que compreende Guilherme, mas que isso não soa bem, para ele compreendê-la também. Guilherme afirma que, por isso mesmo, “[...] o grupo tem que tomar cuidado com o grupo, assim, não se feche no grupo, né?” Ele ainda ressalta a satisfação por trabalhar com pessoas cuja posição conhece, mas pondera que vão se calando, se se ofendem com as questões colocadas. Ele pede desculpas, se foi rude, mas reitera que tivera apenas a intenção de enriquecer “opiniões diversas” com a colocação de posições da educomunicação que cada um está exercendo.

Elis afirma que tem de ficar claro que a equipe multidisciplinar também pertence ao projeto de educomunicação, e que se sente à vontade até o limite de seu conhecimento a respeito. Para ela, o grupo será fortalecido se pensar em alguns princípios em comum. Ela, em seguida, insere nova questão e indaga o grupo sobre discordar de que a relação entre educador e adolescente seja horizontal, pois concebe que sempre há alguém organizando e dirigindo o grupo. Ela ainda destaca que existem angústias comuns, em maior ou menor grau, porque todos estão na mesma instituição, e relata que é difícil quando, como

membro da equipe multidisciplinar, tem de pedir o caderno de registro dos educadores para saber como estão trabalhando o Educom na unidade.

Vários participantes falam ao mesmo tempo sobre a relação aluno-professor. Fred brinca dizendo que isso é coisa de professor e não de instrutor. Alguém comenta que não há a diferença que Fred comentara. Elis esclarece que fala da relação entre eles, e não da diferença. Fred demonstra atenção ao que fala Elis e esclarece que a entende.

Elis avança sua discussão dizendo que um grupo tem uma pessoa responsável, como a Elisabete, no caso do projeto. Ela relata o caso de um questionamento feito a ela por Guilherme, porque ela teria falado fora do grupo sobre coisas ditas no grupo operativo da pesquisa. Ela justifica sua iniciativa porque Elisabete é a Coordenadora do projeto e é responsável pela organização.

Vários participantes falam ao mesmo tempo. Fred destaca que Elisabete está desde o começo do processo e reafirma sua a idéia de as pessoas estarem em momentos diferentes, dependendo do tempo em que estão no projeto. Elis pergunta como se vê essa diferença. Fred responde dizendo que tem uma concordância e uma discordância sobre a discussão. Ele questiona por que não haveria horizontalidade no grupo. Elis restringe isso ao grupo de educomunicação. Fred começa dizendo que isso acontece em qualquer grupo, mas Elis interrompe para dizer que há diretividade em qualquer relação. Fred retruca dizendo que não vê isso assim e que há grupos autônomos. Elis duvida. Fred relata que o grupo se articula, às vezes, e dá um exemplo de adolescentes com os quais trabalhou na unidade. Elis continua a duvidar.

Vários participantes falam ao mesmo tempo e o grupo parece agitado com a discussão. Gilberto pergunta se Fred indica o que fazer para o grupo de adolescentes. Fred responde que, às vezes, sim. Elis continua duvidando. Fred relata outras situações nas quais teria uma tarefa para realizar com os alunos, foi repensada no grupo e realizada de acordo

com os interesses dos seus participantes, tendo-o apenas como “parceiro”. Elis pergunta como chama isso. Fred responde que é “planejamento democrático”. Elis afirma que é “gestão participativa”. Fred questiona. Elis afirma que isso não significa ter relação horizontal com o adolescente. Fred questiona dizendo que também não significa que não seja.

Vários participantes falam ao mesmo tempo de novo e o grupo se concentra no debate polarizado entre Elis e Fred. Elis pede a atenção e afirma que era isso que pensava. Alguém questiona-a sobre por que não é o conceito de horizontalidade. Fred diz que pode ser ou não horizontal, dependendo da mediação. Elis pergunta como é ser horizontal, porque está fazendo uma relação, mas que a incomoda que adolescente e educador estejam no mesmo nível na interpretação da educomunicação. Fred afirma que isso pode ser buscado. Elis discorda. Fred considera a necessidade de proximidade, mas várias pessoas começam a falar simultaneamente. Elis questiona que ele continua sendo a referência do grupo. Fred confirma que não deixa de ser referência, que nunca consegue “ser” uma relação completamente horizontal, mas que pode buscar, embora alguns educadores nem busquem e prefiram mandar. Elis afirma que uma coisa é o relacionamento participativo. Fred questiona se não há horizontalidade na produção de um programa de adolescentes, quando se lhes pergunta o que fazer. Elis questiona se isso não é dirigir. Fred afirma que são os adolescentes que estão fazendo. Elis afirma que é a gestão que é participativa. Fred questiona dizendo que os adolescentes fizeram o projeto. Elis pergunta se eles fizeram tudo. Fred afirma que ele nada fez, mas recebeu os “louros da fama”. Elis afirma que Fred está entendendo errado. Fred afirma que não está.

Vários participantes falam ao mesmo tempo e o grupo continua agitado com a discussão polarizada e frontal. Elis exemplifica que Fred está em um grupo que faz gestão participativa. Fred confirma. Elis, em seguida, afirma que o grupo não se reúne sem alguém para o reunir, como o Coordenador tem feito para começar os grupos operativos. Fred

demonstra que vai falar, Elis pergunta se ela pode terminar, Fred confirma a concessão da palavra e esta confirma continuar.

Os participantes do grupo riem com a situação, inclusive os protagonistas do debate. Elis declara sua necessidade de discutir o assunto: “[...] eu queria muito limpar essa coisa da educomunicação com a questão da relação de poder, porque eu acho que são duas coisas distintas”. Ela afirma que é preciso manter a autoridade na relação com adolescentes e seus grupos, e, como a relação não é horizontal, o educador não reage como o adolescente. Ela exemplifica isso com o caso em que o garoto cuspiu em Fred e este não cuspiu no garoto. Fred surpreende e informa que, em outra ocasião, cuspiu. Os participantes riem, assustados e perplexos. Ele se justifica distinguindo que as diferenças na relação de podem existir, mas que se coloca junto com eles para ter uma relação mais forte e afetiva em um vínculo. Elis afirma que prefere ensinar o menino a dizer o que o incomoda do que o ensinar a dar uma “catarrada” na cara dela. Fred concorda com a ponderação. Vários participantes falam ao mesmo tempo e comentam a discussão.

O Coordenador tenta falar. Fred pede para terminar “uma coisa”. O Coordenador tenta novamente falar e Fred cede a palavra. O Coordenador informa que o tempo estava encerrado. Fred se surpreende. Os outros participantes ironizam a queixa de Fred. O Coordenador comenta sobre os ajustes e acordos que os grupos criam para lidar com as regras. Marisa avisa que vai sair.

O Coordenador assinala que os participantes manifestaram mais suas contradições nesta reunião do que nas anteriores. Ele comenta que essa seria a “matéria-prima” para ser refletida e atuada no grupo. Ele destaca que houve momentos de elaboração e que alguns conflitos foram explicitados e enfrentados mais diretamente, num debate até mais acirrado, mobilizando vários tipos de afeto.

Elis comenta em voz baixa sobre esses sentimentos e os participantes riem. O

Coordenador analisa que os encontros anteriores teriam tido um caráter mais catártico e racionalizado. O Coordenador aproveita os comentários sobre a atividade anterior para dizer que teria aparecido mais a necessidade do “outro” na discussão. Ele recapitula que haverá outra reunião, a última, para continuar a discussão.

Ele ainda comenta a importância que teria a questão que levantaram sobre a necessidade de momentos para pensar, mas que preferiu acompanhar o fluxo do debate vivenciado. Sobre essa última questão, o Coordenador deixa a pergunta sobre não estarem conseguindo refletir no cotidiano.

Fred questiona o horário da reunião seguinte e o Coordenador esclarece. Fred pede para falar. Os participantes riem. Elis diz não. Fred pede vinte segundos. O Coordenador informa que já tinha acabado o tempo para o grupo. Fred propõe falar fora do grupo, pois queria “simplificar” o que falara. Elis diz não, de novo. Fred, assim mesmo, afirma que a educomunicação leva à participação e à liberdade, só que o grupo não tem um discurso afinado, por causa do entendimento que as pessoas têm dela. Ele afirma que seria um absurdo não deixar outra pessoa entrar no grupo. O Coordenador assinala que isso foi uma decisão do grupo. Fred comenta que isso é a prova do discurso desafinado com a educomunicação.

O Coordenador tenta falar, mas Fred continua sua fala dizendo que o pensamento está destoando. O Coordenador interrompe para assinalar a situação do grupo. Os participantes comentam ironicamente, e com certa identificação, a relação de poder a qual está submetido um pássaro que está preso na sala da reunião e fica se debatendo de uma parede a outra.

O Coordenador pede os seus “vinte segundos” e assinala como os ânimos podem ficar acirrados na reflexão que estavam fazendo, o que pode levar a sensações de entusiasmo ou ofensa. Ele comenta que terem passado a ele a decisão sobre continuar ou não entrando participantes no grupo operativo foi como restituir uma responsabilidade, mas que também

era uma questão difícil para eles resolverem.

O Coordenador lembra que precisam encerrar a reunião e afirma que essa discussão será valiosa para a pesquisa sobre o papel do grupo na educomunicação. Elis concorda. Guilherme comenta que o Coordenador vai ter de fazer um tratamento. Alguém fala da necessidade de divã. Os participantes riem e comentam a brincadeira. Elis insinua que eles poderiam ter mais espaço para o Coordenador, se conversassem com a Elisabete. Essas colocações a respeito da continuidade das reuniões com o Coordenador parecem sinalizar que estão se preparando para encerrar as reuniões programadas e estão elaborando a perda daquele espaço de discussão que foi construído e vivido.

O Coordenador assinala que tinha sido difícil para começar esta reunião, mas não estavam conseguindo terminar. Alguém comenta que era um grupo de ajuda e começa a se apresentar. Os participantes gargalham. Nara comenta que o Coordenador poderia ficar mais com a equipe. O Coordenador fala que haverá outra reunião e avisa que desligará o gravador, enquanto os participantes riem muito com a situação.

Observações gerais sobre o processo

Essa reunião foi marcada pela explicitação de alguns conflitos latentes no grupo, como entre as equipes de instrutores e a multidisciplinar. Diferentemente dos dois encontros anteriores, cuja comunicação possível foi determinada por uma circulação dos conteúdos, sem uma concentração maior em algum dos emergentes, nesta ocasião os participantes protagonizaram debates acirrados e carregados de emotividade. Esse enfrentamento dos conflitos parecia estar sendo evitado até então, provavelmente pelo sentimento de perda que poderia ser mobilizado com um possível desfecho desagradável. Nota-se que abertura para

esse debate foi explicitado diretamente por um membro da equipe multidisciplinar, que na hierarquia da instituição, supervisionaria o trabalho dos instrutores e educadores; ou seja, aquilo que era um conflito latente não pôde ser explicitado diretamente pelos que se sentiam numa condição de inferioridade.

É possível considerar que a emergência do confronto ao final da reunião indica uma necessidade tanto de se manifestar a questão quanto de não poder lidar muito com ela. O encerramento da reunião, assim, fazia-se necessário para preservar o próprio grupo diante de suas possíveis fantasias de destruição. O Coordenador e o grupo não realizaram a função continente do enquadre do grupo, ao não se encerrar a reunião no momento previsto.

7.4. Relato da 4ª reunião

Essa reunião foi realizada no dia 25 de outubro de 2007, na sala de formação do CRE. Ela foi iniciada às 10h e contou com a presença de sete membros da equipe do projeto de educomunicação da Fundação.

O que precedeu

Os coordenadores do grupo operativo chegaram em horário próximo da realização da reunião. Os membros da equipe terminavam de realizar uma reunião na mesma sala onde seria realizada a desta reunião. A quantidade de presentes era reduzida.

O Coordenador organizou as cadeiras na sala para a reunião e, diferentemente do que aconteceu nos outros, neste encontro os participantes do grupo dirigiram-se

antecipadamente para o círculo. Eles se distribuíram pelas cadeiras dispostas e mais da metade delas ficou vazia. Enquanto o Coordenador não abria a reunião, os participantes conversam sobre vários assuntos.

Abertura

O Coordenador abre a reunião perguntado se mais algum membro da equipe chegaria. Vários presentes afirmam que ninguém mais chegaria. O Coordenador, então, pede que os participantes aproximassem mais as cadeiras uns dos outros para formar um círculo menor, o que facilitaria a conversa. Ele comenta que algumas pessoas não tinham comparecido à reunião anterior e haviam avisado por recados. Além disso, comenta que vários participantes foram chegando ao longo da reunião.

O Coordenador informa que recapitularia a discussão realizada no terceiro encontro e, depois, passaria a palavra para os participantes. Ele relata que não houve exatamente um assunto novo, como a hierarquia na instituição e na sociedade e como se dá nas atividades de cada um deles; e se a educomunicação leva algo de novo para o grupo. Por outro lado, houve diferença na forma como lidaram com os assuntos, pois os participantes detiveram-se mais sobre uma mesma questão, por mais tempo, chegando a ponto de haver acirramento e confrontos na discussão, como sobre as pessoas poderem ou não provocar as outras a falar no grupo ou sobre a concepção de horizontalidade entre professor e aluno na educomunicação. Diferente dos encontros anteriores, quando a discussão sobre os assuntos costumava não ter uma sequência, embora alguns tenham tido um espaço intermitente, no terceiro encontro, diz ele “[...] o assunto teve de ser mais enfrentado naquele momento, naquele instante que estava sendo colocado”.

Ele destaca o comportamento de o grupo dispor-se a continuar debatendo o assunto da horizontalidade, já depois de a reunião ter sido encerrada. Além disso, relata a sua preocupação com a evolução da dinâmica do processo do grupo, se estava sendo construtivo aparecerem os conflitos de forma tão acirrada e se tocar nos assuntos de forma intercalada não seria a maneira possível naquele momento para o grupo lidar com certas questões suas. Ele comenta que, refletindo posteriormente a respeito, concluiu que o confronto não era um perigo em si para as relações do grupo e de seus participantes. Aproveitando o questionamento sobre a equipe de educomunicação dar “colo” para seus participantes, o Coordenador coloca a questão sobre o enfrentamento não dar colo e se o grupo ficaria comprometido, reportando-se às duas posições opostas dos participantes da reunião passada, quando alguns questionavam as provocações e outros as defendiam.

Encerrando a recapitulação, o Coordenador retoma outra questão colocada pelos participantes, esta a respeito da dificuldade de o grupo do projeto parar para pensar sobre o que estão fazendo e suas relações. Estariam aparecendo no grupo operativo, segundo os participantes, “reclamações”, no sentido de buscar as melhorias no projeto, posto que não tinham um espaço apropriado para realizar essas discussões em outros momentos. Ele relata que os participantes concluiriam que as “paradas” seriam necessárias.

O Coordenador questiona se recapitulou completamente e bem a reunião passada. Ele pede que os participantes completassem o que quisessem e passa a palavra ao grupo.

Desenvolvimento e encerramento

Gilberto é o primeiro a falar. Ele comenta que falará da paridade e contesta que se fazia educomunicação e não se sabia na Fundação, pois, apesar de estar mais próxima disso

do que a escola, ela não a faz porque está “calcada numa estrutura tradicional”. Marisa concorda e adiciona a idéia de que há uma mistura complicada de “instituição social” com atividades da escola formal. Por isso, ela entende que é difícil saber o que esperar dela.

Daniela também comenta essa ambigüidade da instituição, que parabeniza pelos feitos e resultados no projeto, mas também exige a realização de uma educação formal e tradicional nas atividades. Ela critica essa posição mais disciplinar porque viveríamos numa época em que outras atitudes seriam importantes, como ela diz:

Hoje, não, você tem que interagir. Não é bagunça você ficar solto, não ter sala. Não é isso. Mas é você fazer uma atividade lá fora. É você poder sentar com eles. Eles poderem ter esse movimento, não ficar parado, né? E eu tenho unidades, que eu sei que realmente acontece, que é cobrado isso, que o adolescente tem que ficar dentro de uma sala, fechado. Professor, lousa e eles sentadinhos, bonitinhos, sem abrir a boca. Quer dizer, hoje em dia não é mais isso. Educomunicação é totalmente ao contrário. Eles têm que se expressar. A gente incentiva eles de uma outra forma, né?

Ela ainda ressalta a indefinição da Fundação sobre a direção a tomar a esse respeito e relata que são obstruídos em algumas situações: “A partir do momento em que está já fazendo alguma coisa que, na cabeça deles, né, não é o correto, a gente é brecado: 'Não, espera aí, vocês vão até aonde a gente quer que vocês vão. Agora vocês param’”.

Marisa pondera a respeito e sugere que essa situação contraditória na instituição seja devida ao conflito entre a formação da própria equipe pela educação tradicional, em que as pessoas atuam como receptoras, e a tentativa de realizar um processo de aprendizagem mútuo com os adolescentes. Daniela concorda que as pessoas não estejam preparadas para perceber esse processo. Marisa comenta que o sistema exige local e hora para as atividades, mas ela teve experiências em escola montessoriana em que adolescentes e crianças passavam o tempo que precisassem pelas atividades disponíveis no horário em que quisessem, como ela diz:

[...] eles tinham liberdade de escolher em que horas do dia que eles iriam passar pela atividade. Então, fica mais fácil de você interagir. É... Terminou a atividade lá, não tinha, por exemplo, meia hora. Ele terminou em dez minutos, ele não quer mais ficar lá, ele vai para outra atividade. Então, existe essa dinâmica. Agora, nós fomos, como assim as escolas, e eu trabalhei em várias, elas não seguem esse ritmo, tem o horário xis, você tem que estar ali, você tem que cumprir. Mesmo que você tenha terminado xis atividades, você tem que ficar até terminar a aula para você poder... Então, isso também é cultural mesmo. A gente tem que ir devagar e...

Daniela destaca que é uma “fala” da Fundação não ser escola e que a equipe tem que ser diferente também. Ela acredita que a Fundação teria de ter uma posição coerente e não mais cobrar das equipes procedimentos da escola tradicional.

Marisa comenta que seria difícil aceitar o que é ser diferente porque isso exige uma mudança “interna” dos profissionais sobre trabalho em sala de aula. Daniela questiona se não seria necessário começar primeiro essa mudança nas escolas, porque suas práticas e discursos não teriam mudado, considerando as palestras que ela assistira no evento de professores da rede, pois que, senão, o trabalho que realizam na Fundação seria de “formiguinha”. Marisa comenta que essa mudança já acontece até na escola e atesta com o que assistira no mesmo evento. Vários participantes do grupo comentam simultaneamente suas opiniões sobre as palestras que assistiram. Marisa, no entanto, contesta aqueles que se declaram construtivistas mas não são coerentes, como ela coloca, “[...] tem gente que fala assim, que é construtivista, que é não sei o que, não sei o que; mas você vai ver, acaba virando tudo a mesma coisa”.

Adriana reitera que não só o professor como também a Fundação são tradicionais. Marisa justifica que isso seria a proposta. Adriana relata que, em suas aulas de informática, tem que seguir o plano de aula e “[...] dar um jeito de fazer a comunicação participar da atividade”. Além disso, destaca o conflito quando se exige os registros para conferir o que é feito, e se é advertido, se não foi trabalhada a educomunicação.

Marisa comenta que a cobrança é ainda mais rígida no Programa Aprendiz, porque

se tem que seguir o esquema de aulas para certificar de acordo com as normas do Senai e do Centro Profissionalizante da Fundação. Ela considera que é “mais tranquilo” trabalhar “outras coisas” nos programas da Divisão Criança e do Arte-educação.

Vários participantes interrompem a fala de Marisa e a contestam. Adriana comenta ironicamente que se trabalharia só “No horário de almoço...” quanto ao que colocara Marisa. Esta tenta começar a se explicar, mas Adriana desenvolve sua contestação dizendo que nem sempre dá para realizar a atividade de educomunicação com todos os alunos, no mesmo horário. Os participantes continuam falando simultaneamente sobre esse assunto. Marisa consegue explicar que o programa em que está é o último programa para os adolescentes e é mais fechado. Alguém concorda e superlativa dizendo que é “Bem mais”. Marisa explica que há uma responsabilidade regida por leis que exigem atividades mais fechadas: “[...] existe uma lei que vai determinar, você tem de fazer isso, isso, isso; tem que ter isso, isso, isso; tem que ser certificado isso, isso, isso; tem que ter xis horas para ter certificação, para ter a garantia do certificado”.

Gilberto tenta começar a falar sobre algo que percebe, mas é interrompido. Marisa volta a falar que se tem que trabalhar competências e habilidades no Aprendiz para poder emitir o certificado registrado por um local reconhecido e validado nacionalmente. Ainda assim, mesmo sem poder parar para realizar certas oficinas, alguns professores de Matemática e Português, aulas que não são regidas pela certificação, realizam atividades diferenciadas, mas com muita dificuldade.

Gilberto consegue a atenção. Ele comenta que o problema da educomunicação seria sua própria palavra, pois trabalharia a liberdade, com o que as pessoas não estão acostumadas. Ele entende que, por isso, há conflitos no começo do trabalho porque as pessoas abusam da liberdade. Marisa considera que precisam de abertura para trabalhar isso. Gilberto comenta que precisam de uma estrutura diferente da tradicional para trabalhar com esses

problemas. Teresa desenvolve esse raciocínio e assinala que os profissionais são cobrados para desenvolver a autonomia de crianças e adolescentes, mas em atividade, na unidade, estes são enquadrados, fechados e engessados. Adriana ironiza dizendo “Quem estiver lá fora, leva para a sua [sala]”. Maria Rita também ironiza dizendo “Olha, ele estava perdido por aí...”.

Teresa considera que a instituição esteja “comprando” a idéia da educomunicação também porque lhe dá uma grande visibilidade, que a coloca na “vanguarda”. Os participantes comentam as afirmações de Teresa.

Marisa relata a experiência de ter ido visitar duas ONGs, na cidade de São Paulo. Teresa ironiza dizendo que isso fora antes dos “cortes”. Marisa também ironiza que fora antes. Em seguida, ela comenta a comparação que fizeram. Esperavam conferir tudo aquilo que era divulgado a respeito das entidades, mas notaram que o trabalho da Fundação tem mais estrutura e está com um projeto mais avançado, só que essas ONGs tinham mais apoio de mídia e publicidade. Diz ela: “Então, tem lá Fernanda Montenegro, tem algumas pessoas que acabam pegando e divulgando isso. Nós não temos nenhum príncipe encantado para fazer isso. Nós é que fazemos, né? Nós é que somos os príncipes e as princesas porque nós é que divulgamos”. Teresa ironiza a situação dizendo que poderiam ter um “Gianecchini”. Os participantes riem e comentam sobre a piada e o ator sugerido.

Marisa completa seu relato dizendo que discutiu com Teresa, na volta da visita, que eram eles, da Fundação, que proporcionavam melhores condições para os “meninos” no projeto de educomunicação, mesmo considerando as coisas que se tem de “adequar”. Ela comenta que uma das ONGs quer visitar a Fundação para pensar como implantar a educomunicação nas atividades dela. Ela ressalta como positivas a existência do Centro de Referência e de um grupo reunido há bastante tempo para trabalhar o projeto. Para concluir, ela comenta que todos, profissionais, chefias, gestores, presidência, diretoria etc., têm de estar abertos à “mudança” na Fundação, mas que terá também de ser “individual”.

Daniela frisa que, depois da mudança sugerida por Marisa, tem de ser realizada uma mudança estrutural. Marisa concorda. Daniela comenta que não vai aprofundar muito, começa a falar da saída das crianças, mas fica em dúvida com a idade de saída delas do programa. Marisa ajuda-a a esclarecer. Daniela completa sua idéia dizendo que é tranqüila a passagem da criança do Programa Criança para o Arte-educação, mas não é assim do Arte-educação para o Aprendiz. Marisa brinca dizendo: “O nosso é tudo de bom também...” Os participantes riem. Daniela concorda com Marisa, mas afirma que os adolescentes têm de se “enquadrar” para serem preparados para grandes empresas, mesmo que eles nem queiram seguir esse caminho. Marisa concorda. Daniela cogita que deveriam poder escolher música para ser músico. Marisa concorda. Gilberto comenta que isso já é criticado há tempos. Daniela comenta que, por isso, a mudança da estrutura também é fundamental. Teresa concorda.

Marisa concorda com o questionamento. Ela comenta e se confunde sobre a idade em que os adolescentes saem do Arte-educação, mas introduz a idéia de que deveria ser incluída a possibilidade de continuar nos cursos de artes, e não só a transferência para cursos como mecânica, *hardware* e elétrica. Ela lembra que o Programa Arte-educação, no entanto, não teria estrutura para receber essa maior demanda.

O grupo vem repetindo conteúdos já explicitados nas reuniões anteriores sobre a contradição entre a educação tradicional e as novas propostas bem como as demandas da Fundação e a proposta de inserção da educomunicação. Até então, essas contradições, que vinham sendo elaboradas em separado, passaram a ser conjugadas num único debate sobre a prática que realizam na Fundação e, como isso, é atravessado por essas contradições.

Nota-se uma participação mais ostensiva de membros da equipe multidisciplinar, cujo discurso buscava uma ponderação sobre aspectos não só problemáticos, mas também avanços realizados pelo projeto de educomunicação. Essa integração pode ter um caráter de elaboração da tarefa de pensar a ação do grupo ou ser a manifestação de uma defesa do

discurso institucional em busca de uma conciliação para autoconservar o que existe. Essa impressão não está clara para se concluir uma boa hipótese interpretativa, serve apenas como cogitação.

O Coordenador pede a palavra e não a consegue. Marisa questiona para onde os adolescentes seriam encaminhados. O Coordenador pede novamente a palavra e recebe atenção. Ele informa que Vanessa pedira-lhe a palavra. Os participantes riem da situação. Daniela brinca dizendo “A gente não deixa, né? Não vai falar nada...”. Marisa também brinca: “A gente não fala...”. O Coordenador pergunta se Adriana também pediu para falar. Vanessa confirma que Adriana falará em seguida. O Coordenador pergunta como o grupo usaria sua liberdade de expressão e assinala que, de alguma forma, aquela conversa estava “mobilizando”.

Ressalta-se, aqui, a iniciativa dos membros do grupo em buscar que o Coordenador tomasse a iniciativa de pedir a palavra. Isso pode ter sido uma forma de lidar com o medo de interromper a palavra do superior hierárquico. O Coordenador é chamado a usar seu papel de autoridade no grupo para repartir o espaço para a manifestação de mais pessoas. No entanto, a reação do grupo à situação existente é elaborada numa espécie de chiste coletivo com a espécie de monopólio da palavra.

Vanessa inicia confirmando que a conversa mobilizava, que tinha dúvidas porque não participou da reunião anterior e que a reestruturação comentada por Marisa seria necessária e que todos já comentam. Em seguida, considerando que é nova na instituição e no projeto de educomunicação, ela questiona por que a questão da afetividade é revertida em discussão enquanto problema da instituição. Comenta ela:

[...] hoje é o quarto encontro, hoje eu estou assim: “O que eu vou fazer?” Porque eu pensei que iria agregar alguma coisa também para mim, como educadora.[...] Claro que tem também afetividade, né, com os meus superiores; mas com o meu educando, como lidar com isso? E eu fico pensando, antes de tudo, que é um conceito que eu já tenho, tudo que eu estou aprendendo na Fundação ou na

educomunicação, eu penso que dificilmente vai se aplicar como se quer e na Fundação.

Ela questiona então se a preparação e o treinamento que recebe servirão para realizar algo na Fundação, pois, por ser uma instituição pública, demorará muito para haver as mudanças na estrutura. Ela se questiona se permanecerá na instituição a tempo de ver as mudanças da estrutura.

Vanessa relata a dúvida que tem sobre a introdução da educomunicação e sua efetivação, quando os adolescentes começarem a contestar o que é realizado, como já acontece e fica oculto. Ela afirma que a sociedade não quer ver o que fazem. Comenta que subtraindo suas incertezas como trabalhadora, os problemas da instituição, restar-lhe-ia a relação com o adolescente, com quem ela tem contato “direto”. Ela questiona se o trabalho educutivo dá conta desse contato, além de garantir as opiniões.

Vanessa relaciona essa questão com sua experiência como aluna de uma professora que desfez um trabalho dela e como isso a marcou. Ela comenta que os conflitos no levantamento de idéias e na produção são o principal problema para realizar o projeto de educomunicação. Ela critica a demanda da instituição para o que denomina de “repórteres-mirins”. Vanessa relata uma situação de conflito que ela não conseguiu resolver entre adolescentes, por causa de divergências deles na produção do programa, e para o qual teve de pedir o apoio da assistente social.

Gilberto relata sua dificuldade também. Ele conta que tem uma turma que reúne vinte crianças, pois que trabalha em seis grupos, mas um grupo interfere com o outro enquanto está produzindo, e só consegue dar atenção a um grupo de cada vez.

Marisa afirma que educação é algo que demora e diz que, por isso, não quer “jogar água fria” em ninguém. Ela relata que está há dois anos e “pouco” na Fundação e já viu mudança, como a oportunidade que os “meninos” tiveram de participar de simpósio,

seminário e eventos assim, mesmo que por pouco tempo ou como repórter-mirim. Eles não tinham nem essas oportunidades, ela destaca.

Vanessa esclarece que não quer dizer que essas coisas não são importantes, mas que requerem uma disposição do professor para viabilizá-las. Ela comenta que continuam fazendo e felizes porque querem viabilizar essas coisas, o que a preocupa. Marisa comenta que é assim que isso começa. Gilberto também relata preocupação com o aumento das coberturas. Vanessa concorda. Vários participantes comentam isso simultaneamente. Marisa sugere que os poucos que já estão fazendo isso vão “contagiar” os outros a participar. Vanessa concorda reticentemente. Marisa coloca a situação daquele profissional que não concorda com a participação do outro no projeto porque considera que se “está querendo driblar as horas” ou porque se tem liberdade de não ficar só na sala de aula. Ela compara com um “remédio”, “[...] ele leva dez anos para começar a ser colocado em prática e mais dez para os resultados, né?”. Vanessa questiona Marisa sobre se continuarão por esse tempo. Marisa afirma que pode não agüentar, mas está “plantando”.

Vanessa relata a experiência da cobertura do “selo”³³. Alguns participantes informam não saber que atividade foi essa. Ela relata que nem conseguiram entrevistar o Prefeito, mas fizeram a atividade pela oportunidade para adolescentes. Ela contou emocionada a situação de ninguém saber “comer” e aprenderem juntos olhando como os outros faziam, e por isso, ouvir dos alunos: “Nunca vou esquecer o dia em que a professora, é, me ensinou a comer”.

Marisa manifesta atenção. Vanessa comenta como foi a experiência para os adolescentes. Mas, para isso acontecer, ela ressalta o esforço de até a Coordenadora do projeto ser acionada para viabilizar os equipamentos, que acabaram não correspondendo. Ela relata que se sente uma “mola” nessa situação, porque recebe as pressões dos superiores, “Entrevista esse! Faz isso!”, e não poder passar o “nervosismo” para os adolescentes. Marisa comenta que

³³ Evento de entrega de um selo de certificação de empresas que contribuíram para a Fundação.

lidar com pessoas é difícil, por causa dos gostos, das expectativas e com, o que Daniela completa, “frustração”. Vanessa concorda. Vários participantes falam ao mesmo tempo.

Marisa comenta que essa dificuldade é grande porque se lida consigo, com o conjunto, com outras pessoas, famílias e grupo no trabalho, e que isso é mais ainda difícil na educação com pessoas diferentes. Ela cogita que eles não verão os resultados do projeto na instituição toda, mas destaca a ampliação em andamento de 23 para 25 unidades e que isso já estão fazendo. Vanessa comenta a participação do projeto em cada unidade, e que isso veio de uma ordem de “cima”. Marisa concorda com Vanessa e comenta que, por se considerar ansiosa, pensa que não pode desistir do que se acredita. Ela relata sua experiência quando começou a trabalhar na escola pública, porque queria ser diferente, “[...] não queria só lousa e apagador”, e como foi recebida com falas dissuasórias, “Esquece, isso aí não dá certo”. Ela afirma que não se pode se perder com essas posturas, e comenta: “Eu posso não ver a instituição toda trabalhando com isso, mas a gente tem que acreditar que está fazendo o melhor; que, senão, a gente vai acabar se frustrando hoje”.

Vanessa afirma que também acredita nisso, mas questiona se as atividades não estão sendo mal divididas, porque o que está sendo falado já poderia ter ouvido antes, e isso a teria ajudado muito a encaminhar sua atividade. Maria Rita concorda. Vanessa comenta a possibilidade de “dar um toque”, mas se precisa se inserir no processo para ver o que está acontecendo.

O grupo passou a enfocar os relatos das experiências pessoais e como lidam particularmente com as contradições que encontraram nas instituições, inclusive na Fundação. Apontam, aparentemente, para um esvaziamento do sentido do trabalho em si e a busca de compensações secundárias e mecanismos de defesa informais e paralelos para, como já emergiu nas reuniões anteriores, proteger-se dos efeitos adoecimento psicossocial proporcionado pela ambigüidade da relação da instituição com a equipe.

Marisa coloca a implicação de ser psicopedagoga na instituição, pois pensou que trabalharia direto com os adolescentes, e foi encaminhada para trabalhar com os profissionais pela equipe multiprofissional. Ela relata que algumas pessoas procuram-na para conversar sobre suas dúvidas, enquanto outras, não, porque a consideram como “chefia” que vai “cobrar”. Ela comenta que deveria sentar com humildade para ouvir um ao outro.

Maria Rita comenta que isso seria uma terapia. Em seguida, ela relata que falara com Mariane sobre como tinha mudado seu olhar, como com Teresa, depois de conviver com ela, e que isso também acontece com os alunos e a professora. Ela relata como os alunos passaram a ter outro olhar e outra organização. Vanessa afirma que isso é que deveria ser fortalecido no grupo. Vários participantes falam ao mesmo tempo. Maria Rita comenta que é boa a relação com coordenação, mas que não é com outras. Marisa comenta que é uma das mais novas membros da equipe multidisciplinar, mas que o relacionamento dentro da instituição depende da “antipatia” e da “simpatia” nas relações estabelecidas, em geral, “à primeira vista”.

Gilberto sugere que esse problema da antipatia também tem a ver com a estrutura. Ele concorda com Maria Rita sobre a convivência mudar a relação. Ele aponta a distância e a proximidade nas atividades diárias e a hierarquia como as razões para a separação e da relação ruim. Ele relata o comentário corrente “Ela é daquele setor, então...”. Marisa reage a isso dizendo “Daquela setor...”. E Gilberto completa o comentário corrente: “É, está querendo olhar meu diário...”.

Marisa emenda que a idéia é de que se está querendo cobrar alguma coisa, ou que se fez algo errado. Ela esclarece que muitas coisas não podem mesmo resolver, mas que reúnem “demandas” na supervisão dos trabalhos para tentar buscar soluções. Ela afirma ver muitas serem realizadas, mesmo assim, justamente porque houve “comunicação”. Ela comenta:

Vocês colocam as questões de vocês. O que vocês querem, também, porque muitas vezes vocês não querem que coloquem, né, porque vai chegar... vai chegar para a chefia. Então, vocês não querem que coloque. E também a gente não ter como falar para que não, porque não tem como, né? E muitas coisas acontecem como? É esse, é essa cobrança, que nós temos também, que nos distancia um pouco de vocês.

Marisa ainda ressalta que a cobrança sobre a equipe multidisciplinar é muito grande também e que, além disso, ficar mais próximo das equipes dos projetos poderia mesmo melhorar a situação, como se faz nas reuniões de quinta-feira do projeto de educomunicação.

Várias pessoas falam ao mesmo tempo sobre isso. Gilberto ressalta que era “legal” a gestora Paola participar das reuniões, e lamenta por ela não participar mais. Para ele, isso prova que a educomunicação poderia eliminar “um pouco” o distanciamento causado pela hierarquia. Várias pessoas continuam a falar ao mesmo tempo. Daniela comenta que Paola quer participar, como fez na ida a São Paulo. Gilberto enfatiza que se refere a participar do dia-a-dia. Daniela ressalva que Paola compareceu e questionou; ela acredita que os gestores também estão querendo mudar a estrutura e dar força para o Projeto Educom. Gilberto lembra e Daniela confirma que Paola participava do projeto desde o começo; além disso, faria o curso iniciante junto com eles. Gilberto ressalta que essa relação é melhor. Várias pessoas falam ao mesmo tempo.

Marisa refere-se a Vanessa dizendo que compreende a vontade de ver logo acontecer aquilo pelo que se batalha e empolga, mas reitera que é complicado e lento. Vanessa questiona se compensa o preço de enfrentar as coisas da instituição. Marisa responde que tem de pensar que compensa, o que frisa falar por si mesma: “Se você não acreditar... É aquele crer para ver. Você tem que crer que o que você está fazendo, o que ela está fazendo, o que o pouquinho está fazendo, porque você está diretamente e eu faço indiretamente, é...”

Vanessa comenta sobre haver um preço do desgaste. Marisa comenta que são anos e anos para realizar trabalho na educação, e que desanima quem espera o resultado rápido. Vanessa esclarece que não se referiu a desânimo, mas sim a “paixão demais”. Marisa

concorda que é isso ver os “meninos fazerem alguma coisa”, e que isso alimenta. Daniela compara que se deve pensar nos “meninos”, não vale pensar em salário ou em estrutura. Marisa afirma que nem pensa na estrutura. Daniela comenta que isso “pira a cabeça” e que adolescentes e crianças são a gratificação que têm. Ela relata emocionada a felicidade pela brincadeira que um garoto muito tímido conseguiu fazer quando ela cometeu um erro ao falar algo.

Maria Rita comenta o comportamento organizado dos adolescentes no evento de que participaram. Marisa ressalta que têm de trabalhar para satisfazer “as necessidades básicas e algumas fúteis”, mas que é por paixão que continuam, pois não vale a pena pensar no que “cortam”. Ela aproveita para relatar o chateamento da equipe com um corte para uma atividade em que tudo já estava pronto. Comenta preocupadamente os cortes. Marisa, em seguida, enfatiza que têm de continuar mesmo assim, pelo crescimento que vêm nos meninos.

O emergente das relações interpessoais na instituição seguiu sendo elaborado até então. Foram reveladas agora as experiências de alguns membros do grupo que ocupam papéis diferentes na instituição e como se esperaria que outros ocupassem seus papéis. Destaca-se como essas relações revelariam uma estereotipia das condutas e como não está sendo possível superar certas representações dos papéis institucionais, mesmo quando há uma elaboração individual, o que tem implicações diretas para o trabalho das equipes e o funcionamento grupal na instituição.

Vanessa começa a comentar que vivera uma situação “dolorosa” com um grupo de adolescentes mulheres. Primeiro, ela questiona a criação de grupos só de mulheres porque envolveria muita “emoção”; portanto, seria melhor mesclar. Marisa pede para ela esclarecer o que aconteceu. Gilberto comenta que tentou fazer programas de rádio com grupo só de mulheres e este acabou brigando e se dividindo. Vanessa comenta que combinou com elas que

tudo seria para todos. Elas conversaram e se reconciliaram. Então, ela relata que o pedido para cobertura do evento do “selo” restringia a quatro participantes dos seis membros do grupo. Vanessa relata que ficou abalada, que as alunas incorporaram a idéia dela de “pensamento positivo” para acreditarem que todas iriam, mas ela ainda se perguntava como sair do problema, pois não poderia ir todo mundo. Várias pessoas comentaram isso. Vanessa relata que era um “problemão de última hora” e até questionou com Daniel a necessidade de se posicionar para irem todas, pois a educadora estava recebendo uma aula daquilo que ensinou para elas, como na fala: “Professora, você não falou que nós somos um grupo? Nós somos um grupo e nós temos que ir as seis”.

Marisa questiona esse posicionamento, pois seria necessário trabalhar também as “adversidades” e a frustração. Ela relata que o que aconteceu com o corte que deixou a equipe chateada, pois prepararam com muita antecedência uma visita dos professores ao Museu da Língua e à Pinacoteca, mas a administração cortou os recursos na véspera. Vanessa concorda que devem trabalhar a frustração, mas que faltou a postura do profissional no caso das adolescentes, já que acabou buscando as formas de solucionar o problema. Contou também a necessidade de sortear quem iria, se precisasse cortar, para o que as adolescentes garantiram estar maduras, mas quando teve de realizar o sorteio, perdeu-se todo o trabalho feito para estruturar o grupo. Marisa insiste que seria importante trabalhar o grupo, mas também a possibilidade de não ser todo o grupo, pois “[...] o problema faz amadurecer, porque a dificuldade faz crescer, e tudo isso leva ao aprendizado. Você tem que tirar o lado positivo dessa coisa e tentar aprender com isso. Não é só racional. Não é fácil. Porque não é possível acertar tudo”. Ela relata ainda que era uma “galinha choca” quando foi professora de magistério para alunas de mais de quarenta anos, pois ela não admitia que outros falassem das alunas dela. Assim, exemplifica que é normal querer-se tudo para os alunos, mas que se tem de trabalhar o outro lado com eles, a falta.

Vanessa coloca que não é só a questão afetiva, mas também política, pois que as alunas questionaram porque as quantidades de pessoas em atividades como dança e música são garantidas, e no Educom, não. Isso, para ela, acontece porque as alunas entenderam a proposta, só que ela não pode bater de frente com a instituição da qual é empregada. Ela ainda relata a contradição de a instituição estimular a fazer algo mas, na hora, ela mesma tem que cotizar as despesas para poder realizar.

Vanessa comenta que deve conversar com Bete (Coordenadora do Projeto) sobre o grupo se posicionar sobre o que pode assumir, pois acaba a educomunicação se tiverem que fazer por conta própria a cobertura do evento. O trabalho não é para fazer fotografia, segundo ela, às vezes, sendo mais para a reflexão do que a própria ação. Ela comenta que, a esse respeito, chega a pensar em uma frase de Raul Seixas, “Eu queria ser burro. Não sofria tanto.”, pois abre a “cabeça” e fica sofrendo por isso, e se questiona se é isso que está fazendo com as alunas.

Marisa lembra que alguém teria dito que “Ser ignorante é ser feliz”. Ela se questiona se é feliz em tudo, posto que quem tem mais conhecimento, teria mais poder. Em seguida, questiona-se novamente e afirma que ser ignorante também é poder. Ela usa o exemplo particular na informação sobre uma doença:

[...] se você não tiver conhecimento do câncer, você vai falar assim: “É um momento e eu vou passar e...” Certo? Agora, se você sabe todas as etapas, que você tem que passar por todas aquelas etapas, tem que viver todas aquelas etapas, é, você fala assim: “Nossa, eu já sei qual vai ser o próximo passo...” Então, isso, e quem falou foi minha mãe, estava com câncer e faleceu...

Gilberto relata em tom de absurdo a existência de médicos que não contam para o paciente o que ele vai passar, porque seria melhor. Marisa confirma que existem os que não falam. Gilberto diz que saber não é sofrer por antecipação porque se sofrerá incondicionalmente. Marisa comenta que, às vezes, conhecendo é possível “driblar”. Ela ainda raciocina que o segredo do ser humano é que não se sabe para quem falar ou não sobre

essas coisas, e qual vai ser a reação, por isso se deve trabalhar melhor a possibilidade.

Gilberto tenta falar, mas Marisa complementa comentando que Vanessa trabalhou pelas seis ficarem no grupo, mas, se não desse certo, teria de trabalhar a frustração. Daniela frisa que a Fundação é uma instituição pública que tem de incentivar a participação, mas tem deixado a desejar em algumas coisas.

Gilberto consegue a palavra para lembrar que alguém falara no grupo sobre a Fundação ter comprado um produto e não ter lido o manual de instruções. Os participantes riem com a lembrança. Ele recapitula também que a Fundação defende a igualdade de oportunidades, que todos tenham acesso aos bens e à qualidade de vida, mas que vivemos em um país de exclusão social. Gilberto assinala, então, que não é interessante para muitas pessoas que as pessoas excluídas tenham voz e se expressem para se manifestar, o que é agravado porque a cidade em que estão é conservadora. Ele conclui: “Acho que a educomunicação, ela vai muito contra as idéias de um grupo que é o grupo do poder. Então, se a gente começar, continuar fazendo educomunicação, a gente vai bater de frente...”. Ele ainda comenta que, por isso, discorda com Vanessa sobre ser impossível fazer a educomunicação na Fundação. Maria Rita relativiza essa afirmação dizendo que dependerá do educador, pois precisa de muita visão para preparar tudo e subitamente ser cortado ou limitado. Vanessa comenta que isso é a questão dos adolescentes, porque eles não podem como os outros. Maria Rita comenta ironicamente que eles esqueceram que a equipe tem superiores. Marisa afirma que os cortes não acontecem só com eles, mas também com pessoas dos cargos superiores, como com o próprio presidente da Fundação.

Emergiu, no grupo, a dimensão de seus limites como equipe. Houve um confronto de opiniões do grupo sobre defender o princípio preconizado da satisfação da necessidade do grupo ou elaborar frustrações possíveis no trabalho coletivo que pode ser objeto de cortes, restrições e limitações indesejadas. Ao se elaborar essa questão na discussão, agora já se

esboça uma ação futura, como fosse um movimento do grupo em direção a um estado de projeto em que se planeja o trabalho necessário para satisfazer necessidades existentes.

Maria Rita questiona a falta de flexibilidade das demandas para coberturas. Ela relata que esbarrou em questões “externas”, quando tentou trabalhar com isso. Várias pessoas começam a falar ao mesmo tempo. Marisa pede a palavra, mas não consegue a atenção. Maria Rita consegue falar e questiona a procedência das recusas, como no evento dos professores, cujas vagas foram limitadas porque não havia lugares, mas as atividades estavam com muitas cadeiras sobrando. Daniela relata a hesitação, “Vai, não vai; vai, não vai...”, e Maria Rita conclui: “É um esforço muito grande para você ficar correndo atrás dos detalhes”.

Marisa comenta que, para o referido evento, solicitaram cinquenta vagas, que foram cortadas, mas depois concederam três vagas para educadores e a equipe propôs que também alguns adolescentes e educadores fossem incluídos para fazer a cobertura. Gilberto critica a “obsessão” pela cobertura. Marisa justifica que não era só realizar a cobertura. Daniela comenta que ela é importante. Marisa comenta que isso também é promover a participação dos adolescentes, pois também escutam o que se fala no evento. Maria Rita comenta que os adolescentes sabem que são os professores deles que estão lá. Marisa destaca o caráter de educação e aprendizagem informal da cobertura. Ela também comenta que justificou assim a proposta para os professores das escolas: “Nós falamos assim: “Eles [adolescentes] não são nossos. Eles são...” Ou melhor, 'Eles não são da Fundação, eles são nossos, de vocês e nossos.' Só que, para os adolescentes ir, nós precisamos do profissional ir também. Foi daí que nós conseguimos encaixar alguns”. Maria Rita reitera que havia várias cadeiras vazias. Marisa ironiza a restrição das cadeiras.

Vanessa pondera que, para esse evento dos professores, houve antecedência para se organizar. Marisa comenta que houve falhas nesse evento. Vanessa destaca que há uma diferença quando a ação é organizada. Daniela comenta que ninguém soube da cobertura do

evento do “selo”. Vanessa frisa contestar essas coisas da instituição, e exemplifica que soube da cobertura na sexta para ser realizada na terça; não tinha transporte, sem alguém para providenciar as coisas necessárias. Marisa começa a falar, mas Vanessa completa sua idéia comentando como seria se tivesse a liberdade para se recusar a aceitar isso. Marisa sugere que, mesmo ainda começando, isso pode melhorar com a criação do Centro de Referência. Vanessa tenta falar, mas agora Marisa completa sua idéia comentando que no Centro haverá provavelmente o equipamento em forma de *kit* para filmar e gravar, ironizando a situação que passam então por solicitar o gravador e a fita não seguir junto. Maria Rita adiciona que não vai pilha também.

Gilberto começa a falar sobre a equipe precisar de algo, mas Marisa interrompe para dizer que precisam do *kit*. Gilberto consegue a palavra e esclarece que, a seu ver, precisariam “pisar no freio”. Vanessa aponta para a necessidade de organização. Gilberto assinala que se envolvem em várias frentes, mas não se cuida do arquivo, por exemplo. Adriana relata que não tinha material completo para a última oficina realizada. Gilberto relembra que haviam separado tarefas para quem prepararia o arquivo, mas acabaram somando coisas sem sistematizá-las. Ele vai concluir, e Marisa demonstra acompanhar o raciocínio “Então, o quê...” Gilberto conclui que eles têm refletido pouco e destaca o grupo operativo como uma oportunidade que tiveram: “Calhou, assim, do Joari [Coordenador] estar fazendo esse trabalho com a gente e estar possibilitando a gente refletir um pouco, porque, senão, a gente não estaria refletindo nada, né? Então, eu acho que a gente precisava pisar no freio”.

Daniela relata a dificuldade por que passou para recusar à gestora de sua unidade o encaminhamento súbito de mais três adolescentes de sua unidade. Ela comenta também que a cobertura do evento do “selo” deve ter sido “uma ordem de cima para baixo”, “cumpra-se”, sem consulta, levantamento ou apoio às unidades disponíveis. Para ela, falta essa outra

“dinâmica” e uma “referência”, como ela mesma desenvolve: “Precisou do Educom, corre, cada um corre para quem estiver mais perto. Quer dizer, na minha unidade, a gestora correu para quem? Para mim, porque eu que sou do Educom”. Várias pessoas falam simultaneamente sobre isso.

Vanessa tenta falar de uma preocupação, mas Daniela completa sua idéia dizendo que ela acaba recebendo a “culpa” pelo que acontece no Educom. Marisa cogita que vão precisar de um gestor só para o Projeto Educom. Daniela relembra a situação que aconteceu na última oficina, quando um gestor ligou no dia da atividade para avisar que enviara quinze adolescentes. Adriana ressalta que não tinham material suficientemente preparado. Vários participantes comentam os ajustes que fizeram. Daniela teme pelas conseqüências dessas situações: “É o nosso trabalho e a gente que está se queimando”. Os participantes concordam. Daniela completa sua preocupação dizendo: “O nosso trabalho é muito legal, só que não está aparecendo. Está aparecendo lá fora de uma outra forma. [...] Se a gente quer ter a credibilidade, a gente está passando credibilidade? Não tem como...”.

Maria Rita questiona se resolver essas situações com “jeitinho” é um “erro”, porque isso tem um “preço” que alguém paga. Os participantes falam simultaneamente sobre isso. Marisa comenta que se faz isso para, exatamente, não haver frustração dos adolescentes e da própria equipe, mas isso vai aumentando a ponto de não se dar mais conta. Daniela concorda com Marisa. Maria Rita comenta que até dá para se prever os problemas que vão acontecer, como na participação no Simpósio, em que a equipe do evento garantiu que prepararia tudo conforme o especificado, mas quando foram utilizar, precisaram refazer tudo às pressas. A atenuante dessa situação foi que o grupo participante era grande. Ela reclama que isso foi muito desgastante. Adriana comenta que se é acusado ainda de não se fazer sua parte. Vários participantes comentam sobre isso. Ela exemplifica que isso aconteceu na oficina passada.

Vanessa pergunta onde os equipamentos da TV Fundação vão ficar. Daniela comenta que isso está sendo discutido. Vanessa propõe que devem “brigar pelos equipamentos” para ficar no Centro de Referência. Daniela comenta que já foi informado de que seria na Sede, porque “[...] lá em cima já falou que é melhor lá”. Vários participantes comentam isso. Marisa esclarece que seria por causa da segurança. Daniela comenta que segurança pode ser criada. Vanessa pergunta como será o contato com o responsável, se ele não estiver lá no Centro Tecnológico, na Sede. Daniela contesta a situação: “Aqui é o Centro de Referência ou não? Aqui é só para ter bicho empalhado...” Os participantes ficam constrangidos, riem e comentam o assunto. Vanessa comenta que a descentralização da organização deve acontecer. Maria Rita comenta que o Centro Tecnológico e o Centro de Referência têm de ser uma coisa só.

Daniela pergunta se sabem que é responsabilidade deles quando algum equipamento for perdido. Alguns participantes confirmam. Ela relata que já teve de reembolsar por um equipamento que era usado por várias pessoas, só que ela tinha a chave do armário. Vários participantes comentam isso como absurdo. Adriana e Maria Rita comentam que, por causa disso, levam o computador pessoal e não o da Fundação, quando precisam. Daniela comenta irritada: “Está na sua mão, o problema é seu. E o instrutor de comunicação que se dane.”, e sugere que isso deve ser melhorado para o Educom ter mais credibilidade.

Gilberto avalia que acabam desgastando-se em que não deveriam. Ele exemplifica com a providência de vales-transportes para os adolescentes, pois, mesmo já tendo a cota combinada, tem de insistir com o gestor. Marisa confirma que já tem uma cota acertada para os “meninos”. Gilberto comenta que não adianta falar isso para o seu gestor. Daniela confirma que tem sido assim com o gestor. Gilberto comenta desalentado que quer que as coisas saiam. Vários participantes comentam sobre isso.

Vanessa comenta que eles têm de estimular adolescentes com dificuldades para

escrever, ler, interpretar e se relacionar, este último que as pessoas da equipe também têm. Mas, em vez de trabalhar com os adolescentes, precisam resolver os problemas administrativos e de produção, o que tiraria o “prazer” por fazer a “mediação”. Maria Rita ironiza: “Mas, você não pode reclamar, porque você já fica o dia todo no Parque da Cidade”. Daniela comenta que fazem “pique-nique”.

Marisa comenta que terapia de grupo é ótima. Os participantes riem e olham para o Coordenador. Ela continua a idéia dizendo: “Faz a gente entender um monte de coisas e que, infelizmente, às vezes...”. Marisa comenta a sua situação como profissional da equipe multidisciplinar, pois não consegue resolver tudo; às vezes, só comunica. Ela aproveita para pedir desculpas ao Coordenador pela analogia com a terapia e reitera a opinião dela sobre demorar a implantação de projetos na educação, o que ela exemplifica com sua experiência, na década de oitenta, com o Ciclo Básico e a inserção de pessoas com deficiência na escola, ela descreve:

É, teve implantação do, mais ou menos em oitenta, e teve a implantação do Ciclo Básico, que nada mais é do que o construtivismo que surgiu depois, tá. E assim, pôe! Aí, puseram todos os professores da rede, uma semana estudando, até que eram aqueles jornais antigos, assim, grandões. E vai, estuda, estuda, estuda e implanta! Ninguém sabia nada... Vai! Aí, começou: “Não, nós vamos estar recebendo, é, crianças com necessidades especiais”. Não tem banheiro adaptado, não tem rampa, não tem não sei o que, não tem não sei o que... Vai! Depois que a criança está lá, que você tem que descer da escada com a criança, com cadeira de roda, tem que dar um jeito no banheiro, não sei o que, não sei o que, aí que implanta. Então, essas coisas demoram um tempo. Não estou falando que a gente tem que ser igual não, né? Mas, demora um tempo até se adequar. A coisa surge, funciona. Aí que você... Então, eu acho assim, o Educom veio. Nós estávamos preparados para isso? Chegou, vamos fazer curso; vai fazer curso, não é? Foi há dois anos atrás. Eu acho que você começou.

Daniela esclarece que iniciou no decorrer do projeto. Os participantes começam a elencar quem participou do começo do projeto e conclui que, dos presentes, só Gilberto, além de Fred e Guilherme, por exemplo, que não estavam presentes. Marisa comenta que começou com eles, que não estava preparada para começar o projeto e que agora está mais fácil resolver os problemas, apesar de “angústias et cetera e tal”; mas ela se questiona sobre estar

mais ou menos difícil porque estão abraçando várias coisas.

Alguém comenta que falta “logística”. Vanessa aponta para uma questão de “consciência”, considerando as unidades em que já existe o projeto e pensando se ele expandir para quinze, por exemplo, com dez pessoas sendo críticas e questionassem o que está acontecendo: “Daí, eu fico pensando, essa coisa de melhorar ou não, de que, aí sim, pode ser que a instituição comece a perceber o problema que ela comprou”.

Marisa aponta que o “jeitinho” é usado para resolver essas situações, até para não serem acusados de não trabalhar. Vários participantes falam sobre isso. Maria Rita concorda com Marisa: “Porque a gente fala isso para eles: ‘Não, gente, vamos fazer, né?’”. Marisa comenta que isso acontece por causa dos adolescentes, mas também pelos próprios membros da equipe. Maria Rita comenta que se absorve, quando é com a equipe. Marisa relata que se sente a necessidade de algo quando há a sua falta e, por isso, vão continuar conciliando enquanto alguém resolver, “dando um jeitinho”, os problemas para eles.

Daniela alerta para que o Educom não vire “aquilo”, mas não lembra o quê. Marisa lembra e completa, não vire “pique-nique”. Os participantes riem. Vanessa coloca que é em repórteres-mirins em que estão transformando-se para a instituição. Marisa reitera o comentário anterior de que se deveria parar com isso.

Gilberto, considerando conceitos transmitidos por Bethânia (Assessora do NCE), afirma que a instituição é mais de mídia-educação do que educomunicação, aquela seria uma adaptação e não mudar a estrutura enquanto esta é mais polêmica, questiona a hierarquia, a sociedade, mais complexa. Ele ainda conclui que, na Fundação, isso “[...] o pessoal lá de cima não quer”.

Vanessa comenta que as experiências das coberturas proporcionaram várias coisas novas para os adolescentes. Eles quase se negaram a ir e disseram que teriam coragem de fazer isso com a instrutora. Ela pondera que eles tinham se preparado para ir e a própria

instrutora ficou se culpando pela situação. Ela comenta que, no evento, tiveram de “gastar” suas perguntas com Primeira-dama, nem conseguiram formular outras para o Prefeito, pois estavam “assim”, com tanta novidade, o que decorreria da condição social da classe com que trabalham. Daniela comenta que isso seria muita coisa para eles. Vários comentam e confirmam a sensação. Marisa comenta que isso também é novidade para a equipe, como ficar perto do prefeito. Vanessa concorda. Daniela concorda parcialmente.

Vanessa ressalta o encantamento com a ingenuidade dos adolescentes nessa situação, exemplificando que consideraram ricos os professores que participaram do encontro que cobriam porque adolescentes viram muitos carros no estacionamento. Ela também comenta que tomava o cuidado para não entrar na onda de nervosismo das pressões de realizar certas entrevistas, pois o que se quer é que os adolescentes sintam prazer fazendo o trabalho. Maria Rita comenta que isso vira um “fardo” para a criança. Vanessa reitera o cuidado de não passar as “frustrações de funcionário”, o que é difícil, às vezes. Adriana concorda.

Maria Rita comenta que isso compõe um mundo distante das crianças e adolescentes atendidos. Ela comenta sua vivência quando vai com a roupa de “fim-de-semana” e os alunos dizem que ela é “chique” e “rica”. Os participantes riem. Maria Rita considera que esse contraste é ampliado nos eventos. Vanessa tira a boina que usava e comenta que não desfez ainda a escova que preparara para participar do evento do “selo”. Os participantes riem com a situação e comentam o penteado. Também Marisa relata uma vivência com esse contraste quando acompanhou a visita de uma turma de adolescentes ao shopping pela primeira vez. Eles não queriam terminar o lanche do McDonald’s, comendo-o “de pedacinho em pedacinho”. E, no cinema, estavam maravilhados com a tela e curiosos com a origem da projeção do filme. Maria Rita comenta a curiosidade dos adolescentes ao visitar a TV Vangarda. Vanessa comenta que era um “sonho” deles. Maria Rita comenta: “[...] você começa a ver que eles têm essa oportunidade de entrar em ambientes que eles nunca pensaram

em pôr os pés, né?”.

Gilberto comenta que já até conversa com Bethânia sobre trabalharem com crianças que já tem uma inteligência prática muito grande por causa da vivência delas. Marisa coloca que isso é até para elas estarem vivas. Gilberto conjectura o que vai acontecer se juntar essa capacidade de resolver rapidamente os problemas com o conhecimento teórico, capacidade de reflexão e de crítica. Ele supõe que serão pessoas excepcionais, mas isso vai incomodar. Marisa afirma que isso tem a ver com algo que já tinha sido comentado. Gilberto conclui, por isso, que a educomunicação não está acontecendo de forma ideal, mas está acontecendo na Fundação, e que vai incomodar muito, se continuar desenvolvendo-se. Marisa concorda.

Gilberto quer saber o que vai acontecer. Marisa afirma que não estarão na instituição para ver o resultado. Gilberto não se convence. Marisa comenta que isso será o fruto do que estão fazendo. Gilberto comenta que essas coisas têm acontecido de modo mais rápido. Marisa comenta que demorará para contagiar todos os profissionais e os adolescentes. Gilberto alerta que isso que incomoda pode ser cortado a qualquer momento. Vanessa concorda e Marisa afirma que isso será difícil acontecer. Vanessa ainda comenta que haverá um meio termo. Marisa reitera sua opinião e Gilberto comenta que dependerá de “fatores”.

Daniela começa a alertar que, se a equipe continuar no ritmo de então, sem sentar e parar, e Marisa completa que a equipe mesmo se “queime”. Daniela afirma que já comentam sobre isso, mas a causa não é incompetência da equipe, mas sim porque, ela diz, “[...] a gente está sempre querendo apagar fogo, apagar incêndio, apagar incêndio. E aí? Chega uma hora que vai explodir”. Marisa concorda parcialmente. Daniela afirma que isso aconteceu no evento do “selo”.

Marisa comenta sobre ser o final do semestre e pede para confirmar a data do último encontro da equipe. Ela sugere que seja realizado um último encontro do ano, com a

presença de Elisabete e da equipe responsável, como diz: “[...] para a gente estar fazendo isso aqui, né? Colocando as dificuldades, colocando a nossa preocupação, colocando todas as nossas ang...”. Os participantes comentam a data e acham que a referida reunião precisaria ser antes do final das atividades, até para poderem dar encaminhamento ainda durante o ano. Marisa coloca a questão para discutir nessa reunião, por exemplo, se dirão “não” para alguns eventos. Daniela afirma que tem de dizer. Marisa comenta que os “meninos” do projeto da padaria tiveram de fazer isso, pois estavam ficando com muitas tarefas para realizar e não davam conta. Vanessa comenta que ficarão “igualzinho”. Marisa relata que eles tomaram a iniciativa de dizer que não davam conta e cortaram certas demandas, como os próprios confeitos que a equipe de educomunicação tinha à disposição. Segundo ela, seria importante fazer a reunião sobre o assunto, ainda durante o ano, para poder recusar como grupo, se precisar, e não se culpar por isso.

O grupo deu um novo passo em relação à busca de um projeto para a sua elaboração. Além de pensar o que deveria ser feito, como garantir os trabalhos coletivos, reduzir o tanto de atividades realizadas, evitar o descrédito no projeto e viabilizar um espaço de reflexão ou mesmo terapêutico e de “colo”, agora também discute um tempo e um espaço para a realização da ação. O projeto do grupo neste novo patamar de elaboração está sendo desenhado e vai se tornando o continente em que se pode depositar a ansiedade para não aniquilar a capacidade de ação e reflexão de então.

Vanessa volta a comentar sobre o evento do “selo” e relata que uma adolescente chorou quando um representante da ACE³⁴ elogiou o trabalho dos adolescentes da Fundação que ele acompanhou na cerimônia, “[...] agora eu estou vendo o que esses meninos fazem.’ E aí, uma das meninas que estava filmando lá chorou. Porque, tipo assim, depois de tudo que fez para conseguir ir...” Vanessa ainda relata que isso é importante, mas como fazer para resolver os problemas dos equipamentos na última hora. Várias pessoas comentam a situação

³⁴ Associação Comercial e Empresarial.

e provocam risos. Alguém comenta ironicamente: “É porque é só por hoje...”.

Vanessa (ou Daniela) comenta brincando que a “loira” cansara de falar, em referência à Marisa. Há alguns instantes de silêncio e, depois, irrompe um surto de risos.

Gilberto comenta que deixaria de falar uma coisa, mas os participantes insistem para que fale. Ele resolve falar sobre ter lembrado do desenho animado do “Rabugento”, o que associa com a situação que discutem: “Não sei se alguém aqui já assistiu o Rabugento? (vários confirmam) Ele tinha um chefe que, no final, o Rabugento resolvia o caso, e no final o chefe chegava para colher os louros da vitória, para levar a fama... (risos)”. Daniela considera a imagem “interessante”.

O Coordenador diz que aproveitará a brecha para comentar. Ele assinala que a questão da organização ser definida está presente nas discussões do grupo operativo, desde a primeira reunião, mas que se detiveram mais sobre ele neste encontro. Ele comenta sobre a então percepção de que os problemas da instituição são também problemas de cada um, e que precisam afastar-se da tensão para poder pensar sobre isso. Ele exemplifica isso comentando que, por um lado, Vanessa levou de forma “organizada” as suas angústias com a “desorganização”, que são desorganizadoras; por outro lado, Marisa tentou elaborar esse diálogo, organizando-o no conhecimento prático ou teórico, para pensar o presente e o futuro do projeto. Ele também assinala a contradição da ligação das pessoas com o projeto, pois que é aquele que frustra, mas é também com o qual conseguem muita satisfação.

O Coordenador também comenta outro assunto, que o projeto ganha visibilidade e, paralelamente, tem reconhecimento, mas não só do jeito que se quer, pois pode ser como “assessoria de imprensa”, “repórteres-mirins”, mas também como de “instituição educacional”. Ele questiona se dá para ser só um ou outro, no caso, afastando-se do que atrapalha por ganhar visibilidade, sem a qual, “o peixe não seria vendido”.

Marisa tenta falar, mas o Coordenador continua sua fala com a ponderação sobre o

grupo não querer vender peixe, mas sim querer saber a “cadeia produtiva do peixe” e que as outras pessoas saibam também. Ele faz outro assinalamento de como pode ser curiosamente problemático o fato de os alunos terem aprendido mesmo o que se fala para eles. Os participantes riem e comentam que tinham mesmo aprendido. Marisa se associa nessa reflexão sobre a aprendizagem. O Coordenador comenta que o incômodo que sentem não é o causado nos outros, mas aquele que sentem porque algumas coisas que podem mesmo dar certo, como a educação, que fazem acreditar que não dá, e fica a questão de o que fazer daí por diante quando ela dá certo. Ele comenta:

Essa parte da história pouca gente sobreviveu para contar, ou ela não está sendo contada, ou vocês que estão escrevendo, né, literalmente, né? Semana passada, no outro encontro, falou-se: “O professor Hermeto que estava falando da Fundação, as especificidades da Fundação”. É literalmente escrevendo um texto. E a Fundação não é qualquer instituição, né, tem uma his... tem uma história sendo construída, que é uma história única e que pode servir de referência para outras e tal. Mas, essa história que está sendo construída aqui, por esse grupo, é uma história única. Juntando as histórias, né? A Marisa que já tem essa experiência, né, na área de educação, e traz para cá. E a Vanessa: “Pô, mas é bacana você colocar isso”.

Vanessa dá sinal de que concorda. O Coordenador continua falando e destaca a importância que estão dando para o espaço em que podem trocar experiências, seja informalmente, servindo como o “colo” a que se referiram nas reuniões. Ele interpreta que essas interações entre os membros do grupo serviram de motivação não só para continuarem, mas também para atuarem nas unidades. O Coordenador lembra uma consideração de Caetano a respeito: “O Caetano até falou a idéia, que tem um grupo, mas vocês trabalham separados também e, ainda assim, se sente um pouco ligado, né?”

O Coordenador questiona-se sobre a sua fala, que considera “meio caótica”. Ele sintetiza que queria apontar duas questões, uma, de que o projeto dar certo não significa ser do jeito que se queria; e a outra, de que ser reconhecido também implica novos encargos.

Marisa pede para falar. Ela concorda com o Coordenador a respeito de o

reconhecimento e comenta: “[...] quanto maior a vitrine, maior o espaço para ser atingido, certo? Quanto maior eu tenho o espaço para estar trabalhando, maiores são as possibilidades de eu errar”. Ela comenta a expectativa que se tem sobre não errar no projeto, e adiciona que a escala da expectativa é que a cidade espera que o Educom funcione na Fundação. Teresa comenta, fazendo referência a Gilberto, que se quer abraçar muita coisa e se está sendo superficial. Marisa concorda.

O Coordenador assinala que houve a discussão sobre a entrada de novos membros na equipe de educomunicação, que não chegou a um consenso sobre como isso deveria acontecer. Ele recapitula que a discussão apontou a diferença de como as gerações de profissionais foram sendo inseridas no projeto, e como isso está levando a haver vários discursos no mesmo projeto, o que levava a outra questão que dividia opiniões, pois alguns apontavam para aprender a conviver com diferenças e outros, para unificar o discurso. O Coordenador aponta que as dúvidas multiplicam-se no grupo e as pressões precisam escapar por algum canto, o que é por ele considerado como motivo para usarem o termo “terapêutico” para esse espaço de alívio.

Os participantes riem e Marisa pede desculpas por ter falado em terapia de grupo. O Coordenador diz a Marisa que não precisa se desculpar. Ele esclarece que entendeu o terapêutico como ter algo que permite a sensação de continuar acreditando que se pode enfrentar o que se quer, mas que, no caso, reconhecer o problema não estava sendo suficiente para resolvê-lo. Vanessa sugere que deveriam pedir uma assessoria. Os participantes riem e pedem esclarecimentos. Ela explica que seria uma assessoria educ comunicativa “pelo lado da psicologia”. Os participantes voltam a rir. O Coordenador comenta que a idéia de terapêutico não é privada à psicologia, pois uma escola pode ser, mas que a idéia ficou muito ligada à especialidade da psicologia, como a comunicação está ligada ao profissional de comunicação social, embora sejam objetos que estão no mundo. Ele comenta também que, ao contrário do

que fazem eles da equipe de educomunicação, um profissional de comunicação não trabalharia sem seus equipamentos.

Marisa aponta para o bom resultado que o diálogo pode proporcionar. Ela aponta que a tendência ao uso maior das tecnologias está desumanizando as relações e produzindo uma individualização. Gilberto comenta que isso acontece se o foco for só na tecnologia. Ele começa um debate com Marisa. Ele argumenta que o computador é uma possibilidade “tremenda” de comunicação, e exemplifica com a experiência de ter conversado com educadores de Portugal. Marisa concorda parcialmente e provoca o pensamento sobre a crítica da cultura da tecnologia e relata a anedota que ouviu numa palestra: “Matricule seu filho no terceiro ano [sic] de gestação, que ele terá uma ótima informática e será um homem plugado na vida”. Ela ressalta a crítica dessa dependência sem limites. Gilberto considera que a tecnologia e a interação humana não se excluem. Marisa concorda com Gilberto, mas indica que o aumento do tempo dedicado à tecnologia está diminuindo o da formação da pessoa.

Adriana avisa ao grupo que está saindo e os participantes despedem-se dela. Marisa continua sua idéia e aponta que a pessoa está ficando mais “fria” e “individualista”, e que deve haver a dosagem do real e do virtual para evitar isso. Ela ressalta:

[...] nós estamos esquecendo da parte também que nós estamos fazendo comunicação quando você pega as crianças e põe para brincar de telefone sem fio, de brincar de..., de, de, como é que chama aqueles negocinhos lá? De bilhoquinha, que é jogar bolinha de gude no buraquinho, entendeu, pega-pega.

Ela encerra a defesa de sua idéia comentando que é importante interagir utilizando as “TICs”³⁵, mas é preciso levá-las para a “formação real da pessoa”.

Gilberto continua o debate e afirma que o mundo exige desenvolver a “competência” tecnológica e da comunicação para as pessoas ocuparem o espaço na sociedade. Vanessa discorda de Gilberto e assinala que é preciso saber onde estamos no

³⁵ Tecnologia de Informação e Comunicação.

mundo e não é possível dar conta disso tudo que “o mundo quer”. Ela aponta também que as pessoas vão atrás de tudo que aparece, principalmente quando não tem “o seu” garantido. Ela critica a importância que se dá ao estúdio e aos equipamentos de rádio, esquecendo-se da comunicação do falar e prestar atenção. Gilberto disse que se referia a isso com a idéia de comunicação que comentou, e que não se pode falar que as pessoas que dominam isso não são as que se destacam. Vanessa concorda, mas aponta que a pessoa pode usar outros caminhos como ouvir o outro, o que a leva a ficar “furiosa” com quem fica assistindo um “clipe” e não quer conversar a respeito. Gilberto comenta que não tem jeito de ser diferente porque é o “mercado” que exige essas competências para a profissionalização, se quiser inserir-se. Vanessa afirma que há outros caminhos.

Marisa especula que, em dez ou quinze anos, acontecerá algo, mas alguém interrompe para dizer que haveria um retorno à humanização. Marisa completa seu raciocínio dizendo que haverá uma geração fria e voltada para a máquina, por isso, vai ter de voltar à humanização, como “agora”. Gilberto discorda e afirma que já começou a perceber essa situação, e por isso a educomunicação está “ganhando força”. Ele diz: “Acho que não basta só o domínio tecnológico, né? A pessoa tem que saber também se expressar; ela tem que saber agir em grupo; ela tem que ter domínio das competências assim...”.

Marisa ironiza que será preciso pensar tudo isso só para conseguir um emprego. Gilberto comenta que isso vai servir para a vida e a felicidade, posto que não é o domínio da tecnologia, mas também da linguagem como inteligência emocional. O grupo fica em silêncio e os participantes ficam observando-se.

O Coordenador rompe o silêncio e pergunta se pode fechar a reunião. Maria Rita pergunta se chegou ao fim o último encontro. O Coordenador confirma que acabou. Os participantes riem com a situação. Marisa comenta que esperam ter colaborado. Os participantes riem. Maria Rita comenta que, de certa forma, o trabalho do Coordenador

contribuiu bastante para eles. Marisa confirma. Maria Rita explica: “[...] a princípio, nós achávamos que iria contribuir mais para a sua pesquisa, mas é um momento para fazer a gente pensar e refletir mesmo sobre o que vem acontecendo”. Ela ainda espera que possam melhorar algumas coisas no ano seguinte. Marisa confirma e Teresa afirma que a equipe não tem um espaço equivalente e que poderia ser criado. Maria Rita comenta que seria no ano seguinte. Teresa reitera que não tem esse espaço, com esse nome.

Observações gerais sobre o processo

Essa reunião pode ter sido caracterizada por um esforço do grupo para elaborar o encerramento das reuniões do grupo operativo. Vários participantes não compareceram e vários dos que compareceram não tinham comparecido à reunião anterior. A busca de uma integração das críticas com a prática marcou boa parte da reunião, o que foi protagonizado principalmente pelo discurso da equipe multidisciplinar, o que pode representar o seu próprio papel no cotidiano do projeto. Além disso, o grupo começou a pensar a sua dimensão de tempo futuro para acolher, elaborar e superar certas necessidades que emergiram ao longo dos debates.

O diálogo no grupo continuou sendo atravessado pelo papel de cada um na instituição. A diferenciação da conduta do grupo, neste encontro, foi a busca de algum caminho que não significasse a cisão entre instrutores e especialistas da equipe multidisciplinar nem se reduzisse essa tensão à forma de obedecer a hierarquia. Aventa-se a construção do espaço para pensar a ação como instrumento do grupo para não se paralisar completamente.

Vale destacar a emergência de uma expectativa no grupo em relação ao sentido da

finalidade do grupo operativo realizado. O grupo operativo pareceu ter um papel inicial de mais uma demanda da instituição, a qual dificilmente poderiam recusar. Mas, no transcorrer da discussão, o grupo parece ter ocupado o espaço de acordo com as suas possibilidades de elaboração de demandas tão complexas e, se não despertou o que se poderia chamar de adaptação ativa do grupo para elaborar seus vínculos em que se constituem, ao menos contribuiu para que isso fosse reinserido como possibilidade.

8. Análise e conclusão

O desenvolvimento da análise da pesquisa permite apresentar conclusões relativas a questões levantadas, analisadas e interpretadas sobre hipóteses iniciais e outras que foram somadas ao longo do estudo. Como forma de organizar expressar algumas reflexões a título de conclusões, primeiramente, serão apresentadas e discutidas interpretações e conclusões possíveis sobre o processo grupal da equipe da referida equipe de educomunicação, o que será organizado de acordo com as três dimensões de investigação propostas por Pichon-Rivière (1980/2005, 2007), a saber, individual, grupal e institucional.³⁶ Posteriormente, serão apresentadas e discutidas conclusões correspondentes aos objetivos particulares desta pesquisa.

8.1. Indivíduo, grupo e instituição

Na dimensão individual, pode-se iniciar uma reflexão sobre a carga afetiva depositada nas práticas de educomunicação como sendo explicitamente elemento característico e objeto da relação estabelecida entre os seus participantes. Esse empenho emocional é concebido como razão, meio e a finalidade do processo educativo e ideológico que realizam. Parece patente que isso contribui muito para que alguns obstáculos estruturais e

³⁶ Essas dimensões são apresentadas e mais bem discutidas na seção “Processamento, análise e interpretação da pesquisa”.

simbólicos cotidianos sejam contornados operativamente com criatividade, flexibilidade de papéis e autonomia.

O afeto, assim, adquire um status diferenciado de motivação para a realização do que se propõem a fazer, muito embora haja uma exigência constante de formação teórica por parte dos próprios membros da equipe. Essa exigência pode se justificar para sustentar o cuidado com o sujeito sensível que está sendo despertado para se expressar, como salvagarda, ao menos teórica, com relação às mudanças, às quais poderiam ser relativamente antecipadas

No entanto, o processo grupal levou também a se refletir sobre a incidência de mecanismos defensivos dos membros do grupo. Esses mecanismos foram mobilizados possivelmente para suportar frustrações ou o adiamento *sine die* da satisfação de certas necessidades. Os participantes manifestaram e explicitaram vários desses mecanismos empregados por eles para se manterem na equipe, como a suspensão do investimento emocional no projeto (desilusão com a educomunicação), a obstrução da capacidade para pensar e elaborar a experiência vivida como castradora (adoecimento e cansaço da equipe) ou mesmo a construção de ideais de ego como próteses psíquicas para enfrentar a realidade frustrante (ter de acreditar que um dia vai acontecer a mudança).

Cabe a relativização dessa conclusão porque se tratou de um dispositivo de pesquisa em psicologia de grupo, o que já direciona a expectativa não só de quem propõe, mas também de quem participa. No entanto, a demanda grupal, articulada de várias formas e ao longo das quatro reuniões, tornou o grupo operativo em um espaço depositário de angústias aparentemente insolúveis na instituição e da tentativa de isso vir a ser elaborado.

Essa abertura para a experiência psicossocial vivida no grupo pôde ser figurada como com a idéia de que estariam desabafando em vez de responder à questão da pesquisa, com o reconhecimento da necessidade de terapia, ajuda ou análise, com a queixa sobre a falta de quem cuidasse dos profissionais como eles têm de cuidar afetivamente dos alunos (dar

“colo”) e até com o ensejo de que proporião uma assessoria psicológica para o projeto. Aparentemente, aqui foi possível transitar entre a realidade intrapsíquica e acompanhar como isso tem sido elaborado na dimensão intersubjetiva do grupo. Essas figurações podem ter culminado no ensaio de um projeto grupal para garantir um espaço para discussões abertas do grupo, o que seria então encaminhado pela equipe à coordenação do projeto.

A identificação com a educomunicação, que pressupõe a busca de igualdade, participação e democracia nas relações, parece constituir um objeto ideal internalizado de cada um e da própria equipe. Mas, a experiência da desigualdade hierárquica, seja aquela proporcionada simbolicamente pelo conhecimento da tarefa educucomunicativa do grupo, seja aquela proporcionada estruturalmente na instituição pela diferença de patamares e funções dos cargos dos membros da equipe, é colocada como um desafio a ser vencido, muito embora alguns participantes estejam tornando-se porta-vozes do cansaço e da impaciência com a sobrecarga e a lentidão do processo de construção dessa proposta.

Aparentemente, é na dimensão grupal que os referidos conflitos estão sendo depositados maciçamente. É possível afirmar que não estariam concebendo uma equipe única de educomunicação. A interação no grupo é intermediada por subgrupos, dos quais cada um participaria mais proximamente.

O grupo também demonstrou incômodo e resistência com as mudanças do projeto em escala, atividades e participantes, ao mesmo tempo em que expressou uma necessidade de acolhida uns dos outros. Isso fica mais evidente na manifestação das sensações sobre o conflito entre os participantes da criação do projeto e aqueles que foram sendo inseridos em etapas subseqüentes. Essa questão transborda as relações intersubjetivas mobilizadas no grupo operativo, posto que já faz parte da pauta de questões cotidianas com as quais têm de lidar, o que é atestado pela própria coordenação do projeto.

O incômodo pode estar ligado a alterações do que se pode chamar de ECRO

(PICHON-RIVIÈRE, 2005, 2007) do grupo constituído até então. Ele é uma construção grupal ativa e viva, que serve de parâmetro para a ação e o pensamento compartilhados. A sua inexistência ou a sua falha pode contribuir para uma estereotipia das condutas ou a cisão dos vínculos.

A equipe apresentou indicativos da evolução desse processo de deterioração de seu ECRO, como o mal-estar iminente entre antigos e novos membros, o medo constante do que se fala e de se falar e a queixa corrente de não poder parar para pensar sobre a atividade do grupo, os quais constituem um estado mais defensivo do que operativo do grupo de educomunicação e podem resultar de uma problemática mais estrutural das relações sociais que circunscrevem o projeto, o que eles mesmos indicam como explicação da situação que vivem.

Os membros do projeto, assim, vinculam-se em estruturas que ora estão sendo chamadas genericamente de subgrupos. Eles seriam relativamente diferentes entre si e acolheriam certas necessidades mais imediatas dos sujeitos, que não são satisfeitas no grupo mais amplo do projeto ou da instituição. A equipe como um todo é percebida como fragmentada em seus discursos e, assim, com a qual não se identificam completamente e se vive dilemática e insolúvelmente entre buscar uma referência única para pensar e agir ou desenvolver a convivência com a alteridade, o que permitiria a constituição de uma sensação mais firme de afiliação.

Sobre a interação no grupo, cabe aqui, por final, uma possível categorização analítica da reflexão sobre possíveis entrecruzamentos de organizadores dos vínculos e da interação na equipe de educomunicação ou em seus subgrupos. Nota-se o discurso explícito e predominante de que esse conflito decorre da diferença de experiência no projeto, o que teria sido engendrado na própria história da criação do projeto.

Cabe apontar a presença do NCE como agente externo à instituição, e que pode ter

uma função neutralizadora desse conflito de gerações, uma vez que iguala os membros da equipe como aprendizes do que fazem. O reiterado emergente grupal de que já faziam educomunicação, e não sabiam, coloca aparentemente o NCE no lugar de autoridade de saber sobre a prática, a qual atribui mais credibilidade. Mas, isso também pode indicar controvertidamente uma relação de interdição do pensamento dos próprios praticantes sobre sua ação e direção. No entanto, outras categorias também podem incidir decisivamente nesse processo, ainda que sejam imbricadas com essa da experiência.

Uma segunda categoria seria a hierarquia na instituição, a qual foi explicitamente motivo de queixa em relação à instituição. Pode-se, além disso, vivenciar no próprio grupo mesmo uma dificuldade de lidar com essa questão e estabelecer vínculos interpessoais mais operativos. Os instrutores, membros mais subordinados na hierarquia, tenderam a buscar na idéia de igualdade de poder a razão da educomunicação, enquanto membros de cargos intermediários da instituição tenderam a buscar na idéia de diálogo e processo a referência para a ação.

Uma terceira possível categoria que incide na organização do grupo de educadores seria a formação profissional. No caso, havia uma tendência dos membros formados em educação para entender o projeto como técnica para promover o desenvolvimento educativo, ressaltando que o conflito apontado na escola também estava presente na Fundação, mesmo que aparentemente em menor grau; enquanto que participantes formados em outras áreas tenderam a pensar o projeto educacional como forma de superar o caráter disciplinar da educação para criar relações sociais diferenciadas e inovadoras.

Uma quarta categoria que pode ser considerada como organizadora do grupo seria o gênero. Essa questão e o decorrente conflito permaneceram latentes nas reuniões, não aflorando explicitamente como temática emergente de elaboração, mas sim pela dinâmica

polarizada dos debates entre homens e mulheres. Notava-se uma tendência de mulheres enfocarem mais a sensibilidade e a técnica como instrumentos de organização da educomunicação, enquanto que os homens tenderam a focar mais a necessidade de distribuição do poder para se realizar a educomunicação na Fundação.

Vale aqui recuperar o pensamento de Bleger (1980) sobre os grupos nas instituições, associando-o ao de Pichon-Rivière (2005). Bleger (1980) aponta que a instituição pode ser reconhecida como um grupo, mantendo com seus membros representações recíprocas, a ligação por uma tarefa e uma interação social sustentada por uma ligação sincrética. Na mesma instituição, no entanto, podem se constituir subgrupos, geralmente em função de necessidades individuais e grupais recusadas ou reprimidas pelas regras institucionais. A instituição estereotipa-se sua estrutura de relações. O recurso disponível aos sujeitos, então, se não se estereotiparem em relação à instituição, é encontrar outro espaço de ligações vinculares para depositar suas necessidades. Nesse novo grupo, que pode ser um grupo dentro da própria instituição, outros papéis podem ser criados e assumidos para cumprir as novas funções demandadas, como sugere Pichon-Rivière (2005) sobre a relevância da circulação da ocupação dos papéis para não se estereotiparem as condutas sociais.

É provável que nenhuma dessas possíveis categorias de organização do conflito grupal, manifesto ou latente, seja em si suficiente para delinear as fronteiras e as ligações entre subgrupos na instituição. Vale aqui recapitular que pesquisas anteriores indicavam a predominância da formação (FUNARI, 2007) ou do compromisso com a causa social (SOARES, 1996, citado por ALVES, 2002) como referenciais para a identificação dos educadores. Nesta pesquisa, talvez por se tratar de uma exploração exaustiva da experiência psicossocial na dimensão de um grupo dentro de uma instituição, é possível afirmar que essa experiência grupal seja determinada pela combinação circunstancial das referidas categorias de experiência, hierarquia, formação e gênero e de outras.

Em relação à instituição, tendo-a em vista como temática predominante das queixas no grupo operativo, será dada uma ênfase particular. Ela aparece como emergente de uma contradição entre o que propõe a ser feito e o que se proporciona em recursos e se cobra de resultado. Além disso, o grupo expressou certa insatisfação com essa situação, a qual converte-se em desalento, descrença ou espaço a ser ocupado.

É possível afirmar que haveria uma ambigüidade ou uma ambivalência na modalidade de comunicação da instituição com os membros da equipe do projeto. Sugere Bleger (1980) que seria uma ambigüidade, se se propõe a realizar algo, a discussão sobre o poder de decisão, que sabidamente não quer aceitar na própria instituição. Seria uma ambivalência, segundo ele, se se dispõe a assimilar a contradição inerente à instituição como potencializadora da transformação das relações existentes.

Para discutir mais essa questão da contradição institucional, vale também recapitular a modalidade de duplo-vínculo proposta pela Escola de Palo Alto (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 1981), a qual também está presente no pensamento pichoniano sobre a dimensão da comunicação nos grupos. O discurso e o funcionamento institucionais proporcionariam contradições que não poderiam ser apontadas ou dirimidas pelos membros do grupo, a custo de serem punidos ou reprovados por isso, como a reiterada sensação do grupo sobre a educomunicação como um programa ideal de uma prática repleta de limitações externas, o que só é produzível no cerne das relações existentes da instituição.

A conseqüência adoecedora dessa situação tornaria mais compreensível ainda o elevado nível de ansiedade com a explicitação de certos conteúdos e o silêncio de alguns membros do grupo na discussão do grupo operativo. A dinâmica grupal indicou que esse objeto ansiogênico ainda só pôde ser elaborado privadamente, o que parece estar a serviço da conservação de certa modalidade de vínculo, como o que foi denominado incomodamente de “privilégio”.

Os subgrupos emergem, então, como de continentes possíveis onde se poderia depositar esses conteúdos pessoais em relação à instituição, onde se poderia conviver segundo uma lógica de relações diferentes daquela da instituição, que afirma e se nega. No entanto, esse espaço protegido e alentador do subgrupo parece também se enrijecer e estereotipar as condutas de seus membros, uma vez que não significam superar de fato as contradições institucionais causadoras da situação adoecedora ou limitadora.

8.2. O Grupo na educomunicação

Direcionando, agora, a discussão para conclusões a respeito dos objetivos iniciais da pesquisa, poderia-se vislumbrar que a experiência do trabalho em grupo confirma-se como referência para a realização do projeto de educomunicação. Nota-se a emergência do grupo tanto como uma referência de interação face-a-face (como nas reuniões de equipe) como também um elemento internalizado e que parametriza a ação mesmo a distância (como a atuação nas unidades ou nos eventos).

No entanto, isso não significa que a equipe como um todo constitui essa referência. Os subgrupos pareceram ser estruturas grupais de referência e identificação mais imediata, enquanto que a equipe como uma totalidade em si ainda seria algo em formação. Isso responderia ao objetivo geral da pesquisa, que se trata de “compreender a modalidade do vínculo grupal construído entre os educadores”.

Quanto aos objetivos específicos, a saber, transformações pessoais, reflexão sobre a própria comunicação, diferenças de concepção do vínculo na educomunicação e especificidade do vínculo na educomunicação, também é possível levantar algumas possíveis

conclusões. Em relação às transformações pessoais, confirma-se a hipótese de que o grupo, mesmo não sendo a própria equipe como um todo do projeto, e sim por intermédio do subgrupo, constitui-se como lugar desejado para se depositar e elaborar certos conteúdos e questões, que são individuais na expressão, mas emergem como potenciais objetos do grupo que requerem elaboração. Essas experiências intersubjetivas, além disso, contribuem para que esses sujeitos, sejam os instrutores nas equipes ou os alunos em seus projetos, sintam-se confiantes e motivados para se expressar ou promover as expressões em outros grupos de que participam, buscando explicitar necessidades e até a elaboração de ações para superar situações dilemáticas vividas na instituição, ainda que nem sempre logrem.

Em relação à reflexão sobre a relação de comunicação e à diferenciação da educomunicação em relação a outras práticas, pode-se afirmar que, no grupo operativo, a equipe manifestou como um valor inerente à educomunicação a reflexão sobre a relação interpessoal e o afeto para promover o processo educativo. Isso seria um elemento de profunda identificação com a proposta. No entanto, isso com que se identificam não seria algo inaugurado pela educomunicação, posto que já trabalhariam nessa perspectiva em arte-educação.

A escola e a educação tradicionais, principalmente, são apontadas como parâmetros do que não se quer realizar em termos de disciplinamento, limitação e formatação da expressão e interdição da criatividade. Esses elementos considerados criticáveis pelo grupo também provocam uma autocritica sobre a ação do projeto. Assim, mesmo que não seja suficiente, como pôde ser notado, e a custo de um significativo sofrimento psicossocial, isso parece contribuir bastante tanto para sustentar a confiança no que fazem representar o melhor possível aquilo que pensam quanto permitir um espaço que resistência contraposto ao uso instrumental da educomunicação e deles próprios.

9. Considerações finais

Embora seja apresentada na terceira pessoa, a primeira pessoa perpassou cada leitura do que se passava com o processo grupal. A pesquisa-ação ou pesquisa participante coloca em relevo a subjetividade do pesquisador como algo também a ser compreendido na relação com o conjunto de significações dos objetos “indiscretos” a sua volta, parafraseando Fernández (2006).

No caso, estudar o grupo coordenando-o, observar o trânsito de conteúdos psíquicos, grupais e institucionais entre as reuniões de grupo operativo o movimento na Fundação, e perceber o quanto e como isso repercutia em mim como motivo de apreensão, desânimo, alívio, emoção, euforia, satisfação e aprendizagem, por exemplo, certamente conotou as interrogações que pude responder e as outras, antigas e novas, que ainda permaneceram. Diria Lewin (1975) que, como pesquisador, eu fazia parte do grupo que estava sendo o objeto da análise, dirigindo-o enquanto era dirido.

Inicialmente, tive também a intenção de comparar visões de pessoas que ocupavam lugares diferentes na instituição para saber se concebiam o vínculo grupal de forma diferente no projeto de educomunicação. Pela forma como acabou sendo configurada esta pesquisa, optei por não investigar essa questão também, uma vez que o material produzido nos grupos operativos ofereceu muito mais subsídios para serem analisados especificamente sobre o processo grupal do que imaginara na formulação do projeto de pesquisa.

Vale o *mea culpa* do pesquisador que, inicialmente muito inseguro, buscava vários instrumentos de pesquisa para se assegurar de que responderia suas perguntas. Ledo engano, a pesquisa mostrou que se precisou mais encontrar as perguntas para as respostas que estavam

sendo dadas pelo processo grupal. Isso é que preponderou para se eleger do método da pesquisa.

Aliás, várias questões levantadas não foram suficientemente trabalhadas, ou mesmo nem chegaram a ser desenvolvidas. Isso aconteceu muito mais por causa dos limites de tempo e recursos disponíveis do que por falta de mérito delas, por causa do foco dirigido da questão da pesquisa e, por que não, por causa da incapacidade de o pesquisador saber tudo. Que pena!

Além de emitir uma afirmação sobre algo estudado, certamente, cumpre-se a função acadêmica da pesquisa também se ela provoca outros – como eu mesmo - a procurar as respostas para essas questões que ainda não foram devidamente respondidas. E o rol de questões que ficaram não é pequeno... Destaco que este esforço empenhado para consumir a modesta contribuição de conhecimento nasceu também de leituras cujas questões permaneciam indagando-me.

Dar por encerrada esta pesquisa é tarefa difícil. Tão difícil quanto foi definir um ponto de partida. Tratou-se de uma questão que o então pesquisador - agora que eu mesmo me coloco - vivera antes desta pesquisa, viveu durante a ela e, provavelmente, com que continuará confrontando-se como como psicólogo social ou educador preocupado com a formação e o desenvolvimento dos sujeitos em grupos, ou do sujeito do grupo (KAËS, 1997, 2005), como tenho aprendido . Esta pesquisa pode ser parte de um contínuo processo dialético, em cuja sequência espero ter suscitado outras questões para superar a dicotomia entre indivíduo e coletivo, e pensar essa relação como um estado de implicação e reciprocidade, pois se concebe que se dá um realmente só quando existe o outro.

Referências

- ALVES, Patrícia Horta. **Educomunicação: a experiência do Núcleo de Comunicação e Educação**. 2002. 123p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- ANZIEU, Didier; MARTIN, Jacques-Yves. El concepto de grupo. In: _____. **La dinámica de los grupos pequeños**. Buenos Aires, Argentina: Editorial Koplusz, 1971. p. 15-33.
- BLEGER, José. **Temas de psicologia**: entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- BOSI, Ecléa. Sugestões para um jovem pesquisador. In: _____. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 59-67.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Resolução 196, de 16 de outubro de 1996. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/>. Acesso em: 1º mar. 2009.
- BROIDE, Jorge. **A psicanálise nas situações sociais críticas**: uma abordagem grupal à violência que abate a juventude das periferias. 2006. 196p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.campogrupal.com/situacionescriticas.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2008.
- CASTANHO, Pablo de Carvalho Godoy. **Entre línguas e afetos**: uma investigação psicanalítica da língua em grupos multilíngües. São Paulo, 2005. 2v. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- CASTELLS, Manuel. A construção da identidade. In: _____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 22-28. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 2)
- CONSELHO Federal de Psicologia. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Resolução 10, de 21 de julho de 2005. **Manual de orientações**, Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, p. 58 a 69, 2006.
- DOWBOR, Ladislau. Economia da comunicação. **Revista USP**, São Paulo, n. 55, p. 12-25, set./nov. 2002. (Dossiê Revolução Virtual) Disponível em: <http://www.dowbor.org>. Acesso em: 7 mar. 2007.
- FARR, Robert M. **As raízes da psicologia social moderna (1872-1954)**. Petrópolis: Vozes, 1999.

- FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Família: diagnóstico e terapia**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FERNANDES, Maria Inês Assumpção. A subjetividade à luz de uma teoria de grupos. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 285-296, 1994b.
- FERNANDES, Maria Inês Assumpção. Algumas reflexões sobre a negatividade na construção dos laços sociais. **Vínculo**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 9-16, 2004.
- FERNANDES, Maria Inês Assumpção. **De como emerge a questão do narcisismo e da alteridade no grupo operativo**. 1989. 2v., Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- FERNANDES, Maria Inês Assumpção. **Negatividade e vínculo: a mestiçagem como ideologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- FERNANDES, Maria Inês Assumpção. **Psicanálise e psicologia social na trajetória da construção de um técnica: o grupo operativo**. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. XLIV, n. 100/101, p. 81-87, 1994a.
- FERNÁNDEZ, Ana María. **O campo grupal: notas para uma genealogia**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- FUNARI, Claudia Vicenza. **A prática da mediação em processos educacionais: o caso do Projeto Educom.rádio**. 2007. Vol. I, 262p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. (arquivo digital)
- GARCIA, Edson Gabriel. **Comunicação e educação: campos e relações interdisciplinares**. NCE-USP, s/d. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/artigos.html>. Acesso em: 19 mar. 2007.
- GAYOTTO, Maria Leonor Cunha. **Liderança II: aprenda a coordenar grupos**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GOMES, Romeu. **A Análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, 1994. p. 67-80.
- GOTTLIEB, Liana. **Como Ajustar a sintonia da comunicação em mão dupla na sala de aula: as percepções anamorfóticas na comunicação professor-alunos no Ensino Superior através da praxis de um educador: um estudo de caso interdisciplinar – comunicação, educação e psicologia/psicodrama**. 1998. 451p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- GOTTLIEB, Liana. Potencial psicodramático dos meios de comunicação. In: SOARES, Ismar. (Coord.). **Caminhos da educação**. São Paulo: Ed. Salesiana, 2001. p. 69-79.

GRUPO de Laocoonte. 42 a 20 a. C. **Enciclopédia Virtual Wikipedia**. Disponível em: www.wikipedia.com. Acesso em: 15 set. 2008.

GUARESCHI, Pedrinho A. e Biz, Osvaldo. **Mídia, educação e cidadania**: tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

JOSÉ, Cassiano. Escola em tempos de comunicação. **Revista Educação**, São Paulo, n. 123, 4 de jul. 2007. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12192>. Acesso em: 26 jul. 2007.

KAËS, René. **O grupo e o sujeito do grupo**: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

KAËS, René. **Os espaços psíquicos comuns e partilhados**: transmissão e negatividade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

KAPLÚN, Mário. Del educando oyente al educando hablante: perspectivas de la comunicaci3n educativa en tiempos de eclipse. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, Peru, FELAFACS, n. 37, set. 1993. Disponível em: <http://www.felafacs.org/files/2Kaplun.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2007.

KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 14, p. 68 a 75, jan./abr. 1999.

LÉVY, Pierre. As Coletividades pensantes e o fim da metafísica. In: _____. **As Tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 163 – 175.

LEWIN, Kurt. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Cultrix, 1975.

LIMA, Grácia Maria Lopes de. **Educomunicação, psicopedagogia e prática radiofônica**: estudo de caso do programa 'Cala-Boca já Morreu'. 2002. 124p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

LIMA, Venício Arthur de. Breve roteiro introdutório ao campo de estudo da Comunicação Social no Brasil. In: _____. **Mídia, Teoria e Política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. p. 21-53.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. O campo da comunicação: discussão sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, São Paulo, n.º 48, dez. 2000 – fev. 2001. p. 46-57.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-68.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Euforia tecnológica y malestar en la teoría. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, Peru, FELAFACS, n. 20, abr. 1988. Disponível em: <http://www.felafacs.org/files/jesusmartin.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2007.
- MELO, José Marques de. Paradigmas da escola latino-americana de Comunicação. **Revista Latino Americana de Comunicação Social**, La Laguna, Tenerife, n. 20, ago. 1999. Disponível em: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/>. Acesso em: 16 out.2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MORENO, Jacob Levy. Filmes terapêuticos. In: _____. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, [?]. p. 445-482.
- NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO da Universidade de São Paulo. NCE passa para a esfera da Pró-Reitoria de Cultura. **Educomunicador on-line**, São Paulo, n. 43, 7 mai. 2007. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/novidades/informe,7,780>. Acesso em: 27 jul.2007.
- OROZCO GOMEZ, Guillermo. Los estudios de recepcion: de un modo de investigar, a una moda, y de ahí a mucho modos. **InTexto**, Porto Alegre, RS, e. 9, 2003. Disponível em: <http://www.intexto.ufrgs.br/>. Acesso em: 16 out.2003.
- PERES, Rodrigo Sanches; SANTOS, Manoel Antônio dos. Sobre a elaboração e utilização de estudos de caso na pesquisa científica e na prática profissional em psicologia. In: SIMON, Cristiane Paulin; MELO-SILVA, Lucy Leal; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Formação em psicologia: desafios da diversidade na pesquisa e na prática**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 117-131.
- PERUZZO, Cecília M. Krohling. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. s.l., s.d. Disponível em: www.usp.br/nce. Acesso em: 20 de jul.2006.
- PIAGET, Jean. As Operações lógicas e a vida social. In: _____. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973. p. 163-196.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O Processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Série psicologia e pedagogia).
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Sociedade, mudança e identidade. In: _____. **Psicologia da vida cotidiana**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 22-24.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- PIMENTA, Selma Garrido. (org.). **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 19-76.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo, CERU e FFLCH/USP, 1983.

- ROSSETTI, Fernando. **Mídia e Escola** – perspectivas para políticas públicas. s/l: Unicef/Jogos de Amarelinha, 2005. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/midia_escola.pdf. Acesso em: 25 mar. 2008. (Relatório da pesquisa “Projetos de Educação, Comunicação & Participação: Perspectivas para Políticas Públicas”).
- SAIDON, Osvaldo et al. **Práticas Grupais**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.
- SAIDON, Osvaldo. O Grupo operativo de Pichon-Rivière – Guia terminológico para construção de uma teoria crítica dos grupos operativos. In: BAREMBLITT, Gregório. **Grupos: teoria e técnica**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- SALVATIERRA, Eliana. Educomunicação e experiência estética. In: LIMA, Rafael Pereira. **Mídias comunitárias, juventude e cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica/AIC, 2006. p. 237-253.
- SANT’ANA, Ruth Bernardes de. Psicologia Social na escola: as contribuições de G. H. Mead. **Psicologia & Sociedade**, n. 17, v. 1, p. 17-28, jan./abr. 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SATO, Leny; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 29-47, 2001.
- SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Pesquisa qualitativa, alteridade e comunidades interpretativas. **Imaginário – USP**, São Paulo, n. 9, p. 57-64, 2003.
- SILVA FILHO, Genésio Zeferino da. **Educomunicação e sua metodologia: um estudo a partir de práticas de ONGs no Brasil**. 2004. 238p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Ecosistemas comunicativos**. NCE-USP, s/d. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>. Acesso em: 10 jul. 2006.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e cidadania: a construção de um campo a partir da prática social. In: PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom; Salvador: Uneb, 2003. p. 265-283.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social: o caso dos Estados Unidos**. *EccoS Rev. Cient.*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 61-80, dez. 2000. Disponível em: http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs_revistas/eccos/eccos_v2n2/eccosv2n2_ismardeoliveira.pdf. Acesso em 27 jul. 2007.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: fundamentos, metodologias e áreas de**

intervenção. A aula da disciplina de Pós-graduação, na Escola de Comunicações e Artes, em 3 junho de 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 23, p. 16-25, jan./abr. 2002.

TAVARES JUNIOR, Renato. **Educomunicação e expressão comunicativa**: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.rádio. 2007. 279p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. (arquivo digital).

TRAJBER, Rachel. Educomunicação para coletivos educadores. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antônio. (org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 149-159.

VERMELHO, Sônia Cristina & AREU, Graciela Inês Presas. Estado da arte da área de Educação & Comunicação em periódicos brasileiros. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 93, v. 26, p. 1.413-1.434, set./dez. 2005.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana**: um estudo de padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth. (org.). **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 107-125.

Anexos

Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa do IPUSP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Of.5206/CEPH-11/12/06

Senhora Professora,

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (CEPH-IP), em reunião de 04/12/2006, aprovou o projeto intitulado "A importância do vínculo intersubjetivo no grupo de educadores: um estudo de psicologia social sobre a prática da educação" a ser desenvolvido pelo mestrando Joari Aparecido Soares de Carvalho, sob a orientação de V.Sa., no Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Atenciosamente,

Prof. Titular Yves De La Taille
CEPH-IP

Ilma. Sra.
Professora Titular Maria Inês Assumpção Fernandes
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo

Anexo B – Termo de Esclarecimento e Consentimento para participar do grupo operativo

Termo de esclarecimento e consentimento de participação no grupo operativo

Olá,

Atualmente, há uma grande preocupação da sociedade com o efeito dos meios de comunicação sobre a formação de todas as pessoas, sejam crianças ou adultos. Isso leva educadores e comunicadores a criar várias propostas para lidar com quadro, como os projetos baseados na educomunicação.

Alguns resultados dos projetos educomunicativos são notáveis, como a produção dos programas de rádio e de televisão. Mas, ainda há pouco conhecimento estudado sobre os seus resultados afetivos e emocionais nas relações entre as pessoas. Por isso, esta pesquisa, denominada “A importância do vínculo intersubjetivo no grupo de educadores: um estudo de psicologia social sobre a prática da educomunicação”, tem o objetivo de conhecer um pouco mais sobre os vínculos entre as pessoas que praticam a educomunicação no (...).

Uma parte da pesquisa será baseada em discussões em grupo, que durarão aproximadamente duas horas. Todos os educadores do projeto foram convidados a participar. As reuniões serão realizadas na (...), em datas e horários já combinados com a equipe.

A discussão dos grupos será gravada em áudio. Essas gravações e as suas transcrições serão apresentadas aos participantes para conferirem os resultados. Os nomes das pessoas participantes dos grupos serão substituídos por outros, quando houver a divulgação dos resultados da pesquisa. Isso servirá para manter o sigilo da identidade das pessoas,

A participação é voluntária. O participante pode desistir da pesquisa quando quiser. Não se prevê qualquer despesa ou remuneração para quem participar.

Se você concordar em participar da pesquisa, preencha a ficha de participação e a entregue ao pesquisador. Quem tem menos de 18 anos precisa da autorização de pai, mãe ou responsável.

Os resultados desta pesquisa serão utilizados na dissertação de Mestrado e na produção acadêmica do pesquisador responsável, no programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp). O pesquisador estará disponível em qualquer etapa da pesquisa para esclarecer dúvidas sobre a participação das pessoas e os assuntos tratados nas discussões dos grupos.

Agradecemos pela atenção!

São Paulo, 13 de agosto de 2007.

Joari Aparecido Soares de Carvalho
Pesquisador responsável
(11) 8169-1969 ou 3781-5078
correio eletrônico: joari@usp.br

Professora Dra. Maria Inês Assumpção Fernandes
Orientadora
(11) 3091-4184

Comitê de Ética em Pesquisa Humana (CEPH)
Instituto de Psicologia da USP
(11) 3097-0529

Ficha de participação em grupo operativo

Eu li, esclareci minhas eventuais dúvidas e compreendi o “Termo de esclarecimento e consentimento de participação no grupo operativo”, cuja cópia tenho em meu poder. Nos termos informados, concordo em participar da pesquisa sobre vínculos no projeto educacional de que faço parte.

Dados de pessoais:

Nome do participante (por extenso):

idade:

formação profissional:

telefone fixo:

telefone móvel:

correio eletrônico:

(para participante com menos de 18 anos)

Nome de pai, mãe ou responsável (por extenso):

Contato (telefone, correio eletrônico etc.):

_____, ____ de ____ de 2007.
(local) (dia) (mês)

Assinatura do participante

Assinatura de pai, mãe ou responsável
(para participante com menos de 18 anos)

Anexo C – Transcrições das reuniões de grupos operativos

Grupo Operativo 1			
Encontro	1		
Data	16 de agosto de 2007		
Local	Centro de Referência em Educomunicação – sala de exposição ambiental		
Participantes (16)	Elis, Daniela, Vanessa, Daniel, Guilherme, Zélia, Mariane, Teresa, Gilberto, Paula Lima, Maria Rita (Maria), Adriana, Rosana, Fred, Roberto e Caetano.		
Coordenador	Joari	Observadora	Luciana
Tempo de gravação	1h21m14seg	sistema de gravação	Cassete (com corte) e digital

(Antes de iniciar a gravação, apresentação do Termo de Esclarecimento e Consentimento para participar da atividade do grupo, que será gravada.)

Guilherme - Dá uma desconfiança, né, no gravador...

Coordenador - É, a questão sempre do gravador. É complicado. É por isso que tenho aqui [trazido] essa preocupação, porque é uma segurança para vocês. Enfim, são informações, são reflexões, são questões pessoais também que são envolvidas aqui. Então, esses momentos iniciais, né, têm um pouco esse caráter. (interrupção do assunto para se referir ao fechamento da porta) Você pode fechar mais um pouquinho /, pra mim. (sons de batidas na porta para a fechar) Pra, fechar esse...

Guilherme - Fechou já. Já era!

(risos, comentários sobre a porta fechada e reacomodação das cadeiras)

Coordenador - Esse é o Termo de Consentimento. Se você puder ir lendo? Se não topar participar... Se você não topar participar, daí, eu queria que você não fizesse parte do grupo, já desde hoje. Você pode participar e desistir, também, se você quiser. Isso é só para que haja o consentimento para, pelo menos, hoje participar.

Caetano – Hum, hum.

Coordenador - É, bom, voltando aqui ao que é o grupo propriamente, né, o que a gente vai fazer hoje, ou a partir de hoje, e nos próximos três encontros, como aquele calendário que a gente combinou, na semana passada, né? Quer dizer, então, aproveitar para recapitular esses encontros. Eu não sei se ficou, se eu também estou correto /, então, vocês podem me corrigir. Então, os dias que ficaram disponíveis para fazer os encontros do grupo eram hoje, dia 16 de agosto, das dez ao meio-dia; no dia 6 de setembro, das dez ao meio-dia, de novo; no dia 20 de setembro, das duas às quatro da tarde; e no dia 25 de outubro, das dez ao meio-dia, de novo, que é o último encontro, tá. (Toca um telefone celular. O Coordenador confirma a data para alguém?) ...no dia 25 de outubro. (Pequena interrupção. Alguns outros membros voltam ou chegam.

Fred - Joari, é a assinatura atrás?

Coordenador - Sim.

(instantes de conversa paralela)

Coordenador - É, essa pesquisa, quer dizer, como o título, né, que já é do conhecimento, essas

pesquisas têm aí um objetivo, uma vontade de entender um pouco mais, é, as participações das pessoas nos grupos que praticam a educomunicação. É, a idéia central é que, ao longo desses quatro encontros, a gente possa refletir; e aí, assim, esse a gente é o grupo como um todo, principalmente vocês, né, que são os aqui considerados como os educadores, que estão nessa..., que estão contribuindo como membros dessa prática e tal. É refletir sobre como é que essa organização no grupo, como é que os vínculos, né, que vocês... Por exemplo, vocês estão organizados em um grupo que trabalha a educomunicação, depois vão praticar a educomunicação lá nas sedes, né? É, como é que essa organização interfere; como é que ela contribui; se ela atrapalha ou se ela ajuda; como é essa história de trabalhar em grupo, trabalhar os grupos, né? Se já se parou para pensar sobre isso, se não se parou? Enfim, se se está parando agora para pensar sobre isso. Então, qual é a relação desse jeito de se organizar em grupo, de praticar as atividades em grupo, para o resultado da educomunicação. A educomunicação depende disso? Não depende? Ela fica simplesmente diferente, melhor, pior? E aí, esse é o tema central. A idéia é a gente discutir, ao longo dos quatro encontros, as várias questões que vão aparecer. Vão aparecer as questões que vocês trouxeram associadas com isso. Até um esclarecimento, “O que que é isso, né?”, já é uma questão. Então, assim, não se trata... Vai se tratar de uma reflexão. Essa reflexão vai contribuir para a pesquisa, é uma parte da pesquisa. A outra parte da pesquisa são entrevistas individuais com formadores e até com algumas pessoas também do grupo de educadores, né, da equipe. É, mas, aí já focalizado, assim, com..., em outro prisma relacionado com a questão do grupo e vínculo entre as pessoas para a educomunicação. Então, isso aqui, né, o trabalho que a gente está fazendo, a partir de hoje, é parte da pesquisa como um todo, e que vocês poderão colaborar também de outras formas, além do grupo. É, espero que colaborem, que vocês curtam bastante também e que se aproveitem desse material, depois, que vocês vão ter. É uma interpretação, é um trabalho, uma elaboração. Não é a única possível. E, aí, eu acredito que o diálogo, espero que continue posteriormente, né? Além do mestrado, dissertação, essas coisas, tem... É só um marco, não encerra essa questão. Mas, certamente, essa reflexão vai ajudar a pensar melhor essa reflexão que vai sair na dissertação e espero que em outros materiais também, né? É, e aí, é o seguinte, deixa eu ver se tem mais alguma coisa para esclarecer. (Coordenador consulta seu caderno de anotações) Isso aqui é importante. Essa questão do Termo de Esclarecimento tem a ver com o sigilo para fora do grupo, mais essa parte formal da minha relação com vocês, né? Eu tomar os devidos cuidados para não prejudicar ninguém, tal; enfim, vocês estão participando sabendo que é assim: pretendo trocar, substituir os nomes por nomes fictícios; inclusive o nome da instituição e tal. É, mas, há a necessidade de a gente combinar uma coisa entre nós, né? Por ser um grupo de caráter dinâmico, de caráter pessoal, a gente combinar uma espécie de contrato de sigilo entre nós. Quer dizer, a gente está discutindo questões, aqui, é..., provavelmente a gente teria a vontade de colocar questões aqui que não colocaria em qualquer lugar, né? Então, só faz sentido se a gente puder combinar que, assim, o que for discutido, refletido aqui, tomar, pelo menos, o cuidado com o que for dito fora do grupo, para quaisquer pessoas. E, aí, não sou só eu, tá. Todos os membros do grupo, tá. Com certeza, eu tenho uma responsabilidade diferenciada, por ter proposto o encontro. Mas essa é uma responsabilidade compartilhada. Daí, a gente já começa a trabalhar a questão do grupo, né? É, e por aí, eu queria fechar isso com vocês. A idéia é de não se tocar em questões que são ditas aqui, fora da daqui. Mas, eu não sei o quanto isso é possível. Até também pode ser meio sem sentido, porque, se o grupo puder propor uma elaboração, e esse é o objetivo dos grupos operativos, que a gente possa criar aprendizagens em conjunto, trocando as idéias. É, então, a gente leva essas aprendizagens, pode sugerir alguma coisa nas nossas práticas fora do grupo. Mas, lembrando, que as informações são ditas aqui, são colocadas aqui, são manifestadas aqui, que podem ser para ficar só aqui entre nós. Essa é a constituição de um grupo, né? Então, essa é uma parte importante definir isso no grupo. E aí,

volto a dizer, né, qualquer um de vocês pode desistir de participar a qualquer momento. Lógico, né, que eu espero é que a gente não precise, mas é prerrogativa vocês poderem participar só enquanto se sentirem à vontade para participar. Está legal? É, e aí, essa é a idéia de a gente começar hoje o grupo. É o grupo dos educadores, né? Talvez, haja mais gente para vir ainda. E aí, a gente entra num outro ponto, que é, assim, nós temos esses horários, são os horários disponíveis que a gente tem para conversar, para discutir essa reflexão sobre grupo, sobre projetos de educomunicação. E aí, eu queria combinar com vocês, o horário que está como marcado mesmo, dez horas, para iniciar, só um ficou às quatorze horas, se a gente define um tempo de tolerância para iniciar a conversa ou não. A gente começa, está marcado. A gente sabe que definiu um compromisso para aquele horário e vem. Eu queria saber se há alguma sugestão de vocês, de tolerância, de tempo ou de minutos. Até porque, ao final, eu também espero poder encerrar no horário programado. Deu doze horas, *game over*, acabou; e daí, a gente vai fazer outras coisas que a gente tem marcadas. Então, não sei, alguém tem alguma sugestão? Porque, daí, decorre esse grupo... (alguns comentários interrompem a fala)

? – O horário?

Coordenador - Está marcado às dez horas para começar o grupo, a parte de gravação, essas coisas.

Guilherme – Depende do que começa antes dessa reunião, né? Porque não é a primeira atividade do dia. Então, quer dizer, a primeira pode atrasar e pode atrasar a segunda. Mas, caso não aconteça isso, não tem.

Coordenador – Mas, aí, nesse caso, assim, você tem alguma sugestão? Que esse atraso significa, então, arrastar o horário de atividade mais para a frente?

Guilherme – O que você tem que fazer tem que ser duas horas?

Coordenador - É, esse foi um pouco o horário. Um pouco o procedimento, né, que precisa de um tempo razoável para que a gente possa elaborar essas questões no mesmo dia, né? Ainda, considerando que a gente vai fazer encontros meio esparsados, né, quase um mês de distância um do outro. Mas, então, isso fica a critério de cada dia? Vai depender um pouco da situação, né, é isso?

(Falas embaralhadas. Alguém comenta o possível atraso e sugere alguma coisa. O Coordenador responde a uma nova pergunta sobre o horário.)

Coordenador – Sim, foi sugerido...

(Uma participante comenta que foram eles mesmos de decidiram os dias em que poderia haver os encontros do grupo operativo.)

Elis – É geralmente acompanhamento de projeto, alguma coisa relacionada a isso. Foram esses os dias que a Elisabete [Coordenadora da Equipe de Arte-Educação, que não estava presente no grupo] pegou. Então, acho que o que dá para a gente fazer é, tipo, vinte para as dez, ir encerrando a atividade anterior, né? Aí, é o tempo de tomar uma água e um café, e dez horas estar aqui, né? Acho que dá pra vir pra cá. Estou aqui pensando... Não sei. Eu acho que quase todas as atividades eram o acompanhamento de projetos. É que eu estou sem meu calendário...

Teresa - Eu estou vendo o calendário, são três dias de acompanhamento de projetos, só um dia que é preparação dos adolescentes do... Dia 25 de outubro, né, dia 25?

? – Sim.

Teresa - Dia 25?

Elis – Acho que a gente deve ir se organizando. Vocês já irem falando com os meninos, eles vão encerrando, né?

(alguns instantes de interrupção da conversa geral e falas localizadas)

Coordenador – Bom, deixa eu ver se eu entendi como é que a gente pode ficar combinado. Então, mantém ainda esse horário. E aí, como o Guilherme comentou, que eventualmente pode rolar um atraso. É isso?

Guilherme – É / a amiga aqui garantiu que...

Fred – Ah, se existir, beleza; se não existir...

(outros comentam também)

Coordenador – Tá, com uma tolerância de dez minutos, como o Guilherme colocou, para a gente tocar mesmo o barco? E aí, quem estiver chegando mais tarde vem direto para o grupo. E aí, quem chegar depois, já vai chegar com o grupo funcionando, já vai estar rolando a conversa. Fechamos assim?

Paula - Quem chegar depois, /.

Coordenador – Isso. Só que, daí, o grupo já terá começado; terá perdido o começo, né? Essa que é a perda. Pode chegar até dez para o meio-dia, mas perdeu noventa por cento da conversa. Vai chegar no finalzinho. É, inclusive aí, então, o pessoal que vier nos próximos encontros, peço até que, se alguém puder comentar antes que precisa do Termo de Esclarecimento, né?... No próximo encontro, fala comigo antes, que eu já passo o Termo e, antes de entrar no grupo, a pessoa já assina e tal, ou não, se discorda e não quiser participar. E, aí, a gente já vai para o grupo com o pessoal que vai mesmo tocar a discussão, tá? É, acho que é isso, né, da parte de a gente iniciar essa... fechar uma combinação entre nós, né, para além dos papéis [comuns]. E aí, assim, é, eu queria iniciar uma participação maior de vocês com uma apresentação. Eu não conheço todos ainda pelo nome. Eu sei que vocês já se conhecem, já são um grupo constituído. Mas, até para a gente conseguir começar a identificar um pouco o pensamento das pessoas. Nas gravações, inclusive, fica um pouco difícil porque a gente pega só a voz. A gente vai ter o trabalho de ter de lembrar quem está falando em que hora e tal. E, não sei, queria saber um pouquinho, o nome, saber algumas coisas, né? Saber o nome, a formação de vocês, qual é a tarefa e qual cargo que está exercendo na Fundação e, um pouco, qual a expectativa particular em relação a discutir a questão do grupo na educomunicação, que é o tema geral que vai nortear os próximos, né, como é um pouco o que a gente está fazendo aqui. E aí eu parto, vou me apresentar um pouco mais e comentar que eu não estou sozinho na pesquisa (muitos ruídos na sala ao lado interferem na gravação e impedem ouvir o que foi dito). Tem a Lu. Depois ela mesma vai se apresentar. Ela vai fazer parte da equipe. Ela está aqui junto comigo fazendo a pesquisa. E ela vai se apresentar e comentar o que vai fazer na

pesquisa. Então, eu começo, me apresentando, de novo. Meu nome é Joari, né? Minha formação é na área de psicologia mesmo, né? Eu já atuei em projetos, um pouco da área da psicologia e também comecei a atuar na área de educomunicação, em 2002, no Projeto Educom.rádio. Foi aí que começam a despertar várias questões que ligavam psicologia, grupo, educomunicação. E, agora, eu estou tendo a oportunidade de pesquisar mais sobre esse assunto e tentar levar e levantar uma contribuição, a partir desse campo da formação que eu tenho, da psicologia também, não só no campo da prática da educomunicação; mas, a idéia de tentar, chamaria assim [essas ações de] interdisciplinaridade, né? Então, um pouco minha idéia sobre o grupo, essas coisas são um pouco pelas experiências que eu tive com a educomunicação. Muito da psicologia, do que se falava /, poucas oportunidades de se fazer, aplicado. E é bacana quando há gente de várias formações discutindo, experimentando, fazendo, refazendo, refletindo. E, eu achei isso bacana e me motivou a fazer essa pesquisa. Demorou alguns anos, mas vai sair num bom momento. E, então, essas são um pouco minhas expectativas em relação ao grupo, né? Tenho um papel um pouco diferenciado, porque meu papel é meio de tentar coordenar a discussão, né? Até porque o foco do grupo é entender o que o grupo pensa, a partir das experiências de educomunicação aqui no Educom. Fundação, o projeto na Fundação, de educomunicação. Então, a minha participação tentará mais mediar, relacionar, problematizar algumas coisas que sejam colocadas, e levantar opiniões mais convergentes, mais divergentes, questões do grupo que apareçam. Então, é, não serei eu, eu espero, aquele que vai dizer se está certo ou está errado. Isso aí é uma questão que até vai ser objeto do debate, das opiniões, das reflexões, está legal? E, aí, eu passo a palavra.

Observadora – Bom dia! Eu sou a Luciana, como o Joari falou. Eu sou psicóloga. Atuei também no Educom, na época em que ele existiu com o projeto rádio, lá na..., em São Paulo, junto às escolas da Prefeitura, né, de São Paulo. E estou aqui, neste projeto com vocês, né, de educomunicação. E meu papel aqui é ser observadora, né, desse grupo. E o que faz um observador, né? Eu vou estar registrando as informações que vão ser discutidas aqui. Eu não vou falar, né, vou estar silente, o tempo que estiver aqui presente, né? E acho que é importante deixar claro para vocês que o registro dessas informações é com o objetivo de a gente ter material para a análise dessa pesquisa. E o meu papel é atuar junto com a coordenação para estar analisando esse material e estar propondo o que que a gente tomar de passo para adiante, aqui nesse grupo, junto com vocês. Está bom?

(alguns instantes de silêncio)

Coordenador – A palavra está aberta. Quem quiser se apresentar...

(mais alguns instantes de silêncio)

Zélia – Meu nome é Zélia. Também sou psicóloga. Estou no Educom há um ano e alguns meses. É... O que é mesmo, as expectativas agora?

Coordenador – Pode ser.

Zélia – É, eu acho interessante. Fiquei muito contente com esse direcionamento, né, de trabalho. Falar de sentimento, de emoção, de afetividade, isso permeia vários trabalhos e, com certeza, o Educom também. Então, é muito legal ter esse momento para estar discutindo esse [com uma outra área]. É isso.

Gilberto – Meu nome é Gilberto. Eu sou instrutor. A minha formação é publicidade. Não

tenho formação de educador, né? Eu trabalho comunicação com os adolescentes e crianças, aqui na Fundação. A minha expectativa? Assim, a minha expectativa é uma reflexão sobre a educomunicação aqui na Fundação. Eu acho que a Fundação ainda não está adaptada para o desenvolvimento de um trabalho, assim, realmente consistente de educomunicação. Eu acho que ainda há aquele choque entre o tradicional, a educação tradicional, e a educomunicação. Então, acho que isso pode ser uma oportunidade de a gente refletir sobre isso, pensar em caminhos, né? É isso.

Adriana – Meu nome é Adriana. Eu sou formada em [história]. Fiz pós em psicopedagogia e [faço pedagogia]. E agora, eu trabalho informática educativa. Comecei a participar do Educom também, no ano passado. Enfim, para mim foi legal, porque eu não tinha noção nenhuma de como era trabalhar com rádio. Comecei a trabalhar com a rádio comunitária. Eu não tinha noção. A gente foi aprendendo junto com os alunos. Eu acho que isso foi muito enriquecedor para o nosso trabalho. E até agora, quando a gente fez os projetos junto, vem fazer o cursos junto, a troca foi muito grande e enriquecedora, nesse processo.

(instantes de silêncio)

Mariane – Meu nome é Mariane. Sou formada em pedagogia e também em matemática e trabalho com informática na educação. (outro participante fala sob muitos barulhos no salão ao lado, por vários instantes) Como eu tenho três filhos estudando e trabalhar com criança, a minha expectativa é uma educação melhor para todos. Diferenciação. Porque eu tenho / muito especial para mim, né? Eu penso que, o que eu vejo, ele vai por obrigação. E eu não vejo uma mudança, né? E essa parte de educomunicação, acho que muda muito para a criança. É diferente, né? Então, observando ele e muitas crianças que eu convivo, né, eu acredito nessa mudança.

(instantes de silêncio)

Elis – Meu nome é Elis. Estou no Educom há dois meses. Eu nem sei se esse é o lugar aonde eu deveria estar, né? Mas, é, participando do processo de pesquisa. Eu sou pedagoga. Faço parte da equipe multi, como orientadora. É, e eu entendo porque o Educom é muito importante para eu estar entendendo como se dá esse processo da educomunicação, né, para auxiliar os instrutores em algum, em algumas situações. Preciso entender como é isso, então. Eu já li de algumas coisas, mas eu não participei da formação desde o início. E a minha expectativa é realmente entender o que que... o que a educomunicação propicia nessa relação entre educador e adolescente estar construindo um trabalho junto, né? É isso.

Daniela - Meu nome é Daniela. Eu sou formada também em publicidade e propaganda. Faço um curso de extensão de educação e mídias. E, eu acredito que a educomunicação é o futuro, né? E as escolas, a nossa educação, não só no Brasil como no mundo inteiro, a intenção é essa, é realmente a gente estar mudando, né, essa forma que tem de educação, hoje tradicional, que eu acho que o caminho é isso, né? Então, o meu interesse é muito grande pelo a educomunicação. Mas, eu tenho muito que crescer, muito que aprender.

(25:10/28:00) Paula Lima – Meu nome é Paula. [Trabalho há três anos na Fundação.] E a principal expectativa? Acho que a gente trabalha com informação, com isso tudo; mas, eu vejo que o principal é o relacionamento. É o que a gente... As crianças trazem essa ansiedade para a gente no grupo [de discussão]. E a minha expectativa [é estar esclarecendo], porque eu tenho mais [expectativa] com a arte-educação do que com a educomunicação.

(25:48) Maria Rita - Meu nome é Maria Rita, mas prefiro ser chamada de Maria. Estou na Fundação há três anos. Comecei a cursar o magistério [na Universidade A e estou no segundo] ano de pedagogia. e estou no segundo] ano de pedagogia. E, aqui no Educom, agora em agosto, faz um ano que eu entrei. / unidade. E, assim, inicialmente, o que mais me chama a atenção é esses momentos mesmo de troca que outros educadores e também com as crianças. Para mim, é muito bom [fazer isso,] a cada dia, a cada encontro uma coisa diferente /. Tenho expectativas grandes para esse ano agora, né? Conseguir trazer, envolver novas crianças que trabalham diretamente com a gente na unidade. Espero poder contribuir com essa pesquisa.

(instantes de silêncio)

(26:56) Fred – Meu nome é Fred. Sou formado em direito. Nunca exerci, nunca vou exercer. (risos de vários membros do grupo) Eu já exerci, assim, durante alguns meses só, como estagiário. Trabalho com teatro, já faz muito tempo, faz quinze, dezesseis anos. Então, minha formação é como ator mesmo, né? Fiz umas matérias na pós na Unicamp, em artes, artes cênicas mesmo. A gente começou; aí, parei de fazer lá, porque a gente começou fazer o Educom, acho que já fazia uns dois anos e meio, três, né, não sei direito quando começou e eu estava no começo aqui. Achei muito legal, que a gente praticava, só que não sabia o conceito, não sabia nada. E espero que... Minha expectativa é que a gente dialogue bastante sobre essas coisas. Acho que a Fundação é uma instituição bem, assim, ela pensa uma coisa, só faz outra, né, muitas às vezes. Então, acho interessante isso, que você vai colocar uma, você coloca um discurso..., capacitar profissionais para fazer uma coisa, a educomunicação, né, que tem como um de seus pilares a intervenção nas relações de poder, e você tem uma instituição que não entende direito isso. O que que é? Não tem..., às vezes, não deixa ter uma intervenção nas relações de poder. Somente pensando na alta hierarquia, tal. Mas, ao mesmo tempo, é legal que ela coloca a gente para discutir isso. Então, acho que isso é rico, a gente sabe que não vai dar, que não dá certo a intervenção nas relações de poder dentro da instituição, mas é legal a gente estar sabendo desses conceitos e tentar colocar em prática. De repente, pode ser que mude, né? Difícil, mas interessante... (instantes de silêncio) Eu estou trabalhando na rádio. Saí do teatro, faz um ano e meio, e estou trabalhando com rádio. Não estou dando oficina de teatro mais. É isso.

(29:01) Caetano – Deixa eu falar. Meu nome é Caetano. Sou formado em comunicação, né, publicidade. Sou instrutor. Especialização em educação. Também participei da primeira fase do curso, né, do Educom E a expectativa é discutir mesmo, ter o prazer da discussão, né? E para tentar entender um pouco essa questão da implantação de um plano político-pedagógico institucional, assim, como é que se dá isso, né? Porque eu vejo as ações acontecendo e uma outra força, que, ali, essa política da instituição. Tentar entender um pouco isso.

(instantes de silêncio)

(29:55) Daniel - Meu nome é Daniel. Sou formado em educação artística com habilitação em música. Na Fundação, / estou no Educom desde a primeira fase. Trabalho com a rádio na Fundação. Minha expectativa é isso, é a gente estar discutindo um pouco o Educom Vem desse campo da [intervenção] social; veio para a Fundação, né? E, um pouco da idéia que como ele falou, a gente tem esse movimento de estar modificando, querendo fazer alguma coisa nova, e tem um movimento contrário que vai barrando, parando com as coisas, com os movimentos dos meninos dentro da instituição. Então, é uma briga, vamos dizer assim. É o que eu vejo, assim. [Questão para discussão.]

(instantes de silêncio)

(30:46) Teresa - Eu sou a Teresa. / Aqui na Fundação, eu trabalho na equipe multidisciplinar, / que é uma equipe que coordena os professores, né? Então, não tem assim um grupo de crianças e adolescentes. Eu participo, assim, do acompanhamento / nas unidades C, D e E. E, assim, minha curiosidade é em relação a essa interface: arte e educomunicação, né? / Mas, acho que essa é a minha curiosidade, /.

(31:30) Vanessa - Meu nome é Vanessa. Trabalho na unidade A. Sou educadora ambiental. Estou cursando o terceiro ano de serviço social. E lá, nós estamos começando a trabalhar mais a questão ambiental, mais voltada para a questão do consumo consciente. E, assim, na educomunicação, a gente está tentando trabalhar mais a questão do respeito, primeiro, de cada um estar expondo as suas idéias. E, na verdade, eu mesma estou engatinhando ainda na..., nessa questão da educomunicação, né? Com tanta gente que está aí há tanto tempo, já está com tanto conhecimento. Eu estou aprendendo ainda a questão toda de trabalhar a educação, para mim, que eu nunca trabalhei. Então, na verdade, estou meio engatinhando com isso.

(instantes de silêncio)

(32:22) Rosana – Eu... Meu nome é Rosana. Eu sou... Na verdade, eu sou formada em pedagogia. Estou na Fundação dando atividades de artes, desde 2002. E estou no Educom desde o início. E hoje, estou num projeto que é bem distante da própria Fundação. E que é o projeto Adole-Ser (...), onde eu atendo / com medidas. E, a visão, assim, do Adole-Ser, é, existe sempre uma cobrança, assim, de trabalhar com o menino num prazo bem curto, normalmente são dois meses. Eu acho muito difícil. E assim, e a cobrança é que tenho é, muitas vezes, tenho trabalhar artes-plásticas e a Fundação me cobra trabalhar a comunicação. Na verdade, eu sempre gostei de comunicação. Minha família vem dessa área, né, meu pai, meu irmão. Eu fiz pedagogia porque eu achei que seria melhor para trabalhar com os meninos. Eu gostei, mas eu não sei se seria o que eu realmente gostaria de ter feito na vida, né? Gosto de comunicação. Acho que a imagem.... Eu gosto muito de trabalhar com imagem, né? Então, hoje eu vivo esses dois, esses dois lados, uma cobrança de artes e uma cobrança de comunicação? Tanto, que é uma dificuldade muito grande dentro na Fundação. É, uma cobrança de um lado, uma cobrança de outro. Pessoas que não entendem, pessoas que /. Tenho a dificuldade de tempo com os meninos. Até mesmo essa questão de vínculo, né, para tratar com eles. Trabalhar dois meses e criar um vínculo com eles é difícil. E também toda numa fase que eu não sei se eu estou querendo refletir muito sobre isso. Por isso, eu perguntei para você que eu gostaria de estar participando, mas eu gostaria de saber como é, primeiro, né? Mas, é isso. Eu acho que...

(35:00) Roberto - Bom, meu nome é Roberto. Sou estagiário de jornalismo. Faço o segundo ano de jornalismo na Universidade A. E, faz dois meses que eu estou participando, aqui, do Educom E para mim é muito novo, porque, né, poder aliar comunicação com educação é algo que eu nunca tinha visto antes. E acho que é algo muito interessante porque eu estou fazendo da comunicação é uma ferramenta de ensino, né? E você conseguir fazer a comunicação, é, como que eu posso dizer, um atrativo para os adolescentes, né? Eles gostam muito, participam da rádio, fazem o jornal, tiram foto, vídeos, e é algo que eles gostam, né? E essa roda que a gente está fazendo aqui é muito interessante porque, para a gente poder trocar experiências, é, deixa eu ver, poder acertar nos próximos passos, corrigir os erros que foram, que a gente teve. É algo muito interessante, eu acho.

(instantes de silêncio)

(36:15) Guilherme – Meu nome é... (tosse do participante e risos dele e de outros) Meu nome é Guilherme. Sou educador ambiental. Estou terminando o curso de ciências biológicas, agora, né? Estou há onze anos na Fundação. E nesse tempo que estou na Fundação, eu percebi várias atividades educacionais, desde a área ambiental até a parte de artes. Mas, eu só fui entender o conceito mesmo, razoável, depois de uns dois anos e meio, que a gente estava no primeiro grupo que o Hermeto trouxe, né? Então, fui perceber que a gente já fazia educação ambiental e nem sabia... educação e nem sabia, né? Não só eu, como outras pessoas lá de arte, teatro também. E, estou na unidade B. E, a minha expectativa... Nem acho que é expectativa, mas é o desafio da educação aqui na Fundação é como trabalhar que as crianças todas se apropriem mesmo dos recursos midiáticos, né? Como desenvolver atividades para..., dentro da grande demanda que a Fundação tem, né, de turmas com adolescentes. Como desenvolver uma atividade e fazer que todos trabalhem, né, e acabem usando todos instrumentos, né? Sendo que, às vezes, muitas vezes, essas atividades não precisam de tanta gente assim, né? Como envolver tanta gente assim? E como otimizar esse recurso, essa ferramenta, né, na educação ambiental? É uma ferramenta ótima, mas como eu vou envolver todos nesse processo?

(instantes de silêncio)

Coordenador – Foram todos, né?

(alguns pessoas dizem que sim ou fazem sinal; instantes de silêncio)

(38:10) Coordenador – Alguém quer comentar a respeito dessas expectativas?

Gilberto – Eu queria, assim, / nisso que o Guilherme acabou de falar. Você tem a escola tradicional, né, que você tem a lousa, os professores que falam e os alunos que tem que ouvir. Uma sala de quarenta alunos, não vou dizer que seja fácil, mas eu diria que é um pouco mais viável dentro desse formato tradicional. Agora, você tem uma atividade de comunicação, que envolve divisão de tarefas, autonomia, né, a pessoa caminhar com as próprias pernas. Só que ter uma turma muito numerosa complica. Acho que o problema é que a educação, eu vejo assim, pelo menos dentro da nossa realidade, como uma coisa nova; só que a gente tem uma realidade que já tem uma estrutura tradicional. O complicado é quando ocorre esse choque, né? Como adaptar essa coisa nova / realidade, para essa realidade que é tradicional, que... E que é uma coisa que, eu acho assim, da parte dos próprios..., as próprias crianças e adolescentes são influenciadas por essa estrutura tradicional, né? Tem hora que fica complicado para eles também, é, entender esse sistema. E a Fundação, a gente tem esse público que tem as características. A gente tem essas crianças que vem de família desestruturadas, que não uma noção do que seja disciplina, do que seja responsabilidade. Então, a gente precisa trabalhar tudo isso com eles, porque a coisa possa realmente acontecer, possa [trazer realmente desenvolvimento para eles].

(instantes de silêncio)

Elis - É, eu acho legal esse contraste que você falou, né? É, eu entendo que, para que a educação, de repente, mexe [não só com vocês.] [O atrito] vai vir à tona. Uma série de dinâmicas administrativas e organizacionais teriam que acontecer, né? E, querendo ou não, a equipe multi fica exercendo um papel de ponte, né? A gente está tendo um curso, essa semana,

e o presidente: “Aqui está a diretoria, aqui a equipe muito, aqui o..., os instrutores”.

Fred – Lá embaixo! (risos e sinalização de uma hierarquia)

Elis – Como é que a gente faz para a coisa não vir de cima; bater assim, na gente, e a gente não levar [desaforo.] E como é que a gente faz para as coisas dos instrutores chegarem, né? Para que a gente possa ter uma situação confortável aqui dentro, né? De estar podendo dizer, porque... Eu acho que a equipe multi também tem [esse elo] dela, né? O café que chega atrasado ou a internet que não chegou ao Centro de Educomunicação, ainda, né? Então são coisas, se trata das situações mais tranquilas, isso [é uma discussão do grupo mesmo], esse grupo operativo.

[Gilberto] - Então, o Hermeto uma vez ele descreveu um local, eu não lembro onde é. [Não sei se foi uma] experiência educacional. Acho que /, eu não recordo muito bem. Em que ele descreveu o local como um local de liberdade total. Os adolescente podendo escolher as atividades que queriam fazer e, depois, se a atividade não agradou, ele poderia mudar para outra. Um lugar de muita liberdade, que não condiz com esse formato atual de grade, que a gente tem aqui na Fundação, né? De núcleo, né? Porque a gente tem aqui divisão por núcleos: núcleo de educação, núcleo de artes. Daí, o adolescente escolheu artes, ele tem de fazer atividades com o núcleo de artes. Tem esse esquema aqui. Uma coisa mais fechadinha, né, de blocos, aqui. E, tem hora que isso complica as coisas, né? Como é que a gente vai ter interdisciplinaridade dentro desse formato de...

(instantes sem falas e de barulhos na sala ao lado)

Rosana – É interessante /.

(muito barulho)

Gilberto – Esse formato também, né? Acho que...

(43:09) Rosana – É. Então, porque lá na unidade é ao contrário. O adolescentes escolhem quando ele quer fazer a atividade e o que ele quer. Só que, na maioria das vezes, eles vão acumulando / as atividades, a agenda, né, que eles tem uma agenda. / justamente é ao contrário, o tempo é curto. Ele tem oito meses para estar cumprindo. E ele já vem até de um histórico totalmente diferente, né? Ele está ali cumprindo medida. Então, ele quer / coisas para fazer porque são horas que ele cumpre e, acabando tudo aquilo, ele pode ir embora. Então é muito mais difícil ver, certo, um ou dois meninos /. E, eles não aprendem nada porque ele não está nem aí. Ele quer cumprir a hora dele e acabou, né? Então também...

(falas sobrepostas)

? - Já é outra realidade, né?

Gilberto – Mas, assim, tem muita aquela visão tradicional da bagunça. Não pode acontecer a bagunça porque..., né, o caos, né? Acho que aqui o caos... Mas, também é do caos que eu acho que vem a criação, né? Até a... Assim, na visão da religião, o universo surgiu do... Não foi? Não tem alguma coisa a ver com o caos, assim? Do caos veio a ordem, alguma coisa assim? Mas o... Mas tem essa visão preconceituosa, né? De repente, adolescente pode optar ou adolescentes da mesma turma em espaços diferentes. / Isso tudo está uma bagunça. E a

educomunicação envolve muito essa negociação, né? [Então,] aqueles que não estão acostumados com isso, no começo, até pelo perfil do público que a gente atende, [das classes pobres], vão ser assim interpretações mais explosivas. Porque eles não estão acostumadas com essa coisa de tomar a frente, de decidir, de se organizar por si próprios, né?

Paula – Ou de decidir em um grupo, né, trabalhar em comum, que é essa a proposta, que ninguém mande no grupo, que tudo seja de consenso. E, muitas vezes, até chegar a isso, para a equipe é uma experiência, para as cozinheiras, para as pessoas que participam da equipe assim como um todo, [faz toda] a diferença, muitas vezes difícil. Chegam pessoas a te falar: “Nossa, eles vão discutir. Daqui a pouco eles vão se pegar, vão brigar!” É assim mesmo, deixa eles chegaram a um ponto juntos. / assim. Então é uma situação comum a todos os espaços, né?

(instantes de silêncio)

(46:15) Coordenador – É... Tanto as expectativas que vocês falam..., colocaram, quanto [já analisaram] nessa discussão que está sendo levantada, eu estou observando, é, quase que uma expressão de como vocês vêem essas contradições, assim; isto é, algumas contradições que vocês estão vivendo na prática. E que, aí, elas estão mais ou menos relacionadas com o jeito de se organizar em grupo; às vezes, se fala de organizar em grupo; às vezes, não se faz organizar em grupo. Então, é a contradição entre a escola trad..., o modelo escolar tradicional e o modelo novo. É uma contradição entre falar de, é..., falar de poder, horizontalidade, de / falar de ter uma maior participação, mas ter uma instituição hierarquizada também, que tem rituais, protocolos, poder, né, dessa instituição? A gente está falando realmente de o que que é um grupo. O grupo é uma quantidade de pessoas? Quanto mais gente, mais grupo? Ou, um grupo é o que, né? Quer dizer, por outro lado, fala também de um encantamento com a educomunicação. Então, tem um pouco essa experiência de contradições e um pouco um encantamento das falas com a educomunicação, de ser um pedagogia nova, que contribui, que traz novos caminhos, né, por ser uma proposta nova. Então, há uma postura, um pouco, de um encantamento, parece, né? E aí, eu queria puxar um pouco esse fio da meada. Quer dizer, trabalhar em grupo, né, ou se encontrar, pelo menos, depende como a gente consiga definir o que é um grupo aqui, o que é um grupo para a educomunicação na Fundação, tem colaborado para vocês elaborarem essas contradições, ou com o projeto educ comunicativo, ou com a arte-educação, ou com as outras formas de intervenção que vocês têm? Quer dizer, é, o grupo está..., é o espaço de elaborar isso, de tentar superar essas contradições que aparecem? Ou, às vezes, até, é interessante a fala, né, de... Chega a um ponto que é até difícil pensar. E não se quer mais, no meio de tanta contradição, é tão difícil pensar nisso. Acho que é um fala importante, né? Será que tem... Será que / do discurso para de fato fazer esse grupo aberto, democrático, que transforma a realidade, tal. Essa é uma pergunta importante, que seria interessante a gente pensar um pouco sobre isso. Mas eu coloco para vocês essa questão. Por que será que está aparecendo essas contradições aqui. Parece que é só aqui, não sei. Vocês têm outros espaços em que vocês conseguem se manifestar e levar adiante essas questões? Queria passar de volta a palavra. Vocês concordam com essa minha consideração, ou não?

Elis? - Eu acho que enquanto profissional é duro lidar com a contradição, é..., com a..., com o conflito de que estão, é ..., essa é a minha sensação. Estão te capacitando para algo, né, para isso, e estão te cobrando [xis], né? E, ao mesmo tempo, se fala tanto em educação, de gestão participativa, democrática, né, a questão da autogestão, tem alguns conceitos sobre isso. Mas, assim, é, eu acho que não é algo particular dessa instituição. Não estou defendendo a instituição, mas, assim, eu não consegui, até hoje, na minha experiência profissional, é...,

conseguir essa... Achar algum lugar em que as coisas fossem de outro jeito. Que eu ainda desconheço esse outro jeito.

(mais de um membro tentar falar)

(51:20) Fred – Acho que [é fogo.] Acho que o que a Elis falou é difícil. [Foi acidente para os caras], mas a gente tem de buscar [que nem /], falar em educomunicação, por exemplo. / Sei lá, o governo Serra tem um... O Serra, no caso, lá, o Kassab: (cantando) “Quem sabe, sabe, vota no Kassab.”

? - Nossa! (risos de vários membros)

Fred - O cara votou no Serra e ganhou o Kassab. Olha que legal!... Porque eu acho que o pessoal de São Paulo é bem parecido com o dessa cidade. [Fizeram um belo de um leilão, lá.] Aí, o que acontece, lá? Eu acho que se resolveu em não discutir de começo e agora está começando a perceber que seria necessário, sei lá, [começar] a refletir. Aqui, talvez, por desconhecimento da própria diretoria, certo, se começou a trabalhar a educomunicação. Mas, fui um palpite do Instituto A, que bancou a capacitação, no primeiro momento, na primeira fase. E falou: “Não, eu quero que vocês trabalhem a educomunica..., a educação e comunicação.” A gente correu atrás, trouxe. [E foi assim e a / Aí que a gente foi falar com o professor Hermeto, e começou.] história começou. Acho interessante. A instituição, ela pensa em ser vanguardista, sei lá, em ser uma instituição a frente das outras. Se você for, [assim...] Isso é legal que, não sei ainda, agora que o Caetano vai comprovar melhor, se a gente for pegar mesmo a cidade, comparado com o pessoal da educação, certo. Então, se a gente compara / grade curricular, [eles vão acabar...] Porque, quem consegue andar mais? Mas, se você for comparar com secretaria da educação, que é o ensino formal, a gente está, assim, uns quarenta anos, cinquenta anos, na frente. Mas ainda, lá, na minha cabeça, a passos de tartaruga. Mas, aí, eu fico até com dó dos funcionários da educação. Aí, eu falo: “Puxa, esses caras aí não vão nunca trabalhar a educomunicação. Eu que, no mundo, no mundo capit... Porque, assim, dando continuidade à fala do Gilberto. O Gilberto falou: “Legal, ah, esse negócio de..., dar liberdade para a molecada, um monte de coisas disso daí.” Infelizmente, o nosso sistema capitalista, ele não quer que as pessoas falem, [pensem]; ele quer tudo organizado. Então, alguma que gere, aos olhos das outras pessoas, uma desorganização, é errado. Eu quero que cara trabalhe de peão, ali, para trabalhar, para apertar parafuso; ou, quero que esse cara gerencie um equipe. Como que um cara que gerencie um equipe deixa uma... Uma turma, fica três ali, três aqui, dois aqui? Eles não conseguem entender. Parte do princípio capitalista, não parte do parte do princípio da ident..., da anarquia. Entendeu? A anarquia seria um movimento que as pessoas saberiam fazer cada um teria de fazer e cada um coordenaria a sua própria vida, o seu próprio. Bom, você iria ter de precisar ter um outro cara em cima, certo? O que eu acho, que a gente tenta, às vezes, trabalhar na Fundação e daí é podado pelo... Na verdade, a gente acha que é o gestor que poda, né, a chefia. Muitas vezes não é o gestor. É o próprio colega que está do lado, e que vê e fala: “Olha, já viu sala do Gilberto como é que está? Já viu como é que o Fred dá aula de teatro? Imagina, ele não tem formação pedagoga, ele não é didático, não é não sei o quê.” Faz uma roda para falar sobre isso. Isso aqui há cinco anos atrás. Hoje em dia, todo mundo coloca conversa em roda, virou *cult* no planejamento: “Nossa, como esse professor é inteligente!” Não! É uma coisa que a gente sempre fez. Acho que todo mundo que trabalho com arte-educação, desde o começo do curso, com aquele conceito, já trabalhou em roda, conversou, discutiu, tal, pá. Nenhuma mágica. Eu trabalho há vinte anos no teatro, só fazendo roda. A gente discute em roda, né? E isso é difícil para as pessoas que são formadas, infelizmente, pela..., nesse tipinho padrão; fez

a faculdade há cinquenta anos atrás. Não tem jeito. Nem sempre a sala bonitinha, quietinha, quer dizer que os alunos estão aprendendo. Quer dizer que a molecada está aprendendo, está começando a pensar, né? Porque é muito mais difícil você organizar vários grupos, um que está ali, vendo a..., pintando a casa ali, quatro pessoas fazendo um tela, o outro está tentando fazer a árvore ali. Então, dando esse exemplo do grupo. E, daí, parece que está tudo zoneado, né, porque tem três, ali; três, ali; e quatro: [“Quatro não!”]. Mas, na verdade, é uma desordem organizada dessa molecada. “Não professor, eu quero fazer uma entrevista lá com o presidente da Fundação.”, beleza, [a gente prepara.] “Eu quero fazer uma entrevista com o cara da manutenção.”/ Mas, isso pode parecer, para quem está olhando, uma desorganização, né? Que, daí, a molecada vai se encontrar, vai ficar ali conversando. “Posso escrever meu roteiro aqui fora da sala?” Ah, pode. Daí, a gente dá dez minutos, fala: “O que que está fazendo aí fora?”, “Ai, me desculpe.” Recolhe para dentro da sala. O negócio é embaçado. Porque, nenhum pode fazer o roteiro dele aqui fora. / Tem que ficar claro, ordem, né? Que é aquela coisa que tudo tem ser o que o capitalismo impõe. E que é difícil a gente quebrar isso, porque o mundo é capitalista e adotou ele como um sistema maravilhoso, né? Porque o socialismo, o comunismo não deu certo. Para mim, é uma grande mentira. Para começar, muita gente hoje diria que não existe socialismo nem comunismo no mundo, certo? Para tentar um experiência comunista, tem que descentralizar o poder, certo? O que acontece, o comunismo centralizou. A União Soviética centraliza o poder nas mãos de ditadores, é Stalin, não sei o quê; Fidel Castro, em Cuba. Então, já não / base socialista. É a mesma coisa, quando a gente está falando de educação e comunicação, de educomunicação, e não tem aquela intervenção nas relações de poder, né? Vou fazer o moleque pensar, não é verdade? O que me fez me apaixonar pela e... comunicação. Foi isso, cara, ter uma coisa política ali no meio, social, uma coisa de fazer esse moleque pensar, e esse moleque saber que pensa e tem poder para falar de igual para igual com o presidente da Fundação.

(57:27) Guilherme – Mas, pode falar alguma coisa que pode cortar, tirar o *site* do ar.

Fred - É, então, esse que é o medo. Aí, você põe uma coisa no *site*, pode tirar no *site* do ar. Você vê uma situação muito engraçada. Você vê o Cláudio, que era um menino que estudava aqui, tinha um menino que falava bastante bem. Ele tem uma fala..., o dia que ele falou, que estava a Rosana. E a Rosana falou: “/ Esse moleque é um..., é um... Ele, além de se expressar muito bem, e tal, ele é um baita de um líder, tal, sabe articular.” Falou isso, numa semana. Na semana seguinte, ele foi lá reclamar de mudanças que tiveram dentro da Sede, que trocaram as pessoas, os instrutores, tal. Aí, ele foi bem repudiado. Quer? Deu a liberdade? Aí, o moleque foi lá, dançou. É engraçado isso, porque, assim, como as pessoas não estão ainda preparadas para lidar com isso. Mas, eu acho que é nosso papel, enquanto educador, hoje, (ruídos) / é a gente começar espalhar uma semente. Então, eu acho que a gente está começando a plantar uma semente, que a gente vai colher, sabe-se lá deus, daqui a dez anos, quinze, cinquenta ou cem. Mas eu acho que a gente tem que plantar, senão, ele não cresce. Eu acho que, nesse sentido, é legal, é positivo que a Fundação esteja trazendo, mesmo sem saber o que estava fazendo. Agora ela está começando a entender e a gente vai ver se ela vai querer ou não vai.

Daniela - / que o Fred estava falando / mundo capitalista, né, / que vem lá da Revolução Industrial. Eu acredito que hoje está mudando, já. A gente percebe. Que até mesmo as empresas, hoje, elas não vão falar em chefia, elas falam em líderes.

(Fred e outros questionam)

Fred - Muda só o nome, né? É hipocrisia.

? - Não, não é. Eu tenho certeza. Se você [ver dentro da Fundação] e se você pegar uma Johnson's, tem outra conotação, outro sentido totalmente diferente.

Fred - Tem. Na Petrobras também tem, por exemplo. Só que se você falar... Se o cara... Se o engenheiro... Eu acho bonito na Petrobras, eu faço muito trabalho como / O que que acontece. A gente chega, todo mundo fala bom dia sorrindo para você. Todo mundo está alegre, está bem. Tem um ambiente de trabalho legal, gostoso, um clima legal. Só que se cara, um cara que é engenheiro chegar para um que não é falar: "Faz isso daqui.", e o cara não fizer, debater, ele pode chegar e fazer isso, olha (encena a retirada de um crachá da camisa): "Pode subir para o RH."

? - Ah, mas, daí, é outra situação, né?

(59:46) Elis – Mas, ser participativo não quer dizer não ser diretivo. Você entendeu?

Fred – Não.

Elis – É. Porque eu acho que é uma opinião. Por exemplo, se nesse grupo não tivesse alguém organizando e dirigindo ele, nós não estaríamos aqui por livre e espontânea escolha, sentados, discutindo sobre esse tema. Então, eu acho... Eu acho que legal tentar limpar essa idéia. O que é essa gestão participativa? E da falta de diretividade? Eu não sei se a gente, enquanto indivíduo, a gente tem condições, ah, de... (instantes de silêncio) "Ah, hoje eu vou para tal lugar trabalhar, cumprir o meu horário, né, ser feliz, contente, participar de uma discussão sobre tal assunto que vai me ajudar...", eu não consigo pensar que a gente é capaz de fazer isso, assim.

(alguns membros questionam Elis)

? - / estereótipo.

Elis – Você precisa ter [a pressão de] uma diretividade.

? - Alguém mandando?

Elis – Não, não é mandando.

(1:01:00) Fred – Eu tenho um exemplo, aqui, na minha vida, que é muito forte; que eu acho que vai servir de exemplo para aquelas pessoas, para o resto da vida. Assim, foi quando a gente veio para o Parque da Cidade. Quando o projeto era /. A gente... Porque que eu falo isso, né? A gente podia fazer um espaço, como o Gilberto falou, que eu sabia quem a gente era[, tinha Caetano, quem era o Guilherme] /, os quatro sabiam o que estavam fazendo. Então, os quatro conheciam arte-educação; os quatro não conheciam conceitos de educomunicação, mas faziam educomunicação, entende? Então, se eu estava com a minha turma lá no teatro de arena ou se eu fui fazer uma outra coisa, eu não ia ter uma equipe que iria me criticar para o coordenador, não. Eu iria ter uma equipe que vai entender o que eu estou fazendo. Era uma equipe que tinha liberdade de vir... ir para onde quiser com os adolescentes. Eu acho que, assim, em relação ao trabalho efetivo com crianças e adolescente, a gente cumpriu a expectativa e foi além da expectativa do que a gente esperava, certo? Agora, em relação aos problemas burocráticos, problemas administrativos, conseguiram / bastante coisa para ferrar a gente. Quer dizer, a ordem capitalista, não é... Mas aqui, a gente controlou. Eu acho que, é...

O que eu acho? Eu acho que dá para ter sim. Acho que depende de a equipe ser madura, das pessoas serem maduras. Acho que é uma maturidade que, de repente, o ser humano, em relação à anarquia que eu estava falando, o ser humano, ele não está pronto para caminhar para a anarquia. Eu digo hoje; quem sabe um dia, né?

(01:02:33) Daniela - A questão, assim, não é que seja uma [besteira.] Acho que ninguém está pronto para vários conceitos. A gente vai mudando, está mudando e tal. Mas, eu acredito, ainda, que está acontecendo isso. Aí, é claro, que de uma forma ainda a passos de tartaruga, né? [Com a educomunicação] que a gente precisa mudar a educação, o ensino. Então, isso já está ocorrendo. Por exemplo, a gente começou aqui, na Fundação, né? / bem longe do campo da educação. Elas não sabem o que é isso. Então, eu acredito que a gente, hoje, tem um papel muito importante na educomunicação. / educadores ou profissionais. [Isso vai ser super importante na educomunicação,] que a tendência é essa, não adianta a gente desvincular o ensino com os meios de comunicação. Isso não tem / mais. A tendência é a gente ter..., o ideal, quer dizer, é a gente ter dentro de uma sala uma televisão, um DVD, um computador, isso é o principal, isso é fundamental. Esse é o meu ponto de vista. Então, eu acredito que nisso, a educomunicação, o principal papel dela é realmente sensibilizar os educadores, as pessoas. É, educadores, quando eu falo, no modo geral, é pai, mãe, também; não é só professores dentro da escola. A família se sensibilizar que, hoje, ela tem que criar, é, crianças [e filhos, além de educadores e adolescente] / para o futuro. Não educar de uma forma / tradicional, /, como o que o Gilberto falou, né, que é lousa, fica sentado, todo mundo quietinho, sem questionar. Então, eu acho que a educomunicação veio para isso. E, aí, ela muito recente. Então, quando o Fred comentou, que ele falou que as empresas, né, que modo capitalista ainda não / . Por quê? Por ainda é novidade aqui / do Brasil. Acredito que em outros países também ainda seja, esse movimento de educomunicação. Esse movimento que a gente tem de abrir as cabeças da crianças e adolescentes e tentar [montar fóruns], questionar e ser mais participativo, não só ouvir. [Porque] as crianças estão acostumadas a só ouvir, ficar sentado numa cadeira e ouvindo. Não estão acostumadas a participar, como a educomunicação faz, que todo mundo participe, de igual para igual. O que eu acho interessante, que na educomunicação, o professor e o educador, né, e os adolescentes e a criança é o mesmo nível, eles falam de igual para igual. A gente conversa com de igual. Quando está no planejamento do projeto, eles dão opiniões, eles falam. A gente dá todo o espaço. Não tem essa diferença, né, o educador com a criança e o adolescente.

(01:05:18) Guilherme – Mas, assim, [Priscilla], a gente / já. / para a gente, está claro isso aí, a discussão do que é [domínio], né? Agora, com a instituição, não está claro, né? O tipo de /, no momento, é esse choque. A gente vai lá, faz um evento, lá, legal, que a gente quer construção de igual para igual; mas, chega na hora do café, o horário do café, é separado, né? Então, a gente está aqui nessa discussão, né, legal. Mas, ali fora, está um outro profissional que não quer fazer a fotografia porque o menino está de boné; está discutindo porque o menino está de boné e não pode fazer /. Então, como teve esse choque, acontece a todo momento. A gente está / adolescente, agora o resto, né? Então, é isso daí. Vai dar, ali depois, na frente, alguém vai falar: “Opa, volte aí pro seu lugar”.

[Gilberto] - Aqui, a gente tem se unido com o adolescente. Mas, a gente com, digamos assim, mais restrição, não, aí é um modo tradicionalista: “Eu sou o chefe [, assim é a sociedade?] e acabou.” A educomunicação existe aonde você está com o adolescente. Mas, aonde você está com a instituição, o adolescente não /.

Fred – Às vezes, até falar de igual para a igual com a chefia, com a instituição. Porém, você,

com certeza vai ser... (membro ri e várias pessoas fazem comentários simultaneamente a respeito) Acho que alguma coisa vai acontecer.

Gilberto – Acho que ainda não se tentou fazer uma experiência como esta, pelo menos, no Brasil. Mesmo a experiência que foi feita lá em São Paulo, com as escolas, acho que não nunca se tentou fazer uma experiência com esse tamanho, envolvendo toda uma instituição, assim, grande como a Fundação, né? Uma coisa que tem, assim, muita novidade. Mas, eu acho, assim, uma crítica que eu faria, assim, eu acho que a gente tem que tomar cuidado para não fazer coisas que a gente critica, como aquela coisa do marketing, de ficar mostrando: “Eu fiz isso, tal, aquilo.”, edita algumas fotos lá das crianças entrevistando, né? Aí, acaba transformando em uma propaganda, mas uma coisa vazia. Será que aquilo está transformando de verdade, né? Ou, aquilo é só para mostrar para a comunidade, né? (algumas manifestações simultâneas dos membros)

Fred – Até pegando o gancho...

Guilherme – É que, a gente...

Fred – Depois você fala... Pegando o gan...

Guilherme - Gostaria que mais pessoas se manifestassem também, né? Porque a gente, assim, né... Acho esse grupo, assim, até interessante. Quando a gente está num grupo só, só com as pessoas que estão lidando com os adolescentes diretamente, a gente pode ficar mais tranquilo de falar esses problemas em comuns, né? Agora, caso... No caso, as pessoas fiquem quietas, a gente fica... Até que ponto isso aí... esse sigilo é mantido? Ou, então, até que ponto as pessoas vão ter liberdade para se expressar e falar à vontade?

(instantes de silêncio)

Fred – O que você está falando?..

(vários membros riem com certo ar de suspeita e por causa da ironia de Fred)

(01:08:28) Caetano – Ô, eu acho assim, a Fundação tem uma história interessante, né, que foi aquela coisa do lixo, dos sacos de lixo. Você sabe, né? Começou por causa disso, né? Os meninos chutavam sacos de lixo na rua e, aí, criaram um projeto lá para tentar trabalhar isso, né? A partir de uma necessidade que tinha. Até pegar por esse raciocínio do Fred, de classes e tal, uma necessidade da classe média, pá, pá, pá... Mas, ela nasceu disso daí, de uma questão de tentar, não é abafar, de tentar controlar um pouco isso, essa manifestação juvenil, né? E, isso há vinte anos atrás. Ela tem um pouco dessa cultura ainda, né, de controle, não de soltar os meninos, mas de tentar controlar. Essas questões administrativas, assim, existem mesmo. A administração anda mais lento do que outras questões. Se for comparar com a arte, então, não dá nem para comparar, né? A administração vai sempre num outro passo e pelas necessidades dela mesmo, né, essas coisas de: precisa organizar, precisa atender tal quantidade, precisa estar todo mundo na sala, precisa ter grade, precisa uma série de coisas. E é inevitável isso. Não tem como fugir. Não dá para soltar todo mundo nas unidades, que cada um faz o que quer. Por conta dessa estrutura mesmo, né? Essa questão que o Gilberto está falando, de marketing, tal, acho que o Educom, ele... Essa palavra é até estranha. Cada vez que eu falo, eu acho estranho, assim, educcomunicação. Eu acho uma palavra estranha. Eu acho que, assim, virou um grande produto, na verdade, que tenta se implantar. O Hermeto quer que seja

política pública e tal, né? E a Fundação está comprando esse produto e está tentando implantar também. E, aí, coloca vinte meninos dentro da sala, vinte e cinco, e todo mundo tem de fazer aquilo ali, porque é a nova política da instituição, né, a educomunicação. Comprou esse produto, então tem que usar, né? E, muitas vezes, não é isso que vai favorecer o adolescente, né? Vai favorecer muito mais a instituição, que está ali, né, questão organizacional? Vai favorecer o NCE, que vai implantar seu conceito, né, em mais um local. E, eu vejo, para a criança e o adolescente, aquilo ali não faz muito sentido. Está fazendo porque foi colocado, é uma obrigação. É necessidade, tem que fazer, tinha que escolher o eixo que, talvez, fosse legal, tal. E, aí, a rádio tem que ir para o ar; o jornal tem que sair; o vídeo tem que ser feito. Fica nessa necessidade mais institucional do que no tempo da criança e do adolescente, da necessidade deles. Eu tenho percebido atualmente, que eu estou lá na..., no lugar do Fred, no bairro A. E eles faziam rádio todo dia, né, Fred? E o gestor falou que o Fred conseguia fazer isso com os pés nas costas. E eu não estou colocando a rádio no ar. Às vezes, a gente sai, vai passear pelo bairro, andar e tal. Outro dia, a gente foi num..., tinha um barranco, lá, pegou uns papelões e eles ficaram escorregando e tal. E eu percebi que isso trás, assim, nessa questão da afetividade, do relacionamento, trás um resultado muito rápido. E que, talvez, com rádio, com vídeo, com a educomunicação não alcance tão imediatamente, tão... Eles pedem, atualmente: *“Ah, vamos sair! Vamos para fora. Vamos brincar, né?”* São crianças, querem brincar, tal, né? E os adolescentes querem espaço livre, querem liberdade, não querem se fechar dentro de uma estrutura. E eu acho, fica esse conflito, né? Que eu estava falando aqui, da implantação de um plano político-pedagógico, né? A fundação quer implantar isso, que ela quer ser referência, né? É uma novidade. É importante, tal. O NCE tem esse desejo que seja política pública. E os meninos, né? Muitas vezes não estão nem aí para isso. De repente, ele quer pegar um microfone e gritar, só, né? Ele não quer fazer todo um processo para sair um programa de rádio e tal. Se ele fizer, pode dar um resultado legal; mas, no imediato, não é aquilo que dá prazer, né, nem é interesse. E a gente fica nesse jogo de forças, né? No Virtual Educa, eu tive aquela sensação, assim, até falei lá, você estava na sala (dirigindo-se ao Coordenador): *“Pô, vamos prestar mais atenção para os meninos. Vamos prestar atenção, se a gente não está aqui para ser perfumaria, né, porque é bonito o menino aparecer filmando, entrevistando, tal, com gravadorzinho na mão, aparece em jornal. Todo mundo acha legal, né? Se é só isso, se é só a perfumaria da história, ou se realmente tem participação, né?”* Porque eles não participam das discussões daqui, por exemplo, não tem nenhum adolescente, nenhuma criança. Eles estão num outro momento, numa outra situação. Na verdade, eles não estão embutidos dentro dos processos. Eles participam às vezes, quando é interessante, porque precisa participar também, porque, senão, não é educomunicação, não é tentativa de equilibrar as relações, né? Então, a gente tem todas essas questões aí para serem discutidas. Mas, eu me sinto meio desiludido com essa questão da educomunicação, né? Eu participei da implantação, né? Eu fiz a primeira proposta de rádio na Fundação e tal... Só que, aí, a coisa vai ficando muito, né, por necessidade organizacional; você vai enquadrando muito, né? E, aí, você perde, né, por outro lado. Você organiza e perde de um outro lado, né? Então, eu acho que é isso, tem um produto que a fundação está comprando, está tentando implantar e que está tendo um choque, aí, entre a necessidade da criança e do adolescente e a necessidade institucional, né?

(1:14:41) Fred – O que eu acho também, que é uma coisa que a gente já discutia muito [, que é assim]. A gente vem de um projeto, concepções / que é de arte-educação. A gente foi capacitado para isso, tal. A gente já trabalha com arte-educação faz tempo. / nove, dez anos. A gente sempre discutiu, sempre quando a gente ia para São Paulo fazer palestra, *workshop*, a gente sempre discutia isso daí: o processo e o produto final. Certo? Que tem muita / trabalhar com o teatro. Você é cobrado, que no final do ano tenha aquela pecinha para apresentar para a

mãe, para o pai e para a diretora, certo? De repente, para a molecada, a molecada não está ainda... Tem criança que vai demorar um ano, dois anos para poder apresentar. Tem criança que, em dois meses, já está pronta, né? Então, isso é uma coisa difícil para você lidar. Acho que a mesma coisa a gente pode trazer para a educação e a comunicação, certo? É o quê? De repente a criança não está pronta. O Caetano falou: “De repente, a criança não está a fim de fazer o programa de rádio. Não é aquilo lá que eles querem fazer. Ou, não está pronta ainda para fazer os programas[, ou um programa] de vídeo, para estar fazendo qualquer coisa.” E, pela cobrança que a gente tem lá de cima, na relação de poder, lá de cima, a gente tem que demonstrar o que tem. Você está estendendo? Porque, senão: “Ah, não, a rádio não funciona. O Fred não apresenta peça de teatro.” Como que não apresenta, entende? Teatro tem de apresentar. Então, as pessoas que dirigem não têm essa noção do que o que importa para a molecada não é o produto final. E a gente tem que ter bastante confiança disso, porque isso não é balela, não. O que importa / não é o produto final; é o processo. Se o processo der o produto final: “Que bem!” Se não der: “Amém.” Entendeu? A gente discutia muito com o Nelson, que a gente / lá. A gente falava: “Meu, o produto final é a coisa mais fácil que tem. Então, beleza, fez o processo, não saiu uma peça de teatro, vamos fazer uma fotinho / levar. / Feito.”

(Interrupção. A administradora do espaço entra e pergunta se uma chave de moto é de um dos membros.)

Regina – Dá licença, só um pouquinho. Alguém aqui perdeu chave de moto?

Fred – Vixe! Qual que é?

(risos dos membros)

Guilherme – Deixa eu ver aqui.

Fred - É minha. Não, é sua...

Guilherme - / chave de moto.

Fred – Eu deixei na moto.

Guilherme – Não, não é não. Minha não é não.

Fred - Você tem certeza? (o membro pega a chave e confere) Obrigado!

(Emergem várias conversas. A formadora do NCE entra na sala, pergunta se o Coordenador permanecerá no Centro de Referência, à tarde, e que pode oferecer carona. Além disso, comunica ao Coordenador que sairá do Centro de Referência e que voltará a tarde.)

(1:17:25) Fred – Aí, voltando a esse negócio de processo, eu acho que é, assim, uma saída para os educadores é criar; tipo assim: “Não deu, ó. Não está no momento a turma ainda de fazer uma apresentação de teatro, né? Poxa, um recital, uma peça, eles construirão uma peça deles ou eles lerem uma peça que seja construída.” Aí, de repente, prepara os jovens. Isso é uma estratégia debaixo da manga para / da estratégia brasileira, de dar um jeitinho. Então, um jogo teatral que você fez na sala, de trinta, quarenta segundos, um minuto, você apresenta e beleza! A mesma coisa, essa jogada, você pode fazer em qualquer coisa de comunicação. Você

faz um programa de quarenta segundos. E aquilo /: “Não está bom, né?”

Gilberto – Existe também uma questão de introduzir algo que choque também, né? E existe uma... existe uma / espécie de censura também. Você tem de tomar certos cuidados. [Eu disse,] por um lado, existe aquela coisa de que eles devem produzir algo que representem a identidade cultural, o universo deles, aquela coisa; por outro lado, tem a questão da censura. Você não pode fazer nada que vá chocar, né?

Daniela – Mas, eu acho engraçado vocês falarem do produto final. Porque a hora que a gente apresenta o produto final, a gente também não tem apoio. Você vê pela nossa mostra, a terceira mostra...

(membro replica)

Fred – Mas tem que ter!

? - Não, sim. Via de regra, tem que ter. Só que, na realidade, a gente também não tem apoio para mostrar o produto final. É uma coisa muito contraditória, estranha, porque, [ah, igual,] para a gente apresentar a nossa mostra...] A nossa mostra é mostra [social], que a gente faz no final do semestre /, é, de tudo o trabalho, durante o semestre, que foi desenvolvido. Então, tem apresentação de dança...

(sobre essa fala)

Fred – Teatro, de música...

? - ...de teatro, música... E a gente tem uma resistência muito grande...

Fred – Tem.

? - ...aqui dentro da instituição, em apoiar esse evento esse acontecer, né, esse evento, e a gente realmente mostrar o produto final. Então, eu acho uma coisa até para a gente pensar, né? O que ela está querendo hoje da gente? O que ela está esperando? Eu não vejo que nem ela mesmo sabe o que ela está esperando, né? Então, eu acredito que [é tudo] muito novo ainda, até mesmo para a instituição, né?

(ruídos atrapalham a gravação)

Maria - / Comprou o produto, né, mas, só que muitas vezes, dá a impressão de que a própria instituição não leu o manual completo. (algumas pessoas comentam que sim) Porque, acho assim, a idéia que se tem é que o Educom é só para trabalhar aquele lado da criança ser mais desinibida, falar mais, comunicar mais. Mas, não se observa esses princípios que a gente conversa e discute aqui. E, aí, quando você começa a valorizar esse processo todo, né, para realmente fazer valer esses princípios que a gente discute, aí entra a censura, entra o produto final que tem que ter prioridade e não esse processo que o grupo está colhendo.

? - [Daniela], eu sou da mesma opinião de que a Fundação, acho que ela não sabia o que estava comprando.

? - Não sabia.

Daniel – E, além de ela comprar o produto, ela impede / (longo trecho truncado).

Fred – / tem que colocar no ar a rádio!

Maria - Sabe quando você vai ao supermercado; sabe quando você vai fazer uma compra e vê logo um produto novo: “Chegou!” Aí, você compra. Você chega na sua casa e vai ver: “Nossa?!” E, aí, você vai ver a utilidade daquilo.

Elis – Eu fiquei pensando, né, assim, qual é o verdadeiro conceito de educomunicação, que você fala muito de nível, né, essa coisa do estar junto com os meninos. E, se nós, enquanto instituição e profissionais, estamos realmente fazendo educomunicação, né? Ou se está sendo / Quer dizer, se a educomunicação é muito mais que isso; quer dizer, é trabalhar com os meninos na idéia de o que podemos fazer junto, essa questão da criticidade, da autonomia, né? De repente, dá impressão de que a gente está produzindo a atividade por atividade, o rádio pelo rádio, o jornal pelo jornal. Mas, o que que os meninos estão aprendendo com isso? Eu fiquei pensando um pouco sobre isso, trazendo assim, da [escola], né? [O projeto] / está longe do PPP, o projeto político-pedagógico. Hoje está em moda, né; quer dizer, você pensar a escola dos seus sonhos: “Os meninos serão críticos, autônomos...” Você pega toda escola, né? Você pega a primeira página, assim, do projeto, né? A fundamentação filosófica tem isso. Independente, você entra na escola, a própria estrutura das carteiras, a forma do seu diretor conversar com você, as relações que professor estabelece com o aluno é completamente contrário a isso. Então, a gente está pensando, né, será que a gente realmente está...

(fala sobreposta)

Gilberto - Elis...

(fala sobreposta)

Fred – [A Elis é] dialética e isso é uma dialética. Acho que isso é muito construtivo e / enriquecer, acho. E só tem a...

Gilberto – Eu já tinha falado com a Elis sobre isso; falar da área de rádio. A Fundação, ela está investindo bastante instalando rádios nas unidades. Só que a rádio demanda uma série de outros investimentos, manutenção, uma estrutura que você tem que ter, um preparo dos profissionais que vão trabalhar com isso. Tem a questão da edição, né? Se você for trabalhar com programa gravado, a edição, você tem que ter um conhecimento técnico; você precisa de computadores. É uma coisa demorada para a pessoa aprender de verdade, né? E, assim, parece, nessas coisas de rádio, especificamente, me parece que esse grupo não foi ouvido, na hora que decidiu investir mais em rádio, né? E, assim, por que que não se... É, por que não se baseou... Por que que não se baseou, por exemplo, na experiência do Educom.rádio, lá em São Paulo, que parece uma experiência super bem-sucedida. Bem diferente do que está sendo feito aqui na Fundação, né? Porque aqui na Fundação, a gente trabalha com esse sistema de turmas, né, turmas de quinze, vinte...

(várias pessoas comentam)

Guilherme – Vinte e cinco...

(mais comentários)

Fred – Vinte e cinco!

(comentários continuam)

Gilberto – Por que, como é que você vai trabalhar o rádio com uma turma de vinte, vinte e cinco?

(comentários continuam)

Guilherme – É cinco ali, no máximo, envolvidos diretamente, né? Com os equipamentos, com locução...

(comentários continuam. Adriana comenta que usa seus próprios equipamentos, pois se usar o da instituição e alguém quebrar, ela tem de pagar.)

Adriana – A gente traz o equipamento nosso, porque, se estragar...

(comentários continuam)

Gilberto – Se acontece alguma coisa com os equipamentos, a gente pode sofrer processo. Então, a você fica naquela pressão.

(comentários continuam)

? - [E as coisas rapidamente são mudadas, porque, é isso,] eu estou trabalhando rádio, não dá para eu ter os equipamentos. Aí, logo depois, aparece um programa de televisão. Entendeu? Então, as coisas estão pelo meio do caminho. / Tudo acontecendo ao mesmo tempo. [E vai ficando tudo pelo caminho.]

(muitas conversas paralelas)

Gilberto – Quando eu trabalhei na Feira, eu tive uma crise muito grande, porque eu queria fazer um programa de rádio. Eu tinha lá uma câmera lá de / . A rádio nem era...

(muitas conversas paralelas)

? - / No começo, promovia a reflexão, sabe, de algumas coisas que a gente queria... Eu estou falando isso, mas a oportunidade disso.

(muitas conversas paralelas)

Vanessa - / comercial da Fundação. É de qualquer projeto, isso nunca vai acontecer. / “Ah, mas por que não é igual?”, não vai ser, gente! Isso aqui não vai aparecer. Então, eu / dentro do grupo é até que ponto. O que a gente está querendo é a questão afetiva, a questão política? Eu acho que, primeiro, cada um tinha de resolver essa questão dentro de si. Porque / está todo mundo preparado /? Não está. Porque, aí, já são várias coisas que todo mundo foi carregando de anos e anos. Depois, a questão... Não tem como resolver. Isso, por exemplo, está aqui. A discussão [presente] é para quê? Porque isso aí vai / tantas coisas, que a gente vai se perder. E, aí, não tem como. Como que a gente vai determinar isso?

(vários comentários sobrepostos e risos paralelos)

? - / O que é processo e o que é produto final, para cada um e para a instituição? Por que depende da minha opinião / (trecho truncado). A instituição cobra um produto final, que é uma coisa concreta, /, palpável. Ela quer ver. Como, o tempo todo o pessoal colocou aqui, a questão de equipamento, a questão de turma, isso tudo é concreto. E, aonde está o abstrato? Aonde está o processo? Aonde você conseguiu atingir, né? [Pior que até é uma das] minhas angustias. Eu não consegui tudo produto nenhum. Eu não vou atingir, não vou conseguir. Porque eu trabalho oito meses. Então, em oito meses, o meu produto é hora que ele traz uma coisa que ele [carregou].

? - Você conseguiu o processo.

Rosana – É uma angústia / até com a instituição, né? Por que vem muita cobrança, como eu já falei. Tudo bem. Eu não tenho. Não sei se eu vou conseguir ter o produto concreto. Mas, eu consegui passar alguma coisa para eles; eu vejo que existe uma mudança. Eu vejo a educomunicação dessa forma, é você conseguir com que ele mude, que ele perceba alguma coisa e que a gente / o processo. E não deixe de refletir: o que é produto e o que processo para cada um.

(01:29: 34) Paula – Eu estou me sentindo, assim, um ET dentro da instituição. Eu não me sinto cobrada de um produto final, mas de modo algum. Tanto que, das últimas vezes, na Expo, quando pegou para [selecionar] o produto, o que nós tínhamos como produto... (interrupção da fala por causa de ruído na sala ao lado) O que nós tínhamos como produto, nós rejeitamos. Nós mostramos, na Expo, o processo. Foi muito interessante. A gente teve que rever o processo com as crianças, com os profissionais; era uma coisa para cada um. E, nós mostramos... decidimos mostrar esse processo. Então, pegamos o símbolo, o significado, fizemos uma colcha de retalhos com tudo que a gente tinha vista para que tivesse um produto, porque ficamos realmente no processo. Não sei se é uma coisa de unidade. Porque, quando você falou de algumas umas coisas, é isso que eu estou pensando: É a questão da disciplina que pega nas atividades? É isso que é cobrado? Porque nem isso eu consigo saber. A gente não passa por isso. Não sei se a Teresa concorda com isso? A Teresa que acompanha a gente. Não se se concorda, mas eu não vejo nem essa cobrança para disciplina. E me preocupa, às vezes, quando o Fred fala, por exemplo: “Ah, quatro grupos, um pra lá, um cá, outro pra lá. Daqui a pouco, chegam alguém e pergunta: “O que que eles estão fazendo aqui fora?” Põe pra dentro de novo.” Será que é esse o nosso papel? Quando alguém chega e reclama desses meninos, será que é realmente o nosso papel colocar de volta para dentro? Falo assim: “Ah, desculpa. Eu erreí assim.”

(várias pessoas falam ao mesmo tempo)

Fred – Não é esse o nosso papel. Mas, só que daí... Só que depende. Aí, depende para quem você vai ter que responder alguma coisa.

(várias pessoas falam ao mesmo tempo)

? - O presidente anda visitando as unidades? Ele tem aparecido do nada.

(várias pessoas falam ao mesmo tempo)

Fred – / três quatro anos de perseguição, que você sabe que é da classe “bem-vista”, aí, você sabe que, depende do que você falar, pode virar “u-hu” (sinaliza balançando as mãos). Então, é melhor / o dele, ok. “Ai, molecada, vamos entrar porque a mulher não quer que vocês fique aqui.”, pronto! Você [queima a outra] pessoa e você entra? O que você vai fazer? Se fuder mais ainda?

(risos e vários comentários simultâneos. Ironia com o palavrão falado. Várias pessoas fazem o som de corte, “pi.”, como se censurassem na gravação certos trechos do que foi falado)

? - O que você está mostrando para o menino? Você está mentindo?

(vários comentário simultâneos)

(alguém fala, como se estivesse censurando os comentários) – Pi, pi.

Coordenador – Eu queria dizer que a gente já está chegando ao final dessa atividade de hoje...

Maria - / o rumo que a conversa tomou.

(o Coordenador tenta responder, mas os participantes falam várias coisas e uma repete a mesma pergunta)

? - O rumo que a conversa tomou corresponde com as expectativas?

Elis – Não, por enquanto não...

(várias pessoas falam ao mesmo tempo)

Daniela - Hoje foi desabafo.

Coordenador – Em alguns momentos, quando vocês falavam, né, dos jovens, das condições de trabalho, dava a impressão de que vocês falavam também de vocês, assim. Então, é... Deixa eu ver: dificuldades para eles; [fala-se de aprendizagem], mas, na hora de aplicar, a história é diferente. Aí, vem aquela história: comprou o produto, mas não leu o manual direito. Esse pessoal fica fazendo essas coisas, tipo, ficar se encontrando, falando, levantar idéias e, de repente, vocês não poderem. Ou, não é o caso? Que pode incomodar e a instituição, por ser instituição, quer dizer, uma prática disciplinada; às vezes é mais, às vezes é menos, mas, em geral, ela é... ela tem um papel auto-conservador, de permanência e tal. É, bom, e até aparece uma pesquisa, de repente, no meio do campeonato, para falar se trabalhar em grupo interfere na educação, ou não. Qual o papel, né? É importante ou não importante trabalhar em grupo, né? E / a gente falou muito de eu, né? E em poucas frases se falou em grupo de educadores. Algumas vezes se falou do grupo de jovens. Uma pequena pontuação que eu faria e, aí, entraria essa questão; quer dizer, parece que vocês estão se sentindo bastante desapontados e abandonados, assim, mas não só pelo... bastante pela instituição, que vira o... É uma questão porque ela tem o poder sobre cada um, individualmente, né? Mas, entre vocês também. E, aí, entra essa questão, o colega do lado, aquele que estaria na mesma, no mesmo patamar hierárquico, também não está formando... formando um vínculo de grupo. E isso não significa ficar sem contradição. / Não se falou muito, assim, do grupo de educadores, aqui, hoje. É curioso. E é isso aí é uma questão que vai ficar para os próximos encontros, para a gente avançar nisso. E, quanto a responder à questão, a questão vai ser respondida por vocês e

a resposta até... Acho que a tarefa da pesquisa, mais do que ver se tem uma resposta para a pergunta inicial, é ver que pergunta que se tem para essa resposta que o grupo vai dar, né? Acho que é a tarefa maior da pesquisa e contará com a colaboração de vocês. A gente vai se encontrar... o próximo encontro é dia 6 de setembro, se eu não me engano, das dez ao meio-dia, de volta aí, aqui no Centro de Referência.

? - Véspera de feriado...]

(várias pessoas se manifestam e riem)

Elis - Fica longe, né? Parece que dá uma parada...

Coordenador – A gente vai conversar dia 6 de setembro. Enfim, e o grupo, mau ou bem, definiu algumas datas e, aí, a gente vai seguir essas datas. E eu acho que isso vai ser objeto da nossa discussão. Não se avexem com isso. Se tem procedência ou não, a gente vai discutir aqui. Aqui. Está legal? Eu agradeço muito a presença de vocês, a participação. Vamos continuar. Também dizendo que esse material está sob cuidado de pesquisa. Esta a meu acesso, acesso da Luciana e a minha orientadora, *only*. E, de vocês / solicitar isso. É isso.

(Ao final, enquanto os participantes esvaziavam a sala, dois participam dirigem-se ao Coordenador e questionam por que alguns membros não falaram. Comentam que não se sentem à vontade para falar, pois há pessoas da supervisão do projeto no grupo.)

FIM DA GRAVAÇÃO

Grupo Operativo 2			
Encontro	2		
Data	6 de setembro		
Local	Centro de Referência em Educomunicação – sala maior de atividades.		
Participantes (21)	Fernanda, Rosana, Guilherme, Ubiratã, Plácido, Vanessa, Daniel, Adriana, Mariane, Paula Lima, Gilberto, Nara, Marisa, Roberto, Elis, Teresa, Maria Rita, Priscilla, Fred e Caetano. Novos no grupo: Fernanda, Ubiratã, Lorenzo, Nara, Marisa, Priscilla. Ausente: Zélia		
Coordenador	Joari	Observadora:	Luciana
Tempo de gravação:	1h42m2seg	sistema de gravação:	Cassete (com corte) e digital

(Antes de iniciar a discussão do grupo, o Coordenador comunica aos novos participantes que a participação é voluntária e que há o Termo de Esclarecimento para ler, preencher e entregar antes do início da discussão, se quiserem participar.)

Coordenador – Bom dia a todos e a todas! É... Eu estava aguardando que o pessoal que está começando hoje lesse direitinho o Termo de Esclarecimento e tomasse a decisão de participar ou não, porque esse é um procedimento da pesquisa, eles são regidos, né, por algumas regras, e as regras estou tentando manter. Semana passada também a gente fez isso. Nesse primeiro momento, a gente leu, tirou algumas dúvidas, as pessoas perguntaram. É, então, assim, acho que um detalhe importante é que as discussões estão sendo gravadas, né? Até a Luciana já deixou o gravador aqui, meio mais no centro da roda para captar as discussões que têm sido... Essas gravações vão ser transcritas em texto, e, posteriormente, vocês vão ter até acesso para poder fazer uma leitura do que foi registrado, que não foi registrado. Porque em cima dessas transcrições e dessas atividades de discussões em grupo é que vão ser feitas as análises para discutir o tema da pesquisa, né? É, e aí, não sei, então vocês que estão chegando hoje, né, que souberam da pesquisa... Acho que até algumas pessoas já sabiam, né, que haveria essa pesquisa. É, a temática geral é o trabalho em grupo na educomunicação. Mas, aí, algumas coisas específicas a gente vai levantar no grupo. E aí, o que vai emergir dessa discussão, aí, é coisa da gente, é coisa da própria discussão e da reflexão que a gente está proporcionando, tá. Deixa eu dizer uma coisa para não esquecer. A gente está gravando em dois, dois equipamentos diferentes. A gravação do cassete ficou um pouco melhor, mas a gravação digital também ajuda, facilita um pouco a passagem para o computador e tal. (Barulho de um carro estacionando ao lado da sala de discussão. O grupo fica alguns instantes em silêncio, até acabar o barulho.) Vamos recapitular com vocês. O horário combinado é das dez ao meio dia, né? Conforme foi sugerido, semana passada, com dez minutos, aí, de tolerância para aguardar o início da reunião. A gente fez isso, basicamente. Tinha uma questão a mais, que é a presença dos novos no grupo, e aí tem a importância do Termo de Esclarecimento, né? É, e aí, as próximas reuniões, além de hoje e do encontro passado, são no dia 20 de setembro, às duas, das duas às quatro da tarde, e no dia 25 de outubro, das dez ao meio dia, que é, que são esses quatro encontros da discussão de um grupo operativo. Aqui, com vocês, foi agendado lá no começo de agosto, pela própria equipe, né, de comum acordo. É, na se..., na outra semana em que a gente se encontrou, no primeiro encontro, houve uma apresentação das pessoas, cada um. Eu gostaria de fazer hoje com os..., com os que estão chegando, fazer essa apresentação também. É, mas, antes até que se apresentem, eu queria recapitular rapidamente o que ficou, né, a meu ver, da discussão do encontro. Quer dizer, uma preocupação bastante grande entre o que se propõe como educomunicação e o que se consegue realizar sobre a educomunicação aqui na Fundação, né? É, um pouco sobre a história, né, assim, a origem da instituição, a sua finalidade, como ela é organizada de maneira hierárquica, né, relações de poder. Acho que foi discutido também, é... (barulho do carro saindo ao lado da sala de discussão) Houve alguns

questionamentos sobre o rumo da discussão, né? Se essas questões teriam possibilidade de ser resolvidas num grupo. Se isso teria solução, numa discussão, e a ação dependeria, a ação de vocês como educadores, como educadores nas unidades, dependeria de resolver essas questões. Se eram questões da instituição ou do grupo, afetivas, se eram políticas, o que eram essas questões? Mas, se isso responderia a alguma..., a temática geral da pesquisa, que é sobre essa organização em grupo, né? O quanto ela é importante para praticar a educação, se ela atrapalha, se ela ajuda, se ela, é... é um princípio fundamental, se ela é, na prática, acaba tendo de ser alterada ou não para funcionar a educação, né. Vocês que estão, alguns a mais tempo e outros começando agora, né, isso ficou também claro. Porque quem estava a mais tempo praticando tinha uma experiência e uma visão e quem estava chegando agora, estava observando, estava aprendendo, estava tentando descobrir o que é a educação. Isso ficou também da discussão. Então, é, o que que vocês como os praticantes, como os educadores, como quem está implementando o projeto, as práticas de educação, como é que vocês vêem essa relação entre o trabalho em grupo, a participação no grupo e a educação, na prática, né? Até mesmo, se os princípios e a prática conseguem dialogar, é... teórica, na ação, de que forma ela consegue fazer essa passagem. Isso foi um pouco do que ficou para mim, né? Foi dito que há várias outras leituras e vocês vão ter a oportunidade agora de recapitular também do ponto de vista de vocês, né? E essa discussão foi contextualizada não só na Fundação, mas também no contexto cultural; quer dizer, da..., do sistema econômico que a gente vive, do sistema político, capitalismo, socialismo, é, as teorias, né, os conceitos, a formação ideológica. Então, foi uma discussão bastante ampla. E, então, para inserir os que estão chegando hoje, antes de se apresentarem, o que que foi, a meu ver, esse primeiro encontro. Alguém quer adicionar uma impressão diferente ou reforçar alguma dessas coisas que eu falei?

(instantes de silêncio)(10seg)

(7:31) Gilberto - Foi falado sobre relacionamento do grupo, né? O que eu queria acrescentar, que, assim, que eu percebo em educação é que ela é incompatível com a rivalidade, né? Então, a gente... Não dá certo esse ponto-de-vista de que: “Eu quero ser melhor do que fulano. Eu quero me destacar mais do que fulano.” E acho que isso acaba estabelecendo um clima legal nas pessoas que participam do grupo da educação. E, em outras situações a gente não vê essa relação harmônica, né? Isso que eu percebo aqui na Fundação, uma relação bastante harmônica.

(instantes de silêncio)

Coordenador – Alguém mais? (silêncio) Então, daí, eu pediria, eu peço para os que estão começando no grupo hoje, que fizessem uma apresentação. Na semana passada, os outros já fizeram. Por dois motivos: primeiro, porque eu não os conheço ainda, totalmente; e, até para facilitar também a identificação de vocês na própria transcrição, né? Então, eu queria pedir a vocês que estão chegando hoje:que falassem o seu nome, falassem o cargo ou a tarefa que realizam aqui na Fundação e um pouco uma expectativa sobre esse grupo de discussão, discutir essa temática do grupo para a educação na Fundação. Então, deixo a palavra para vocês que estão chegando hoje se apresentarem, então.

Antônio – Antônio. Sou da unidade do distrito A. Praticamente, só trabalho a educação com os garotos.

(silêncio)

Coordenador – Alguma expectativa?

Antônio – Expectativa?

Coordenador – Sobre essa discussão.

Antônio - Para falar a verdade, nenhuma.

Coordenador – Está. Só peço para você falar um pouquinho mais alto, porque eu acho que não vai captar o som.

Antônio – Eu vou caprichar mais.

Coordenador – Está legal, mas fique à vontade, fale como você achar melhor.

Plácido – Bom, eu sou Plácido. Sou da UPG. Sou professor de Português. Ao contrário do Antônio, que ele falou “Só trabalha com a educomunicação com a molecada.”, é o que eu não consegui fazer, porque só tem sobrado uns segundos, alguns minutos para trabalhar isso com eles. Eu só trabalho mesmo alguma coisa quando eu trago eles para cá, em reuniões, em eventos, né? Então, é um pouco diferente, né? E a expectativa que eu tenho é que a gente encontre um caminho para realmente colocar em prática todo conceito, toda essa novidade. Eu sei também que tudo que é novo passa, demora anos para ser acertado, né? Mas, eu ainda estou acreditando ainda que vai dar certo, né? Ainda não funciona da maneira que eu imaginei quando eu fui convidado para participar disso, né? Mas, não perdi a esperança, não. Sou muito jovem ainda...

(risos e comentários sobre a última frase de Plácido)

Marisa - Marisa... Meu nome é Marisa. Sou psicopedagoga do Programa Aprendiz. Entrei na segunda turma do grupo de estudo. Estou começando também. E a minha expectativa é ver o projeto ver deles andando. (risos) Estou trabalhando no projeto deles. Então, eu também assim, o que a gente pode estar fazendo, né, solicitando, pedindo [o uso da sala], ajudando mesmo a por em prática o projeto da UPG, que é a rádio.

Coordenador - Ah, deixa eu aproveitar. A Marisa lembrou, na apresentação dela, de algo que eu esqueci de perguntar para vocês, que é a formação profissional. Ela falou que é psicopedagoga, né? O Antônio e o Plácido, quais são as suas formações?

[pequeno trecho truncado] (vários participantes falam ao mesmo tempo)

? - O Plácido...

Antônio – De trás para a frente? (Coordenador sinaliza que sim) Eu fiz gestão empresarial. Antes disso, fiz propaganda. Eu fiz propaganda, artes gráficas. Nessa parte de comunicação, sempre trabalhei com essa área, né? Antes, dava cursos da parte administrativa da Fundação. Depois, que eu passei para a parte de artes.

Coordenador – Eu não lembro a formação... (indicando Plácido)

Plácido – Sou professor.

Coordenador – Professor de Português? (participante sinaliza confirmando)

(11:59) Priscilla – Sou professora Priscilla, da unidade F – divisão criança. Eu trabalho com informática. E depois que eu entrei[, eu sei,] eu acredito, desde quando você entra na informática, a criança está na frente do computador criando alguma coisa, ela já está se comunicando, já é educomunicação. Depois que eu entrei para o grupo que eu consegui [internalizar] isso, né, e trabalhar mais com as crianças.

Coordenador – Priscilla, né? (a participante confirma com um sinal)

Nara – Eu sou a Nara, é, orientadora pedagógica do Programa Arte-Educação e a minha perspectiva é que esse Centro realmente dê o suporte, né, para os profissionais, né, essas capacitações continuadas, para nós, né, o grupo aqui. E que cada vez mais a gente vá..., possa aprender para estar dividindo entre nós, nos nossos momentos.

(Instantes de silêncio. Os participantes olham para a pessoa ainda não se apresentou. Ela percebe e ri.)

Coordenador – Você...

Fernanda – Meu nome é Fernanda. Eu trabalho na UPG. Na Fundação, é, dou aula de turismo e hotelaria. Eu entrei agora, agorinha mesmo, para estar fazendo parte, aí, do Educom, do educomunicação. Mas, sei, né, a gente conversa pra caramba. Já participei de alguns eventos aí de educomunicação, mais por interesse mesmo meu, assim, não porque eu estava participando desse grupo. E minha expectativa é que realmente isso sirva para transmitir conhecimentos, que eu acho que é o que nós aqui desejamos, de uma forma mais, vamos dizer, compatível com eles mesmo. Para ver se consegue algumas atividades com os jovens, hoje, né, atenda às expectativa dele e com o [i] deles e com isso a gente consiga transmitir o conhecimento de forma mais... mais... Não é mais rápido; mais de acordo, de acordo mesmo. Essa é a minha expectativa.

Coordenador – Queria pedir um esclarecimento. Vocês falaram do PG?

(vários participantes corrigem)

Marisa – UPG, Unidade Profissionalizante G.

Coordenador – Ah, tá, UPG! Está legal. Essa eu ainda não conhecia.

Fernanda - É que cada unidade, né, são várias unidades. Então, tem a unidade H e nós ficamos com essa sigla aí. (risos da participante) Unidade Profissionalizante G. É estranho, mas é isso aí mesmo.

Coordenador – Esta legal. (instantes de silêncio) Bom, acho todos já se apresentaram, né? Então, eu passo a palavra para vocês. Vou tentar um meio de tentar coordenar, quando necessário, tentar reunir aqui a fala. Mas, a temática, o conteúdo, como foi o encontro passado, é puxado mais, na verdade, por vocês, que são os educadores, né, convidados para esse debate sobre a ação do grupo com a educomunicação, estabelecer um grupo para funcionar a educomunicação. Eu passo a palavra para vocês. Se alguém quiser recapitular... Eu acho que o Gilberto já tentou recapitular alguma coisa do primeiro encontro, né? Passo a

palavra de volta.

(instantes de silêncio)(17seg)

(16:14) Adriana – Qual é, assim, a questão? É [saber o] nosso trabalho, é isso?

Coordenador – Bom, é, a questão, assim, que atravessará esses quatro encontros é discutir a relação de grupo, a atividade em grupo, a organização em grupo para o trabalho que vocês realizam de educomunicação. Os temas específicos, eles estão aparecendo na discussão. Naquela semana em que a gente se encontrou, a gente seguiu um pouco o curso que vocês trouxeram. Até, no final, foi curioso. Não sei se vocês lembram, né? Aí, ficou a pergunta: “Não, mas isso que a gente está falando responde a pergunta da pesquisa?” Alguém lembra? (alguns participantes riem e comentam) Houve uma dúvida, né? Alguém chegou a pensar sobre isso?

Vanessa – Então, mas aí eu perguntaria sobre isso mesmo. Porque, igual, você falou todas as condições para a gente participar da pesquisa, só, que eu entendo, a gente não acordou como vai ser isso. Porque, como que vai aparecer isso na pesquisa? É, não querendo, por exemplo, ter preconceito com quem chegou agora ou não, mas acho que, assim, acho que isso vai dar diferença no pensamento de uma coisa que está se falando de alguém que chegou e nem está entendendo nada o que é a educomunicação, por exemplo. Então, a gente não sabe, se a partir de semana que vem, se chegarem os companheiros nossos de educomunicação de antes e ele quiser participar, aí ele vai se apresentar, todo mundo vai falar, entendeu? Então parece que... Isso é uma coisa que me incomoda no grupo de educomunicação, por isso, eu estou falando agora. De sempre... Quer dizer, na verdade, é um grupo que eles nunca se conhece. Há um ano está junto (fala rápida e truncada)/, não sabe o que pensa e não se conhece... Aí, toda vez / o tempo que ser perde com isso é uma coisa que me incomoda e é uma coisa que... Dá a impressão de coisa meio sem descrédito. Não no seu caso, só estou dizendo. Mas assim, às vezes... Então é uma coisa assim, como vai proceder isso tudo? Vai poder entrar sempre? Vai poder, né... É uma discussão, só um debate? Como vai sair isso no estudo? É aberto? É fechado? Então eu queria saber.

Coordenador – Você tem alguma proposta, Vanessa, em relação a isso?

Vanessa - Na verdade, eu queria ouvir você.

Coordenador – Hein...?

(18:20) Vanessa - Eu queria ouvir você. A princípio, como você vai levar? Já que está assim...

(18:24) Coordenador – Está. Então, eu vou contar um pouco qual foi o critério, né? Acho que até que já tinha comentado com a Nara, né, algo mais nesse sentido, né, das pessoas que estão entrando na equipe de educomunicação agora. Quando houve a conversa com a coordenação, né, eu dei a sugestão de fazer com os educadores. Não houve uma restrição em relação a educadores já mais antigos da equipe ou educadores novos. E até ficou aí que eu acabei fazendo uma ampliação. O grupo, é, esperado para ter a discussão era um pouco menor, de dez, doze pessoas. Mas, aí, refletindo a respeito da possibilidade de fazer com a equipe por volta de até vinte pessoas, então, foi aberta a possibilidade de participar a equipe inteira que é denominada de educadores.

Vanessa - Com certeza.

Coordenador – É... E semana passada eu perguntei se tinham outras pessoas, se até... Eu estava, então, preocupado, que se é um grupo, se é muito grande. É lógico, há mais..., mais dez, quinze, só que fica... O tempo acaba sendo curto para todo mundo falar mesmo, né? Ele que é... Essa que isso é uma parte importante da pesquisa, que as pessoas falem. Embora, o silêncio também tenha um sentido, né, dentro do grupo. É, mas eu acho que essa questão que você está colocando, acho que podemos definir alguma coisa. Se vocês acharem necessário a gente encerrar essa... esse movimento de inserção de pessoas para essa discussão; quer dizer, quem veio hoje, continua; agora, daí sim, semana que vem não entraria mais ninguém. Seria isso?

Vanessa – Não.

Coordenador – No próximo encontro, aliás?

Vanessa – Não. Acho que proposta seria bom você esclarecer novamente qual vai ser a temática que vai estar discutindo, que, por exemplo, uma eu não possa participar. Por exemplo, se for um relacionamento em grupo, se eu cheguei aqui hoje, eu... Entendeu? Eu não consigo. Agora, se for uma coisa que já acontece no trabalho, que não precisa ser chamado educomunicação, mas essa pessoa já faz [todo dia] essa relação, se é questão afetiva entre, é, por exemplo, o adolescente e o educador, aí já dá para você discutir, quando chegar. Então, na verdade, acho que não ficou muito claro para mim, é, qual link você vai pegar.

(instantes de silêncio)

Coordenador – Olha, a questão é bem abrangente mesmo. É tentar enten... É discutir a relação da organização em grupo, né, que é proposta, né, nos princípios de educomunicação, vocês recapitularam isso, né, no primeiro encontro, e a realização que vocês conseguem fazer disso. Mais do que, assim, os princípios, como é que isso se dá na execução. Como é que vocês como..., que estão nesse papel de educadores, como é que vocês vêem isso possível na realidade de uma instituição, de um momento histórico específico. Várias questões foram levantadas. As questões específicas, quer dizer, tem algum detalhe, um modelo institucional, isso vai aparecer na discussão que vocês trouxeram, mesmo. Eu não estou trazendo o detalhe, né? Estou colocando a questão só, bem ampla. Se eu não me lembro, no outro encontro, foram levantados vários detalhes interessantes, né? É, eu não sei se eu consegui captar bem a questão que você colocou, então. Você quer que feche mais, seria isso? Não, [não é boa a pergunta]? Não sei se alguém entendeu de outra forma?

Vanessa – Ficar claro do que a gente está falando e se vai ter necessidade de ser fechado ou aberto. Mas, aí, acho que as pessoas podiam definir, né?

Coordenador – Para alguém... Alguém se sente um pouco mais à vontade, se sente... Acha que está claro para si o tema da discussão? (Instantes de silêncio. Alguns membros conversam paralelamente. Um participante tenta falar.) Você a... Qual é para você, Gilberto, essa...

Gilberto – O tema é o relacionamento do grupo de educadores.

Coordenador – Todos ouviram?

Gilberto - Como se dá esse relacionamento.

Coordenador – Você entende que discutir o grupo é discutir o relacionamento entre as pessoas no trabalho. É isso?

Gilberto – Bom, eu entendi que é o relacionamento neste grupo aqui.

Coordenador – De educadores.

Gilberto - No caso, a gente também não está levando em conta os adolescentes, crianças que participam[, têm uma presença legal,] fazem parte do grupo também. Mas, o tema é relacionamento desse grupo, das pessoas que se encontram aqui, né?

(instantes de silêncio)

Coordenador – Isso contemplaria, Vanessa, essa questão? É uma questão de mais outras pessoas, essa questão que a Vanessa levantou?

(Dois participante começam a falar simultaneamente e param. Uma delas reinicia a fala)

Adriana – Então, a gente só vai discutir a relação do grupo / ou o nosso trabalho junto ao grupo? O trabalho que eu faço como / ou somente / aqui?

Coordenador – Eu acho que é possível discutir os dois.

Adriana – Mas fica meio confuso.

Coordenador - É que não sou eu que está determinando o que vocês vão discutir. Eu propus o tema.

Adriana - Mas fica meio vago./

(vários participantes falam ao mesmo tempo)

Vanessa – Esta ficando muito vago porque o grupo é muito vago, entendeu? É isso que vai começar a aparecer. Mas, de que forma? Uma pessoa que não está nesse convívio, por exemplo, ela não sabe isso. Quando vai nessa linha, não dá para ficar entrando gente. Agora, se não, se for de relacionamento que a gente já faz nas unidades, aí dá para sempre chegar gente. A gente precisa saber que linha que você vai levar para saber do que a gente vai falar.

Elis – Eu concordo com um pouco com o que a Vanessa falou, por que fiz essa pergunta no primeiro encontro, né: Se eu aqui há três meses deveria estar no grupo discutindo a relação da educação dentro da Fundação, né? Eu vi..., eu vim para o grupo devido a minha função e, de repente, é, como é que a gente... É... Se seria ideal, se teria condições de falar sobre a educação dentro do aspecto da instituição, do próprio grupo, agora que eu comecei a conhecer o grupo, tal. Então, eu acho que, nesse sentido, a Vanessa realmente tem razão. A gente está tentando fechar um pouco mais, né? Tipo, é, daqui para a frente vai..., vai chegar mais gente no grupo? É, que tipo de compromisso que o próprio grupo tem com o grupo? Porque hoje eu achei super legal. No primeiro dia, a gente teve super dificuldade de se organizar para sentar, né? E hoje, eu acho que a gente conseguiu, o grupo conseguiu fazer isso

de uma forma mais, é... Não sei usar uma palavra, mas eu acho que a gente se dispôs melhor a estar aqui. Mas, a gente perdeu um tempão de discussão, né? Então, eu acho que o próprio grupo tem que se comprometer em tentar definir isso um pouquinho isso entre o grupo, né?

Nara – É, eu acho assim, tudo certo com a colocação dela; eu também, né? Mas, eu acho assim, que se a proposta da Fundação é ampliar a educomunicação nas unidades, a vinda do pessoal que está chegando... Para falar bem, deveria ter mais gente aqui. Concordam comigo? Só que isso: “Está chegando! Está chegando! Esta chegando!”, realmente isso acontece. Mas, pode aparecer mais outras pessoas estarem chegando no grupo, né, que essa é a proposta, que mais profissionais participem do grupo.

(falas sobrepostas)

Marisa - Não, Nara. Mas, aí você está confundindo.

Nara - Não. Eu sei. Eu sei...

Marisa – O grupo do Educom com o do estudo dele. Porque, daí, não dá para explicar uma coisa se...

Nara - Eu sei. Eu sei. Aí, eu só vou completar. Então, quem está chegando agora não sabe o que você está falando o quê. Você está chegando e não sabe o que é o sentindo do Educom, né, para estar participando do grupo dele. Eu acho assim, que quem está chegando, né, pode não expressar, não saber, né, o que que é o trabalho, mas vai estar sendo, vai estar aprendendo sobre o trabalho.

Fernanda – Eu acredito também que as pessoas que entram no Educom, aconteceu isso comigo, falam assim: “Você pode!” Mas, no meu caso, eu pedi para entrar no Educom, entendeu? Então, são pessoas interessadas e que acompanham de uma certa forma o trabalho do colega. E o que que está acontecendo dentro da instituição? Eu concordo com a colocação dela de que realmente o que você quer avaliar, acho que é a preocupação, se vai dar para ser desse jeito. Porque fica assim, toda hora chegando pessoas, chegando pessoas, e a gente..., você ou ela, alguém tem de ficar explicando, explicando, há uma perda de tempo. É isso, você entendeu? E esse tempo a gente poderia estar discutindo o que realmente você gostaria de estar ouvindo ou até a gente...

(Os participantes reagem. Várias falas sobrepostas.)

Nara - / que chegar, aí, a gente fecharia com esse grupo.

Fernanda – Agora a gente não está entendendo o que você está querendo propor. O que a gente está pedindo é para você deixar mais claro o que você quer.

Vanessa – Exatamente.

Fernanda - Só. Você entendeu? Quando ela começou a falar, eu sen... eu fiquei assim: “Ai meu deus!”

(falas sobrepostas)

Coordenador - Acho que...

Fernanda - Estou chegando hoje e / dividindo.

Coordenador – É.

Fernanda - Depois...

Nara - Não.

Fernanda – É claro. Depois eu comecei a prestar atenção; não foi.

Nara - Não. Não é isso.

Fernanda – O que não está claro é o que você realmente quer.

Nara - Por isso que eu fiz essa colocação. A...

Fernanda – O que nós queremos, por exemplo, que ele... [Tentei ouvir] o seu nome...

Coordenador – Joari. (outros participantes também informam)

Fernanda – Que o Joares...

Nara – Joari. (outros participantes também corrigem)

Fernanda – Joari. Ele deixe mais claro o que ele quer, a proposta dele. A discussão que ele quer para a gente chegar ao objetivo, à visão, à missão...

(A participante ri. Outros membros riem em sequência.)

? - É...

? - A qualidade de trabalho...

Fernanda – A qualidade. Tem de ter uma qualidade. Vai ter o quê? A gente vai fechar. Porque você tem que fechar, não é? Dá licença! Agora, eu estava vendo, ela passou as datas para mim. São três... (várias falas sobrepostas). Com hoje, são três quintas. Teve uma; hoje, duas; vão ter mais mais duas. São quatro! Então, não é tanto tempo assim. Então, eu entendo a preocupação dela. E eu entendo que no primeiro que vocês tiveram não ficou claro, nada. E hoje, a gente está tentando que você deixe claro.

Fred – Eu acho, para mim fica claro, até antes do Joares falar, fica claro que... (outros participantes interrompem para corrigir o nome do Coordenador)

Vários – Joari!

Fred – Joari! É verdade. Foi mal, foi mal...

[Fernanda] – Não, até aí, tudo bem. É que a gente...

Fred – Mas, para mim, fica claro, no sentindo assim, de que é um momento, assim, de a gente expor. E, partir da exposição que a gente fizer, ele vai estar levando o trabalho dele para o lado dele, entendeu? E não é trabalho... Não sei, pelo menos é o que eu entendi. Não é uma coisa fechada que a gente vai ter que expor.

(30:10) Fernanda – Mas não foi isso a questão que ela colocou!

Fred - Espera aí, não sei.

Coordenador - Deixa eu...

(vários participantes falam e riem ao mesmo tempo)

Vanessa - [Na próxima, abrir com nós educadores. Apresenta tudo de novo. / está aqui.]

Nara - Mas, aí, quem tem de determinar isso é ele, porque é uma pesquisa, é um trabalho feito por ele, né?

Vanessa – Também. Uma forma.

Coordenador – É.

Nara – Ele também tem que determinar.

Coordenador - Eu acho essa... Essa discussão está sendo muito interessante. Não sei se vocês já perceberam, mas ela, na verdade, tem tudo a ver com o tema da pesquisa.

(alguns participantes falam ao mesmo tempo)

Fernanda – E também a...

Coordenador – Eu acho que há dois níveis em relação a isso, diferentes. Um é o, assim, a relação da discussão aqui no grupo, quem são as pessoas de grupo de discussão que vão tocar o barco. E outra história é a relação, é... das... desse processo de novas pessoas para a ampliação da equipe de educadores da Fundação. Elas não são a mesma discussão; são, mas são indiretamente relacionadas. Por quê? Porque eu estou vendo que isso está aparecendo aqui, já. Esse pro... Essa questão desse... de novos, mais antigos e tal. Em relação a entrar novas pessoas, eu não tinha como prever isso, porque até a quantidade de pessoas que me havia sido informada seria vinte, menos que vinte pessoas. Então, eu não precisaria fazer uma, né... Combinar nada: “Olha, vamos fechar em vinte. Certo? Mais de vinte, não!” Se são vinte e três, quem são as pessoas que não vão participar? Então, essa é uma questão nova também, para mim. Quer dizer, chegarem outras pessoas hoje, né? Mais do que eu havia previsto, ou menos? Isso eu não contabilizei ainda, né, quantas pessoas a gente fechou o grupo. Então, em tese, o grupo já estava definido, no encontro passado. Era o grupo que estava presente mais algumas pessoas que não puderam participar por alguma motivo, né? Mas, não ultrapassaria esse número de dezoito a vinte pessoas. Hoje, está sendo colocada uma coisa a mais: “Mas, semana que vem pode chegar mais gente.” Isso é uma coisa nova para mim também. Nós tínhamos uma combinação. E agora acho que a gente pode ref... refazer, até pela, é...

? - Foi a fala da Vanessa.

Coordenador - Pelo lembrete que vocês estão fazendo. E esse lembrete não é à toa. É porque isso faz parte, pelo jeito, pelo que eu estou entendendo, de algo que vocês estão vivendo no grupo de educadores mesmo, que é esse processo de ampliação da equipe. Quem são as pessoas? Quem não são as pessoas, né? Por isso que é uma... uma discussão, que, embora não seja a mesma, para definir a quantidade de pessoas da discussão, a quantidade de pessoas daqui, mas ela está diretamente relacionada com o trabalho em grupo de vocês, como é que vocês organizam, a educação aqui na Fundação. Em relação a definir a quantidade de pessoas do grupo, eu estou aberto. Vocês estão colocando a proposta, então, para a gente, é, encerre a inserção de pessoas de pessoas para essa discussão, no encontro de hoje? Tudo bem. Acho que, para mim, também, é... fica tranquilo. Até porque, de fato, ampliar mais o grupo vai ficar um pouquinho mais..., dificultar um pouquinho mais a discussão. E nós só teremos mais dois encontros, né, além desse. Não sei se, Fernanda, se deu para ficar claro, um pouco. Porque eu também não tinha essa previsão, de quantas pessoas entrariam a mais. Mas, eu tinha mais ou menos, não chegou a ser formal e tal. Foi numa conversa, né? Inclusive, foi uma conversa que naquele primeiro dia de agosto de encontro de vocês. Foram levantadas datas e eu perguntei: “São quantas pessoas?”, para ter uma idéia, “Tantas”, “Ah, então tudo bem.” “Está claro. Então daremos conta.”, né? Agora, acho que tem essa questão nova e, aí, eu pergunto: Fechamos, então? Assim, definimos que o grupo que vai continuar somos só entre as pessoas que estão aqui, hoje. No próximo encontro, se vier outra pessoa, daí, não entraria. É isso? Para a gente... Tem...

(algumas pessoas afirmam que concordam)

Vanessa - Então, acho que pode direcionar para que o grupo não tenha mesmo uma identidade. Quem chegar... Chegou hoje, entra, entra no [lugar do outro]. Chegou antes, está aprendendo. Eu acho.

Coordenador – Olha...

Vanessa – Na verdade vai ser isso [que vai ficar]. Vai ser um bate-papo e você vai o que você, né...

(34:36) Caetano – Joari! Oi, Joari! [Tenho uma coisa] assim, acho que tem de fechar o grupo mesmo, né? Por uma questão prática, fecha, conclui o trabalho. [Se precisar], monta outro grupo com outras pessoas e tal. Mas, acho que está aparecendo aqui, a gente vai discutir relação de grupo, é você discutir relação de trabalho; grupo com a instituição, as relações de trabalho. E está aparecendo que na verdade é um cansaço, é uma pressão, uma necessidade de tempo, né, de agilizar as coisas por conta de que a gente tem pouco tempo. E, pressionado, tem muita coisa para fazer e fica com isso na cabeça e qualquer coisa parece que é falta de tempo, né, para uma discussão mais demorada, mais lenta, outro, um processo mais lento mesmo de tempo. E, a gente está assim, está meio esgotado. Acho que... Não é isso? Acho que a gente está meio cansado porque é muito pressionado dentro da situação de trabalho, cobrado, muito exigido, né? E aí vai aparecer isso mesmo. Parece que é desnecessário estar nessa discussão para definir se vai fechar, se não vai fechar, se vai... A gente está assim, querendo que defina logo: “Vai ser assim. Vai funcionar assim.” ; por conta dessa situação de trabalho nossa, né?

Coordenador – Bom, é, na verdade, mantenho o que eu tinha previsto. Eu acho que definir um

grupo de vinte pessoas, né? Não sei nem contei se são mais de vinte ou menos de vinte pessoas, hoje. Eu acho que passou um pouquinho, mas não tem problema. Acho que, então, daí, mais pessoas vai ficar complicado mesmo. Não é nem combinação nova, já é o que já estava previsto, um teto de vinte pessoas no grupo, para poder aproveitar bem esse tempo, duas horas que a gente tem para conversar. É, agora, eu que eu não tinha previsto é que poderia entrar mais gente, ainda, né? Porque está num processo, aí, de a equipe ser ampliada. Isso eu também não tinha o conhecimento. E é legal que vocês estejam trazendo. (silêncio) É, fica mais claro, Fernanda? A gente define? Na verdade, é a gente manter o que já estava sendo combinado, Fernanda, um teto de vinte pessoas. Mas, acho que chegou a vinte e dois, vinte e um...

Marisa – Vinte e dois. É o Fred.

Coordenador – Ah, tá! Todos aqui vieram no encontro passado. Tem alguém do encontro passado que não veio hoje? Estão lembrados?

Paula Lima - Tem a Zélia.

Coordenador – A Zélia.

Nara - A Augusta, que é da unidade /.

(alguns participantes corrigem que Augusta não estava)

Elis - Mas ela não estava estava no encontro passado.

Nara – E a Zélia estava, né?

Coordenador – Tudo bem. Então a gente define. Quem já participou do primeiro e do segundo, continua. Daí, não entra mais. Quem já se apresentou.

Marisa – É, acho quem já se apresentou... Quem já fez toda essa parte, né? Porque, daí, já [pegou].

Fred – A Zélia faltou?

Marisa – A Zélia está / e não pôde estar aqui. Mas, ela já fez toda essa parte. Agora, se chegar alguém novo que não participou, acho que também perde um pouco o fio da meada, né? E nós só temos mais dois encontros. Se começar o terceiro, acabou.

Coordenador – Você tem razão.

Marisa - Né?

Coordenador - É o fluxo de um grupo, né? Porque o um grupo tem começo, meio e fim.

(participante fala baixo)

Coordenador - É.

Maria Rita - / Não tem noção do que foi discutido no primeiro encontro, até mesmo para dar uma continuidade. Ninguém fica cobrando o que está acontecendo. Porque, aí, vê a gente fazendo, de repente, um comentário e vai dizer assim: “Nossa! Mas...” O que será que a pessoa vai estar atendendo? Porque ela não pegou a primeira parte da conversa.

Coordenador – É... E há uma preocupação, em geral, manifestada, desde o primeiro encontro, né, de definir, de saber quem são as pessoas, quem são os pares com quem se está trabalhando, né? Agora, isso é claro, que isso está presente no trabalho do grupo de vocês como educadores, mas também como instrutores, como da equipe multidisciplinar. Como é que é essa relação no campo e nas unidades e tal. Bom, fech... Então está definido. Redefinindo, então, né? Quer dizer, hoje a gente chega ao teto de pessoas que estão participando do grupo de discussão; participam dos próximos dois encontros as pessoas que já participaram do grupo. Está legal? É, e aí, eu devolvo a palavra para vocês e faço a... faço uma ligação desse, dessa questão que vocês colocaram com o trabalho que vocês estão realizando de educação. Vocês são uma equipe, né? Essa formação da equipe. A equipe formada e a equipe em formação, né? Parece que isso está trazendo algumas questões para vocês.

Elis - Alguns incômodos. É, eu sinto...

Coordenador - Não sei se...

Elis – Pegando o eixo do Caetano, essa questão da Vanessa, é, eu acho que está faltando um pouco de tempo para o grupo, né? Porque, primeiro, que o grupo tem um pessoal que está aqui, eu acho que, não faz três anos; um ano e meio, sei lá, o pessoal que chegou depois; e agora o pessoal que está chegando. Então, o pessoal que tem mais tempo de educação, é... Eu não sei se essa seria a palavra... É, falta um espaço para que os novos possam se integrar, né? Por que como é que os novos estão sendo integrados no educação? “Ah, hoje vai ter uma palestra.”, né? E, talvez, falta tempo para que se sente e fale do trabalho de educação, não é? Como é que é o trabalho de Educom., educação de quem já tem mais experiência, e está no grupo e tem aí uma fundamentação teórica e prática grande. E aí... Aí, até o conceito de educação acaba vindo de uma forma errada, como uma estratégia didática, você entendeu? E é um princípio, pelo que eu entendi até agora, a educação é um princípio, não é uma estratégia didática. É, e eu sinto também, né, o pessoal vai me matar, mas os educadores mais antigos, né, às vezes, eu acho que há uma resistência do grupo de receber pessoas novas, né? É, de como é que é isso? Ou, talvez, essa recepção tenha de ser melhor organizada? Não sei. É uma coisa que estou pensando.

Gilberto – Assim, eu só ia dizer que me parece sempre o começo de uma proposta de que os educadores que estivessem a mais tempo fazendo o curso, eles fossem multiplicadores do educação. Mas, só que aconteceu, que foi chegando mais gente e agora a participação, a formação se deu dessa forma, né, com palestra ou então direto na prática, né? E que foi chegando depois, né, não tem a noção dos conceitos. E uma coisa que eu tenho percebido aqui na Fundação, com as pessoas que não participam dos encontros, eles pensam assim, que arte-educação é quem faz artes plásticas, teatro, música, e a educação é quem trabalha com vídeo, com fotografia. Já está... Eu estou vendo que essa visão que está surgindo de quem não participa. / visão assim equivocada né, da educação.

(silêncio)(12seg)

(42:45) Antônio - Eu acho que a dificuldade de estar, dessa discussão que ela falou, de estar entrando gente nova etc., né? Não é quem está antigo que tem dificuldade de receber. É que a gente não consegue, nem com a quantidade de material que a gente coletou, transformar isso em alguma coisa para outras pessoas; ou seja, editar, providenciar documento, jornal etc.. Portanto, a gente está... fica sempre coisa aberta, sempre coisa solta, né? E cada vez que... Essa sensação de quebra de trabalho, quando entra o novo, se começa tudo de novo e aquele trabalho antigo fica sem fechar, né? Fica coisa de mais de um ano sem fechar. Tem coisa do ano passado que não fechou ainda. E...

Caetano – Eu concordo com você. É uma resistência mesmo...

(falas sobrepostas)

Antônio - Oi?

Caetano – Eu concordo, assim, há uma resistência dos mais antigos para entrar os novos. (falas sobrepostas de participantes discordando e concordando) Isso é em qualquer grupo.

Elis - Não é assim, não...

Caetano - Sociedade hierarquizada, né? Divide, segmenta, né? É natural que tenha resistência à entrada de pessoas novas no grupo, né? Daí, fica aquela coisa assim (sinaliza com as mãos uma hierarquia vertical e depois horizontal): Aqui, [Fred,] tem a hierarquia dentro instituição. Daqui para a baixo, não é para ter hierarquia, é para ser todo mundo igual. Quem está a mais tempo, como quem chega, quem está no grupo tem de se manter democrático e tal, e sem hierarquia. Agora, daqui para cima, dentro da própria instituição existe uma hierarquia muito forte, muito pesada; punição, enfim, é isso e tal. Então, o discurso democrático, assim, de grupo aberto, receptivo, é só de uma escala para baixo. E esse próprio grupo não tem direito de circular pelos outros escalões da hierarquia. Agora, dentro do grupo, se faz uma pressão, que tem que se manter assim aberto, democrático, receptivo.

(45:07) Vanessa – Eu acho que é isso que ele falou. [Essa questão que está aqui.] Eu senti uma coisa muito forte que eu estou tentando mudar, que é esse próprio preconceito mesmo de... Assim, de ver uma pessoa comentando, assim, desde o início, que devia tentar no Educom, o /, que foi bacana. Porque, tipo assim, eu olhava para uma pessoa e já dizia: “Aquela pessoa ali não tem nada a ver. Não sei o que, tipo assim...” Eu ficava um pouco assim: “Ah, tem que saber, tipo assim...” Eu nunca trabalhei com isso. [Eu venho] de arte-educação. Então, o pouquinho que eu sei, é de ler, de ouvir falar. Então, você fica com aquela idéia, eu tenho que, tipo assim: “Ah, trabalho com direito, sei lá...” Estava proporcionando motivo [para não ter contato com as] pessoas aqui, que eu nunca imaginava, de repente, chegasse, queria conversar para trabalhar junto. Assim, de a pessoa ter disponibilidade e falar / uma coisa legal de você. Esse tempo que teve, nesses encontros, por isso que eu achei legal a gente ver o negócio do [espaço]: “Putá, [já] questões da unidade, vou para lá...” Mas, / por outro lado é um espaço de encontro. Por isso eu acho legal isso, entendeu? A gente vê o pessoal do distrito A e fala o que está fazendo, troca uma idéia. Até que foi o que Gilberto falou disso, a gente não quer um fazer mais que o outro. Então, de repente, é essa troca... Só que você faz... A partir desse momento que eu comecei, assim, a ter um certo contato com algumas pessoas aqui, que antes eu não tinha. O grupo até por ser tão grande, talvez, não é por nada, às vezes fica longe, não teve..., né?

Paula Lima – Então, é uma coisa que, para a gente, que já está aqui há mais tempo, já não é fácil, porque a gente vem dos núcleos com uma certa tendência. Na educação, é óbvio que a gente vai ficar meio junto. Eu lembro sempre que a Vanessa fala isso: “Olha, que legal, a gente pode ter mais contato, que a gente pôde conversar.” Mas, ainda assim, a gente ainda não tem esse espaço, não tem esse tempo. Eu percebo que uma parte do grupo troca muita figurinha de trabalho e de outras coisas, outras preocupações, durante o período de almoço, quando vai almoçar junto; quando volta, está sempre conversando sobre isso. Quer dizer, é uma necessidade conversar um pouco mais, né, e a gente não encontra esse espaço.

Antônio - Eu acho que existem duas coisas. Uma, é que a própria... Vou evocar questões do outro encontro. A própria estrutura, que é anterior ao Educom, a esse trabalho, a gente pegou essa estrutura e começou o trabalho de educomunicação, mas o... toda a estrutura da Fundação está trabalhando do modo que era antes. Segmentados, né? A comunicação entre certo... oficinas, cursos, certo, não acontece como é idealizado pela educomunicação. As turminhas são separadas, né, e cada um faz o seu trabalho na hora. Mesmo porque os garotos cumprem uma determinada grade, uma folha de chamada e isso... E muitas vezes fica para lá e para cá. Mas, mesmo, voltando a questão anterior do pessoal novo, que ele falou que é uma coisa da sociedade hierárquica, da hierarquia, né? Eu concordo, mas por outra parte, né, a própria estrutura física como está constituída, né, o nosso dia-a-dia, nosso trabalho, certo, não permite muito isso, né? Não dá nem a... Ela falou, né, da questão de trocar figurinhas. A gente produz em vinte e três unidade, vinte e duas, não sei, né, e agora, nesse momento, está se tentando que a gente passe essa experiência para o pessoal de fora, das escola etc., se mesmo entre nós, entre as unidades, a gente não trocou as informações e os projetos desenvolvidos dentro de nossa unidades. Ou seja, tem muita coisa solta, muita coisa aberta, certo? E a gente já tendo a obrigação de estar passando uma coisa para fora que nem para a gente ainda está fechada.

Elis - Mas é falta de tempo, né, de organização, talvez, é, de como mostrar o trabalho de educomunicação para as próprias unidades. Essa é uma dificuldade... (interrompida)

Antônio – É até uma forma de conhecer o trabalho do outro para aprimorar o qual você está fazendo para ter mais condições ou base para estar passando para fora. Então, é nesse sentido que o entrar, né? A gente falou que vai entrar gente nesse grupo, mas é um entrar na educomunicação, a gente mesmo a gente ainda... (risos do participante) Tem garoto que ainda pergunta para mim, depois de um ano, certo: “Professor, mas o que é mesmo a educomunicação?” A gente precisa definir. Nem para nós, funcionários, muitas vezes... Então, como fica isso, né? Esse novo que entra, se a gente não consegue, é, organizar o nosso mínimo, o nosso espacinho.

Caetano - Só para manter na linha de pensamento, assim, nessa questão da relação-trabalho, né, eu achei assim: tem o grupo, tem as necessidades do grupo; tem os meninos em si, a necessidade de relação dos meninos com o grupo, com o educador; e as necessidades da instituição, da instituição com a Prefeitura, a rede de ensino tal. E aí, tem o jogo de forças ali, né, pesado. E tem horas que a gente não sabe bem para que lado está indo, porque parece, muitas vezes, que está entrando novas pessoas por uma necessidade da instituição de ampliar a proposta, porque é uma proposta que politicamente é interessante. Estou só seguindo a mesma linha de raciocínio que você... (interrupção e falas sobrepostas)

Antônio - É uma proposta que deu visibilidade muito rápida.

Caetano – É, tudo...

Antônio – Não é?

Caetano – Muito rápido, assim. E aí, dentro desse processo, a pessoa, o indivíduo não tem importância. Importância é o número, a quantidade, a [penetração], o alcance, essas coisas

Antônio – E não a qualidade.

Paula Lima – Eu acho que a instituição também está sendo cobrada pela própria equipe da Fundação, pelas pessoas que não estão no grupo. Todo mundo cobra muito, quer saber: “Ah...” Todo mundo quer participar, mas, quando as pessoas vêm ao grupo e acham que está chato, [deixa eu saber por que ocorre isso:] Por que que está chato? (respondem) “Porque eu não posso... Por que eu não posso?” E, até alguém falou, a semana passada, quando disse que pode vir, cadê eles, aonde estão, né? A gente sentiu essa cobrança mesmo, na verdade. A gente participou dessa cobrança para a escolha de grupo. E volta a questão...

Antônio - Mas, acho que essa cobrança também acontece pela nossa deficiência como educadores em comunicar. (risos de vários participantes) Interessante! Ou seja, a gente se propôs a um trabalho de educador e educação e, até o presente momento, eu desconheço que esse grupo tenha feito um informativo, um periódico, né, certo, que possa manter contato com toda a Fundação; ou mesmo produzir materiais gravados, radiofônicos, informes, né? Então, a sensação das pessoas que estão fora é que realmente... (interrupção)

Paula Lima – Mas não foi só as coisas que a gente faz na unidade para cá!

Antônio – Sim. Mas, a sensação deles é que a gente está produzindo e guardando para a gente. Na verdade, está produzindo e não está conseguindo, nem sequer, editar.

(falas sobrepostas)

Caetano – Mas, aí, cá no que eu estava falando. Quer dizer que, assim, na verdade, o que importa não é você digitalizar, né, concluir material; é essa movimentação toda, isso que é interessante. O que importa é que, por exemplo, eu encontrei [no] Virtual Educa com um monte de meninos, com gravadores, segurando. Não interessa o que eles iriam perguntar, o que eles vão fazer depois com esse material. Se, ali, na hora, tiver a movimentação, faz parte dessa coisa... da estratégia de implantação dessa coisa da educação. (silêncio) A Fundação tinha um trabalho forte com arte-educação, né?

(falas sobrepostas)

Antônio – É. Concordo com você.

Caetano – A gente teve uma formação e tal. E isso foi deixado de lado isso, como se isso fosse uma coisa menor, com menor importância.

Priscilla – Eu tenho a preocupação na questão de... Às vezes, sinto que está tendo como se fosse um desenvolvimento em massa, assim, muito mega, muito massa, e nada muito... Será que esses meninos estão sabendo mesmo filmar, gravar e o objetivo de gravar?

Antônio – Não é esse o objetivo.

Priscilla – Porque a educomunicação não é só gravar; gravar, guardar e editar. É muito mais que isso. Para mim, a educomunicação é muito mais que isso. Ele tem que saber, sim, quem é aquela pessoa que vai entrevistar, o que que vai servir para ele, ali, o que que vai servir no meio aonde ele vai divulgar. E isso... E para que que adianta a gente divulgar uma entrevista de um cara que, depois, ele vai por no jornal e ninguém sabem quem é, ninguém não sabe de onde veio esse cara. Mal a criança sabe, mal o adolescente sabe. Eu acho que o foco da Fundação, se for fazer educomunicação para valer, tem que ser assim, a criança tem que saber. Pelo menos é o que eu penso...

Caetano – A função social da comunicação.

Priscilla – Porque tem que ter função social.

Caetano – Senão, não faz sentido.

Vanessa - Tem uma coisa que o Gilberto falou na semana passada, que era a respeito do projeto do Educom-rádio, que nós não éramos, né, assim. Sempre, todo mundo falava o que acontecia, mas, na verdade, todo mundo escondia as partes feias, né? E que em todo lugar vai acontecer isso, num comercial de tv, em qualquer coisa que apareça, mas que... Eu lembro que no simpósio, né, com esse movimento todo, veio um amigo meu de Campinas, que veio trabalhar pelo Sesc, numa das oficinas, e aí [ele me perguntou]: “Como é o trabalho da instituição? Que máximo! Poxa vida, esses meninos, são bonitos, com essas camisetas, tal...” Aí, ele me perguntou assim: “Mas, qual a técnica que vocês ensinaram para eles, para eles cuidarem tão bem desse equipamento?” Tipo assim, ele ficou um tempo só observando os meninos. Então, para ele, pela visão, tipo assim, é, não só a questão do equipamento, mas eles discutindo, aquilo ali, é perfeito. É assim que vai aparecer mesmo, né? Mas, talvez, a gente não tenha tanto tempo de fazer essas ligações. Como aquela coisa que o Antônio falou, fica muita coisa solta, e ninguém faz essa ligação. Tipo, se já traz o menino pela questão da mídia, ele vem, atrai por aquilo, e aquilo é muito mais forte do que do que qualquer outra coisa. A gente nem consegue sentar para conversar com ele: E aí, o que você está fazendo? Legal, não é, né? E fica, assim, essa coisa de fazer e gravar.

Gilberto – Não está tendo tempo assim, para a reflexão, né? Está muita prática, prática, prática. E eu acho que está uma coisa muito industrial, né? Essa coisa empresarial de meta, de prazo, e acaba não havendo tempo para pensar, né? Fica pouca reflexão e muita prática. Está acontecendo isso aí...

Fred – Eu não sei. Lá no..., eu tento refletir bastante com eles assim algumas... Assim, a gente faz, eu tente sempre sentar e refletir com eles sobre o que a gente está fazendo e sobre o que a gente vai fazer. Tem o nosso do planejamento coletivo, democrático, não sei o quê... A gente vem com a proposta, por exemplo, ambiental. Tinha uma proposta desde o ano passado, de fazer algo sobre a mata ciliar, um documentário. Aí, eu falei: “Dá para a gente fazer?”, Dá. É só a gente querer. Então, primeiro, passar para molecada e ver se a molecada quer fazer ou não. Legal, a moleca quis fazer e agora a gente está, todo mundo está fazendo, a moleca está fazendo o roteiro, molecada está fazendo todas as entrevistas e tal. Beleza!

(falas sobrepostas)

Guilherme – Qual que é o argumento que você deu?

Fred - Todos que gravaram?

Guilherme – Qual que é o argumento? Qual argumento você deu para a molecada fazer?

Fred – Oi?

Guilherme – Qual argumento você deu para a molecada fazer?

Fred - Eu falei que... Eu falei: “Olha, o pessoal está querendo que vocês façam isso daí. Vocês querem fazer? O pessoal quer. Isso daí é uma im... É uma coisa que a instituição...” Eu falei para eles assim: “É uma demanda da instituição. A instituição quer fazer um documentário sobre a mata ciliar. Vocês são afim de fazer?” (demonstra que respondem) “Ah, mas o que que é, professor? Não sei o que é, não o que lá...” Eu expliquei e tal, pá. A molecada curtiu. Não necessariamente queria só fazer isso. Aí, eu falei: “A gente pode [junto].” Daí, surgiu mais outra idéia. “Dá para a gente fazer tudo. Vamos fazer esse primeiro.”

Gilberto - Mas aí parece ser uma coisa de prestador de serviços.

Fred – É. Não...

(falas sobrepostas)

Gilberto – [Um princípio da] educomunicação não é de uma demanda que venha deles, né? E a partir dessa demanda...

Fred – Eu vou chegar aí! Vou chegar aí! Aí, por exemplo... Aí, o que acontece? Essa semana, por exemplo, a gente ficou... Eu falei: “Vamos fechar, então, rápido? Vamos coletar imagem, fazer o roteiro, tal, tal, e a gente fecha em duas semanas e a gente volta.” A gente estava produzindo já os programas de rádio, tal. Essa semana teve um grupo que falou: “Olha, professor, eu não quero ir lá no vídeo e vou querer ficar na rádio fazendo o programa.” (responde) “Beleza.” Fizeram um programinha e tal. A gente colocou a rádio no ar e tal. Beleza! Aí, o que que eu... Eu tive uma discussão de algumas coisas: “Na rádio, a gente terminou o programa. Às vezes, vocês fazem... Em dez minutos vocês já fazem o programa, já fazem o roteiro, pá, pá, pá, pá. Tem tempo de sobra, daí, para ficar na sala. Mais dez, quinze minutos” E fico conversando sobre a produção que eles fizeram, sobre o que eles estão achando, o que não é, o que que é. Às vezes, tem espaço para essa reflexão. Tem dia que não tem. Tem semana que você faz batidão, não consegue falar nada com eles. Já tem semana que você já tem mais um tempo para refletir sobre o que a gente está fazendo, né? (falas sobrepostas) Depende do ritmo da unidade. Tem dia que a unidade falta quatro, cinco profissionais; daí, como é que você vai ter reflexão? Não tem nem quem dá aula.

Gilberto – Semana passada, a gente teve uma palestra muito legal sobre a questão da etnia, né, da raça. Mas, quando, né... Não sei se você já tratou desse assunto com eles. Acho que esse é um assunto muito interessante para ser tratado, ainda mais na Fundação, com o público que a gente trabalha. Mas, assim, não está tendo muito esse espaço. Parece assim, que está mais sendo uma coisa da prática, aprender a técnica de como produzir um vídeo, de como de como fazer a edição. Está muita coisa, está muito centrado na técnica, no padrão Globo de qualidade. Mas, eu acho, assim, está faltando uma certa reflexão de... e de trabalhar demandas, é, coisas que sejam do interesse deles, né, ouvir.

Antônio – Eu acho que é porque... Aí, depende. (risos de participantes) Semana passada, alguém me falou uma coisa assim para mim assim: “Pô, gostaria de ter o equipamento que vocês têm no distrito A para fazer o que fazem!” Na verdade, nós não temos, né? Certo? Não temos. Até a rádio comunitária lá parou, né? Mas, eu acho que a educomunicação acontece justamente quando você consegue colocar os garotos dentro de uma audiência pública, certo, e eles conseguem discutir de igual com o vereador, o subprefeito etc. os problemas dele, da localidade dele, da rua dele, né, certo? Eu acho que nesse momento atingiu o objetivo. Certo? Eles estavam lá com um gravadorzinho. Gravou a audiência inteira. É uma coisa que não dá nem para entender, porque eles gravaram um monte de gente falando, não dá para transformar aquele material. Certo? Mas, cumpriram o objetivo, mais do que quando sai uma materinha no jornal. Está certo? Agora... Agora, o problema é que a fundação colocou um monte de coisa na nossa mão, certo, e a gente, na verdade, está se sentindo obrigado a dar um retorno em material. Certo? Mas eu acho que a própria fundação não houve essa cobrança nesse sentido.

Gilberto – Eu li um texto, assim, que eu achei muito legal, sobre rádio, que ele falava assim: “Quem é que disse que um programa de rádio tem que ter um roteiro pré-definido? Um horário certo para terminar, para acabar? Isso é uma coisa que a mídia estabelecia. Mas, por que que o rádio não pode ser como a arte, sem essa coisa da regra do formato específico, né?” E assim... Agora, essa pressão de fazer uma coisa, como eu falei, padrão Globo, assim, a pressão de você ter uma rádio, você tem de ter uma programação, você tem que ter um dia por semana para você exibir os programas. Então, o que que adianta isso aí? A gente só está imitando aquilo que é feito pela mídia. Que ação que está saindo daí, né? Que reflexão que está saindo?

Priscilla – Por exemplo, assim, o Encontro das Escolas, né, a nossa preocupação, a gente deveria sentar junto com os meninos e conseguir um espaço lá para... Que assunto que vai falar, lá? Eles vão poder falar? Eles vão poder participar de algum... alguma mesa-redonda, sei lá? E porque fica só... Claro que, faz parte também fazer cobertura, gravar, entrevistar, mas acho que antes eles teriam... (interrompida)

Nara - Esses adolescentes que você falou, que vão participar do evento, eles vão estar vindo aqui e vão saber o que está acontecendo.

Marisa - Só que eles não vão participar de mesa-redonda porque, é, nesse momento, é o encontro dos professores da rede estadual. Então, a idéia seria não só a cobertura, mas dar espaço para eles estarem já participando disso, lá dentro. Porque a única forma de nós inserirmos os meninos, lá, seria através de... Nós comentamos isso: “Eles poderiam estar participando de alguma coisa?” Não, porque é dos profissionais. Então, é uma forma também de eles estarem sendo inseridos. Porque, por exemplo, nós colocamos: “Encontro dos Meninos”. Quando que os meninos participam de alguma coisa na rede estadual? Nunca. E eles são alunos da rede estadual. E eles não participam nunca, né, certo? Então, quando nós fomos propor isso, nós propusemos por quê? Porque nós jogamos: “Eles são alunos de vocês! Vocês não querem que eles participem para mostrar também, né, para falar de educação. E eles não estão...” Então, foi um passo para estar colocando os meninos lá dentro, tá. Eles vão estar... Os que vão estar fazendo diretamente a cobertura em uma alguma palestra, eles vão estar podendo assistir aquilo ali. Indiretamente, eles estão ganhando alguma coisa, né, para eles. Mas, fazer parte de mesa, fazer esse tipo de... É [com esse mesmo], ali.

Nara – Só vai ter aluno lá devido a esse trabalho que a gente já está fazendo, né? Se dependesse deles mesmos, não teria nenhum aluno lá.

Elis - Eu acho que, mesmo diante dessas dificuldades, né, do ver para crer, dessa coisa de ter de produzir, de mostrar, de atender a uma demanda, é, eu acho que o trabalho acontece. Eu acho que essa reflexão é muito legal, porque qual trabalho que eu estou propondo? Isso significa também que o grupo está também muito preocupado com a qualidade de trabalho que vem desenvolvendo com os meninos, né? Então, e aí, vale essa coisa do, é, “O que eu coloco no meu planejamento?”, né? Pensando mais na parte assim... Porque, de repente, será que a gente cobra a técnica do menino saber fotografar, né?

Antônio – A Fundação devia cobrar... (surpresa e risos de outros)

Elis - Ah?

Antônio - Devia ser... É... (surpresa e risos de outros)

Elis - Sim. O que eu posso...

Antônio – Esse é o tal negócio...

Elis – É... Eu fico pensando...

Antônio – Não é cobrado porque não é curso, tá. A gente trabalha a técnica, mas não é cobrado porque não é um curso.

Elis - Mas essa será que é uma cobrança, é... Para gente parar para refletir mesmo, né? É mais importante eu ter o produto da entrevista ou é mais importante esse menino saber quem ele está entrevistando, quem ele está entrevistando, né? Eu acho que é um pouco disso. E aí, vem a questão dos meninos no congresso do estado. Eu acho que é um outro pólo, né? A gente sabe como é que está a educação formal, é, a [pagação] que esses meninos têm em frequentar a escola, tal. Eu acho que além de os meninos estarem lá, é, mostrando, exibindo um trabalho, eu acho que tem uma outra conotação muito legal de que esses meninos não são... Eles conseguem produzir coisas diferentes da escola, né? Quer dizer, eu acho que todo mundo já ouviu isso: “Por que que o João dá tanto trabalho na escola e não dá tanto trabalho na Fundação, né? (vários participantes reagem concordando) O que é que tem de diferente? O que proporciona para o João essa outra... esse outro tipo de relacionamento?” Acho que a instituição tem a ver com isso, a educomunicação tem a ver com isso, para ele...

[Priscilla] - Foi o que o Toni (Antônio) falou, o vídeo que a gente tem é mais institucional. Eu não sei se ainda há tempo, mas a gente poderia estar pensando em fazer um vídeo mesmo para os meninos e estar falando isso. (interrompida)

(muitas falas e reações sobre o assunto do vídeo)

Fred – Da educomunicação, mas com a cara deles. Porque a gente tem um vídeo da educomunicação da Fundação, mas é um vídeo da instituição. Você vê, para mim não passa porcaria nenhuma, não entendo o que é educomunicação, não entendo nada! Eu estou vendo o vídeo, sabe. Não me passa nada, não me passa nada da molecada, porque é uma coisa que veio uma terceirizada e fez, implantou e fez. Beleza! Agora, o ideal é que a molecada fazer o vídeo deles do Educom para estar mostrando o que é a educomunicação para eles. Eu acho que é interessante uma coisa aqui. Eu acho indo nisso que... (interrompido)

(várias pessoas falam ao mesmo tempo)

Antônio – É interessante um vídeo da instituição, mas que seja deles.

(várias pessoas falam ao mesmo tempo)

Fred – Indo aí, indo no que a Elis falou, o problema, às vezes, o que acontece, o que o Gilberto falou, a gente pensa, muita gente entende a educomunicação como um produto e não como um processo. Certo? Mesma coisa a arte-educação, que foi uma luta nossa explicar para as pessoas que trabalham junto com a gente e para fora também que arte-educação é processo e não produto. Quer dizer, não interessa a peça de teatro no final do curso, não interessa a musiquinha, o coralzinho, o que a gente vai apresentar; o que interessa é esse processo que levou a isso, que é o que a Elis estava falando, entrevista e tal, vamos saber quem que é, não sei o quê, não sei o que lá. O... Por exemplo, tem co... ade... Acho que depende muito da sensibilidade da gente, enquanto educador, para estar levando a molecada para estar fazendo uma coisa que seja a cara, para estar fazendo uma coisa que eles querem. Eu me peguei nisso aí que você falou. Outro dia a gente estava... Eu passo sempre o primeiro, [lógico], quando começa, faço a molecada fazer umas...: “Ó, hoje a gente vai fazer programa de mesa-redonda. Amanhã, de debate. Amanhã, jornalístico. Amanhã, informativo. Depois, um esportivo. Não sei o que mais lá, tá, beleza!” O... Tem uma... Às vezes, você tem um grupo que já tem a sua identidade. Eu tenho um lá na sede, de tarde, que são quatro meninas; duas, né, a Monalisa e umas meninas lá. Elas já têm identidade. No primeiro dia, eu falei para fazer programa de rádio, ela já inventou um nome para o programa, chamado Cantinho do Amor, e continua com ele, que é poesia, não sei o quê... Agora, todo dia que eu peço para ela fazer alguma coisa, o nome do programa continua sendo Cantinho do Amor: “Mas, hoje é o Cantinho do Amor com entrevistas.” Relacionar todas as entrevistas, mesa-redonda, debates, informativo, é relacionado com o tema de amor: “Então, o que que é traição para você? O que que é não sei o quê...” Então, assim, isso é legal porque, assim, mostra a identidade. Você está deixando que a identidade dele apareça, que ele está fazendo. Você propõe uma coisa e ele traz. E você não está tirando a identidade. Você vê o documentário que a gente está fazendo da mata ciliar, cada... cada hora, vamos dizer: “O gente, tenho que ver se a gente entrevista duas pessoas.” Beleza! Então, a turma que vai estar na hora, que está com o vídeo lá, eles fazem o roteiro, né, pedem o roteiro para o pessoal que já fez há umas duas três semanas atrás, vêem quais são as melhores entrevistas e vão filmando. Cada dia é um que filma. Então, cada um, cada parte do documentáriozinho fica de um jeito. Então, tem um cara que filma, que gosta de filmar um pouquinho do que o entrevistado vai falando. O outro outro já é chegado mais no zoom, né? Acaba... Você tem, é... uma característica de cada pessoa que está fazendo aquele negócio. E eu acho que a idéia nossa é cumprir, é que eles mostrem é que... que eles mostrem o... coloquem em prática um pouco da cultura deles, um pouco da característica deles, deixar o povo fluir. O problema é isso aí que você falou. Por exemplo, se você tem uma pessoa que fala para você: “Você tem que ter uma grade horária na rádio. Você tem que ter um programa para ir ao ar.” Isso aí eu acho que também é uma coisa que a gente tem que começar a conversar, né? Graças a deus eu não senti essa pressão. Mas eu, talvez, não tenha sentido porque toda hora eu vou para o ar. Eu, eu penso assim, eu nunca li esse texto que você fez, que você leu lá, que você falou que você leu lá, na semana passada, mas eu trabalho dessa forma, sem ter lido o texto. Entende? Que é como? Eu deixo a molecada fazer um programa de dez segundos. É dez segundos! É um programa de quatro minutos? É quatro minutos, não tem importância. Essa semana, uns meninos lá que pediram para fazer o programa, eles vieram com um roteiro, pequenininho. Eu falei: “Não, vamos fazer outra coisa. Você está a fim de falar? Fala.” Aí, eles fizeram a parte do roteiro que eles já haviam escrito e depois eles

começaram a fazer o programa sem nenhum roteiro. Começaram a falar. É perigoso? É, porque sai palavrão, às vezes. Um quer brigar com o outro. Aí já vem o outro esmurrar no estúdio: “Tá, tá tá.” Lá na unidade do bairro A foi terrível. Um dia que a molecada pegou sem roteiro. Eu deixei. Porque tem uma molecada que não gosta de fazer roteiro. Mas, é o mínimo, porque já começa aprender ali na rádio o que fazer, tal, tal. Aí, os moleques começaram a criticar. A gente estava falando da bagunça, a desordem, o tema que a sala escolheu no dia era sobre bagunça e a desordem na Fundação. Aí, o que aconteceu? As menininhas pequeninhas: “É, mas o fulano / não pode fazer isso.” (participante imita meninas com voz aguda e irritante) Começaram a meter o pau na molecada. E, às vezes, a gente acha que ninguém está escutando a rádio. (risos) Deu dez segundos, estavam esmurrando a rádio, lá no bairro A: “Pau, pau, pau.” Eu falei: “Pú, pú, ahm...” E os moleques, feroz, né, arrebrandando! Agora eu vou ter que abrir. Tinha três quatro portas, que era um monte de portas que a gente tirou lá. Aí, fechei uma, fechei outra e deixei a molecada. E falei: “Eu segurava para mim, rapidinho...” Eu falei para o /, que era estagiário lá: “Abre. Você fecha correndo e eu fico lá fora.” Beleza, fiquei lá fora: “Pá!” Aí, tive de explicar para a molecada: “Olha, desculpa.” Pedi desculpa. Eles não podem estar falando nomes. Depois, expliquei para o molecada não citar mais nomes. Na entrevista, falar só: “Tem gente que faz isso, tem gente que faz aquilo.”, mas não cita nome. Mas, foi uma experiência muito produtiva para mim, para a molecada e para a molecada que ouviu. Que eu falei: “Mas, será...” Daí, a gente repetiu, depois xingamentos e tal, a gente se repetiu: “Mas, será que vocês não estão fazendo alguma besteira, né, de estar fazendo isso, tal, tal? Será que vocês não estão uma bagunça? Por que o pessoal fala?” (respondem) “Não, não sei o que, não sei o que lá...” Tá, até ocorreu um incidente, depois disso comigo, mas de boa, não vem ao caso falar.

Guilherme – Ah, fala aí! Vai!

Fred - Conta?

(risos e várias outras pessoas pedem para ele falar)

Fred – Não. Está... A molecada tal, brigou, tal, tal. Aí, depois, acabou tudo, tudo tranqüilinho, eles estão indo embora... Aí, o moleque, um dos moleque que é mais bravinho lá: “É, professor é um filho da *puuuuu* (sinal sonoro de corte para não evocar o palavrão).” Pá, não sei o que, xingou, tal, tal, não sei o quê. Daí, lá de longe, ele fez isso: “Chlau. Pof!” (imita o movimento) Deu uma catarrada e foi aqui: “Pow!”

(risos)

Guilherme – Nossa!

Fred – Depois que já tinha acabado tudo. Já tinha acabado tudo, dispensado o gracinha. E começou a pingar. Aí, eu contei: “Um, dois, três, quatro, cinco, dez! Aaaaaai, o que eu faço?” Falei: “Eu não vou poder deixar barato, né?” Aí, peguei o moleque. Moleque do Fred, né? Uma coisa do Fred... (várias pessoas comentam assustadas)

Guilherme – Ele cuspiu de novo? Nossa...

Fred - Eu falei: “Vem aqui! Vem aqui!” Falei. Peguei. Falei: “Vamos então agora conversar com o [Jonas], tal, com o gestor, tal.” O gestor não estava: “Vamos conversar com a assistente social.” Peguei ele. Podia ter sido agressivo. Devia ter sido agressivo. Na verdade, o Fred,

hoje, fazendo uma reflexão, devia ter sido agressivo. Devia ter pegado o braço do moleque e tacado ele no negócio. Eu fui de boa. Peguei o bracinho dele...

Guilherme - E ele foi de boa?

Fred – Foi de boa. Também, na hora em que ele sentiu que o negócio ia ser sério, ele começou a berrar: “Uê, uê...” Aí, a assistente social começou falar e tal, tal, tal... Eu sei que deu um ponto, o moleque começou a tacar pedra. Saiu para fora: “Eu vou tacar pedra! Não sei o quê...” Um fuzuê! Beleza, saiu, acabou, morreu! Conversamos com ele, acabou. No dia seguinte, tive uma reunião, né, com a nossa chefia, assim, de lá do lugar, porque eu fui agressivo com o menino... Falei: “Nossa, gente! Mas, espera aí!” Eu poderia ter sido. Na verdade, eu segurei, contei até dez para não ser, porque eu ia ser. Mas eu não fui agressivo. Não encostei a mão no menino, não fiz nada. Mas, fui agressivo por quê?... Não sei, entende? É, foi um fato triste. Não tem nada a ver com isso que a gente está conversando. Vocês que pediram para contar. (risos)

Gilberto – Eu queria falar uma coisinha, agora, sobre o vídeo institucional...

Fred - Não tem nada a ver. Eu falei que não tem nada a ver...

(risos)

Gilberto – Queria falar do vídeo institucional. Tem uma cena lá que tem um zoom no símbolo da Bandeirantes, depois, um zoom no símbolo da Globo, né? Acho que aí cabe uma... cabe uma leitura crítica disso aí, né? Acho que, de repente, você está valorizando o que a Bandeirantes, né, o que a Globo, tal, estão fazendo... (falas sobrepostas) Por isso que eu falo da reflexão, né?

(falas sobrepostas)

Guilherme – É, na verdade, o que tem nosso lá, é, igual a uma visita que a gente fez a Novo Horizonte, na Vanguarda. E nós não tinha nem idéia do Educom ainda, estava começando. E a galera achou bonito porque achou legal assim.

Gilberto – Então, esse tipo de reflexão que eu falo, né?

(falas sobrepostas)

Maria Rita - Que não olha nem a intenção[impressão]!

Gilberto – Por que se valoriza tanto esse símbolo da Globo? Esse símbolo da Bandeirantes, né? Acho que é esse tipo de coisa que é preciso também, né, ser tratado. Na realidade, a gente acaba sendo só reprodutores da Globo, né, do padrão Globo. Tem aquela coisa de entrevista, cobertura, assim...

Caetano - Então, é... Eu esqueci o que eu ia falar aqui... Porque é uma coisa muito pessoal essa questão da afetividade, do relacionamento com criança e adolescente. É uma questão muito pessoal, mesmo. E aí, vem a formação que cada um teve para poder lidar com várias situações, né? E isso não tem a ver com a educomunicação especificamente. Isso é arte-educação, poderia ser culinária, poderia ser na escola, com aula de ginástica. Não é

especificamente a educomunicação que leva à relação. É a formação que a pessoa teve... Claro que a oportunidade de estar ali, com os equipamentos, fazendo aquela atividade específica, mas poderia ser qualquer coisa, que a relação ia estar ali também, né? Por causa da formação da pessoa e da forma, que é individual, de como o educador lidar com essas situações, né? Não o edu-comunicador, que aí, é o que está sendo colocado, né? Esse processo de formação...

Gilberto – Mas eu acho que a própria formação do educador tende a lidar de forma diferente com essas situações, né? Você não acha?

Paula Lima – Acho que ele propõe a atividade de uma forma diferente.

Caetano – Eu estou falando da atividade, não da relação que ele tem com o menino, né?

Paula Lima – Acho que há um equívoco em relação a isso. O modo como você, é... A gente sabe que o professor, ele pode entrar na sala, dizer: “Psiu, psiu!”. Várias vezes, pedir silêncio, fazer todo mundo ficar quieto e dar a aula dele, seja o que for. Mas a gente, muitas vezes, convida o menino a participar, é, o que a gente chama de as relações horizontais, não verticais. Eu acho que, até que ainda é meio assim... Você podia deixar a porta fechada. Não podia? Em vez de deixar os meninos / . Podia deixar a porta fechada. Você podia convidá-los a entrar. Eu vejo isso nos mínimos detalhes, com a postura das crianças. Muitas vezes elas atravessam até a área delas, quando [estimula] uma relação diferente em sala. Eu não sei...

Fred - É difícil para a molecada. Eu trabalhei, [no caso, discuti] nesse final de semana isso daí. Eu cheguei para eles... Primeiro, eu sento, sento em roda, explico o porquê da roda, para a gente estar todo mundo igual, o equilíbrio de relação de poder, o espaço democrático, pá-pá-pá, pá-pá-pá. E explico para eles que é assim: Não me chama de professor. Eu não vou te chamar de aluno. A gente está aqui, eu vou aprender com vocês e vocês vão aprender comigo. Tem coisa que a gente vai construir junto no aprendizado.” Beleza! Aí eu expliquei... Daí, tem o Michael Douglas, que é um dos meninos multiplicadores, espertinho assim, tal. Aí, a gente estava com a câmera, né? Mostrando, assim... Não sei se você estava? (referindo-se a Roberto, que confirma com um gesto da cabeça) Passando o vídeo que eles já tinham feito da mata ciliar, alguma coisa. Aí, o menino veio: “Professor, quanto que tem de zoom essa câmera?” Não desse jeito, porque ele fala tudo certinho. Estou zoando... Aí, eu falei: “Olha, eu tenho duas opções para falar para você. Eu posso ser espertinho, eu estava do lado da câmera, olhar aqui e falar para você: “Olá, oitocentos de zoom ótico e não sei quantos do outro lá... De oitocentos, digital, e zoom ótico tanto. Agora eu posso falar para você que eu não sei e a gente vai, que eu não sei.” Você estava na sala? (referindo-se a Roberto) Aí, o William: “Como você como professor não sabe?” Eu falei: “Então, vamos sentar comigo.” Eu sentei e falei: “Lembra no primeiro dia, que a gente conversou que vai ter coisa que eu sei, vai ter coisa que vocês sabem e vai ter coisa que a gente vai conhecer junto. Então, isso é uma coisa que a gente ia conhecer junto porque eu não sei, não peguei, porque uma vez a gente está com uma câmera; outro, está com outra. Cada câmera tem uma definição. Cada câmera tem um negócio e tal. Estou aprendendo. Não mexo com vídeo muito, também.” Aí, ele teve que desconstruir uma coisa que já é construída no proces... É uma coisa... É difícil. Aonde eu quero chegar? É difícil para a molecada. É difícil para a gente, como educador, e é difícil para eles, como educandos, entender isso. Porque é uma coisa, é um processo de, sei lá, quinhentos, seiscentos anos atrás, desde que inventaram escola, que assim, que o educador, ele é o centro, o dono do conhecimento, o ser da luz, né, e o aluno, que é o “a”, sem, “luno”, luz, que é o cara que é sem luz, vai receber a luz nossa. Eles estão acostumados a isso. Eles

engolem e não tem jeito. Então, quando você vai relatar essa coisa que é para a molecada, que é novinha, você vai falar para ele: “Olha, que a gente vai construir conhecimento junto, que a gente vai... Né? É um processo mútuo.” Eles mesmos não conseguem compreender. Entende? E é legal isso daí. E é difícil. Esse processo de construção é muito difícil para o educador e é muito difícil para o educando também. O educador também tem essa mania: “Puxa, mas se eu não souber?” Eu podia ter olhado assim na câmera, de boa, e ter falado: “É oitocentos, aí, mano!” Tipo, para dar uma de inteligente, experto, sou o cara. Sei o que você quer. Eu falei: “Olha, eu vou ser sincero, não sei. Olha, mas se você quiser, vou falar para você agora.”, né? E para ele foi difícil. Para ele, a primeira coisa foi rebater. Já pegou o chicote e começou a dar no professor: “Tá, tá, tá! Por que não sabe? Você que é o professor! Não sei o quê...” Eu falei: “Senta. Vamos conversar, Wiliam. Vamos conversar, a sala inteira.”, né? Não é por aí. E agora, A gente está propondo uma coisa nova, que é nova para a gente, é nova para eles e é nova para a sociedade, que não é fácil.

Gilberto - Que dá, assim, uma sensação de barco sem rumo: “E agora, para que lado se vai?” O professor tem aquela tendência de assumir a responsabilidade, direcionar a coisa, tem que dar o rumo: “Eu não posso deixar virar bagunça, né?” (falas sobrepostas)

[Paula Lima] - Como é que eu vou confiar no professor se ele não me diz o que eu vou fazer?

Gilberto – A bagunça tem que ser evitada a qualquer preço, mesmo que isso implique que o aluno não aprenda nada. Mas, desde que não haja bagunça, beleza!

Antônio – Não... Esse é o verdadeiro currículo da escola.

Gilberto – É...

Antônio - Fazer entrar na sala de aula, obedecer sinais sonoros, usar uniforme, cumprir o horário...

Gilberto – E acaba sendo um embate de forças, né? Quem for o mais forte prevalece na escola tradicional.

Guilherme – E a gente está reproduzindo isso aí, né, a coisa da escola, na Fundação, né?

Gilberto – Aí se forma essa cultura que se diz, que se acredita uma cultura superior, né, para ler...

Antônio - É que a formação de quem chega aqui para ser educador da Fundação tem como modelo a escola; quando não, passa por cursos de formação de professores, como é o caso de pedagogia, né? Então, existe essa coisa, condicionamento a um mecanismo semelhante a escola. Mas, é, a oportunidade que você tem, como fez o Fred, de sentar com alguns garotos e até discutir essa escola, discutir o que é que é educação, né, a idéia de professor-educador, o professor é um parteiro. Tudo isso, certo, eu acho que vai libertando o garoto. Ele começa a questionar o seu próprio meio escolar, né, o seu meio ambiente escolar? É interessante!

Paula Lima - Essa semana, chegou criança nova na nossa unidade...

Antônio – Mas, nós somos cobrados. Inclusive, no caso do distrito A, eu sou o mais bagunceiro, eu acho, não sei, certo? Nos estudos dos instrutores, direto eu sou cobrado para

que não fique garoto para fora da sala para não atrapalhar a informática, não atrapalhar a aula de artes.

(falas sobrepostas questionam se é uma membra do grupo, Adriana, que cobra o Antônio)

Fred – Mas, daí, tem unidade que você não pode deixar para fora, não por causa disso. É porque daqui a pouco, pode passar, pode chegar a diretoria. (risos) Então, você tem que esconder.

Paula Lima – Essa semana, chegou criança lá na unidade, pequenas assim, tem sete anos, oito anos. Eles chegaram perguntando aonde é que era a sala da segunda série. Eles queriam saber: “Estou na segunda série. Para que sala que eu vou?” Para a gente explicar que eles tinham que escolher qual atividade que eles iam, foi tão difícil! Não tem na cabeça das crianças você escolher uma atividade.

Fred – Não.

Antônio – Tinha. Tiraram delas! Eles escolhiam antes, né? Aí, entrou dentro do processo escolar, entrou na fase escolar, entrou na pré-escola, tiraram o poder de escolher. Certo? Esses dias, visitei aqui a escola que é do lado da Fundação, junto com os garotos. E a professora toda orgulhosa, mostrava o trabalho da molecada, um trabalho coletivo, um cartaz grande, né? Era um desenho feito pelo filho dela, que era desenhista, sobre o trânsito e cada garoto pintava uma parte, o telhado etc. (algumas reações de reprovação) E ela contente de conseguir formatar os garotos dentro de pedacinhos minúsculos do desenho. Então, a escola tira um pouco isso, o poder de escolha, né?

Fred - Não só o poder de escolha, mas da criatividade, né, dos meninos?

Antônio – Por que isso? É porque uma coisa que eu vejo, é porque o desenho dos garotos que chegam da escola para aula de artes, certo, são todos muito parecidos. Casa, sol, menino, menina, né? Eles foram condicionados a desenhar a mesma coisa. Então, a escola tira um pouco disso.

Gilberto - Esse episódio que o Fred contou acho que, assim, é totalmente educacional. Pelo que eu já li das experiências do Educom-rádio, lá em São Paulo, eles passaram por situações muito parecidas. Assim, é um processo doloroso, mas que vai ter bons frutos no final, né? Só que quem não conhece, né, quem não conhece tem uma idéia totalmente diferente.

Antônio – Mas, mesmo para vender para todos os garotos essa idéia, eu acho difícil.

Gilberto – É difícil.

Antônio – Certo? A gente consegue... De um grupo que nós temos, né, grande, você tem de sessenta, quinze compram bem a idéia. Desses quinze, alguns conseguem elaborar, é, fazer... Como chama? Elaborar pensamentos mais complicados e perguntas que me cortam, né, certo? Mas, outros, simplesmente não querem se envolver com aquilo. Ou seja: “Como eu vou estar numa atividade? O professor não sabe o que faz. Chega para os alunos: 'O que vamos fazer esse mês, pessoal? Não é não, nham...'” Eles querem dizer, né, que a gente diga: “Olha, é por aqui o caminho.” Eu penso isso.

Elis - É porque eu acho que também existe uma cultura do mínimo esforço.

Antônio – Ah, também tem isso!

Elis - E os meninos, desde... A escola... A escola faz isso, desde a pré-escola. Quer dizer...

Antônio – Mas, e se o menino...

Elis - Quer dizer, pensar em como desenhar é um esforço; então, eu já te dou um desenho pronto. Quer dizer, não porque as crianças não querem, né? Quer dizer, eu já determino que o exercício do pensamento não precisa ser feito. E aí, as crianças vão passando por isso, todo o processo escolar, né? Eu trabalho com adulto em formação e ele não quer pensar. Ele quer o mínimo esforço. Quer dizer... E a escola produz isso. Então, quando você pensa numa outra prática em que o o menino tem que escolher o que fazer, né, emitir opiniões sobre as coisas, né... A gente pode observar isso pelo nosso grupo. Quer dizer, se aqui tem vinte; tem cinco falando, né? E eu acho que dez pensando, né? Olhando para a Vanessa, a Vanessa está borbulhando lá, né? [Tem uma cara!] Ela quer...

Fred – O caldeirão...

Elis – O caldeirão começa a ferver... Mas, aí, a gente tem várias coisas. Não querer pensar, não querer se expor, né? E eu acho que isso o Educom consegue começar a colocar as crianças de volta nesse caminho. Mesmo que de sessenta, quinze consigam elaborar, ainda bem que esses quinze estão elaborando...

Antônio - Quinze topa...

Elis - É.

Antônio – ...plenamente atividades. E desses quinze, sei lá...

Elis - Cinco conseguem elaborar.

Antônio – É.

Elis - Mas eu acho que é uma cultura. É a falta do exercício da escola propor isso para os meninos, né? Deles conseguirem criar isso. Que eles entram, assim, na educação infantil, já elaborando. Mas, daí, a gente vai o quê? Aprofundando.

Antônio – Existe uma outra questão que coloca aí, principalmente para os mais novos, certo, os não adolescentes; ou seja, doze anos para baixo, que é o caso que a Fundação também trabalha com esse público. Certo? Eu sempre vejo eles e fico pensando se a Fundação não está roubando a infância deles, tirando o direito deles de brincar. Brincar, brincar, brincar exaustivamente. Certo? E está colocando... E está organizando muito cedo o dia deles, né? Ou seja, já tem um dia organizado na escola, não sei o que etc.. E na Fundação, né? Então, eu questiono isso, também se não é uma rebeldia, uma negação, porque instintivamente ele sabe que naquele momento ele tem de estar brincando, né? É uma coisa a pensar... E...

Nara - Brincar no cemitério...?

Antônio – Aí nós temos... É. E aí nós temos alguns garotos já adolescentes, certo, que insiste em, assim, em posições que, talvez, não seria apropriadas a idade deles. Mas também, acho que faz parte dessa infância perdida, que não se resolve e que continua. Certo?

Fred - E que está cada vez pior.

Antônio - E que não ouve. O interessante é que não consegue parar para te ouvir. Porque, pô, ele foi condicionada a ficar na Fundação, desde os sete anos de idade e tal. Putz, que chato! Quer brincar, né?

(falas sobrepostas)

Fred - Mas eu acho que, ainda assim, esses meninos que vão para a Fundação é um pouquinho mais sossegado. O problema para mim, o grande medo meu, na educação no Brasil, é esse negócio de se integrar. O ensino integral que eles estão, por exemplo, Fundação, a gente tem o projeto lá, bairro A, que é de ensino integral. A Prefeitura já ligou, não quer mais a Fundação; ela quer só ela. Beleza! Qual é o projeto de ensino integral da Prefeitura da Cidade? Talvez seja só com professor.

Antônio – É porque você estraga os garotos, Fred...

Fred - No Estado... No Estado você tem o projeto também de escola integral, que é de manhã e de tarde, na escola; e de manhã e de tarde com o mesmo professor. E isso, deus me livre, gente! Porque, assim, botar os moleques, quatro horas, que vai ficar agüentando aquele professor, que vai ficar passando na lousa, pá, pá, pá, e os moleques sentados, padrão arquitetônico formado para isso, o professor ser o *showman*, ser ator lá para passar o teatrinho dele, beleza, e o... E, de tarde, a mesma coisa! Porque o cara que trabalha de manhã, ele vai não vai conseguir trabalhar, o mesmo educador, ele não vai ter uma for... Só se tiver uma capacitação correta, na instituição, que daria certo, porque o cara já vem com padrão de ensino de uma forma. Se o moleque ficar o dia inteiro tendo isso, pior ainda! Ele vai ter menos chance ainda de estar brincando, de estar usando outra coisa. Acho que a tendência é piorar. Esse é o meu medo. O grande medo na educação no Brasil é esse. Essa história do ensino integral é muito lindo, muito fofo: “Ah, nos Estados Unidos dá certo!”. Ah, mas nos Estados Unidos esse moleque tem um monte de coisa boa, tem canto, tem dança, tem música, tem orquestra, tem cinema, tem teatro, beleza! Mas o moleque pode ir de tarde, pelo que eu entendo desse ensino que estão começando a fazer no Estado, é professor de matemática que vai dar o teatro. Dar aula de teatro...

Antônio – Aliás, dá tão certo que os garotos brincam de *video-game* ao vivo, né? Em Columbine, né? Certíssimo!

Fred - Né, não dá certo! Não tem que dar certo mesmo essa coisa. Mas, eu acho que é fogo isso, né? A gente pensar que a gente está acabando com a liberdade da molecada desde o começo. Desde o começo a gente já coloca naquela maquina: “Olha, estamos no mundo capitalismo. E o capitalismo... Ok? Esse bom! Estados Unidos legal!” E vamos vamos assim, linha de produção: “Não, você não precisa saber pintar. Para que precisa saber pintar uma casa, né? Por que precisa fazer um cartaz, você? Não gente, eu já dou um cartaz para você. Você só faz em volta! Não erra o contorno. Se pintar o vermelho para fora, está errado.” (participantes manifestam e falas sobrepostas) Quer dizer, você limita a criatividade do moleque: “Olha, não pode ter criatividade. Não é para pintar de verde. Quero azul! Esse

menino tem problema, pintou de vermelho, ele tem problema na casa dele...”

(participantes manifestam e falas sobrepostas)

Gilberto - Eles são muito condicionados.

(participantes manifestam e falas sobrepostas)

Fred - Eu acho que é a violência, né, se usar o vermelho.

Elis - Se usar o preto, então...

Fred - Quer dizer, você está, desde os sete anos, você está trabalhando o indivíduo para ser um peãozinho do capitalismo, um peãozinho do Matrix. Você vê...

Gilberto – Eles são muito condicionados para fazer a margem, né?

Fred – É. Então?

Gilberto – Você não precisa fazer a margem, mesmo assim eles fazem.

(falas sobrepostas)

Fred - Com os moleques, você dá o papel lá na rádio. Ele errou. Está tudo bonito no roteiro dele. Errou uma palavra, aqui, à caneta, ele já amassa o papel. Falo: “Por que você amassou?”

Gilberto – É.

Fred – “Professor, e aí?” Errou rapaz, faz um xisquinho assim. Isso a vida inteira eu passei na vida inteira na minha vida porque eu sempre nunca, nunca... Eu errei? Rasuro e pronto! Tirava zero em prova na faculdade de direito, em Mogi, porque tinha uma professora de metodologia... As metodologia aí que eu adoro! Chegou, ela... A sério, eu fiz a prova. Você fez a prova. Depois, você para um pouquinho, reflete, vê o que tinha que por, o que não tinha que por, pá. Então, acho que eu errei aqui, errei aqui, pá. Rasurei. Tirei zero! A nota minha era oito e meio. Bombei. Por quê? Porque eu rasurei. E aí? O que interessa é o que eu sei, não que eu rasurei. O que interessa é eu estar expondo a minha liberdade. não? E o modelo, a nossa sociedade vai cerceando a criança até nisso. Ela não pode ter a liberdade de pintar o que ela quer, né? Às vezes, muitas vezes, as cores até. Eu já vi exercício de tia de primeira série que é assim, olha: “Pinte...” Ela tem uma arvorezinha, uma casinha... “ Pinte a árvore...” Um negócio é marrom, o outro é verde. “Minha árvore é laranja, maluco!”, e aí ele não pode ter essa idéia? Né? Da onde... Acho que cada vez mais a gente vai ter menos Picasso, menos Van Gogh, na nossa sociedade. Por quê? Cada vez mais a sociedade está impondo um modelo completamente de produção. De produção mesmo: “Vamos produzir, gente. Vocês não precisam pensar. Tem gente que já nasceu para pensar. Vocês só vão ser peão.”

Antônio – Aliás, o que diga-se de passagem que é um... a escola atrasada, porque esse processo, a necessidade de preparar essa pessoa para esse processo produtivo, já foi, né? A própria tecnologia acabou com essas vagas de pessoas mecanizadas. Mas escola ainda mantém esse processo de querer produção, produção, produção! Não só a escola. Vamos dizer que o nosso profissionalizante também, né? Não podemos esquecer dele.

? - Não. Não podemos mesmo, porque é assim.

Antônio – É complicado trabalhar./

Elis - Tudo isso tem muito a ver com a educomunicação, né? Quer dizer, o homem de hoje tem que ser diferente. A escola ainda continua formando o homem de ontem, né?

Antônio – Exato.

Elis - Essa coisa do parar para pensar é perda de tempo tem muito a ver com o que o Caetano disse no início do grupo, né? Você fica fazendo, fazendo, fazendo e, de repente, a gente sente exatamente o que a gente sentiu no começo do grupo; quer dizer, é: “Vamos, que a gente tem muita coisa... E a gente não pode ter tempo.” E a gente faz exatamente isso com os meninos. Os meninos têm que ficar dentro da sala e a gente sempre /, né? E aí, a gente percebe que as crianças estão agitadas, né?

Antônio – Porque pensar dói...

(risos de alguns participantes)

Elis - É...

Antônio – Dói o estômago, sei lá...

(falas sobrepostas)

Coordenador – Bom, posso interromper um pouquinho o fluxo intenso de idéias? Bom, já interrompi. A gente está no finalzinho, conforme o combinado. Nosso tempo é até meio-dia. É, acho que a Elis tirou as palavras, né, da minha boca. Estavam quase saindo e saíram pela boca da Elis... (interrupção)

Antônio – Isso foi um beijo, né?

(risos dos participantes)

Coordenador – Acho que é algo a se pensar. É outro objeto de discussão. É que foi falado bastante em relação aos jovens, aos estudantes, aos adolescentes, como é que vocês lidam com eles como educadores, como educadores, como arte-educadores, né, nesses papéis que vocês exercem, mas também contando / diferentes mesmo, né? E mesmo com as pressões, que apareceram lá no começo da discussão... Vocês lidaram com pressões que vêm da direção. Entre os pares, também vocês lembraram. Mesmo assim, há uma busca de brechas e uma busca de encontrar alguns caminhos, né? Novamente não ficou muito claro, e é interessante pensar um pouco isso, como é que... se essa relação está mais individualizada, né, ou se ela passa por algum espaço coletivo, de grupos. Eu já não... Eu já até formulei uma outra pergunta, né? “Qual é a contribuição do grupo para a educomunicação funcionar?” é a pergunta que eu iniciei, já no primeiro encontro. Hoje, talvez, eu possa fazer uma outra, né, “Qual é a contribuição da educomunicação para o grupo? Para vocês formarem o grupo, né?”. Em algum momento, vocês começaram a ensaiar uma referência em relação a isso. Não é só a educomunicação, mas os princípios que estão por trás e que a educomunicação reproduz, daí, né? Pode ser arte-educação. Pode ser alguma... algum outro procedimento educativo. Mas, o

que essa... que é esses princípios, esses paradigmas, né, contribuem para vocês formarem um grupo e esse grupo funcionar na prática de educomunicação da Fundação, por exemplo? Vocês fizeram bastante referência aos outros projetos que vocês também realizam e que têm princípios parecidos e que contribuem. É, acho que, por hoje, a gente pode encerrar. Se alguém quiser fazer uma colocação a mais? Não? E aí, a gente tem um encontro marcado no dia vinte, às duas da tarde, estaremos aqui, de volta. Esse é o terceiro encontro, tá legal?. E aí, recapitulando, quer dizer, a continuidade das pessoas é de quem participou do primeiro ou do segundo encontro, conforme o que a gente recapitulou aqui, né? No momento em que a gente mesmo, né, como a gente estava falando dos alunos, né, talvez, às vezes parece que se entra um pouco em crise quando se abre a possibilidade de escolha, a gente tenha passado um pouco por isso, nesses primeiros momentos do grupo, né? Eu faço uma leitura muito parecida com o que a Elis fez. Quer dizer, isso não é uma questão dos alunos. É uma questão das organizações grupais, até maior mesmo, que é de como a gente se constitui em grupo para as atividades funcionarem. Precisa de um relacionamento? Quem define? Precisa ser o coordenador? O Joari que fez a pesquisa; ele tem que definir o que ele quer saber. E, aí, eu recapitulo o final do grupo passado, né? Quer dizer, se essas questões respondem a pergunta da pesquisa, mas também, quais são as perguntas que precisam ser feitas para aproveitar essas respostas que vocês estão dando, aqui, no grupo. E que, talvez, seja até mais importante. Porque vai, como o Fred colocou, orientar a leitura e a análise do trabalho para contribuir para a área de educomunicação, para outros projetos, outras propostas na área de educação, na área social, para entender um pouco melhor o que o grupo ajuda ou não para funcionar esses trabalhos, né? Está legal? A gente se encontra, então, dia 20? Bom feriado para vocês!

(vários participantes agradecem)

Fred – Valeu, Joari, Joarez!

FIM DA GRAVAÇÃO

Grupo Operativo 3			
Encontro	3		
Data	20 de setembro de 2007		
Local	Centro de Referência em Educomunicação, Parque da Cidade – sala maior de atividades		
Participantes (11)	Zélia, Guilherme, Daniel, Mariane, Gilberto, Nara, Marisa, Roberto, Elis, Fred e Caetano. Ausente: Fernanda, Rosana, Ubiratã, Plácido, Vanessa, Adriana, Paula Lima, Teresa, Maria e Priscilla.		
Coordenador	Joari	Observadora:	Luciana
Tempo de gravação:	1h 54min 2seg	sistema de gravação:	Cassete e digital

Elis – (...) No máximo, o que pode acontecer é a gente começar duas e meia e ir até às quatro e meia, né, para garantir o seu horário?

Coordenador – O nosso horário é até as quatro.

Elis – É?

Coordenador - Para garantir o horário de vocês também, né?

Elis – Não, mas o nosso horário é até às cinco.

Marisa – É, e eu vou sair de [levinho] para não atrapalhar. Eu só levanto, quietinha, e vou embora.

Coordenador – Está bom. Boa tarde para vocês, então, que estão aqui! A gente... Até foi um objeto, foi uma questão que a gente conversou no primeiro encontro, né? A gente... Qual o critério para iniciar a discussão. A gente combinou que começa com as pessoas que estivessem, com dez minutos de espera e tal, e começava. Isso é o que a gente vai fazer hoje. Como foi na semana passada, aliás, no encontro passado também. Acho que, talvez, outras pessoas, elas vão acabar chegando, se elas vierem, claro, no decorrer da conversa. Algumas pessoas já mandaram aviso de que não poderiam vir hoje, pela Elisabete. Então, é, acho que a gente pode tocar o barco, aproveitar o espaço de discussão e reflexão, né? Eu queria recapitular, bem rapidamente, é, alguns pontos que ficaram do encontro passado, que marcaram, assim. Acho que, primeiramente, aquela reflexão de quem é o grupo, né, que vai discutir. A gente circulou bastante em torno daquela questão. Me pareceu que havia uma dificuldade para entender qual era a questão. Havia várias questões, é..., é... juntas, né? Uma questão era a questão das pessoas que estão participando do grupo, aqui; outra questão é a ampliação do grupo de... (interrupção)

Zélia – Boa tarde!

Coordenador – Boa tarde! A ampliação do grupo de educadores. Fique à vontade, tá. É, elas eram parecidas, mas não eram iguais. Acho que com empenho e com o tempo, acho que com a participação de vocês mesmos, né, acho que conseguiu-se ver o que que era uma coisa e outra e o que era, ao mesmo tempo, as duas coisas. E isso foi o tema da discussão, daí por diante, né? E isso passou pela questão da entrada dos novos, a relação entre os novos e os antigos, alguns pontos que incomodavam uns e outros, né? Para quem estava a mais tempo tinha um significado. Tinha um significado para quem estava aqui e para a instituição, para quem estava entrando. É... Houve também muitas... muitos relatos de experiências vividas pessoalmente, a meu ver, com essa questão da democracia, da participação, do trabalho em grupo, não é? É, várias experiências, né? Acho que várias pessoas relataram, é, as suas

experiências tanto em educomunicação, né, quanto experiências em, aqui mesmo, na Fundação, com outros projetos, arte-educação etc., é, ou as experiências fora da Fundação também. Essas experiências marcam bastante cada um, parece, daqueles que falaram. É, em alguns desses... Em certo momento houve uma tentativa de as pessoas relacionarem umas com as outras, a experiência de umas com as outras, né? E, a coisa, a questão que, talvez, tenha ficado, né, continua ficando do primeiro encontro e do segundo encontro, certo, até por conta da repetição da questão da re... do projeto ideal da educomunicação e do projeto real que se consegue fazer. É um pouco aonde é que está o grupo de educadores, quer dizer, que fazem a formação; quer dizer, vocês. Nessa atividade para realizar essa educomunicação possível, a que está sendo realizada, né, é, até por conta dos relatos serem relatos bastante densos, mas relatos que trazem à tona a experiência pessoal, né, do eu, de cada um em relação ao que está fazendo. E, como eu disse no encontro passado, eu queria recapitular esse ponto, talvez, para dar um pontapé de partida, hoje, que é para essa... essa questão do grupo de educadores que vocês realizam, que vocês conseguem. O quanto ele está sendo uma referência para o que vocês estão conseguindo fazer, propor as atividades de educomunicação, né, nas unidades, nos projetos que vocês estão realizando; quer dizer, qual o grupo de referência? Há um grupo de fato? Talvez seja essa uma pergunta, né? E, talvez, mais a... Essa pergunta é mais interessante ainda por quê? Porque também aparece aqui a... um pouco essa ambigüidade que vocês relataram em relação ao ideal de educomunicação e ao... à educomunicação que é realizada, que é possível. Quer dizer, lá nas unidades, nos projetos, você tenta fazer o grupo, você tenta fazer de forma participativa, mas você tenta fazer de forma aberta, né? Mas, quando vocês estão atuando como formadores, pode ser educadores, como educadores, numa equipe de educomunicação, como é que está sendo essa idéia do grupo de vocês? Não necessariamente o grupo de cada um ou cada, né, grupo menor que realiza nas unidades, né? É que acho que esse já veio à tona nos outros dois encontros, né?

Gilberto – Você colocou a questão se há grupo?

Coordenador – Como é que é esse grupo, se está tendo...

Gilberto – Se há um grupo realmente de educomunicação? Se está havendo uma troca, né? Eu acho que há. Tanto que a gente já tem feito muitas coisas juntos, produzir oficinas, a gente está realizando coberturas. Tem esse lado também de aqui ser um ponto de convergência de profissionais que estão realizando determinados trabalhos nas unidades. Aqui acaba sendo esse ponto de troca, onde cada um expõe o trabalho que vem realizando. Mas, que há um grupo de educadores, eu acredito que há sim. Com todos os problemas que possam haver, né?

(Alguns participantes do grupo entram na sala e se dirigem ao Coordenador para informar que não participariam do grupo de discussão porque tinham de preparar as atividades de oficinas que realizariam na semana seguinte e que não teriam outro horário para preparar.)

Coordenador – Elas vieram informar que não vão participar. Estão bolando as atividades da semana que vem. Mas, o Gilberto levantou acho que a questão...

Gilberto – Dos trabalhos em conjunto, né? A gente, é, agora, o Educom agora ele está... recentemente a gente... Ele teve um início mais teórico e, recentemente, a gente tem partido para uma coisa mais prática, né? A gente participou do Simpósio, do Virtual Educa, que são situações em que o grupo precisou agir em conjunto, né? A gente teve que estabelecer

estratégias conjuntamente, teve que agir em conjunto, né? A gente teve um grupo, né, que interage, que produz coisas juntos. E, assim, a meu ver, as coisas acabam funcionando melhor aqui do que nas unidades, [nessa realidade]. Bom, é fácil de explicar por que, né? Todo mundo está tendo essa formação, né, todo mundo tem conhecimento de educomunicação, acaba sendo um espaço diferenciado e que a tendência é realmente as pessoas irem bem mais certas. É uma estrutura menor também. As pessoas estão envolvidas com a mesma coisa, né?

(10:10) Caetano – Não sei não... Não sei se eu consigo diferenciar essa questão da formação do grupo por causa da educomunicação da formação do grupo por outros motivos. Se eu encontrar um grupo para jogar futebol-soçaite toda sexta-feira, a gente vai ter uma organização, essa questão de grupo, cada um no seu lugar. Mas, tentando organizar para que aconteça. Então, não é exatamente a educomunicação que forma o grupo. Ela é porque, né, colocaram educomunicação. Mas, se fosse colocar arte-educação, se fosse colocar outro tema para ser discutido, também formaria um grupo. Não sei se... (fala sobreposta)

Gilberto – É, eu não quis dizer que é por ser educomunicação; mas, acho que é por ser o mesmo... o mesmo foco, né? Assim, quer dizer, independente, né, pode até ser os jogadores. É, até para ser jogador de no futebol você precisa ganhar ou poderia ser de repente todo mundo [reunido] num projeto de educação profissional, mas por ser um... sei lá, eu...

Caetano – Acho que é natural formar um grupo, assim.

Gilberto - Eu acho.

Caetano – Não foi a questão da educomunicação que formou o grupo.

Gilberto – É. Não.

Daniel – Eu acho que isso facilitou assim, por ser esse grupo de pessoas envolvidas na mesma formação, né?

(silêncio)

Coordenador – Na verdade, a gente está falando de uma relação entre grupo e educomunicação, né? Nessa relação, a gente pode pensar tanto o que a educomunicação contribui para o grupo, né, quanto o que o grupo contribui para a educomunicação. Acho que a gente pode pensar nesses dois sentidos. É, a gente questionou bastante o quanto é possível a educomunicação contribuir para os grupos, né? Aí, tem a educomunicação ideal e tem a educomunicação possível dentro de uma instituição, que tem a hierarquia, tem a relação de poder, tem a realidade de cada unidade, a realidade de cada um de vocês, né? É, no próprio encontro passado, eu tentei puxar essa discussão também no sentido inverso; quer dizer, o que o grupo está propondo para a educomunicação, o que o... Quer dizer, essa equipe vocês consideram que é um grupo? Essa equipe de educadores é um grupo e é uma referência para o trabalho que cada um de vocês faz na unidade? E aí, aquela discussão sobre quem é o grupo, a ampliação, como é que está sendo essa ampliação, ela passa a ter um sentido bastante grande, né? Porque é tanto pensar o grupo que existe quanto pensar o grupo que vocês querem que exista, né, o futuro desse grupo. E aí, há a possibilidade de pensar nessas duas mãos, nesses dois sentidos. Algumas pessoas até relataram que há uma especificidade sim da educomunicação para se trabalhar em grupo e outras pessoas consideram que não, que não há uma especificidade. Até o próprio Caetano está trazendo essa

questão de volta, hoje. E acho que essa seria uma temática importante para a gente desenvolver, avançar mais hoje, assim. Acho que, no encontro passado, a gente desenvolveu bastantes temas, a gente abriu bastante o leque. Então, eu estou pensando em a gente fechar um pouco a discussão nesse tema, certo, por conta do tema geral do grupo, que, né, foi até um outro questionamento do encontro passado: Qual é o tema do grupo, né, para essa discussão? E aí, eu recapitulo, né, que era entender, né, qual o papel do trabalho em grupo para realizar a educomunicação. E aí, a pergunta para vocês que estão nesse papel de educadores e de formadores aqui na Fundação, o que que é o trabalho em grupo de vocês, né, nas unidades? Há um grupo específico das unidades? Há um grupo específico de educadores aqui, que serve de referência para a unidade? Exatamente, eu não sei formular a pergunta porque isso dependerá muito da realidade que vocês estão vivendo. E, talvez, seja um pouco diferente, dependendo do ponto-de-vista em que vocês estão; quer dizer, na unidade, a equipe multiprofissional, os novos, os mais antigos. Eu acho que isso é a riqueza da discussão que vocês vão trazer para cá, que é a experiência de cada um em relação ao grupo.

(15:00) Elis – Eu concordo com o Caetano, que esse grupo se constitui grupo na medida em que a gente compartilha o mesmo espaço, a gente tem uma rotina, né; ou seja, se encontrar toda quinta. Mas, eu também acho que ele tem uma certa, é..., uma certa cultura organizacional desse grupo, né? Na medida que, é... E aí, eu acho que os educadores mais antigos conseguem com maior facilidade se constituir um grupo mais específico que tem claro os princípios da educação; ou seja, eu acho que esse grupo, de modo geral, ele compartilha de algumas idéias, né, de alguns fazeres, lá nas unidades, que é muito diferente de alguns profissionais que não conhecem os princípios da educação, né? Então, eu acho que essa é uma das características que constitui o grupo de educação, é, com uma certa particularidade, né? E, ao mesmo tempo, eu também acho que eles têm caminhado para poder ter, é, não sei se é da forma ideal ainda, né, para espalhar isso, sabe? Eu acho que semear um pouco disso junto com os outros profissionais da própria unidade, que a gente vê com as parcerias, com as tentativas de produzir alguns trabalhos juntos. Então, eu acho que tem, assim, uma coisa que constitui também não só o grupo, mas o grupo de educação.

Caetano – Com relação a essa questão da afetividade, que você falou antes. Essa é a questão do seu trabalho, né, da sua pesquisa. Acho que mais nesse sentido de colocar que não é a educação e tal. Concordo com o que ela falou. É verdade, tem uma coisa específica para se trabalhar, assim, essa metodologia, essa teoria. Isso gera algumas coisas que são próprias do grupo mesmo, a cultura. A gente vem e discute, vai para a unidade e tem um conhecimento que as outras pessoas não têm. Mesmo a distância, ele está realizando um trabalho de grupo com [toda essa fundamentação] dessas discussões. E com relação ao que o grupo colabora para a educação é com essa discussão mesmo, com esses pontos de vista. A Fundação tem um percurso para chegar até a educação. Ela tem um percurso grande aí. Passou pelas artes e ofícios, trabalho manual voltado para a geração de renda; depois, caiu na arte e cultura, que foi transformado em arte-educação; depois, veio a educação. Então, tem um conhecimento adquirido nesse percurso que o trabalho só com educação não tem, né? Às vezes, tem alguns embates e tal. A Bethânia estava falando hoje que o Hermeto escreveu alguma coisa sobre a educação, colocando essa questão da Fundação, né, que é outra pedagogia. Aí a educação vai sendo construída. Foi no encontro que teve.

Coordenador – E que pedagogia é essa?

Caetano – Eu acho que é isso. Tem esse percurso, esse conhecimento que as pessoas foram

adquirindo com o tempo, com a prática, né, com o contato com outras teorias também. Tem o contato com a teoria, vai para a sala de aula para por em prática, ver o que dá certo, o que dá errado. Vai se adquirindo um conhecimento. Daí, vem a educomunicação como outra linha de pensamento, outra organização. Existem alguns choques com relação a isso, né, porque na Fundação [está se dando uma questão muito específica] quanto à experiência que se tem com a arte-educação, principalmente. Então, a educomunicação que se dá na Fundação, ela não é essa que se dá no Estado de São Paulo, por exemplo, lá nas escolas públicas. Ela é diferente por conta dessa experiência com arte-educação. Sai uma outra coisa aí. (instantes de silêncio) A gente faz assim, olha...

Fred – E isso aí...

Caetano - Deixa eu só... Para esclarecer melhor, por exemplo, o Fred é ator, o Daniel é músico e eu sou publicitário, e tem esse ambiente diferenciado da escola. Todos eles são professores, com formação de professor. Acho que isso não é à toa. No encontro com a educomunicação, produz um outro tipo de comunicação.

Daniel – A gente percebe essa linha que o Caetano está falando [porque] o projeto de educomunicação aqui na Fundação é diferente de São Paulo, se você pensar também que o mediador que está aqui na Fundação, não fazendo uma comparação, mas o que o Caetano está falando, além de a gente ter esse embasamento em educomunicação, já teve embasamento de arte-educador, cada um tem o seu embasamento pessoal na área de artes, música, teatro e comunicação. Você mescla junto tudo isso daí, vai para [trabalhar] em sala de aula e sai, daí, um outro tipo de mediador, de educador. Acho que essa seja a diferença, talvez, esse caminho...

Caetano – Mediação /

Daniel – Esse caminho que a gente percorreu.

Caetano – É.

Daniel – Quatro, cinco, seis anos. Talvez, essa media... essa busca tenha sido diferente. Isso é o diferencial da... do educomunicação na Fundação, que o professor Hermeto deve ter falado no texto.

Caetano – Parece que, por ser a Fundação também o terceiro setor, né, tem um pouco de assistencialismo também, [todos] querendo ajudar. Então, dá um outro tom, diferente da escola. A escola está lá, o professor para ensinar, o aluno para aprender e, a partir disso aí, a educomunicação veio para melhorar essa relação. Fundação, não. Já tinha uma preocupação porque não era escola e tinha essa questão de “ajudar os pobres” (em tom constrangido). Então, tem um outro trato já no relacionamento, diferente da escola.

Elis – Eu acho que, pensando o que eles estão falando, né, talvez, essa educomunicação que aconteça fora, ela tem como foco, assim, como é que ela pode ser uma estratégia, um instrumento para aprender, né, para a aprendizagem. As escolas buscam isso, estratégias e ferramentas para que os meninos possam aprender mais. E aqui, eu acho que, por causa dessa cultura da Fundação, tal, a educomunicação vem como uma estratégia mais para o desenvolvimento, né? Claro que o desenvolvimento e a aprendizagem estão muito ligados, mas é mais relacionada a questão do desenvolvimento. O menino, ele, se ele está conseguindo

se expressar perante um público, já é uma grande conquista, né? Se esse menino consegue se fazer presente através da educomunicação, esse é um grande passo. Então, eu acho que tem esse foco do... O quanto a educomunicação, a arte-educação está aí para ampliar esse repertório cultural, para possibilitar mais desenvolvimento, né, é... sem levar em consideração algumas coisas que a escola acha como importante; por exemplo, o menino não ler e não escrever não pode ser impedimento para ele fazer educomunicação, né? Então, acho que a gente... Acho que a educomunicação advém um pouco desse foco.

Daniel - Um foco diferenciado de como ele é implantado nas escolas, né? Na escola ele é implantado como uma ferramenta, para diminuir o absenteísmo, para ter mais participação na sala de aula, para acabar com a bagunça dentro da escola. Não sei, tem um outro foco, diferente da Fundação. A educomunicação dentro Fundação não tem esse foco. Um outro olhar, uma outra série de questões por trás disso

Gilberto - A impressão que dá é que, assim, na escola pública, a educomunicação é para resolver conflitos, né? No Educom-rádio, eu li, que foi realizado assim em escolas que a situação era bem tensa mesmo, de professor de um lado... Professor, diretor, aluno como três elementos totalmente separados um do outro, um choque, um conflito, né? Parece, assim, que a experiência foi para aproximar, para procurar resolver esse conflito. Agora, na Fundação, a situação é diferente, não é?. Não que não haja o conflito, mas, acho que é bem menos, né? Acho que bem menos que na escola, né? Tem sempre essa situação que é sempre relatada aqui, as crianças gostarem mais da Fundação do que da escola.

Coordenador – É, a escola tem servido meio como um parâmetro para vocês. Acho que no primeiro e no segundo encontros ela já apareceu aqui, mas como uma... algo que não se quer ser. E aí, a pergunta que eu estou fazendo, hoje, é: O que se quer ser? O que o grupo serve para isso, né? É, acho que está, estão aparecendo aí é uma tentativa de responder, né; quer dizer, formação diversa, tem uma especificidade já na formação de um grupo que vem da experiência da arte-educação, experiências anteriores. E aí, ela... A finalidade é um pouquinho diferente também, não necessariamente só transmitir, a abordagem no desenvolvimento da pessoa, né, do adolescente, da criança. Então, eu acho que vocês estão falando dessa... da finalidade, né? E aí, eu volto um passo atrás, né? A gente falou muito de conflitos também, internos, dentro da Fundação, né, tentou, né, várias pessoas tentaram, é, elaborar e refletir um pouco sobre uma possível, é, um conflito que apareceu, quase filosófico, né, de propor atividades educacionais lá com a molecada e segurar, né, essa... esse princípio, mas não se sentir à vontade... tão à vontade assim [na instituição, porque ela] não pensa com esses mesmos princípios, tem uma estrutura já, diferente, né? E aí, eu penso, então, como é que o grupo age nessas situações, o grupo, a equipe de educadores age nessa questão, né? Assim, se tem a ação, né, a realização das finalidades em algumas atividades, e a ação do grupo em relação à instituição, né? Algumas pessoas até questionaram: “Não, não, eu... a gente não deve entrar em conflito com a instituição. O que a gente conseguir...” Eu vou fazer uma leitura: “Para a gente conseguir manter... essa brecha para continuar praticando a educomunicação, a gente [não precisa e não deve] entrar em conflito com a instituição. A gente aproveita as brechas, né? A gente realiza, bom, quando está lá, na sala, quem está lá na atividade somos nós e a gente consegue fazer valer os princípios.” Mas, houve também um questionamento de que: “Não, a gente deveria, assim, tentar colocar em questão esses princípios perante a instituição.” Daí, meio que para tentar uma legitimidade para essa... para esses princípios, pelo projeto de educomunicação, pelo grupo de educadores, para a instituição, né? E me parece ser um conflito bastante dolorido, né? A gente deu muitas voltas nos dois primeiros encontros, é, muitas falas marcando posições, mas eu acho que a gente não

conseguir elaborar isso, pensar um pouco o que está por trás desse conflito, né? É um grupo de referência claro? No encontro passado, existiu essa dúvida: “Não, mas esse grupo é dos antigos ou é um grupo novo? Como se [deu essa ampliação.]” Mas, será que é isso? Tem mais coisas, né? E, assim, focando bastante essa idéia de grupo, né? Acho que é a minha intenção, hoje, é, provocar essa discussão em relação a vocês, né, como membros de grupo, de um grupo de educomunicação, na Fundação. Então, a primeira questão que veio foi a... o quanto isso colabora para vocês agirem tendo a referência para a ação? Quer dizer, vocês sabem que vocês estão... É um grupo que pode agir, mesmo separado, para realizar as atividades com os adolescentes e os jovens. Agora, e essas outras questões que apareceram também, né, estão muito doloridas, que têm a ver com a forma... com experiências pessoais, tanto com a representação profissional que vocês têm, né, o papel que vocês exercem na instituição. A educomunicação é um grupo de educadores, então, que está conseguindo movimentar alguma coisa nesse sentido de alterar essas estruturas ou não? Ou, é uma solução que cada um está dando individualmente para isso? Talvez, seja uma... Essa, talvez, seja uma questão mais difícil de pensar, né? E, talvez, por isso, tenhamos circulado mais, nesses dois últimos encontros, não conseguimos passar da marcação das posições, né, de quem tem a opinião particular em relação a isso. Não sei se está claro o que eu estou falando. Está claro? Está clara para a Zélia, Roberto? E até essa questão, né, no primeiro encontro, houve esse questionamento de que todos não tinham se posicionado. Mas, se posicionado sobre o quê? No segundo encontro, a mesma coisa, houve um questionamento: “Não são todos que se posicionaram.” Mas, se posicionar sobre o quê? E o silêncio, qual o sentido de se manter o silêncio num grupo, né? Eu estou fazendo questões, né, eu não tenho respostas. Eu acho que são questões que ajudam a entender o que um grupo serve dentro de uma instituição e, até pensando esse papel que está aparecendo, quer dizer, ser uma referência para outros grupos dentro de outras instituições que pretendem implementar, implantar, né, a educomunicação em outros lugares, né, e o próprio desenvolvimento das próximas ações de vocês? Talvez, fosse mais mais fácil, para mim, fazer uma pergunta de cada vez, né? Já faço várias perguntas, no atacado.

Elis – Para nós, né?

Coordenador – Assim, até, hoje, está ficando muito claro para mim, até por estar fazendo várias perguntas, as respostas estão sendo para mim, quer dizer, dando as respostas para mim. Eu até pergunto, quer dizer, essas respostas são para o grupo, servem para o grupo de vocês, mesmo. Aí que é o sentido, até, de que esse grupo não seja só uma entrevista coletiva, mas seja também um grupo para elaborar o pensamento a respeito do que fazemos.

(Coordenador vai trocar de lado a fita cassete de gravação)

Caetano – Você está falando [a questão da dificuldade expressão na fundação, né? É uma opressão por] essa questão de grupo, se realiza as coisas em grupo. Mas, não é, assim, formação de grupo natural. É uma coisa meio de nivelar o que precisa ser feito em grupo e [o que é que você reagir nas] pessoas, que vão além daquilo que está sendo colocado ali. Nesse sentido, essa história de falar, né, é complicado, você começa a expor... Um grupo é formado de pessoas, né? Acho que tem uma, acho que, assim, a opinião do grupo é formada pela opinião pessoal de cada um coloca [em grupo e forma a opinião do] grupo, né? Eu acho que, assim, e essa opinião pessoal é que não é muito aceita, respeitada. O que se espera é que todos discutam e que tirem uma opinião só. Não que as pessoas coloquem suas opiniões pessoais para ali... Não sei se está claro. Eu acho que é um pouco cerceado isso, assim, propor uma opinião contrária ao que está sendo discutido, sendo colocado, porque a intenção é confrontar

a discussão, não ficar só concordando e tal; dar um equilíbrio, uma riqueza maior na discussão, às vezes, é uma provocação e tal, com uma intenção positiva, na verdade. E, aí, que é interpretado como uma: “Ah, está sendo do contra. Não está nem aí! Não liga.”, umas coisas assim. Acho que, nesse sentido também, as pessoas ficam um pouco ressabiadas de falar. Ressabiadas, se pode, se não pode. Tem um pouco de censura aí, embutida. É mais fácil você falar em grupo, porque, aí, fica mais complicado com vinte falando. Você se esconde também um pouco atrás do grupo, né? Você não expõe a opinião pessoal; você expõe a opinião de grupo. Então, tirar uma opinião aqui, eu não assumo a responsabilidade da decisão. Eu abro para o grupo, para sair a decisão de todos. O que é de todos não é de ninguém, entende? A gente... Acho que tem um pouco dessas coisas aí. (silêncio dos participantes e há muito ruído da sala ao lado, que recebia estudantes para visitar uma exposição) Eu estou falando uma questão pessoal. (risos do participante) [Eu já me ferrei] duas vezes com isso /

Coordenador – Oi?

Caetano – Estou falando uma questão pessoal mesmo, questão pessoal. E ficar falando, às vezes, escolher a posição contrária ao que está sendo dito, mas com essa intenção, né, de ampliar a discussão. [Se tiver outra] interpretação: “Ah, é do contra.” Vem para cá, eu vou para lá. Então, é uma questão pessoal. Fui transferido algumas vezes. O Guilherme também, né? Mas, eu acredito que é assim, sempre pensar positivo é melhor. Ninguém está sendo contra, ninguém quer o grupo ou a Fundação... impedir que as coisas aconteçam. Ampliar a discussão, ter vários pontos de vista, às vezes, ser incomodado, né?

(muito barulho na sala ao lado, que recebe a visita de estudantes para exposição)

(36:30) Guilherme – O objetivo nosso, né, cara, é esse [objetivo] mesmo. Se é incômodo, não dá. /

Coordenador – Essa é um questão pessoal só do Caetano? (o barulho na sala ao lado continua e alguns participantes do grupo demonstram incômodo e um pede silêncio) Tem um pouco o efeito “depois do almoço”, né? Acho que está um pouco cansado, mas é um pouco, talvez, o cansaço que vocês relataram no encontro passado. O cansaço com essas coisas também, a dificuldade de se agir dentro das instituições. Agora, o grupo de educadores consegue ser diferente dos outros grupos para essas coisas? O grupo de vocês consegue?

Fred – Eu acredito que tenta, mas não consegue.

Guilherme – Consegue um pouco sim. Acho que consegue um pouco, mas poderia conseguir mais, né?

Nara – Dentro das... dos limites e daquelas, assim... O grupo está tendo reclamações, no primeiro e no segundo encontro, né? Não reclamações; no sentido de dificuldade, né? Tem isso, tem aquilo, tem espaço, né? Mas, mesmo assim, o grupo trabalha dentro daquilo que está ali, né, para ele estar fazendo. Mas, eu sinto assim, a gente deveria de vez em quando dar uma parada. Esse exercício que você está fazendo é muito importante, né?

Elis – Muito bom!

Nara - Muito bom! Hoje, pela manhã, nós tivemos um trabalho com Bethânia e ela pediu que a gente fizesse uma avaliação. O cartaz está lá: eu, o outro, nós e o todos; enquanto

educadores, né, como eu me vejo dentro desse processo? Então, são momentos de reflexão para a gente. Por isso é muito válido A gente precisa disso. A gente tem que dar um tempo, uma parada sempre para rever o que é feito, né? E caminhar, né, porque, é, se a gente não tem o todo, né, não pode ter o todo, hoje; mas, pelo menos, que faça com o que você tenha o que você consegue fazer, né? E isso tudo em prol dos [adolescentes]. A gente está aqui, nesse momento, está com esse grupo, né? Por quê? Qual o objetivo? Por que isso, né? Tem um sentido, né? E o quanto, né, na colocação que o Caetano fez sobre a educação na escola e a gente, aqui, o quanto a gente consegue, né? E isso, a gente faz a diferença, né? Se é pouco o que a gente tem de material, de estrutura física, mas se faz, né? E isso, para os adolescentes é, assim, né, você joga uma sementinha ali e o negócio floresce. Por quê? Ele, é através desse trabalho que ele vão ter mais oportunidades, no sentido de falar, de se expor, de sua autonomia, né? E isso faz com todos os segmentos da vida, né? É igual a Elis fez a colocação: “Por que não sabe ler, não sabe escrever não vai participar daquilo? Vai sim!” Não sabe escrever, mas vai saber se expressar, né, comentar, reivindicar. E aí, [por isso ele procura, ele procura o crescimento dele] O nosso retorno cada vez mais... Eu acho que essas paradas nossas, esses... essas reflexões são muito importantes. É o que eu penso.

Elis – Eu fico pensando, né, que realmente o limite, ele é... Quando eu entrei na instituição, me disseram assim: “Olha, aqui as coisas são um pouco complicadas.”, né? E, aos poucos, eu fui vendo mesmo, mas me surpreendeu muito o grupo de Educom, porque, eu acho que, mesmo que, é, a chefia, a diretoria, eles privilegiam esse espaço do Educom de uma forma, né? Eu acho que isso é indício de que a gente tem um... que o próprio grupo, ele tem uma consideração. Então, por exemplo, é, não sei se seria isso, mas o... todos os profissionais terem sido liberados para participar uma semana do Virtual Educa, eu acho que é um esticada da instituição, sabe. E, teve até uma fala de uma pessoa, no dia que a gente... que o pessoal foi convidado para participar, que: “Ah, não sei se vai dar para participar porque a diretoria não vai liberar os profissionais.”, né, “Como é que vai sair todos os profissionais da institu... das unidades, a semana inteira?” E isso foi aprovado. Algumas situações com relação aos gestores, de dizer: “Ah, o meu funcionário tem que passar o dia inteiro no Educom, na quinta-feira?”, né? E as pessoas que estão acima da gente dizer: “Não, quinta-feira é dia de Educom” Então, em alguns, em pequenas situações, eu acho que eles acabam privilegiando um pouco esse espaço. Então, acho que o grupo conseguiu mostrar que esse espaço é importante; que estar aqui, na quinta-feira, é importante. Tem que ser o dia inteiro, não serve ficar aqui meio período. Sabe, então, acho que em algumas coisas o grupo tem conseguido se fazer, talvez, presente, né? Os resultados do trabalho, né, acho que eles têm olhado um pouco isso, com todas as limitações possíveis, né?

Mariane – Joari, na instituição, eu faço parte do Programa Criança, né? Sou diferente de todos eles aqui, que são arte-educadores. E, eu penso, na unidade, a gente tem um respaldo muito grande, que é o gestor. Tudo que a gente tem, é, passa para ele. Todo mundo passa para ele. A gente tem muito respaldo dele. A gente chega a achar até que esse problema dele a gente quase que não tem, né? Temos, mas é em grupo. Lá é em grupo. É, aí, eu também faço parte da informática, tudo que acontece também / , é tudo ela também, a gente passa tudo para ela. É difícil a gente chegar e fazer alguma coisa sozinho. É tudo em grupo. Não sei se porque é o Programa Criança tem uma diferença, mas, é... Todos nós temos as frustrações. Temos tudo isso. Mas, a gente consegue resolver muito fácil, muito rápido, porque a gente tem respaldo, muito respaldo. Eu não tenho do que me queixar.

(várias falas sobrepostas)

Fred – Não é a realidade nossa.

Guilherme - É...

Mariane - Isso. De todas. É, a nossa é um pouquinho diferente.

Fred – Toda regra tem sua exceção.

Guilherme - Eu acho que o pessoal é contra.

Mariane – Tanto que a Vanessa falou no encontro passado, né? Ela falou: “Nossa!” A Lúcia admirou do Programa Criança conseguir...

Guilherme - Às vezes, você pode ter o respaldo da estrutura, mas...

Mariane – Passar por tudo isso. Mas, a minha gestora, ela corre atrás de condução, de passe, tudo ela resolve, assim. Ela trata a gente...

Guilherme – Nossa!... (outros participantes se mostram surpresos também)

Mariane – É diferente, né, super diferente! E, não é só ela não. [Tem o Carlos]. Tem essa tranquilidade.

Coordenador – Deixa ver se eu entendi. Só que essa diferença tem a ver com o jeito de funcionar da unidade ou é algo que tem a ver com o grupo de educomunicação na unidade?

Mariane – Então, a minha unidade, todos nós trabalhamos com educomunicação. Todos.

Coordenador – É?

Mariane – É. É o grupo. Todos comprou essa idéia. Arte-educação, nós não somos Arte-educação, somos Programa Criança, mas lá foi implantado o Arte-educação. A gente foi dividido. Eu acabei ficando no meio porque eu era informática. Então, ficava dos dois lados. O Gilberto trabalhou com a gente, na época. Não é, Gilberto?

Gilberto – É.

Mariane – Aí, não deu certo porque é difícil. Ao mesmo tempo que você está ensinando a criança é... É a maior dificuldade. Acontece isso, ele sai do Programa Criança, vai para o Arte-educação, ele fica perdido porque ele está acostumado de a gente servir o almoço, de a gente ajudar a escovar os dentes, lição de casa, essas coisas todas. E foi legal, porque quando entrou isso lá, a gente viu que a gente estava... era muito babá mesmo com aquela criançada! Então, acho, agora, a gente tem que dar mais autonomia para eles, né? Com arte-educação, a gente mudou totalmente o nosso programa. Teve que mudar! Então, a... até a gestora ajuda muito. Então, todos, todos lá. Lá, até o guarda é educador. Todos, não tem um, não tem exceção. É interessante! Sabe? E mudou. Você chega lá e não pensa que é Programa Criança; você já pensa que é de Arte-educação mesmo. Eles já têm outro perfil. É muito legal! Pode até ir conhecer. É totalmente diferente. Então, esse aluno, se sair de lá, vai se dar bem em qualquer programa que ele quiser entrar, porque a gente... Com essa mudança que a Fundação fez, levando Arte-educação para lá, não deu certo ficar junto. Ficar junto não deu certo. Mas,

aí, teve que dividir, [ficou uma turma no] bairro B e nós ficamos só com as crianças. Aí, falamos: Por que não tratarmos as nossas crianças como Arte-educação? Por que não fazer, não é? E foi muito legal. Está dando certíssimo na nossa unidade.

Guilherme – Acho que o que acontece também, que uma coisa assim, que é todo mundo tem que pensar na educomunicação, mas, ao mesmo tempo, nós temos uma variáveis porque... Até, não sei nem se a pessoa que está encabeçando aquilo ali, né, é porque a gente tem de ter, então, uma pessoa que vai direcionar, vai gerenciar tudo ali, né? E, se ela também está ali vestindo a camisa.

Mariane – Ela fala: “Eu mando os meus profissionais lá para o Educom, para o... lá no.. na Univap. Eu mando. Eu dou a minha cara a tapa. Vamos comprar a briga? Todo mundo para o tronco? Vai.” Sabe, é assim que funciona.

Guilherme – E a gente vê que tem unidades que o material, às vezes, está travado por uma coisa ou por outra, não sei o quê. E, às vezes, a gente vê que tem unidades que corre atrás e tem outras que não tem nada disso aí, né? Agora, o que eu acho que a gente tem compartilhado o mesmo problema, é esse pessoal que fica malhando na linha de frente, que são os professores, os instrutores, os técnicos. São pessoas que estão ali e estão é... Às vezes, matam um leão por dia. Mas, faz o trabalho de casa, faz o trabalho que tem que fazer, de, de... Porque, muitas vezes, tem que se adequar no que vai acontecer no dia, né? Faltou um professor, não tem isso aqui, não sei o que, né? E, ali, na hora, “É nós ali, né, ó!”: Vamos juntar? O que a gente vai fazer, né? O que eu vejo é que isso daqui é uma carga que cada vez aumenta mais, né, no programa, lá. No caso, lá, eu vejo... Eu vejo, assim, nesse sentido, mas... Eu tive oportunidade de trabalhar no Programa Criança também e, pô, gostei muito.

Daniel – Eu acho, assim, no caso da Fundação, você tem que vender o peixe, primeiro, para, depois, ela comprar, né? A Elis falou da diretora do DA que libera a semana inteira. Mas, ela liberou pelo fato que ela viu que a gente conquistou o espaço da educomunicação dentro da Fundação. Se a gente chegasse e apresentasse a idéia naquele momento para ela, ela não iria liberar. Porque a gente provou por a mais bê, com toda a [experiência] que ficou atrás desse Virtual Educa ou do Simpósio, quanto a esse caminho. Então, a gente tem que ficar sempre lutando, mostrando, fazendo um pouquinho, com todas as dificuldades que a gente tem nas unidades. Todo mundo deve saber? Faltam um, dois, três, quatro professores. A gente sabe as dificuldades como é que é. E, aí, a gente acaba, né, ter de se virar nos trinta, aí, e provar por que é importante, por que tem de ter esse dia, por que tem a capacitação.

Guilherme – [E convence?]

Daniel – E, às vezes, ainda não convence, dependendo da situação.

Guilherme – Porque você tem que, e ainda mais no... Até a questão da arte-educação, assim, para alguns, para muitas pessoas, não está meio claro, ainda, isso aí, né? As pessoas começaram a discutir isso ainda, o padrão, padrão tradicional, né? Então, aquela bagunça controlada ou então aquele ócio produtivo não fazem muito parte do vocabulário, não, né? Mas, ele é um... Colocar todo mundo sentado mesmo, não cabe todo mundo dentro da sala.

(50:20) Gilberto – Essa obsessão por controle, que o Hermeto falou, né? Tem que estar tudo sob controle, não pode ter barulho, não pode ter desordem, não pode ter ninguém fora do lugar que é para ficar, né? Então, as peças nos seus devidos lugares. Isso é bem forte aqui na

Fundação.

Guilherme – É. Isso é questão [típica] de identidade, de, olha... questão de saber, assim... Boné, né? Questões que persistem, né, ainda, de lenço, sabe, de não respeitar a individualidade. Às vezes, até porque aquele momento que a criança está passando, do adolescente, né, é importante ela saber que tem lugares que ela vai poder usar e outros não, né? Mas, você não pode castrar o... a individualidade dele, né?

Mariane – Como a gente estava falando de manhã, quando implantaram o Arte-educação na minha unidade, nossa, [a gente nunca tinha visto,] era uma verdadeira bagunça, né, Gilberto?

Gilberto – A-hã...

Mariane – E era tão diferente. Como eu pegava as criança e pegava os adolescentes, aí, eles já vinham para a minha atividade, eles já vinham... já era outra cabeça. Nossa! Aí, eu pegava os pequeninhos, eram tudo bonitinho, tudo certinho. Chegava nos adolescentes, rolava altos papos, gostoso. Tinha um cara reformulando as atividades dos arte-educadores: “Estão acabando com a nossa unidade.” Mas era, eles... Era uma outra visão. Depois que tiraram isso, sentimos uma falta. Então, isso modificou o Programa Criança, deixou ele que nem Arte-educação. (vários participantes riem) É porque, olha para você ver como que é a visão, né, mas é melhor Arte-educação até para os pequeninhos, que eu acho que é bem mais, é bem mais... Assim, para eles, é muito bom, né? Uma autonomia, um ganho tanto para eles quanto para a gente, né?

Zélia – Enquanto você fala, eu fico olhando para a Marisa e fico, né? É uma mistura de alegria, por você, né, pela unidade que você está, mas é uma mistura de inveja também. (risos) É, no Programa Aprendiz, só tem uma unidade que tem professor participando, né? As adolescentes que estão vieram da unidade que o Gilberto estava. Os que estavam muito envolvidos, no semestre passado...

Marisa - Elas saíram?...

Zélia – Não saíram, mas eles estão num outro mundo... (risos) É, eles ainda tentam participar, mas eles têm outras responsabilidades. E... Na parte da manhã mesmo, a gente estava tão incomodada: O que a gente vai fazer, Marisa? A gente já conversou com a chefia, a gente já conversou não sei o quê... Né, vocês percebem que o único profissional que fica na linha de frente, matando leões etc., né, é o Plácido, né? E ele, muitas vezes, não vem. A Cibele já não vem mais, né? É a única unidade, dos novos, que agora que começou, né, que veio /. Então, as outras unidades não têm e a gente fica assim, é reunião... Todas as reuniões a gente aponta para a chefia. Aí, chama o gestor, conversa com o gestor. A gente fala com o profissional. E as coisas não andam muito, né? E, hoje mesmo, a gente estava pensando em outras estratégias. Mas, é... A gente sente as coisas, a gente participa aqui, né? Aqui a gente consegue participar com os adolescentes dos outros, né? Tem coisas que acontecem, e é legal. A gente não fica lamentando a situação, né? A gente está participando, mas de as coisas acontecerem nos outros programas e no nosso não.

Mariane – Lá, eles têm esse respaldo de vocês, mas não têm essa reciprocidade deles com vocês, então, no caso, né? Eles não estão participando... (interrompida pela outra participante)

Zélia – Então, e os adolescentes estão chegando prontinhos do Arte-educação no Aprendiz e

ficam, é... sem participar, né? Eles até encontram com a gente e perguntam. É, eu não sei como... A gente, por enquanto, está pensando em um unidade, mas, na outras, a gente tem que ver também o que fazer, porque essa compreensão geral [tão sonhada], que acontece por aqui... (interrompida)

Marisa – Mas é que a nossa unidade é diferente, né? A nossa unidade segue uma lei, segue uma... (interrompida)

Zélia – Mas, assim, apesar de ser diferente, a gente está vendo que está muito moroso, né, está demorado demais. A gente não...

Marisa – Mas é que até engrenar, para poder olhar a educomunicação como fazendo parte de todo, de toda a... do processo, de toda a educação mesmo dentro da unidade, mesmo sendo profissionalizante, tendo que cumprir determinadas regras, carga horária, né, que envolve isso, é, dá para fazer essa conciliação, dá para ser trabalhado isso. E acho que a angústia é que a gente tá vendo que está demorando muito para por em prática, para...

Zélia – Não. É... Ações isoladas. Mas, assim, uma...

Marisa – Interação, né?

Zélia – Né, essa coisa bonita, isso não... A impressão que a gente tem é que está muito distante, né?

(55:50) Elis – Nesse sentido, acho que o Arte-educação já conseguiu, eu estou lembrando de outra situação aqui, validar muito esse espaço, né? Às vezes, a gente comentava com a chefia, enquanto equipe multi, né, dia de planejamento, por exemplo, gestor tem que estar junto, você entendeu, para saber o que os profissionais estão discutindo. Porque a gente tem a questão do gestor. É, ele vem de diferentes áreas, né? Mas, ele administra uma unidade em todos os aspectos, não só administrativos; administra conflitos, tal. E, às vezes, muitas vezes, os conflitos que ele administra, eu sinto que é por ele não conhecer o que está... acontecendo. Então, por exemplo, os meninos da educomunicação estão para fora da sala, né? De repente, eles acham isso como o quê? Uma desorganização, né? E eu achei muito legal, na última reunião de gestores, que houve uma fala da chefia dizendo que ela achava que os gestores tinham de vir, de vez em quando, participar de um dia da educomunicação, né? Vir assistir uma palestra porque a gente tem um calendário, para entender um pouco do assunto, né? E eu acho que isso, é, também vem como uma forma de dizer o quanto, um pouco, o quanto isso é um grupo, que tem um trabalho, que tem alguns diferenciais e uma forma, acho que, de colher produtos desse trabalho aqui que o Daniel está falando, né, que tem história, que eles foram conquistando dentro da instituição. Eu achei isso muito legal, que eu acho que a educomunicação precisa disso também dentro das unidades.

Guilherme – Eu tenho uma coisa. Concordo com você em gênero, número e grau. Mas, vou falar para você uma coisa que compartilho muito com os colegas, [que eu sempre falo com eles,] é a ausência dos gestores. E eu acho que só vai aumentar, eu sei, nesse último ano, com esse negócio da eleição. O gestor tem que trabalhar nessa questão política; vai ficar mais ausente ainda. É fogo, viu...

[Marisa] - Eles têm uma demanda...

Guilherme – É. Uma demanda grande. Então... A gente precisa mesmo disso, né, a presença, a presença física mesmo. Chega em situações que você não pode estar se posicionando, né?

Marisa – Sozinho, né?

Daniel – Às vezes, você chega na unidade e está você e você. Não tem apoio /, não tem gestor, não tem nada. A unidade está sob o comando dos professores.

Guilherme – Então, aí, vai como?

Daniel - /

Guilherme – Aí, depois, se der tudo bem, tudo bem. Agora, se não der tudo bem, e aí? Aí, lembra, assim, o Lula, não sabia de nada, não sabe de nada, não segura. Não tem como. Quem está no comando tem... Se a gente pensar como equipe, né, a gente tem que... E ali está tudo mundo junto[, se não todo mundo pára,] se não solucionar o problema, né?

Mariane – Uma coisa legal é... Não tem essa divisão: é instrutor, professor... Acho que isso aí, todos educadores, né? E a nova pedagogia... Eu vejo lá o nosso professor de ambiental. Ele não... Agora que ele está fazendo uma faculdade. Nossa, ele tem uma... ele tem um jeito com as crianças, todo especial. Ele tem uma didática, uma prática, uma coisa que é ele eu não sei aonde que ele adquiriu, porque ele nunca deu aula, nunca foi professor, né? [Como o Guilherme estava comentando], é prática mesmo, é colocar a mão na massa mesmo. Nenhum é igual. Para um você tenta de um jeitinho; não é aquele jeitinho, você faz de um outro jeito. É milhões de práticas, às vezes, em uma turma, em um dia de trabalho. Isso que, isso que o pessoal estava falando, acho muito certo. Tanto que a gente teve um programa muito sério, esses tempos atrás. Porque a cozinheira, ela ajuda muito a gente. Ela dá aula de tricô, de crochê, corte e costura. E ela não estava trabalhando nesse momento e ela fez uma oficina, uma oficina de tear, não sei o que lá. Aí, alguém lá, responsável pelas cozinheiras, fez o maior barraco. Só que ela não estava no horário de trabalho. Ela já tinha terminado e, como passatempo, ela queria ensinar as crianças. E as crianças, o maior carinho por ela. São crianças com muita dificuldade e queriam aprender. E aprenderam, assim, tipo tear, toda a paciência de eles estarem junto com a merendeira. Aí, nossa, foi uma confusão geral. Quer dizer, a cozinheira não pode ser educadora, porque lá foi barrado tudo: “Não pode! Não pode!” Aí, [acabaram com as aulas]. É só para comer. Só que, daí, fizeram várias cartas maravilhosas e mandaram para o presidente. Aí, chamaram minha gestora e ele falou assim: “Não, isso não tem problema. Você não precisa ficar preocupada.” Ela pensou que iria morrer lá na frente do homem. [Ele falou assim: “Não!...”] [Ele respondeu:] “Se ela estiver no horário de folga dela e ela quiser ensinar, não tem problema não. Ela pode dar oficina, ensinar. Os cozinheiros fazem o que eles quiserem, né? Fora do turno essa aula. Só que as merendeiras que estão indo agora lá ajudar estão tudo, assim, não pode nem sair da cozinha, nesses horários, né? (risos) E ele falou que não: “Ótimo. A unidade inteira está educando. É tudo educador? Legal. Desde a faxineira?” Claro. “Então, legal, né?” Ele não brigou. (risos) Acho que ele iria ficar louco. Não. Ele deixou. E as crianças aprendem. Incrível. As crianças têm o maior carinho. Aprendem a fazer tear com ela, ponto de crochê, que é uma coisa que está meio perdida nas crianças, né? Ponto de cruzinha, crochê, costurar. E elas fazem tudo isso. Paciente... Até os meninos, eles ficam lá costurando. É a coisa mais linda de ver. Não tem nenhuma idade. Qualquer idade...

(1:02:20) Caetano – É engraçado, para a educação não precisa nenhum requisito, né?

Qualquer um pode ser. Tem o lado bom disso e tem o lado ruim também.

Guilherme – Nossa, é muito, assim, o que move mesmo, assim, é trabalhar com a molecada, né? Porque, assim, é tem [contato] direto, né? E, todo esse tempo de Fundação, aí, cada lugar que passa, aquela turma que cativa, assim. Aquela molecada que tem um carinho, né, que deposita em cima de você. Você vê, a cada ano você vai percebendo, assim, a questão do exemplo [que você der], né, de... E você querer mudar o programa / A gente tem o Fundação na Escola, né, [que é uma espécie de unidade nova]. Isso aí é muito bom.

Mariane – Então, essas situação que eu falei, Caetano, é quinta-feira, que tem educação física. E vêm dois profissional e, aí, acaba. São muita criança. São cento e quarenta. Aí, precisa, pelo menos, de alguém para dar uma força, né, de ajudar. A gente tem duas crianças deficiente. Também tem que ficar atrás Às vezes, até o guarda fica lá, que nem babá. Aí, então, ela vem e ela pega dez crianças para ajudar, mas sempre com o profissional junto, assim, que dá respaldo. Não é assim, todo dia. É só nesse horário. E um fato interessante que aconteceu lá também, faz pouco tempo, um menino, para mostrar um pouco a diferença da escola. E ele é dez; dez em tudo. Dez na Fundação, dez na escola, um menino maravilhoso. Só que, agora, ele participando com a gente, a filmagem, rádio, né, a gente viu, que ele tem um problema sério. Ele...Ele tinha questão de querer suicidar, um monte de coisas terríveis da vida dele que a escola não percebeu e a gente percebeu dele, enquanto ele trabalhava com o rádio, nas programações das coisas que ele fazia. Aí, ele chegou para a professora e pediu ajuda. E o negócio dele, ele queria se matar. Não tinha razão para viver. Uma criança de nove, dez anos falar isso... Aí, essa professora da Fundação visita a escola para saber dele: “Não. Ele é dez. Ele é estudioso. As provas dele é tudo dez. Não falta. [Aluno] é ótimo.” Daí, a gente começou a perceber, conversar com a mãe. Daí, a mãe começou a contar umas coisas. Aí, para você ver, lá, a gente teve essa chance de perceber, através do relatos deles, avaliações, essas coisas que ele, né, podia estar aberto para dizer, para escrever, para falar na rádio, né? E a escola, já fica difícil de perceber essa criança. Criança era dez, era quieta, não abria a boca. /

(fim do lado da fita, trecho não transcrito)

Daniel - / a gente sabe que não acontece isso, porque dentro da hierarquia, assim /

Mariane – E agora...

Daniel - ?E às vezes acontece isso

Mariane – Ele fez um teatro, esses dias, também. Gente, não era ele; era um ator assim, um gabarito, um menino... Foi maravilhoso o trabalho. Ele ficou tão feliz de a gente assistir o teatro dele, lá na escola, né, que eu falei: “Gente, como pode, né?” E a gente perceber isso através, né, do... Porque antes, não, ele ficava quietinho, não falava nada, ele não reclamava, não tinha autonomia. Ótimo, né? Beleza! Sentou lá e, aí, a partir do momento que a gente começou a cutucar a criançada, “Vamos falar! Vamos escrever! Vamos fazer isso!”, é que a gente percebeu, né, a criança, esse outro lado, que a escola não tinha percebido, porque faz tempo que ele está lá, mas ele é bom, ele é dez, as notas do menino é tudo azul, acima da média todas boas, nem falta ele tem. Aí, vai ver, tem problema na família, sério, com o pai, com o tio, não só [de carinho], mas problemas terríveis, né? Uma criança de dez anos, praticamente, ele estava fazendo o papel do pai dele. A mãe estava exigindo dele como se fosse o marido dela, como se fosse um pai, jogando tudo nas costas de uma criança de nove, dez anos. Isso foi terrível, né? A gente está... Quer dizer, a gente não tem essa autonomia de ir

para um psicólogo para trabalhar isso, né? Mas, a gente já até está procurando ajuda, né? No caso, gente para poder trabalhar com essa criança. Acho que é muito bom. Lá, a gente tem vários casos e é legal quando a gente descobre e tenta ajudar. E consegue, na Fundação, né? Vai a Hortênsia, lá, faz um trabalho super legal...]

(fala interrompida)

Caetano – [A gente tem de ser] psicólogos também.

Mariane – É. A gente é mãe, a gente é tudo! (risos) Mas, às vezes, tem coisa que a gente tem medo de estragar. [Aqui, no caso,] é melhor chamar o especialista para estar /. Na cidade é complicado, né, no caso de psicólogo, né? A gente não consegue. Tem a Hortênsia, né, na instituição, está dando uma força, a Madalena. Até aí, tem essas coisas também, né? Uma criança que você olha, assim, você não acreditou que [o menino está vivendo o que ele relatou]. Já pensou, tentar o suicídio, querer morrer, a vida não ter sentido para uma criança que mal começou viver. Nossa, é horrível! / E aí, tem aquela parte também, né, que, hoje, o pessoal estava na sede falando, do cuidador, né? A gente cuida e a gente precisa também de alguém para cuidar da gente [que está mal]. Tantos problemas, né? [Haja a família da gente, encaminhar tantos problemas, né?] Tem também que a gente precisa de um colinho. (risos)

Coordenador – O grupo dá esse colo?

Mariane – Oi?

Coordenador – O grupo de educadores dá o colo?

Mariane – Ah, olha, eu estava com problemas sérios, esses tempos atrás, e eu conversei com várias pessoas aqui do Educom E foi tão legal, assim. Eu me senti muito bem. Mais, o pessoal da minha unidade /. São muito unidos. O pessoal de lá é muito dez.

Guilherme – Quando acontece umas coisas, assim... Semana passada, é, teve três meninos lá que nem fazem parte do Educom, mas eles participaram de um concurso, lá, junto com a escola, de fotografia. Aí, ganharam um MP4. Ganharam primeiro, segundo lugar, um poema, né? Eu achei legal porque eles foram me procurar, né? E aí, você vai lá, dá um toque, mas, acho que ficou tudo na mão do menino. Você que vê que ele está indo, fazendo. Vou falar uma coisa para vocês, legal! / Tem hora que tem umas coisas que baqueiam; tem horas que tem umas coisas que levantam, né? A iniciativa, né? E, aí, os outros chegaram. Ficaram comentando / tipo, do nada. Tinha muita gente que nem participou do concurso. Foi um professor da escola que fez o concurso lá. E o menino ficou no pé. Ele foi num lugar longe, lá, tirar foto do por-do-sol e acabou com uma foto simples ganhou em primeiro lugar, ganhou um MP4.

Daniel - Cuidado, agora...

(risos)

Guilherme – É... Mas eu até falei para o Gilberto, né, meu, que a gente não tinha um olhar para ele, assim. Agora, a gente falou, vamos ver se integra no grupo, né, de educação. Você vê...

Gilberto – O Manoel, né?

Guilherme – É.

Gilberto – Então, a gente está querendo que o Manoel participe. [Mas, só que ele é criança,] então, a gente está esbarrando na questão do transporte. O Manoel é um menino esperto, né? Tem muita facilidade com tecnologia. É muito comunicativo, né? A contribuição dele, se ele vier, será muito forte...

Guilherme – Ele fez um poema. Fez um poema ambiental.

Gilberto – Ah, então, a gente vai fazer entrevistas com eles, né, com os ganhadores, lá, e a gente vai trazer para cá, para o nosso arquivo.

Guilherme - Mas, assim, agora, voltando ao outro assunto, essa ferramenta da educomunicação já era usada na Fundação [na educação ambiental], assim. É, não sistematizou, mas, eu lembro, tinha que trabalhar com questão do diagnóstico, entrevista, né? É... Era uma coisa que ajuda na questão ambiental, sabe, para você trabalhar nessa questão de você refletir sobre o meio em que vive, né, o papel dele.

Gilberto – É, a gente vê também criança que, além da dificuldade com a leitura, também tinha uma série de dificuldades muito grande, também não tinha motivação para procurar melhor aquilo que, de repente, né, fazendo as atividade de rádio começa a se motivar, a querer ler várias vezes, até que leia bem, né? Isso aí é muito bacana de ver. De repente, a criança que não participava, não queria fazer nada, de repente, se motivava a fazer locução, falar no microfone, para não fazer feio, né, por exemplo, isso.

Zélia – Essa coisa que você estava falando de grupo aberto, grupo fechado. Vocês disseram que acabam comentando, é, que outros professores que ainda não conhecem, que reclamam da nossa saída, outros que gostariam de fazer e não tem vaga, não entra. É... Espera aí, eu me perdi. (risos) Eu achei legal o que vocês falaram, e o Gilberto, dos adolescentes que, com dificuldade, todo mundo participa, né? Eu percebo em alguns grupos de adolescentes que vêm aqui, que tem até uma fala do Guilherme: “Nossa, eu não sabia. Ele se destaca. Vamos colocar.” Então, é, fica, pelo menos é o que eu vejo mais próximo no Programa Aprendiz, fica muito aqueles. Eles participam do Educom, eles participam dos multiplicadores, eles... São sempre os mesmos. Eles, é, ficam sobrecarregados. Sempre eles se destacam. Eles são a elite da unidade. (os participantes reagem à colocação) Espera aí! A gente tem que ter um cuidado muito grande, né, tanto com os adolescentes como com os profissionais também, né? Os profissionais que participam do Educom, é...

Elis - Eu acho que a gente se comporta assim também, como a elite.

Guilherme – É... (faz comentários em voz mais baixa, sobreposto pela fala da Zélia)

Zélia – É. Os mais antigos sabem mais. Os mais novos... Internamente, tem essa coisa, no grupo do Educom Internamente, tem isso, os mais antigos que sabem, tã-rã-rã, tã-rã-rã... E alguns que fazem, né? E a gente, que está aqui, [são aqueles que não estão lá], né? E, também, né, isso acontece com os profissionais; isso acontece também com os adolescentes. Acho que é um cuidado necessário, porque eu acho que, se o Educom trabalha, né, com essa horizontalidade, né, o que que algumas vezes fica...

Gilberto – Desculpa te interromper. Eu só queria fazer uma colocação em relação a esse excesso de demanda, que acaba acontecendo. Muitas vezes, no Educom, acaba destacando o adolescente, o adolescente, de repente, aparece na mídia, destaca a unidade. Então, de repente, outros profissionais, daí, eles querem também aqueles adolescentes, porque aqueles adolescentes que se destacaram ali e acabam, né, levando a participar de outras coisas. Eles acabam se sobrecarregando. Então, de repente, acabam sendo vistos pelos demais como privilegiados também, aqui. Tem esse lado aí também.

Guilherme – É. Esse lado, aí, repete também com as crianças. A gente pega esse adolescente quando vai ser multiplicador, né? Pede que ele tenha essa perfil. Agora, o seguinte, é... O ideal era que a gente... A gente é que nem esses adolescentes também privilegiados. Tenho o maior respeito pelos que rodeavam / uma equipe, né? O importante é que todo mundo pudesse trabalhar nessa situação, né? Porque ninguém nasce sabendo nada. Ninguém sabe se uma pessoa é artista, se ela não tiver um estímulo, né? Uma vez / se ninguém chegar e me dar uma oportunidade, saber se eu tenho o dom para isso, isso, né? E, às vezes, também, esse... a gente não consegue, como tem um grupo grande, com muitos profissionais, né?

Caetano – Eu vejo outra coisa nessa questão, um grupo privilegiado...

[Daniel] – Privilégio...

Caetano – A própria instituição, ela tem essa cultura, né, essa política de privilegiar o partido, o amigo, parente de vereador, não sei o quê. Acho que tem, assim, uma cultura, assim, de privilégio dentro da instituição, né? E ela vem descendo. Na hierarquia da fundação, vem descendo, assim. Na Fundação, você tem uma hierarquia, né? Lógico, todo mundo está procurando ficar numa posição mais confortável dentro dessa hierarquia. Natural, [se ela existe], essa busca, né? E aí, tem o discurso que é assim, daqui para baixo vamos horizontalizar, né? A gente já discutiu isso, um monte de vezes. Então, assim, instrutor-professor que é, tipo o que Educom fala, o instrutor-professor igual o aluno, né? Mas, o restante da hierarquia continua funcionando da mesma forma, tal, e produz isso. Eu vejo o CIJ, por exemplo, lá. O CIJ é o único movimento político dentro da instituição, né, o Conselho Infante-Juvenil. Fico vendo os adolescentes, né? E, quando os meninos ocupam um cargo no CIJ, eles têm o mesmo comportamento que têm os grupos políticos que estão no município ou na fundação mesmo.

Fred – Que as elites têm, né?

Caetano – É.

Fred – As elites mais...

Caetano – Então, é uma coisa de uso, de privilégio mesmo, de diferenciar dos outros. Então, não é exatamente o grupo do Educom que tem, assim, né, esse comportamento. A própria cultura da fundação tem isso mesmo, né, o privilégio.

Fred – É, que acaba assim, a gente acha que é um privilégio. Que, na verdade, não é mais do que uma própria coisa da política da Fundação, de capacitar o quadro de funcionários dela. A gente está se capacitando, está conversando, sempre capacitando. Se capacita, capacita os outros, certo, quando a gente dá oficina, e sempre está em discussão sobre educação. A gente está em constante aprimoramento do que a gente faz, do que a gente trabalha dentro da

instituição, que é com educação. Então, acho que, de repente, não é nenhum privilégio; é um fortalecimento da própria fundação, entende. (alguns participantes reagem e falam ao mesmo tempo) As pessoas que estão de fora enxergam como privilégio.

Elis - Mas, eu acho que...

Fred - Eu já enxergo enquanto aprimoramento.

Elis - Eu acho que é uma espaço de formação, né? Mas, eu acho que, de uma determinada forma, quando a gente pensa assim, “Tal menino se destaca.”, né, a gente está pensando, por exemplo, é... é uma transferência. Para estar nesse grupo, você tem que se destacar. Quando não, teria que ser o contrário, né? Se o menino, ele precisa de algum estímulo, ele merece estar nesse grupo. Então, eu acho que, de uma forma indireta e inconsciente, eu acho que nós, profissionais, a gente acaba estabelecendo isso como um determinado espaço de privilégio. Tanto é que, semana passada, eu acho que... Eu não sei se... Não foi. Eu sou nova, nova no grupo, mas eu tenho certeza que não foi um sentimento só meu, você entendeu? Incomodou muito o grupo a presença de pessoas novas que estava atrapalhando o grupo começar, sabe. Tanto é que várias pessoas se colocaram: “Espera aí!” O sentimento era exatamente esse, você está chegando agora, né; quer dizer, como é que esse negócio vai andar? Eu acho que a gente faz isso de uma forma que não é consciente de dizer assim: “Olha, eu estou aqui, você entendeu, já há muito tempo, e quero...” Eu acho que a gente tem de começar a pensar um pouquinho sobre isso. E, aí, você perguntou, né: “O Educom dá colo?” Semana... O último encontro eu saí daqui dizendo para a Nara, o Educom não dá colo, mas precisa dar, porque esse espaço de falar sobre essas coisas, eu acho, é, que vai fazer o grupo se tornar mais grupo. E, talvez, na nossa rotina, esse espaço não esteja sendo contemplado. Essa é uma avaliação particular, né, de poder colocar o que é que a gente está fazendo, de que jeito que está, o que está bom, o que não está...

Fred – Mas, não na nossa rotina de quinta, na nossa rotina nas unidades?

Elis – Não. Eu estou dizendo assim, talvez, a gente precise limpar algumas coisas aqui para que, na unidade, você entendeu, mesmo diante das limitações da instituição, a gente possa fazer um trabalho sem carregar muito isso, que eu sei que é difícil, você entendeu? É muito chato você, de repente, por exemplo, tem alguns serviços, enquanto, que me cabem, que me deixam altamente brava, que eu não gostaria de estar fazendo, porque não faz parte da minha postura, mas é um serviço que a instituição me pede, né?

Fred – Com carinho, né: “Faz.”

(risos)

Elis – Exatamente. Desse jeito.

Fred – Enquanto o traficante também fala: “Vai lá, [meu rei!]”

Elis – Então, eu acho que esse colo é uma coisa que esse grupo de Educom precisa buscar. Eu acho que é tentar estabelecer um espaço para que esse diálogo possa acontecer.

Guilherme - Ok, ok...

(os participantes dirigem a atenção para Zélia, que faz barulho ao abrir um pacote grande de biscoito de polvilho)

Zélia – Estão servidos?

Fred – Opa, claro!

(Vários comentários simultâneos sobre a oferta do biscoito. A participante passa o pacote para circular no grupo)

Coordenador - Hoje, acho que nós tivemos bastantes ausências também, né? / Tem tudo a ver com a rotina da instituição e tem a ver também com escolhas que a gente está fazendo.

Elis – Pessoais.

Coordenador – Sim. Um sentimento em relação a um grupo, né? A gente... Hoje está sendo... Vou fazer uma colocação, mas, talvez, seja assim... O grupo está sendo um pouco mais brando. As críticas no primeiro e no segundo encontros estavam sendo mais pujantes, né? Principalmente em relação a essa relação de poder. A instituição parece que dificultava uma ação mais livre e mais libertária, vamos dizer assim, nas unidades, né? É, só que, ao mesmo tempo, havia outras falas que falavam de: “precisamos fechar”, “precisamos definir”, “precisamos é.... marcar uma posição sobre algumas coisas”. (o pacote de biscoito chega até o coordenador e ele o passa a diante.) Vou deixar para depois, tá.

Guilherme – Comer faz parte do ritual.

? - ih, vai /.

Guilherme - Comer...

Coordenador – Pode passar... É... É... A Nara lembrou, hoje, né, assim, ela faz a avaliação de que esse momento de reflexão seria importante para parar e pensar sobre o que se está fazendo e, presumo, o que é que se vai fazer, né? Pensar sobre o que você fez e pensar o que você vai fazer. E aí, eu coloco para vocês essa questão, uma ou... uma questão para tocar nesse assunto Quer dizer, é um grupo que dá colo ou não dá colo? E, aí, eu pergunto também, o grupo está conseguindo fazer essas alterações na estrutura da instituição para conseguir dar colo? Porque, aí, não se trata só do poder na instituição ou grupo; é na instituição desse grupo, né? Então, tem relações de poder também. Podem ser os mais novos e os mais velhos; podem ser os homens e as mulheres... (algumas participantes reagem confirmando essa hipótese, mas permanecem só ouvindo o Coordenador) dentro de grupo, né? É, e aí, quando é que se... quando é que se... quando é que se consegue fazer essas transformações? O grupo consegue se transformar? O grupo tem essa condição, né? Ou, ele tem um formato e ele acaba sendo aplicado? E aí, é uma coisa que apareceu no primeiro e no segundo encontro também, mas não apareceu tanto, hoje: mas, bom, o Educom veio de cima para baixo, mas não é bem a necessidade de quem está aqui, embaixo, né? E hoje, curiosamente, vocês estão falando das necessidades que vocês levaram para cima, né, metaforicamente. Essa metáfora do... da hierarquia, tem gente que está em baixo, tem gente que está em cima: “Não, houve necessidades nas unidades que a gente levou e, é, conseguiu, né?” Outras, não conseguiu; mas, essa conseguiu. Em alguns pontos conseguiu, em outros não conseguiu. É, então, essa mudança um pouco da perspectiva, né, de hoje, no discurso de hoje, se deve a esse espaço de

reflexão? Eu não sei se vocês já tinham parado para pensar sobre o próprio grupo. Não precisava, assim, tão obsessivamente como a gente está fazendo aqui, né? Vocês são um grupo especificamente para pensar o grupo, né, dentro desse contexto de uma pesquisa. E, aí, você cria... Vocês têm outras tarefas, né? Tem a oficina, tem isso e tem aquilo, tem várias coisas que também são importantes, né? Por exemplo, como é que se pára, alguém já parou para pensar como é que se daria esse momento de reflexão? Ou essa é uma reflexão que tem de acontecer espontaneamente, não pode ser definida, né? Como aquela... aquele... aquela tensão que apareceu nos outros dois encontros: “Não, tem muita definição, aí a gente tolhe a liberdade dos jovens.” Também tolhem, essas regras todas também tolhem os profissionais, as pessoas. E aí, esse grupo está, grupo está... esse grupo já consegue lidar com essas coisas, re-elaborar? Talvez, não consiga superar essa situação, mas dar soluções para as necessidades que aparecem, aí, pensando assim, o grupo que se coloca como o grupo de educomunicação, porque há vários grupos na instituição, várias entradas e várias saídas dela, um labirinto, né? Aí tem uma questão que apareceu mais forte, hoje; quer dizer, tem uma ingerência política, é uma política geral, política de estado...

Fred – É, mas se você for pensar, cai justamente naquilo que a gente falou da hierarquia, nos outros encontros. Que, aliás, essa hierarquia, ela é estimulada, ela existe por causa política.

Coordenador – Mas, aí, dentro do grupo também é assim?

Fred – Não. O grupo, às vezes. Mas, eu acho que mais dentro da instituição. Aí, eu acho que, assim, uma coisa que você estava falando, que existe, que Zélia falou. Existe, você perguntou: “Já teve reuniões para se pensar o grupo, essas coisas? Existia bas... Eu acho que a gente era mais, a gente tinha mais reunião, mais essa reflexão no começo, quando era um mais reduzido, era um grupo que, como a gente estava tendo que estudar muito teoria sobre educação, educação a distância, educomunicação, tal-tal, a gente estudou muito e teve que escrever algumas coisas sobre isso. Acho que, daí, a gente gerava mais discussões, reflexões sobre a educomunicação e sobre o grupo, qual que era o nosso papel, como a gente iria multiplicar esse conhecimento, como que eu... como que ia ser tudo. Acho que com a entrada, aí, teve a segunda fase e teve a terceira fase, se a gente for pensar, né? Na segunda fase, entrou bastante gente. Aí, o que acontece? Daí, você tem... você tem aquele grupo, chegou um monte de gente, a gente tem que acomodar essas pessoas. Então, você acaba visan... tirando um pouquinho o foco da reflexão teórica, a reflexão da prática e da reflexão do grupo enquanto grupo. E, daí, a gente tenta fazer assim, acolhe, um acolhimento, certo. Claro que não consegue ser da mesmo forma de quando você atender dez pessoas, você atender quarenta. É uma diferença muito grande, né? Você tem um tempo menor para você trabalhar com quarenta, sei lá, profissionais, mais quarenta adolescentes, que eu acho que foi mais ou menos o número que foi para a segunda fase. Tinha um pouco menos de profissional. Acho que havia menos profissional, adulto, sei lá. É, demanda bastan... Você não consegue dar aquele mesmo tratamento que você deu para um grupo de dez, entende? Então, daí, gera essa... Acaba criando essa hierarquia que a Zélia falou, né, de dentro do grupo. Porque, assim, realmente assim... Não, que você falou que, de repente, tem o pessoal que é mais antigo, o pessoal mais novo; o pessoal antigo pensa que sabe mais do que o mais novo, essas coisas. Acontece isso, mas eu, aí, eu faço a reflexão assim, é, o pessoal mais antigo, ele teve que buscar um monte de coisas. A gente tinha que... Como o primeiro foi[, aliás,] um curso de extensão, até ontem eu vi a proposta, achei lá, em casa, era... A proposta era um... Era extensão, então, a gente tinha que entregar um trabalho de conclusão de curso. Foi planejamento educacional que a gente tinha que testar se... Era um trabalho metodológico, todo bonitinho, tal, que tinha que sistematizar que a gente tinha que constar no NCE, na USP, para a gente poder receber

certificado. Aí, a gente teve que buscar mais teoria, certo. Acho que, no primeiro módulo, a gente teve que buscar muita teoria. Aí, fez com que o grupo se fortalecesse enquanto teoria, enquanto discussão, reflexão e começando a usar, na prática. Aí, quando veio o outro grupo, não teve esse tempo, não teve nem cobrança, que, às vezes, é necessário cobrança eu acho errado também cobrar, cada um tem de buscar por vontade própria, princípio da anarquia. Agora, de repente, nem todos buscaram. Então, às vezes, gera... Até coloquei, hoje de manhã, isso, no meu relatório, que gera um grupo com discursos diferentes, não por má vontade nem por erro da capacitação, por algum erro. Porque, como a demanda foi aumentando, que, por exemplo, chega... tem gente que chegou há duas semanas, tem gente que chegou há três, tem gente que chegou há um ano, tem gente que chegou há três anos. Então, tem essa diferença porque tem três anos você falando de um assunto, você é mais orgânico, certo, você já conseguiu entender mais, você já sabe mais sobre o assunto, você já trabalhou com ele bastante tempo. Agora, você entra faz um ano, seis meses, quanto encontros, você vai estar meio flutuando, vai ter que se empenhar para correr atrás das coisas. E cada um, eu acho que está ampliando, mas o que teve mais tempo, contato com a educomunicação e o grupo e o grupo que teve menos contato. Não que este grupo saiba mais e outro saiba menos, mas acaba... De uma certa forma, a gente teve mais sorte. Eu expliquei isso no outro encontro, que, na verdade, assim...

[Daniel] – Acho que não só na teoria.

Fred – Acho que a gente teve mais sorte porque a gente teve mais tempo...

Marisa – Teve menos pessoas.

(vários participantes falam ao mesmo tempo sobre o assunto)

Elis – Foi de mais qualidade, o outro.

Guilherme – A teoria é importante, Fred, mas nada se compara com a prática do dia-a-dia, né?
[Com a molecada, tem de fazer a prática, todo dia.]

(novamente, vários participantes falam ao mesmo tempo sobre o assunto)

Daniel - Essa teoria que a gente aprendeu, a gente teve que aplicar, depois, na prática. Esse trabalho de conclusão que você falou.

Zélia – Quando eu fiz... (interrompida inicialmente por outra fala) Quando eu fiz aquela observação, [Fred].

Fred – Oi?

Zélia – Quando eu fiz aquela observação, foi duas coisas que eu ouvi, né? Ela falando que todo mundo, até aqueles que têm dificuldades especiais, todo mundo está participando. Daí, quando ela falou, né: “Era um menino que a gente não sabia. Que legal! Tã-rã-rã...”, né? E comecei a pensar a realidade dos adolescente que eu conheço, no Programa Aprendiz, que, daí, já chegam aqueles prontinhos do Arte-educação e daqueles que se destacam em tudo no Programa Aprendiz, [que vão para o CIJ, tã-rã-rã]. É, começa a montar esse privilégio. E isso aparece não só com os adolescentes, mas com os profissionais também. E eu concordo que a gente tem de ter cuidado em relação a isso, né?

Fred – Mas eu...

Zélia - Porque, se a gente tem que trabalhar com as diferenças, né, se as diferenças de conhecimento que... Nós vimos que podem ser grandes e podem ser mínimas, porque para quem entrou, depois de um ano, recebeu uma grande parte do material. Não teve tempo de ler, mas, se quisesse...

(falas entrecruzadas com Fred)

Fred - Não. Mas, se quis buscar, conseguiu estar / todo processo.

Zélia – Montava grupo de estudos, estuda o material etc., né?

Fred – Com certeza!

Zélia – Umas mínimas, outras grandes, mas que são diferenças.

Fred – Hum, hum...

Zélia – E lidar com essas diferenças, nesse grupo de adultos e profissionais, né, já é um pouco difícil. Então, é, eu tenho que ter esse cuidado e eu acho que é... foi legal falar disso no grupo para que a gente tenha cuidado também em relação [a isso].

Fred – Não, está certo. Acho que a gente tem que tomar cuidado. Eu acho que, assim, eu até falei no negócio lá, da manhã, eu escrevi que eu acho que a gente tem que tentar caminhar com um discurso mais parecido, um discurso mais...

? - mas é que...

(1:33:20) Fred – Um discurso mais mais único, ma...

Guilherme - / diferença.

Fred – Não. Mas, sabe por quê? Por que pessoa, assim, por exemplo...

Guilherme – Tem gente que tem, é, toda essa parte teórica, assim. É importante, tudo, mas não pode [dizer] assim: “Olha, você teve mais teoria; você, tem pedagogia. Não tem...”, né? Acho que...

Fred – Acho assim, que na parte...

Guilherme – Mas a questão é quem está, assim, quem está trabalhando a educomunicação com a molecada, todo dia, é uma prática e não outras. Quem quer trabalhar dando suporte, né, é uma outra experiência, né? Quem está num outro, [numa outra esfera] é outra coisa. E, daí, vai ter esses discursos diferentes mesmo. Não é a questão do melhor, pior, melhor, mas é questão de experiência prática...

[Caetano] – Desde o início.

(vários participantes questionam)

Guilherme - Hã?

Caetano – Desde o início foi assim, né?

Gilberto – Mas eu acho que...

Caetano - Hierarquia, disputa, é difícil criar uma [lei], assim, que o grupo seja um grupo [democrático, homogêneo], tal.

Gilberto – É difícil [tirar] as pessoas que são diferentes, né?

Elis – Até mesmo...

Gilberto – Não sei se é a visão de mundo...

Guilherme – O pessoal foi crescendo também, como o grupo foi. Entrou um grupo grande, então, você... (falas sobrepostas com Fred) O grupo tem de ser maduro e entender que essas divergências são para construir e para o grupo ficar mais forte, né? E, quando, algumas vezes, as pessoas cobram posicionamentos, coisas assim, é para isso mesmo, para as pessoas se inserirem, né? Porque, eu acho, a idéia é essa do negócio, cresça, né? Então, tinha um grupo pequeno, o pessoal foi enfiando mais; e veio outro, cresceu; agora, está vindo. Então, as pessoas têm que...

Fred – E a gente tem que se adaptar a cada grupo e a cada gente. / Esse é um espaço de reflexão importante. O espaço de reflexão é importante. (falas sobrepostas com Guilherme e Zélia)

Guilherme – Tem que lincar, né, e falar todos a mesma linguagem, né, a mesma linguagem.

Zélia – É, quando você, né, e o Caetano falam das provocações, das perguntas que não são para reclamar ou para incomodar, mas sim para gerar discussão, né? Isso, [ilusão minha], né? Quando a Elis fala, né, desse: “Esse grupo está dando colo? Esse grupo está acolhendo, né?” É, é só [a gente] enxergar, né, essa forma de se relacionar. Algumas pessoas se sentem mais acolhidas e têm vontade de se expressar e trocar coisas com outras que são mais acolhedoras, e não com outras que são mais provocativas, né? E eu... E retomando o grupo anterior, né, até eu fui te questionar: “Foi para a gente?” Lógico que foi, né? Então, é... Isso não é acolhedor, né? Isso, para até...

Guilherme - Sim. Mas, eu não estava falando...

Zélia - Para que as pessoas, né, que foi o caso. Eu vou falar por mim porque algumas pessoas não estão aqui para falar, nesse momento. Soa como, né? Não é provocação para você se posicionar junto com a gente, para a gente construir conhecimento junto: “Mas, e aí, quero ver você...”, né? É uma coisa...

Daniel – Acho que não...

Zélia - É uma coisa mais agressiva. Não é acolhedora. E isso, eu não acredito que isso traga integração; isso traz discórdia.

Guilherme – Então, assim, é uma pena porque, assim... (vários participantes homens falam simultaneamente) Eu não provoquei uma pessoa em si. Eu provoquei as pessoas que não estavam se manifestando, né? Às vezes, [isso dá] certo. E, aí, quando você via, que legal se manifestar, né? Mas, se não quer se manifestar, talvez, é uma estratégia errada, mas é uma estratégia que eu uso, né, para o grupo. Então, quando eu falo está se estranhando, não é eu e você, não é o... Então a gente fica... Provocações, é quando a gente fala questões políticas, questões de estrutura, questões, né? O negócio... É isso que é o crescimento, porque a gente não pode é pensar assim: “Nossa, ele falou para mim. O negócio é pessoal. Não sei o quê...” Não é isso! Longe de mim...

Zélia – Não. Não é pessoal. Eu compreendo a sua a sua forma...

Guilherme – A questão é só assim, vamos se conhecer, né? Qual é a sua opinião, né? Eu não... É por aí, entendeu?

(vários participantes falam simultaneamente)

Zélia – Eu compreendo a sua forma e estou dizendo que, para mim, não soa bem, para que você compreenda a minha também, né? Não levei, de forma alguma, como pessoal.

Guilherme – Então, por isso que eu falo, assim, o grupo tem que tomar cuidado com o grupo, assim, não se feche no grupo, né? Porque, assim, eu gosto de trabalhar com pessoas que eu possa falar e ver o que a pessoa tem, [uma] questão profissional, né? Assim, se o pessoal acha uma questão pessoal, elas vão se ofendendo, as pessoas vão se calando, né? É uma pena. Se eu me posicionei desse jeito, que eu fui rude, alguma coisa assim, eu peço desculpa. A questão não foi essa. A questão que foi, enriquecer opiniões diversas, entendeu? E coloquei posições da educomunicação que cada um está exercendo ali.

Elis – É, eu acho... Eu acho que uma coisa que precisa ficar clara na educomunicação, apesar da... Eu acho que tem que ser uma clareza tanto para nós. Querendo ou não, a equipe multi pertence à educomunicação? Eu não si. Eu me sinto à vontade até o limite do meu conhecimento a respeito, você entendeu? Quando eu não sei, eu pergunto o que é isso, para que serve, de que jeito que faz. Eu acho que, para esse grupo se tornar grupo enquanto educomunicação, a gente que pensar aqui na nossa situação de grupo e pensar também, eu acho, que em alguns princípios da educomunicação. Eu não concordo que a relação entre educador e adolescentes, na educomunicação, seja horizontal, porque ela não é, você entendeu? Sempre tem alguém dirigindo aquele grupo, organizando aquele grupo. Eu me sinto super à vontade para falar, porque, ao mesmo tempo, eu acho que a gente tem que ter clareza e consciência que nós trabalhamos na mesma instituição. Menor ou maior, né, em menor ou maior grau, é, independente do nosso cargo, é, as nossas angústias podem ser muito parecidas. Talvez? Porque não é fácil, por exemplo, né, pode parecer que é tranquilo, mas não é fácil você, enquanto equipe multi, chegar e pedir: “Olha, eu quero ver o seu caderno de registro. Como é que está o trabalho do Educom na sua escola, na sua unidade?” Porque isso também é uma relação que a gente tem que estabelecer de uma forma confortável.

(vários participantes falam ao mesmo tempo sobre a relação aluno-professor)

Fred - / ... Isso é coisa de professor.

Elis – Sim.

Fred - Não de instrutor.

Elis – Não estou colocando isso.

? - Para mim, não tem essa diferença.

Elis – Eu não estou vendo essa diferença. Eu estou falando dessa relação nossa, aqui.

Fred – É, eu sei. Eu sei.

Elis – Como é que a gente faz para poder organizar o grupo? A gente tem uma pessoa responsável, que é a Elisabete. Você entendeu? De tudo que acontece, aquele dia eu sei que você brincou comigo: “Ah, isso é um trato.” Mas é porque eu acho que a Elisabete... Eu falei: “Bete, a gente precisa conversar melhor sobre essa cobertura.” Daí, ele falou assim: “Ah, você está furando o combinado do grupo do Joari, né?” E eu peguei e falei assim: “Não, porque a Bete é a pessoa que organiza, no sentido de ser responsável...”

(vários participantes falam simultaneamente)

Fred - / já está desde o começo do processo.

Elis – Ah...

Fred - Porque é um processo. Uma pessoa que está há três anos, está num momento, e uma pessoa que entrou há seis meses, está em outro.

Elis – Hã...

Fred - Acho que isso é normal. É um processo.

Elis - Mas, como é que a gente vê isso?

Fred – Agora, uma coisa eu discordo. Uma coisa eu discordo.

Elis - Ham...

Fred – Eu acho que há grupos e grupos, porque, por exemplo, você disse que a horizontalidade não existe. Eu acho...

(falas sobrepostas dos dois participantes)

Elis – Dentro do grupo de educomunicação...

Fred - Eu acho assim, dentro de qualquer grupo, na sala... Eu digo, assim...

Elis - Dentro de qualquer relação diretiva não existe.

Fred - Não. Mas, eu vejo assim, por exemplo, na sala de aula. Eu tenho, no bairro A, eu tinha alguns grupos e na sede também. Tem grupo que é completamente autônomo. Você trabalha, por exemplo; você indica, por exemplo: “Vamos fazer um plano, tal-tal, pá. Vamos fazer tal

coisa.”

Elis – Hum, hum...

Fred – O grupo, às vezes, ele mesmo se articula. Que nem tem a Suzane mesmo, ela se articula, ela sabe o programa que ela vai fazer, sobre o que ela vai falar e acabou.

Elis – Vocês se articulam?

(falas sobrepostas dos participantes)

Gilberto – Você indica, né, o que fazer?

Fred – Às vezes, sim; às vezes, não.

Elis - Tá. Nós /

Fred – Eu indiquei... Eu indiquei... Eu indiquei aqui, olha: “Vamos sair para fazer hoje a filmagem.”

Elis – A-hã.

Fred - “Tem que isso, isso e aquilo.” E, então, a molecada produz o roteiro dela. Eles que vão escrever. Eles que vão fazer perguntas. É para fazer perguntas para o [Rodrigo], presidente da Fundação? Beleza, tudo ok! A gente chega a filmagem, daí, vem aquele grupo dos moleques, lá; o Márcio vai chegar e vai falar: “Não, agora eu quero fazer [igual ao vivo], professor.” Então, vamos lá. Você está entendendo? Que é uma coisa que não partiu de mim, partiu deles. Então, tem um monte... Igual a gente fez no ano passado, lá em / , que eles iriam, no semestre passado, que era um concurso, que era... que foi a Periferia Canta, que a molecada queria fazer um Ídolos, na rádio. (reação dos outros participantes) Mas, eles propuseram para fazer e eles tiveram autonomia. E eu fui lá e ajudei. Fui só um parceiro, entendeu? Só que, daí, eu ajudei na organização: “Vai ter que ter um aqui, vai ter que / jurado, vai ter que ter...” Você entende?

Elis – Como é que chama isso? Como é que chama isso?

Fred – Sei lá. Planejamento democrático? O que é?

Elis – Gestão participativa.

Fred – Gestão participativa?...

Elis – Mas isso não significa que a relação sua seja horizontal, você entendeu, com o adolescente?

Fred – Não significa que não seja. A-ha...

(falas sobrepostas)

Elis – Então...

Fred – A-hã...

Elis - Mas é exatamente isso.

Fred – Não precisa...

Elis – Eu acho que é uma coisa que con... Não.

? - [Por que você acha que não seja esse conceito]?

Fred – É, porque, assim, pode ser horizontal como pode ser que não seja.

Elis – Pois é.

Fred - Depende de como eu [mediar].

Elis - Mas, como é que é a sua horizontal?

Fred – Como assim?

Elis – Ué, porque eu estou tentando fazer uma relação...

Fred – Eu estou entendendo...

Elis – Eu estou tentando fazer uma relação, que é uma coisa que me incomoda nessa interpretação de educomunicação, que é essa coisa de que adolescente e educador está no mesmo nível. Não pode! Não existe isso, né? Vocês podem chegar...

Fred – Mas, eu acho que a gente tem que buscar isso.

Elis – Não. Não...

Fred – Acho que quanto mais perto... Eu acho, eu estiver muito mais... (falas sobrepostas em tom elevado).

Elis – [/ , você é a referência.]

Fred – Então, você é a referência, gente. Mas, espera aí, você não deixa de ser a referência, mas você está sendo... Enquanto você está como mediador, enquanto você está como o que... Porque o educador, ele nunca vai conseguir ser completamente horizontal. (participantes reagem e falam alto e simultaneamente) Porque ele vai buscar! Porque tem educador que prefere nem buscar: “O que eu mandar é e pronto!”

Elis – Não. Não. Uma coisa é ter um relacionamento participativo, “o que nós vamos fazer”, “de que forma nós vamos fazer” e “agora nós vamos fazer”. Do que...

Fred – Está. E, por exemplo, quando tem um programa de adolescentes, que fala: “Vamos fazer isso?” Vamos.

Elis – Sim, vamos.

Fred – Como é que vai ser? Vamos fazer assim, assim, assado. Beleza! O que a gente fez? Quer dizer que...

Elis – E você não está dirigindo?

Fred – Oi?

Elis - Você não está dirigindo?

Fred – Não. Quem está fazendo é a molecada.

Elis – A gestão é participativa.

Fred – Mas, quem escreveu o projeto, quem fez tudo foi a molecada.

Elis - Tudo, tudo, tudo, tudo...

Fred – Eu não fiz nada. E aí? Mas, recebi os louros da fama. E aí?

Elis – Não. Não, Fred. Você está entendendo errado. Vou te dar um exemplo.

Fred – Não. Não estou entendendo errado.

(alguns participantes falam ao mesmo tempo)

Elis – Vocês são um grupo... Vocês são um grupo que a gente tenta manter a chamada horizontalidade, você entendeu?

Fred - Boa. Certo.

Elis – Mas, se não tiver alguém para reunir o grupo, o grupo não se reúne. Por si só, você entendeu? Se o Joari, duas ou três vezes, não for chamar o pessoal lá fora, o pessoal não chega aqui. Você sabe... Deixa eu terminar?

Fred – Hum, hum...

Coordenador - Está.

(risos)

Elis – E os adolescentes fazem a mesma coisa. Então, eu queria muito limpar essa coisa da educomunicação com a questão da relação de poder, porque eu acho que são duas coisas distintas. Eu estou falando... Eu estou falando da minha... Eu posso manter a minha relação de autoridade perto de um grupo, porque os adolescentes precisam disso. Porque, senão, ele vai, que nem outro dia você contou, ele vai cuspir na sua cara e você vai cuspir na cara dele. Só que a sua relação não é de horizontalidade com ele. Foi por isso que você tomou outra atitude. E isso não quer dizer que você tenha mais poder que ele.

Fred – Numas. Teve um deles que cuspiu na minha cara e eu cuspi na cada dele. (os participantes reagem com risos e surpresos) E eu me coloco junto deles, porque, assim, quanto

mais... Você tem aqui, você tem essa relação de poder, tem essa relação, a sua cultura e a cultura deles, você tem jeito de falar deles e o seu jeito de falar, o seu pensamento e o pensamento deles. Quanto mais você conseguir, você não vai conseguir aproximar, mas quanto mais próximo você chegar deles, mais forte vai ser a relação e vai ser aquele negócio do... Da afetividade, não. Daquele negócio, quando a gente chega em um lugar, a gente tem que ter um vínculo. Na hora, /, você entende?

Elis – Mas, eu prefiro ensinar o menino a dizer: “Não gostei do que você fez ou da forma como você falou comigo.”, do que ensinar a ele dar uma catarrada na minha cara, ué.

Fred – Hum, hum... Claro.

(várias participantes falam ao mesmo tempo)

Coordenador – Gente...

Fred - É que eu iria terminar só uma coisa.

Coordenador – Então...

Fred – Então... Fala.

Coordenador – Então, o nosso tempo está encerrado por hoje.

Fred – Está encerrado? (os participantes se queixam de Fred e ironizam o questionamento dele)

Coordenador – Esse fato, esses ajustes, assim, essas questões são próprias dos acordos, das regras, de como as pessoas e os grupos lidam com essas regras. É...

Marisa – Tudo bem.

Coordenador - Eu quero fazer um comentário, apenas, de que eu acho que hoje a gente começou a fazer uma coisa que nos encontros passados não estava tão clara. Havia várias colocações, mais particulares, individuais, opiniões, curiosamente, às vezes, contraditórias. Mas, ela nun... Essa contradição, ela não aparecia no grupo, na discussão. Um pouco, começou a aparecer com relação à entrada de pessoas novas no grupo. De certa forma foi definido, os que estavam no primeiro e no segundo continuariam. Nós estamos vivendo essa experiência aqui, nesse grupo de discussão, né?

Elis - Hum, hum...

Coordenador – E isso é matéria prima para ser refletida e para ser agida, para ser atuada também. Estamos atuando, estamos vivendo isso, né? Acho que hoje começaram a aparecer um pouco. pareceram momentos de elaboração, um jeito de tentar elaborar. E, talvez, por isso, acabam aparecendo também alguns conflitos. Algumas questões estão sendo colocadas, confrontadas mais diretamente, né? Essa é a minha leitura em relação ao que está acontecendo, hoje, porque o debate está sendo... O debate mesmo está sendo mais acirrado, né? E o debate mobiliza todo tipo de afeto possível. (Elis faz um comentário em voz baixa a respeito dos sentimentos e alguns participantes riem) Então, eu acho, os outros dois encontros

tiveram um caráter mais catártico, de fazer um depoimento, mas também bastante racionalizado, né? Acho que, hoje, até por conta de aparecer essas divergências sobre o próprio grupo, sobre a condução e tal, essa racionalidade toda, que parece ser tão organizada, começa a não ser tão organizada; passa a aparecer as brechas, né. Aparece um pouco, né? Talvez, o que vocês comentaram da avaliação, aparece a necessidade do outro dessa história, né? E, a gente vai ter mais um encontro, que é daqui a um mês e cinco dias, no dia vinte e cinco de outubro. Vai ser o quarto encontro, o último que a gente tem para fechar essa discussão sobre, né, o trabalho em grupo e o que isso significa para praticar a educomunicação. E, foi uma questão que me passou, eu achei menos importante do que o debate que apareceu aqui, é, se, no fim, também não há uma separação dos momentos de agir e dos momentos de pensar. E isso é uma questão que foi questionada nos outros encontros, mas eu... Ao mesmo tempo, há uma necessidade de se... um momento reflexivo, né? Mas, talvez, porque não se... Não se esteja, durante o cotidiano, não se está conseguindo refletir? Então, você precisa parar o cotidiano para refletir, né? Então, essa é uma questão que me passou em alguns momentos, mas eu achei que era menos importante, hoje, do que vocês poderem colocar essas opiniões e aparecer essa divergência, porque acho que, de fato, hoje apareceu. E, então, talvez, para o próximo encontro, né, se for oportuno...

Fred – Vai ser de manhã, ou vai ser de tarde?.

Coordenador – O próximo é de manhã. É das dez ao meio dia, de novo. É outra quinta-feira, tal. Está legal? E, então, a gente fecha por hoje?

Fred – Posso falar mais uma coisa, só?

(risos)

Elis – Não.

Guilherme - Não!...

Fred - É, vinte segundos?

Coordenador – Olha, já deu o horário do grupo, já.

Fred – Fora do grupo! Fora do grupo, só para simplificar as coisas que eu estava falando.

(risos e reações dos participantes)

Elis - Não...

Fred – A educomunicação, ela pega a participação, a liberdade. Eu entendo ela como uma teoria que vai para a liberdade. Certo? A gente, como a gente vê que o discurso, ele não está... não tem um discurso afinado. O grupo de educomunicação não tem um discurso afinado. Por quê? Algumas pessoas com entendimento grande, outras pessoas médios, outras, pequenos, outras muito médios, não sei o quê. Cada um tem um entendimento dentro do grupo. Fica claro isso; por exemplo, que, eu acho, assim: “O Fred acha absurdo a gente não poder deixar outra pessoa entrar.”

Coordenador – [É o que decidiram no grupo passado.]

Fred – Então, a gente poda... Para você ver como o discurso que está desafinado até com a educomunicação. Como que a gente vai podar a entrada de alguém, se o próprio grupo tem, a gente chegou à conclusão de que entrem as pessoas? E agora a gente não deixa entrar.

Coordenador – Então, mas...

Fred – Entende? Aí, destoa... Para ver como destoa com a... o pensamento.

Coordenador – Mas, então, eu vou falar uma coisa que eu estou vendo. Eu vou fazer em vinte segundos. (alguns participantes dirigem a atenção para os vôos de um pássaro dentro do galpão e comentam ironicamente a relação de poder que submetia o pássaro a ficar preso) É, ele está preso aqui, né? É, bom, foram os vinte segundos do Fred, então, os vinte segundos do Jura, agora. (risos) É, quando vocês fazem essa reflexão em conjunto, um para o outro, como é o que estava acontecendo aqui, no final, é, me parece que os ânimos estão mais acirrados. E, aí, corre-se o risco de as pessoas se sentirem tanto entusiasmadas quanto mais, é, ofendidas. E, aí, começa-se a questionar o próprio argumento que se tem, né?

Elis – Sim.

Coordenador – Nesse trabalho de grupo, quando vocês falam para mim, né... E, no fim, a decisão sobre continuar ou não ficou para mim, de quem iria continuar entrando. Assim, era minha responsabilidade, mas [restituíu] um lugar: “Você decide porque a gente tem uma questão que é difícil lidar, definir, essas questões.” (risos de alguns participantes e algumas falas simultâneas) Mas, assim, nós precisamos acabar. A gente continua no dia vinte e cinco. Mas é algo que a gente, isso eu posso adiantar a vocês, isso está sendo valiosíssimo para refletir sobre o papel do grupo de educomunicação. Eu adianto, com letras maiúsculas, essa contribuição vai ser maiúscula para pensar esse papel do grupo.

Elis – Tudo bem.

Guilherme - Você vai fazer um tratamento, depois, né?

? - Um divã!

(risos e falas simultâneas de vários participantes)

Elis – Acho que a gente pode ceder mais espaço para você, entendeu. A gente pode conversar com a Elisabete...

Coordenador – Foi difícil para começar, mas agora não está conseguindo nem sair, né?

Elis – É, então, / para você poder falar, né, com a gente.

? - Isso é um grupo de ajuda? Meu nome é /, tenho três anos de fundação /

(gargalhadas)

Nara – [De repente], você vem mais com a gente?

Coordenador – Mais um encontro...de pesquisa de grupo. Aí, tem as outras partes da pesquisa,

né? (muitos risos dos participantes) Olha, estou desligando o gravador.

FIM DA GRAVAÇÃO

Grupo Operativo 4			
Encontro	4		
Data	25 de outubro de 2007		
Local	Centro de Referência em Educomunicação – sala maior de atividades		
Participantes (7)	Teresa, Maria, Vanessa, Adriana, Mariane, Gilberto, Marisa, Daniela.		
Coordenador	Joari	Observadora	Luciana
Tempo de gravação	1h 54m2seg	sistema de gravação	Cassete (com corte) e digital

(Antes de iniciar a gravação, o Coordenador comete um lapso com as datas ao gravar a claquete sonora. Alertado pela Observadora, corrige a gravação.)

Coordenador – Vinte e oito de outubro de 2007. Gravação do quarto encontro dos grupos operativos na pesquisa na... no Educom.fundação, na cidade. (a Observadora alerta que o dia era outro) Recapitulando, vinte e cinco de outubro, quinta-feira.

(Os participantes reúnem-se rapidamente no grupo. Conversam um pouco sobre vários assuntos, antes de o Coordenador abrir a discussão.)

Coordenador – Gente, vocês acham que vem mais alguém? (vários participantes dizem que não) Não? (os participantes confirmam) Se não vem, eu sugiro até que a gente fique mais próximo, né, que a gente aproxime as cadeiras. (os participantes movimentam as suas cadeiras) Facilita a gravação. (os participantes continuam a movimentar as suas cadeiras) Bom, na... no último encontro, que foi ainda em setembro, né, houve, né, essa questão de algumas pessoas não poderem vir, algumas pessoas tinham mandado aviso e tal. E as pess... Assim, o grupo que esteve aqui foi chegando aos poucos. No começo tinha pouca gente, né, mas acabou chegando a aproximadamente doze, treze pessoas. Algumas saíram um pouquinho mais cedo. É, e eu queria, já aproveitando o que a Teresa, dessa vez eu não errei o nome... (risos de alguns participantes) é, colocou, assim, recapitular um pouquinho o que foi o terceiro encontro e abriria a palavra para vocês, que hoje é o quarto encontro, é o último, né, dos que a gente havia combinado. Esse terceiro encontro, em termos de idéias e de assunto, conteúdo, ele não trouxe, assim exatamente, algo novo, né? É... foi discutido um pouco sobre a questão da hierarquia dentro da instituição, na sociedade; como é que... como que, né, se dá essa relação, principalmente a relação que cada um consegue fazer nas suas atividades na unidade, né? Houve um debate acirrado, né, um debate, um aprofundamento sobre isso, né? Veio à tona de novo a questão, se a educomunicação, é, traz algo de novo mesmo, ou, se, na verdade, ela em si não traz algo de novo em termos de gestão, de participação, porque a arte-educação, e outros programas também têm isso, né? Mas, tem também a dúvida se também não tem algum... algo a mais por se tratar da comunicação, por incorporar isso, as pessoas pararem para pensar a relação que têm com as... com as... com as crianças, com os adolescentes, com os outros colegas na... nas atividades das unidades. E essa discussão, né, permeia muito a ques... a afetividade, a idéia de... o papel da afetividade na relação educativa, o quanto ela é importante, se é... E, aí, muito a escola se... como parâmetro, assim, de uma instituição que não consegue inserir, né, essa relação afetiva, incorporar. E aí, isso seria um pouco a marca diferenciada da Fundação e de um projeto de educomunicação na Fundação, né? Agora, e assim, e outros assuntos que apareceram também, com um pouco... um pouco mais debatido foi um pouco a relação entre vocês, entre vocês e entre vocês e as pessoas nas unidades, é, principalmente a necessidade... se há necessidade ou não de todas as pessoas falarem, se têm de falar, se não têm o que falar, quem fala, por que fala e o jeito de falar, se isso também acaba facilitando ou atrapalhando a participação das pessoas, né? Isso não foi um assunto novo. Isso já tinha aparecido nos outros encontros. Mas, aí, talvez, entra talvez o que foi diferente nesse terceiro, no terceiro encontro, que foi a forma como se lidou com isso, né? E aí eu, eu

concluiria a recapitulação dizendo que o jeito de se tratar do assunto que foi um pouco diferente, né? Até no terceiro encontro eu coloquei que boa parte dos assuntos não tinha mesmo sido novo, mas a idéia... os assuntos apareciam, mas vários assuntos ao mesmo tempo e, às vezes, eles não tinham seqüência, o diálogo não tinha seqüência, né? É, ele era retomado, né? Então, suscitava um assunto, aí vinha outro, depois voltava ao primeiro assunto; posteriormente, esse segundo assunto voltava. As falas, assim, eram colocadas, havia um certo diálogo, mas não era um diálogo que estava sendo realizado imediatamente, né? O grupo pare... O grupo como um todo, as pessoas não estavam se envolvendo num tema específico, né? E nesse quarto encontro me pareceu que as pessoas começaram a dizer as coisas umas para as outras, literalmente, e o assunto teve de ser mais enfrentado naquele momento, naquele instante que estava sendo colocado. Se era a questão, por exemplo, é, da relação de como as pessoas se... se... se reportavam umas às outras, né? Se era ficar em silêncio, se era ter de falar, se alguém tinha o direito de pedir que um outro falasse ou não tinha o direito, se isso inibia ou não inibia. Então, as pessoas colocaram suas opiniões, as pessoas se justificavam ou se questionavam ou meio que se colocavam mais na necessidade de pensar sobre isso. E o assunto era, é, mais esgotado. O assunto foi mais debatido, né? E até foi curioso porque, no final, houve a discussão sobre a idéia de horizontalidade, né, se horizontalidade significava igualdade entre os adolescentes e os educadores, ou não. E essa discussão acabou acontecendo meio que já no encerramento do grupo e, assim, o grupo assim, o tempo tinha acabado e as pessoas queriam ficar mais para continuar debatendo aquele assunto, né? Pediram mais tempo, né, assim... De qualquer forma, a gente tinha combinado o tempo. Assim, o que fosse da discussão, em tese, ficaria dentro daquele tempo combinado, né? Mas, apareceu essa demanda, no final, de um assunto, um pedia mais um tempo, outro pedia outro tempo... E o que me pareceu, com isso, que me deixou um pouco aflito também, na ocasião do terceiro encontro, e aí eu queria colocar a vocês, é um pouco essa... como é que se dá esse enfrentamento, assim. Me pareceu... Eu fiquei preocupado, assim, se, de repente, isso era um processo que estava sendo, é, construtivo, se estava havendo... se também não se entrava em um assunto ou outro também um pouco numa tentativa de preservar a possibilidade de estar junto, porque, na hora em que se começa a falar diretamente e frontalmente sobre um assunto, aí, eu coloquei no terceiro encontro, né, assim, os aspectos emocionais mesmo, né, as paixões, né, os sentimentos afloravam, afloraram. E me pareceu, em alguns instantes, que havia mesmo não só um debate, mas um confronto. E isso tinha me preocupado na ocasião. Posteriormente, né, eu até, refletindo sobre isso, quer dizer, não é um... isso não é um perigo em si. Então, por isso que eu estou trazendo de volta para vocês, assim, como o que aconteceu de novo nesse terceiro encontro foi esse jeito de lidar com o assunto, esse jeito mais direto, e de como é que houve, assim, o que é que mobilizou nas pessoas do grupo de se sentirem mal e de estar... de dizer até se o grupo dava colo, né? E se... o que era dar esse colo, né? Então, de repente, o grupo não... Fazendo isso, né, esse enfrentamento direto não daria colo, por exemplo? E aí, assim, esse trabalho de grupo ficaria comprometido ou não? “Não...”, até era uma questão, “No grupo você precisa debater, você precisa falar a sua opinião, você precisa aceitar as críticas, né?” E aí uma outra fala vinha: “Não, mas calma aí, né? Não é assim também, precisa ir com calma, né? Às vezes, a gente não quer se expor e tal.” Mas, isso apareceu, né, isso foi falado, explicitado o que foi. Então, foi mais o jeito de se colocar, né, do que propriamente um conteúdo. E aí, é, quer dizer, pensar o processo de grupo no trabalho de educomunicação. Isso é um processo de grupo, como é que se lida com essas coisas, como que se as resolve, seja num plano, né, num planejamento sistematizado, racional e tal, ou no cotidiano, na... na... no dia-a-dia, nas relações que aparecem e não têm um plano exatamente pronto para se enfrentar, como enfrentar e tal. É, e houve até uma fala, né, de que havia um valor, né, em relação ao grupo conseguir parar em alguns instantes para o grupo conseguir pensar as suas próprias relações, não só os planos.

Eram reclamações, né, o termo usado foi esse, eram reclamações, pareciam reclamações, mas... Eram reclamações sim, mas em outro sentido, no sentido de tentar fazer as melhorias necessárias para tentar manter o grupo, é, desenvolvendo integrado e que essas paradas eram necessárias, né? Foi uma fala que eu estou recapitulando. E aí, eu não sei se, é... Até vocês que estiveram presentes, fiquem à vontade para completar, para até, assim, se eu não reproduzi bem o que rolou, fique à vontade para complementar essa minha fala, o que gostaria, o que seria mais importante recapitular do terceiro encontro. A meu ver, como alguém que está tentando coordenar um pouco a discussão, seriam essas... esses assuntos, tá. É, então, a palavra está aberta.

(12:01) Gilberto - Na verdade, eu queria falar dessa paridade aqui. Assim, eu discordo dessa afirmação de que a gente fazia educomunicação e não sabia, que a Fundação já faz educomunicação. Eu acho assim, talvez, a Fundação esteja mais próxima da educomunicação do que a escola, mas não, a Fundação ainda não faz a educomunicação. Eu acho que a Fundação ainda é calcada numa estrutura tradicional, que, às vezes, dificulta o desenvolvimento de um projeto no campo da educomunicação, né?

Marisa - Eu acho que acaba misturando um pouco, né, do...

Gilberto - É...

Marisa – Eu acho que mistura mesmo, porque, assim, é, uma instituição social, mas que tem atividades de uma escola formal; que, aí, é complicado porque as... muitos que trabalham, é, já trabalharam na escola formal. Aí, entra na instituição, não é mais aquele trabalho formal e acaba misturando e fica sem definir exatamente o que... o que se espera disso. Eu acho que acaba, é... É essa mistura mesmo! Não define, ao certo, o que tem de fazer, porque uma hora é cobrado porque tem que ser mais formal, uma hora tem que ser informal. Então, eu acho que não define exatamente o que se quer. E, agora com o projeto educumunicativo, né, existe o trabalho todo, todo mundo faz isso informalmente. Agora que está sistematizando, fica meio ainda sem saber como... como direcionar.

Daniela – Eu acredito, assim, né? Eu não participei do último encontro, né? Mas, o que eu estou entendendo, eu acho que hoje a Fundação, ela, é como ela estava falando, ela está com, ela não está sabendo a posição que ela vai ter que ter, né, porque ela, ao mesmo tempo, ela acha lindo e maravilhoso a educomunicação, eles vêm, elogia, batem nas nossas costas, eles estão adorando o projeto, acham que é por aí; eles também tomam atitudes, né, que vai totalmente contra o que é a educomunicação. Por exemplo, a gente tem unidades que é pedido que os adolescentes fiquem dentro da sala, eles não podem sair. Quer dizer, isso aí é educação formal, é tradicional, é lá de que você não podia sair... Hoje, não, você tem que interagir. Não é bagunça você ficar solto, não ter sala. Não é isso. Mas é você fazer um atividade lá fora. É você poder sentar com eles. Eles poderem ter esse movimento, não ficar parado, né? E eu tenho unidades, que eu sei que realmente acontece, que é cobrado isso, que o adolescente tem que ficar dentro de uma sala, fechado. Professor, lousa e eles sentadinhos, bonitinhos, sem abrir a boca. Quer dizer, hoje em dia não é mais isso. Educomunicação é totalmente ao contrário. Eles têm que se expressar. A gente incentiva eles de uma outra forma, né? Então, realmente, eu acredito que é o que a Marisa falou, é, está tendo muito conflito, a própria Fundação não sabe qual a direção ela vai tomar. Que que ela quer? O que é Educom? Então, quer dizer, eles querem que a gente tenha, continue com a Educom, a educomunicação, é lindo e maravilhoso, mas também não segue. Na própria Fundação não é seguido. Então, quer dizer... Então, espera aí, até que ponto a gente, realmente, né, nós estamos sendo os

educadores? Até que ponto? Até que ponto deixam que a gente seja, né? A partir do momento em que está já fazendo alguma coisa que, na cabeça deles, né, não é o correto, a gente é brecado: “Não, espera aí, vocês vão até aonde a gente quer que vocês vão. Agora vocês param.”

Marisa – Então, eu acredito que a gente não seja nem, não é nem... não é nem errado, né? Por quê? Se nós formos pensar, todos nós, aqui, quem que não foi educado pela educação...

(uma participante antecipada a resposta desse pensamento)

? - Todos nós.

Marisa - ...tradicional? Que é sala de aula, você ficar assistindo a atividade, ou melhor, você ficar ali como um receptor, puramente, né? Aqui, todo mundo! E aí, você passa a fazer parte de um processo onde você vai ter que fazer com que a educação e a aprendizagem ocorra é... mutuamente, o adolescente e o educador. E isso acaba, assim, falando assim: “Nossa, mas como é que eu vou fazer isso?” Então, não é errado.

Daniela – Não. Errado não.

Marisa – Então, eu acho que, é...

Daniela – As pessoas, acho, que não estão preparadas...

Marisa – Isso.

Daniela - ...para receber isso.

Marisa - É.

Daniela – Eu vejo dessa forma.

Marisa – E é complicado porque o próprio sistema exige, o sistema em si exige que o local onde se eduque, ele tenha hora para xis atividade, hora para ípsilon... Tanto é que a gente tem uma grade horária, certo? É, eu vejo isso. Eu trabalho numa escola montessoriana. E na escola montessoriana, você, os adolescentes e as crianças, eles passavam em todas as atividades que tinham no dia, no horário que eles queriam. Eles sabiam o que eles tinham que fazer; por exemplo, uma atividade de matemática, uma atividade de ciências, né, educação física, tudo mais. Mas, eles escolhiam o horário que eles queriam. Então, o professor tinha que saber que, por exemplo, naquele horário, ele foi preparado para estar lá e, de repente, não tinha criança nenhuma para estar ali com ele naquele horário, porque ninguém quis, por exemplo, estar, sete horas da manhã, numa sala, junto com ele. Então, eles não iam ter atividade, mas os meninos estariam juntos com os outros, com outro professor. Mas, eles tinham liberdade de escolher em que horas do dia que eles iriam passar pela atividade. Então, fica mais fácil de você interagir. É... Terminou a atividade lá, não tinha, por exemplo, meia hora. Ele terminou em dez minutos, ele não quer mais ficar lá, ele vai para outra atividade. Então, existe essa dinâmica. Agora, nós fomos, como assim as escolas, e eu trabalhei em várias, elas não seguem esse ritmo, tem o horário xis, você tem que estar ali, você tem que cumprir. Mesmo que você tenha terminado xis atividades, você tem que ficar até terminar a aula para você poder... Então, isso também é cultural mesmo. A gente tem que ir devagar e...

Daniela – E é engraçado, porque a própria Fundação, ela fala: “A Fundação não é escola.” Eu acho engraçado isso, que da própria fala até mesmo de chefia. Eles falam para a gente: “Vocês têm que ser diferente de escola!” As nossas atividades são diferentes, mas também, por outro lado, existe uma outra cobrança. Então, eu acho assim, que esses conflitos que a gente tem, esses debates, né, dos profissionais, eu acho, eu acredito que seja isso. Então, precisa haver uma posição, né? O que eu quero ser? Eu quero ser diferente da escola? Então, vamos ser realmente diferentes da escola, né, e não vir outras cobranças de lá de cima, que a gente tenha que seguir aquele método tradicional. Se a gente quer ser diferente, então...

Marisa – Mas é que é difícil até aceitar o que é esse diferente, porque, daí, o que tem? Todos os profissionais vão ter que fazer uma mudança interna do conceito de trabalho, é, dentro da sala de aula.

Daniela – Você não acha que, para a gente ter essa mudança, não tem de primeiro começar nas escolas para depois... Porque, assim, lá... Eu estava... Teve um evento, né, ontem, na Univap, o Encontro de Educadores. Semana passada, né? Vocês participaram, né, assistiram palestra. Eu fiquei, assim, quinze minutos em cada palestra. Acho que nem uma hora de palestra eu tive. Só que eu tive o prazer de assistir três. Eu percebi que o discurso, ali, não mudou. De dez anos lá atrás e agora é a mesma coisa. Então, eu fiquei assim, eu fiquei parada. Teve uns comentários lá que eu não acreditava. Eu falava: “Eu não acredito no que eu estou vendo!” Então, até mesmo as pessoas, os palestrantes que vão estar falando para os professores, para os educadores, diretores de escola e tudo mais, eles mesmo, eles não têm essa cabeça de mudança na educação. Eles não têm isso claro dentro da cabeça deles, porque o discurso é o mesmo. Então, eu acredito, claro, que pode começar da Fundação, lógico que sim. Só que a Fundação, a gente tem hoje educadores que está vindo, que vêm do sistema tradicional. E continua, gente, até hoje! Então, será que também não teria de estar mudando um pouco a forma de pensar das escolas, da educação de uma forma geral? Porque vai ser um trabalho de formiguinha o nosso. Está sendo, né? Mas..

Marisa – Então, mas até deles. Porque eu participei da palestra, e o palestrante completamente outra visão! É assim, mudar tudo que tem aqui. A que eu participei...

(os participantes comentam simultaneamente as opiniões sobre as palestras que assistiram)

(21:18) Gilberto – A palestra que eu assisti, eu achei bem interessante também.

(continuam os comentários)

Marisa - / Ele... Ele mudou... (continuam os comentários) toda a visão da educação, sabe. A visão do aprendiz, a visão do educador é completamente outra do sistema, é, tradicional, que a gente conhece. E que, hoje, tem gente que fala assim, que é construtivista, que é não sei o que, não sei o que; mas você vai ver, acaba virando tudo a mesma coisa.

Adriana – Mas eu acredito que não seja só o professor. A própria proposta da Fundação é mais tradicional.

Marisa - É a proposta...

Adriana - Porque a gente mesmo, eu não [venho da área de comunicação], né, dou aula de informática. Você tem que seguir. Você tem que dar informática e dar um jeito de fazer a

comunicação participar da sua atividade. E, às vezes, é complicado, porque chega lá, vai olhar o seu registro: “Nossa, você não trabalhou... Você deixou de trabalhar isso para trabalhar a educomunicação?” Eu acho que tem sim esses conflitos aí.

Marisa – E, olha, vocês ainda estão no Arte-educação e Criança. Eu que estou no Aprendiz, é mais ainda (alguns participantes concordam), porque eles têm que seguir um esquema de aula, quem trabalhou no Aprendiz, né, que tem alguns que já trabalharam no Aprendiz, sabe que tem de seguir um esquema de aula que vai ser certificado. Vai ser certificado pelo Senai, que vai ser certificado pelo [Centro Profissionalizante da Fundação], que tem uma rigidez maior e que, entre aspas, é uma formação inicial, que vai dar oportunidade dos meninos estarem trabalhando até, que muitos são contratados saindo da Fundação, né? Então o nosso, o nosso é mais mesmo. Então, vem da Divisão Criança, passa pelo Arte-Educação, que, assim, eu acho, é, tem a rigidez, mas é mais tranquilo, né? Dá para trabalhar bastante...

(os participantes falam simultaneamente e interrompem essa fala)

Adriana – No horário de almoço...

Marisa - Não, não, não...

Adriana - Quando a gente vai fazer uma oficina, mesmo. No seu horário, você tem que estar lá, com a turma toda, e aí você tem que dar um jeito, com o [?] que você tem de educomunicação. Às vezes, não é naquele dia que passa cinco e seis. Você tem que pegar todos...

(os participantes falam simultaneamente e interrompem a essa fala)

Marisa – O nosso, que é o último programa, ele é mais fechado.

Adriana - Bem mais.

Marisa – Bem mais fechado. Então, eu sinto isso de vocês, tá, pelas coisas que eu escuto, tudo mais; mas, quando chega no nosso, tem a responsabilidade legal, né, existe uma lei que vai determinar, você tem de fazer isso, isso, isso, tem que ter isso, isso, isso; tem que ser certificado isso, isso, isso; tem que ter xis horas para ter certificação, para ter a garantia do certificado. Então, imagina você que trabalhar com atividades, às vezes, é, mais abertas, sendo que a exigência são atividades fechadas.

Gilberto – Eu percebo, assim, uma coisa...

(uma participante faz uma comentário para Marisa)

Marisa – É. Porque, daí, você tem xis conteúdo para você ter que cumprir, né, com as competências, as habilidades que você tem que desenvolver para sair um certificado que vai ser registrado por um local reconhecido nacionalmente, para ter validade. Então, não adianta você, às vezes, querer: “Ah, não, eu vou parar e nós vamos fazer uma oficina xis.” Então, alguns professores tentam fazer algumas dinâmicas, quando entram nas atividades, que são Português, Matemática, né, que são atividades que não entram na certificação. Mas, mesmo assim, é difícil.

(24:46) Gilberto – Eu acho assim, o problema da educomunicação. O problema mesmo, é essa a palavra. É que a educomunicação trabalha a liberdade. E a liberdade, assim, as pessoas não estão acostumadas com a liberdade. As próprias crianças não estão, né? Tem aqueles que acabam abusando, se você dá a liberdade. Eles acabam abusando da liberdade, né? Então, no começo, a gente vai ter problemas mesmo. Vão acontecer, é, imprevistos, vão acontecer coisas e a gente... não é? Se a gente quer mesmo trabalhar a educomunicação, a gente tem que estar preparado para isso e tem que...

Marisa – Estar aberto para isso...

Gilberto – Desenvolver uma estrutura também que possibilite que a gente possa trabalhar esses problemas, né? Se a gente manter essa estrutura tradicional, não vai dar certo mesmo, não tem como.

Teresa – Porque isso é exigido do próprio profissional, né, ele trabalhe a autonomia de crianças e adolescentes. Por exemplo, a gente vê, quando eles vão cobrir um evento, a gente quer que os adolescente e as criança aja com autonomia, né? Só que na, ali, na hora da atividade da unidade, é o que a Daniela falou, é enquadrado, é fechado, é engessado... Não pode sair...

Adriana - Quem estiver lá fora, leva para a sua.

[Maria Rita] - Olha, ele estava perdido por aí...

Gilberto – Então me parece, assim...

Teresa – Eu acho que, assim, que a instituição a instituição, ela comprando realmente essa idéia da educomunicação. Mas, por quê? Tem o lado dela, porque dá uma grande visibilidade para a Fundação. Isso aí a gente não pode negar, né? A Fundação está na vanguarda, está na frente, né?

(alguns comentários de participantes)

Marisa - Nós tivemos a oportunidade de fazer uma visita, a primeira, acho que em muito tempo, né? E, em São Paulo, no Gotas de Flor com Amor e na Abrinq.

[Teresa] – Antes dos cortes, né...

Marisa – Antes dos cortes... Foi uma, depois de muito tempo, e nós conseguimos fazer. E, assim, nós observamos a nossa instituição e nós observamos as duas instituições que estão lá em São Paulo, a Abrinq e a Gotas de Flor com Amor, que você escuta, tem aí no *site*, o pessoal fala, comenta e divulga, né, e isso, aquilo e aquilo outro. Gente, nós comentamos, nós estamos quinhentos anos na frente. Acontece que eles têm algumas pessoas da mídia divulgando esse trabalho. Então, tem lá Fernanda Montenegro, tem algumas pessoas que acabam pegando e divulgando isso. Nós não temos nenhum príncipe encantado para fazer isso. Nós é que fazemos, né? Nós é que somos os príncipes e as princesas porque nós é que divulgamos.

[Teresa] - Podia ter um Gianecchini, né?

(risos)

Marisa – E nós temos que entrar, divulgar, fazer parte desse grupo. Mas, nós estamos assim quinhentos anos na frente.

(os comentários paralelos sobre a sugestão do ator galã continuam)

Marisa - Se, às vezes, a gente reclama: “Ah, porque eu queria tal coisa e eu não tenho.” Não, nós temos. Eles não têm. Nós, né, Teresa, nós viemos falando, o que a gente proporciona para os meninos, o que nós temos de condições materiais é, assim, é maravilhoso perto... E, nós fomos fãs assim: “Nós vamos ver coisas, assim, completamente [acima] do nosso, né? E mais, nós vamos ver coisas mais avançada para a gente poder trazer, para a gente poder estar trazendo algumas coisas.” Lógico, tem coisas lá que dá para a gente até adequar, mas nós estamos quinhentos anos na frente. Por tudo, pela qualidade, pela... pela... pelo trabalho que é desenvolvido pelos meninos, entendeu? E agora, eles lá no Gotas, eles estão começando com um trabalho educacional. Até eles estão querendo vir visitar a Fundação porque eu falei que tem, tem um Centro, que a gente já faz, que tem algum... um grupo que já está há bastante tempo e tudo mais. Então, ela está querendo vir. Então, eu falei assim, nós estamos com todas essas dificuldades sim, nós vamos ter que fazer uma mudança e eu acho que todo mundo vai ter que estar aberto a essa mudança, né? Os profissionais vão ter que estar abertos, chefias vai ter que estar aberto, né, os gestores vão ter que estar aberto, presidência, a diretoria, todo mundo vai ter que estar aberto a essa mudança. Mas, tem que ser uma mudança individual, uma mudança sua.

Daniela - E depois estrutural.

Marisa – Sim.

Daniela – Que é isso que você estava perguntando. [Eu não vou entrar muito,] senão, a gente vai fugir do assunto. Mas, se a gente parar para pensar, então, a criança, depois que ela sai, né, com sete anos até doze, né?

Marisa – Doze.

Daniela – Doze.

Marisa – Doze e onze meses.

Alil – Ela sai do [Programa] Criança é outra coisa, né? Ela passa lá. Lá é tranquilo também. Aí, ela vem para o Arte-educação, também tem tudo, né?

Teresa – Na mesma sequência, né?

Daniela – O Arte-educação não é um choque muito grande, né? Do [Programa] Criança para o Arte-educação, porque eles vão continuar. Vão ver artes, música, dança, tudo de bom, né? Só que, aí...

Marisa – O nosso é tudo de bom também...

(risos dos participantes)

Daniela – Não, sim, claro que é... (risos continuam) Eu trabalhei com o profissionalizante, trabalhei com convênio, tudo. Só que sabe o que acontece? Aí, chega lá, ele tem que se enquadrar, essa é a palavra, para quê? Para ser preparado para uma Embraer da vida, uma Johnson's, para uma Kodak etc., etc.... Será que esse garoto, ele quer ir para uma Embraer?

Marisa – Sim...

Daniela – Ou ele quer fazer aula de música para ser um músico?

Marisa – Sim...

Gilberto – Mas, isso faz tempo que é criticado.

Daniela – É, isso que é criticado. Então, também além de mudar interiormente cada um, a estrutura é fundamental.

[Teresa] – Também acho.

Marisa – Tem que questionar lá, antes de vir para o Arte, porque, por exemplo, vem para o Arte, quem tem quatorze anos e onze meses. (alguns participantes corrigem a informação) Me desculpa, o Aprendiz, é Aprendiz. Aprendiz é quatorze e onze meses, porque o Aprendiz trabalha de quinze a dezoito, né? Se tiver vaga, pega até com quatorze anos e meio, mas é de quinze a dezoito. Então, tem de ser perguntado lá, para ele, você quer ir fazer um curso, né... Tem que fazer um levantamento de interesse que se faz no Aprendiz, depois que se passa pela Orientação. Você quer fazer um curso de mecânica, você quer fazer um curso de elétrica, você quer fazer um curso de hardware, ou você quer fazer... continuar o curso de dança que você tem aqui, né? Tem que ter essa abertura. Porque, daí, ele vai optar. Porque, o que é agora? Chegou, deu a idade, você vai. Você não pode. Você chegou, você vai, você não fica. Então, tem que haver essa abertura dele poder optar: “Eu quero ficar aqui. Eu quero fazer dança. Eu quero fazer teatro. Eu quero fazer música, né?”, não sei... “Quero ficar aqui.” Só que não tem estrutura para ficar no Arte, senão, começa e inchar.

Coordenador – Gente...

Marisa - E vai por aonde?

Coordenador – É... A Vanessa está querendo falar...

Marisa - E nós estamos aqui...

Coordenador – Ela pediu a palavra para mim, aqui, e eu estou... (risos dos participantes) Ela que falou aqui para mim, a aqui.

(31:30) Daniela – A gente não deixa, né? Não vai falar nada...

Coordenador – É...

Marisa - A gente não fala...

Coordenador – Acho que a Adriana também, né?

Vanessa - A Adriana quer falar, depois.

Coordenador – Mas, assim, fiquem à vontade, assim. Essa é a tal liberdade, a liberdade de expressão, né? Como é que a gente faz para organizar, né? Mas, provavelmente essa conversa está mobilizando.

Vanessa – Com certeza. Então, na verdade, eu tenho uma dúvida que eu quero perguntar para você, que eu não vim na semana passada. E assim, até, bastante coisa que a Marisa falou, essa questão da reestruturação, que ela é necessária, está todo mundo vendo, todo mundo sabe. O que a Daniela falou também, né, que não está dando mais conta, não está tendo mais ligação. Mas, eu penso assim, é, dessa questão, por exemplo, da educomunicação, porque eu, por exemplo, não tenho essa vivência que [eles têm] da escola formal ou já da Fundação. Na verdade, eu sou nova aqui. Então, na verdade, logo que eu cheguei já fui para essa coisa da educomunicação. Assim, estou aprendendo também a questão do conceito. E aí, eu fico pensando muitas vezes, mas parece ser uma coisa egoísta de tentar reverter isso, a própria questão da afetividade. Porque, às vezes, a gente fala tanto da instituição, e acaba se institucionalizando, eu penso assim, de só se falar nos problemas que são nossos enquanto instituição. E, de repente, assim, hoje é o quarto encontro, hoje eu estou assim: “O que eu vou [fazer?]” Porque eu pensei que iria agregar alguma coisa também para mim, como educadora. / como também esse processo de afetividade. Claro que tem também afetividade, né, com os meus superiores; mas com o meu educando, como lidar com isso? E eu fico pensando, antes de tudo, que é um conceito que eu já tenho, tudo que eu estou aprendendo na Fundação ou na educomunicação, eu penso que dificilmente vai se aplicar como se quer e na Fundação. Porque eu fico pensando que ela fica treinando, fica te preparando, mas não para cá. Por quê? Porque se você pensar pela questão política, a questão por exemplo, do [positivismo] do ordem e progresso, se é uma instituição que tem dinheiro público, que é ligada à Prefeitura, eu penso que vai demorar muito tempo para ficarem [coisas] preparados para ver uma coisa que não seja uniforme, /, lousa. Então, eu fico pensando, realmente tem que ter uma estrutura, mas sei nem se eu não vou estar aqui para ver. É, você vai vender a educomunicação como um produto, que tem visibilidade, como ela falou. Ótimo! Na hora que esses meninos, na verdade, quando contestarem, é, que não gostam do /, como já aconteceu. Já falaram que não gostam do *hip-hop*, como já aconteceu. É, nunca vai aparecer, entendeu, porque não é bem-vindo. A própria sociedade, muitas vezes, por mais que diga, não quer ver isso que a gente tem aqui. A gente produz, mas muitos não querem ver. Esse é meu pensamento. Agora, a partir disso daqui, eu tiro tudo isso de lado, as minhas incertezas enquanto trabalhador, essa coisa da instituição, é... Quanto eu tiro tudo isso, o que me resta? A sala de aula, a instituição e o adolescente que está ali, que com tantas dificuldades que têm, é ele que está ali. Direto, quem está é a gente mesmo. Então, eu fico pensando como resolver, a partir do momento que, por exemplo, assim, não querendo dizer “Ah, a gente faz educomunicação.”, mas como ter esse contato? Suponhamos assim, vamos dizer, assim, que nós aqui vamos fazer um trabalho educ comunicativo. Que cada um tem que falar a sua opinião, a gente já sabe que não é fácil. Que as primeiras experiências que eu tive, até com profissionais, eu falo isso com os adolescentes, hoje em dia, que eu lembro que eu, tipo, eu cortei um papel e queria colar. [A pessoa,] ninguém ouvia, primeiro, ninguém ouvia. E, depois, uma hora, eu peguei e coleí aquele papel e a pessoa teve a capacidade de tirar /, aquele educador, de tirar e descolar, porque não queria, né? Como outras experiências que eu tive assim, quando a gente foi conversar sobre educomunicação. E assim, a... um dos principais problemas que nós estamos enfrentando lá realmente é isso, os conflitos que tem a partir do momento que eles estão fazendo, eles estão colocando suas idéias, eles estão produzindo, eles. Tem uma coisa também institucional. Os educadores trabalham nessa coisa do como eles vão

por suas idéias, como eles vão atravessar / e dos conflitos, como eles vão fazer isso. E aí, também, a gente tem uma demanda da instituição, que é fotografar, filmar, como se fossem repórteres-mirins, né? E até ontem eu brinquei, porque houve um problema lá, as adolescentes que estão falando muito, se colocam muito, mas agora está começando a aparecer a divergência, “Quem manda mais do que eu.”, “Aquele que está falando eu não aceito.”, e a gente está ali tentando mediar essa situação. E ontem chegou até o ponto que eu fui tentar a /, depois da assistente social, porque é uma situação que é: “Olha, daqui não dá mais para a gente assumir, entendeu.” De repente, todo mundo parar de se falar, né? Quererem continuar no grupo de educomunicação, mas não conversarem.

Gilberto – Você imagina, Vanessa, eu como uma sala com vinte crianças, uma sala / divido ela em seis partes, né? Aí, eu tenho que fazer uma divisão, um grupo fazendo rádio e o outro fazendo atividade, né? Aí, enquanto eu atendo o grupo que está fazendo a atividade, ocorre lá um conflito no que está fazendo rádio. É complicado! (risos) Aí, começa a ouvir rádio, ensaiando, colocando música também, fazendo a apresentação, tal. O grupo que está comigo, né, começa a ouvir o som, né, tal, começa a se interessar, chamar a atenção. E eu sério! Querer que todo mundo me ouvisse, [eu querendo a atenção.] É complicado! Com o grupo ali do lado. É complicado, né?

Marisa – Olha, eu vejo assim, em educação, gente, é algo que demora. Eu não estou querendo jogar água aí em ninguém não. Mas, é algo que vai demorar um tempo para... Eu estou há dois anos e um pouquinho na Fundação. Nesses dois anos e pouquinho, eu já vi muita mudança, tá. Primeiro, os nossos meninos nunca tiveram a oportunidade, que eu saiba, de participar de um simpósio, de um seminário, de alguma coisa assim. Mesmo que eles tenham ido um pouquinho em cada local, que [não] tenha assistido uma palestra inteira, não tenham, vamos dizer assim, tenham que ser assim um repórter-mirim etc. e tal, nesses dois anos e pouco que estou, e que eu tentei resgatar um pouquinho para pensar essa questão, eles nunca participaram disso, eles nunca tiveram a oportunidade de entrevistar ninguém de fora...

Vanessa – Não, Marisa. Mas, eu não estou dizendo que não é importante. Mas, o que eu estou dizendo, precisar ter a disposição também...

Marisa – Sim...

Vanessa – Do professor que vai lá, que vai se dispor do seu horário de almoço, que vai até o ônibus. Tipo assim, e isso, até agora, todos [no Educom] estamos conseguindo e felizes em estar fazendo.

Marisa – Sim.

Vanessa – Porque a gente quer ver isso neles.

Marisa – Ham, ham...

Vanessa – Me preocupa um pouco, às vezes, um pouco, né?

Marisa – Mas, é assim que começa, porque...

Gilberto – Por enquanto, que está em poucos, que está dando certo... [Mas, eu estou preocupado com o aumento da] cobertura.

Vanessa – É, também.

(vários participantes falam ao mesmo tempo)

Marisa – O que vai acontecer? Você pega os poucos e esses poucos vão contagiar, porque vai quer participar.

Vanessa – Com certeza.

Marisa – Aí, cria realmente... Se você for... Isso não é só com a gente. Você deve sentir isso como profissional. A... Um que não quer falar com você porque acha que você vem aqui, você está querendo [driblar] as horas. Ou, teoricamente, porque você tem a liberdade de fazer o que você quiser, que tem a liberdade de não ficar em sala de aula. Entendeu? Ou... Ou, que, de repente, você [pega] o carro da unidade: “Ah, mas é simples, você vai a hora que quer, você sai a hora que você quer...” Não é assim. As pessoas demoram um tempinho, é... Eu vejo, se for um remédio, ele leva dez anos para começar a ser colocado em prática e mais dez para [os resultados], né?

Vanessa - Então, Marisa, mas é isso eu estou perguntando, será que nós que estamos lá vamos agüentar esse período? Porque, por exemplo, vou te dar um exemplo...

Marisa – Você pode não agüentar, mas você já está plantando.

Vanessa – Então, mas eu vou te dar um exemplo, no sentido, é... Foram cobrir o evento lá da... do selo. E aí... (alguns membros perguntar o que foi a atividade) Com os adolescentes da unidade. É. Então, você fica pensando, por exemplo, a gente faz questão de ir, não porque vai ver [o prefeito]. Na verdade, nem viu. Mas, por essa coisa deles. Eu tenho relato [de crianças] que participou ao evento, que só, até foi engraçado, que a gente não sabia, ninguém sabia comer. Eu falei, vamos olhar como outros fazem e vamos comer. Eles ficaram: “Nunca vou esquecer o dia que a professora, é, me ensinou a comer.”, por exemplo.

Marisa – Ham, ham...

Vanessa – Mas, na verdade, aquilo, para eles, de ir é fantástico. Então, a gente preparou, tudo mais. Só que, por essa questão, às vezes, até por [desatenção] da instituição, de tanto que pedi... Assim, ainda tem que ver passe e, aí, tal, tal. Porque até a Bete, todo mundo teve que correr também. Os equipamentos, como sempre, não corresponderam. E aí, na última hora, que estava todo mundo lá arrumado, a câmera não funciona, não tem a fita, não tem... Sabe, assim? Mas isso, você sabe que não é a primeira vez, não a segunda, não é terceira. E aí, você fica naquela como uma mola que fica assim, né? De cima, você tem que fazer, né? Fica a sua chefia: “Entrevista esse! Faz isso!” Para eles, você não pode passar o nervosismo, né? Então, você fica naquelas, assim, de... Então, na realidade, claro que a gente sabe que vai continuar, não é isso. Mas, você fica pensando... Vale muito a pena, mas também que precisa privar /, como todo mundo da Fundação /, do que fazer.

Marisa – Porque, olha, para lidar com pessoas, é muito complicado. Se você vai trabalhar com [gostos], vai trabalhar com as expectativas, vai trabalhar até com essa...

[Daniela] - Frustração...

Marisa – Frustração. Com...[Essa...] Às vezes, fala assim: “Nossa, ela não gosta de mim. / aprender com outro. Ta-ta-ti, ta-ta-ta...”

[Vanessa] - Com certeza.

(algumas falas ao mesmo tempo)

Marisa – Trabalhar com pessoas é muito complicado, é muito difícil, porque é você, é o seu eu e é o conjunto / com as outras pessoas, na família, no grupo e [no serviço.] Então, é difícil. E trabalhar na educação, com muitas pessoas diferentes, é mais complicado ainda. Então, de repente, nós não vamos estar vendo mesmo, sabe, o resultado disso em toda a instituição. Está crescendo, né? Daqui a pouco tem mais duas. Em vez de ser vinte e três, vão ser vinte e cinco. Então, você vai ver que o negócio está aumentando. E não vou ver isso, é, em toda a instituição como a gente quer. Mas, você já está fazendo.

Vanessa - / na maioria dos casos, em cada unidade.

Marisa – Pois é.

Vanessa – Vem uma ordem de cima, vem uma ordem de cima para baixo e [põe uma ordem para todo mundo.]

Marisa – É, pois é. O que, talvez, a gente tenha que aprender, e eu sei disso por achar que sou muito ansiosa, né, é que a gente não pode se desistir das coisas que a gente acredita. É, quando eu entrei para trabalhar na escola pública, eu trabalhar em escola particular e também em escola pública, eu queria fazer uma aula diferente, não queria só lousa e apagador. Isso há vinte e dois anos atrás. E, falaram para mim assim: “Esquece, isso aí não dá certo.”, é, “Você fica na lousa.” E eu nunca me encaixei muito nisso. Eu sou tradicional, tá. Eu acredito que tenho de estar usando lousa ou mais alguma coisa para estar ajudando nessa [exposição], [mas eu quero] tentar coisas diferentes, dar uma aula no pátio, daqui a pouco, eu subo lá /, no jardim, que não tinha lousa e apagador. Então, eu acredito nisso. Então, eu acho que a gente não pode perder, é... de acreditar nisso. [E você] pode não ver. Eu posso não ver a instituição toda trabalhando com isso, mas a gente tem que acreditar que está fazendo o melhor; que, senão, a gente vai acabar se frustrando hoje.

Vanessa – Não, mas isso eu acredito. Eu fico pensando assim, se o grupo, enquanto formador de opinião, tanta coisa e está aqui junto, se muitas vezes essas atividades não estão sendo mal divididas. Porque isso que eu estava falando, agora, é uma coisa que com tanto tempo de trabalho era o que eu já poderia... eu já deveria ter ouvido, poderia ter ouvido e me ajudado muito. Então, às vezes, ficam esses muros, por cargo ou alguma coisa, e estaria faltando /. De repente, o Gilberto está passando por um problema lá, parecido...

Marisa – Sim.

Vanessa – Que, é, eu, às vezes, vou dar um toque nele, mas, se a gente não está inserido no processo, não consegue ver.

Marisa – Mas, sabe o que acontece, né? Eu vejo pela... pela minha colocação. Eu sou psicopedagoga...

Vanessa – Hum, hum...

Marisa – Eu sou da equipe multi. Quando eu entrei, achei que fosse trabalhar diretamente com adolescente. Então, [eu não] trabalho com adolescente. Hoje trabalho mais com profissionais do que com os adolescentes. (alguém comenta algo) É, muitos chegam e falam assim: “Marisa, posso sentar e conversar com você? Você pode me ajudar aqui?” Tudo bem. É o meu papel. Mas, muitos dizem assim: “É chefia. Ela está lá para me cobrar. Está lá para fazer isso e aquilo outro.” E essa... essa... esse olhar de vamos [sentar e] trocar idéias, porque o seu problema é o meu problema, sabe. Sei lá em qual dimensão, mas é. Então, vamos sentar e ter essa humildade de escutar o outro, de falar assim: “Não / Não é perfeito. Eu estou aprendendo. Eu quero sentar junto com vocês.” Entendeu? Só que tem gente que já é o contrário. Enxerga, por mais que você chega e fala assim: “Olha, eu tenho uma idéia. O que você acha?” Nem vai escutar. Ela já está querendo...

Maria Rita – É uma terapia, né? Eu estava comentando [com a Mariane], até o nosso olhar mesmo. Eu, em relação à Teresa, em relação, o que a gente, como professor, depois que a convivência. “Ah, mas a senhora, mudou, professora.”

Marisa - Ah, é?

Maria Rita – Porque, assim, eles passaram a olhar, assim, né? Até própria organização deles, conversar, trocar idéias. Muda. Aí, [de olhar], falamos: “Nossa, parece que /.”

Vanessa – Eu penso que é isso que tinha que ser fortalecido no grupo, né? Já que consegue...

(vários participantes falam ao mesmo tempo)

Maria Rita – / Assim, em relação à questão de coordenadora ser a Arlete, é super tranqüila, tem essa relação e tudo. Mas, com outros, é difícil encontrar, porque isso, [é a mesma coisa que você ver], eu me coloco agora. Aqui havia também essa, sabe [a lenda]...

Marisa – Porque, assim, eu não sei se... No nosso programa, as três são novas, né? Eu, das três, sou a mais velha. Depois, entrou a Zélia; depois, a Cláudia. Então, as três são novas. Você sabe quem é lá dentro da instituição, para você ter esse relacionamento e tudo mais, tem aquele negócio da antipatia, né, e da simpatia, é, à primeira vista, né?

Gilberto – Mas, eu acho, [pelo menos é o que eu penso], eu acho que antipatia é um problema de estrutura também. Eu concordo com isso que a Maria falou, muda a relação, não só com em relação à [gente], com em relação à aula; mas, todo esse pessoal que no dia-a-dia está mais distante da gente, porque aqui acaba mais próximo, né? (falas simultâneas) Tem a cultura hierárquica, né, da gente na unidade, tal. Querendo ou não querendo, você separa, né? (falas simultâneas) / Ela dá bronca. Ela é daquele setor, então...

Marisa – Daquele setor...

Gilberto – É, está querendo olhar o meu diário...]

(falas simultâneas continuam)

Marisa - “Já está querendo cobrar alguma coisa, [em vez de ajudar em alguma coisa.]”, (risos)

“O que que eu fiz de errado, né?” E não é assim. A idéia é assim porque existe o grupo que está ali param, para a... Porque tem muitas coisas que nós não podemos resolver. Então, se a gente vai fazer supervisão, a gente anota algumas [demandas] de vocês, né, que vocês querem colocar. E muitas coisas eu vejo acontecer, na realidade, justamente porque são colocadas, porque há essa comunicação, né? Vocês colocam as questões de vocês. O que vocês querem, também, porque muitas vezes vocês não querem que coloquem, né, porque vai chegar... vai chegar para a chefia. Então, vocês não querem que coloque. E também a gente não ter como falar para que não, porque não tem como, né? E muitas coisas acontecem como? É esse, é essa cobrança, que nós temos também, que nos distancia um pouco de vocês. Porque nós temos isso, isso, isso, e a gente não dá conta. Até eu falei com a Teresa, vou ver se hoje vou à tarde, [porque eu tenho que fazer um negócio no Dom Bosco], depois tenho que fazer supervisão. Mas, não dá tempo, porque a cobrança é muito grande. A cobrança é muito grande. Talvez, se nós ficarmos um pouco mais próximos de vocês, e às quintas-feiras nós ficarmos aqui, é um momento... é uma momento, talvez, mais próximo.

(várias falas simultâneas)

Gilberto – Eu lembro que a Paola participava, né? A Paola, gestora, participava. Era bem legal, né? Eu acho que é uma pena que ela [ainda não tenha participado aqui com a gente]. Eu acho que isso é uma prova de que educomunicação é uma coisa legal. Sabe, eliminar um pouco esse distanciamento por causa de hierarquia.

(falas simultâneas)

Daniela – [É claro que ela quer participar, né?] Que nem aquele dia que a gente foi a São Paulo, ela foi.

Gilberto – Então, mas o que eu digo é junto com a gente, assim.

Daniela - / Ela veio, ficou conosco, questionou. Eu acredito que eles mesmos estão querendo mudar e dar força para o Educom

Gilberto – Então, a Paola, desde o começo do Educom, ela ficava junto com a gente.

Daniela – Desde o começo.

Gilberto - Que nem a gente está. Oi? Então, mas ela fazia o curso, de modulo iniciante, de módulo gestor, que está vindo, quando aqui era unidade.

? - E aí?

Gilberto - Então, eu achava legal. [É uma coisa que a gente já falou], não é gestor, assim...

Marisa - Mas, assim...

Gilberto – É a demanda. Mas, acho que isso é mais legal, né? Quer dizer, acho que é uma coisa legal, né?

(falas simultâneas)

Marisa – Então, por isso que eu estou falando. Mas, eu entendo o que você fala, porque a gente quer ver, ali, logo, acontecer, porque você está batalhando, você empolga, você quer. Mas, é complicado acontecer, isso é lento mesmo.

Vanessa – Não, mas aí que está, a gente está vendo acontecer. O que eu fico pensando, às vezes, é se compensa o preço, essas coisas da instituição.

Marisa – Ah, eu acho que a gente tem que pensar que compensa. Compensa, eu acho que a gente tem que pensa assim. Envolve, lógico que envolve a instituição. Eu estou falando por mim. Se você não acreditar... É aquele crer para ver. Você tem que crer que o que você está fazendo, o que ela está fazendo, o que o pouquinho está fazendo, porque você está diretamente e eu faço indiretamente, é...

Vanessa – É pelo desgaste, justamente isso.

Marisa – Quem está. / Quem está na educação, são anos, e anos, e anos... Por isso que, e isso eu falo quando eu [dava] aula no magistério, porque eu dava aula de / no magistério, porque se você não está, você desanima. Porque você dá um empurrão, assim, que te derruba, na lata.

Vanessa – Mas, essa questão não é o desânimo, às vezes. Eu acho que é a paixão demais.

Marisa – Mas, é a paixão demais... Ver os meninos fazerem algum coisa, é isso que alimenta.

Daniela - Tem que pensar nos meninos... Se for parar para pensar no salário, em estru...

Marisa - Na estrutura? Você não pensa!

Daniela - Você não trabalha. Você pira da cabeça. Você sabe como é a estrutura da Fundação. / Eles são o [lance] da nossa gratificação. Que nem lá, no último evento, né, / como [educadores], esse César, que é esse adolescente meu [surpreendeu], ele começou esse ano. Ele... A gente sentava lá, ele começou a brincar. Ele ficou falando do evento. Até que ele falou para mim. Eu disse: “O que eu falei errado?”, “Ah, professora, a senhora é loira mesmo...” (risos) Eu olhei assim e falei [/ Isso foi muito bom para mim.] Ele nunca falado para mim.

Marisa – Ele fez brincando.

Daniela – / Ele está brincando comigo, ele já tem outra fala. Isso me deixou tão feliz. Eu fiquei feliz.

Marisa – Ham, ham...

Daniela - Isso que eu acho que é a nossa gratificação.

Maria Rita – É assim, por exemplo, [ontem,] a sala da Univap é horrível, né?

Marisa – É.

Maria Rita – Eles entraram, o palestrante aqui, né? Eles entraram calmamente, se organizaram, sabe assim. Eles, né, estão chegando em outros espaços também. /

(várias falas ao mesmo tempo)

Marisa – Porque, é assim, eu entendo também, que... que, assim, né, nós precisamos trabalhar, é, para as necessidades até... as necessidades básicas, e algumas fúteis, né? Todo mundo faz isso. Mas, você... É paixão mesmo, entendeu? É ver que você está [convicto], está com três, com quatro, e, depois você chega [a nove], é multiplicar e continuar. Porque se a gente for ver o que nos cortam... Essa semana nós estamos super chateados, né? Então, você está lá, tudo pronto, eles vêm e... Cortou!

Vanessa – Então, são os cortes...

Marisa – Mas aí, a gente que tomar um fôlego e falar assim, olha: “Eu tenho que continuar por quê? Por causa dessa... desse crescimento que eu estou vendo [ganhar os meninos]”.

Vanessa – Então, é isso que acontece muito com as elas. Porque, por exemplo, antes de ter acontecido tudo isso, ontem, que a gente vai e tenta cuidar da melhor forma, né? Foi uma coisa muito assim, dolorosa para todas. Aconteceu... Porque, assim, acho engraçado, até comentei com alguém ainda hoje, que da próxima vez não vai ficar tanta mulher junto, né? Porque, da outra vez, a gente colocamos dois homens e duas meninas, então, dava uma mesclada. Agora, parece que junta muita menina é muita emoção, né? Uma hora estão sofrendo por causa de namorado. (vários comentários ao mesmo tempo a esse respeito) Assim...

Marisa – Ah, não, ontem, na cobertura, você está falando?

Vanessa – Em tudo. As vezes deixa...

Gilberto - / Eu fui fazer um programa de rádio com um grupo só de meninas. (risos) / Deu a maior briga e acabaram dividas, formaram dois grupos.

Vanessa – É, então. Eu queria saber como que foi essa experiência para eles. Mas, eu falo para eles: “Gente, para nós, lá, não tem como dividir, porque tudo a gente vai fazer para todos.” Então, no começo era por causa de namorado. Então, três conversavam, formavam dois grupos. A gente conseguiu trabalhar, trabalhar, só que conseguiu que todas se falassem, tivessem um bom relacionamento. Que bacana! E produzindo. O nosso trabalho vem por conta da demanda delas, elas produzindo, elas... Aí, o que aconteceu? A partir do momento que, vamos dizer, não tinha mais nenhum problema de relacionamento, elas... [Isso elas falaram muito bem.] Até que veio a notícia que, para cobrir esse tal evento do selo, precisa apenas quatro. E o grupo tem seis...

Marisa – Ah...

Vanessa - Aí, até eu fiquei um pouco... Porque eu tenho um pouco essa coisa do pensamento positivo. Daqui a pouco: “Vamos fazer igual ao que a professora falou. Pensamento positivo. Vai todo mundo, vai todo mundo!” Eu falava: “Gente, como é que eu vou sair disso. Não dá para ir todo mundo.” E uma pessoa que pegou e falou: “Gente, então, prepara. A gente vai levar seis. Mas, se não der, aí, na última hora, tira.”

(vários comentários simultâneos)

Marisa – Um problemão. É que na última hora.../

Vanessa - Entendeu? Hoje veio esse meu questionamento. Eu até falei para o Daniel, falei assim: “Olha, a gente precisa cobrir os eventos. Eu já estou... Mas, eu fico pensando que nós, educadores, devemos falar: “Ou vai seis...”, vamos nos posicionar, “Ou não vai ninguém.” Quer dizer, elas estavam me dando aula: “Professora, você não falou que nós somos um grupo? Nós somos um grupo e nós temos que ir as seis.”

Marisa – Mas aí, também, tem que trabalhar as adversidades, trabalhar com as mudanças. Olha, eu vou falar, não acontece só com os adolescentes, acontece com os profissionais também. No começo do ano, eu solicitei uma visita para um grupo de professores do Aprendiz. Era para o Museu da Língua Portuguesa e para Pinacoteca. E vamos, e vamos! E eu agendo; daí, tenho que coincidir data, tenho que ver data com o nosso ônibus para levar. Bati o martelo. Na véspera, cortaram. E eu? Eu com quarenta para falar “não tem mais”. Trabalhar essa frustração, porque a gente iria, para ali, na lata, dizer que não iria mais sair. Não, porque vai na lata, / aquela, aquela outra. É essa a situação. Tem que trabalhar com isso.

Vanessa – Então, aí, Marisa, a gente tem de trabalhar com isso. Concordo com você. Mas, eu fico pensando, nesse caso, faltou sim a postura do profissional. Aí, o que acontece? Reclamar, a gente vai ser atacado. Mas, numa ocasião dessa, porque nunca ocasião dessa, tanto é que foi, né? Corri, liguei para a chefia e até que deu, por todo mundo. Isso para eles, de ter ido todo mundo, então, foi uma coisa, porque foram todas, se empenharam para caramba. Muito bacana! Mas, esse período de sofrimento, dos dias até a hora, porque elas ficaram assim: “E aí, professora?” Até que fizeram um sorteio. Decidiram que seriam maduras para agüentar. Ah, na hora que sorteou...

(risos)

? - Maduras, né...

Vanessa – Entendeu? E aí, foram duas. E aí, todo o trabalho que você fez para um grupo ficar unido, daqui a pouco, já desestruturou. Então, eu fico pensando, que seria importante, de a gente, como mediador, poder garantir isso para... Tudo bem que elas vão se frustrar, vão... Mas, para poder garantir um pouco isso, para não ficar em cima da gente. Você fica realmente naquela situação, né?

Marisa – Eu vejo assim, de repente, trabalhar a importância do grupo, sim; mas, trabalhar a possibilidade de não ser todo o grupo [na ocasião].

Vanessa – Ah, mas aí...

Marisa – É difícil. É difícil por [estar ali, ter os limites]. Mas, é um sofrimento tanto deles quanto nosso. Porque isso é muito comum como mãe. A gente não quer que o filho sofra, né? Então, você vai ali, você vai... É... Se você parar para observar, eu vejo os nossos meninos muito mais amadurecidos do que outros que não tiveram problema, né? E é por quê? Porque o problema faz amadurecer, porque a dificuldade faz você crescer. E tudo isso leva ao aprendizado. Você tem que tirar o lado positivo da coisa e [tentar] aprender com isso. Não é só racional. Não é fácil. Porque não é possível acertar em tudo. Nós queremos, principalmente dessas pessoas... Eu falava para os meus alunos, que eu era quem nem uma galinha choca. Menina do magistério, imagina, eu dava aula para senhoras, às vezes, tinha quarenta,

cinquenta, sessenta anos. E era que nem uma galinha-choca mesmo. Você quer falar do meu aluno, fala para mim, e eu vou falar para ele. Se eu tiver que chamar a atenção, vou chamar a atenção dentro da sala de aula, não lá fora. Então, a gente cria isso mesmo: “Eu quero que ele vá a tudo, eu quero que ele participe de tudo, eu quero tentar não deixar...” (uma participante comenta algo para a que falava) É. Só que também a gente tem que pensar também trabalhar esse outro lado. O grupo é importante, porque você vai poder dizer que você pode não ter ido fazer aquilo lá, mas você vai fazer parte para evitar, para estar... É difícil entender...

Vanessa – Então, você fica vendo, não só na questão afetiva, como que questão política, que eles começam a ter questionamentos, que é assim: “Professora, o número de pessoas que vai na dança é garantido. O número de pessoas que vai na música é garantido. Por que o nosso não é garantido?” Então, ao mesmo tempo que é muito bacana porque elas estão... Essa coisa, a gente compra um produto e não sabe, na verdade, o que está comprando. Tudo isso que eles estão... Entendeu? Só que, daí, na hora, você não pode garantir, porque você é empregado. E você não vai bater de frente com a sua chefia, né? Então, você fica naquelas. Puxa vida, aprenderam direitinho a lição, né? Mas, até que ponto? Então, eu acho que aí que chega realmente a contradição, porque você vai, vai, estimula, só que chega uma hora que você, se você tiver de tirar verba do seu bolso, você vai tirar; se você tiver que, na última hora, comprar um cabo, você vai comprar. E vo... Assim, até nesse ponto que você falou, às vezes, para não frustrar. O que eu falo é porque não depende só de você. Então, o meu posicionamento, até vou conversar com a Bete, mas eu acho legal a gente conversar com o grupo, do que a gente pode assumir. Porque, por um lado, tem a questão política, você tem que ir porque é um evento e tal; mas, por outro lado, tem que se ter algumas garantias para também que a gente não saia prejudicado, né? Afinal, né, se tudo, eu fiquei pensando, você for fazer por conta do evento, acaba essa questão da educomunicação. Fica sendo uma cobertura. E é isso que eu converso muito com eles, é como que as pessoas que estão trabalhando com a educomunicação não vão conversar? Para alguém tirar foto, para alguém fazer uma reportagem, isso é [bonito]. Então, você precisa ter essa ligação. Elas fazem sozinhas. Então, é uma reflexão... Às vezes, a gente procura muito mais isso, que tenha reflexão, muito mais, do que a própria ação. Que tem ação também. Que bacana, né? Mas, que a gente não caia, principalmente, nessa coisa que a Daniela falou, do aprendiz. Tem que aprender para ser um funcionário da empresa, tem que ser funcionário da empresa. Não tem que ser. Tem que ser, de repente, uma pessoa melhor, que vai discutir, uma pessoa que, de repente, não vai ser tão levada pelas questões que estão acontecendo aí e não saber de nada. E aí, lembro sempre um frase do Raul Seixas, que fala assim: “Eu queria ser burro. Não sofria tanto.” (risos) Porque aí você, é... Tanta coisa na sua cabeça e, aí, depois, você faz o quê? Eu abri a minha e já estou sofrendo. Eu vou fazer que eles sofram também?

Marisa – É aquele negócio, né? Eu não lembro quem foi, mas fala assim: “Ser ignorante é ser feliz.” Mas, ser feliz em tudo. Porque quanto mais... Quanto mais conhecimento você tem, mais clareza das coisas, primeiro, é aquele negócio, né, quem tem conhecimento, tem poder, certo? Então, você conhece, você consegue até vender uma idéia etc. e tal. Mas, o ser ignorante também, que ele fala, é poder, por exemplo... Enquanto eu não souber, por exemplo, câncer sempre existiu, né? Mas, se você não tiver conhecimento do câncer, você vai falar assim: “É um momento e eu vou passar e...” Certo? Agora, se você sabe todas as etapas, que você tem que passar por todas aquelas etapas, tem que viver todas aquelas etapas, é, você fala assim: “Nossa, eu já sei qual vai ser o próximo passo...” Então, isso, e quem falou foi minha mãe, estava com câncer e faleceu...

Gilberto – Tem médico que não conta para o paciente o que ele vai ter que passar. O que ele

acha é que é melhor assim, né?

Marisa – Pois é, ele não fala.

Gilberto – Se eu não sei disso, eu não vou sofrer por antecipação. Ela vai sofrer de qualquer jeito...

Marisa – Por outro lado... Por outro lado, você, às vezes, conhecendo, você consegue driblar. E daí, aí que está o segredo, para o ser humano, você não sabe para quem você pode falar e para quem você não pode falar. Está certo? Você não sabe. Porque, para mim, de repente, eu posso agir de uma forma, você pode agir de outra. Pula da ponte, né? O outro vou fala assim: “Não. Eu vou tentar trabalhar esse [conhecimento] para eu reverter essa história.” E consegue. Quantas e quantas pessoas a gente sabe que consegue. Então, você não sabe, porque o ser humano é uma caixinha de surpresa. Então, nós temos que trabalhar com a possibilidade sempre da coisa melhor.

Gilberto – Alguém falou...

Marisa - Eu vou fazer porque eu estou nela. Ela tentou as seis meninas, super dez. Consegui as seis meninas, batalhou pelas seis meninas. Está lá pretendendo sempre o melhor. O que iria acontecer, se diminuísse de quatro? Vai ter que trabalhar com a frustração de duas e trazer elas de volta para o grupo.

Daniela – Vale lembrar que a Fundação é uma instituição pública, que ela tem, inclusive, que incentivar, e tem várias coisas aí que...

Gilberto – Então, alguém aí falou que a Fundação até comprou um produto e não leu o manual de instruções. (risos e vários comentários ao mesmo tempo) Mas, isso porque essa instituição, ela é, acho que assim, ela trabalha com questões, ela defende a igualdade de oportunidades, ela defende que as pessoas, todo mundo tenha acesso não só a alguns bens, né, a pessoa ter direito à qualidade de vida, trabalha com várias coisas, né? E a gente vive num país da exclusão social, né? A gente trabalha com um público, né, que, de repente, você vê essas pessoas tendo voz, né, criticando. Para muitas pessoas, não vão ser interessante isso, né? E a gente trabalha com... A gente vive numa região conservadora, que é bastante, do ponto de vista, conservador, classe média e tal. Acho que a educomunicação, ela vai muito contra as idéias de um grupo que é o grupo do poder. Então, se a gente começar, continuar fazendo educomunicação, a gente vai bater de frente...

Vanessa – Então, mas aí, é isso que eu estava falando aquela hora. Vocês já pensaram na possibilidade... de vários...

Gilberto - Então, quando você fala que é impossível a educomunicação de verdade na Fundação. (risos) Realmente, acho que isso não é verdade, né?

Maria Rita – Depende do educador. O educador tem que ter muita visão. Porque o que... A gente fica tudo [turbinado], entusiasmado, vai e fala com as crianças, vai acontecer! Aí, de repente, é o corte; de repente, é a quantidade limitada...

Vanessa – É a pergunta deles: “Por que a gente não pode também?”

Maria Rita – Aí, eles esquecem que você tem superiores, né, e tem que responder: “Nossa, mas a senhora não disse que a gente iria?” Sim, só que cortaram... Eles não entendem.

Marisa – É.

Maria Rita - Eles não entendem.

Marisa – Mas, isso não acontece só com vocês.

Maria Rita - Então, assim, é dose. Mas [eles cobram da gente.]

Marisa - E acontece. Isso também acontece. Acontece também com a Margarida, acontece com o presidente, que eles passam: “Ah, vai ser possível isso, isso, isso.” Chega até lá nos adolescentes. Depois, isso é cortado para eles, e eles vêm...

Maria Rita – Pensando também, é, essa questão da flexibilidade, né? [Se você precisar, não pode abrir uma exceção?] Você lembra, Marisa? Entendeu, né? Mas, algumas vezes eu tentei trabalhar isso, você vai esbarrar em questões aí fora. Chega o momento que não vai... E é verdade. E, às vezes, a gente faz com que... (falas sobrepostas)

Marisa - Gente, mas aí... Mas aí é que está...

Maria Rita - É muito difícil lidar com essa situação. Porque eu falo: “Mas, espera aí, por que não pode? Qual é o problema?” Entendeu?

Marisa – Ah, mas é justamente isso aí.

Maria Rita - As crianças não estão indo lá para... Sabe? Não vai contar. Está faltando o quê? É por causa da comida? É por causa da cadeira? É por causa do quê? Entendeu? Eles vão estar fazendo algo em prol da instituição mesmo. Então, por que não é possi... Então, nesse processo...

(falas sobrepostas)

[Daniela] - Então, até que ponto também?

Maria Rita – Vai, não vai, vai, não vai?

Marisa - No evento...

Maria Rita - É um esforço muito grande para você ficar correndo atrás dos detalhes.

Marisa - No evento da semana passada, dos profissionais, lá na... no Encontro dos Professores, que, a princípio, nós pedimos vagas para todos; pedimos cinquenta vagas. Cortaram as cinquenta vagas. Primeiro, que era um evento externo, que nós estaríamos entrando, né? Isso nós pedimos achando que não iríamos ter mesmo. Mas, nós já pedimos. Aí, não tinha cinquenta. Falaram assim: “Olha, então, vocês vão ter essas três vagas, mas vocês têm que pagar.” Que nós pagamos. É... E não foi nem a Fundação que pagou para a gente; nós que pagamos. Aí, o que nós falamos: Vamos tentar colocar os profissionais fazendo a cobertura e... e... é, junto com os adolescen... Ou melhor, vamos colocar os adolescentes

fazendo cobertura.

Gilberto – Essa obsessão também, é /

Marisa – Espera um pouquinho. Mas a idéia seria, não só a cobertura...

Daniela – Mas é importante!

Marisa – A idéia é fazer com que eles participem, tá. Eles escutem. Porque quando eles estão lá fazendo a cobertura, bem ou mal, eles estão escutando alguém falar. Aquele pouquinho...

Maria Rita – Eles sabem que têm professores que trabalham com eles e que estão sentados lá.

Marisa - Isso. Aquele pouquinho que ele está ali escutando falar de uma situação que já estudou, já estudou, já estudou, ou real, ou fictícia, sei lá o que, aquilo entra também, né? Então, é a educação informal, é a aprendizagem informal, que nunca tem. Quando nós pedimos os adolescentes, eles ficaram super empolgados. Nós falamos assim: “Eles não são nossos. Eles são...” Ou melhor, “Eles não são da Fundação, eles são nossos, de vocês e nossos.” Só que para os adolescentes ir, nós precisamos do profissional ir também. Foi daí que nós conseguimos encaixar alguns. Só que, vocês lembram da primeira lista, tinha bastante; depois, foi cortando. Por quê? “Por vai ter muita gente externa. Vai ter mui...” Então, mas...

Maria Rita – Sobrou um monte de cadeiras vazias, lá.

Marisa – É... E dependendo da cadeira, né...

Vanessa – Mas, Marisa, você concorda comigo, que foi uma coisa antecipada. Foi uma coisa organizada.

Marisa – Teve falha, mas foi.

Vanessa – Então, aí que eu fico pensando que é a diferença. Você entendeu? Dessa coisa ser organizada. Porque, por exemplo, nesse último evento que eu [participei, tipo assim,] no Educom, na última hora, não tem cabo, não vai dar para filmar. Paciência.

Daniela – Mas, eu ninguém fiquei sabendo que haveria cobertura desse [selo].

Vanessa – Então, são essas coisas que eu estou te falando da instituição.

Daniela – Nem sabia que vocês foram.

Vanessa - Essa coisa de, por exemplo, avisar na sexta, vai ser na terça. Você entendeu? Aí, não tem ninguém para levar a gente, quando a gente precisa; depois, não tem quem assine o material...

Marisa – Talvez...

Vanessa – Tivesse a liberdade, nesse momento, de dizer não iria acontecer.

Marisa – Então, o que eu acho que nós estamos começando e, talvez, vá demorar um

pouquinho, é, aqui, como é o Centro, ele vai todo o equipamento e...

Vanessa – Então...

Marisa - ...Provavelmente, todo o equipamento necessário para fazer todas as coberturas. Talvez, não dê para fazer, se tiver três, quatro eventos no mesmo dia, não dê para fazer a cobertura de todos. Daí, vai ter um material aqui, filmadora, o cabo, a fita, tal, tal, tá, um *kit*, um *kit* para filmagem, *kit* para gravação. Que nem, quando a gente vai solicitar gravador, na minha cabeça, quando você solicita gravador, vem fita junto, né, certo? Não, mas não vem. Manda o gravador, mas não dá a fita.

Maria Rita – Pilha...

Gilberto - Será, Marisa, que não está precisando...

Marisa - Então, é o quê? Precisa ter esse [?].

Gilberto – Não estamos precisando pisar no freio, um pouco?

Vanessa – Só que é organização, né?

Gilberto – A gente está se envolvendo com várias coisas aí. O arquivo, por exemplo, há quanto tempo a gente não cuida disso, né?

Adriana - Na nossa última oficina, não tinha o material todo. A gente teve que desmontar [...].

(vários participantes falam ao mesmo tempo)

Gilberto – Mas, não tinha sido feita uma divisão de tarefas, de quem iria trazer o arquivo do quê? Porque a gente vai somando, somando, somando coisas e não vai sistematizando isso aí. Então...

Marisa – Então, o que...

Gilberto – O que a gente vai se envolvendo com mais e mais eventos, que, olha, a gente tem refletido muito pouco. Calhou, assim, do Joari estar fazendo esse trabalho com a gente e estar possibilitando a gente refletir um pouco, porque, senão, a gente não estaria refletindo nada, né? Então, eu acho que a gente precisava pisar no freio.

Daniela – É assim, ontem, né, na minha unidade, a gestora queria mandar [três] adolescentes: “Não, porque vai, porque vai, porque vai!” Eu falei: Não, não é assim. Espera, calma! “Não, mas vai! Por que não?” Começou a me questionar, a me por na parede, eu falei: Espera! Aí, lembra, que eu liguei para você [Marisa]?

Marisa – Ham...

Daniela – Questionei, né? Vocês vão estar conversando e explicando a situação. Olha, foi isso daqui para entender, porque parece que é má vontade minha, mas não é. Depende de lanche, depende da burocracia. Sabe, tinha que ter programado. Porque todos os lanches estão programados, na quantidade xis. De repente, chega, sabe... Então, assim, as pessoas, hoje, que

nem, o evento do [selo], tenho certeza que isso aí foi uma ordem de cima para baixo. Vai ter que ter cobertura, o Educom que vai e não quero saber. Cumpra-se. Tem que ter. Tenho certeza que foi assim. Não foi uma programação que ligou para o responsável do Educom, perguntou qual unidade que poderia estar chamando, que tem uma estrutura, vamos vamos assim, tal, tal. Aí, essa pessoa ia correr atrás. Lógico, pode ser a unidade de Campo. Mas, a unidade de Campo, o que está faltando, o que está precisando? Eu preciso providenciar o quê? Aí, ia ter essa dinâmica, entendeu? Então, hoje, está assim, porque não tem uma referência. Precisou do Educom, corre, cada um corre para quem estiver mais perto. Quer dizer, na minha unidade, a gestora correu para quem? Para mim, porque eu que sou do Educom

(várias falas simultâneas)

Vanessa - Gente, me preocupa...

Daniela - [Porque sou eu que levo a culpa. Eu quero saber. Sou eu mesma.]

Marisa - Daqui a pouco a gente vai precisar de um gestor para o Educom Porque, daí, esse gestor...

Daniela – Na oficina que a gente deu aquele dia, foi assim, ligou aqui e falou: “Estou mandando quinze adolescentes.” Não quis saber se podia, se tinha estrutura. “Eu estou mandando.” Gente, não é assim. Quem que é a pessoa responsável? Que é? Não, espera aí. Você não pode mandar quinze. Tem que ter programação, tem inscrição, né? Mas, não foi trabalhado isso. O que aconteceu? Mandou os quinze.

Adriana – Nem tinha material...

Daniela - Sem ter estrutura. Ligou meio dia, dali, uma hora, os adolescentes estavam aqui. E se não tivesse material? Que não teve o suficiente...

Adriana – Teve que juntar...

Maria Rita – Cancelou a nossa e veio todo mundo /

(participantes comentam simultaneamente como foi essa oficina)

Daniela – E aí? Quer dizer, então, é, está uma, está desestruturado sim. O que está acontecendo? Está mais tipos de comentários, que eu já escutei. Ah, eu já escutei tanta coisa lá fora que me deixou extremamente chateada. Por quê? Porque nós estamos fazendo parte disso. É o nosso trabalho e a gente está se queimando.

? - É...

Daniela - Por quê? Por falta de estrutura. O nosso trabalho é muito legal, só que não está aparecendo. Está aparecendo lá fora de uma outra forma. Então, também isso é um ponto que a gente também tem que pensar, no Educom dentro da Fundação. Se a gente quer ter a credibilidade, a gente está passando credibilidade? Não tem como...

Maria Rita – Será que a gente não erra também, né, dando sempre um jeitinho? (vários participantes falam ao mesmo tempo) A gente... A gente... “Ah, tem que mandar você?”

(continuam as falas simultâneas) Acontece, entendeu. Alguém paga o preço por isso, né, o famoso jeitinho brasileiro. De última hora dá mesmo. Vai, né?

Marisa – Mas, entra naquilo que eu estou falando. Que eu falei que a gente acaba fazendo as coisas para não frustrar, né? (vários participantes falam ao mesmo tempo) Não frustrar o adolescente e não nos frustrar. E, daí, o que é que acontece? Dá nisso, porque a gente vai aumentando, vai aumentando, vai aumentando, chega uma hora que a gente não dá conta. (vários participantes falam ao mesmo tempo)

Daniela – É, não dá conta.

Maria Rita – Essa quantidade de problemas, de situações que vai acontecendo, você até prevê que vai acontecer aquilo, como no nosso Simpósio. Gente, a gente que trabalha com computador sabe como que é...

Marisa – Que dá problema.

Maria Rita - Então, você já sabe o modelo, você já sabe o sistema, a entrada do cabo, o escâner que funciona com esse, com aquele. Então, você já sabe por causa que você vai lidar com isso. A gente sentou, falou: “Olha, precisa chegar o equipamento mais cedo.”, “Ah, não, vai dar certo.” Batata, tudo o que a gente falou, não foi o que...

[Daniela] – Aconteceu...

Maria Rita - Aconteceu.

[Daniela] - O computador não funcionou. Não estava configurado corretamente. Tudo que você podia imaginar...

Maria Rita - Lá, né, a gente tinha um grupo para receber. O que a gente teve que fazer?

[Daniela] - Dar um jeitinho...

Maria Rita - Ir lá organizar a sala, arrastar a mesa para lá, põe computador aqui, liga ali, traz tal...

Daniela – Pede desculpa para os participantes.

Maria Rita – Cadê os disquetes?

Maria Rita – Nossa, é muito desgastante! Porque alguém sempre dá um jeitinho, sabe. Alguém vai dar um jeitinho nisso...

Adriana – Mas, daí, é você não está cumprindo a sua parte. (vários participantes falam ao mesmo tempo) Mas daí é aquele negócio, gente. Igual na oficina, gente.

Vanessa - Alguém já pensou onde vai centralizar todos os equipamentos dessa TV Fundação? (silêncio por alguns instantes e, em seguida, vários participantes falam ao mesmo tempo) Porque, se continuar dessa mesma forma, como que a gente vai fazer, gente?

[Daniela] - Discutido foi. Agora...

Vanessa – Essa coisa, acho que a gente tem de brigar pelos equipamentos, ter tudo no Centro de Referência. Seja aonde for que...

Daniela - Não. Ela já falou que não, que não pode, que tem que ser na Sede. Porque lá em cima já falou que é melhor lá. / (vários participantes falam ao mesmo tempo)

Marisa – Foi por questão de segurança.

[Daniela] – Seguran...

Marisa – Foi por questão de segurança...

Vanessa – Então, mas você concorda que segurança a gente cria? /

? - Mas, no Centro Tecnológico, por exemplo, se o responsável não estiver lá, não sai de lá.

Daniela – Aqui é o Centro de Referência ou não? Aqui é só para ter bicho empalhado...

(risos)

[Maria Rita] – É mais difícil lá. /

(várias pessoas comentam o assunto ao mesmo tempo e constrangidos)

Vanessa – Não saí de lá, tipo assim, cinco horas da tarde, por exemplo. Gente, a filmadora, por exemplo, ninguém, aí, vamos dizer, como não tem um coordenador, ninguém estava preparado para mandar. E aí, por exemplo, se a Arlete não está lá, não sai. Então, primeira coisa, a filmadora não foi. Aí, liga, pede, pelo amor de deus, alguém assinar para poder... E a gente sabe que essa burocracia é necessária, mas, por isso que essa descentralização é necessária.

Maria Rita – É grande demais para tentar conciliar tudo isso do Centro de Referência com o Centro de... o Centro Tecnológico, sabe. [Tem que ser uma coisa só.]

Daniela – Vocês já escutaram que se eles perderem algum equipamento é responsabilidade nossa? (alguns participantes confirmam) E tem que sair do nosso bolso pagar? Eu já escutei isso. Eu questionei meu gestor e falei. Falei: “Não! Como que eu vou pagar, se eu... Na minha sala, não é só eu que tenho a chave da minha sala. Eles também têm a chave da minha sala.” (vários participantes falam ao mesmo tempo) Não é responsabilidade cem por cento minha, mas, passaram que sim. / respondendo processo porque sumiu o rádio da sala dele porque a janela estava aberta.

(vários participantes falam ao mesmo tempo)

[Adriana] – Se você tem um computador...

Maria Rita – Você não traz mais? (vários participantes falam ao mesmo tempo) Você traz o seu particular?

Daniela – E vai / trabalhar assim. (vários participantes falam ao mesmo tempo) Está na sua mão, o problema é seu. E o instrutor de comunicação que se dane. Então, tem muita coisa aí que, se a gente quer também que tenha credibilidade o Educom, tem que ser melhorado.

Gilberto – Porque a gente acaba se desgastando em coisas que não deveria ser assim. Você não deveria estar se desgastando. Você não deveria estar correndo atrás de vale-transporte, de... Não deveria ter que ficar insistindo para gestor fornecer os passes, sendo que já tem uma cota que é para o Educom, só que, às vezes, tem que ficar insistindo.

Marisa – Aí é que está. Eles já sabem que tem uma cota para os meninos que tem da unidade.

Gilberto – Então, mas a gente fala com a pessoa, não adianta nada...

[Daniela] – Toda vez é a mesma história.

Gilberto – Porque você quer que as coisas aconteçam [...]

(vários participantes falam ao mesmo tempo)

Vanessa – Porque fica pensando, olhe.

Gilberto – E daí, assim...

Vanessa - A gente tem que estimular o adolescente que muitas vezes não, não... tem dificuldade de escrever, leitura, interpretar, tem dificuldade de relacionamento, que a gente também tem, né?

Gilberto – Ham, ham...

Vanessa – E aí, você tem de sentar esse povo e começar a desenvolver o trabalho com eles. Não desmerecendo o trabalho de ninguém, até dos gestores e tudo mais, mas, aí, a partir disso, além de tudo isso, a gente tem de se preocupar com toda a parte administrativa e o equipamento. Daí, é isso que eu fico pensando, às vezes, uma coisa prazerosa, que seria essa questão da mediação, você fica...

Marisa – Desgastada por tudo que tem de fazer.

Vanessa – É.

Maria Rita - Mas, você não pode reclamar, porque você já fica o dia todo no Parque da Cidade.

(risos)

Daniela – Você vem aqui fazer pique-nique, bem.

Maria Rita - Você tem que pensar, Vanessa, que você já está o dia todo; ou seja, você já tem esse tempo para cuidar disso. Só que, quando a gente está aqui, tem uma agenda, tem um cronograma, né? Então é um processo aí...

Marisa – Eu acho que, assim, a terapia em grupo é ótima. (risos e comentários ao mesmo tempo de vários participantes, com uma referência sarcástica não compreendida ao Coordenador) Faz a gente entender um monte de coisas e que, infelizmente, às vezes... Eu sei disso porque eu vou fazer supervisão e, às vezes, eles olham para mim e falam assim: “Eu preciso falar isso para você. Por que eu tenho que falar com... pá, pá, pá.” Mas, não depende de mim. Se fosse coisa que eu pudesse resolver, ótimo, eu vou lá e resolvo. Tem coisa que não depende de mim, então, eu só posso comunicar. Então, vai e comunica. Então, eu acho assim que, é... Você desculpa a brincadeira da terapia, tá, porque assim... Acho que é uma forma da gente ver que, para ser implantado qualquer coisa, demora. Demora. É como... Eu posso fazer essa... esse paralelo porque eu vivenciei. Na escola do estado, é, e quem vivenciou sabe muito bem disso, teve assim, em oitenta e um, teve implantação do Ciclo Básico, que nada mais é do que... (alguns participantes ficam em dúvida com a data) Oitenta e um, mais ou menos. É... “lei de tilt”, várias trapalhada. (risos) É, teve implantação do, mais ou menos em oitenta, e um teve a implantação do Ciclo Básico, que nada mais é do que o construtivismo que surgiu depois, tá. E assim, põe! Aí, puseram todos os professores da rede, uma semana estudando, até que eram aqueles jornais antigos, assim, grandões. E vai, estuda, estuda, estuda e implanta! Ninguém sabia nada... Vai! Aí, começou: “Não, nós vamos estar recebendo, é, crianças com necessidades especiais.” Não tem banheiro adaptado, não tem rampa, não tem não sei o que, não tem não sei o que... Vai! Depois que a criança está lá, que você tem que descer da escada com a criança, com cadeira de roda, tem que dar um jeito no banheiro, não sei o que, não sei o que, aí que implanta. Então, essas coisas demoram um tempo. Não estou falando que a gente tem que ser igual não, né? Mas, demora um tempo até se adequar. A coisa surge, funciona. Aí que você... Então, eu acho assim, o Educom veio. Nós estávamos preparados para isso? Chegou, vamos fazer curso; vai fazer curso, não é? Foi há dois anos atrás. Eu acho que você começou.

[Daniela] - Não. No comecinho não. Foi em [agosto] que eu comecei.

Marisa - Está... E quem que começou no comecinho? (vários participantes comentam que ninguém deles tinha participado do começo) Daqui ninguém? (comentam que sim o Gilberto) O Gilberto? Está.

? – Fred...

? - Guilherme.

Marisa – Então, você começou com a primeira turma. Então, o que acontece? Não estava preparado também. Aí, a gente vai pegando, vai conhecendo, vai se adaptando, se adequando, modifica aqui, modifica ali. E, hoje, nós estamos com um monte de problemas, mas eu acho que está mais fácil de ser resolvido, apesar das angústias et cetera e tal. Não sei se é mais fácil ou mais difícil, porque nós estamos abraçando só as coisas, né? Como você diz: “Cadê o arquivo? Cadê o material? Cadê um responsável para de sexta-feira à noite, decidir para terça-feira todo esse equipamento e que você acaba esquecendo?”

? - Isso é logística...

Marisa - Então, é, tudo isso é complicado.

Vanessa – Então, mas tratando de consciência, é isso que eu estava pensando. Se, vamos dizer que tenha, quantas unidades que têm Educom, hoje, gente?

Marisa - Umas quinze, não é?

Vanessa – Imagina se as quinze unidades começarem a, as pessoas que participam, se dez comessem a tem essa consciência crítica que é tão falado e eles que comessem, é... é... vamos dizer assim, a questionar isso que está acontecendo, equipamento... E vai chegar uma hora que a gente não vai dar conta. Daí, eu fico pensando, essa coisa de melhorar ou não, de que aí sim pode ser que a instituição comece a perceber o problema que ela está comprou.

Marisa – Mas, aí, é o que ela falou. Ela falou assim, é: “A gente sempre dá um jeitinho.” A gente sempre dá um jeitinho, né? Né, e a gente sempre dá um jeitinho porque a gente não quer mesmo que o negócio dê errado. Porque depois vão falar assim: “Vocês não trabalham?”

(vários participantes falam ao mesmo tempo)

Maria Rita – Porque a gente pára isso para eles: “Não, gente, vamos fazer, né?”

Marisa – Por causa deles e, eu acho, por causa nossa também, né? Porque, depois, vão falar da gente também.

Maria Rita – Mas quando é com você, você arca, né: “Ah, não deu certo...”

Marisa – Sim.

Maria Rita – Ninguém vai perguntar para você.

Marisa - Mas, aí, é, só vai sentir a necessidade quando... A gente só sente a falta da luz quando? Quando está de noite, a gente não tem, não é? (alguns participantes concordam) A gente só vai sentir a necessidade de alguma coisa para a gente, quando a gente não tem. Porque, enquanto a gente vai dando um jeitinho de alguém ir conseguir para a gente, a gente vai conciliando, vai fazendo. Certo? Então, é assim, a sua colocação, é surpreendente mesmo, é frustrante, é triste, mas a gente não pode, é, desanimar.

Daniela – Mas também não pode deixar que o Educom vire, que nem foi comentado, é...

Marisa - Pique-nique.

(risos)

Vanessa – Não, não é nem pique-nique. Que nem você falou de tirar foto, aí você falou outra coisa.

Marisa - Repórter-mirim.

Vanessa – É. Isso a gente tem que deixar bem claro para a instituição. Porque a instituição, ela está começando a entrar numas disso.

Marisa - Mas daí, acho que cabe a fala dela. Cabe a fala dela: “Olha, gente, vamos parar e vamos ver. Não dá para fazer.” Sabe?

Gilberto – Eu acho que a instituição está muito mais para mídia-educação, como falou a

Bethânia, do que para educomunicação.

Marisa - Como o quê?

Gilberto – Mídia-educação. Você se adaptar... É... Você se adaptar à realidade. Você não vai modificar a estrutura. Você vai se adaptar à estrutura. É importante, hoje, que o jovem tenha domínio das tecnologias, então, vamos trabalhar com isso. Mas, não vamos mexer em nada muito espinhoso. (vários participantes confirmam) Já a educomunicação é muito mais polêmica. É você mexer, é você questionar a hierarquia, a sociedade como ela é, né? Uma coisa muito mais complexa, que a Fundação lá, que o pessoal lá de cima não quer.

Vanessa – Isso mexeu tanto com a cabeça deles, um evento como esse, eles estavam quase se negando a ir. Uma hora, aí, você fica naquela saia justa falando assim: “Gente, vocês têm coragem de fazer isso com a instrutora?”, “Tenho. Tenho coragem de fazer.” E, aí, olha, depois eu até fiquei me culpando, assim. Porque, por exemplo, eles fizeram um tipo de pergunta para cada tipo de pessoas que eles poderiam encontrar, né? Aí, vamos dizer, por exemplo, eles fizeram uma pergunta para o prefeito. Chegar perto do prefeito já não é uma coisa fácil até para a gente, por exemplo. Tem gente que tem mais facilidade, tem gente que não. Aí, na hora que vai falar com o prefeito, por exemplo, ele está ocupado. Aí, estava a primeira-dama. Aí, a Rosa: “Entrevista a primeira-dama.” Foram e gastaram a pergunta e iriam fazer para o prefeito, com a primeira-dama. E aí, nisso... Aí, elas ficavam atrás de outras perguntas, porque nenhum deles conseguiam nem mais pensar em outras perguntas, porque eles estavam tão assim, com gente diferente deles, comida diferente, decoração, então tem todo... Porque, pela classe que a gente trabalha, tudo ali é muito novo.

Daniela – Para eles é muito.

(vários confirmar também)

Vanessa – É muito, gente. A gente, acho que já, mas eles...

Daniela – O dia que nós fomos nessa coisa aí do...

Marisa – Mas, mesmo para a gente. Se você pensar, quando que você, normalmente, vai ficar do lado do prefeito?

Daniela – Normalmente não.

Marisa – Não é?

Daniela – Só nós eventos. Mesmo assim, para a gente, ainda é mais normal.

Vanessa – Mas, aí, pensando uma coisa simples. No dia desse encontro de educadores, a gente estava até no carro, estava todo mundo da chefia lá. Aí, a adolescente pergunta assim, viu aquele monte de carro: “Professora...”, mas assim, você fica até encantada com a ingenuidade, né: “Eles são ricos!” Eu falei: “Não, eles só têm carro.” Mas é uma coisa assim tão...

Marisa – Mas é...

Vanessa – A gente parece que não, né? Eles são ricos, só de imaginar que eles têm carros.

Ainda brinquei depois, falando no ouvido dela: “Muitos não são nem pagos.” (risos) Entendeu, então. Aí, você fica assim, é... Eu tomava o cuidado para não entrar também nessa onda de nervosismo, no sentido: “Entrevista aquele! Faz aquilo e faz aquilo!” Porque, daqui a pouco, eu ia passar isso para elas e não é isso que a gente quer. A gente quer que elas sintam bem, sintam prazer de estar fazendo isso, e não uma coisa: “Se você não entrevistar o prefeito, nunca mais.”

[Maria Rita ou Adriana] - Vira um fardo, né, para a criança.

Vanessa – Entendeu, né? Então, é só isso que eu fico pensando, assim, do cuidado que a gente tem que quer para não passar essas frustrações de funcionário para eles. Mas, às vezes, é difícil, né?

[Adriana] – É lógico, né?

Maria Rita – É um mundo bem distante do deles. Tem dia que você, às vezes, põe uma roupa mais assim, que você sai mais de fim-de-semana, e vai: “Nossa professora, você está chique. Você é rica.” (vários participantes comentam e riem) E quando eles estão num ambiente assim...

Vanessa – E a escova que eu fiz no cabelo que eu estou conservando até hoje? (ela tira a boina e mostra para o grupo e vários participantes riem) Eu não quero tirar...

Marisa – Não, mas é engraçado, porque você vê, até quando vocês levam um grupo, né? Um grupo levou os meninos para o cinema. E, no cinema, muitos já haviam ido. Mas, muitos eram a primeira vez que estavam entrando num shopping, a primeira vez que estavam indo ao cinema, a primeira vez que estavam comendo coisas do McDonald's. Ou não era? Não, não... Foi o *kit* do McDonald's. Primeiras vez e eles estavam com quinze. Quinze anos, primeira vez que eles estavam fazendo isso. Então, eles, assim, disse que quando eles estavam o lanche, é, foi assim algo de não querer que acabasse, entendeu? De pedacinho em pedacinho. Quando estava assistindo o filme, eles falam assim: “Mas que tela! De onde vem isso?” Aí, eles começaram a procurar de onde estava saindo aquilo lá, que não estava aparecendo. Aí, eles começaram a ver a luzinha, lá em cima, de vez de olhar o filme, ficaram olhando a luzinha lá em cima. Então, tudo isso é novidade.

Maria Rita – No dia em que nós fomos na Vangarda, gente, as crianças: “Mas é assim? É aqui?”

(participantes falam ao mesmo tempo)

Marisa – “É assim que grava? Como é que faz?”

Maria Rita - Porque eles entraram no estúdio.

[Vanessa] - “Isso é meu sonho!”

Maria Rita - “Eu assisto na minha casa e não conheço.” O dia em que eles foram na / Então, você começa a ver que eles têm essa oportunidade de entrar em ambientes que eles nunca pensaram em por os pés, né?

(54:04) Gilberto – Então, mas uma coisa que eu queria colocar, que eu comentei com a Bethânia. A gente trabalha com crianças que têm, assim... a criança de rua, que tem uma coisa muito forte, né? Que tem uma inteligência prática muito grande, até por questão dessa vivência, né? Eles têm que se virar e...

Marisa – Para estar vivo até agora /

Gilberto – Eles têm que resolver as coisas muito rapidamente, né? Quer dizer, essa autonomia, de repente, eles até têm em determinadas situações, né? Agora, imagina juntar isso com conhecimento teórico, com a capacidade de reflexão e de crítica, né? Imagina, né, assim, nós vamos estar formando pessoas excepcionais, né? É, acho assim, vai chegar uma hora que isso vai incomodar, né, se...

Marisa – É o que ela falou...

Gilberto – É isso que eu queria dizer, né? Então, a gente fica imaginando se realmente a educomunicação; quer dizer, acho que ela está, está acontecendo, não é o ideal, mas está acontecendo na Fundação. Mas, se ela continuar se desenvolvendo, vai chegar uma hora que vai incomodar, e vai incomodar muito, né?

Marisa – Vai!

Gilberto – E aí?

Marisa - O, Gilberto, o que vai acontecer é nós não vamos estar aqui para ver.

Gilberto – Não sei. Eu não sei. Eu acho que...

Marisa – Mas, eu acho que é o fruto, eu acho que é por aí mesmo.

Gilberto – Eu acho que hoje em dia as coisas vêm acontecendo muito mais rápido, né?

Marisa – Não, acontece. Mas, se você for pensar, até, é, contagiar todos os profissionais e até pegar todos os adolescentes, tá, demora um pouco.

Gilberto – Pode, de repente, em determinado momento, alguém simplesmente cortar, porque aquilo está incomodando. Essa é uma possibilidade também, não é?

Vanessa – Com certeza.

Marisa – Eu acho que é meio difícil.

Vanessa – Eu acho que tem um meio termo, gente.

Marisa – Sabe, eu acho que é meio difícil.

Gilberto – É, depende dos fatores aí. Eu não sei.

Daniela – Eu acho que, se a gente continuar nesse pique que a gente está, a gente não sentar, que nem você falou, parar...

Marisa - Talvez, a gente mesmo se queime, né?

Daniela - A gente já está, de uma certa forma. Os comentários estão aí, gente. Por quê? Porque a gente está sendo incompetente? Não. Porque estão acontecendo coisas que a gente está sempre querendo apagar fogo, apagar incêndio, apagar incêndio. E aí? Chega uma hora que vai explodir. É o que Van (Vanessa) falou.

Marisa – Talvez, eu...

Daniela – É o que aconteceu nesse evento aí.

Marisa – Eu acho que, assim, nós já estamos no final do semestre. Nós vamos ter, acho que, o último encontro é no dia vinte e nove, né? Eu acho que é isso, né, o encontro. Acho que é dia vinte e nove.

Daniela – De novembro, né?

Marisa – Nosso. Eu acho que a gente até poderia programar um último encontro de todos, o dia inteiro, numa quinta-feira, com a Elisabete, a equipe responsável, para a gente estar fazendo isso aqui, né? Colocando as dificuldades, colocando a nossa preocupação, colocando todas as nossas ang...

Teresa – Acho que até antes.

Marisa – Oi?

Teresa – Acho que até antes que o ano termina.

Maria Rita – Acho que até antes, sabe, [Marisa], para dar encaminhamentos das coisas...

Marisa – É, mas não tem como conversar.

Maria Rita - Até para a gente começar, sabe, um novo ano.

Marisa – É. Então, mas seria bom mesmo. Seria esse ano. Mas, se você for pensar, olha aqui, semana que vem é treinamento dos meninos; no outro, é encontro dos ed... dos jovens educadores; depois, é feriado; aí, tem mais um encontro e acabou. Certo? Então, aqui, acho difícil conseguir alguma coisa, ainda mais com o monte de atividades que nós temos até o final, né? Mas, eu acho que é importante a gente pegar e tentar fazer isso. Como que nós vamos fazer? Nós vamos falar não para alguns eventos que chegam de última hora?

Daniela – Tem que falar...

Marisa – Eu acho que é importante. Se não der para fazer, não vai fazer. É como eu vejo os meninos da padaria. Os meninos da padaria, e coisa, e coisa, e coisa, e evento, evento, evento...

Daniela - É...

Vanessa – A gente vai ficar igualzinho!

Marisa – Não. Eles chegaram e falaram assim: “Não. Nós não estamos dando mais conta.” Então, o menino chegou e falou: “Não. Nós não estamos dando mais conta.” Então, começou: “Não. Esse evento não dá. Não. Esse aqui não dá.” Tanto é, que agora, em algumas coisas, nós vamos ter café e bolacha. Por quê? Porque eles estavam com evento, isso, isso, isso, e agora, daqui a pouco, começa panetone, que não sei pelas quanta. Não é? Eles não dão conta. Então, vai ter que ser cortado. Eu acho que, seria, está bom, nós estamos no final do ano, nós vamos deixar, mas vamos fazer esse ano ainda um encontro. Vamos sugerir, né? Quem tiver aqui, à tarde, com a Elisabete, eu não vou estar, mas quem estiver aqui, à tarde, de repente: “Bete, vamos montar um encontro só nosso, numa última quinta-feira, para a gente estar fazendo isso? Porque nós estamos precisando.” Eu acho que é interessante marcar, até para você, de repente, com o seu grupo, uma hora, chegar e falar assim: “Eu não vou fazer.”

Vanessa – Então...

Marisa – E não se sentir culpada por isso, né?

Vanessa – Então, até para... Só para fechar essa coisa do evento. Mas teve uma coisa até muito legal, que até uma adolescente até chorou, né? Não me lembro agora, se foi o representante do comércio, da [ACE], que elogiou, né, a Fundação, na verdade; mas, elogiou justamente o pessoal da educomunicação. Isso que foi bacana, na hora que foi falado: “Que agora eu estou vendo o que esses meninos fazem.” E, aí, uma das meninas que estava filmando lá, chorou. Porque, tipo assim, depois de tudo que fez para conseguir ir...

Marisa – Ham, ham...

Vanessa - E a pessoa fez esse reconhecimento. Então, isso que eu estava... O mesmo lado que é muito importante, como a gente fa... fazer para poder estar essa questão do equipamento, para você, na última hora, poder estar lá para fazer tudo, né? É isso.

(alguém faz um comentário em voz baixa e que provoca risos de alguns participantes)

? - É porque é só por hoje...

(risos)

[Vanessa] – Ah, gente... Gente, gente... Acho que a [loira] cansou de falar.

(risos)

Gilberto – Eu iria falar uma coisa. Acho que agora não vou mais. (os participantes riem e pedem para ele falar) Então eu falo. Não, eu lembrei de um desenho animado. Não sei se alguém aqui já assistiu o Rabugento? (vários confirmam) Ele tinha um chefe que, no final, o Rabugento resolvia o caso, e no final o chefe chegava para colher os louros da vitória, para levar a fama... (risos) É que agora /, eu pensei nisso.

[Daniela] - É uma imagem interessante. É por aí...

Coordenador - Eu queria aproveitar essa brecha. É... Essa necessidade ou não de as... de a organização de vocês ser definida, mais bem definida ou estar indefinida, ela está presente um pouco desde o primeiro encontro. Eu acho que hoje vocês se detiveram mais sobre ela. E isso

tem al... tem algum motivo. Talvez, parar sobre alguns momentos e falar, é, sobre essas pressões que são da instituição, são da sociedade, mas também são pressões de cada um de vocês, para estar... motivar, continuar a estar aqui, né, ou continuar para aconteça alguma coisa, um dia. É, dar-se conta disso, né, não é uma... não é tão simples, né? Requer, primeiro, acho que sair um pouco mesmo da tensão, né? Acho que, hoje, vou até... arrisco até a dizer que tanto a ansiedade, a angústia, um pouco a dúvida em relação a isso... Acho que a Vanessa trouxe isso muito bem organizado, apesar de ser uma desorganização, quer dizer, algo que desorganiza o trabalho, apesar de ser algo desorganizador, a Vanessa trouxe essa questão organizadamente. E acho que a Marisa até [colaborou] bastante esse diálogo, um pouco, com um discurso tentando da... tentando falar de uma forma organizada, valorizando muito o conhecimento, seja o conhecimento prático ou o conhecimento teórico, sobre isso para poder enfrentá-lo, seja no presente, seja com a perspectiva de que isso altere algo no contexto, né, da vivência, seja na Fundação, já, ou algo no futuro. É, e me parece que há uma situação que é meio dilemática, né? Eu acho que vocês, né, acabem, por estarem refletindo sobre isso, é que vocês estão aqui provavelmente porque gostam, né; não estão na escola, até porque na escola, talvez, fosse mais difícil, ainda um pouquinho mais difícil do que aqui para tentar avançar alguns dessas questões que vocês estão, é... Embora cheios de frustrações, ainda alguma satisfação aparece, né? No encontro passado, se falou bastante de alguns avanços que aconteceram, né, valorizando muito o grupo: “Não, foi a gente que vendeu o peixe e a gente conseguiu.”, “E não há privilégio porque também satisfaz a instituição. A gente está se formando e discutindo educação, e isso nada mais é do que o que a instituição quer, né?” E hoje vocês trouxeram o outro lado dessa ambigüidade, que é assim: “Bom, ganhar visibilidade significa também ser reconhecido.” Não necessariamente de acordo com a necessidade de cada um de vocês ou do grupo, né, uma que seja do grupo, mas pelo que as pessoas observam e reconhecem, né; às vezes, como assessoria de imprensa, como repórteres-mirins; às vezes, como referência em instituição educacional. E aí fica a ambigüidade. Será que dá para ser só um ou só outro? É uma dúvida que eu tenho. Mas, acho que se chegou hoje a esse ponto, né? É.. (o coordenador vira o lado da fita cassete no gravador) Foi uma questão que apareceu e vocês debateram bastante sobre ela. Quer dizer, essa visibilidade, ela é... ela é... ela é... atrapalha um por pouco, por um lado, mas, sem ela também, o peixe não seria vendido, me parece um pouco isso, tentando juntar um pouco as falas, né?

Marisa – Me parece...

Coordenador – Mas, assim, vocês também não querem ficar vendendo peixe. O negócio de vocês não é vender peixe, né? Vocês querem é saber como... co... assim, a cadeia produtiva do peixe, que as pessoas saibam também, os jovens, né? Acho que a fala da Vanessa é interessantíssima, né: “O problema é que eles aprenderam mesmo o que eu estou falando.”

(risos e vários participantes comentam que eles tinham aprendido mesmo)

Marisa – O problema é que se está aprendendo mesmo...

Coordenador – E aí, essa idéia de incômodo, não é causar incômodo nos outros, é que vocês já estão incomodados, porque parece que dá certo mesmo as coisas e, aí... Bom, por muito tempo fizeram acreditar que as... a educação não dá certo, no final das contas não dá certo; mas, dá certo! E aí, como é que se faz? Quer dizer, como é que se faz daí por diante? Essa parte da história pouca gente sobreviveu para contar, ou ela não está sendo contada, ou vocês que estão escrevendo, né, literalmente, né? Semana passada, no outro encontro, falou-se: “O professor Hermeto que estava falando da Fundação, as especificidades da Fundação.” É

literalmente escrevendo um texto. E a Fundação não é qualquer instituição, né, tem uma his... tem uma história sendo construída, que é uma história única e que pode servir de referência para outras e tal. Mas, essas história que está sendo construída aqui, por esse grupo, é uma história única. Juntando as histórias, né? A Marisa que já tem essa experiência, né, na área de educação, [e traz para cá.] E a Vanessa: “Pô, mas é bacana você colocar isso.”

Vanessa – Hum, hum...

Coordenador - “Porque alivia a minha própria dúvida, que causa uma baita ansiedade, se eu estou agindo no caminho certo ou não, né?” Aí, a Vanessa traz: “Estou cheia, estou com essas questões, né?” Aí, a Adriana coloca: “Bom, mas aí, a gente que vai fazer informática, mas, assim, tem o currículo. Mas, a gente, assim... Aí, fica assim, a nossa criatividade, se a gente conseguir ser criativo, né?” Então, quer dizer, essas trocas, né, me parecem que é o grupo que proporciona. Infor... Mesmo que seja informalmente, me parece que surge, acontece, nem que seja informalmente; ou seja, o colo, né, a troca, ah, conversar, “Ah, eu não estou legal...”. Não acho que seja uma questão da educomunicação como instituição, mas é... Lá eu conheço pessoas, a gente conversa, valorizo o papel da comunicação, da interação entre as pessoas e, daqui, talvez, saiam sementes, saiam, é... Desculpa. Saia a disposição até para, nas unidades, não entrar a educomunicação formal: “Vamos fazer educomunicação. Não. Aqui está o grupo de educomunicação.” Mas, essa intervenção, às vezes, pode ser silenciosa; simplesmente a atitude, talvez. Me parece que, no encontro passado se falou disso, essa atitude, que não precisa estar explícito: “Vamos dar o nome, né? [Rótulo: educomunicação.” O Caetano até falou a idéia, que tem um grupo, mas vocês trabalham separados também e, ainda assim, se sente um pouco ligado, né? É, então, eu estou fazendo essa fala meio caótica, assim, para falar, justamente mostrar um pouco essa, talvez, um pouco como é que essa... essa questão; quer dizer, dar certo não significa dar certo do jeito exatamente como se queria. E ela tem uma ambigüidade, né, ser reconhecido também é, reconhecido, significa ter novos encargos, né?

Marisa – Posso só fazer... Você falou: “Ganhar visibilidade significa ser reconhecido.” Eu acho que é bem assim, quanto maior a vitrine, maio o espaço para ser atingido, certo? Quanto maior eu tenho o espaço para estar trabalhando, maiores são as possibilidades de eu errar. E, daí, como é que eu faço para eu não errar? Ter essa vitrine imensa e como é que eu faço para não deixar ninguém jogar uma pedra na vitrine, entendeu? Que seja nesse cantinho, que seja um cabo faltando, que seja um gravador que não foi com fita. Então, eu acho que, é, nós estamos com uma vitrine muito grande porque a cidade inteira está esperando essa coisa da educomunicação, a cidade inteira está com essa expectativa de que o Educom funciona na Fundação. (uma participante comenta algo em voz muito baixa) Exatamente! Então, a nossa vitrine está muito grande, muito grande! E, talvez, é... E de uma hora para outra. Foi de repente. Se nós formos pensar, em dois anos, o negócio está imenso. E daí, como que a gente vai... é que nós vamos deixar... como é que nós vamos trabalhar? Talvez, eu acho que se a gente parar um pouquinho para refletir, acho que a angústia está aí. A vitrine está muito grande e nós estamos preocupados só em... sem querer cair uma pedrinha, porque pode acontecer, né? Eu acho que, se a gente parar, eu acho que o problema maior está aí, nós pegamos uma proporção imensa e como trabalhar com isso?

Teresa – Foi o que o Gilberto falou, né? Quer abraçar muita coisa e a entrada para as coisas de maneira superficial, né?

Marisa – É.

Teresa – É muita coisa.

Coordenador – No encontro passado, houve muita discussão sobre, algo que apareceu associado com a questão da inserção dos novos e dos mais antigos no grupo. Essa idéia da ampliação, né, e ter mais visibilidade era um pouco, talvez, algo que vocês estejam enfrentando. Quer dizer, a própria ampliação da equipe, formar novos, é, educadores e formadores, né? / Não é algo, não me apareceu algo completamente [consensuado], né, com é que se dá isso, como é que está se dando isso, né? E aí, até houve uma tentativa de explicar historicamente as diferenças de como é que isso acontece [na Fundação], uma formação de curso de extensão, [que tem a ver com] a teoria e, aí, juntou com as práticas que fazia; e aí, tem um pessoal que entrou com a prática, mas tendo a possibilidade de ir à teoria, mas aí, acho que assim, a formação não previu como é que se chegaria à teoria, então, ficou, uns foram à teoria, outros não foram; aí, os mais novos entrando direto nas ações, e aí a teoria, a reflexão, né, teórica sendo meio paralela; e aí, as... isso estaria formando discursos diferentes. E aí, alguns falavam: “Ter discursos diferentes não é ruim.” Outros falam: “Não, a gente precisaria ter um discurso mais comum.” Estou trazendo um pouco as dúvidas, né? Para variar, né? (risos) E aí, assim, né, porque essas são questões que habitam essa discussão e, daí, talvez, as questões, as dúvidas se multiplicam na hora de tentar resolvê-las, né? É, elas aparecem de várias formas, né, como se fosse uma... algo que está pressionando e, às vezes, né, a pressão escapa por um canto, por outro... E foi usado até o termo terapêutico aqui, né? (risos e a participante que falará sobre terapia de grupo pede desculpa) Não precisa pedir desculpa porque, bom, é uma idéia, né? O que é terapêutico e o que não é terapêutico? *Grosso modo*, pode se pensar, é algo que permiti... alguma sensação que permite que você continue acreditando que tem saúde suficiente para fazer, para enfrentar... quer dizer, para enfrentar os problemas, pode se dizer assim. Talvez, o fato de reconhecer que existe problema não é a solução dele. Talvez, doa muito perceber o problema e não ter como agir sobre ele. Então, aquela ação...

Vanessa – Aquelas, né, a gente não poderia sugerir uma assessoria?

(risos dos participantes)

Marisa – O quê?

Vanessa – Assessoria.

Maria Rita – Assessoria educacional.

Marisa – É.

Vanessa – Pelo lado da psicologia, talvez.

(risos como se as pessoas agora entendessem o que a Vanessa tinha insinuado antes)

Coordenador – É, agora... É que, assim, é que a idéia de terapêutico não é privado da psicologia; quer dizer, uma escola pode ser altamente terapêutica, né? Assim, algo que ficou privado da técnica da psicologia, mas é algo que está no mundo também, né, como a comunicação. A comunicação acabou sendo é acabou sendo privado num campo profissional, mas vocês estão vendo que comunicação não é [privada], vocês estão trabalhando com isso, né? E vendo as contradições que isso também acaba acarretando. O profissional não iria

trabalhar de jeito nenhum, pelo jeito, sem os equipamentos. É profissão.

Marisa – É como se fala, né, é conversando que se entende. Tem um texto no Mídias da Educação, lá, que fala a respeito de... da televisão, do uso da televisão, é... ou melhor, do uso do computador diretamente colocando as crianças. A cultura agora do computador, computador, computador. E tira a televisão e o rádio como sendo formas de educar, de aprender outras coisas. Mas também, eu acho que, quando a gente fala desse uso, dessa... dessa informação trazida pelo computador, pelos meios de comunicação, é, e você acaba ficando muito individualizado porque... Se não houver isso, hoje por exemplo, eu olho para ela, eu vejo nos olhos dela a expectativa. No computador, eu não estou vendo isso; eu estou vendo a fala que ela põe ali, né? Então, vai trazendo uma dificuldade até de amadurecimento da pessoa como ser humano, né?

Gilberto – Isso se vocês ficavam focados só nisso, né?

Marisa – Então...

Gilberto – Agora...

Marisa – Então, o que eu acho que a gente tem que trazer...

Gilberto – Agora, eu acho que o computador é uma possibilidade de comunicação tremenda.

Marisa – Não, com certeza! Assim, eu acho que é uma ampliação, né?

Gilberto – Elimina as fronteiras, né? De repente...

Marisa – Só...

Gilberto – Eu já conversei com pessoas lá em Portugal. Quer dizer, quando que eu faria isso?

Marisa - É. Então, se você for pensar...

Gilberto – Fisicamente é complicado.

Marisa – Se você for pensar, hoje, é uma cultura tão grande de tem que ter acesso. Até um palestrantes brincou e falou assim: “Matricule seu filho no terceiro ano de gestação, que ele terá ótima informática ou será um homem plugado na vida.” Porque as pessoas estão lá, com quarenta e oito horas o menino na frente da tela, que não sai, que não toma banho, que acabou fazendo suas necessidades ali mesmo, porque não queria parar. Então, são coisas que a gente tem que também saber, o que... a importância desse comunicar do outro lado do mundo e d’eu sentar do lado dela e eu ver a expressão dela, sentir, né, fazer essa relação interacional, que é o contato mesmo.

Gilberto – Mas, eu acho que um não exclui o outro. Acho que as duas coisas são interessan...

(interrompe)

Marisa – Não, não exclui. Mas eu tô falando que, se você parar para prestar atenção, a nossa cultura está uma cultura de, é, quanto mais tempo que você tiver, quanto mais tempo você

tiver de acesso a uma máquina, você está mais ligado na realidade, você está mais entrosado, você tem mais conhecimento. Só que você está deixando de lado a formação da pessoa, entendeu? Porque você está formando a pessoa individual, por mais conhecimento que você tem ali, transmitindo, conversando etc., você está deixando a formação pessoal, humana, entendeu? Então, ela está se tornando uma pessoa com muitos conhecimentos...

Adriana – Gente, dá licença. Eu estou indo, tá.

Marisa - Tchau! Mas, uma pessoa mais fria, uma pessoa mais, é, individualista. Porque, quando você olha, você vê o que você está falando, o que você está sentindo, o que você está expressando, sua fisionomia. Quando você está lá, está bom, tem lá a *webcam*. Não adianta, você não está vendo o real. Então, eu acho que, assim, tem que haver a dosagem dos dois. E eu acho que a gente tem que fazer isso também com os nossos meninos, porque nisso também: “Não, tem que ter, tem que ter, tem que fornecer, tem que dar, tem que fazer!” E, ao mesmo tempo, nós estamos esquecendo da parte também que nós estamos fazendo comunicação quando você pega as crianças e põe para brincar de telefone sem fio, de brincar de..., de, de, como é que chama aqueles negocinhos lá? De bilhoquinha, que é jogar bolinha de gude no buraquinho, entendeu, pega-pega. Então, eu acho que é isso que falta, a gente saber muito bem o que nós queremos, para a gente encontrar esse ponto de equilíbrio, saber que é importante eu ter como estar interagindo, utilizando os TICs, né, e, ao mesmo tempo, trazer para formação real da pessoa.

Gilberto – Porque a gente está num mundo que é muito exigente, né? Ele exige várias competências; além dessa competência tecnológica, a competência da comunicação, né, verbal, escrita, de todas as formas [de hoje], né? As pessoas que conseguem espaço nessa sociedade nossa, né, são as pessoas que [têm esse domínio.]

Vanessa – Mas, Gilberto, eu discordo. Porque eu fico pensando assim, se nós não soubermos em que lugar nós estamos no mundo, não tem como a gente estar nessa coisa toda que o mundo quer. Porque, se você não tem o seu garantido, você vai atrás de tudo. Apareceu informática, então, a gente vai atrás, apareceu... Entendeu? Então, eu fico pensando muito nisso. Até eu estava pensando nessa questão da tecnologia, até mesmo no estúdio da rádio, né? Que lá, eu estou desde a época que não tinha rádio. E quando tem, então, todo mundo dá muita importância para o estúdio de rádio, o que tem o rádio, e se esquece da comunicação, do falar, do prestar atenção, né?

Gilberto – Não, mas é isso que eu estava falando, a comunicação verbal, escrita... Isso aí, não tem como não falar, quem tem domínio disso aí acaba se destacando, né?

Vanessa – Não, mas muitas vezes uma pessoa pode não escrever e não ler, e ser uma pessoa que ouve o que o outro fala. E, aí, às vezes, eu fico até furiosa, quando alguém quer sentar lá e ver um clipe, só ver um clipe. Não quer conversar...

Gilberto – É, mas não tem jeito, Vanessa, o mercado /. [É o] que estamos falando mesmo, profissionalizante. O mercado de trabalho, ele exige mesmo, não adianta. Se o pessoal não tiver o domínio da coisa, ela não tem...

[?] - Certo...

Gilberto - A não ser que a pessoa, sei lá, a pessoa tente num outro caminho, né? Mas, se ela

quiser se inserir nesse mercado, se ela quiser fazer parte desse mundo aí...

[Vanessa] – Então, mas tem tantos outros caminhos...

Gilberto - ...ela tem que ter essas competências, não tem jeito. E...

Marisa – É. Só que nós vamos ver, daqui uns dez anos, você pode escrever, dez, quinze anos, por aí...

? - Vai fazer um retorno para a humanização, gente.

Marisa – Você vai olhar no hoje, daqui uns dez, quinze anos, e vai ver essa geração aqui, como que vai ser. Vai ser uma geração voltada mais para a máquina, uma geração voltada mais fria. E, daí, vai voltar, como agora...

Gilberto – Eu acho que não. Eu acho que a sociedade começa a perceber. Tanto é que a educomunicação está ganhando força. Acho que não basta só o domínio tecnológico, né? A pessoa tem que também saber se expressar; ela tem que saber agir em grupo; ela tem que ter domínio das competências assim...

Marisa – Ah, mas se você pensar que vai ter que fazer isso só para conseguir um emprego...

Gilberto – Não. Não só para isso. Para a própria vida dela. Para a própria, acho que, eu diria até, para da própria felicidade dela mesmo. Precisa. Quando eu falo em competência, eu não tô falando só do domínio da tecnologia, eu estou falando também do domínio da linguagem, eu estou falando da tal da inteligência emocional, né? É isso.

(instantes de silêncio)

Coordenador – Fechamos, então?

Maria Rita - Chegou ao fim o nosso último encontro?

(risos)

Marisa – Esperamos ter colaborado.

Maria Rita – É. (risos) Eu acho que, de certa forma, o seu trabalho para a gente contribuiu bastante.

Marisa – Com certeza. Muito.

Maria Rita – Porque, a princípio, nós achávamos que iria contribuir mais para a sua pesquisa, mas é um momento para fazer a gente pensar e refletir mesmo sobre o que vem acontecendo. E para o próximo ano, o que pode estar melhorando, né?

Marisa – É.

Teresa – A gente não tem esse espaço aqui, né? De repente, até, pode ser criado um...

Maria Rita – No próximo ano.

Teresa - A gente não tem esse espaço, como esse nome, nosso, né?

Maria Rita – O que não deixa de ser...

(fim da fita)

FIM DA GRAVAÇÃO

Legenda de sinais	
/	trechos indiscriminados e não transcritos
[]	trechos incertos
()	comentários sobre o processo no grupo
?	nome não identificado

Anexo D – Termo de Esclarecimento e Consentimento para participar da entrevista

Termo de esclarecimento e consentimento entrevista individual (rascunho)

Olá,

Atualmente, há uma grande preocupação da sociedade com o efeito dos meios de comunicação sobre a formação de todas as pessoas, sejam crianças ou adultos. Essa preocupação leva educadores e comunicadores a criar várias propostas para lidar com isso, como os projetos baseados na educomunicação.

Alguns resultados desses projetos educamunicativos são notáveis, como a produção dos programas de rádio e de televisão. Mas, ainda há pouco conhecimento estudado sobre os seus resultados afetivos e emocionais nas relações entre as pessoas. Por isso, esta pesquisa tem o objetivo de conhecer um pouco mais sobre os vínculos entre as pessoas que praticam a educomunicação, no (...).

Uma parte da pesquisa será baseada em entrevistas individuais com alguns cursistas, formadores e dirigentes da instituição que atuam diretamente com o projeto educamunicativo. Dia, hora e local da entrevista serão definidos com quem será entrevistado (a). Essas entrevistas podem durar entre trinta minutos e duas horas, o que dependerá da disposição para falar sobre o assunto. As entrevistas serão gravadas em áudio e os seus resultados são apresentados aos respectivos entrevistados para serem avaliados.

Os nomes das pessoas participantes serão substituídos por outros, na divulgação dos resultados da pesquisa. Isso servirá para manter o sigilo da identidade das pessoas envolvidas. Os resultados não poderão ser usados para prejudicar ninguém.

A participação é voluntária. Os participantes podem desistir da pesquisa quando quiser. Não se prevê qualquer despesa ou remuneração para os participantes.

Se você concordar em participar da pesquisa, preencha a ficha de participação e a entregue ao pesquisador até ____ de _____. Quem tem menos de 18 anos precisa da autorização de pai, mãe ou responsável.

Os resultados desta pesquisa serão utilizados na dissertação de Mestrado e na produção acadêmica do pesquisador responsável, no programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, da Universidade de São Paulo (USP). O pesquisador estará disponível em qualquer etapa da pesquisa para esclarecer dúvidas sobre a participação das pessoas e os assuntos tratados nas discussões dos grupos.

Atenciosamente,

Joari Aparecido Soares de Carvalho
pesquisador-responsável
(11) 8169-1969 ou 3781-5078
correio eletrônico: joari@usp.br

Professora Dra. Maria Inês Assumpção Fernandes
Orientadora
(11) 3091-4184

Comitê de Ética em Pesquisa Humana (CEPH)
Instituto de Psicologia da USP
(11) 3097-0529

Ficha de participação em entrevista (rascunho)

Eu li, esclareci minhas eventuais dúvidas e compreendi o “Termo de esclarecimento e consentimento de entrevista individual”, de que tenho uma cópia em meu poder. Nos termos informados, concordo em participar da pesquisa sobre vínculos no projeto de educomunicação de que faço parte.

Dados de pessoais:

Nome do participante (por extenso):

idade:

formação profissional:

telefone fixo:

telefone móvel:

correio eletrônico:

(para participante com menos de 18 anos)

Nome de pai, mãe ou responsável (por extenso):

Contato (telefone, correio eletrônico etc.):

_____, ____ de ____ de 2007.
(local) (dia) (mês)

Assinatura do participante

Assinatura de pai, mãe ou responsável
(para participante com menos de 18 anos)

Anexo E – Transcrições das entrevistas individuais

Entrevistada: Elisabete

Função: Coordenadora do Projeto de educomunicação da Fundação

Data: 11 de junho de 2008

Local: sede da Fundação

Tempo de gravação: 1 h 1 min 51

Entrevistador: Joari

Entrevistador – Onze de julho de 2008. Pesquisa sobre grupo, no projeto de educomunicação da Fundação. Pesquisador responsável, Joari. É... Primeiramente, boa tarde, já! E eu queria pedir a você que se apresentasse.

Elisabete – É... Eu sou Elisabete, sou psicopedagoga, trabalho na Fundação já há dois anos e trabalho no Programa Arte-Educação da instituição. Entrevistador – É... Bete, você comentou sobre essa formação de psicopedagogia, né? É... Eu queria que você comentasse um pouco a relação da sua formação com o... ou outras formações que você teve que seja... tenham sido significativas para a sua atuação no projeto de educomunicação da Fundação.

Elisabete – Hum, hum. É.. Bom, primeiramente, assim, é a área de psicopedagogia como a área de educomunicação, elas a... elas assim... elas se assemelham no sentido, é... da inter-relação entre vári... entre diferentes áreas. Ela já prevê que exista uma relação entre áreas, né? Então, isso já é um fator de que... que eu... que na minha área eu já estava acostumada a lidar, né? Então, essa... esse trabalho interdisciplinar, essa conversa entre as diferentes áreas, isso já é um pressuposto para... para o meu trabalho, né? E a educomunicação também prevê um pouco isso, né? Isso, assim... essa escuta de diferentes áreas para... para essas propostas, né? E... Então, assim, falando um pouco... Quando... quando eu conheci o trabalho de educomunicação, né, na verdade a gente buscava... Você quer que eu fale um pouco da capacitação, né, que... de... de que...

Entrevistador – Não sei. Acho que é um tema que você pode relatar, então.

Elisabete – Hum, hum... Então, quando a gente teve o contato, na verdade, eu não conhecia a educomunicação, né? A gente teve um contato na busca de uma formação que completasse um trabalho que a gente fazia na instituição relacionado à comunicação, né? E aí, quando a gente teve contato com a educomunicação, a gente... a gente falou: “Não, é isso que a gente quer!”, né, porque os princípios que a educomunicação traz, assim, casam muito bem com o trabalho que a gente desenvolve aqui na... na Fundação, né? Então, assim, nessa busca, né, no trabalho de... de... A gente começou esse processo de formação, em 2005, e a gente foi percebendo, assim, o tanto que a gente estava caminhando já nessa área e o tanto que a gente desconhecia essa referência teórica para o nosso trabalho. Mas, ao mesmo tempo, né, a gente não... não tinha clareza do que a gente fazia, né. Acho que a gente não... ia experimentando coisas, experimentando técnicas, né? E a gente não tinha muita clareza da onde a gente iria chegar com isso, né? Então, quando a gente conheceu um pouco desse... dessa conceituação, desse trabalho, dessa forma de conceber, a gente abraçou, né, e falou: “Não, isso tem a ver com o que a gente acredita, tem a ver com o nosso trabalho e a gente pode agora sistematizar um pouco o que a gente vem fazendo.” Não sei se eu respondi tudo o que você queria; senão, você retoma a sua pergunta de novo.

Entrevistador – É... Sobre projeto, né, como ele está organizado hoje, é, qual é o seu papel, sua função? Como você se vê nesse projeto?

Elisabete – Bom, é, a minha função é um pouco complicada, né, porque você acaba tendo que... Um papel mais de... de... gestão participativa desse tra... desse grupo, né, porque, assim, eu procuro gerenciar as ações desse grupo, as ações do Centro, de forma que... que todo o grupo participe ao mesmo tempo. Então, a gente cria comissões que possam auxiliar nesse trabalho. É... Eu fico como uma referência desse grupo para poder fazer... (pausa por causa do barulho de avião) para poder fazer algumas articulações dentro da instituição, fora da instituição, que são articulações necessárias para o andamento do projeto, né? Mas eu me vejo muito assim, com um trabalho mais de gestão mesmo, né, desses projetos que acontecem aí, em diferentes unidades, e que a gente, é, organiza eles de uma forma, e reúne esse grupo no Centro de Referência, que esse é o nosso objetivo, né? Mas a gente também que dar o suporte técnico para os projetos que acontecem na unidade, que é a base da... do trabalho do Centro, né? Então, eu me... eu me enxergo, assim, mais como num trabalho de gestão mesmo, né, desse grupo, né, de Educom, o grupo do Educom.

Entrevistador – E, além do projeto de educomunicação, você também está ligada a outras atividades da Fundação.

Elisabete – Isso...

Entrevistador – Né?

Elisabete – Isso.

Entrevistador – Pode me contar um pouco?

Elisabete – Então... Eu faço parte de uma equipe multidisciplinar dentro da instituição. Então... E dentro de um programa! Então, qual é a função dessa equipe multidisciplinar? É de dar um suporte metodológico às ações do projeto, né? Então, essa equipe é composta de diferentes áreas, né, psicopedagogia, pedagogia, é... psicologia, serviço social, educação física, educação ambiental... Então, são várias áreas que dão esse suporte técnico-metodológico a todas as atividades desenvolvidas, né? Então, é, meu trabalho, além de... desse Educom, é de dar assessoria aos projetos, é, reorganizar projetos dentro da... do programa, é... buscar novas ações para o programa, é, organizar a formação dos professores, é, fazer a avaliação periódica do programa reorganizando as atividades, dar assessoria aos... aos professores, né? Então, tudo, é... assim, um trabalho interdisciplinar, dentro de um trabalho interdisciplinar, né? Então, essa é a minha função, além do... da gestão no grupo de Educom, né? É mais ou menos isso.

Entrevistador – Ah, tá. É... Sobre o projeto, hoje em dia, como é que você, é... o vê? Como está organizado? Quem... quem são... quem é o quê? O que está acontecendo?

Elisabete – Hum, hum... Bom, o projeto, é... ele começou, assim, com, só com a formação, né? Da formação se teve a idéia de criar o Centro de Referência, né? Então, assim, aí, o Centro de Referência era, na verdade, para reunir essas práticas que já estavam começando a aparecer na instituição, né? Então, assim, hoje, como que eu enxergo, né? O projeto do Centro de Referência que tem os braços ligados às diferentes unidades, né, que é um trabalho de base, né? Então, eu vejo assim, em cada unidade da Fundação, em quase que a maioria, que hoje a gente está com dezoito unidades com projetos educacionais, é... em cada uma dessas unidades tem um grupo de Educom; então, ele tem um professor de referência e tem um grupo de referência de adolescentes que gerenciam esses projetos na unidade, né? Então, existem esses dezoito projetos, né, que estão acontecendo. E lá, é, esse grupo se une, né, no Centro de Referência, para trocar experiências, para discutir sobre questões práticas, metodológicas, para compartilhar com outras experiências, com outras... com outros grupos,

né? Então, lá é um... um espaço não só de... de produção de material educacional, mas de reflexão sobre essa prática, de discussão, de aperfeiçoamento, de estudo, né? Então, eu enxergo hoje mais ou menos isso, né? É um Centro com vários braços aí espalhados e... E o que eu... o que eu coloco muito para esse grupo é que, assim, esse... esse trabalho na unidade, ele tem que estar muito fortalecido porque, na medida em que esse trabalho, que é mais... esse trabalho que é mais de base, né, que a gente fala, é... (interrupção para cumprimentar Simone, membro da equipe multidisciplinar, que passava no local da entrevista) Olá!

Simone – Tudo bem? (Simone cumprimenta Elisabete e o entrevistador) Tem gente lá na sala?

Elisabete – Espera aí, que a gente vai almoçar junto.

Simone – Eu vou.

Elisabete – Então, a partir do momento que esse trabalho de base estiver fortalecido, é... conseqüentemente o Centro vai estar fortalecido também, né? Então, eles tem que cuidar, né, é, desse grupo pequeno que começa e que desenvolve coisas aí no... nessas unidades que eu citei; eles tem de cuidar desse grupo, quer dizer, não deixar esse grupo acabar. Então, a cada vez que sai um membro do grupo, eles cuidarem para que entrem outros membros, para que fortaleça esse grupo, né, para que... para que as coisas aconteçam, né? Então, esse é um cuidado que a gente tem e muito, né? Então, que eles cuidem desses grupos, desses pequenos grupos, né, que esses pequenos grupos é que formam, é, o grupo grande aqui do Educom.

Entrevistador (11:05) – Você, é... usa bastante o termo grupo, né?

Elisabete – Hum, hum.

Entrevistador – É... Essa noção do grupo, ao longo da história aí do projeto, ela foi sempre a mesma, foi sendo alterada, o que é esse grupo e o que foi?

Elisabete – Então, esse grupo, a princípio, era um grupo só de profissionais, de professores, né? Então, assim, era interessante porque, assim, esse grupo tinha uma preocupação de preservar algumas, é... algumas reflexões que eles vinham fazendo, se aprofundar um pouco mais, né? Então, quando esse grupo, é... ele iniciou os trabalhos de Educom, em 2005, o grupo tinha uma preocupação, que o grupo permanecesse o mesmo, que não entrasse novos membros, que preservasse a identidade desse grupo, é... que eles tinham que conhecer muito de educação para, depois, convidar adolescentes para participar. E foi interessante que, nesse primeiro momento, assim, quando a gente foi fazer o contato com o professor Hermeto [Coordenador do NCE], é... a condição, para ter a formação em educação é que tivesse adolescentes. Mas esse grupo não... A gente não conseguia entender, é... por que nesse momento tinha que ter adolescentes. Porque na nossa... na nossa lógica, assim, é, primeiro o professor tinha que aprender, né, para depois os meninos... enfim, ensinar para os meninos. Então, esse era um conceito de ensino-aprendizagem que a gente tinha até então. E a partir do momento que a gente foi conhecendo, foi estudando um pouco mais, que a gente falou: “Não, realmente, não dá para ser, se não tiver adolescentes nesse grupo.”, né? Então, em 2006, a gente, é... ampliou, né, o grupo, a gente convidou alguns adolescentes para participar. E esse grupo, ele se estranhou um pouco, né? No início, por conta de que é difícil o professor sair do seu lugar de professor, né, e... e entrar no lugar de quem estava ali para aprender, né? E aprender e ensinar ao mesmo tempo. E os adolescentes também. Então, houve um estranhamento muito grande no início desse trabalho, né? Então, o professor se colocava muito, os adolescentes se... é... falavam muito pouco, né? E aí o próprio grupo começou a se policiar: “Espera aí, mas vamos deixar os meninos falarem, né? Os adolescentes têm coisas a dizer.” E a gente começou a ter a... a ter esse... essa preocupação, né, de que os meninos

participassem mais. E isso foi em 2006. Em 2007, já estava muito tranquilo, esse grupo se fortaleceu. É... A instituição investiu muito em equipamentos, em estrutura para que esse grupo fortalecesse. E esse grupo ampliou, né? Então, entraram novos integrantes e... e... de uma forma tranquila. E, a cada momento, eu sinto que esse grupo está mais aberto, né, para novos componentes, né? Eles têm só a preocupação, assim, de que eles têm que passar algum conhecimento, eles têm que discutir sobre educomunicação com esse grupo que está chegando, né? Então, assim, uma preocupação não de... de perder a identidade, eu acho; mas uma preocupação um pouco mais voltada, assim, a cuidar desse grupo, né, a cuidar desse grupo para que ele... ele trabalhe dentro do que é pressuposto mesmo na educomunicação, né? Então, assim, cuidar para que esse grupo seja fortalecido, cuidar para que esse grupo, é... troque experiências. Então, eu vejo uma preocupação muito grande, hoje, de quem já está nesse trabalho há mais tempo, preocupação de fortalecer o grupo que entrou a agora, de passar, discutir com eles educomunicação. Então, assim, eles já têm esse olhar de que “Olha, a gente precisa fortalecer ali. Essa unidade está... está iniciando agora. Vamos discutir com eles, vamos ajudar a escrever o projetos deles.”, né? Então, de cuidado mesmo, né, de um cuidar do outro, né, acho que... E está muito presente hoje, nesse grupo.

Entrevistador (15:43) – Bete, é... é... Nessa referência ao grupo, [eu fico me perguntando] se... se só os educadores, os professores...

Elisabete – Não.

Entrevistador - Ou é uma preocupação também dos... dos adolescentes...

Elisabete – Dos adolescentes também.

Entrevistador - ...que passaram a fazer parte.

Elisabete – Dos adolescentes também porque...

Entrevistador – E tem alguma nuance entre... mais preocupações com uma... com uma característica... com uma propriedade do grupo do que com outra para adolescentes e para professores?

Elisabete – Ah, eu acho que hoje já está tão misturado, que é difícil para eu dizer, assim, separado isso. É... É porque eles discutem muito juntos, né, adolescentes e profissionais. É difícil dizer, assim, o grupo de adolescentes está mais preocupado com tal coisa. Eu acho que a discussão entre... entre os educadores e os adolescentes, ela já está tão... acontecendo de uma forma tão natural, que as preocupações, para mim, acho que são as mesmas entre adolescentes e educadores, né? Então, assim, os desejos desse grupo, as discussões desse grupo é uma só, né? Eu não consigo mais separar, assim, o que é do grupo de adolescentes, o que é demanda do grupo de professores. É uma demanda só, eu acho. Eu enxergo assim, hoje, o grupo, né, coisa que há um tempo atrás era... era muito diferente, né? Os adolescentes buscavam algumas coisas diferentes dos professores. Hoje, não; hoje, eu acho que é uma coisa só.

Entrevistador – E como é que é, como é que está o funcionamento, né, da organização, é, da realização do projeto, né? As unidades na ponta, aí você tem as reuniões das equipes...

Elisabete – Hum, hum...

Entrevistador – Aí tem tem pessoas de vários... de ou... de outras equipes que não são as pessoas que estão nas unidades; aí também existem as instituições envolvidas... Conseguem...

Elisabete – É... É uma miscelânea de coisas acontecendo! (risos) Eu estava dizendo para...

para a Raquel que, é... às quintas-feiras é o dia, a gente fala que é o dia do Educom na Fundação. Porque, assim, eles se reúnem no Centro de Referência e a gente se organiza nesse dia, porque nos outros dias a gente tem outras coisas, outras funções a desenvolver na Fundação. Mas nesse dia, em especial, a gente está lá... E esse grupo tenta se organizar assim, a gente tem o cronograma semestral, né, e cada um sabe o que tem que fazer. A gente deixa isso tudo muito amarrado no início do semestre. Então, eu sei que meu grupo vai ter que dar uma... um *workshop*, ham... no mês tal; então, eu me organizo com o meu grupo, é... Então, assim, eles têm uma caminhada individual e, ao mesmo tempo, é, respeitando as ações que o grupo tem que cumprir, né? Então, eu sei que, por exemplo, na minha unidade, ela precisa escrever... re-escrever o meu projeto, mas eu sei também que eu tenho que participar da... é... do *workshop* que vai acontecer porque vai ser importante para esse grupo também. Então, eles têm ações individuais e ações que o grupo todo, é, se responsabiliza em estar cumprindo, né? E, assim, entram novos componentes no grupo, entram escolas que vêm participar, entram professores de outras instituições que aparecem no Centro e participam. E, aí, a gente vai amarrando com as experiências que a gente tem, né? Então, “Ah, que legal, na sua escola vocês começaram a montar um rádio! Tem uma unidade que já tem esse trabalho.” A gente coloca essa unidade como referência para essa escola. E a gente vai pode... vai fazendo amarrações desse grupo. Eu acho que dá para pensar assim, em amarrações mesmo, né? A gente vai amarrando um nozinho aqui, entre um grupo e outro, vai amarrando ali; vai montando um trabalho, é... complexo, né, porque acontece muitas coisas ao mesmo tempo lá, e... Mas, assim, coisas bem sólidas, né? Eu acredito assim... Me assusta um pouco pensar no tamanho que está esse grupo, hoje, né? É um grupo grande, mas que ele está conseguindo se organizar nesse pouco tempo que ele tem para... para cumprir essas ações, para... E o objetivo maior do Centro é que a gente abra essa experiência, é... e que outras pessoas possam participar dessa experiência, que seja um grupo aberto, né? Então, eu... eu quero conhecer, eu quero saber o que acontece lá, eu... eu quero levar a minha experiência para lá, ou quero ir lá para trazer, compartilhar algum conhecimento. Então, a idéia do Centro é que seja um grupo aberto, né, que possam entrar novos integrantes, sair e reorganizar. É uma tarefa difícil, né, se pensar em grupo, né, que toda... toda vez que você mexe no grupo, ele tem que se reorganizar, né? É... Mas eu acho que esse grupo já está, assim, já está preparado para essas reorganizações, sabe. Eu acho que o sair do lugar, o desacomodar esse grupo é... é um fator, assim, é... eu acho que essencial para esse grupo se fortalecer. A cada momento que ele se desorganiza e organiza, e desorganiza e organiza, acho que ele... ele se fortalece, né?

Entrevistador – Você falou em amarrações, né?

Elisabete – Hum, hum.

Entrevistador – É... O que seriam essas amarrações?

Elisabete – Eu acho que mais assim... Como é um grupo muito aberto, então, assim, nesse grupo cabem... cabe todas as áreas, né? Então, a gente tem professor, tem técnico agrícola, tem... tem adolescente, tem criança, tem... E eles e... É... Eu acho que essas amarrações seriam no sentido assim, deles se juntarem por afinidades, né? Então, eles acabam se unindo por afinidades, seja por afinidade de projeto, seja por afinidade de... de relações mesmo que eles vão estabelecendo lá. E eles vão, é... vão trocando experiências, vão se fortalecendo e se conhecendo, e se co-responsabilizando um com o outro, eu acho. Eu acho que essas amarrações seria mais ou menos isso. É um se co-respon... co-respon... co-responsabilizando com, ou com a relação do outro, ou com o trabalho do outro, ou com a experiência do outro. Eu acho que é um pouco isso, né, quando eu digo... Então, a gente vê, por exemplo, quando chegou alguém novo no grupo, né, esse grupo, você vê que logo tem alguém que vai e que, né: “Olha, que legal, você está fazendo o mesmo trabalho que eu!”, ou “Que bom que você é

da mesma unidade que eu! Vamos fazer alguma coisa junta?”, ou “Que bom que você é adolescente como eu! E o que você veio fazer aqui?”. E aí, assim, eles vão... vão montando essa rede de relacionamento entre eles, que é, assim, muito legal de se observar.

Entrevistador – E essa atitude que você acabou de... de relatar sobre tomar a iniciativa de... de buscar essas afinidades...

Elisabete – Hum, hum...

Entrevistador – ...de inserir quem está entrando. Você credita a uma cultura que vocês estão construindo dentro desse projeto ou é algo que está mais além, e que se tem, é... mais afinidade com esse projeto, mas que está... estão, são características que estão fora aí, pode ser da própria Fundação? É... Isso você considera que falte em outros, é... locais, e talvez aí você não considera como, é... como grupo, né?

Elisabete – Eu acho que, assim... primeira coisa, assim... é... Como eu te falei que esse é um grupo aberto, então, assim, ele não é... é... Ele foi estabelecido assim, é, por vontade própria do profissional e do adolescente em estar participando, né? Então, “Eu quero participar desse grupo.”, ele iria lá, conhecia. Então, alguns saíram no meio do caminho porque acharam que ali não era o espaço adequado, enfim. Mas eu acho que vai muito além do que o grupo se propõe a fazer, né? Que você falou: “Que característica que reúne esse grupo, que fortalece esse grupo, né?” Eu não sei, assim. Eu acho que é mais assim uma busca, assim, mais... um pouco uma coisa um pouco maior, né, por uma educação de melhor qualidade, por um ensino melhor. Eu acho que, assim, tanto dos adolescentes como dos educadores. Eu acho que eles vão lá para buscar uma coisa a mais, né, com relação à educação, à formação desses jovens. Então, eu... eu entendo que seja por isso, por um... por uma coisa muito... não só buscar conhecimento com relação ao Educom; acho que é com relação à vida mesmo, à filosofia de vida, de trabalho; enfim, acho que é por isso. Porque como... E os próprios adolescentes, né, porque lá eles enxergam, assim, é um jeito diferente de aprender, né, é um jeito diferente de ensinar, é um jeito diferente de se relacionar. Então, assim, eles se sentem muito à vontade ali, né, para construir o relacionamento deles, para construir conhecimento deles, né? Então, é um espaço muito aberto para a expressão dos meninos. Então, eu acho que eles se sentem bem nesse espaço, né? Então, ao mesmo tempo que eles estão ali aprendendo, eles estão ensinando, porque eles monitoram as oficinas, eles têm que dar conta do projeto deles dentro da unidade, eles têm que... é... Enfim, tem que trocar com outro porque é condição, né, ele tem que trocar com o outro; então, ele tem que compartilhar o conhecimento dele. Então, isso... isso é uma coisa que a gente não vê muito nos espaços aí de aprendizagem que a gente vê hoje em dia. Então, isso é difícil da gente enxergar. E lá eu... eu... eu, assim, considero que lá é um espaço de aprendizagem único, assim, né, que... Isso é uma coisa para a gente ir analisando, né? O que seria isso? De que forma esses meninos, é... constroem esse conhecimento lá dentro, constroem essas relações lá dentro, né?

Entrevistador (27:27) – E você, então, é... vê essa iniciativa de se relacionar como algo importante...

Elisabete – Hum, hum...

Entrevistador - ...para acontecer o projeto?

Elisabete – Sim, sim.

Entrevistador (27:40) – Sem ele, você acha que ficaria como? Sem essa iniciativa.

Elisabete – Ah, eu acho que... que ira ficar um pouco mais difícil porque, assim, é... como...

Essa iniciativa você traduz, assim, como uma busca, né? As pessoas vão para lá porque estão buscando alguma coisa, né? E a partir do momento em que eu... é... essa reo... essa organização de grupo acontecesse de uma outra, não sei se a gente teria esse resultado em tão pouco tempo, né? Pode até ser que... Não sei, não sei, não consigo imaginar como seria esse grupo, assim, de... constituído de uma outra forma, né, e se surtiria o mesmo efeito que acontece hoje, né, porque os próprios adolescentes também fazem a opção de estar lá ou não, né? Então ele pode participar do grupo ou não. E o que a gente percebe é que a maioria que participa não quer sair mais desse grupo, né. Isso é, ao longo do tempo, é... ao longo do tempo que a gente a... vem analisando a participação desses meninos e dos professores, né, são poucos os que não, é... não permanecem nesse grupo, né? Então, eles saem, eles mudam de projeto, eles mudam de curso, mas eles permanecem no grupo de Educom. E eles sentem até um certo orgulho de dizer, né: “Eu sou do grupo de Educom.”, né? Eles mudam muito de projetos aqui na instituição, muda de uma unidade para outra, de um projeto para o outro. E, aí, eles, eles... é... Eles ficam procurando, assim, quando eles trocam, né, depois que eles chegam nos projetos novos, é... eles ficam procurando, assim: “Quem é do grupo de Educom aqui?”, né, “Como eu faço para eu continuar participando desse grupo?”, né? Então, eu acho que se ele fosse constituído de outro jeito, eu não sei, eu não sei como seria... Eu não consigo imaginar um desenho desse grupo de uma outra forma.

Entrevistador – É... Você comentou a... a vontade de permanecer, né, nesse grupo de educomunicação até quando [houver] possibilidade.

Elisabete – Hum.

Entrevistador - Busca... busca de novo o Educom, né?

Elisabete – Hum, hum.

Entrevistador - Mas também relatou que outros não ficam.

Elisabete – Isso.

Entrevistador – Eu queria que você falasse um pouco mais também sobre esses que não ficam. O que acontece? Assim, é... É alguma coisa a ver, justamente, com esse jeito do grupo se formar que, de repente, assusta ou /?

Elisabete – É.

Entrevistador – Como assim, como é que eles represen...

Elisabete – Pode ser que seja assim, porque eu acho que, para quem chega, eu fico imaginando assim, né, às vezes, nossa, quem chega aqui, principalmente quando o grupo todo está reunido, né? Eu acho que quem chega aqui acha que ninguém está... está assim... está uma bagunça, né, que está desorganizado, né, porque, assim, são muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo, né? Então, assim, um primeiro ponto, acho que assusta um pouco, é um outro jeito de se organizar, né? Eu não tenho lá todo mundo fazendo a mesmas coisa, toda semana. Não. São muitos grupos fazendo várias coisas, toda semana, né? E... Então, acho que isso assusta um pouco quem chega, porque até deve se sentir um pouco até... desconfortado ali, né, porque você não dá para você sentar e: “Ah, eu vim aqui aprender o Educom, sentar na cadeira e ficar ouvindo.” Não é, não acontece assim, né? É... Acontece assim, eu entrei nesse grupo e eu vim, e eu vou escrever o projeto, eu trago os adolescentes, eu participo e eu vou aprendendo ao mesmo tempo, e vou praticando e vou aprendendo, e vou... e vou apren... vou discutindo teoria e prática, tudo... tudo junto, né? Não dá para: “Primeiro, ah, eu vim aqui aprender, quero assistir uma palestra, quero estudar tudo e, depois, eu vou aplicar na minha

unidade.” Não é assim que funciona. Então, ele tem que ter um despreendimento muito grande e... e, principalmente, eu acho que quem vai lá tem que ousar um pouco, né, então, buscar alguma coisa que nunca fez, né? Então, eu vou experimentar coisas novas e... Então, isso, para algumas pessoas, assusta, né, porque, se eu estou num espaço de aprendizagem, supõe, né, tradicionalmente falando, que eu vou passivamente sentar e vou ouvir o que as pessoas têm a me dizer, né? Então, a ordem das coisas é... não é tão... tão regular assim. A gente, lá, funciona de um outro jeito, né? Então, num primeiro momento, eu acho que algumas pessoas se assustam, né? Outras porque também participar de um grupo assim, que faz tantas coisas ao mesmo tempo, dá um pouco trabalho, né? Participar de um grupo dá... dá muito trabalho, né? É... A pessoa tem que ter um despreendimento muito grande, tem que saber ouvir, tem que, né... se posicionar. Então, assim, não é uma posição tão passiva, né? Quando você... você quer participar de um grupo, você se expõe, você tem que ser expor muito mais, né, tem que, enfim, tentar achar o seu espaço naquele grupo, né? E algumas pessoas, é... não estão predispostas a... a ocupar esse espaço, né? Acabam trabalhando de uma forma mais empolada, né, e... Coisa que lá não dá para acontecer assim, né? Não dá para ter tanta... tanta sistematização, assim, das coisas. E tem que ter... tem que ser um pouco, assim... As coisas acontecem em movimento. Eu a...entendo ... eu enxergo assim esse grupo. Eu acho... As coisas vão e esse grupo não pára, é esse movimento o tempo inteiro, né? Então, acho que isso, às vezes, incomoda, né, algumas pessoas e... Acho que é isso. A gente nunca analisou muito não quem não participa porque são poucos, né, que chegam a ir até lá e acabam não participando.

Entrevistador – E isso vale para os adolescentes, as crianças...

Elisabete – Ham, ham.

Entrevistador - E para os educadores também?

Elisabete – Olha...

Entrevistador – Ou o impacto é diferente?

Elisabete - Os adolescentes, olha, eu nunca pensei sobre isso não. Mas, que a gente tem um movimento muito grande dos meninos que querem entrar nesse grupo, né, não dos que querem sair. Na verdade, os que saem acabam, é... não conseguindo adequar o horário que eles estão em alguns cursos com a ida lá, toda quinta-feira. Mas eu não vejo que ele não vai porque ele não gostou de estar lá no grupo. Eu acho que são poucos os que a gente consegue...

Entrevistador – Hum, hum...

Elisabete – Eu não consegui pensar nisso, ainda não.

Entrevistador – E para os educadores, já ocorreu de... de al... não se... não se, assim... não se...

Elisabete - Identificar?

Entrevistador – Se identificar?

Elisabete – Sim. Já... já. Ou, tipo assim: “Olha, não estou entendendo o que as pessoas vão fazer lá, né? Acho que aquilo não é para mim.” É... Existe uma questão assim, porque... Talvez até incomode um pouco o fato de os adolescentes estarem tão à frente desse grupo, né, estarem tão ativos e tão assim... Em alguns momentos, algumas pessoas vão lá, e quem está ministrando *workshops* são os adolescentes. Isso às vezes incomoda um pouco o adulto, né: “Espera aí, mas eu vim aqui para aprender alguma coisa com adulto, e não com adolescente,

né?” Então, isso ainda... ainda acontece, né? Ainda acontece. Eu acredito que seja um pouco isso. O próprio sistema que a gente foi acostumado a... O formato de ensino-aprendizagem que a gente tem ainda... ainda... É diferente, né? Então, estranha um pouco, causa um estanhamento a algumas pessoas, né? Acho que é isso.

Entrevistador (36:40)- Esse raciocínio que você... parece bastante claro, né, sobre grupo, sobre, é... o que é importante para fortalecer um grupo, fortalecer as pessoas...

Elisabete – Hum, hum.

Entrevistador - ...e desenvolver e... até conseguir [fazer] essas relações, e mesmo esses... e mesmo esse raciocínio que você está me relatando. Ele tem a ver com a sua forma de pensar que você trouxe para cá, para... para o projeto ou para a Fundação? Ou trabalhando... Ou nesse... nessa instituição, é, que você compartilhou dessa discussão, desses valores?

Elisabete – Hum, hum...

Entrevistador – [Queria saber, assim,] como é que você formou esse raciocínio? Se esse raciocínio...

Elisabete – Ham, ham...

Entrevistador - Aqui no projeto você está trazendo, você que está levando para o projeto ou o projeto está... é...

Elisabete – Eu acho que, assim, é...

Entrevistador - ...trazendo para você?

Elisabete – Eu trabalhei muito tempo em escolas públicas, né? E, quando eu vim para a Fundação, assim, abriu um leque muito grande de possibilidade de relação com outras áreas que até então eu não tinha, né? Então, você se relacionar com outras áreas, com outros olhares, com outros pontos de vista, eu acho que amplia muito a sua visão de trabalho em grupo mesmo, né, do que você... Eu acho que amplia o seu olhar, né, com relação a isso, porque você acaba enxergando de outras formas, acaba construindo conhecimento de outras formas, enriquecendo aquilo que você já sabe, aquilo que você acredita, né? Então, acho que isso facilitou bastante, né? Quando... A minha entrada do... na instituição, acho que isso ajudou muito. E, depois, com essa questão da construção desse grupo do Educom, que começou de uma forma pequena, só com profissionais, depois com adolescentes, e hoje esse grupo se mistura, é difícil você separar o que um... o que é de um, o que é de outro, o que é de... é do grupo, né? É... Eu não... Eu acho que.. que o... Esse grupo de Educom, em especial, é... isso foi essencial para eu ter esse entendimento, mesmo: O que seria isso? O que é esse grupo, né? Como que essas pessoas se organizam nesse grupo, né? Que responsabilidade esse grupo tem? Como é que eles dividem isso, né? Porque tem hora que você acha assim, você fala: “Nossa, não vai acontecer!”, né? E, aí, você joga, põe na roda, né? Então, essa coisa de... coloca para o grupo e vamos ver o que... o que a gente pensa juntos. Esse pensar juntos é muito importante, né, porque a gente revê coisas, a gente reorganiza, a gente desacomoda e acomoda de novo, né? Então, acho que... isto, nesse grupo, é muito forte, né? Então, a gente compartilha tudo, então questões burocráticas, questões de relação do grupo, é... questões de organização, né? Então, isso a gente discute ali com todo mundo, né? Então, os problemas, os avanços do grupo, a gente põe na roda, como a gente diz lá, e vê o que acontece, né? Então, acaba que... Existe essa responsabilidade, né, essa co-responsabilidade entre um e outro, né, professor com os adolescente, os adolescentes com esse professor, com o Centro, com a unidade e com, né... com o trabalho que eles vêm fazendo. Então, eu acho que isso eu aprendi

muito com esse grupo, em especial, né?

Entrevistador (40:35) – Você falou no trabalho que dá... é... atuar em grupo, trabalhar em grupo. É... Que trabalho que dá para você?

Elisabete – Para mim?

Entrevistador – É.

Elisabete – É...

Entrevistador – O que você acha que é um trabalho...

Elisabete – Não...

Entrevistador – Por que ou não?

Entrevistador – Eu acho que é porque a gente quer que as coisas aconteçam com muita pressa, né? A gente tem pressa. No mundo que a gente tem hoje, a gente que quer as coisas aconteçam logo, né, que se resolvam de uma forma. E eu acho que o trabalho que dá é isso, é você... você ter que ouvir todo o grupo, você tem que, é... respeitar a opinião de todos eles. Então, isso leva um tempo para você construir, né? Seja o que, um... um... uma simples festa que seja, né? Então, assim, que trabalho que daria? Ah, eu posso chegar, e montar e pronto, né, e as pessoas irem e participarem da festa. Mas não, eu quero saber que festa é essa, o que vocês querem comer, o que vocês não querem, que jeito que vocês querem, que música vocês querem ouvir, como que a gente vai organizar, quem a gente vai convidar. Então assim, tudo isso compartilhado, então. É... Isso demora um tempo. Eu acho que o tempo é... é que é o mais... é o complicador. E a gente quer... quer resolver as coisas sozinha. A gente quer... A gente tem pressa[, às vezes,] de que as coisas aconteçam, né? Então, e para isso não dá, tem que... tem que ter tempo para a discussão, tempo para o diálogo, tempo para a escuta, né? Eu acho que isso é uma coisa que... que eu aprendi muito com esse grupo, né? Assim, que é mais importante a gente perder uma manhã inteira para discutir um ponto de pauta, mas que esse ponto feche, né, e que todo mundo concorde, todo mundo entenda, todo mundo... Concorde, eu não digo, né? Mas que todo mundo, né, respeite que é opinião do grupo, né, das decisões que esse grupo vai tomar. Eu acho que tudo isso... Você não precisa mais nem... (pequena interrupção por causa de barulho de carro) Esse tempo, entre aspas, que a gente leva para discutir um ponto, por exemplo, mas é uma coisa que fortaleceu esse grupo, né? É, acho que isso... você, depois que você toma uma decisão, assim, com esse grupo, acho que as coisas acontecem de uma forma mais tranquila, mais leve, né? Assim, acho que é um pouco isso, né? Esse trabalho que dá é disso, discutir, compartilhar, ouvir, né? E... E as pessoas têm um pouco de dificuldade de ouvir, né, a... o que o outro tem a dizer. A gente não tem muito essa prática, né? Até porque nas escolas a gente foi educado para não falar muito, para, né, aceitar todas as coisas que são postas, enfim. Essa coisa do diálogo, é... não é muito presente, né, nas nossas práticas educativas, né?

Entrevistador – E de onde que eles vêm?

Elisabete – De onde que eles vêm?

Entrevistador – É, de onde vem essas... essa iniciativa, essa disposição, essa busca? Você está colocando, né, essas restrições, principalmente....

Elisabete – Hum, hum.

Entrevistador – ...relacionadas com a escola. Como é que, assim, de repente, aparece? De

onde vem, onde é que ficaram escondidas essas características?

Elisabete (44:30) – Ah, não sei. Eu acho que, assim, a minha... A área da psicopedagogia me ajudou muito a essa escuta... a ter essa escuta, né? É... Não sei, para mim... Agora, assim, se você pensar num... no âmbito mais geral, eu não sei te dizer, não sei de onde... aonde estava escondido... (risos) Eu não sei... Talvez estivesse...

Entrevistador – Ou onde não estarão sendo encontradas?

Elisabete – É, não tivesse muita... é... muito espaço para... par poder expressar isso, né? Eu não sei, nas escolas a gente tem umas coisas meio prontas, né, um currículo muito fechado, não tem muito espaço para isso, né, para essas trocas, para essas... experimentação que eu acho fantástico, né? E, aqui na própria instituição, a gente tem muita liberdade para isso, né, para essa construção de novas experiências, e construir novos espaços também, de expressão, de... Acho que aqui a gente tem essa liberdade, um pouco, de fazer isso, né? Isso é importante porque a gente tem que... Eu acho que, assim, os próprios adolescentes colocam um pouco isso, né, que eles falam: “Olha, a gente quer fazer um monte de coisas, mas o professor precisa abrir um espaço, seja para eu dar um recado que eu preciso me reunir com esse grupo hoje à tarde.”, né? Mas eles têm que ter esse espaço nesse convívio aí com professores na sala de aula para poder construir coisas, né? Então, e é difícil, né? (risos) Eu acho difícil um professor entender isso, né? Às vezes, [o adolescente, né, acaba]: “Ah, ele é muito... ele muito crítico, tudo ele reclama!” Então, assim, um pouco das características dos meninos, né: “Ah, ele reclama de tudo, ele é muito crítico, sempre ele quer... quer se colocar.” Então, às vezes, isso incomoda um pouco, né? Mas, para a gente, é essencial, né?

Entrevistador – [E o que é incomodar?]

Elisabete – Eu acho que, assim, até... dessa coisa, assim, a gente vê ainda na própria instituição mesmo. Às vezes, a gente... alguns adolescentes que se destacam mais, então, assim, eles querem fazer tudo ao mesmo tempo, né? Eles querem participar do Educom, eles querem fazer isso, eles querem fazer aquilo. Então, assim, eles dão conta de fazer um monte de coisa, né? Então, eles acabam, a partir do momento que eles participam, que eles, é... eles têm uma atuação forte nesses grupos, eles acabam, é, reivindicando mais nos seus projetos, né, eles acabam participando mais das decisões do projetos. Porque eles têm essa prática no grupo de Educom, né, de se colocar, de... de opinar, de... de sugerir, né? E, às vezes, quando ele chega no projeto dele, ele... O projeto se assusta um pouco, né: “Espera aí, mas eu sei o que... o que eles têm que aprender. E... eu que sei o curso que você tem que... né... a disciplina que você... as matérias que você vai ter que estudar. Eu é que sei como o projeto tem que se organizar, né?” Ainda, a participação desses meninos ainda incomoda um pouco, né... aqui. Nunca pensei, assim, fora da ins... da Fundação. Eu penso muito o que acontece aqui, né, no âmbito da instituição mesmo. E, no próprio Encontro, por exemplo, de Jovens Educomunicadores... Acho que você veio, né?

Entrevistador – Eu vim a um.

Elisabete – Então, eles ajudaram elaborar a pauta, o próprio encontro, o que seria, que tipo de for... que tipo de formato seria esse encontro, qual o objetivo desse encontro, né? E eu achei muito interessante, depois que passou, né, que eu infelizmente não pude estar lá, e que eles vieram me dar a devolutiva, né? A avaliação que eles trouxeram, assim, muito legal, né? Então, uma delas, ela falou: “Olha, Bete, acho que a gente precisa pensar para o próximo, porque eu achei que a mesa, a composição da mesa, é... A composição da mesa de abertura ficou muito... Ficou muito com a cara de adulto. O encontro era de jovens!” E, então, assim... até assim, essas... essas falas, assim, eu acho perfeitas, porque é de um... Você vê que foi um

adolescente que participou com a gente desde o início. Ele entendeu qual era a proposta do encontro, qual era o objetivo que a gente tinha com isso, né? Então, eu acho que isso, para mim, assim, é fantástico, né, poder... poder chegar nesse nível de... de discussão com eles, mesmo, né? O que vocês querem, né? O encontro é para vocês? O que vocês querem com isso, né? E ouvir deles que... que eles queriam discutir com outros adolescentes, poder compartilhar o que eles sabiam, aprender com o que... ele iria trazer novos conhecimentos para eles. Então, acho que chegar nesse ponto é muito legal, nesse nível de discussão com eles, mesmos, né? Coisa que eu não ouvi de nenhum educador, nesse momento, sobre essa composição de mesa, né, e que é essencial, né? A gente [não sacou], né? Não tinha um adolescente compondo a mesa, né? Isso é uma ampliação do olhar mesmo, né, enxergar um pouco mais longe. É muito legal.

Entrevistador – Você... O que você visualiza dos próximos passos do projeto?

Elisabete – O que eu visualizo?

Entrevistador – É.

Elisabete - Você está judiando de mim, Joari! (risos) Eu visualizo que, assim...

Entrevistador – Né, é um momento que você está tomando decisões...

Elisabete – É.

Entrevistador – Quer dizer...

Elisabete – Eu acho que, assim, esse grupo, ele tende a aumentar, né? Acho que é natural desse grupo que ele se amplie, porque, assim, eu acho que, em cada... em cada unidade tem que ter esse espaço para educomunicação. Eu acho que esse grupo tende a aumentar, se fortalecer. E eu acho que, assim, aqui a gente ainda quer... quer chegar é levar essa prática até as escolas. É.. É fazer com que isso que acontece lá chegue, essa experiência chegue até as escolas. Chegue não só às escolas. Eu cito escola como... a outros espaços, né, de aprendizagem. Eu acho que essa experiência tem que ser compartilhada, né? Então, acho que a função do Centro é essa, né, é compartilhar a experiência de lá e... Eu acho que... que isso a gente já está... Acho que as escolas ainda estão um pouco distantes disso, né?

Entrevistador – Hum, hum...

Elisabete - E eu tenho certeza que, dentro das escolas, tem... tem muita gente fazendo coisa muito boa, fazendo um trabalho voltado até para a educomunicação, muito legal, mas que talvez falte essa relação com outras instituições, com outros grupos, que isso, assim, isso que fortalece o projeto, né? Então, assim, eu acho que... eu... eu gostaria muito que isso acontecesse. Gostaria que chegasse a outros públicos. Porque, assim, já está claro que... que os adolescentes curtem isso, gostam muito, participam, é... e os educadores também, eles também se sentem bem nesse grupo, né? Então, acho que isso tinha que ser compartilhado. Acho falta um pouco... Esse grupo ainda é um pouco tímido, ele ainda não... não mostra muito a sua cara, né, aí fora. Eu acho que tem que mostrar mais, acho que, né... Coisas boas que estão acontecendo tem que ser mais divulgados, né? É isso. E eles já estão começando. Está muito no início. Mas eles... Alguns adolescentes estão levando suas experiências para as suas escolas deles, né? Acho que isso que a gente queria, desde o começo, quando a gente começou a escrever para que existe... para que a gente quer ter esse Centro? Era para isso, para que ele próprio levasse essa experiência e mudasse um pouco a cara desse... dessa escola, né, e melhorasse as relações entre eles, né, no âmbito escolar, no âmbito da vida deles. Eu acho que o que a gente aprende lá, a gente... a gente leva para a vida toda, as forma de se

relacionar, né?

Entrevistador – E é isso que você está chamando de divulgar? De divulgar?

Elisabete – É isso de... Acho que é mais divulgar no sentido de compartilhar com outras pessoas, né, nesse sentido. Entendeu?

Entrevistador – Entendi. É... (instantes de silêncio) A pesquisa que eu estou realizando é exatamente sobre relacionamento, grupo e educomunicação, né? A gente conversou já bastante sobre isso.

Elisabete – Ham, ham...

Entrevistador – Mas, especificamente, então, para a minha pesquisa, assim, ou para uma pesquisa qualquer que toca nesse assunto, o que você, é... recomendaria? O que você pensa como algo importante para ser ... buscado nesse estudo sobre grupo e educomunicação?

Elisabete – Importante?

Entrevistador – Ou não importante.

Elisabete – Eu acho que, assim, eu acho importante você realmente pesquisar, assim, que é um pouco o que você vem fazendo, né, como que esse grupo está se organizando, né, o movimento desse grupo, né? Então, assim, para que lado esse grupo está indo, né? Que movimento é esse? Porque, assim, é... no começo, eu... eu ficava muito preocupada com esse grupo ser muito restrito, né? Então, uma coisa meio que, assim: “Não, não posso deixar vazar o que eu sei aqui, o que eu estou aprendendo aqui.” É, então, existia uma... uma certa cumplicidade desse grupo, né, mas que não era compartilhada, né? Era fechada nesse grupo. E não é esse o nosso objetivo, né? Então, o objetivo é que esse grupo esteja em pleno movimento e que as experiências desse grupo sejam compartilhadas com outras pessoas, né? Quando eu falo de fazer essas amarrações é que, cada vez que eu vou fazendo essas amarrações, esse grupo vai crescendo e fortalecendo, né? Porque não adianta eu ter um grupo enorme: “Olha, eu tenho 150 pessoas participando.” Está, e daí? Cada um fazendo o seu projeto e ponto, né? Não é isso que a gente quer, né. É compartilhar essas coisas que acontecem, não é só conhecimento. Eu acho que é interessante pesquisar, assim, que movimento é esse que esse grupo está fazendo. Então, ele está se fechando, né, ou ele está aberto para... para outras pessoas entrarem, para outras experiências acontecerem lá dentro, né? Eu acho que isso é uma coisa importante, né, porque... porque você tem que estar, por exemplo, na época que, quando eu fiquei nessa questão da gestão desse grupo, não é gerenciar ações e... (interrupção por causa de barulho de um carro) Enfim, coisas materiais, né? É gerenciar pessoas, que não é fácil: “Espera aí, olha, esse grupo está se afastando. Vamos ver o que está acontecendo, né? Olha, tal profissional está precisando de um suporte. [Vamos cobrir o que está acontecendo?] Vamos... vamos acolher os adolescentes, que tem um profissional que está afastado. Quem pode acolher os meninos?” Então, assim, é cuidar das pessoas que estão nesse grupo, né? Eu acho que isso é importante para quem está, é... na gestão desse grupo, né? Isso é muito importante. Eu não posso enxergar esse grupo como um... uma bola assim, sozinha, assim, uma bola... Eu tenho que enxergar esse grupo grande, né, essa coisa, essa massa, né, que é esse grupo; mas eu tenho que... que ter esse olhar individual para quem está nesse grupo, também, né? Então, eu tenho que saber o que está acontecendo, que... para que esse grupo se fortaleça, né, que ele continue assim. Então, acho que isso é importante, ter o olhar do grupo, mas ter o olhar individual sobre quem está nesse grupo, né? Acho que é mais ou menos isso.

Entrevistador – É... Você gostaria de falar alguma coisa a mais?

Elisabete – [Hum,] eu quero...

Entrevistador - Comentários?

Elisabete – Eu estou curiosa para saber onde você vai chegar com essa pesquisa aí, que eu acho muito importante, né? Eu acho que... que, se o Educom não tivesse se organizado desse jeito, talvez até a gente até tivesse, é... a educomunicação acontecendo aqui dentro, mas não, é... tão forte como é hoje. Talvez tivesse experiências aí, pode ser até em número maior do que existe hoje, mas eu acho que, é... a organização desse grupo, é... foi essencial para o... para o sucesso que está esse trabalho, foi a organização deles enquanto grupo, né? Agora, vamos ver. Queria saber, e quero ver depois o final dessa pesquisa aí, para a gente poder entender um pouco mais, porque a gente vai fazendo muito, como eu te falei, na experimentação, na... né... no acerto, no erro, na... né... muito... sem muito estudo sobre isso, né? A gente vai fazendo dessa forma. Não sei se dá certo, se não dá. Mas é importante estudar sobre isso, né, até para poder atuar de uma outra forma, né, e não deixar que o trabalho se... é... um trabalho se encerre por conta de que esse grupo não foi cuidado. Eu acho isso essencial, cuidar desse grupo, porque esse grupo tem um perfil deque... que tem que compartilhar aquilo que acontece ali dentro. Eu acho isso o mais importante, porque, senão, ele fica dando voltas em si mesmo, né? E não é isso que a gente quer. Esse grupo tem que ser aberto, né? Não sei como, não consigo imaginar... Eu fico tentando imaginar uma imagem disso, né? O que seria isso, né? Ele é totalmente aberto, é um...

(uma pessoa pergunta à entrevistada aonde fica um setor da Fundação)

? - A /?

Elisabete - Acho que é aqui, né?

? - Obrigada.

Elisabete – Estou tentando. Vou deixar como desafio para você. (risos) Tentar pensar numa imagem desse grupo.

Entrevistador – Está bem.

Elisabete – Está bom?

Entrevistador – Eu agradeço muito.

Elisabete – Obrigada.

Entrevistador – Pela disposição.

Elisabete – Imagina. (silêncio) Acho que é isso.

FIM DA GRAVAÇÃO

Legenda de sinais	
(....)	comentário sobre a situação
/	trecho incompleto
[....]	trecho em dúvida

Entrevistada: Bethânia

Função: assessora do NCE no projeto de educomunicação da Fundação

Data: 11 de junho de 2008

Local: sede da Fundação

Tempo de gravação: 1 h 26 min 36

Entrevistador: Joari

Entrevistador – Bom, 11 de julho de 2008. Esta é uma entrevista para a pesquisa de mestrado. É... Primeiramente, bom dia!

Bethânia – Bom dia!

Entrevistador – Eu queria pedir a você que se apresentasse, por gentileza.

Bethânia – Tá. Bom, meu nome é Bethânia, Bethânia de Araújo Gomes Lourenço. Eu trabalho, é, com o NCE, há alguns anos, já. O primeiro projeto no qual eu trabalhei foi o Educom.rádio. Trabalhei junto com você, Joari. E, de lá para cá, foi sendo convidada para trabalhar em outros projetos. E esse da Fundação é o projeto com o qual eu tenho mais intimidade, pela proximidade regional. Eu moro em [...], que é a cidade vizinha daqui, então isso me deu a oportunidade de ter mais, é, contato, mais proximidade desse trabalho, especificamente, que nós estamos desenvolvendo na Fundação. Fora isso, eu sou professora. Hoje sou professora do ensino superior. Ahm, minha formação inicial foi em história. É... depois eu me especializei na área de propaganda e marketing. Meu mestrado em comunicação e mercado, pela Casper Libero. E meu foco era ética e estética na análise dos meios de comunicação. E agora estou me dedicando aí ao meu projeto de doutorado cujo objeto de estudo é a própria Fundação. Mais alguma coisa?

Entrevistador – Legal. É... Você adiantou um pouco, já, né, na sua apresentação, algumas informações sobre a sua formação.

Bethânia – Hum...

Entrevistador – Né? É... Para essa atividade que você realiza aqui no projeto da Fundação de educomunicação, é, você considera que alguma parte dessa formação foi mais específica, ou como você vê isso?

Bethânia – Olha, comigo aconteceu o que acontece com a grande maioria das pessoas quando tem contato pela primeira vez com... com o conceito de educomunicação. Isso acontece geralmente numa palestra do professor Hermeto, né, (risos) ou numa oportunidade parecida como esta, quando ele sistematiza o campo, né, de forma, é, conceitual mesmo, teórica, e a gente fala assim: “Espera aí, isso, é... Eu já faço, né? Eu já faço!”, ou então, “Espera aí, eu sou educadora e não sabia. Então, ah... então é isso que eu sou?” Enfim, a minha identificação [foi basicamente] essa. (interrupção para reorganizar a posição dos envolvidos na entrevista) / Quer ficar um pouco aqui? /

Entrevistador – Não, pode ficar.

Bethânia – Você estava sofrendo aí.

(risos do entrevistador)

Entrevistador – Mas é bom.

Bethânia – É, eu... Na verdade, eu sou professora desde 83, né? É... Trabalhei com o ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino. Hoje, é ensino superior. Ahm... Minha vida toda eu dei aula. E o que me fez, é, me identificar com o campo da educomunicação foi o esforço que eu fiz, é, durante um período da minha carreira, é, na busca de melhorar as relações com os meus alunos, é, a inserção de novas tecnologias na sala de aula. Primeiramente, eu queria usar essas tecnologia para, é... me aproximar da linguagem desses adolescentes com os quais eu já não estava mais me entendendo. E depois eu fui percebendo, né, o potencial que existia nessas... nessas... nessas ferramentas. Em [...], acho que eu fui a pioneira, a primeira professora, assim, da cidade, que usou a internet de uma forma completamente, é, experimental mesmo, né, em sala de aula com os alunos. É... Era uma época que a gente só tinha a internet discada, e aí eu navegava na internet, buscava contato com outros professores de outros países e aí marcava um *chat*, por exemplo, nos horários mais malucos, né? E... Eu... Quer dizer, a gente usava os recursos que nós tínhamos. Que nem, na escola particular, né, e aí, no horário marcado, nós entrávamos na internet, um computador com... ligado a uma televisão para ampliar a imagem, um aluno ficava digitando e a gente ficava trocando mensagens com pessoas de outros países, professores, alunos e tal. Assim que começou a história, né? É... Eu fui, primeiro, abduzida por esse discurso da necessidade de nós usarmos as tecnologias na sala de aula por conta da própria revolução tecnológica que a gente está vivendo. Mas a educomunicação, é, conseguiu me situar melhor nesse panorama, né? Foi quando eu percebi a possibilidade de a gente inverter a situação mesmo, né? Eu sentia que tinha alguma coisa errada nesse discurso de que nós devemos correr atrás das tecnologias, né, do acompanhamento da evolução das novas tecnologias. Aquilo, ao mesmo tempo que eu entendia, era... era um... era um meio, um... era um sofrimento para mim, né? Sentia que a gente estava cedendo a uma força meio perversa, né, de mercado. Não era bem isso que eu queria. Eu acho que a educomunicação conseguiu reorganizar isso na minha cabeça. E foi mesmo assim, uma primeira palestra que eu assisti do professor Hermeto, e *tchan*, quando eu percebi que havia possibilidade de a gente inverter a situação, que era colocar, né, as tecnologias a serviço da comunicação humana, da educação. E aí, depois desse primeiro contato, né, há essa... essa identificação assim, como acontece com muita gente, né? E o professor Hermeto também tem muita sensibilidade para perceber quem tem perfil, quem não tem, quem faz, quem não faz. E aí, o contado se estabeleceu, nós nos aproximamos e ele me convidou para trabalhar no Núcleo de Comunicação e Educação. Na época, o grande projeto do Núcleo era o Educom.rádio, a parceria com a prefeitura de São Paulo. Acho que é, daí para a frente, todas as minhas ações profissionais, eu acho que elas, é, podem ser enxergadas com um vértice aí, que de alguma maneira são tangenciadas por esse... por esse conceito, né? É uma vivência, né? O educador é... é... ser educador significa ter determinados valores, determinada postura perante à vida, enfim. É... Acho que todos os espaços aonde eu trabalho, eu acabo levando isso; e nos espaços onde eu não consigo isso, não identifico mais isso, eu percebo que vou me afastando e chega uma hora que eu não consigo mais ficar, né? Quando os valores são invertidos, por exemplo. Na universidade em que eu estava trabalhando, a educação a distância estava sendo implantada, mas com uma visão extremamente tecnicista, e aquilo era mais forte do que eu, e eu não tinha, não tinha como mudar isso. Então, eu preferi deixar essa instituição e me dedicar, por exemplo, agora, nesse momento da minha vida, ao doutorado e, é, essa pesquisa-ação, né, que... Essa vivência dentro da Fundação, assim, hoje é o meu objetivo porque eu vejo, é, para além de tudo, como um grande aprendizado profissional. Eu acabei assumindo um papel de articulação, né, é... que... Como eu sou a referência dentro da Fundação com esse projeto de educomunicação. Todo mundo tem né, o seu papel aqui dentro Fundação mesmo. Eu sou, na verdade, alguém de fora, né, do NCE, e sou um representante do NCE. Está sendo um grande aprendizado para mim nessa área de... de... de assessoria, de

acompanhamento, de... colaboração no que diz respeito à sistematização dos documentos e à própria observação do processo, né, a participação no processo. É um grande aprendizado. Não sei, estou respondendo?

Entrevistador – Você acha que não está?

Bethânia – Ah, não sei, porque a gente tem... eu tenho muita coisa para falar, né? E aí eu tenho medo de não responder as perguntas que você precisa que sejam respondidas, né?

(silêncio e demora para a o entrevistador manifestar)

Entrevistador – É... Você está comentando, né, sobre essa experiência intensa, né, com a atividade de educomunicação, que está relacionada com a vida profissional e também com os seus valores, né, com... com atividades outras. É... E você começou a falar sobre o seu papel aqui no projeto de educomunicação da Fundação, né, Bethânia. Aí, eu queria que você falasse um pouco mais desse seu papel mesmo aqui na Fundação, no projeto de educomunicação, contar como é que foi um pouco a sua chegada, contar como é que foi esse processo...

Bethânia – Está...

Entrevistador - E o que você está fazendo hoje.

Bethânia – Tá. É... Bom o NCE, você sabe, né, tem uma equipe de... de profissionais, de educadores, permanentes. Eles estão sempre à disposição do NCE, e, ahm... inclusive para propor projetos e propor trabalhos em instituições ou espaços de educação formal ou não formal, na área de educomunicação. Quando... é... Aconteceu uma coisa interessante, assim, porque, ao mesmo tempo né, que o professor Hermeto havia sido convidado pela Univap para dar uma palestra sobre educomunicação, a Univap é a Universidade do Vale do Paraíba aqui, e o pessoal da Fundação, né, estava entrando, estava participando e estava, enfim... A Elisabete foi uma pessoa chave também, aquela que tam... dentro desse processo, teve o *tchan*, assim, que eu disse que tive também, anteriormente, né, de você se identificar para caramba, né: “É isso. A gente já faz isso. Que legal que tem alguém que está estudando isso, que está sistematizando isso!” Enquanto acontecia isso, eu estava desenvolvendo uma pro... eu estava com uma proposta, e estava apresentando uma proposta para, é... (do ruído de helicóptero) dentro de uma lei de incentivo, que agora eu não me lembro qual era, mas era para a criação de um Ponto de Cultura. E a proposta já estava formulada, o projeto estava pronto. A gente chegou a encaminhar para o... para o... para o Ministério da... da Cultura. É, mas o projeto não foi aceito. Então, assim, pelo Ministério, no momento, não, a gente não conseguiu o Ponto de Cultura. E o Ponto de Cultura, Ponto de Cultura era o nome que o governo estava dando para... para... para esses projetos no edital. Mas a gente tinha clareza que a gente queria criar um centro de referência em educomunicação em... na cidade [...]. E aí casou, né, porque assim a gente não conseguiu a aprovação do projeto no Ministério, mas a Fundação se interessou pela proposta. E aí, quan... O primeiro contato foi com o professor Hermeto, obviamente, e aí ele imediatamente conversou comigo porque eu sou da região. E aí eu falei “Olha, o projeto está pronto, né? Só que, acho que, agora, a gente vai ter que focar na realidade da Fundação.” E aí ele falou: “Vamos ver, né? Vamos começar essa articulação.” E foi um processo natural. Não houve nenhuma nomeação, nenhuma indicação, nenhum concurso (risos): “Bethânia, você vai, né...” Acho que, naturalmente, assim, estava dentro do processo, estava querendo captar recursos, abrir novas fontes de trabalho no Vale do Paraíba, e houve essa coincidência. Inicialmente, para falar a verdade, eu resisti um pouquinho, porque eu achava que a Fundação era... é... estava institucionalizada demais para o desenvolvimento do projeto. Não era... Fiquei meio resistente, né? Depois eu achei que eu estava sendo só... é... que era uma vaidade minha porque “É o meu projeto!” (risos) [O inicial] não tinha passado, né, que a gente

começaria do zero, sem ligação com nenhuma instituição, só com verba federal, mas, enfim. Mas aí eu comecei a conhecer mais... mais de perto o trabalho da Fundação e vi que tinha um potencial enorme, assim, pessoas, que tinha muitas pessoas aqui dentro que se identificavam com o [campo], né? E eu acabei, e sou até hoje, assim, a representante do NCE aqui na Fundação, né, desde 2005, quando iniciou essa parceria NCE-Fundação. Acho que é isso, eu sou, assim, uma articuladora, né, das duas... dessa parceria nesse processo. Desde o início, eu acho que é isso, né, eu acabo sendo uma referência porque o professor Hermeto não pode estar em todos os lugares. Então, eu sou, depois do professor Hermeto, a outra referência da Fundação frente ao NCE. Agora, hoje, especificamente, até porque eu estou, enfim... Hoje é hoje mesmo! A partir do segundo semestre de 2008, eu pretendo me posicionar, é, ainda de uma forma mais contundente como pesquisadora nesse processo, por conta do... do meu projeto de doutorado, né? Mas uma pesquisadora... uma... A gente está fazendo uma pesquisa-ação, né? Vou continuar fazendo o que eu fazia, sem... só que eu quero fazer de forma mais intensa, quero estar mais perto. Estou deixando de fazer outras coisas para estar, ter disponibilidade para me dedicar a isso e acompanhar mais de perto, né, vivenciar junto... junto com, não só com o... das participações... não só nas participações centralizadas, mas eu quero ter tempo, disponibilidade, para enxergar nas unidades da Fundação o que está acontecendo lá dentro, que é lá que está acontecendo realmente, né? (muito barulho por causa de helicóptero) Então, nas ações descentralizadas que... que a coisa de fato acontece. O Centro de Referência, hoje, é um centro de referência. Como eu disse... (interrupção por causa do barulho do helicóptero) Se não existir esse trabalho de base, né, o Centro de Referência, ele perde o sentido. Agora, o Centro de Referência é uma referência não só para as unidades da Fundação, né? A gente quer ser, [se transformar], num Centro de Referência para [a cidade] e para [a região].

Entrevistador (19:08) – Bethânia.

Bethânia – Sim...

Entrevistador – Eu queria que você falasse um pouco mais sobre o que é esse ser uma referência além do professor Hermeto. E o que... o que, no cotidiano, o que você percebe que significa isso para você, para a equipe aqui da Fundação que trabalha nesse projeto?

Bethânia – Olha, eu acho que significa muito mais, é, ter alguém que... que tenha, é, predisposição para registrar, para sistematizar além de fazer algum trabalho de apoio burocrático mesmo, né? É, por exemplo, hoje eu vou levar a lista dos nomes dos educadores e adolescentes que concluíram o trabalho em 2007 para emitir o atestado para eles. Agora, é... esse não é o trabalho que eu mais gosto de fazer nem é essa a função que eu queria assumir não. A gente acaba fazendo porque... Mas, assim, é, ser referência, ser representante, eu acho que assim eu me sinto a pessoa mais responsável nesse momento, por estar acompanhando o projeto desde o início, é, pela construção, né, dessa história sob o olhar do NCE, porque eu acho que existe um olhar interno da Fundação, né, que outras pessoas podem contar, é, podem mostrar, enfim. É... Mas eu acho que o meu olhar é um olhar, é, de... de pesquisadora mesmo, que acompanha vários projetos do NCE e que está vendo o campo se consolidando dia a dia, né, ganhando notoriedade, respeitabilidade e forma, até forma, né, formar. Então, eu acho que eu acabo sendo uma referência no sentido de ser alguém que está acompanhando desde o princípio e que tem, por obrigação, sistematizar tudo isso, né, a partir dos conceitos que hoje são, é, defendidos ou fundamentados pelo próprio Núcleo de Comunicação e Educação. É isso. É... Eu fujo muito assim de... do papel de ser uma referência só de... burocrática. Fujo, né? Mas eu estou percebendo, cada vez mais, que isso está... está pegando, porque a gente está vivendo um momento também [ruim] do Núcleo, sabe, de... de... *stand by*, e aí as coisas ficam meio truncadas, ficam meio paradas, e a gente tem que acabar assumindo outras

questões. Agora eu entro também no outro processo, isso é novo para mim também, que é a parceria com a Fundação para captação de recursos. Até então a Elisabete era a pessoa que fazia isso. Nós tivemos o apoio da ONG A durante muito tempo. E agora nós não temos mais. A Fundação começou a andar com as próprias pernas, investindo em educomunicação, em... no próprio Centro de Referência. Mas a gente tem assim uma proposta mais ousada, então agora a gente vai aí investir aí em esforços para... para conseguir recursos, captação de recursos para ampliar o próprio trabalho do Centro de Referência, que está limitado porque a gente têm poucos recursos não só técnicos, mas principalmente recursos humanos. As pessoas da Fundação que se dedicam hoje ao projeto, elas... elas acumulam funções, né? É como o professor na escola, né, quando a gente leva um projeto novo e acaba acumulando, né? E isso aqui está mais do que na hora, tem gente muito madura, proposta muito... muito madura, as escolas estão começando a demandar; então, a gente tem condições de oferecer assessoria para a rede pública e região. Então, a gente precisa mesmo de pessoas que estejam, é, com o tempo, né, estejam mais só disponíveis, né, só para o Centro de Referência, para os projetos de assessoria, para as oficinas, para a coisa crescer, a gente chegar aonde a gente quer. Então, eu também estou entrando agora como... como uma assessora... como uma parceira, né, prefiro assim, nesse movimento de... é... É, nesse movimento mesmo de captação de recursos para a gente ampliar o trabalho aqui.

Entrevistador – Quero aproveitar esse assunto e pedir para você comentar um pouco como é que é o funcionamento do projeto, hoje, assim, na sua opinião.

Bethânia – Você quer a história ou como o Educom está funcionando hoje?

Entrevistador – Se você quiser começar pela história e aí comentar o funcionamento, pode ser também.

Bethânia – Acho que fica mais fácil...

Entrevistador – Eu quero, na verdade, saber as duas coisas.

Bethânia – Ahm...

Entrevistador – Fique à vontade para construir a... o seu relato.

Bethânia – Acho que fica mais fácil, assim, não... Eu vou tentar ser mais sucinta, tá, porque eu sei que sou prolixa. Você pode me cortar quando achar que deve. É... Mas... ahm... Começando pela história, acho que fica mais fácil de dizer o que a gente está fazendo hoje. No primeiro ano, né, no ano de 2005, quando, é, estabeleceu-se a parceria NCE-Fundação, na verdade, foi uma parceria para a capacitação de um grupo de vinte educadores, é, todos eles já com um perfil muito afinado com o campo. Por quê? Porque a Fundação tem um trabalho muito mais antigo com a arte-educação, e essa tradição da Fundação no campo da arte-edu... da arte-educação, para nós, assim, foi a fertilização assim do terreno para que a gente chegasse com.. com uma proposta educ comunicativa e a gente encontrasse um ambiente propício para o desenvolvimento. A maneira como eles trabalharam a arte-educação aqui, é, realmente possibilitou o entendimento, a identificação e a compreensão rapidamente com esse outro campo que é a educomunicação. Esse... esse... esse início era só uma capacitação mesmo. Então, eram encontros, é, nos quais eu participava também, ahm, encontros teóricos, todos eles, a grande maioria deles né foram organizados pelo próprio professor Hermeto, que veio trazer mesmo a fundamentação teórica, histórica, da formação do campo. E, ao final desse curso, vamos dizer assim, o trabalho de conclusão de curso dos educadores que participaram era para inventar um projeto educ comunicativo para a unidade na qual eles trabalhavam. No caso, a Fundação tem hoje 22 unidades, se eu não estiver enganada, né?

Então, cada um trabalhava numa unidade diferente, alguns aqui na sede mesmo, mas a idéia era montar um projeto de educomunicação para a sua unidade. Esse era o trabalho de conclusão de curso. Com a renovação da parceria, e a renovação veio justamente em cima dessa demanda, né; enfim. Os projetos que apareceram eram projetos bastante significativos, bastante interessantes, e todos eles demandavam uma assessoria por parte do NCE; ou seja, uma continuidade da nossa parceria, né? E...

Entrevistador – Por que você acha que demandavam essa parceria com o NCE?

Bethânia – Ham, ham... Eu acho que tem um fator, que eu acho que é a abertura das pessoas aqui na Fundação para uma capacitação permanente mesmo. Eles têm... eles têm já uma tradição nisso. Eles investem muito em capacitação, em formação, né? É... Acho também que o fato de... de estabelecer uma parceria com a Universidade de São Paulo é algo que dá... que tem muito peso, muita segurança, né? Eu acho que isso, inclusive, ajuda a atrair recursos, né? A própria Fundação, né, vê com mais seriedade o trabalho, por conta da... A Fundação que eu digo é direção da Fundação. Vê com mais credibilidade a proposta dos educadores daqui. Nesse segundo momento foi quando a gente conversou: “Olha, a parceria pode continuar, mas agora a gente entra num outro movimento, né? Não dá mais para a gente ficar só com vinte educadores, adultos, né, discutindo. Só tem sentido para a gente continuar, se houver inserção de adolescentes nesse movimento.” Foi quando começaram as oficinas. Aí a gente veio de um campo mais teórico, né? Os mesmos educadores traziam seus adolescentes ou grupo de adolescentes que também, né, acabavam identificando, convidando ou... Um processo muito assim, não havia uma... uma seleção rígida, não. Era uma coisa assim de sentir: “Quem está afim, né, de participar?”, “Nos vamos montar...”, por exemplo, “...uma rádio aqui na unidade. Mas antes a gente vai fazer umas oficinas de capacitação lá na sede. Quem está afim?” E aí, vieram as oficinas. As oficinas foram dadas por mediadores do Núcleo de Comunicação e Educação sempre com recursos, assim, bastante limitados, escassos. Mas a ONG A nos apoiava nessa época. Ahm... Eu era uma das... das mediadores no início do processo. Mas, já como eu tinha acompanhado desde o início, eu acabava ficando assim na articulação mesmo da... das oficinas, do acompanhamento, né? E hoje, o que a gente tem? A gente tem educadores e adolescentes da Fundação nesse papel de mediação, né, de mediadores. São eles que criam e reproduzem as oficinas no Centro de Referência para o público interno e externo, né, além de desenvolverem seus projetos específicos das unidades, [que estão crescendo]. Nesse momento, o que a gente está sentindo? Uma busca crescente e muito, eu diria, muito bem posicionada, dos adolescentes por esse campo, por esse trabalho, querem saber o que é o Centro, querem participar dos... dos... dos encontros que ocorrem no Centro de Referência. Eles sabem que, para isso, é preciso que a unidade tenha um projeto educ comunicativo. Então, eles já chegam, muitas vezes, com uma proposta de um projeto: “A gente vai montar uma rádio.”, “Olha, mas a minha unidade já está desenvolvendo vídeo, tal, tal, tal...” E aí a gente vai ver como é essa produção de vídeo porque o nosso interesse é trabalhar o grupo, a comunicação do grupo. E, na ponta final, e a gente está começando a chegar lá, a gente já tem o nosso primeiro... nossa primeira grande estrela, né, é que esses adolescentes levem isso para as suas escolas porque metade do período eles ficam na Fundação, né, e metade eles fazem parte do ensino formal de escolas públicas. E a nossa idéia é que ele seja esse agente transformador na sua escola, que leve essa proposta para dentro das escolas. E isso está começando a acontecer, né? A gente já tem uma escola que é referência para nós por ter uma rádio que foi criada por um aluno, que, enfim, teve a iniciativa de montar a rádio por conta das oficinas que fez na Fundação e conseguiu ganhar a confiança da coordenadora da escola, tal. Ahm, a coisa está caminhando. Então assim essa era uma... um objetivo que a gente tinha desde o início, né, e o resultado começa a se concretizar. A idéia é que, daqui para a frente, a captação de recursos, né, seja exatamente para... com essa

finalidade, ampliar as parcerias com as escolas públicas municipais, estaduais, da região. Existe todo um movimento pela... pela concretização da escola de período integral. [E a gente tem experiências nisso.] E nós acreditamos que podemos contribuir muito nesse processo. Eu como professora de escola pública [de estado], fui durante muitos anos, sei que as escolas têm muita dificuldade de darem conta disso tudo sozinhas. E acho que a parceria com unidades da Fundação, com educadores da Fundação, com apoio do Núcleo de Comunicação, com também mediadores, que não são propriamente da Fundação, mas trabalham para o Núcleo e que podem ajudar, acho que a gente tem condições de ampliar muito essa rede e estar contribuindo para... para... para a formação mesmo de uma rede de escola de tempo integral significativa, que [dignificassem] o significado, é, relevante, né, nessa... nessa sociedade, enfim. / Qual era a pergunta mesmo?

(risos)

Entrevistador (36:06) – É... um pouco da história, um pouco do funcionamento atual do projeto.

Bethânia – É. Então, hoje é isso. A gente procura articular todas as ações através do Centro de Referência, que tem uma unidade física mesmo, que fica no Parque da Cidade. A estrutura é ainda muito... muito primária. Mas a própria Fundação, porque nós não temos ainda esse parceiro externo, está investindo devagarzinho, né, e é um espaço maravilhoso, privilegiado, muito bonito, ahm... Mas a gente está tentando centralizar as informações, a sistematização, os trabalhos e a própria capacitação no Centro de Referência, mas não perdendo essa dimensão da... do trabalho de base das unidades, que é o que dá sentido, né, ao projeto todo, e das... das... das unidades para as escolas ou para a comunidade, né, não necessariamente escolas, no espaço de ensino formal. Esse multiplicador, esse mediador, esse educador que nós estamos formando, ele pode atuar na sua comunidade, é... em espaços de educação não formal também, como acontece. É que hoje, assim, a gente vê essa possibilidade de parcerias com as escolas municipais por conta dessa demanda das escolas de tempo integral. Agora, é uma busca muito mais nossa do que da rede, no sentido de poder, né, de quem está no poder hoje. Há uma resistência também dos educadores que, é... Aquela velha discussão, né: “Mas, espere aí, eu vou ter capacitação com... com pessoas que nem são pedagogos?” Porque a formação é muito diversa, muito diversificada.

Entrevistador – É...

Bethânia – Então: “Espera aí, né? Ah, não! Eles vão... [Eles vão aumentar] os nossos problemas com relação à indisciplina dentro da escola, por exemplo. Mas aí a gente está... está fazendo um caminho mais de... um outro, [que é quase que] comer pelas pontas, né, comer pelas beiradas, que é deixar o menino mostrar, o menino da Fundação que está aqui, e chega lá, chega na escola dele, e ser diferente, mostrar que é diferente, chamar a atenção, né, pela diferença. E a gente está ganhando credibilidade e espaço dessa maneira. É isso, eu acho.

Entrevistador – É... Apesar de ter esse conhecimento todo dessa história, né, e fazer parte dela, você ainda se permite alguma dúvida sobre isso tudo, né?

Bethânia – Ah, eu me permito. Eu acho que tem que ter né porque... é... Eu acho que seria muita presunção, né, afirmar assim sem... Não sei. Sei que eu não sou muito presunçosa. Na verdade, eu sou muito entusiasmada com o projeto. Acho que... É um... O projeto, sabe, assim? Acho que aquilo que a gente conseguiu em termos de extensão, de dimensão, com o Educom.rádio, em São Paulo, acho que a gente está conseguindo em termos de sistematização, de elaboração, é... de concretização de uma proposta mesmo, que possa, depois, ser levada, né, para outras... [espaços de educação]. Pelo menos um projeto piloto

mais sistematizado.

Entrevistador – Hum...

Bethânia – Acho que, no Educom.rádio, a gente não teve condições disso por conta da dimensão mesmo, né? A gente abraçou um projeto muito grande.

Entrevistador – Ham, ham...

Bethânia - Muito grande!

Entrevistador – É... Nessa... nessa sua referência, né, ao Educom.rádio, está me incluindo como parte dessa história, né?

Bethânia – Ham, ham...

Entrevistador – E aí, eu me incluo nessa história, por exemplo, da Fundação, é, e sempre me pego um pouco com alguma... com algumas dúvidas, né? E eu queria que você me ajudasse a formar uma... uma... uma imagem, né, que é justamente sobre isso que você já comentou, que é essa... esse processo de... de expansão e de adensamento, e de, é, participação de cada vez mais pessoas e mais instituições. É, se você pudesse assim... Você já falou bastante principalmente dos projetos e das instâncias envolvidas. Eu queria que você me contasse um pouco como é... como é que são... quem são as pessoas, o que... ou os papéis, o que que... como é que elas estão envolvidas nesse trabalho, né; se tem pontos a mais de conflito ou como é que tem sido resolvidas essas... essas questões; onde é que também existem os pontos de conexão, e que provavelmente, a meu ver, estão dando a firmeza, o chão para o... para a construção dos alicerces, né, desse projeto, que você falou que é uma rede, né?

Bethânia – É. A gente está construindo uma rede. A Fundação já é uma rede, né, porque são várias unidades. E esses meninos, de alguma maneira, estão ligados às suas escolas, né? Então, é uma grande rede mesmo. É... Olha, conflito? Você já trabalhou comigo e sabe o que eu penso sobre o conflito. Acho que os conflitos, sobretudo na área da educação, no espaço da educação formal dentro da escola pública o conflito está dado. Ninguém precisa, é, criar conflitos, suscitar conflitos, hum... para provocar uma discussão. O conflito, ele é parte do processo, e ele é uma parte bastante dolorosa, né? As pessoas estão ficando doentes. As pessoas estão doentes, né? Quem trabalha em escola pública está doente. Eu fiquei doente trabalhando como professora na escola pública, enfim. Então o conflito é dado. Dentro da Fundação, é, enquanto... enquanto nós estamos dentro da Fundação, nas unidades, o conflito entre educador e adolescente, que é a proposta primordial, né, da educomunicação, esse trabalho conjunto, né, de igual para igual, são diferentes, mas ninguém é melhor do que ninguém, né, só assumem papéis diferentes. Isso se dá de forma muito mais tranquila por conta da tradição que a gente já existia na Fundação, acho que o trabalho com a arte-educação contribuiu, e por ser um espaço de educação não formal. O conflito acontece eu percebo com relação à própria instituição. Afinal, isso é uma instituição também, né? Há conflitos, por exemplo, dos profissionais que estão, desde o início, né, é, se desdobrando para cumprir com as suas atividades. Prestaram um concurso para desempenhar um papel de educador, né? E, desde quando eles começaram a fazer parte da capacitação em educomunicação, eles acumularam coisas, porque eles tinham... têm, né, um compromisso de... de tocar um projeto na unidade nessa área, e não são... não ganham mais nada por isso. Mas, ao mesmo tempo, a instituição está cedendo porque a gente ganhou inicialmente um...

(interrupção da fala por um instante para saber se a faxineira iria limpar o local onde se dava a entrevista)

Faxineira – Pode ficar aí, moça.

Bethânia – Pode?...

Faxineira – [Eu vou limpar aqui.]

Bethânia – Inicialmente a gente... Ganharam, né, conquistaram, sei lá, é, um... um dia exclusivo na semana só para isso. É... depois, ham, um espaço físico, que é o Centro de Referência, para isso. A capacitação, que antes era bancada pela ONG A, quando perdemos a parceria com a ONG, a própria FundaçãoFundação, né... Claro, isso também foi muito da boa vontade da gente, né? Eu, ahm... Nós trabalhamos com um número muito restrito de pessoas do NCE. E eu e o professor Hermeto continuamos tocando essa parceria porque a gente aposta muito no trabalho, mas a gente reconhece que... a gente sabe que a gente também não vai agüentar muito tempo, se a gente não conseguir recursos, porque... Você, para vir para cá, você tem custos, né, quando você vem para cá. E a gente quer se dedicar, quer doar o nosso tempo e a gente precisa, é, ser remunerado para isso. Os educadores passam pela mesma situação. E o que é mais dramático, né, queira ou não, eles estão trabalhando com educação, né, estão muito próximos da educação formal. E a Fundação, noventa por cento dos recursos da Fundação provém da... da própria... dos cofres municipais. Então é um braço da prefeitura e os profissionais são todos concursados. Só que o educador da Fundação, ele ganha muito menos, eu não sei te dizer quanto, mas assim muito menos do um professor da rede, que também é concursado. E isso é um ponto de conflito muito sério porque eles querem reconhecimento nesse sentido também, né? E os professores da rede, por sua vez, se defendem dizendo: “Mas nós somos professores. Eles são o quê?” Porque a formação é muito diversificada e o papel de educador acaba... A formação do educador acaba se dando por outras formas, que não um curso de pedagogia propriamente. E os professores temem perder esse espaço também, né, que é um espaço que, que acho que legítimo desse profissional que também, sei lá, perde a cada dia mais a... o respeito, a... o reconhecimento da sociedade. Acho que é compreensível esse drama. Mas o conflito se dá aí. Quando o conflito, é... é... se torna mais acirrado, radicalizado, o que acontece? É quando um profissional, por exemplo, da Fundação, e nós temos esses processos, a gente já vivenciou e vivencia, um profissional que começa a questionar o próprio procedimento porque, afinal de contas, gostaria que a instituição fundação, então, investisse mais, remunerasse melhor o educador. Ahm... A gente também queria. A gente está buscando formas de viabilizar isso, né? E, bom, enfim, não vou citar nomes porque eu não me sinto segura em relação a isso. Mas eu tenho clareza de dois... a respeito de dois educadores que romperam conosco, romperam com... com o projeto, enfim. Eram excelentes pessoas, mas se cansaram, se cansaram... (barulho alto de um helicóptero) Esperar passar o barulho.... Agora, para nós, né? Eu como, como articuladora do NCE, é, tenho muita dificuldade de ver a instituição com esse radicalismo todo que esses educadores especificamente vêem ou viram em determinado momento, porque sempre foi muito, muito legal a parceria com a instituição. A instituição sempre esteve muito aberta. Sempre, é... Nos momentos de crise, sempre para renovar a parceria, tentando viabilizar de alguma forma. Então, é... Eu... eu vejo que é uma questão de tempo e que, por isso também, eu estou me dispondo a, junto com outras pessoas da Fundação, a ir atrás de captação de recursos, que eu acho que é o caminho, é a forma, né? Acho que precisamos investir em recursos humanos sim, né, porque as pessoas estão trabalhando muito por isso. Mas entendo que o orçamento da Fundação é limitado também. Acho que conflito. E, ah, existe também os conflitos meus assim. Em alguns momentos, é, eu, é, eu falo, é o próprio processo, eu quero delimitar o meu papel, o meu espaço, porque eu acho que isso é importante, mas muitas vezes eu me vejo falando como se eu fosse uma educadora de dentro da Fundação, né, ou criticando e defendendo a própria instituição. Às vezes, isso pode, isso gera conflitos também. Já gerou,

pelo menos.

Entrevistador – Posso supor que você... isso esteja gerando conflito agora também, na entrevista, ou não?

Bethânia – Agora? Não. Eu estou me remetendo a uma situação, assim, que é muito forte na minha memória, porque conflito é uma coisa que é muito difícil, né? Aquela coisa que eu, na verdade, gostaria de eliminar da vida da gente, mas eu sei que é inerente. Mas eu me lembro assim de um questionamento de um educador, né, discutindo essas questões internas da Fundação, e eu estava participando intensamente daquela discussão. E ele me questionou. Ele chegou em algum momento e falou assim: “Espera aí, acho que está se metendo em algumas coisas que não te pertencem. A gente está discutindo questões internas e você não tem que...” E aí, eu fiquei, claro, chateadíssima com aquilo, né? Mas eu comecei a pensar, caramba, será que ele não tem razão, né? Também vou comprar as dores do outros para quê? Estou falando de coisas de talvez não sejam da minha vivência. Então, às vezes, acontecem esses conflitos. Eu até [acho] isso natural em qualquer parceria, né, você estabelecer os limites e, é, também ser flexível para as coisas se acomodarem, quando elas precisam se acomodar. Mas, olha, perto do que eu vivenciei no Educom.rádio, em São Paulo, é... eu diria que nós não temos conflitos aqui. (risos) A coisa ocorre de uma forma muito mais tranquila e... (instantes de silêncio) De fato é um outro espaço, né? O terceiro setor, eu acho que... A gente está se aproximando das escolas da rede de ensino formal muito mais... é... com muito mais cuidado, devagar, não é uma intervenção direta como o Educom.rádio. Eu acho que isso, sem dúvida, na minha concepção, sem dúvida, isso reduz, assim, as probabilidades de acirramento de conflitos. Eu, particularmente, acho que o papel do educador não é acirrar conflitos, não é; é administrar conflitos porque eles estão aí, estão dados.

(risos)

Entrevistador – Interessante... Isso então é um pouco algo que organiza a sua ação. Você pensa a sua ação como nesse papel de...

Bethânia – Sim.

Entrevistador - Não eliminar conflitos, mas conseguir...

Bethânia – Administrar.

Entrevistador - Administrar alguma coisa, mesmo com a existência; com a existência, mas ainda tirando algo...

Bethânia – É. Eu acho que a gente tem que crescer com esses conflitos, de alguma forma, né? Se é um processo doloroso, muito bem; então, mas que seja para o crescimento, que seja para o aprendizado. E eu já me meti em muitos conflitos que não me trouxeram nada, não me agregaram nada, só dor, né? Então, eu não acredito nessa forma de trabalhar.

Entrevistador – É... Você falou essa questão da expansão, né?

Bethânia – Hum, hum...

Entrevistador – O critério que você está usando para a expansão tem a ver com... com, assim, além da maior [discussão], tem a ver com mais pessoas atendidas ou não atendidas e mais instituições também, né? Atualmente quem é o quê ou que instituição é o quê no projeto?

Bethânia – Bom, acho que o Núcleo de Comunicação e Educação é o núcleo de pesquisa, é uma referência em educomunicação no Brasil, né? Está dentro da Universidade de São Paulo.

A Fundação, acho que, é uma das principais instituições com as quais o NCE hoje já estabeleceu uma parceria. Por ter... por estar sistematizando mesmo. A gente está conseguindo sistematizar todo um procedimento, todo um trabalho. É... Ela passa a ser uma referência em educomunicação. Então, hoje, [na região], eu acho que pode dar uma referência nacional, né? É... E as escolas, eu acho que as escolas que de alguma forma, né, estão sendo tocadas por esses trabalhos, pela própria ação desses adolescentes, ahm... são... são... As escolas são os canais de comunicação, os principais canais de comunicação que nós temos com essas comunidades.

Entrevistador – Hum, hum...

Bethânia – E nosso propósito é uma intervenção social, uma intervenção... é...uma transformação social. Eu acho que a escola, é, acaba sendo, ahm... pelo menos enquanto objetivo, a maior beneficiada do processo. Claro que eu estou falando de instituição, porque individualmente todas são beneficiadas, né? Eu cresci muito e continuo crescendo. Os adolescentes... Os adolescentes, sempre aquelas grandes descobertas. Os depoimentos dos adolescentes são todos de emocionar. E os educadores também. Agora, enquanto instituição, eu acho que é isso, eu acho que o Núcleo é um... um centro de pesquisa e de articulação de vários projetos na área. Eu acho que é o principal canal que a gente tem com reconhecimento no campo. A Fundação, acho que é uma das principais referências desses projetos do NCE, e é também uma referência para a sociedade, né, [na região], hoje [na região], mas eu acho que pode ser uma referência nacional.

Entrevistador (59:06) – Assim, você fez uma síntese... uma síntese das relações entre as instituições...

Bethânia – É.

Entrevistador – Você já localizou também, por exemplo, algumas figuras, né, as crianças, os adolescentes, que na realização do projeto têm conseguido estabelecer conexões com as escolas e assumir essa disposição em relação à interligação entre o NCE e a Fundação, né? Eu queria que você então explicitasse mais ainda um pouco quem são esses adolescentes e... e quem são mais as pessoas, por exemplo, da equipe que começou, como você os en... os entende, né? Quem são esses [professores], os educadores aqui na Fundação? Nesse processo, eles estão realizando o quê? Quem é a Elisabete, acho que também é interessante?

Bethânia – Ah, tá... É bom... Acho que existe, assim, uma estrutura interna, né, de funcionamento da Fundação, já existia, ela é pré-existente, e que, ahm, contribuiu para... para... para a organização do nosso trabalho. Só que são pessoas que acabaram acumulando trabalho, outras funções, trabalho, como eu tinha dito para você antes. Era mais... Nós trouxemos mais um projeto para dentro da Fundação. Só que é um projeto de grande dimensão, que cresce a cada dia e que demanda cada vez mais recursos humanos, e tempo, enfim, e recursos financeiros também. Mas essas pessoas inicialmente eram, é... e são até hoje, né, são pessoas que já tinham um trabalho, educadores dentro da Fundação, com formação em pedagogia, ou psicopedagogia, ou em artes, em publicidade, né, formações diversas, mas que se identificam com a educação. E, ahm... Existe uma equipe que é... a equipe multidisciplinar, né, como são chamadas aqui, que são as psico pedagogas que, se não me engano... Não, não são só as psicopedagogas, tem assistente social, tem psicopedagoga. A Elisabete é uma psicopedagoga. É uma equipe que trabalha no acompanhamento dos projetos das unidades. Então elas têm um papel mais centralizado, não, uma função mais centralizada. Elas ficam na sede, né, sede central da Fundação, e fazem visitas às unidades. Essas pessoas, de alguma forma, acompanham os projetos educacionais das unidades. Elas não acompanham só os projetos educacionais, né? O que a gente está querendo é justamente

isso, liberarmos a equipe, um grupo de pessoas, para trabalhar só com.... Não é trabalhar só com educomunicação porque a educomunicação aqui, ela está tangenciando todas as outras atividades. Isso que está sendo legal, né? Está se tornando uma diretriz da instituição. Ahm...

Entrevistador – Hoje ela ainda não está nesse patamar. Ela está em qual patamar?

Bethânia – Ahm... Eu diria como mais um projeto, mas o maior projeto em expansão.

Entrevistador – Hum, hum...

Bethânia – Assim como eles trabalharam com... trabalham, né, com arte-educação, enfim, com ensino profissionalizante, a educomunicação é uma vertente ainda, mas é a que mais se expande e que abraça os outros, assim. É... E não é um movimento... (risos) É interessante. É um movimento dialético porque, assim, quem é do arte-educação ou quem está fazendo um curso profissionalizante quer também participar dos encontros de Centro de Referência, de adolescentes, hein. Os educadores que não fizeram a capacitação inicial estão demandando capacitação teórica, querem aquele curso intensivo com o professor Hermeto, como os primeiros fizeram. Antes... Eu diria que é um projeto que, assim, mais... que está mais em expansão e que é... que tende a se tornar um... um... é... como diz... um norte, a diretriz da instituição Fundação. E não há conflito nenhum com relação, por exemplo, à arte-educação, não é isso. É que eu acho que é a característica mesmo do campo, um campo muito abrangente, né, um campo... Eu acho que extrapola, por exemplo, né, vai além do trabalho de arte-educação, por isso /, né? Não sei muito bem como... Por conta que a gente está estudando ainda, mas é assim que eu vejo hoje.

Entrevistador – Na verdade, eu interrompi com essa pergunta de qual é o patamar do projeto nesse... nesse... dentro da Fundação, hoje. Você está falando sobre os educadores, quem eram esses educadores, né? Eu tinha perguntado para localizar essas personagens nessa... nessa realização do projeto; quer dizer, quem são esses adolescentes e essas crianças, né, quem são essas pessoas da coordenação, o que é que elas estão fazendo, né, nessa... nessa rede?

Bethânia – Então... Eu, eu, ahm... Essa equipe multidisciplinar é uma equipe equipe chave. É... São educadoras, né, uma equipe de cinco ou seis, a Elisabete sabe mais detalhes sobre isso, né, que acompanham todos os projetos em todas as unidades. Claro, são divididas por áreas. E eu percebo, na fala delas, que a ênfase maior é em educomunicação; ou seja, ao acompanhar os projetos, né, ao perceber o que está acontecendo... A visibilidade... Está acontecendo mais coisas no campo da educomunicação. Então, essa equipe é isso, ela acompanha e traduz um pouco o que está acontecendo nas unidades. E é a equipe que toca o Centro de Referência, né? Por isso que os encontros são semanais, uma vez por semana. Quer dizer, e esse foi espaço também que a gente demorou para conquistar, foi demorado, não existia um espaço assim para... Agora isso é oficial. Todo mundo sabe, às quintas-feiras, essas pessoas que fazem parte do projeto Educom-Fundação, elas... não contem com elas para mais nada, estão no Centro de Referência ou elas estão planejando, né, participando de uma capacitação em São Paulo. É... Então são pessoas que têm múltiplas funções, mas que conquistaram, dentro da sua jornada de trabalho, um espaço específico para a educomunicação. É... Essa equipe, ela está principalmente articulada com os... os vinte, aproximadamente... Alguma... Bom, houve alguma mudança, mas pouca mudança naquele grupo inicial que se formou em 2005.

Entrevistador (1:07:35) – Hum, hum...

Bethânia – O grupo praticamente permanece, né? Ele é um grupo forte assim, multiplicador. E, ahm, nos *workshops*, nas oficinas, nos encontros, nos simpósios, eles são as pessoas que vão multiplicar essas ações, ahm, frente àqueles que estão querendo conhecer o trabalho, que

estão demandando participação no projeto. São multiplicadores. Junto com eles estão os adolescentes que trabalham com eles. São os adolescentes que estão há mais tempo também já acompanhando. E existe todo um procedimento aqui, que é assim, eles ficam numa determinada unidade até uma certa idade, depois eles mudam de unidade. E essas mudanças, quando ocorrem, são sempre traumáticas porque a primeira pergunta que eles fazem: “Mas eu não vou mais poder participar do Educom, né?” E, aí, a gente está tentando criar essa diretriz, né, [a criação] da diretriz, tal, até para... para poder conciliar essas demandas. Mudou de unidade, mas em todas as unidades trabalham com educomunicação. Você vai só para outro grupo. Esses adolescentes, eles são referência para outros adolescentes dentro da Fundação. Eu não tenho a menor dúvida. Porque eles exercem um papel super diferenciado no CIJ, que é o Conselho Infante-Juvenil. O Conselho Infante-Juvenil da Fundação tem uma representação, é, no conselho geral, é, equivalente a de outro qualquer setor. Tem muito poder, né? E, hoje, o CIJ ele é composto por adolescentes que participam de projetos educacionais e que, por causa disso, estão fortalecendo muito esse conselho, né? A gente percebe que são adolescentes com uma postura diferente, mais engajados, mais autônomos, mais politizados. É bem... é bem interessante. E acho que, por conta disso, eles acabam sendo referência para.. para os outros adolescentes da instituição, que [aí eles ficam]: “De onde vêm? O que se faz? Eu quero saber onde é.” Não sei, eu acho que, eu vejo assim, não consigo enxergar mais os papéis, né? Acho que, por causa da minha posição, a minha visão é muito macro, né?

Entrevistador (1:10:30) – Hum, hum... (silêncio) O que você acha dessa visão mais macro nesse processo?

Bethânia – Não, até agora foi legal. Acho que foi o meu papel até agora. E, mas daqui para a frente, a minha intensão, isso demanda tempo, né, estou fazendo essa opção, que é de estar... é... é... acompanhando agora também o trabalho de base, ter uma visão mais de perto do que acontece nas pontas. Acho que até agora tudo bem, foi um papel que eu cumpri, bacana, é bom, eu acho que foi bom, mas agora eu quero tentar enxergar de outros ângulos.

(silêncio)

Entrevistador – É, você comentou várias vezes algo que me chamou a atenção. E aí eu queria, é, queria colocá-la a par, que é um pouco o que tocou em você, o que você percebe que toca as pessoas para elas participarem dos projetos de educomunicação. Em geral, né, você comentou que a ver... algo que tem a ver com os sentimentos, com sentir, perceber-se, reconhecer-se, é... quer dizer, sentir que tem alguém sistematizando algo que você está fazendo, para fazer parte daquilo.

Bethânia – Hum, hum... [Esse é o sentimento.]

Entrevistador – Isso em vários momentos. Parece uma concepção mesma. É... Eu queria que você falasse mais sobre isso, esse processo... é... de... de envolvimento com a educomunicação, que não é, pelo jeito, [você não pensa que é só o seu,] é de outras pessoas também...

Bethânia – Hum, hum...

Entrevistador – É... O quanto isso amplia horizontes ou talvez também, é... permite que as pessoas, vou usar uma palavra meio esquisita, mas que elas adiram, né, se envolvam, é, e tenham satisfação, mas não percam de vista também as contradições, né? Se isso acaba acontecendo, como é que você vê, como é que acha que deve se lidar com isso?

Bethânia – Olha, eu acho que trabalhar com educomunicação ou ser um educador é

uma forma de resistência no século XXI. Eu encaro assim. É... Ahm... Você si... é... sistematizou, organizou muito mais esse pensamento na... na... no encontro que nós tivemos lá na... lá no Centro, da última vez, quando você estava discutindo com o pessoal a respeito de grupo, de formação de grupo. É... Eu acho que a educomunicação é justamente um espaço diferenciado no século XXI, na sociedade, neoliberalismo, né, do individualismo, que procura resgatar o grupo, né, o trabalho em grupo. É... Sem... sem sem negar, né, essas contradições, esses conflitos. A gente não nega, nem eu, né? Só tem... só acho que a gente tem que sofrer menos com isso, né? Mas, ahm... Eu acho que essa... essa... essas... essa possibilidade de você participar de um trabalho em grupo, é, esse sentimento de pertencimento, né, a um grupo com respeito às individualidades, porque, assim, é, a gente procura dar visibilidade para... para cada talento, para cada... para cada crescimento, para cada... é... Os indivíduos, né, eles são importantes como indivíduos no processo, né, e não só o grupo é importante; mas o indivíduo, o crescimento pelo qual esse adolescente passa e as descobertas que ele faz e... Sei lá. Eu acho o máximo, por exemplo, um adolescente que tinha muita dificuldade para se comunicar, que era muito tímido, né, de repente, no Encontro de Jovens Educomunicadores, ele está lá, não, com o microfone na mão, organizando e... né? Acho que é uma transformação pessoal, interior, né, individual, de grande valor. Acho que não pode ser esquecido em nenhum momento. E acho que nós não esquecemos; acho que a gente consegue, né, é, fazer com que isso aconteça, perceber isso, dar visibilidade para isso, mas sempre mostrando: “Olha, você é tudo isso graças ao grupo, ao trabalho em grupo. Você consegue tudo isso porque a gente aqui tem um sentimento de comunidade, de... ninguém vai deixar ninguém sozinho.” Ahm... Diferente, por exemplo, da concepção do trabalho em equipe dentro de uma empresa, que é uma concepção muito mais técnica, né, trabalhar a equipe dentro de uma empresa para promover produtividade. É... Dentro da empresa, por exemplo, cada indivíduo, é, exerce um papel de destaque [dentro], e se esforça para tentar ocupar o papel de destaque dentro da equipe, até para ganhar uma promoção, assim. É... E isso, é inevitável, cria um conflito dentro da própria equipe porque, ahm... para eu aparecer mais, outro vai ter que ser diminuído, né? Embora isso seja negado pelas empresas, né, o movimento é esse. Na verdade, o trabalho de equipe dentro de uma empresa, hoje, é... é movido muito mais pela competição, pela concorrência, né, individual, de pequenos grupos. Eu acho que a gente, com a educomunicação, a gente consegue aliviar muito essas tensões da concorrência da sociedade contemporânea, né? A gente não encara as pessoas menos competitivas como pessoas derrotadas ou... Não. A gente encara isso como um valor. [Para essas] pessoas com a auto-estima baixa, com problemas de carência e material, tal, acho que isso é um grande diferencial, né? Ela está sendo resgatada o tempo todo, né, esses adolescentes, essas crianças. O próprio educador, enquanto educador, né, ele passa a ter um outro papel social, um papel importante, que a gente valoriza, né, diferente do professor que está sendo cada vez mais desvalorizado. Não sei se eu respondi.

Entrevistador – Você falou em grupo. Qual é o seu papel? E que grupo é esse para você?

Bethânia – Ah, eu acho que já falei, né? É... Eu acho que eu sou uma articuladora mesmo, né? Eu faço a articulação, sou um elo de ligação entre o Núcleo de Comunicação e Educação da USP e a instituição Fundação.

Entrevistador – Hum, hum...

Bethânia – Acho que, assim, na impossibilidade de o professor Hermeto estar presente o tempo todo (risos), né, [precisa] de alguém que, mais próximo fisicamente, assim, tal. [A gente] faz isso.

Entrevistador – Mas, nesse caso, você não se coloca como se estivesse numa exterioridade

entre dois grupos, esse grupo NCE [e onde você localiza o elo] com a Fundação, [você é elo] de ligação? Ou você consegue perceber um grupo que é esse todo?

Bethânia – Olha, no bota-fora da...

Entrevistador – Porque você falou em indivíduos, né?

Bethânia – Sim.

Entrevistador – Aí, você agora remontou às instituições de novo.

Bethânia – Sei, sei, sei...

Entrevistador – Parece um pouco aquela visão que você falou, né?

Bethânia – É... Macro.

Entrevistador – Mais macro.

Bethânia – É. É... No bota-fora da Elisabete, a gente estava... a gente estava na mesa do bar e a gente pediu uma porção de batata com queijo, né? E aquele queijo colou de tal maneira na batata, que a gente tentava pegar uma batata e vinha um monte de batata junto, né? E aí, eu me lembro que uma das pessoas da mesa, que é uma pessoa que acompanha o projeto mais, é, em paralelo, ela não... Por problemas muito pessoais, muito íntimos, ela preferiu acompanhar o projeto dessa maneira. E ela falou assim: “Ah, essas batatas está parecendo o grupo da Fundação. Está parecendo o grupo...”, o grupo da Fundação, não, do Educom!, “Ah...”, e vai falando, “Mas que batatanojenta, parece o pessoal lá do Educom, está vendo, todo mundo juntinho, grudado, ninguém se desgruda.” E aí, sempre brincando, né, ironicamente, aí eu cheguei, uma hora, que falei para ela: “Quando que você vai parar de se referir dessa forma ao grupo, né, do Educom?” Aí, ela falou assim: “Ah, está bom, vai, eu vou... vou admitir, é inveja mesmo.” Isso, uma brincadeira de bar. Ahm... Eu... Eu vivo um conflito muito grande porque, assim, é, nesse grupo do Educom-Fundação, eu não posso ser um... um integrante da Fundação, eu não sou nem posso querer ser, né? Mas adoro compartilhar desse sentimento de grupo. Adoro! E, às vezes, me envolvo demais falando o que não devia, né? É... E acabo estando mais próxima deste grupo do que do grupo NCE. Estou muito mais envolvida, nesse momento, com este grupo do que do grupo NCE, com o grupo NCE que, é... até por... por... por estar meio *stand by* em relação aos projetos, está mais desarticulado, tal, né? Mas eu não, não... Se eu dissesse para você: “Não, eu me sinto em casa aqui.” É mentira, é mentira. Eu não me sinto bem, adoro, tal, mas eu não... não sou parte integrante desses... desses Educom... desses grupo... desse grupo de educadores da Fundação, né? Eu acho que eu sou uma educadora do Núcleo. Eu me sinto assim.

Entrevistador – Interessante, né?

Bethânia – É. Interessante.

Entrevistador – Você já tinha parado para pensar além...

Bethânia – Não tinha verbalizado, mas eu já tinha pensado.

Entrevistador – É... Talvez já tenha verbalizado, mas não explicitamente.

Bethânia – É...

(risos)

Entrevistador – Bethânia, eu queria saber se você quer comentar alguma coisa a mais.

Bethânia – Não, não... Eu me coloco à disposição para outras... é... para outras ocasiões, se houver necessidade, né? Mas eu acho que falei para caramba!.

Entrevistador – É... Você repetiu várias vezes isso, né, essa preocupação, se você está falando bastante ou pouco, e, ao mesmo tempo, disse que tinha muita coisa para falar.

Bethânia – Sim.

Entrevistador – / Você ficou satisfeita?

Bethânia – Não, estou satisfeita. Estou tranqüila, é. Em relação ao que eu acho que eu tinha de falar, estou tranqüila.

Entrevistador – E sobre essa pesquisa, quer comentar alguma coisa?

Bethânia – Olha, qualquer pesquisa na área de... de educomunicação, né, me chama a atenção, [obviamente]. Agora, essa em particular, ela me chama muito a atenção. Ela... ela... ela me instiga, assim, eu acho que justamente por estar lidando com a parte mais delicada, né, [que são as relações], né, as relações humanas. É... Porque trabalhar as relações humanas de uma forma objetiva, é uma coisa; agora trabalhar a subjetividade dessas relações, é uma coisa que me fascina, mas é uma coisa da qual eu não dou conta. Eu tenho um foco, o meu foco é outro, né, o meu envolvimento é outro, mas isso me instiga. Então, assim, eu... eu sou louca para ler o que as pessoas... o que as pessoas falam, o que elas sentem, entendeu? Acho que, é, não basta só ter uma percepção, né? Você precisa que as pessoas falem para a gente realmente se... se aquilo que a gente está percebendo é real ou não. Então, é, me instiga muito, assim. Me preocupa o sentimento real das pessoas [umas com as outras]. É isso.

Entrevistador – Está bem, então. Eu agradeço muito pela sua disposição, Bethânia.

Bethânia – Eu é que agradeço e me coloco à disposição para outras entrevistas que forem [necessárias]. Está bom?

Entrevistador – Está legal.

Bethânia – Gente, nós estamos aqui há umas duas horas, não? (1:26:32)

FIM DA GRAVAÇÃO

Legenda de sinais	
(....)	comentário sobre a situação
/	trecho incompleto
[....]	trecho em dúvida

Anexo F – Termo de Compromisso da Instituição

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO INSTITUTO DE PSICOLOGIA COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HUMANA-CEPH FORMULÁRIO DE ENCAMINHAMENTO		USO EXCLUSIVO DO COMITÊ PROTOCOLO Nº.....: RECEBIDO EM: ____/____/____						
DADOS DO PESQUISADOR:								
PESQUISADOR: NOME: _____ IDENTIDADE: _____ CPF: _____ NACIONALIDADE: _____ ENDEREÇO (RUA, NO.): _____ CIDADE: _____ UF: _____ CEP: _____ TEL. FAX: _____ EMAIL: _____ MAIOR TITULAÇÃO: _____ INSTITUIÇÃO A QUE PERTENCE: _____								
ORIENTADOR: (quando aluno de pós-graduação) NOME: FERNANDES IDENTIDADE: _____ CPF: _____ NACIONALIDADE: _____ ENDEREÇO (RUA, NO.): _____ CIDADE: _____ UF: _____ CEP: _____ TEL. FAX: (11) _____ EMAIL: _____ MAIOR TITULAÇÃO: _____ INSTITUIÇÃO A QUE PERTENCE: _____								
INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO O PROJETO: NOME: _____ ENDEREÇO: _____ CIDADE: _____ UF: _____ CEP: _____ ORGÃO/UNIDADE: _____ TEL: _____ FAX: _____ EMAIL: _____								
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> TERMO DE COMPROMISSO (do responsável da Instituição) DECLARO QUE CONHEÇO E CUMPRIREI OS REQUISITOS DA PORTARIA IP-27/03 DE 16/04/03 E SUAS COMPLEMENTARES E COMO ESTA INSTITUIÇÃO TEM CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DESTA PROJETO, AUTORIZO A EXECUÇÃO. <table style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 60%;">NOME: ISMAR DE OLIVEIRA SOARES</td> <td style="width: 40%;">CARGO: PROFESSOR DOUTOR</td> </tr> <tr> <td>CARIMBO:</td> <td>Assinatura:</td> </tr> <tr> <td>Data: ____/____/____</td> <td></td> </tr> </table> </div>			NOME: ISMAR DE OLIVEIRA SOARES	CARGO: PROFESSOR DOUTOR	CARIMBO:	Assinatura:	Data: ____/____/____	
NOME: ISMAR DE OLIVEIRA SOARES	CARGO: PROFESSOR DOUTOR							
CARIMBO:	Assinatura:							
Data: ____/____/____								
ASSINATURA (CARIMBO) CHEFE DO DEPARTAMENTO								
DECLARO QUE CONHEÇO E CUMPRIREI OS REQUISITOS DA PORTARIA IP-27/03 DE 16/04/03 E SUAS COMPLEMENTARES.								
ASSINATURA DO PESQUISADOR	ASSINATURA(CARIMBO) ORIENTADOR							

Anexo G – Carta de apresentação da proposta da pesquisa à instituição

São Paulo, 3 de maio de 2007.

À Fundação (...)

Aos cuidados da Coordenadora (...)

Ao Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP - NCE

Aos cuidados do Professor (...)

Prezados coordenares do projeto (...),

A (...) tem apresentado as suas gratas experiências com a prática da educomunicação, a ponto de instituir um centro de referência a respeito, o que tenho acompanhado com atenção e entusiasmo. A participação no *I Simpósio Regional de Educomunicação do Vale do Paraíba* permitiu-me conhecer um pouco melhor essas experiências aplicadas. Daí, decorre o meu interesse em dialogar com os coordenadores do projeto (...) sobre a realização de um trabalho de pesquisa psicossocial no respectivo projeto de formação de educadores no ano corrente, numa forma de colaboração recíproca entre a instituição e a universidade.

Sou graduado em psicologia e participei, como mediador, de projetos educacionais coordenados pelo NCE, desde 2002. Atualmente, estou realizando um curso de pós-graduação em psicologia social e tenho como tema da respectiva pesquisa a prática da educomunicação, a saber, mais exatamente, a reflexão sobre as relações e os vínculos entre as pessoas na prática e no desenvolvimento da educomunicação, conforme pode ser mais bem esclarecido no projeto, anexo. Diante da relevância das práticas e dos propósitos do (...), considerei a possibilidade de poder contribuir acadêmica e praticamente para respectivo projeto e para o campo da educomunicação, bem como de aproveitar uma oportunidade ímpar para o desenvolvimento de conhecimento interdisciplinar sobre a dimensão psicossocial da educomunicação.

O curso de pós-graduação que realizo é um mestrado e meu vínculo acadêmico é com o Programa de Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP, sob orientação da Professora Titular Maria Inês Assumpção Fernandes. Esclareço que a proposta do projeto de pesquisa poderia ser devidamente ajustada e articulada com as especificidades ou demandas do (...).

Agradeço pela atenção a esta carta. Estou à disposição para outros esclarecimentos. Aguardarei um parecer a respeito da minha iniciativa. Meu contato pode ser feito por telefone: (11) 3781-5078 ou 8169-1969; ou por correio eletrônico: joari@usp.br.

Atenciosamente,

Joari Aparecido Soares de Carvalho